

José Fleurí Queiroz

LICEU ALLAN KARDEC

BURI-SP

CENTRO ESPÍRITA SINHANINHA

ESCOLA DE ESPIRITISMO

J. HERCULANO PIRES

TERCEIRO ANO



QQQ - QUEIROZ

LIVRARIA, EDITORA E DISTRIBUIDORA

Rua Inácio Xavier Luiz, n. 10 – Vila Sene

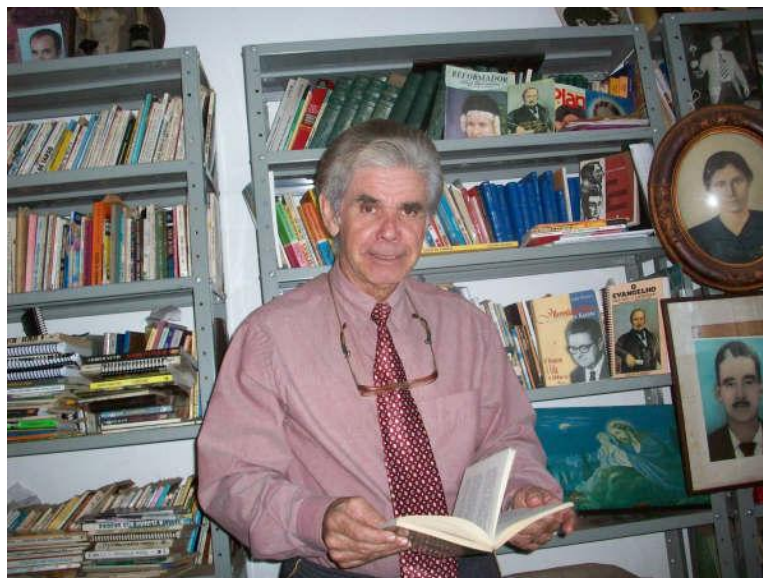
BURI-SP. CEP 18.290.000. Fone (15) 3546-1191

e-mail – jose.fleuri@itelefonica.com.br

site: www.qqqueiroz.com.br

DADOS BIOGRÁFICOS DO AUTOR

PRIMEIRA DOBRA DA CAPA (DIANTEIRA)



JOSÉ FLEURÍ QUEIROZ

Nascido na cidade de Buri-SP, aos 16/10/1941, é Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil, aposentado em 1991; bacharel em Ciências Contábeis e Atuariais pela Faculdade de Ciências Econômicas de São Paulo – Fundação Álvares Penteado (1966); bacharel em Direito pela Faculdade FKB, de Itapetininga (1973). Pós-graduado em Direito Penal – lato sensu -, pela FMU-SP – Faculdades Metropolitanas Unidas – (1996). Mestre em Filosofia do Direito e do Estado – *scripto sensu* -, pela PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica – (1998). Advogado criminalista e professor universitário de 1998 até 2.001, nas cadeiras de Direito Penal, Instituições de Direito Público e Privado, Filosofia Geral, Filosofia do Direito e do Estado, Filosofia e Ética Profissional, nas Faculdades de Direito de Itapetininga-SP (FKB) e de Administração de Itapeva-SP (FAIT). É autor dos livros sobre Filosofia do Direito, pela Editora Mundo Jurídico: “A EDUCAÇÃO COMO DIREITO E DEVER À Luz da Filosofia e do Direito Natural” (2003), “CÓDIGO DE DIREITO NATURAL ESPÍRITA” - Projeto Comentado (1ª. Edição/ 2006, 2ª. Edição/2010), “SUICÍDIO É OU NÃO É CRIME?” (em parceria com seu filho Dr. Allan Francisco Queiroz, 2007), MEDICINA ESPÍRITA - CIÊNCIA MÉDICA (2009), PENA DE DURAÇÃO INDETERMINADA (Filosofia do Direito e Filosofia Espírita – 2009).

CONTRA CAPA

AGRADECIMENTOS

INTRODUÇÃO E RESUMO

ESCOLAS DE ESPIRITISMO

TERCEIRO ANO

ÍNDICE ANALÍTICO

PRIMEIRA PARTE

CADEIRA DE DOCTRINA ESPÍRITA

- Situação científica atual do problema da pluralidade dos mundos habitados. Pesquisas Mediúnicas de Kardec sobre os mundos habitados; comunicações e estudos da Revista Espírita; critério seguido nessas pesquisas. (11)

Revolução Cósmica (11). Conquista de Marte (15). Desenvolve-se a ciência positiva nos rumos da concepção espiritual (16). Revista Espírita, 1858. Marte e Júpiter (18). Júpiter e alguns outros mundos (20). Revista Espírita, Abril/1858. (Descrição de Júpiter (24). Estado Físico do Globo (25). Estado Físico dos Habitantes (26). Os Animais (27). Estado Moral dos Habitantes (28). Observações a propósito dos desenhos de Júpiter (30). As habitações do planeta Júpiter (30). Revista Espírita, Outubro/1860. Marte (38). Júpiter (40). Perguntas e problemas diversos. Revista Espírita. Fevereiro/1861 (41). Revista Espírita. Janeiro/1863. Bibliografia de Camille Flammarion (42).

- Livro: A Gênese. Allan Kardec. O dogma da Criação: a Gênese Bíblica em face da Ciência e do Espiritismo. Evolução do princípio inteligente: reinos mineral, vegetal, animal e hominal. O mito de Adão e Eva: o homem terreno e as migrações planetárias (46).

- O Livro dos Espíritos. Os Três Reinos. Os minerais e as plantas (46). Os Animais e o Homem (47). Metempsicose (52).

- Livro: A Gênese. A Criação Universal (55). Gênese Orgânica (56). Gênese Espiritual (65). Princípio Espiritual (65). União do princípio espiritual à matéria (67). Hipótese sobre a origem do corpo humano (69). Encarnação dos Espíritos (69). Reencarnações (74). Emigrações e imigrações dos Espíritos (76). Raça adâmica (77). Doutrina dos anjos decaídos e da perda do paraíso (79).

- Livro: O Espírito e o Tempo. J. Herculano Pires. Mundo de Regeneração. Humanidade Cósmica (83). Destinação da Terra (84). Ordem Moral (86). Império da Justiça (89). Cosmossociologia Espírita (92). Parassociologia (95). Cosmossociologia (95).

- Emmanuel. As vidas sucessivas e os Mundos Habitados (98). Espontaneidade Impossível (98). Há mundos incontáveis (98). Mundo de Exílio e Escola Regeneradora (99). O Estímulo do Conhecimento (99).

SEGUNDA PARTE

CADEIRA DE FILOSOFIA ESPÍRITA

ONTOLOGIA

- Conceito Espírita do Ser, o Ser e os Seres, Seres Materiais e Seres Espirituais, o Ser Corpóreo e o Ser Anímico. O problema da existência: natureza transitória da existência corporal; a existência espiritual; facticidade existencial e desenvolvimento da essência nos dois planos; as existências sucessivas. O Existente ou homem no mundo e o Interexistente ou homem no intermúndio. A mediunidade e a emancipação da alma. O problema da comunicação: o ato mediúnico, suas modalidades e seus graus (100).
- Ontologia Espírita (100). Existencialismo Espírita (106). Cosmossociologia Espírita (111). Parassociologia (114). Cosmossociologia (114).
- Colaboração Interexistencial (116). Imanência e Transcendência (121).
- Revolução Cósmica (123). O Ser Moral (127).
- Livro: Mediunidade. J. Herculano Pires. Questões Iniciais (132). Conceito de Mediunidade (134). O Ato Mediúnico (137). O Mediunismo (140).

TERCEIRA PARTE

CADEIRA DE CIÊNCIA ESPÍRITA

- José Herculano Pires. Psicologia Espírita. Psiquiatria Espírita. Pedagogia Espírita. (144)
- Emmanuel. Psicologia (144).
- J. Herculano Pires. Espiritismo e Psicologia (147). Psicologia Espírita (149).
- PSI e as transformações sociais. J. Herculano Pires (150). Hereditariedade e Afinidade. André Luiz (154). Parentescos e Afinidade. J. Herculano Pires (154).
- Afeição. Emmanuel (155). Afinidades. O Livro dos Espíritos (156).
- Revista Espírita. 1864. As Afeições Terrenas e a Reencarnação (156). Revista Espírita. 1862. Hereditariedade Moral (158). André Luiz. Evolução e Hereditariedade (161).
- As atividades mediúnicas ou paranormais. Horizonte Agrícola. Animismo e Culto dos Ancestrais (165).
- A Prática Mediúnica. Pesquisa Científica da Mediunidade (172). Sessões Experimentais (172). Sessões Doutrinárias (175). Sessões Mediúnicas (177).
- As Leis da Mediunidade. As Condições da Ciência (186). As Leis dos Fenômenos (187). Relações Mediúnicas (189). O Ectoplasma (190).
- Antropologia Espírita. A Condição Humana (191). O Homem Natural (193). A Volta ao Humano (195). O Problema da Educação (197). Cultura Espírita (198). Revista Espírita. Abril de 1859. Sonâmbulos assalariados (201).

- André Luiz. Animismo. Mediunidade e Animismo (202). Semelhanças das Criações (203). Obsessão e Animismo (203). Animismo e Hipnose (204). Desobsessão e Animismo (204). Animismo e Criminalidade (204).
- J. Herculano Pires. Grau da Mediunidade (205). Mediunidade Prática (207). Mediunidade e Religião (216). Problemas da Desobsessão (221). Obsessão: Vampirismo, Homossexualismo, Alcoolismo (221). Relações Mediúnicas Naturais (224). Colaboração Interexistencial (230).
- O Livro dos Médiuns. Bicorporeidade e Transfiguração (235).
- Parapsicologia Hoje e Amanhã. J. Herculano Pires. O que é o homem? (241). O que é Parapsicologia? (244). Palingenesia: Síntese dialética (248). O processo palingenésico (250). PSI e as transformações sociais (253).
- J. Herculano Pires. Psiquiatria e Espiritismo (256). Ciência Espírita: Esclarecimento (258). O Desenvolvimento Científico e a Ciência Espírita (258). Desenvolvimento da Ciência Espírita (265). Psiquiatria Espírita (268).
- J. Herculano Pires. Pedagogia Espírita: suas possibilidades práticas na formação espiritual do homem. O Mistério do Ser (272). Pela Educação Integral (273). Conceito Espírita de Educação (276). Esquema da Pedagogia Espírita (282). Pedagogia Espírita (esboço geral). Bases Históricas (284). Bases Científicas (284). Bases Religiosas (285). Bases Filosóficas (285). Bases Estéticas (285). Bases Práticas (286). Conceito Espírita do Educando (286). O Educando é um Reencarnado (288). O Educando Excepcional (293).
- J. Herculano Pires. Para uma Pedagogia Espírita. Necessidade e Razões: Histórica (301). Consciencial (301). Natureza (302). Sentido (302). Implicações Pedagógicas. Ordem Geral (303). Ordem Particular (303). Pedagogia Geral (304). Roteiro de Estudos (305).
- J. Herculano Pires. Escolas de Espiritismo: Tese aprovada pela IV Congresso de Jornalistas e Escritores Espíritas realizado em Curitiba, Paraná, de 15 a 18 de fevereiro de 1968 (307). Programa de um curso de quatro anos (313).

QUARTA PARTE

CADEIRA DE RELIGIÃO ESPÍRITA

- As Leis Naturais como leis de Deus. Deus na Natureza: Imanência de Deus no Universo. As Leis Morais. A Lei de Adoração como determinante da natureza religiosa do homem, o aparecimento e desenvolvimento das Religiões. (319).
- Código de Direito Natural Espírita (José Fleuri Queiroz) e O Livro dos Espíritos. A Religião Espírita. Religião em Espírito e Verdade (318). O Espiritismo e as Religiões (318). Panteísmo Espírita (320). Teologia Espírita (322). Cristianismo e Espiritismo (324). Deus: O Supremo Legislador. Existência de Deus (326). Da Natureza Divina (328). Deus é a Suprema e Soberana Inteligência (328). A Providência: Deus está em toda parte (330). A visão de Deus (333). As Leis Morais. Caracteres da Lei Natural (336). Conhecimento da Lei Natural (338). O Bem, O Mal e A Moral (339). Lei de Adoração. Finalidade da Adoração (346). Adoração Exterior (349). Vida Contemplativa (351). Da Prece (351). A Luz da Razão e o Poder da Fé. J. Herculano Pires (353). Politeísmo. O Deus Único e os Espíritos (355). Adoração e Sacrifícios (356).

- J. Herculano Pires. Livro: Concepção Existencial de Deus. Deus Existe? (360). O Existente (363). Deus no Homem (369). Livro: Agonia das Religiões. A Experiência de Deus (372). A Experiência (de Deus) no Tempo (377).

- O problema da queda, desenvolvimento do livre-arbítrio; libertação das leis naturais e responsabilidade perante as leis morais. Razão e função da prece: sintonia mental e moral com entidades superiores. Confirmação atual da teoria da prece pelas pesquisas telepáticas da Parapsicologia. A doutrina dos espíritos protetores, amigos e familiares; suas razões históricas; sua razão moral determinada pela lei de fraternidade; suas comprovações nas experiências psíquicas e na prática espírita. (381).

- Código de Direito Natural Espírita (José Fleuri Queiroz) e O Livro dos Espíritos. Lei de Liberdade. Liberdade Natural (381). A. Kardec: Liberdade, Igualdade e Fraternidade (383). Egoísmo e Orgulho. Causas, Efeitos e Meios de Destruí-los (385). Escravidão (388). Liberdade de Pensamento (389). Liberdade de Consciência (389). Determinismo e Livre-arbítrio (391). Fatalidade (393). Experiência: Determinismo e Livre-arbítrio. Emmanuel (394). Fatalidade e morte (398). Fatalidade e Criminalidade (399). Resumo Teórico do Móvel das Ações Humanas. Allan Kardec (400).

- Livro: O Mistério do Ser ante a dor e a morte. J. Herculano Pires. Os Caminhos Escusos da Moral (404). O Controle Ético da Moral (407). A Síntese Estética da Consciência (410). O Perigos da Consciência Prática (414). O Ser Moral (419).

- Livro: Parapsicologia Hoje e Amanhã. J. Herculano Pires. PSI e a revolução cristã (424). PSI e a Civilização do Espírito (425). PSI e o desenvolvimento moral (427). PSI e o problema da crença (430).

- O Livro dos Espíritos. Intervenção dos Espíritos no Mundo Corpóreo. Penetração do Nosso Pensamento pelos Espíritos (433). Influência oculta dos Espíritos sobre os nossos pensamentos e as nossas ações (433). Possessos (435). Convulsivos (437). Afeição dos Espíritos por certas pessoas (438). Anjos da Guarda, Espíritos Protetores, Familiares ou Simpáticos (439). Pressentimentos (446). Influência dos Espíritos sobre os acontecimentos da Vida (447). Ação dos Espíritos Sobre os Fenômenos da Natureza (450). Os Espíritos Durante os Combates (451). Dos Pactos (452). Poder Oculto, Talismãs, Feiticeiros (453). Bênção e Maldição (454).

BIBLIOGRAFIA (457).

*

LICEU ALLAN KARDEC - BURI
ESCOLAS DE ESPIRITISMO
(Programa elaborado por J. HERCULANO PIRES)
TERCEIRO ANO

PRIMEIRA PARTE

1) CADEIRA DE DOCTRINA ESPÍRITA

Situação científica atual do problema da pluralidade dos mundos habitados. Pesquisas Mediúnicas de Kardec sobre os mundos habitados; comunicações e estudos da Revista Espírita; critério seguido nessas pesquisas.

CAPÍTULO XIII - REVOLUÇÃO CÓSMICA

Livro: Agonia das Religiões. J. Herculano Pires. Ed. Paidéia. 3ª edição 1989.

Em meados do Século XIX ocorreu uma abertura cósmica para o homem em todos os sentidos. Três séculos após a Revolução Copérnica, que começara a demolir o geocentrismo de Ptolomeu, Kardec rompia o organocentrismo da concepção científica do homem, que tinha em seu apoio a tradição religiosa judeu-cristã. Nicolau Copérnico escrevera em latim o seu tratado *De Revolutionibus Orbium Celestium* (Das Revoluções das Orbes Celestes) que só foi publicado em 1543, após a sua morte, e condenado pelo Papa Paulo V. Kardec publicou "*O Livro dos Espíritos*", em 1857, que também não escapou à dupla condenação da Igreja e da Ciência.

A concepção da vida como inerente às estruturas orgânicas foi o último refúgio do geocentrismo. Já que a Terra não era o centro do Universo, o homem sustentava a sua vaidade e o seu orgulho considerando-se o centro da vida. Isso é evidente ainda hoje, transparecendo na luta desesperada das religiões contra a concepção espírita do homem e na desesperada resistência das Ciências à evidência resultante de suas próprias conquistas. Na América e na Europa de hoje as declarações positivas de Rhine, Soal, Carington e outros sobre a existência de um conteúdo extrafísico nos seres humanos e de sua sobrevivência à morte orgânica são combatidas ferozmente e classificadas como ridículas. É um curioso espetáculo na arena intelectual, em que vemos o homem lutando, por orgulho, para sustentar que não é mais do que pó e cinza.

Podem os clérigos argumentar que nas religiões não se passa o mesmo, pois os princípios religiosos sustentam a concepção metafísica do homem. Entretanto, pode-se aplicar às religiões a advertência de Descartes quanto ao perigo de fazer-se confusão entre alma e corpo. Enquanto para o Espiritismo a alma é o espírito que anima o corpo, havendo nítida distinção entre um e outro, as religiões admitem a unidade substancial de alma e corpo, de tal maneira que a ressurreição se verifica no próprio corpo. A complexa teoria de *matéria e for-*

ma, de Aristóteles, deu muito pano para manga na teologia medieval, resultando na doutrina da *forma substancial*, em que forma é substância e substância é forma. Em consequência, matéria e forma se misturam e não se sabe como explicar o homem sem a sua estrutura orgânica de matéria, pois chega-se mesmo a sustentar que o homem é pó e em pó se reverterá na morte.

Opondo-se a essa posição restritiva, que reduz o homem á condição de *bicho da terra*, segundo a expressão camoneana, o Espiritismo o reintegra na dignidade de sua natureza espiritual e reajusta a sua imagem no panorama cósmico. A manifestação dos mortos, demonstrando que continuam vivos e atuantes noutra dimensão da vida, e que continuam a ser o que eram, apesar de não mais possuírem o corpo material, não deixa nenhuma possibilidade de dúvida sobre a diferença entre conteúdo e continente, entre espírito e corpo. A confusão de forma e substância resolve-se com a demonstração da estrutura tríplice do homem: o espírito é a substância, a essência necessária, *o ser do primado ôntico* de Heidegger; o perispírito (*corpo espiritual ou bioplásmico*) é a forma da hipótese aristotélica, o padrão estrutural dos biólogos soviéticos; o corpo é a *matéria* que nos dá o ser existencial. Essa é a tese espírita dos dois seres do homem: o ser do espírito e o ser do corpo.

E o *não-ser*, como queria Hegel, não é um ente específico e autônomo, oposto ao ser, mas inerente ao *ser de relação* ou *existencial*, ligado a ele na existência como contrafação, determinado pela oposição da existência ao ser. É o que vemos no problema da relação Deus-Diabo, em que a figura do Diabo só é tomada em sentido mitológico, nunca real, como personificação das forças do passado, que pesam sobre o *ser existencial*, embaraçando-lhe o desenvolvimento. O *não-ser* é o que não quer ser, não quer *atualizar-se* na existência, mas permanecer o que era, apegado aos resíduos das fases anteriores ao ser. Uma das funções do ser é absorver o *não-ser* para levá-lo a ser, segundo a tese da passagem do inconsciente ao consciente, de Gustave Geley.

É assim que o homem se reintegra, pela concepção espírita, na realidade cósmica. Não é mais um ser isolado na Criação, privilegiado pela inteligência e amesquinhado pela morte, não é mais aquela *paixão inútil* de Sartre que o tempo consome e reduz a nada. O homem é a síntese superior produzida pela dialética da evolução criadora de Bergson nos reinos inferiores da Natureza, a partir das entranhas da Terra. No seu curso de milhões e milhões de anos, a partir da mônada oculta na matéria cósmica, impulsionado na ascensão filogenética das coisas e dos seres, passando pelas metamorfoses de uma ontogenia assombrosa, ele atingiu a consciência e descobriu a marca de Deus em si mesmo. Herdeiro de Deus e co-herdeiro de Cristo, segundo a expressão do Apóstolo Paulo, o homem não está condenado à frustração da morte, mas destinado à vida em abundância na plenitude do espírito.

Não é fácil à mentalidade necrófila desenvolvida pelas religiões da morte, sob o peso esmagador da escatologia judaica e da tragédia grega, compreender essa visão nova do homem como um ser cósmico. Por isso acusa-se o Espiritismo de reativar antigas superstições e voltar á concepção da metempsicose egípcia elaborada pelo gênio de Pitágoras. Não percebe essa mentalidade que a teoria pitagórica da metempsicose impunha-se ao sistema do filósofo por uma intuição do seu próprio gênio e pela necessidade lógica. O homem pitagórico antecipou o homem do Espiritismo na medida possível das grandes antecipa-

ções históricas. Era um homem cósmico por antevisão, tão integrado e entranhado na realidade universal que não podia escapar do círculo vicioso das formas se não despertasse em seu íntimo os poderes secretos da mônada. O conceito do homem em Pitágoras é infinitamente superior ao das religiões atuais e ao das filosofias do desespero e da morte em nosso século.

Quando Pitágoras falava da música das esferas não se embrenhava nas superstições, mas abria a mente de seus discípulos para a visão real do Cosmos, que só em nosso tempo se tornaria acessível a todos. Mais tarde, Jesus também anunciaria as muitas moradas do Infinito e ensinaria o princípio da ressurreição e das vidas sucessivas, estarrecendo um mestre em Israel que não sabia dessas coisas. Já numa fase mais avançada da evolução terrena, Jesus não se referia à metempsicose, mas à palingenesia do pensamento grego, à transformação constante dos seres e das coisas no desenvolvimento do plano divino. Nesse mesmo tempo, nas antigas Gálias, os celtas, que para Aristóteles eram um povo de filósofos, divulgavam esses mesmos princípios pela voz dos seus bardos, poetas-cantores das tríades sagradas. E entre eles, como um druida, Kardec se preparava para a sua missão futura na França do Século XIX.

Vemos assim duas linhas paralelas na filogênese humana: de um lado temos a evolução do *principio inteligente* a partir dos reinos inferiores da Natureza, onde a mônada, a semente espiritual lançada pelo pensamento divino, desenvolve as suas potencialidades numa seqüência natural em que podemos perceber as seguintes etapas: o poder estruturador no reino mineral, a sensibilidade no vegetal, motilidade do animal, o pensamento produtivo no homem. A este esquema linear temos de juntar a idéia do desenvolvimento simultâneo de todas essas potencialidades, num crescendo incessante, num processo dialético de dinamismo tão intenso e complexo que mal podemos imaginar. Foi isso que levou Gustave Geley, o grande sucessor de Richet, a considerar a existência em todas as coisas de um *dinamismo-psíquico-inconsciente* que rege toda a evolução. Que abismo entre essa concepção da gênese universal que o Espiritismo oferece e a gênese alegórica das religiões! E mesmo em relação à gênese científica podemos notar a superioridade da concepção espírita, que não se restringe à idéia de um processo dinâmico de forças desencadeadas no plano superficial da matéria, mas penetra nas entranhas do fenômeno para descobrir *o númeno*, a essência determinante do processo e os objetivos graduais e conscientes que são acessíveis à nossa percepção e compreensão. A criação do homem, a sua natureza e o seu destino tornam-se inteligíveis. Édipo decifra os mistérios da Esfinge.

Apesar disso, há criaturas que acusam o Espiritismo de doutrina simplória, de simples abecê da Espiritualidade, curso primário de iniciação nos conhecimentos superiores da realidade universal. Enganam-se com a linguagem simples das obras de Kardec, através da qual o mestre francês colocou ao alcance de todos, graças a um processo didático difícilimo de se atingir e aplicar, os mais graves problemas que os sábios do futuro teriam de enfrentar, como estão enfrentando neste momento. A simplicidade de Kardec é tão enganosa como a de Descartes. À maneira do *Discurso do Método*, "*O Livro dos Espíritos*" é um desafio permanente à argúcia e ao bom-senso dos sábios do mundo. Esses dois livros nos lembram a simplicidade enganosa dos ensinamentos de Jesus, que os teólogos enredaram em proposições confusas, não compreendendo o seu sentido profundo e impedindo os simples de compreendê-lo.

Mas voltemos às duas linhas paralelas da filogênese humana, para tratar da segunda. Na primeira tivemos o processo natural de desenvolvimento das potencialidades do *princípio inteligente*, que podemos comparar ao crescimento da criança e aos primeiros cuidados com a sua educação. Temos de aguardar o desenvolvimento orgânico da criança para que as suas possibilidades mentais se revelem. E temos então de orientar as suas disposições naturais para o aprendizado escolar. O que vimos na primeira paralela foi exatamente esse processo. Quando as potências da mônada atingiram o desenvolvimento necessário à sua individualização definitiva, como criatura humana, e a consciência mostrou-se estruturada, começou então o processo da sua maturação e do seu aprendizado. O clã, a tribo, a horda, a família e as formas sucessivas de civilização representam as etapas da segunda linha paralela, em que se verifica o desenvolvimento cultural. A inteligência, já formada, vai ser cultivada ao longo do tempo, nas gerações sucessivas. As diferenciações monádicas intuídas por Leibniz, como as diferenciações na constituição atômica verificadas pela Física atual, respondem pelas características diversas e diversificadoras das criaturas humanas em substância e forma. Essas diferenciações não são apenas individuais, mas também grupais, determinando por afinidade os grupos familiares e raciais. Os elementos da natureza, do meio físico, e as miscigenações, as misturas raciais e culturais, contribuirão para acentuar as diversificações no decorrer do tempo. Nota-se a existência de um dispositivo protetor das raças e culturas em desenvolvimento, nas primeiras fases do processo, com o isolamento dos grupos afins nos continentes. Mas esse dispositivo não é artificial, entrosa-se naturalmente no processo evolutivo, em que todas as condições necessárias decorrem das variantes evolutivas. São inerentes ao processo.

Quando os vários grupos amadureceram suficientemente e conquistaram um grau relativamente elevado de civilização, inicia-se a fase das conquistas, da dominação dos grupos mais poderosos sobre os mais fracos, numa longa e penosa elaboração de novas condições de vida e cultura. Kerchensteiner coloca o problema da cultura subjetiva e da cultura objetiva, a primeira correspondendo ao plano das idéias, da elaboração intelectual, a segunda ao plano da prática, do fazer, das realizações materiais.

E Ernst Cassirer mostra como a cultura objetiva conserva em suas obras materiais, gravadas nos objetos, as conquistas subjetivas de uma civilização morta. A Renascença, por exemplo, revela como as conquistas espirituais do mundo clássico greco-romano foram arrancadas das ruínas e dos arquivos aparentemente perdidos e reelaboradas pelo mundo moderno. Dewey, por sua vez, acentua a importância da *reelaboração da experiência nas* gerações sucessivas.

Mas quando chegamos ao ponto em que hoje estamos, prontos para um salto cultural de natureza qualitativa, ainda não podemos considerar-nos como obra concluída. Como observou Oliver Lodge, o homem ainda não está acabado, mas em fase talvez de acabamento. Sim, talvez, porque o nosso otimismo e a nossa vaidade podem enganar-nos a respeito do nosso estágio atual de realização. A própria situação da Terra, isolada no espaço e só agora tentando a expansão cósmica, deve advertir-nos de que ainda não estamos preparados para ingressar na comunidade dos mundos superiores. Somos ainda um obscuro e grosseiro subúrbio da Cidade de Deus e só à distância podemos vislumbrar o esplendor da luminária celeste na imensidade cósmica. Nossos próprios meios

de penetração no espaço sideral são demasiado rudimentares e precários, Nossos corpos animais não nos permitem viver em condições superiores às da Terra. O desenvolvimento de nossos poderes psíquicos está ainda começando e nossa capacidade mental, condicionada por um cérebro de origem animal, não vai muito além dos processos indutivos e dedutivos mal arranhando o litoral esquivo do mundo da intuição. Como assinala Remy Chauvin, nem mesmo conseguimos atingir uma organização social superior, permanecendo ainda num plano de barbárie, estruturado em princípios ilógicos decorrentes da selva, com o domínio da força sobre o direito.

Não obstante, estamos avançando mais rapidamente do que nunca. E se a nossa vaidade e o nosso egoísmo não nos cegarem por completo, se formos capazes de reconhecer no Espiritismo a doutrina que encerra o esquema do futuro, a plataforma espiritual, política e social do novo mundo que temos de construir no planeta - não mais a ferro, fogo e sangue - mas a golpes de inteligência, compreensão e fraternidade, então poderemos atingir a maturidade humana. Caso contrário retornaremos à selva, recomeçaremos de novo o nosso aprendizado desde o princípio, reiniciaremos o curso desperdiçado das instruções superiores. E não teremos mais em nossa companhia os que souberam vencer, pois cabe-lhes o direito de se transferirem para os cursos universitários da Cidade de Deus, em que o Pai certamente os matriculará. A escolha nos pertence, *a decisão é nossa*. Deus nos concedeu, com a consciência, o direito e o dever das opções.

Kardec sabia o que fazia, quando evitava a confusão do Espiritismo com as religiões dogmáticas e formalistas, sem entretanto negar ao Espiritismo o seu aspecto religioso. Teve mesmo o cuidado de não cortar em excesso as ligações da doutrina com a tradição religiosa, pois sabia que a evolução não pode sofrer, sem graves perigos de solução de continuidade. O princípio espírita do encadernamento de todas as coisas no Universo estava presente em sua mente. Poucas obras revelam uma compreensão tão clara e profunda da natureza orgânica do Universo, como a Codificação. É por isso, e não por sectarismo ou *fanatismo*, que não podemos fazer concessões ao passado no campo das atividades doutrinárias. Avançamos para um novo mundo que só o Espiritismo pode modelar, pois só ele revela condições para isso em sua estrutura doutrinária. Mas se não procurarmos compreendê-lo em toda a sua grandeza, é certo que o reduziremos a uma seita fanática de crentes obscurantistas. Evitemos essa queda no passado, para nós mesmos e para o mundo. Tenhamos a coragem de avançar sem muletas e sem temor para a Civilização do Espírito.

*

Livro: O Mistério do Bem e do Mal.

J. Herculano Pires. Ed. Correio Fraternal. 2ª edição. 1992.

Conquista de Marte

O problema da conquista de outros planetas, pelo homem, depende da nossa maneira de encarar o Universo. Se pensarmos que os “corpos celestes” são divinos, como pensavam os antigos, tudo se complica. Mas se pensarmos, segundo ensina o Espiritismo, que a Terra é um corpo celeste como qualquer outro, a questão se reduz às possibilidades materiais de aproximação e pouso de

nossos instrumentos nos outros planetas. Não há limites para o homem no Universo, a não ser os determinados pelo seu grau de evolução. O homem da Terra, nas condições físicas do nosso planeta, só pode atingir outro mundo que esteja no mesmo plano material do nosso.

O Espiritismo ensina que há diferentes graus de densidade física na constituição dos mundos. Os Espíritos disseram a Kardec que o planeta Júpiter, por exemplo, apesar de pertencer ao nosso plano material, tem uma constituição mais sutil que a nossa. As investigações astronômicas atuais parecem confirmar, de certa maneira, essa indicação. Se assim for, é evidente que uma nave espacial terrena terá dificuldades ou estará impossibilitada de pousar em Júpiter. Estamos diante de um limite para as nossas ambições, mas esse limite poderá ser superado pela nossa evolução no futuro.

A teoria espírita da pluralidade dos mundos habitados é bastante coerente e concorda com as teorias científicas sobre a diversidade dos “estados” da matéria no Cosmos. Nenhum cientista, jamais, tentaria enviar criaturas humanas para um mundo em estado gasoso ou de ignição. Marte é considerado de constituição física semelhante à da Terra, como Vênus. Mas Vênus se torna inacessível, em virtude de suas condições atmosféricas e de suas extremas variações de calor. O homem pode atingir Vênus e pousar no planeta, mas não suportaria o seu “clima”. Em Marte, ao que parece, as coisas podem ser diferentes.

No tocante à condição evolutiva de Marte, se é inferior ou superior à da Terra, é questão que o Espiritismo não resolve doutrinariamente. Kardec refere-se a teorias transmitidas por certos espíritos e que ele considerava lógicas, aceitáveis. Mas sempre acentuou que não passavam de teorias e acrescentou que o Espiritismo não deve ir além dos seus objetivos, que são espirituais e não materiais. Basta ler com atenção os textos a respeito para que o assunto se esclareça. Aliás, Kardec advertiu que não devemos tratar com os espíritos de assuntos que estejam fora dos objetivos conceptuais e moralizadores do Espiritismo.

DESENVOLVE-SE A CIÊNCIA POSITIVA NOS RUMOS DA CONCEPÇÃO ESPIRITUAL

Explicação da atitude materialista - A teimosia teológica da Idade Média e a teimosia científica de hoje – O espírito é a meta natural do desenvolvimento científico.

“A comprovação científica dos fenômenos espíritas parece cada vez mais difícil, pois a ciência moderna tende cada vez mais a encarar esses fenômenos como de origem puramente material. Sempre que tenho a oportunidade de conversar sobre Espiritismo com uma pessoa dotada de cultura científica, sinto-me desolado com a série de argumentos de que essas pessoas se utilizam, para negar a possibilidade da sobrevivência. Não sei como o Sr. pode alimentar tanta esperança na espiritualização da ciência”.

De fato, a obstinação materialista dos nossos meios culturais é qualquer coisa de espantar. Não passa, entretanto, de uma teimosia facilmente explicável por uma lei descoberta pela própria ciência moderna: a lei da inércia. Ao findar-se a Idade Média, ocorria fenômeno semelhante, mas em sentido contrário. Os

homens avançados, que defendiam a experiência científica contra o dogmatismo eclesiástico, sentiam-se poucos e fracos, diante da avalanche de crenças e fanáticos dos meios culturais. Foi dificilmente que a mentalidade científica se impôs, vencendo a teimosia teológica.

O que hoje se verifica, não é mais do que a resistência da teimosia científica. Tendo se acostumado a pensar de maneira “positiva”, os homens não conseguem afastar-se dessa maneira, senão a muito custo. Poderíamos dizer, sem intuito ofensivo, mas apenas para maior exemplificação: “empacaram”. Para tirá-los dessa nova posição é necessário que empreguemos o fogo e a paciência, como fazem os tropeiros. O fogo está aceso: as labaredas da evidência brilham por toda a parte, nos fatos inexplicáveis. Quanto à paciência, é o que precisamos ter.

A reviravolta não será tão difícil, apesar de tudo. Assim como a mentalidade teológica, cultivada durante um milênio, cedeu aos golpes racionais da Renascença, assim também a mentalidade materialista cederá, queira ou não queira, aos golpes de evidência dos fatos espíritas e aos raios de luz da doutrina espírita. Por mais poderosa que seja uma fortaleza, quando arrombamos suas portas, ela está prestes a cair. Por mais sólida que se apresente uma muralha, se lhe minamos o alicerce, ela fatalmente virá abaixo. E, no caso da mentalidade materialista dominante na ciência, o curioso é que ela mesma já abriu suas portas à realidade espiritual, ela mesma se incumbiu de minar os próprios alicerces.

Por mais que os materialistas argumentem de “maneira científica”, há sempre um fundo movediço nessa argumentação. Para começar, a ciência mais positiva se baseia numa crença, numa fé. E esta fé é tão indemonstrável, do ponto de vista científico, como a fé religiosa. Todo o edifício da ciência repousa no dogma da ordem universal, equivalente “positivo” do dogma metafísico da existência de Deus. Por outro lado, a negação do espírito é sempre uma fuga à realidade, alegando os materialistas que a ciência explicará, mais tarde, o que hoje não pode explicar. Atitude semelhante ao do comerciante que diz: “Fiado, só amanhã”.

Basta analisar estas coisas, para compreendermos que a espiritualização da ciência é tão inevitável quanto o seu próprio desenvolvimento. É graças a esse desenvolvimento que ela chegará ao espírito, porque sendo o espírito a realidade última, é a meta natural do progresso científico. Os Espíritos disseram isso a Kardec há um século. E a previsão dos Espíritos vem se cumprindo de maneira inegável em nosso século, quando vemos a ciência obrigada a recorrer a um conceito energético do cosmos, diante da desagregação da matéria, que se desfaz nas mãos dos cientistas como um floco de neve. Que farão eles, daqui a pouco?

*

REVISTA ESPÍRITA – 1.858**MARTE E JÚPITER****A pluralidade dos mundos****Revista Espírita, março de 1858**

Quem não teria perguntado, considerando a Lua e os outros astros, se esses globos são habitados? Antes que a ciência nos tivesse iniciado quanto à natureza desses astros, disso se podia duvidar; hoje, no estado atual dos nossos conhecimentos, há, pelo menos, probabilidades; mas fizeram-se a essa idéia, verdadeiramente sedutora, objeções tiradas da própria ciência. A Lua, diz-se, parece não ter mais atmosfera, e, talvez, água. Em Mercúrio, tendo em vista a sua proximidade do Sol, a temperatura média deve ser a do chumbo fundido, de sorte que, se houver chumbo, deverá correr como a água dos nossos rios. Em Saturno, é tudo o oposto; não temos termo de comparação para o frio que nele deve reinar; a luz do Sol, ali, deve ser muito fraca, apesar do reflexo das suas sete luas e do seu anel, porque, a essa distância, o Sol não deve parecer senão como uma estrela de primeira grandeza. Em tais condições, pergunta-se se seria possível viver.

Não se concebe que, uma semelhante objeção possa ser feita por homens sérios. Se a atmosfera da Lua não pôde ser percebida, é racional que disso se infere que não exista? Não pode estar formada de elementos desconhecidos ou muito rarefeitos para não produzir refração sensível? Diremos a mesma coisa da água ou dos líquidos que nela existam. Com relação aos seres vivos, não seria negar o poder divino crendo impossível uma organização diferente da que nós conhecemos, quando, sob os nossos olhos, a providência da Natureza se estende com uma solicitude tão admirável até o menor dos insetos, e dá, a todos os seres, órgãos apropriados ao meio ao qual devem habitar, seja sob a água, o ar ou a terra, seja mergulhados na obscuridade ou expostos ao clarão do Sol? Se não tivéssemos jamais visto os peixes, não poderíamos conceber seres vivos na água; não faríamos uma idéia da sua estrutura. Quem poderia crer, ainda há pouco tempo, que um animal pudesse viver um tempo indefinido no seio de uma pedra! Mas, sem falar desses extremos, os seres que vivem sob o fogo da zona tórrida poderiam existir nos gelos polares? E, todavia, há, nesses gelos, seres organizados para esse clima rigoroso e que não poderiam suportar o ardor de um sol vertical. Por que, pois, não admitiríamos que seres possam estar constituídos de modo a viverem sobre outros globos e num meio todo diferente do nosso? Seguramente, sem conhecer a fundo a constituição física da Lua, dela sabemos o bastante para estarmos certos de que, tais como somos, ali não poderíamos viver, tanto como não o podemos no seio do Oceano, em companhia dos peixes. Pela mesma razão, os habitantes da Lua, se pudessem vir à Terra, constituídos para viverem sem ar, ou num ar muito rarefeito, talvez muito diferente do nosso, seriam asfixiados em nossa espessa atmosfera, como o somos quando caímos na água. Ainda uma vez, se não temos a prova material e visual da presença de seres vivos em outros mundos, nada prova que não possam existir, cujo organismo seja apropriado a um meio ou a um clima qualquer. O simples bom senso nos diz, ao contrário, que assim deve ser, porque repugna à razão crer que esses inumeráveis globos que circulam no espaço não são senão massas inertes e improdutivas. A obser-

vação nos mostra, deles, superfícies acidentadas por montanhas, vales, barrancos, vulcões extintos ou em atividade; por que, pois, não haveriam seres orgânicos? Seja, dir-se-á; que haja plantas, mesmo animais, isso pode ser; mas seres humanos, homens civilizados como nós, conhecendo Deus, cultivando as artes, as ciências, isso será possível?

Seguramente, nada prova, matematicamente, que os seres que habitam os outros mundos sejam homens como nós, moralmente falando; mas, quando os selvagens da América viram desembarcar os Espanhóis, não duvidaram mais que, além dos mares, existia um outro mundo cultivando artes que lhes eram desconhecidas. A terra é salpicada de uma inumerável quantidade de ilhas, pequenas ou grandes, e tudo o que é habitável está habitado; não surge um rochedo no mar que o homem não plante, no instante, sua bandeira. Que diríamos se os habitantes de uma das menores dessas ilhas, conhecendo perfeitamente a existência das outras ilhas e continentes, mas, jamais havendo tido relações com aqueles que os habitam, se cressem os únicos seres vivos do globo? Nós lhes diríamos: Como podeis crer que Deus haja feito o mundo só para vós? Por qual estranha bizarria vossa pequena ilha, perdida num canto do Oceano, teria o privilégio de ser a única habitada? Podemos dizer outro tanto de nós com respeito às outras esferas. Por que a Terra, pequeno globo imperceptível na imensidão do Universo, que não se distingue dos outros planetas nem pela sua posição, nem pelo seu volume, nem pela sua estrutura, porque não é nem a menor nem a maior, nem está no centro e nem na extremidade, por que, digo, seria, entre tantas outras, a única residência de seres racionais e pensantes? Que homem sensato poderia crer que esses milhões de astros, que brilham sobre as nossas cabeças, tenham sido feitos para recrear a nossa visão? Qual seria, então, a utilidade desses outros milhões de globos imperceptíveis a olho nu, e que não servem nem mesmo para nos clarear? Não haveria, ao mesmo tempo, orgulho e impiedade em pensar que assim deve ser? Àqueles que a impiedade pouco toca, diremos que é ilógico.

Chegamos, pois, por um simples raciocínio, que muitos outros fizeram antes de nós, a concluir pela pluralidade dos mundos, e esse raciocínio se encontra confirmado pela revelação dos Espíritos. Eles nos ensinam, com efeito, que todos esses mundos são habitados por seres corpóreos apropriados à constituição física de cada globo; que, entre os habitantes desses mundos, uns são mais, outros são menos, avançados do que nós do ponto de vista intelectual, moral e mesmo físico. Ainda mais, hoje, sabemos que podemos entrar em relação com eles, e deles obter notícias sobre o seu estado; sabemos, ainda, que não só todos esses globos são habitados por seres corpóreos, mas, que o espaço está povoado por seres inteligentes, invisíveis para nós por causa do véu material lançado sobre a nossa alma, e que revelam a sua existência por meios ocultos ou patentes. Assim, tudo é povoado no Universo, a vida e a inteligência estão por toda parte: sobre os globos sólidos, no ar, nas entranhas da terra, e até nas profundezas etéreas. Haverá, nessa doutrina, alguma coisa que repugne à razão? Não é, ao mesmo tempo, grandiosa e sublime? Ela nos eleva pela nossa própria pequenez, diferentemente desse pensamento egoísta e mesquinho que nos coloca como os únicos seres dignos de ocupar o pensamento de Deus.

REVISTA ESPÍRITA – 1858

Março de 1858

Júpiter e alguns outros mundos

Antes de entrarmos nos detalhes das revelações que os Espíritos nos fizeram, sobre o estado dos diferentes mundos, vejamos a quais conseqüências lógicas poderemos chegar, por nós mesmos e unicamente pelo raciocínio. Reportando-se à escala espírita que demos no precedente número, pedimos às pessoas desejosas de aprofundarem seriamente essa ciência nova, estudarem com cuidado esse quadro e dele se compenetrarem; nele encontrarão a chave de mais de um mistério.

O mundo dos Espíritos se compõe de almas de todos os humanos desta Terra e de outras esferas, desligadas dos laços corporais; do mesmo modo, todos os humanos são animados por Espíritos neles encarnados. Há, pois, solidariedade entre os dois mundos: os homens terão as qualidades e as imperfeições dos Espíritos com os quais estão unidos; os Espíritos serão mais ou menos bons ou maus, segundo os progressos que tiverem feito durante a sua existência corporal. Essas poucas palavras resumem toda a doutrina. Como os atos dos homens são o produto do seu livre arbítrio, levam a marca da perfeição ou da imperfeição do Espírito que os provocam. Ser-nos-á, pois, muito fácil fazermos uma idéia do estado moral de um mundo qualquer, segundo a natureza dos Espíritos que o habitem; poderemos, de algum modo, descrever a sua legislação, traçar o quadro dos seus costumes, dos seus usos, das suas relações sociais. Suponhamos, pois, um globo habitado, exclusivamente, por Espíritos da nona classe, por Espíritos impuros, e a ele nos transportemos pelo pensamento. Nele veremos todas as paixões desencadeadas e sem freio; o estado moral no último grau de embrutecimento; a vida animal em toda a sua brutalidade; nada de laços sociais, porque cada um não vive e não age senão para si e para satisfazer os seus apetites grosseiros; o egoísmo nele reina com soberania absoluta, e arrasta consigo o ódio, a inveja, o ciúme, a cupidez, a morte.

Passemos, agora, para uma outra esfera, onde se encontrem Espíritos de todas as classes da terceira ordem: Espíritos impuros, Espíritos levianos, Espíritos pseudo-sábios, Espíritos neutros. Sabemos que, em todas as classes dessa ordem, o mal domina; mas, sem terem o pensamento do bem, o do mal decresce à medida que se afastam da última classe. O egoísmo é sempre o móvel principal das ações, mas os costumes são mais brandos, a inteligência mais desenvolvida; o mal, aí, estará um pouco disfarçado, enfeitado e dissimulado. Essas próprias qualidades engendram um outro defeito, que é o orgulho; porque as classes mais elevadas são bastante esclarecidas para terem consciência da sua superioridade, mas não o bastante para compreenderem o que lhes falta; daí a sua tendência à escravização das classes inferiores, e de raças mais fracas, que tenham sob o seu jugo. Não tendo o sentimento do bem, não têm senão o instinto do *eu* e acionam a sua inteligência para satisfazerem as suas paixões. Numa tal sociedade, se o elemento impuro domina, esmagará o outro; no caso contrário, os menos maus procurarão destruir os seus adversários; em todos os casos, haverá luta, luta sangrenta, luta de extermínio, porque são dois elementos que têm interesses opostos. Para proteger os bens e as pessoas, se-

rão necessárias leis; mas essas leis serão ditadas pelo interesse pessoal e não pela justiça; o forte as fará, em detrimento do fraco.

Suponhamos, agora, um mundo onde, entre os elementos maus que acabamos de ver, se encontrem alguns dos de segunda ordem; então, em meio da perversidade, veremos aparecer algumas virtudes. Se os bons estiverem em minoria, serão vítimas dos maus; mas, à medida que aumente a sua preponderância, a legislação será mais humana, mais eqüitativa, e a caridade cristã não será, para todos, uma letra morta. Desse próprio bem, vai nascer um outro vício. Malgrado a guerra que os maus declarem, sem cessar, aos bons, não poderão impedi-los de os estimar em seu foro íntimo; vendo a ascendência da virtude sobre o vício, e não tendo nem a força e nem a vontade de praticá-la, procurarão parodiá-la; tomam-lhe a máscara; daí os hipócritas, tão numerosos em toda sociedade onde a civilização é imperfeita.

Continuemos nossa rota através dos mundos, e detenhamo-nos neste, que nos vai repousar um pouco do triste espetáculo que acabamos de ver. Não é habitado senão por Espíritos da segunda ordem. Que diferença! O grau de depuração que alcançaram exclui, entre eles, todo pensamento do mal, e só essa palavra nos dá a idéia do estado moral dessa feliz região. A legislação, aí, é bem simples, porque os, homens não têm do que se defenderem, uns contra os outros; ninguém quer o mal para o seu próximo, ninguém se apropria do que não lhe pertence, ninguém procura viver em detrimento do seu vizinho. Tudo respira a benevolência e o amor; os homens não procuram se prejudicar; não há ódio; o egoísmo é desconhecido e a hipocrisia não teria finalidade. Aí, todavia, não reina a igualdade absoluta, porque a igualdade absoluta supõe uma identidade perfeita no desenvolvimento intelectual e moral; ora, veremos, pela escala espiritual, que a segunda ordem compreende vários graus de desenvolvimento; haverá, pois, nesse mundo, desigualdades, porque uns serão mais avançados do que outros; mas, como entre eles não há senão o pensamento do bem, os mais elevados não conceberão nada de orgulho, e os outros nada de ciúme. O inferior compreende a ascendência do superior e se submete, porque essa ascendência é puramente moral e ninguém dela se serve para oprimir.

As conseqüências que tiramos, desses quadros, embora apresentadas de um modo hipotético, não deixam de ser perfeitamente racionais, e, cada um pode deduzir o estado social de um mundo qualquer, segundo a proporção dos elementos morais dos quais se o supõe composto. Vimos que, abstração feita da revelação dos Espíritos, todas as probabilidades são para a pluralidade dos mundos; ora, não é menos racional pensar que todos não estão num mesmo grau de perfeição, e que, por isso mesmo, nossas suposições podem muito bem ser realidades. Não os conhecemos, senão o nosso, de um modo positivo.

Que categoria ele ocupa nessa hierarquia? Ah! Basta considerar o que aqui se passa para ver que está longe de merecer a primeira categoria, e estamos convencidos de que, lendo estas linhas, já se lhe terá marcado seu lugar. Quando os Espíritos nos dizem que estão, senão na última, pelo menos nas últimas, o simples bom senso nos diz, infelizmente, que não se enganam; temos muito a fazer para elevá-lo à categoria daquele que escrevemos em último lugar, e temos muita necessidade que o Cristo venha nos mostrar o caminho.

Quanto à aplicação, que podemos fazer, do nosso raciocínio, aos diferentes globos do nosso turbilhão planetário, não temos senão os ensinamentos dos Espíritos; ora, para quem não admite senão provas palpáveis, é positivo que sua asserção, a esse respeito, não tenha a certeza da experimentação direta. No entanto, não aceitamos, todos os dias com confiança as descrições, que os viajantes nos fazem, de países que jamais vimos? Se nós não devêssemos crer senão por nossos olhos, não creríamos em grande coisa. O que dá aqui, um certo peso ao dizer dos Espíritos, é a correlação que existe entre eles, pelo menos nos pontos principais.

Para nós, que fomos cem vezes testemunhas dessas comunicações, que pudemos apreciá-las em seus menores detalhes, que nelas escrutamos o forte e o fraco, observamos as semelhanças e as contradições, encontramos todos os caracteres da probabilidade; todavia, não lhes damos senão sob benefício de inventário, a título de notícias, aos quais cada um está livre para ligar a importância que julga adequada. Segundo os Espíritos, o planeta Marte seria ainda menos avançado do que a Terra; os Espíritos que nele estão encarnados parecem pertencer, quase exclusivamente, à nona classe, a dos Espíritos impuros, de sorte que o primeiro quadro, que demos acima, seria a imagem desse mundo. Vários outros pequenos globos estão, com algumas nuanças, na mesma categoria. A Terra viria em seguida; a maioria de seus habitantes pertence, incontestavelmente, a todas as classes da terceira ordem, e a parte menor às últimas classes da segunda ordem. Os Espíritos superiores, os da segunda e da terceira classe, nela cumprem, algumas vezes, uma missão de civilização e progresso, e são exceções. *Mercúrio* e *Saturno* vêm depois da Terra. A superioridade numérica de bons Espíritos lhes dá a preponderância sobre os Espíritos inferiores, do que resulta uma ordem social mais perfeita, relações menos egoístas, e, por consequência, uma condição de existência mais feliz. A *Lua* e *Vênus* estão quase no mesmo grau e, sob todos os aspectos, mais avançados do que *Mercúrio* e *Saturno*. *Juno* (*Juno* é o nome de uma divindade itálica. Deve ter ocorrido um lapso do autor, uma vez que não há, no nosso sistema solar, nenhum planeta com este nome. N. do T.) e *Urano* seriam ainda superiores a esses últimos. Pode-se supor que os elementos morais, desses dois planetas, são formados das primeiras classes da terceira ordem e, na grande maioria, de Espíritos da segunda ordem. Os homens, neles, são infinitamente mais felizes do que sobre a Terra, pela razão de que não têm nem as mesmas lutas a sustentar, nem as mesmas tribulações a suportar, e não estão expostos às mesmas vicissitudes físicas e morais.

De todos os planetas, o mais avançado, sob todos os aspectos, é *Júpiter*. Ali, é o reino exclusivo do bem e da justiça, porque não há senão bons Espíritos. Pode-se fazer uma idéia do feliz estado dos seus habitantes pelo quadro que demos do mundo habitado sem a participação dos Espíritos da segunda ordem.

A superioridade de *Júpiter* não está somente no estado moral dos seus habitantes; está, também, na sua constituição física. Eis a descrição que nos foi dada, desse mundo privilegiado, onde encontramos a maioria dos homens de bem que honraram nossa Terra pelas suas virtudes e seus talentos.

A conformação dos corpos é mais ou menos a mesma que aqui, mas é menos material, menos denso e de uma maior leveza específica. Ao passo que

rastejamos penosamente na Terra, o habitante de Júpiter se transporta, de um lugar para outro, roçando a superfície do solo, quase sem fadiga, como o pássaro no ar ou o peixe na água. Sendo a matéria, da qual o corpo está formado, mais depurada, ela se dissipa, depois da morte, sem ser submetida à decomposição pútrida. Ali não existe a maioria das enfermidades que nos afligem, sobretudo aquelas que têm sua fonte nos excessos de todos os gêneros e na desordem causada pelas paixões. A alimentação está em relação com essa organização etérea; não seria bastante substanciosa para os nossos estômagos grosseiros, e a nossa seria muito pesada para eles; ela se compõe de frutas e plantas, e, aliás, haurem, de algum modo, a maior parte do meio ambiente do qual aspiram as emanções nutritivas. A duração da vida é, proporcionalmente, muito maior que sobre a Terra; a média equivale a cinco dos nossos séculos. O desenvolvimento também é muito mais rápido, e a infância dura apenas alguns de nossos meses.

Sob esse envoltório leve, os Espíritos se desligam facilmente e entram em comunicação recíproca unicamente pelo pensamento, sem excluir, todavia, a linguagem articulada; também a segunda vista é, para a maioria uma faculdade permanente; seu estado normal pode ser comparado ao dos nossos sonâmbulos lúcidos; é também porque se manifestam, a nós, mais facilmente do que aqueles que estão encarnados em mundos mais grosseiros e mais materiais. A intuição que têm do futuro, a segurança que lhes dá uma consciência isenta de remorsos, fazem com que a morte não lhes cause nenhuma apreensão; vêm-na chegar sem medo e como uma simples transformação.

Os animais não estão excluídos desse estado progressivo, sem se aproximarem, entretanto, do homem, mesmo sob o aspecto físico; seus corpos, mais materiais ligam-se ao solo, como nós à Terra. Sua inteligência é mais desenvolvida do que nos nossos; a estrutura dos seus membros se dobra a todas as exigências do trabalho; são encarregados da execução de obras manuais; são os servidores e os operários: as ocupações dos homens são puramente intelectuais. O homem é, para eles, uma divindade, mas uma divindade tutelar que jamais abusa do seu poder para oprimi-los.

Os Espíritos que habitam Júpiter, geralmente, se comprazem, quando querem se comunicar conosco na descrição do seu planeta, e quando se lhes pergunta a razão, respondem que é a fim de nos inspirar o amor ao bem pela esperança de, para lá, ir um dia. Foi com esse objetivo que um deles, que viveu na Terra com o nome de Bernard Palissy, o célebre oleiro do décimo sexto século, empreendeu, espontaneamente e sem ser solicitado para isso, uma série de desenhos tão notáveis, tanto pela sua singularidade quanto pelo talento da execução, e destinado a nos dar a conhecer, até nos menores detalhes, esse mundo tão estranho e tão novo para nós. Alguns retratam personagens, animais, cenas da vida privada; mas, os mais notáveis, são aqueles que representam habitações, verdadeiras obras-primas das quais nada sobre a Terra poderia nos dar uma idéia, porque essa não parece com nada do que conhecemos; é um gênero de arquitetura indescritível, tão original e, no entanto, tão harmoniosa, de uma ornamentação tão rica e tão graciosa, que desafia a mais fecunda imaginação. O senhor Victorien Sardou, jovem literato e dos nossos amigos, cheio de talento e de futuro, mas em nada desenhista, lhes serviu de intermediário.

Palissy nos promete uma série que nos dará, de algum modo, a monografia ilustrada desse mundo maravilhoso.

Esperamos que essa curiosa e interessante coletânea sobre a qual voltaremos num artigo especial consagrado aos médiuns desenhistas, poderá ser, um dia, entregue ao público.

O planeta Júpiter, apesar do quadro sedutor que dele nos foi dado, não é o mais perfeito entre os mundos. Há outros, desconhecidos para nós, que lhes são bem superiores, no físico e no moral, e cujos habitantes gozam de uma felicidade ainda mais perfeita; lá é a morada dos Espíritos mais elevados, cujo envoltório etéreo nada mais tem das propriedades conhecidas da matéria.

Várias vezes perguntaram-nos se pensamos que a condição do homem aqui, é um obstáculo absoluto a que pudesse passar, sem intermediário, da Terra para Júpiter. A todas as questões que tocam à Doutrina Espírita, jamais respondemos segundo as nossas próprias idéias, contra as quais estamos sempre desconfiando. Limitamo-nos a transmitir o ensinamento que nos foi dado, ensinamento que não aceitamos com leviandade e com um entusiasmo irrefletido. À questão acima, respondemos simplesmente, porque tal é o sentido formal das nossas instruções e o resultado das nossas próprias observações: SIM, o homem, deixando a Terra, pode ir imediatamente para Júpiter, ou para um mundo análogo, porque esse não é único dessa categoria. Pode-se disso ter a certeza? NÃO. Pode-se para lá ir porque há, sobre a Terra, embora em pequeno número, Espíritos bastante bons e bastante desmaterializados para não se sentirem deslocados num mundo onde o mal não tem acesso.

Não há a certeza disso, porque pode-se se iludir sobre o mérito pessoal, e pode-se, aliás, ter uma outra missão a cumprir. Aqueles que podem esperar esse favor, não são, seguramente, nem os egoístas, nem os ambiciosos, nem os avaros, nem os ingratos, nem os ciumentos, nem os orgulhosos, nem os vaidosos, nem os hipócritas, nem os sensuais, nem nenhum daqueles que estão dominados pelo amor aos bens terrestres; a estes, talvez, seja preciso, ainda, longas e rudes provas. Isso depende de sua vontade.

*

REVISTA ESPÍRITA

ABRIL DE 1858

DESCRIÇÃO DE JÚPITER

Bernard Palissy (9 de março de 1858).

Nota. - Sabíamos, por evocações anteriores, que Bernard Palissy, o célebre oleiro do sexto século, habita Júpiter. As respostas seguintes confirmam, em todos os pontos, o que nos foi dito, sobre esse planeta, em diversas épocas, por outros Espíritos, e por intermédio de diferentes médiuns. Pensamos que serão lidas com interesse, como complemento do quadro que traçamos em nosso último número. A identidade que elas apresentam com as descrições anteriores, é um fato notável que é, pelo menos, uma presunção de exatidão.

1. Onde te encontraste, deixando a Terra? - R. Nela ainda habitei.

2. Em que condições estavas? - R. Sob os traços de uma mulher, amante e devotada; não era senão uma missão.

3. Essa missão durou muito tempo? - R. Trinta anos.

4. Lembras do nome dessa mulher? - R. É obscuro.

5. A estima que se tem por tuas obras, te satisfaz, e isso compensa os sofrimentos que suportaste? - R. Que me importam as obras materiais de minhas mãos! *O que me importa é o sofrimento que me elevou.*

6. Com qual objetivo traçaste, pela mão do senhor Victorien Sardou, os admiráveis desenhos que nos deste sobre o planeta Júpiter, que tu habitas? - R. Com o objetivo de inspirar o desejo de vos tornardes melhores.

7. Uma vez que voltas sempre sobre a nossa Terra, que habitaste diversas vezes, deves conhecer bastante o seu estado físico e moral para estabelecer uma comparação entre ela e Júpiter; rogamos, pois, consentir em nos esclarecer sobre diversos pontos. - R. Sobre vosso globo, não venho senão em Espírito; o Espírito não tem mais sensações materiais.

ESTADO FÍSICO DO GLOBO

8. Pode-se comparar a temperatura de Júpiter com a de uma de nossas latitudes? - R. Não; ela é branda e temperada; sempre igual, e a vossa varia. Lembrai-vos os campos Elysées que vos foi descrito.

9. O quadro que os Antigos nos deram dos campos Elysées seria o resultado do conhecimento intuitivo que tinham de um mundo superior, tal qual Júpiter, por exemplo? - R. Do conhecimento positivo; a evocação permaneceu nas mãos dos sacerdotes.

10. A temperatura varia segundo as latitudes, como aqui? - R. Não.

11. Segundo os nossos cálculos, o Sol deve aparecer aos habitantes de Júpiter sob um ângulo muito pequeno, e dar-lhe, por conseqüência, pouca luz. Podes nos dizer se a intensidade da luz é igual a da Terra, ou se é menos forte? - R. Júpiter está cercado de uma espécie de luz espiritual, em relação com a essência dos seus habitantes. A luz grosseira do vosso Sol não foi feita para eles.

12. Há uma atmosfera? - R. Sim.

13. A atmosfera é formada dos mesmos elementos da atmosfera terrestre? - R. Não; os homens não são os mesmos; suas necessidades mudaram.

14. Há água e mares? - R. Sim.

15. A água é formada dos mesmos elementos da nossa? - R. Mais etéreos.

16. Há vulcões? - R. Não; nosso globo não é atormentado como o vosso; a natureza não teve suas grandes crises; é uma morada de bem-aventurados. Nele, a matéria quase não existe.

17. As plantas têm analogia com as nossas? - R. Sim, porém mais belas.

ESTADO FÍSICO DOS HABITANTES

18. A conformação do corpo dos habitantes tem relação com a nossa? - R. Sim, é a mesma.

19. Podes nos dar uma idéia do seu talhe, comparado ao dos habitantes da Terra? - R. Grandes e bem proporcionados. Maiores do que os maiores dos vossos homens. O corpo do homem é como a marca do seu espírito: belo onde ele é bom; o envoltório é digno dele; não é mais uma prisão.

20. Os corpos ali são opacos, diáfanos ou translúcidos? - R. Há de uns e de outros. Uns têm tal propriedade, os outros tal outra, segundo sua destinação.

21. Concebemos isso para os corpos inertes, mas nossa questão é relativa aos corpos humanos. - R. O corpo envolve o Espírito sem escondê-lo, como um véu leve lançado sobre uma estátua. Nos mundos inferiores, o envoltório grosseiro oculta o Espírito aos seus semelhantes; mas os bons nada têm a esconder: podem ler no coração uns dos outros. Que seria isso se fosse assim nesse mundo!

22. Há sexos diferentes? - R. Sim; há por toda parte onde a matéria exista; é uma lei da matéria.

23. Qual é a base da alimentação dos habitantes? É animal e vegetal como aqui? - R. Puramente vegetal; o homem é o protetor dos animais.

24. Foi-nos dito que haurem uma parte da sua alimentação no meio ambiente, do qual aspiram as emanções; isso é exato? - R. Sim.

25. A duração da vida, comparada à nossa, é mais longa ou mais curta? - R. Mais longa.

26. De quanto tempo é a vida média? - R. Como medir o tempo?

27. Não podes tomar um dos nossos séculos por termo de comparação? - R. Creio que em torno de cinco séculos.

28. O desenvolvimento da infância é proporcionalmente mais rápido do que entre nós? - R. O homem conserva a sua superioridade; a infância não comprime a sua inteligência, a velhice não a extingue.

29. Os homens estão sujeitos a doenças? - R. Não estão sujeitos aos vossos males.

30. A vida se divide entre a vigília e o sono? - R. Entre a ação e o repouso.

31. Poderias nos dar uma idéia das diversas ocupações dos homens? - R. Seria preciso dizer muito. Sua principal ocupação é encorajar os Espíritos que habitam os mundos inferiores a perseverarem no bom caminho. Não tendo infortúnio a aliviar entre eles, vão procurar onde se sofre; são os bons Espíritos que vos sustentam e vos atraem ao bom caminho.

32. Ali se cultivam certas artes? - R. São inúteis. Vossas artes são futilidades que distraem vossas dores.

33. A densidade específica do corpo do homem lhe permite transportar-se, de um lugar ao outro, sem permanecer, como aqui, atado ao solo? - R. Sim.

34. Experimenta-se o dissabor e o desgosto da vida? - R. Não; o desgosto da vida não vem senão do desprezo de si mesmo.

35. Sendo os corpos dos habitantes de Júpiter menos densos do que os nossos, são formados de matéria compactada e condensada ou vaporosa? - R. Compacta para nós; mas para vós ela não o seria; é menos condensada.

36. O corpo, considerado como forma de matéria, é impenetrável? - R. Sim.

37. Os habitantes têm uma linguagem articulada como nós? -R. Não; há, entre eles, comunicação de pensamentos.

38. A segunda vista é, como se nos disse, uma faculdade normal e permanente entre vós? -R. Sim; o Espírito não tem mais entraves; nada está oculto para ele.

39. Se nada está oculto para o Espírito, conhece, pois, o futuro? (queremos falar dos Espíritos encarnados em Júpiter) - R. O conhecimento do futuro depende da perfeição do Espírito; tem menos inconvenientes para nós do que para vós; é-nos mesmo necessário, até um certo ponto, para o cumprimento de missões que temos a cumprir; mas dizer que conhecemos o futuro sem restrições, seria nos colocar na mesma posição que Deus.

40. Podeis revelar tudo o que sabeis do futuro? - R. Não; esperai até que tenhais merecido sabê-lo.

41. Comunicai-vos mais facilmente do que nós com os outros Espíritos? - R. Sim! sempre: a matéria não está mais entre eles e nós.

42. A morte inspira o horror e o pavor que causa entre nós? - R. Por que seria ela apavorante? O mal não existe mais entre nós. Só o mau vê o seu último momento com pavor; ele teme seu juiz.

43. Em que se tornam os habitantes de Júpiter depois da morte? - R. Crescem sempre em perfeição sem mais suportar provas.

44. Não há, em Júpiter, Espíritos que se submetem a provas para cumprirem uma missão? - R. Sim, mas isso não é mais uma prova; só o amor ao bem leva-os a sofrer.

45. Podem falir em sua missão? - R. Não, uma vez que são bons; não há fraqueza senão onde há defeito.

46. Poderias nomear-nos alguns Espíritos, habitantes de Júpiter, que cumpriram uma grande missão na Terra? - R. São Luís.

47. Poderias nomear-nos outros? - R. Que vos importa! Há missões desconhecidas que não têm por objetivo senão a felicidade de um só; estas são, por vezes, maiores: são as mais dolorosas.

OS ANIMAIS

48. Os corpos dos animais são mais materiais do que os dos homens? - R. Sim; o homem é o rei, o deus planetário.

49. Entre os animais há os carneiros? - R. Os animais não se despedaçam entre si; todos vivem submissos ao homem, amando-se mutuamente.

50. Mas há animais que escapam à ação do homem, como os insetos, os peixes, os pássaros? - R. Não; todos lhe são úteis.

51. Foi-nos dito que os animais são os servidores e operários que executam os trabalhos materiais, construindo as casas, etc.; isso é verdade? - R. Sim; o homem não se rebaixa mais servindo seu semelhante.

52. Os animais servidores são ligados a uma pessoa ou a uma família, ou são tomados e trocados à vontade, como aqui? -R. Todos são ligados a uma família particular; vós mudais a procura do melhor.

53. Os animais servidores, ali, estão num estado de escravidão ou de liberdade; são uma propriedade, ou podem mudar de senhor à vontade? - R. Estão no estado de submissão.

54. Os animais trabalhadores recebem uma remuneração qualquer por seus esforços? - R. Não.

55. Desenvolvem-se as faculdades dos animais por uma espécie de educação? - R. Eles se desenvolvem por si mesmos.

56. Os animais têm uma linguagem mais precisa e mais caracterizada do que a dos animais terrestres? - R. Certamente.

ESTADO MORAL DOS HABITANTES

57. As casas, das quais nos deste uma amostra por seus desenhos, estão reunidas em cidades, como aqui? - R. Sim; os que se amam se reúnem; só as paixões fazem solidão ao redor do homem. Se o homem, ainda que mau, procura seu semelhante, que não é para ele senão um instrumento de dor, por que o homem puro e virtuoso fugiria do seu irmão?

58. Os Espíritos são iguais ou de diferentes graus? - R. De diferentes graus, mas de uma mesma ordem.

59. Rogamos consentir reportar-te à escala espírita que demos no segundo número da *Revista*, e nos dizer a qual ordem pertencem os Espíritos encarnados em Júpiter? - R. Todos bons, todos superiores; o bem desce, algumas vezes, no mal; mas o mal jamais se mistura ao bem.

60. Os habitantes formam diferentes povos, como na Terra? -R. Sim; mas todos unidos entre si por laços de amor.

61. Assim sendo, as guerras ali são desconhecidas? - R. Pergunta inútil.

62. O homem poderia chegar, na Terra, a um tal grau de perfeição, para abster se de guerras? - R. Seguramente chegará; a guerra desaparece com o egoísmo dos povos e à medida que compreendem melhor a fraternidade.

63. Os povos são governados por chefes? - R. Sim.

64. Em que consiste a autoridade dos chefes? - R. No seu grau superior de perfeição.

65. Em que consistem a superioridade e a inferioridade dos Espíritos em Júpiter, uma vez que são todos bons? - R. Têm maior ou menor soma de conhecimentos e de experiência; depuram-se à medida que se esclarecem.

66. Há, como na Terra, povos mais avançados do que os outros? - R. Não; mas nos povos há diferentes graus.

67. Se o povo mais avançado da Terra se visse transportado para Júpiter, que categoria nele ocuparia? - R. A classe dos macacos entre vós.

68. Os povos são governados por leis? - R. Sim.

69. Há leis penais? - R. Não há mais crimes.

70. Quem faz as leis? - R. Deus as fez.

71. Há ricos e pobres, quer dizer, homens que têm abundância e o supérfluo, e outros a quem falta o necessário? - R. Não; todos são irmãos; se um tiver mais do que outro, ele repartiria; não seria feliz quando seu irmão fosse necessitado.

72. Segundo isso, as fortunas ali seriam iguais para todos? - R. Eu não disse que todos eram ricos no mesmo grau; perguntastes se há os que têm o supérfluo e outros a quem falta o necessário.

73. Essas duas respostas nos parecem contraditórias; rogamos concordá-las. - R. A ninguém falta o necessário; ninguém tem o supérfluo, quer dizer que a fortuna de cada um está em relação com a sua condição. Estais satisfeitos?

74. Compreendemos agora; mas perguntaremos, ainda, se aquele que tem o menos não é infeliz relativamente àquele que tem o mais? - R. Não pode ser infeliz, desde que não é nem invejoso, nem ciumento. A inveja e o ciúme fazem mais infelizes do que a miséria.

75. Em que consiste a riqueza em Júpiter? - R. Que vos importa!

76. Há desigualdades de posições sociais? - R. Sim.

77. Em que são fundadas? - R. Nas leis da sociedade. Uns são mais ou menos avançados na perfeição. Aqueles que são superiores têm, sobre os outros, uma espécie de autoridade, como um pai sobre os filhos.

78. Desenvolvem-se as faculdades do homem pela educação? - R. Sim.

79. O homem pode adquirir bastante perfeição na Terra, para merecer passar imediatamente para Júpiter? - R. Sim, mas o homem, na Terra, está submetido a imperfeições para que esteja em relação com seus semelhantes.

80. Quando um Espírito que deixa a Terra deve ser reencarnado em Júpiter, fica errante durante algum tempo antes de ter achado o corpo ao qual deve se unir? - R. Fica errante durante um certo tempo, até que esteja liberto de suas imperfeições terrenas.

81. Há várias religiões? - R. Não; todos professam o bem, e todos adoram um único Deus.

82. Há templos e um culto? - R. Por templo há o coração do homem; por culto o bem que ele faz.

**Observações a propósito dos
desenhos de Júpiter
Revista Espírita, agosto de 1858**

Damos, com este número de nossa Revista, assim como anunciamos, um desenho de uma habitação de Júpiter, executada e gravada pelo senhor Victorien Sardou, como médium, e a ele acrescentamos o artigo descritivo que consentiu nos dar sobre o assunto. Qualquer que possa ser, sobre a autenticidade dessas descrições, a opinião daqueles que poderiam nos acusar de nos ocuparmos com o que se passa nos mundos desconhecidos, ao passo que há tanto a fazer na Terra, pedimos aos nossos leitores não perderem de vista que nosso objetivo, assim como o anuncia nosso título, é, antes de tudo, o estudo dos fenômenos, e que nesse ponto de vista nada deve ser negligenciado. Ora, como fato de manifestações, esses desenhos são, incontestavelmente, os mais notáveis, considerando-se que o autor não sabe nem desenhar, nem gravar, e que o desenho que nos ofereceu foi gravado por ele à água-forte, sem modelo e sem ensaio preliminar, em nove horas. Supondo mesmo que esse desenho seja uma fantasia do Espírito que o traçou, só o fato de sua execução não seria um fenômeno de menor atenção, e, a esse título, cabe à nossa coletânea dar a conhecê-lo, assim como a descrição que, sobre ele, foi dada pelos Espíritos, não para satisfazer a vã curiosidade de pessoas fúteis, mas como assunto de estudo para pessoas sérias, que querem aprofundar todos os mistérios da ciência espírita. Estar-se-ia em erro crendo que fazemos da revelação de mundos desconhecidos o objeto capital da Doutrina; isso não será sempre, para nós, senão um acessório, mas um acessório que cremos útil como complemento de estudo; o principal será sempre, para nós, o ensinamento moral, e, nas comunicações de além-túmulo, procuramos sobretudo o que pode esclarecer a Humanidade e conduzi-la para o bem, único meio de assegurar sua felicidade neste mundo e no outro. Não se poderia dizer o mesmo dos astrônomos que, eles também, sondam os espaços e se perguntar em que pode ser útil, para o bem da Humanidade, saber calcular com uma precisão rigorosa a parábola de um astro invisível? Todas as ciências não têm, pois, um interesse eminentemente prático, e todavia não vem ao pensamento de ninguém tratá-las com desdém, porque tudo o que alarga o círculo das idéias contribui para o progresso. Ocorre o mesmo com as comunicações espíritas, mesmo quando saem do círculo estreito da nossa personalidade.

*

**As habitações do planeta Júpiter
Revista Espírita, agosto de 1858
(pelo senhor Victorien Sardou)**

Um grande motivo de espanto para certas pessoas, convencidas, aliás, da existência dos Espíritos (não vou aqui me ocupar das outras), é que tenham, os Espíritos, como nós, suas habitações e suas cidades. Não me pouparam as críticas: "Casas de Espíritos em Júpiter!... Que piada!..." – Piada – Que assim o seja, se o deseja; nada tenho com isso. Se o leitor não encontra aqui, na verossimilhança de explicações, uma prova suficiente de sua verdade; se não está surpreso, como nós, quanto ao perfeito acordo dessas revelações espíritas com

os dados mais positivos da ciência astronômica; se não vê, numa palavra, senão uma hábil mistificação nos detalhes que seguem e nos desenhos que os acompanham, convido-o a se explicar com os Espíritos, dos quais não sou senão um instrumento e o eco fiel. Que ele evoque Palissy ou Mozart ou um outro habitante dessa morada bem-aventurada, que o interroge, que controle minhas afirmações pelas suas, enfim, que discuta com ele: porque, por mim, não faço senão apresentar aqui o que me foi dado, senão repetir o que me foi dito; e para esse papel absolutamente passivo, creio-me ao abrigo tanto da censura como também do elogio.

Feita essa ressalva, e uma vez admitida a confiança nos Espíritos, se se aceitar como verdadeira a única doutrina verdadeiramente bela e sábia que a evocação dos mortos nos revelou até hoje, quer dizer, a migração das almas de planetas em planetas, suas encarnações sucessivas e seu progresso incessante pelo trabalho, as habitações de Júpiter não terão mais motivo para nos espantar. Desde o momento em que um Espírito se encarna em um mundo submetido, como o nosso, a uma dupla revolução, quer dizer, à alternativa de dias e de noites e ao retorno periódico das estações, desde que o Espírito possui um corpo, esse envoltório material, por mais frágil que seja, não pede senão uma alimentação e roupas, mas também um abrigo ou, pelo menos, um lugar de repouso, conseqüentemente uma habitação.

Com efeito, é bem o que nos foi dito. Como nós, e melhor do que nós, os habitantes de Júpiter têm seus lares comuns e suas famílias, grupos harmônicos de Espíritos simpáticos, unidos no triunfo depois de sê-lo na luta: daí as habitações tão espaçosas, as quais se pode aplicar, com justiça, o nome de *palácios*. Ainda como nós, esses Espíritos têm suas festas, suas cerimônias, suas reuniões públicas: daí certos edifícios especialmente destinados a esses usos. É preciso prever, enfim, encontrar nessas regiões superiores toda uma Humanidade ativa e laboriosa, como a nossa, submetida como nós às suas leis, às suas necessidades, aos seus deveres; mas com essa diferença de que o progresso, rebelde aos nossos esforços, torna-se uma conquista fácil para os Espíritos desligados, como eles o são, de nossos vícios terrestres.

Não deveria me ocupar aqui senão da arquitetura das suas habitações, mas para a boa compreensão dos detalhes que vão seguir, uma palavra de explicação não será inútil. Se Júpiter não é abordável senão pelos bons Espíritos, não se segue que seus habitantes sejam todos excelentes no mesmo grau: entre a bondade do simples e a do homem de gênio, é permitido contar muitas nuances. Ora, toda a organização social desse mundo superior repousa precisamente sobre essas variedades de inteligências e de aptidões; e, em razão de leis harmoniosas, que seria muito longo explicar aqui, aos Espíritos mais elevados, os mais depurados, é que pertence a alta direção de seu planeta. Essa supremacia não se detém aí; ela se estende até os mundos inferiores, onde esses Espíritos, por suas influências, favorecem e ativam sem cessar o progresso religioso, gerador de todos os outros. É necessário acrescentar que, para esses Espíritos depurados, não poderia ser questão senão de trabalho de inteligência, que suas atividades se exercem apenas no campo do pensamento e eles já adquiriram bastante domínio sobre a matéria para não serem, senão fracamente, entravados por ela no livre exercício de suas vontades. O corpo de todos esses Espíritos, e, aliás, de todos os Espíritos que habitam Júpiter, é de uma densidade tão

leve que não se pode lhe encontrar termo de comparação senão nos fluidos imponderáveis; um pouco maior do que o nosso, do qual reproduz exatamente a forma, porém mais pura e mais bela, se nos oferece sob a aparência de um vapor (emprego com pesar essa palavra que designa uma substância ainda muito grosseira), de um vapor, digo, imperceptível e luminoso, luminoso sobretudo nos contornos do rosto e da cabeça; porque aqui a inteligência e a vida irradiam como um foco ardente; e é bem esse clarão magnético entrevisto pelos visionários cristãos e que nossos pintores traduziram pelo nimbo e pela auréola dos santos.

Concebe-se que um tal corpo não dificulte, senão fracamente, as comunicações extramundanas desses Espíritos, e que lhes permite mesmo, em seu planeta, um deslocamento pronto e fácil. Ele escapa tão facilmente à atração planetária e sua densidade difere tão pouco da atmosfera, que pode aí se mover, ir e vir, descer ou subir, ao capricho do Espírito e sem outro esforço que o da sua vontade. Tanto que algumas personagens que Palissy consentiu me fazer desenhar, estão representadas ao rasante do solo, ou à flor da água, ou muito elevadas no ar, com toda liberdade de ação e de movimentos que emprestamos aos nossos anjos. Essa locomoção é tanto mais fácil para o Espírito quanto mais esteja depurado, e isso se concebe sem dificuldade; também nada é mais fácil, aos habitantes do planeta, que estimar, à primeira vista, o valor de um Espírito que passa; dois sinais falarão por ele: a altura do seu vôo e a luz mais ou menos brilhante de sua auréola.

Em Júpiter, como por toda parte, aqueles que voam mais alto são os mais raros; abaixo deles, é preciso contar várias camadas de Espíritos inferiores, em virtude como em poder, mas naturalmente livres para igualá-los, um dia, em se aperfeiçoando. Escalonados e classificados segundo seus méritos, estes são votados mais particularmente aos trabalhos que interessam ao próprio planeta, e não exercem, sobre os mundos inferiores, a autoridade todopoderosa dos primeiros. Eles respondem, é verdade, a uma evocação, com palavras sábias e boas, mas à pressa que tem em nos deixar, ao laconismo de suas palavras, é fácil de compreender que têm muito a fazer alhures, e que não estão ainda bastante libertos para irradiarem, ao mesmo tempo, sobre dois pontos tão distantes um do outro. Enfim, depois dos menos perfeitos desses Espíritos, mas separados deles por um abismo, vêm os animais que, como os únicos serviços e os únicos obreiros do planeta, merecem uma menção toda especial.

Se designamos sob esse nome de *animais* os seres bizarros que ocupam a base da escala, foi porque os próprios Espíritos o puseram em uso e, aliás, nossa própria língua não tem termo melhor para nos oferecer. Essa designação os deprecia um pouco para baixo; mas chamá-los de homens seria fazer-lhes muita honra: com efeito, são Espíritos votados à animalidade, talvez por longo tempo, talvez para sempre; porque nem todos os Espíritos estão de acordo sobre esse ponto, e a solução do problema parece pertencer a mundos mais elevados do que Júpiter, mas, qualquer que seja o seu futuro, não há com que se enganar quanto ao seu passado. Esses Espíritos, antes de irem para lá, emigraram sucessivamente em nossos baixos mundos, do corpo de um animal para o de um outro, em uma escala de aperfeiçoamento perfeitamente graduada. O estudo atento dos nossos animais terrestres, seus costumes, seus caracteres indi-

viduais, sua ferocidade longe do homem, e sua domesticação lenta mas sempre possível, tudo isso atesta suficientemente a realidade dessa ascensão animal.

Assim, para qualquer lado que se volte, a harmonia do Universo se resume sempre numa única lei: o *progresso* por toda parte e para todos, para o animal como para a planta, para a planta como para o mineral; progresso puramente material no início, nas moléculas insensíveis do metal ou do calhau, e mais e mais inteligente à medida que remontamos à escala dos seres e que a individualidade tende a se libertar da massa, a se afirmar, a se conhecer. - Pensamento elevado e consolador, como jamais o houve; porque prova que nada é sacrificado, que a recompensa é sempre proporcional ao progresso alcançado; por exemplo, que o devotamento do cão que morre por seu senhor não será estéril para o seu Espírito, porque terá seu justo salário além deste mundo.

É o caso dos Espíritos animais que povoam Júpiter; aperfeiçoaram-se ao mesmo tempo que nós, conosco e com a nossa ajuda. A lei é mais admirável ainda: ela faz tão bem do seu devotamento ao homem a primeira condição para a sua ascensão planetária, que a vontade de um Espírito de Júpiter pode chamar para si todo animal que, em uma das suas vidas anteriores, lhe haja dado provas de afeição. Essas simpatias que formam, no Mais Alto, famílias de Espíritos, agrupam também, ao redor das famílias, todo um cortejo de animais devotados. Por conseqüência, nosso apego neste mundo por um animal, o cuidado que tomamos para abrandá-lo e humanizá-lo, tudo isso tem a sua razão de ser, tudo isso será pago: é um bom servidor que formamos antecipadamente para um mundo melhor.

Será também um operário; porque aos seus semelhantes está reservado todo trabalho material, toda tarefa corporal: fardo ou alvenaria, sementeira ou colheita. E, para tudo isso, a Suprema Inteligência proveu por um corpo que participa, ao mesmo tempo, das vantagens do animal e das do homem. Isso podemos julgar por um esboço de Palissy, que representa alguns desses animais muito atentos a jogarem bolas. Eu não poderia melhor compará-los senão aos faunos e aos sátiros da Fábula; o corpo ligeiramente peludo é, todavia apumado como o nosso; as patas desapareceram em alguns para darem lugar a certas pernas que lembram ainda a forma primitiva, os dois braços robustos, singularmente ligados e terminados por duas verdadeiras mãos, se nelas considerarmos a oposição dos polegares. Coisa bizarra, a cabeça, ao contrário, não é tão aperfeiçoada quanto o resto! Assim, a fisionomia reflete bem alguma coisa de humano, mas o crânio, mas o maxilar e, sobretudo, a orelha, nada têm que diferem sensivelmente do animal terrestre; fácil é, pois, distingui-los entre si: este é um cão, aquele um leão. Propriamente vestidos com blusas e vestes muito semelhantes às nossas, só lhes falta a palavra para lembrarem, de muito perto, certos homens deste mundo; mas, eis precisamente o que lhes falta e aquilo eles não poderiam fazer.

Hábeis para se compreenderem entre si por uma linguagem que nada tem da nossa, não se enganam mais sobre as intenções dos Espíritos que os comandam; um olhar, um gesto bastam. A certos impulsos magnéticos, dos quais nossos domadores de animais já têm o segredo, o animal adivinha e obedece sem murmurar, e o que é mais, *de bom grado*, porque está sob o encanto. Assim é que se lhe impõe toda grande tarefa, e que com a sua ajuda tudo funciona regularmente de um extremo ao outro da escala social: o Espírito eleva-

do pensa, delibera, o Espírito inferior aplica com a sua própria iniciativa, o animal executa. Assim a concepção, a execução e o fato se unem numa mesma harmonia, e conduzem todas as coisas para seu fim mais próprio, pelos meios mais simples e mais seguros.

Peço desculpas por esta digressão: era indispensável ao meu objetivo, que agora posso abordar.

À espera dos mapas prometidos, que facilitarão singularmente o estudo de todo o planeta, podemos, pelas descrições feitas pelos Espíritos, fazermos uma idéia de sua grande cidade, da cidade por excelência, desse foco de luz e de atividade que concordam em designar sob o nome, estranhamente latino, de *Julnius*.

"No maior de nossos continentes, disse Palissy, em um vale de setecentas a oitocentas léguas de largura, para contar como vós, um rio magnífico descendo das montanhas do norte, e aumentado por uma multidão de torrentes e de ribeirões, forma, em seu percurso, sete a oito lagos, dos quais o menor mereceria, entre vós, o nome de *mar*. Foi sobre as margens do maior desses lagos, batizado por nós com o nome de *a Pérola*, que nossos ancestrais lançaram os primeiros fundamentos de Julnius. Essa cidade primitiva ainda existe, venerada e conservada como uma preciosa relíquia. Sua arquitetura difere muito da nossa. Explicar-te-ei tudo isso a seu tempo: saiba apenas que a cidade moderna está a uns cem metros mais abaixo da antiga. O lago, encaixado nas altas montanhas, se derrama no vale por oito cataratas enormes, que formam igualmente correntes isoladas e dispersas em todos os sentidos. Com a ajuda dessas correntes, nós mesmos cavamos, na planície, uma multidão de riachos, de canais e de tanques, não reservando a terra firme senão para nossas casas e nossos jardins. Disso resultou uma espécie de cidade anfíbia, como vossa Veneza, e da qual não se poderia dizer, à primeira vista, se está edificada sobre a terra ou sobre a água. Não te digo nada hoje de quatro edifícios sagrados, construídos sobre a própria vertente das cataratas, de sorte que a água jorra em abundância de seus pórticos: aí estão obras que vos pareceriam inacreditáveis pela grandeza e audácia.

"É a cidade *terrestre* que descrevo aqui, a cidade de alguma sorte material, a das ocupações planetárias, a que chamamos, enfim, a *Cidade baixa*. Ela tem suas ruas, ou antes, seus caminhos, traçados para o serviço interno; tem suas praças públicas, seus pórticos e suas pontes lançadas sobre os canais para a passagem dos servidores. Mas a cidade inteligente, a cidade espiritual, a verdadeira Julnius, enfim, não é no solo que é preciso procurá-la, é no ar.

"Ao corpo material de nossos animais, incapazes de voarem, (É preciso, todavia, deles excetar certos animais munidos de asas e reservados para o serviço aéreo, e para os trabalhos que exigiriam, entre nós, o emprego de madeiramentos. São uma transformação da ave, como os animais descritos mais acima são uma transformação dos quadrúpedes.), é preciso a terra firme; mas o que nosso corpo fluídico e luminoso exige, é uma residência aérea como ele, quase impalpável e móvel ao gosto de nosso capricho. Nossa habilidade resolveu esse problema, com a ajuda do tempo e das condições privilegiadas que o Grande Arquiteto nos havia dado. Compreenda bem que essa conquista dos ares era indispensável a Espíritos como os nossos. Nosso dia é de cinco horas, e nossa noite de cinco horas igualmente; mas tudo é relativo, e para seres prontos para pensarem e agirem como nós o somos, pa-

ra Espíritos que se compreendem pela linguagem dos olhos e que sabem se comunicar, magneticamente, à distância, nosso dia de cinco horas igualaria já em atividade uma de vossas semanas. Era ainda muito pouco, na nossa opinião; e a imobilidade da morada, o ponto fixo da sede era um entrave para todas as nossas grandes obras. Hoje, pelo deslocamento fácil dessas moradas de pássaros, pela possibilidade de transportar, nós e os outros, em tal lugar do planeta e tal hora do dia que nos aprazasse, nossa existência é pelo menos dobrada, e com ela tudo o que pode criar de útil e de grande.

“Em certas épocas do ano”, acrescentou o Espírito, “em certas festas, por exemplo, verias aqui o céu obscurecido pelo enxame de habitações que vêm de todos os pontos do horizonte. É um curioso conjunto de casas esbeltas, graciosas e leves, de toda forma, de toda cor, balançando em toda altura, e continuamente a caminho da *cidade baixa* para a *cidade celeste*: Alguns dias depois o vazio se faz pouco a pouco e todos esses pássaros somem”.

Nada falta a essas moradias flutuantes, nem mesmo o encanto da verdura e das flores. Falo de uma vegetação sem exemplo entre vós, de plantas, de arbustos mesmo destinados, pela natureza de seus órgãos, a respirar, a se alimentar, a viver, a se reproduzir no ar.

“Nós temos”, disse o mesmo Espírito, “dessas moitas de flores enormes, das quais não poderíeis imaginar nem as formas nem as nuances, e de uma leveza de tecido que as torna quase transparentes. Balançando no ar, onde longas folhas as sustentam, e armadas de gavinhas semelhantes às da videira, se reúnem em nuvens de mil tintas ou se dispersam ao sabor do vento, e preparam encantador espetáculo aos passeadores da *cidade baixa*... imagine a graça dessas jangadas de verdura, desses jardins flutuantes que nossa vontade pode fazer e desfazer e que duram, às vezes, toda uma estação! Longas fiadas de cipó de ramos floridos se destacam dessas alturas e pendem até o solo, pencas enormes se agitam sacudindo seus perfumes e suas pétalas que se desfolham... Os Espíritos que atravessam o ar aí se detêm na passagem: é um lugar de repouso e de reencontro, e, querendo-se, um meio de transporte para rematar a viagem sem fadiga e em companhia.”

Um outro Espírito estava sentado sobre uma dessas flores no momento em que eu o evoquei. Disse-me ele:

“Nesse momento”, disse-me ele, “é noite em Julnius, estou sentado à distância sobre uma dessas flores do ar que não desabrocham aqui senão à clareza de nossas luas. Sob meus pés toda *cidade baixa* dorme; mas sobre minha cabeça e ao meu redor, a perder de vista, não há senão movimento e alegria no espaço. Dormimos pouco: nossa alma é muito despreendida para que as necessidades do corpo sejam tirânicas; e a noite é antes feita para nossos servidores do que para nós. É a hora das visitas e das longas conversas, de passeios solitários, dos devaneios, da música. Não vejo senão moradas aéreas resplandecentes de luzes ou jangadas de folhas e de flores carregadas de bandos alegres... A primeira de nossas ruas clareia toda a *cidade baixa*: é uma doce luz comparável a de vosso luar; mas, do lado do lago, a segunda se eleva, e esta tem reflexos esverdeados que dão a todo o rio o aspecto de um grande grama-do...”

“É sobre a margem direita desse rio, cuja água”, disse o Espírito, “te ofereceria a consistência de um leve vapor (A densidade de Júpiter sendo de 0,23, quer dizer, um pouco menos de um quarto da Terra, o Espírito nada disse aqui senão de muito verossímil. Concebe-se que tudo é relativo, e que sobre esse globo etéreo tudo seja etéreo como ele.)” que está construída a casa de Mozart, que Palissy consentiu fazer-me desenhar sobre cobre. Não dou aqui senão a fachada sul. A grande entrada está à esquerda, sobre a planície; à direita está o rio; ao norte e ao sul estão os jardins. Perguntei a Mozart quem eram os seus vizinhos. – “Do lado de cima e do de baixo, há dois Espíritos que não conheces; mas à esquerda, não estou separado senão por uma grande campina do jardim de Cervantes.”

A casa tem, pois, quatro faces como as nossas, do que seria errado, todavia, fazer uma regra geral. Ela está construída com uma certa pedra que os animais tiram das pedreiras do norte, é das quais o Espírito compara a cor a esses tons esverdeados que toma, frequentemente, o azul do céu no momento em que o sol se deita. Quanto à sua duração pode-se dela fazer uma idéia por esta observação de Palissy, “que ela derreteria sob nossos dedos humanos tão rápida quanto um floco de neve: ainda está aí uma das matérias mais resistentes do planeta! Sobre essa parede os Espíritos esculpíram ou incrustaram os estranhos arabescos que nosso desenho procura reproduzir. São ou ornamentos escavados nas pedras e coloridos em seguida, ou incrustações limitadas à solidez da pedra verde, por um procedimento que está muito em voga agora, e que conserva nos vegetais toda a graça de seus contornos, toda a finura de seus tecidos, toda a riqueza de seu colorido. “Uma descoberta”, acrescentou o Espírito, “que fareis algum dia e que mudará entre vós muitas coisas.”

A grande janela da direita apresenta um exemplo de gênero de ornamentação, uma de suas bordas não é outra coisa senão um caniço enorme do qual se conservaram as folhas. Ocorre o mesmo com o coroamento da janela principal, que apresenta a forma de claves de sol: são plantas sarmentosas enlaçadas e petrificadas. É por esse procedimento que eles obtêm a maioria dos coroamentos de edifícios, de grades, de balaústres, etc. Frequentemente mesmo, a planta é colocada na parede, com suas raízes, em condições de crescer livremente. Ela cresce, se desenvolve; suas folhas desabrocham ao acaso, e o artista não a congela no lugar senão quando adquiriu todo o desenvolvimento desejado para a ornamentação do edifício: a casa de Palissy é quase inteiramente decorada desse modo.

Destinada primeiro unicamente aos móveis, depois às molduras de portas e de janelas, esse gênero de ornamento se aperfeiçoou pouco a pouco e acabou por invadir toda a arquitetura. Hoje, não são apenas a flor e o arbusto que se petrificam no estado, mas a própria árvore da raiz ao topo; e os palácios, como os edifícios sagrados praticamente não têm outras colunas.

Uma petrificação da mesma natureza serve também para a decoração das janelas. De flores ou de folhas muito amplas, são habilmente despojadas de sua parte carnuda: não resta mais do que uma rede de fibras, tão fina quanto a mais fina musselina. E cristalizada, e dessas folhas unidas com arte, constrói-se toda uma janela, que não deixa filtrar, para o interior, senão uma luz muito doce: ou bem as reveste com uma espécie de vidro líquido e colorido com todas as nuances, que se endurece no ar e que transforma a folha em uma espécie

de vidraça. Do conjunto dessas folhas resultam, para janelas, encantadores bosquezinhos transparentes e luminosos.

Quanto às dimensões dessas aberturas, e a mil outros detalhes que podem surpreender ao primeiro contato, sou forçado a adiar-lhes a explicação: a história da arquitetura em Júpiter exigiria um volume inteiro. Renuncio igualmente a falar do mobiliário, para não me ater aqui senão à disposição geral da casa.

O leitor deve ter compreendido, depois de tudo o que precede, que a casa do continente não deve ser, para o Espírito senão uma espécie de pequena casa de passagem. A *cidade baixa* não é quase freqüentada senão por Espíritos de segunda ordem, encarregados dos interesses planetários, da agricultura, por exemplo, ou das trocas, e da boa ordem a manter entre os servidores. Também todas as casas que repousam sobre o solo, geralmente, não têm senão um térreo e um andar: um destinado aos Espíritos que agem sob a direção do senhor, e acessível aos animais; o outro, reservado só ao Espírito, que nele não mora senão ocasionalmente. É isso que explica por que vemos, nas várias casas de Júpiter, nesta por exemplo, e na de Zoroastro, uma escada e mesmo uma rampa. Aquele que rasa a água como uma andorinha, e que pode correr sobre as hastes de trigo sem curvá-las, dispensa muito bem escada e rampa para entrar em sua casa; mas os Espíritos inferiores não têm o vôo tão fácil: não se elevam senão aos solavancos, e a rampa não lhes é sempre inútil. Enfim, a escadaria é absoluta necessidade para os animais serviçais, que não caminham senão como nós. Estes últimos têm também seus compartimentos, muito elegantes, de resto, que fazem parte de todas as grandes habitações; mas suas funções os chamam, constantemente, à casa do senhor: é preciso facilitar-lhes a entrada e o percurso interior. Daí essas construções bizarras, que, pela base, assemelham-se ainda aos nossos edifícios terrestres, e que deles diferem inteiramente na parte superior.

Esta se distingue, sobretudo, por uma originalidade que seríamos incapazes de imitar. É uma espécie de flecha aérea que se balança sobre o alto do edifício, acima da grande janela de seu original coroamento. Esta gávea delicada, fácil de deslocar, e todavia destinada, no pensamento do artista, a não deixar o lugar que lhe foi assinalado, porque sem repousar em nada sobre o cume, completa-lhe, no entanto, a decoração, e lamento que a dimensão da prancha não haja permitido que nela encontrasse lugar. Quanto à morada de Mozart não tenho aqui senão que constatar-lhe a existência: os limites desse artigo não me permitem estender-me sobre esse assunto.

Não terminaria, todavia, sem me explicar, de passagem, sobre o gênero de ornamentos que o grande artista escolheu para a sua moradia. É fácil neles reconhecer a lembrança de nossa música terrestre: a clave de *sol* aí está freqüentemente repetida, e, coisa original, jamais a clave de *fá*!. Na decoração do térreo encontramos um arco de violino, uma espécie de grande alaúde ou de bandolim, uma lira e toda uma pauta musical. Mais alto, é uma grande janela que lembra, vagamente, a forma de um órgão; os outros têm aparência de grandes notas, e notas mais pequenas são abundantes por sobre toda a fachada.

Seria erro disso concluir que a música de Júpiter seja comparável à nossa, e que se conta pelos mesmos sinais: Mozart explicou-se sobre ela de

modo a não deixar dúvidas a esse respeito; mas os Espíritos lembram, de bom grado, na decoração de suas casas, a missão terrestre que lhes mereceu a encarnação em Júpiter e que resume melhor o caráter de sua inteligência. Assim, na casa de Zoroastro são os astros e a chama que fazem todos os detalhes da decoração.

Há mais; parece que esse simbolismo tem suas regras e seus segredos. Todos esses ornamentos não estão dispostos ao acaso: têm sua ordem lógica e sua significação precisa; mas é uma arte que os Espíritos de Júpiter renunciam em nos fazer compreender, pelo menos até este dia, e sobre a qual não se explicam de bom grado. Nossos velhos arquitetos empregaram também o simbolismo na decoração de suas catedrais; e a torre de Saint-Jacques não é nada menos que um poema hermético, se se crê na tradição. Nada há, pois, para nos espantar na estranheza e na decoração arquitetônica em Júpiter; se ela contradiz nossas idéias quanto à arte humana, é que há, com efeito, todo um abismo entre uma arquitetura que vive e que fala e uma alvenaria, como a nossa, que nada prova. Nisso, como em toda outra coisa, a prudência nos proíbe esse erro do relativo que quer tudo conduzir às proporções e aos hábitos do homem terrestre. Se os habitantes de Júpiter estivessem alojados como nós, se comessem, vivessem, dormissem e andassem como nós, não haveria grande proveito em subir para lá. É bem porque seu planeta difere absolutamente do nosso que desejamos conhecê-lo, e sonhá-lo como nossa futura morada!

De minha parte, não perderia o meu tempo e estaria bem feliz por terem os Espíritos me escolhido para seu intérprete, se seus desenhos e suas descrições inspirarem, a um único crente, o desejo de subir mais rápido para Julius, e a coragem de tudo fazer para isso conseguir.

VICTORIEN SARDOU.

O autor dessa interessante descrição é um desses adeptos fervorosos e *esclarecidos* que não temem confessar francamente suas crenças, e se coloca acima da crítica de pessoas que não crêem em nada daquilo que sai do círculo de suas idéias. Ligar seu nome a uma doutrina nova, desafiando os sarcasmos, é uma coragem que não é dada a todo mundo, e felicitamos o senhor V. Sardou por tê-la. Seu trabalho revela o escritor distinto que, embora jovem ainda, já conquistou um lugar honroso na literatura, e une ao talento de escrever, os profundos conhecimentos de sábio; nova prova que o Espiritismo não recruta entre os tolos e os ignorantes. Fazemos votos para que o senhor Sardou complete, o mais rápido possível, seu trabalho tão felizmente começado. Se os astrônomos nos revelam, por suas sábias pesquisas, o mecanismo do Universo, os Espíritos, por suas revelações, nos fazem conhecer o seu estado moral e isso, como eles dizem, com o objetivo de nos estimular ao bem, a fim de merecermos uma existência melhor.

Allan Kardec.

*

REVISTA ESPÍRITA

OUTUBRO/1860

Marte

(Médium, senhora Costel.)

Marte é um planeta inferior à Terra, da qual é um esboço grosseiro; não é necessário habitá-lo. Marte é a primeira encarnação dos demônios mais grosseiros; os seres que o habitam são rudimentares; têm a forma humana, mas sem nenhuma beleza; têm todos os instintos do homem sem o enobrecimento da bondade.

Entregues às necessidades materiais, eles bebem, comem, lutam, acasalam-se. Mas como Deus não abandona nenhuma de suas criaturas, no fundo das trevas de sua inteligência jaz, latente, o vago conhecimento de si mesmo, mais ou menos desenvolvido. Esse instinto basta para torná-los superiores uns aos outros, e preparar a sua eclosão para uma vida mais completa. A sua é curta, como a dos insetos efêmeros. Os homens, que não são senão matéria, desaparecem depois de uma curta duração. Deus tem horror ao mal, e não o tolera senão como servindo de princípio ao bem; abrevia o seu reino e a ressurreição triunfa dele.

Neste planeta a terra é árida; pouca verdura; uma folhagem sombria que a primavera não rejuvenesce; um dia igual e cinzento; o sol, apenas aparente, nunca prodigaliza as suas festas; o tempo escoia monótono, sem as alternativas e as esperanças das estações novas; não há inverno, não há verão. O dia, mais curto, não se mede do mesmo modo; a noite reina mais longa. Sem indústrias, sem invenções, os habitantes de Marte gastam sua vida para conquista de seu alimento. Suas moradias grosseiras, baixas como covil de feras, são repelentes pela incúria e pela desordem que aí reinam. As mulheres penam mais que os homens; mais abandonadas, mais famélicas, não são senão suas fêmeas. Elas têm apenas o sentimento maternal; dão à luz com facilidade, sem nenhuma angústia; alimentam e guardam suas crianças junto delas até o completo desenvolvimento de suas forças, e as repelem sem remorso, sem saudade.

Eles não são canibais; suas contínuas batalhas não têm por objetivo senão a posse de um terreno mais ou menos abundante em caça. Caçam em planícies intermináveis. Inquietos e móveis como os seres desprovidos de inteligência, se deslocam sem cessar. A igualdade de sua estação, por toda a parte a mesma, comporta por consequência as mesmas necessidades e as mesmas ocupações; há pouca diferença entre os habitantes de um hemisfério a outro.

A morte não tem para eles nem terror nem mistério; consideram somente como a podridão do corpo que queimam imediatamente. Quando um desses homens vai morrer, ele é logo abandonado e sozinho, estendido, pensa pela primeira vez; um vago instinto se apodera dele; como a andorinha advertida de sua próxima migração, ele sente que tudo não está acabado, que vai recommençar alguma coisa desconhecida. Ele não é bastante inteligente para supor, temer ou esperar, mas calcula às pressas suas vitórias e derrotas; pensa num número de animais que abateu, e se regozija ou se aflige segundo os resultados obtidos. Sua mulher (eles não têm mais que uma cada vez, mas podem mudar tanto quanto lhes sejam conveniente) agacha-se sobre o limiar da porta, lança pedras no ar; quando formam um pequeno montículo, ela julga que chegou a hora e se arrisca a olhar para dentro; se suas previsões se tiverem realizadas, se o homem está morto, ela entra sem um grito, sem uma lágrima, despoja-o das

peles de animais que o envolve, e vai friamente advertir seus vizinhos que carreguem o corpo e o queimem, apenas resfriado.

Os animais, que suportam por toda parte o reflexo humano, são mais selvagens, mais cruéis do que em qualquer outro lugar. O cão e o lobo não são senão uma mesma espécie, e sem cessarem em luta com o homem, se entregam a combates encarniçados. Aliás, menos numerosos, menos variados sobre a Terra, os animais são a miniatura deles mesmos.

Os elementos têm a cólera cega do caos; o mar furioso separa os continentes sem navegação possível; o vento ruga e curva as árvores até o solo. As águas submergem as terras ingratas que não fecundam. O terreno não oferece as mesmas condições geológicas da Terra; o fogo não o aquece; os vulcões são ali desconhecidos; as montanhas, apenas elevadas, não oferecem nenhuma beleza; elas cansam o olhar e desencorajam a exploração; por toda a parte, enfim, monotonia e violência; por toda a parte, a flor sem cor e sem perfume, por toda a parte homens sem previdência, matando para viver.

Georges.

Nota. Por servir de transição entre o quadro de Marte e de Júpiter, seria necessário o de um mundo intermediário, da Terra, por exemplo, mas que conhecemos suficientemente. Em observando-a, é fácil reconhecer que mais se aproxima de Marte do que de Júpiter, pois que no seio mesmo da civilização se encontram ainda seres tão abjetos e tão desprovidos de sentimentos e de humanidade, que vivem no mais absoluto embrutecimento, não pensam senão nas necessidades materiais, sem nunca terem voltado seus olhos para o céu, e que parecem virem de Marte em linha direta.

Júpiter

(Médium, senhora Costel.)

O planeta Júpiter, infinitamente maior do que a Terra, não apresenta o mesmo aspecto. Ele está inundado de uma luz pura e brilhante, que ilumina sem ofuscar. As árvores, as flores, os insetos, os animais dos quais os vossos são o ponto de partida, ali são enobrecidos e aperfeiçoados; ali a natureza é mais grandiosa e mais variada, a temperatura é igual e deliciosa; a harmonia das esferas encanta os olhos e os ouvidos. A forma dos seres que o habitam é a mesma que a vossa, mas embelezada, aperfeiçoada, e sobretudo purificada. Não estamos submetidos às condições materiais de vossa natureza: não temos nem as necessidades, nem as enfermidades que lhes são as conseqüências. Somos almas revestidas de um envoltório diáfano que conserva as marcas das nossas migrações passadas: aparecemos aos nossos amigos tais como nos conheceram, mas iluminados por uma luz divina, transfigurados pelas nossas impressões interiores que sempre são elevadas.

Júpiter é dividido, como a Terra, em um grande número de regiões variadas de aspecto, mas não de clima. As diferenças de condições ali são estabelecidas unicamente pela superioridade moral e inteligente; não há nem senhores nem escravos; os graus mais elevados não são marcados senão pelas comunicações mais diretas e mais freqüentes com os Espíritos puros, e pelas funções mais importantes que nos são confiadas. Vossas habitações não podem vos dar nenhuma idéia das nossas, uma vez que não temos as mesmas necessi-

dades. Cultivamos artes chegadas a um grau de perfeição desconhecido entre vós. Gozamos de espetáculos sublimes, entre os quais o que admiramos mais à medida que o compreendemos melhor, é a inesgotável variedade da Criação, variedades harmoniosas que têm o mesmo ponto de partida e se aperfeiçoam no mesmo sentido. Todos os sentimentos ternos e elevados da natureza humana, nós os encontramos aumentados e purificados, o desejo incessante que temos de chegar à classe dos puros Espíritos não é um tormento, mas uma nobre ambição que nos impele a nos aperfeiçoarmos. Estudamos incessantemente, com amor, para sermos elevados até eles, o que fazem também os seres inferiores para chegarem a nos igualar. Os vossos pequenos ódios, os vossos mesquinhos ciúmes nos são desconhecidos; um laço de amor e fraternidade nos une: os mais fortes ajudam os mais fracos. No vosso mundo tendes necessidade da sombra do mal para sentir o bem, da noite para admirar a luz, da enfermidade para apreciar a saúde. Aqui, esses contrastes não são necessários; a eterna luz, a eterna bondade, a eterna calma da alma nos enche de uma eterna alegria. Eis o que o espírito humano tem mais dificuldade de compreender; foi engenhoso para pintar os tormentos do inferno, mas nunca pôde representar as alegrias do céu, e por que isto? Porque sendo inferior, não suportou senão penas e misérias, e não entreviu as claridades celestes; não pode vos falar daquilo que não conhece, como o viajante descreve os países que percorreu. Mas, à medida que se eleva e se depura, o horizonte se ilumina e ele compreende o bem que tem diante de si, como compreendeu o mal que ficou atrás dele.

Outros Espíritos já procuraram vos fazer compreender, tanto quanto a vossa natureza o permite, o estado de mundos felizes, a fim de vos estimular a seguir o único caminho que pode a eles conduzir. Mas há entre vós os que são de tal modo ligados à matéria que preferem ainda as alegrias materiais da Terra, às alegrias puras que esperam o homem que sabe delas desprender-se. Que aí gozem, pois, enquanto aí estão! Porque um triste revés os espera, talvez mesmo desde esta vida. Aqueles que escolhemos por nossos intérpretes são os primeiros a receber a luz; infelizes deles, sobretudo, se não aproveitam o favor que Deus lhes concede, porque a sua justiça pesará sobre eles!

GEORGES.

*

Perguntas e problemas diversos

Revista Espírita, fevereiro de 1861

1. Num mundo superior, como Júpiter ou outro, o Espírito encarnado tem a lembrança de suas existências passadas, bem como a do estado errante? - R. Não; do momento em que o Espírito reveste um envoltório material, ele perde a lembrança de suas existências anteriores.

- Entretanto, o envoltório material em Júpiter é muito pouco denso, e, por essa razão, o Espírito não é mais livre? - R. Sim, mas ele é suficientemente denso para extinguir, no Espírito, a lembrança do passado.

- Então os Espíritos que habitam Júpiter e que se comunicaram conosco se encontravam, naqueles momentos, num estado de sono? - R. Certamente. Naquele mundo, o Espírito sendo muito mais elevado compreende bem melhor Deus e o Universo; mas o seu passado se apaga por enquanto, do contrário, tu-

do isso obscureceria a sua inteligência; e ele mesmo não se compreenderia mais a si mesmo. Seria o homem da África, o da Europa o da América? O da Terra, de Marte ou de Vênus? Não se recordando mais, é ele mesmo, o homem de Júpiter, inteligente, superior, compreendendo Deus, eis tudo.

Nota. Se o esquecimento do passado é necessário num mundo avançado, como o é Júpiter, com mais forte razão deve sê-lo no nosso mundo material. É evidente que a lembrança das nossas existências precedentes traria uma deplorável confusão nas nossas idéias, sem falar de todos os outros inconvenientes que foram assinalados a esse respeito. Tudo o que Deus faz traz a marca da sua sabedoria e da sua bondade; não nos cabe criticá-lo, ainda mesmo quando não compreendamos o objetivo.

2. A senhorita Eugénie, um dos médiuns da Sociedade, oferece uma particularidade notável e de certo modo excepcional, é a prodigiosa volubilidade com a qual escreve, e a prontidão incrível com que os Espíritos, os mais diversos, se comunicam por seu intermédio. Há poucos médiuns com uma tão grande flexibilidade; a que se deve isto? - R. Essa causa se deve antes ao médium do que ao Espírito; este escreveria por um outro médium que iria menos depressa, pela razão de que a natureza de um instrumento não seria mais a mesma. Assim, há médiuns desenhistas, outros que são mais aptos à medicina, etc.; segundo a mediunidade, o Espírito age; é, pois, uma causa física antes do que uma causa moral. Os Espíritos se comunicam tanto mais facilmente por um médium, que tenha neste último uma combinação mais rápida de seu próprio fluido com o do Espírito; presta-se, mais do que outros, à rapidez do pensamento, e o Espírito disso se aproveita como aproveitais de uma viatura rápida quando estais apressados; esta vivacidade de um médium é toda física: seu próprio Espírito nisto não está por nada.

- As qualidades morais de um médium não têm influência? - R. Elas têm uma grande influência nas simpatias dos Espíritos, porque é necessário que saibais que alguns têm uma tal antipatia por certos médiuns, que só vencendo grande repugnância, que se comunicam por eles.

São Luís.

*

REVISTA ESPÍRITA

1863/JANEIRO

BIBLIOGRAFIA. CAMILLE FLAMMARION

A pluralidade dos mundos habitados.

Estudo em que são expostas as condições de habitabilidade das terras celestes, discutidas do ponto de vista da astronomia e da fisiologia; por CAMILLE FLAMMARION, calculador no Observatório imperial de Paris, ligado ao Bureau des longitudes, etc. (1-(1) Brochura grande in-8. Preço: 2 fr.; pelo correio, 2 fr. 10; casa Bachelier, impressora-livraria do Observatoire, 55 cais dos Grands-Augustins.)

Embora não seja relativa ao Espiritismo, nesta obra, o assunto é daqueles que entram no quadro de nossas observações e dos princípios da Doutrina, e nossos leitores nos agradecerão por o termos chamado à sua atenção, persuadidos antecipadamente do poderoso interesse que darão a essa leitura duplamente atraente, pela forma e pelo fundo. Nela encontrarão, confirmada pela ci-

ência, uma das revelações capitais feitas pelos Espíritos. O Sr. Flammarion é um dos membros da Sociedade Espírita de Paris, e seu nome figura como médium em notáveis dissertações assinadas por Galileu, e que publicamos, em setembro último, sob o título de *Estudos Uranográficos*. A esse duplo título estamos felizes de lhe dar uma menção especial, que será ratificada, disso não temos nenhuma dúvida.

O autor dedicou-se a recolher todos os elementos da natureza e apoiar a opinião da pluralidade dos mundos habitados, ao mesmo tempo que combate a opinião contrária. Depois de o haver lido, pergunta-se como é possível colocar em dúvida essa questão. Acrescentemos que as considerações de ordem científica mais elevadas não excluem nem a graça nem a poesia do estilo. Pode-se julgá-lo pela passagem seguinte, onde fala da intuição que a maioria dos homens, em contemplação diante da abóbada celeste, tem da habitabilidade dos mundos:

“... Mas a admiração que nos excita a cena mais emocionante do espetáculo da Natureza se transforma logo em um sentimento indescritível de tristeza, porque somos estranhos a esses mundos onde reina uma solidão aparente, e que não podem fazer nascer a impressão imediata pela qual a vida nos liga à Terra. Sentimos a necessidade de povoar esses globos em aparência esquecidos pela vida, e sobre essas regiões eternamente desertas e silenciosas procuramos olhares que respondam aos nossos. Tal como um ousado navegador explorou por muito tempo em sonhos, os desertos do Oceano, procurando a terra que lhe foi revelada, atravessando com seus olhares de águia as mais vastas distâncias, e transpondo audaciosamente os limites do mundo conhecido, para se perder enfim nas imensas planícies onde o Novo Mundo estava assentado desde períodos seculares. Seu sonho se realizou. Que o nosso se liberte do mistério que o envolve ainda, e sobre a nave do pensamento, subiremos aos céus para procurar outras terras.”

A obra está dividida em três partes; na primeira, intitulada *Estudos Históricos*, o autor passa em revista a inumerável série de sábios e filósofos antigos e modernos, religiosos e profanos, que professaram a doutrina da pluralidade dos mundos, desde Orfeu até Herschel e o sábio Laplace.

“A maioria das seitas gregas”, disse ele, a ensinaram, seja abertamente a todos os seus discípulos, seja em segredo, aos iniciados da filosofia. Se as poesias atribuídas a Orfeu são bem dele, ele pode ser contado como o primeiro que tenha ensinado a pluralidade dos mundos. Está implicitamente encerrada nos versos órficos, onde está dito que cada estrela é um mundo, e notadamente nestas palavras conservadas por Proclus: “Deus edificou uma terra imensa que os imortais chamaram Selene, e que os homens chamam Lua, na qual se elevam um grande número de habitações, de montanhas e de cidades.”

“O primeiro dos gregos que levou o nome de filósofo, Pitágoras, ensinava em público a imobilidade da Terra e o movimento dos astros ao redor dela como centro único da criação, ao passo que declarava aos adeptos avançados de sua doutrina a crença no movimento da Terra como planeta e na pluralidade dos mundos. Mais tarde, Demócrito, Heráclito, Metrodoro de Chio, os mais ilustres de seus discípulos, propagaram do alto da cátedra a opinião de seu mestre, que se tornou a da maioria dos pitagóricos, e da maioria dos filóso-

fos gregos. Filolaus, Nicetas e Heráclito foram os mais ardentes defensores dessa crença; este último ia mesmo até pretender que cada estrela é um mundo que tem, como o nosso, uma terra, uma atmosfera e uma imensa extensão de matéria etérea."

Mais adiante acrescenta:

"A ação benfazeja do Sol", disse Laplace, "faz nascerem os animais e plantas que cobrem a terra; e a analogia nos leva a crer que ela produz efeitos semelhantes sobre os outros planetas; porque não é natural pensar que a matéria da qual vemos a fecundidade se desenvolver de tantos modos, seja estéril sobre um tão grande planeta como Júpiter que, como o globo terrestre, tem seus dias, suas noites e seus anos, e sobre o qual as observações indicam as mudanças que supõem forças muito ativas. O homem, feito para a temperatura que suporta na Terra, não poderia, segundo toda aparência, viver em outros planetas. Mas não deve ali haver uma infinidade de organizações relativas às diversas temperaturas dos globos e dos universos? Se a única diferença dos elementos e dos climas cria tantas variedade nas produções terrestres, quanto mais devem diferenciar as dos planetas e dos satélites!"

A segunda parte é consagrada ao *estudo astronômico* da constituição dos diversos globos celestes, segundo os dados mais positivos da ciência, e do qual resulta que a Terra não está, nem por sua posição, nem por seu volume, nem pelos elementos de que ela se compõe, numa situação excepcional que haja podido lhe valer o privilégio de ser habitada com a exclusão de tantos outros mundos mais favorecidos em vários aspectos. A primeira parte é de erudição, a segunda é de ciência.

A terceira parte trata a questão do ponto de vista da *fisiologia*. As observações astronômicas, fazendo conhecer o movimento das estações, as flutuações da atmosfera, e a variabilidade da temperatura na maioria dos mundos que compõem o nosso turbilhão solar, disso resulta que a Terra está numa das condições menos vantajosas, um daqueles cujos habitantes devem sentir mais vicissitudes, e onde a vida deve ser mais penosa; de onde o autor conclui que não é racional admitir que Deus haja reservado, para a habitação do homem, um dos mundos menos favorecidos, ao passo que aqueles que são os melhores dotados estariam condenados a não abrigar nenhum ser vivo. Tudo isto está estabelecido, não sobre uma idéia sistemática, mas sobre os dados positivos para os quais todas as ciências foram postas em contribuição: astronomia, física, química, meteorologia, geologia, zoologia, fisiologia, mecânica, etc.

"Mas", acrescenta ele, "de todos os planetas, o mais favorecido, sob todos os aspectos, é o magnífico Júpiter, cujas estações, apenas distintas, têm ainda a vantagem de durar doze vezes mais do que as nossas. Esse gigante planetário parece planar nos céus como um desafio aos fracos habitantes da Terra, fazendo-os entrever os quadros pomposos de uma longa e doce existência.

"Para nós, que estamos presos à bolinha terrestre por cadeias que não nos é dado romper, vemos se extinguirem sucessivamente nossos dias com o tempo rápido que os consome, com os caprichosos períodos que os dividem, com suas estações disparatadas, cujo antagonismo se perpetua na desigualdade contínua do dia e da noite, e na inconstância da temperatura."

Depois de um eloqüente quadro das lutas que o homem tem a sustentar contra a Natureza para prover à sua subsistência, das revoluções geológicas que transformam a superfície do globo e ameaçam aniquilá-lo, acrescenta: "Em consequência de tais considerações, pode-se pretender ainda que esse globo seja, mesmo para o homem, o melhor dos mundos possíveis, e que muitos outros corpos celestes não possam lhe ser infinitamente superiores, e reunir melhor do que ele as condições favoráveis ao desenvolvimento e à longa duração da existência humana?"

Depois, conduzindo o leitor através dos mundos no infinito do espaço, fá-lo ver um panorama de tal imensidade, que não se pode impedi-lo de achar ridícula e indigna do poder de Deus a suposição de que entre tantos milhares, nosso pequeno globo, desconhecido até de uma grande parte do nosso sistema planetário, seja a única terra habitada, e nos identificarmos com o pensamento do autor quando disse, ao terminar:

"Ah! se nossa visão fosse bastante penetrante para descobrir, lá onde não distinguimos senão pontos brilhantes sobre o fundo escuro do céu, os sóis resplandecentes que gravitam na extensão, e os mundos habitados que os seguem em seus cursos; se nos fosse dado abarcar sob o golpe de um olhar geral essas miríades de sistemas solidários, e se, avançando com a velocidade da luz, atravessássemos, durante séculos de séculos, esse número ilimitado de sóis e de esferas, sem jamais encontrar nenhum fim para essa imensidade prodigiosa onde Deus faz germinar os mundos e os seres, retornando nossos olhares para trás, mas não sabendo mais em que ponto do infinito encontrar esse grão de pó que se chama Terra, nos deteríamos fascinados e confundidos por um tal espetáculo, e unindo nossa voz ao concerto da natureza universal, diríamos do fundo de nossa alma: Deus poderoso! Como éramos insensatos em crer que não havia nada além da Terra, e que só a nossa pobre morada tinha o privilégio de refletir a tua grandeza e o teu poder!"

Terminaremos, de nossa parte, com uma observação: é que vendo a soma de idéias contidas nessa pequena obra, admira-se que um homem jovem, de uma idade onde outros estão ainda nos bancos da escola, tenha tido tempo de se apropriar delas e, com mais forte razão, as aprofundar. É para nós a prova evidente de que seu Espírito não se acha no início e que, mau grado seu, é assistido por um outro Espírito.

*

TERCEIRO ANO

1) - CADEIRA DE DOCTRINA ESPÍRITA: continuação

O dogma da Criação: a Gênese bíblica em face da Ciência e do Espiritismo. Evolução do princípio inteligente: reinos mineral, vegetal, animal e hominal. O mito de Adão e Eva: o homem terreno e as migrações planetárias.

“O LIVRO DOS ESPÍRITOS”

OS TRÊS REINOS

I – OS MINERAIS E AS PLANTAS

585. Que pensais da divisão da Natureza em três reinos, ou ainda em duas classes: os seres orgânicos e os seres inorgânicos? Alguns fazem da espécie humana um quarto reino. Qual dessas divisões é a preferível?

– Todas são boas; isso depende do ponto de vista. Encarados sob o aspecto material, não há senão seres orgânicos e seres inorgânicos: do ponto de vista moral, há, evidentemente, quatro graus.

Esses quatro graus têm, com efeito, caracteres bem definidos, embora pareçam confundir-se os seus limites. A matéria inerte, que constitui o reino mineral, não possui mais do que uma força mecânica: as plantas, compostas de matéria inerte, são dotadas de vitalidade; os animais, constituídos de matéria inerte e dotados de vitalidade, têm ainda uma espécie de inteligência instintiva, limitada, com a consciência de sua existência e de sua individualidade; o homem, tendo tudo o que existe nas plantas e nos animais, domina todas as outras classes por uma inteligência especial, ilimitada (A inteligência do homem é ilimitada em face da inteligência limitada do animal. O texto francês diz: "indéfinie", geralmente traduzido por indefinida. Embora a palavra indefinida tenha, também em português, o sentido de sem limites, parece-nos que a tradução mais clara é a que fizemos.(N.do T.)), que lhe dá a consciência do seu futuro, a percepção das coisas extra-materiais e o conhecimento de Deus.

586. As plantas têm consciência de sua existência?

- Não. Elas não pensam, não têm mais do que a vida orgânica.

587. As plantas têm sensações; sofrem, quando mutiladas?

– As plantas são fisicamente afetadas por ações sobre a matéria, mas não têm percepções; por conseguinte, não têm a sensação de dor.

588. A força que atrai as plantas, umas para as outras, é independente da sua vontade?

– Sim, pois elas não pensam. É uma força mecânica da matéria que age na matéria: elas não poderiam opor-se.

589. Certas plantas, como a sensitiva e a dionéia, por exemplo, têm movimentos que acusam uma grande sensibilidade, e em alguns casos uma espécie de vontade, como a última, cujos lóbulos apanham a mosca que vem pousar sobre ela para sugar-lhe o suco, e à qual ela parece haver preparado uma armadilha para a matar. Essas plantas são dotadas da faculdade de pensar? Têm uma vontade?

de e formam uma classe intermediária entre a natureza vegetal e a animal? Constituem uma transição de uma para a outra?

– Tudo é transição na Natureza, pelo fato mesmo de que nada é semelhante e no entanto tudo se liga. As plantas não pensam, e por conseguinte não têm vontade. A ostra que se abre e todos os zoófitos não têm pensamento: nada mais possuem que um instinto natural e cego.

O organismo humano nos fornece exemplos de movimentos análogos, sem a participação da vontade, como as funções digestivas e circulatórias. O pílolo se fecha ao contato de certos corpos, para negar-lhes passagem. O mesmo deve acontecer com a sensitiva, na qual os movimentos não implicam absolutamente a necessidade de uma percepção, e menos ainda de uma vontade.

590. Não há nas plantas, como nos animais, um instinto de conservação que as leva a procurar aquilo que lhes pode ser útil e a fugir do que lhes pode prejudicar?

– Há, se o quiserdes, uma espécie de instinto: isso depende da extensão que se atribua a essa palavra; mas é puramente mecânico. Quando, nas reações químicas, vedes dois corpos se unirem, é que eles se afinam, quer dizer, que há afinidade entre eles; mas não chamais a isso de instinto.

591. Nos mundos superiores as plantas são, como os outros seres, de natureza mais perfeita?

– Tudo é mais perfeito: mas as plantas são sempre plantas, como os animais são sempre animais e os homens sempre homens. (Alguma. pessoas fazem desta resposta uma negação da continuidade evolutiva das coisas e dos seres. O leitor deve considerar que a resposta se refere à condição dos mundos superiores, onde há plantas, animais e homens, como nos inferiores, mas em escala avançada. A palavra "sempre" não é empregada aí no sentido de eternidade, mas tão somente para mostrar que os três reinos existem "sempre", em todos os mundos referidos. Aliás, uma frase não poderia contradizer todo o livro. Ver os itens 604, 607 e 607 a. (N.do T.).

II – OS ANIMAIS E O HOMEM

592. Se comparamos o homem e os animais, em relação à inteligência, parece difícil estabelecer a linha de demarcação, porque certos animais têm, nesse terreno, notória superioridade sobre certos homens. Essa linha de demarcação pode ser estabelecida de maneira precisa?

– Sobre esse assunto os vossos filósofos não estão muito de acordo. Uns querem que o homem seja um animal, e outros que o animal seja um homem. Estão todos errados. O homem é um ser à parte, que desce às vezes muito abaixo ou que pode elevar-se muito alto. No físico, o homem é como os animais e menos bem provido que muitos dentre eles; a Natureza lhes deu tudo aquilo que o homem é obrigado a **inventar com a sua inteligência**, para prover às suas necessidades e à sua conservação. Seu corpo se destrói como o dos animais, isto é certo, mas o seu Espírito tem um destino que só ele pode compreender, porque só ele é completamente livre. Pobres homens, que vos rebaixais mais do que os brutos! Não sabeis distinguir-vos deles? Reconheci o homem pelo pensamento de Deus.

593 Podemos dizer que os animais só agem por instinto?

– Ainda nisso há um sistema. É bem verdade que o instinto domina na maioria dos animais: mas não vêes que há os que agem por uma vontade determinada? É que têm inteligência, porém ela é limitada.

Além do instinto, não se poderia negar a certos animais a prática de atos combinados, que denotam a vontade de agir num sentido determinado e de acordo com as circunstâncias. Há neles, portanto, uma espécie de inteligência, mas cujo exercício é mais precisamente concentrado sobre os meios de satisfazer às suas necessidades físicas e prover à conservação. Não há entre eles nenhuma criação, nenhum melhoramento; qualquer que seja a arte que admiremos em seus trabalhos, aquilo que faziam antigamente é o mesmo que fazem hoje, nem melhor nem pior, segundo formas e proporções constantes e invariáveis. Os filhotes separados de sua espécie não deixam de construir o seu ninho de acordo com o mesmo modelo, sem terem sido ensinados. Se alguns são suscetíveis de uma certa educação, esse desenvolvimento intelectual, sempre fechado em estreitos limites, é devido à ação do homem sobre uma natureza flexível, pois não fazem nenhum progresso por si mesmos, e esse progresso é efêmero, puramente individual, porque o animal, abandonado a si próprio, não tarda a voltar aos limites traçados pela Natureza.

594. Os animais têm linguagem?

– Se pensais numa linguagem formada de palavras e de sílabas, não; mas num meio de se comunicarem entre si, então, sim. Eles se dizem muito mais coisas do que supondes, mas a sua linguagem é limitada, como as próprias idéias, às suas necessidades.

594-a. Há animais que não possuem voz; esses não parecem destituídos de linguagem?

– Compreendem-se por outros meios. Vós, homens, não tendes mais do que a palavra para vos comunicardes? E dos mudos, que dizeis? Os animais, sendo dotados da vida de relação, têm meios de se prevenir e de exprimir as sensações que experimentam. Pensas que os peixes não se entendem? O homem não tem o privilégio da linguagem, mas a dos animais é instintiva e limitada pelo círculo exclusivo das suas necessidades e das suas idéias, enquanto a do homem é perfectível e se presta a todas as concepções da sua inteligência.

Realmente, os peixes que emigram em massa, bem como as andorinhas, que obedecem ao guia. devem ter meios de se advertir, de se entender e de se combinar. Talvez o façam entre si, ou talvez a água seja um veículo que lhes transmita certas vibrações. Seja o que for, é incontestável que eles dispõem de meios para se entenderem, da mesma maneira que todos os animais privados de voz, que realizam trabalhos em comum. Deve-se admirar, diante disso, que os Espíritos possam comunicar-se entre eles sem o recurso da palavra articulada? (Ver item 282).

595. Os animais têm livre arbítrio?

– Não são simples máquinas, como supondes (Descartes ensinava que os animais são máquinas, agindo segundo as leis naturais, por não terem espírito. Essa concepção, que no tempo de Kardec era ainda bastante difundido prevalece até hoje entre a maioria das homens. Os espíritos a contestaram, como se vê, e a sua opinião é referendada pelas Ciências. (N. do T.) , mas sua liberdade de ação é limitada pelas suas necessidades, e não pode ser

comparada à do homem. Sendo muito inferiores a este, não têm os mesmos deveres. Sua liberdade é restrita aos atos da vida material.

596. De onde vem a aptidão de certos animais para imitar a linguagem do homem, e por que essa aptidão se encontra mais entre as aves do que entre os símios, por exemplo, cuja conformação tem mais analogia com a daquele?

– Conformação particular dos órgãos vocais, secundada pelo instinto da imitação. O símio imita os gestos; certos pássaros imitam a voz.

597. Pois se os animais têm uma inteligência que lhes dá uma certa liberdade de ação, há neles um princípio independente da matéria?

– Sim, e que sobrevive ao corpo.

597-a. Esse princípio é uma alma semelhante à do homem?

– É também uma alma, se o quiserdes; **isso depende do sentido em que se tome a palavra**; mas é inferior à do homem. Há, entre a alma dos animais e a do homem tanta distância quanto entre a alma do homem e Deus.

598. A alma dos animais conserva após a morte sua individualidade e a consciência de si mesma?

– Sua individualidade, sim, mas não a consciência de si mesma. A vida inteligente permanece em estado latente.

599. A alma dos animais pode escolher a espécie em que prefira encarnar-se?

– Não; ela não tem o livre arbítrio?

600. A alma do animal, sobrevivendo ao corpo, fica num estado errante, como a do homem após a morte?

– Fica numa espécie de erraticidade, pois não está unida a um corpo. Mas não é um **Espírito errante**. O Espírito errante é um ser que pensa e age por sua livre vontade; o dos animais não tem a mesma faculdade. É a consciência de si mesmo que constitui o atributo principal do Espírito. O Espírito do animal é classificado após a morte, pelos Espíritos incumbidos disso, e utilizado quase imediatamente: não dispõe de tempo para se pôr em relação com outras criaturas.

601. Os animais seguem uma lei progressiva, como os homens?

– Sim, e é por isso que nos mundos superiores, onde os homens são mais adiantados, os animais também o são, dispondo de meios de comunicação mais desenvolvidos. São, porém, sempre inferiores e submetidos aos homens, sendo para estes servidores inteligentes.

Nada há nisso de extraordinário. Suponhamos os nossos animais de maior inteligência como o cão, o elefante, o cavalo, dotados de uma conformação apropriada aos trabalhos manuais, o que não poderiam fazer sob a direção do homem?

602. Os animais progredem como o homem, por sua própria vontade, ou pela força das coisas?

– Pela força das coisas; e é por isso que, para eles, não existe expiação.

603. Nos mundos superiores, os animais conhecem a Deus?

– Não. O homem é um deus para eles, como antigamente os Espíritos foram deuses para os homens.

604. Os animais, mesmo aperfeiçoados nos mundos superiores, sendo sempre inferiores aos homens, disso resultaria que Deus tivesse criado seres intelectuais perpetuamente votados à inferioridade, o que parece em desacordo com a unidade de vistas e de progresso que se assinalam em todas as suas obras?

– Tudo se encadeia na Natureza, por liames que não podeis ainda perceber, e as coisas aparentemente mais disparatadas têm pontos de contato que o homem jamais chegará a compreender, no seu estado atual. Pode entrevê-los, por um esforço de sua inteligência, mas somente quando essa inteligência tiver atingido todo o seu desenvolvimento e se libertado dos preconceitos do orgulho e da ignorância poderá ver claramente na obra de Deus. Até lá, suas idéias limitadas lhe farão ver as coisas de um ponto de vista mesquinho e acanhado. Sabei que Deus nunca se contradiz e que tudo, na Natureza, se harmoniza através de leis gerais, que jamais se afastam da sublime sabedoria do Criador.

604-a. A inteligência é assim uma propriedade comum, um ponto de encontro entre a alma dos animais e a do homem?

– Sim, mas os animais não têm senão a inteligência da vida material; nos homens, a inteligência produz a vida moral.

605. Se considerarmos todos os pontos de contato existentes entre o homem e os animais, não poderíamos pensar que o homem possui duas almas: a alma animal e a alma espírita; e que, se ele não tivesse esta última, poderia viver só como os animais? Dizendo de outra maneira: o animal é um ser semelhante ao homem, menos a alma espírita? Disso resultaria que os bons e os maus instintos do homem seriam o efeito da predominância de uma ou de outra dessas duas almas?

– Não, o homem não tem duas almas, mas o corpo tem os seus instintos, que resultam da sensação dos órgãos. Não há no homem senão uma dupla natureza: a natureza animal e a espiritual. Pelo seu corpo, ele participa da natureza dos animais e dos seus instintos; pela sua alma, participa da natureza dos Espíritos.

605-a. Assim, além das suas próprias imperfeições, de que o Espírito deve despojar se, deve ele lutar contra a influência da matéria?

– Sim, quanto mais inferior é ele, mais apertados são os laços entre o Espírito e a matéria. Não o vedes? Não, o homem não tem duas almas; a alma é sempre única, um ser único. A alma do animal e a do homem são distintas entre si, de tal maneira que a de um não pode animar o corpo criado para o outro. Mas se o homem não possui uma alma animal, que por suas paixões o coloque no nível dos animais, tem o seu corpo, que o rebaixa freqüentemente a esse nível porque o seu corpo é um ser dotado de vitalidade, que tem instintos, mas ininteligentes e limitados ao interesse de sua conservação (Os Espíritos levantam aqui um problema filosófico, o do ser do corpo, que o desenvolvimento da Filosofia Espírita tende a esclarecer. Ver obras especializadas, na Coleção Filosófica Edicel.(N. do T.).

O Espírito, encarnando-se no corpo do homem, transmite-lhe o princípio intelectual e moral, que o torna superior aos animais. As duas naturezas existentes no homem oferecem às suas paixões duas fontes diversas: umas provêm dos instintos da natureza animal, outras das impurezas do Espírito encarnado, que simpatiza em maior ou menor proporção com a grosseria dos apetites animais. O Espírito, ao purificar-se, liberta-se pouco a pouco da influência da matéria. Sob essa influência, ele se aproxima dos brutos; liberto dessa influência eleva-se ao seu verdadeiro destino.

606. De onde tiram os animais o princípio inteligente que constitui a espécie particular de alma de que são dotados?

- Do elemento inteligente universal.

606-a . A inteligência do homem e a dos animais emanam, portanto. De um princípio único?

- Sem nenhuma dúvida; mas no homem ela passou por uma elaboração que a eleva sobre a dos brutos.

607. Ficou dito que a alma do homem, em sua origem, assemelha-se ao estado de infância da vida corpórea, que a sua inteligência apenas desponta e que ela ensaia para a vida. (Ver item 190). Onde cumpre o Espírito essa primeira fase?

- Numa série de existências que precedem o período que chamais de Humanidade.

607-a. Parece, assim, que a alma teria sido o princípio inteligente dos seres inferiores da criação?

- Não dissemos que tudo se encadeia na Natureza e tende à unidade? É nesses seres, que estais longe de conhecer inteiramente, que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco, e ensaia para a vida, como dissemos. E, de certa maneira, um trabalho preparatório, como o da germinação, em seguida ao qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna Espírito. É então que começa para ele o período de humanidade, e com este a consciência do seu futuro, a distinção do bem e do mal e a responsabilidade dos seus atos. Como depois do período da infância vem o da adolescência, depois a juventude, e por fim a idade madura. Nada há, de resto, nessa origem, que deva humilhar o homem. Os grandes gênios sentem-se humilhados por terem sido feitos informes no ventre materno? Se alguma coisa deve humilhá-los, é a sua inferioridade perante Deus e sua impotência para sondar a profundidade de seus desígnios e a sabedoria das leis que regulam a harmonia do Universo. Reconheci a grandeza de Deus nessa admirável harmonia que faz a solidariedade de todas as coisas na Natureza. Crer que Deus pudesse ter feito qualquer coisa sem objetivo e criar seres inteligentes sem futuro, seria blasfemar contra a sua bondade, que se estende sobre todas as suas criaturas.

607-b. Esse período de humanidade começa na Terra?

- A Terra não é o ponto de partida da primeira encarnação humana. O período de humanidade começa, em geral, nos mundos ainda mais inferiores. Essa, entretanto, não é uma regra absoluta e poderia acontecer que um Espírito, desde

o seu início humano, esteja apto a viver na Terra. Esse caso não é freqüente, e seria antes uma exceção.

608. O Espírito do homem, após a morte, tem consciência das existências que precederam, para ele, o período de humanidade?

– Não, porque não é senão desse período que começa para ele a vida de Espírito, e é mesmo difícil que se lembre de suas primeiras existências como homem, exatamente como o homem não se lembra mais dos primeiros tempos de sua infância, e ainda menos do tempo que passou no ventre materno. Eis porque os Espíritos vos dizem que não sabem como começaram. (Ver item 78).

609. O Espírito, tendo entrado no período de humanidade, conserva os traços do que havia sido precedentemente, ou seja, do estado em que se encontrava no período que se poderia chamar anti-humano?

– Isso depende da distância que separa os dois períodos e do progresso realizado. Durante algumas gerações ele pode conservar um reflexo mais ou menos pronunciado do estado primitivo, porque nada na Natureza se faz por transição brusca (A dialética marxista contraria aparentemente este princípio, com a afirmação de que a Natureza "dá saltos". Na realidade, esses saltos são qualitativos e decorrem da acumulação de pequenas modificações quantitativas, ou seja de uma cadeia de ações e reações. Engels afirmou: "Embora com toda a sua graduação, a transição de uma forma de movimento para outra sempre se apresenta como um salto, que se resolve em revolução." Esta teoria justifica a revolução social. Mas esse mesma revolução, segundo o marxismo, só pode ocorrer em condições especiais, preparadas por uma longa série de acontecimentos. Dessa maneira, mesmo diante da concepção materialista revolucionária, permanece válido em sua substância o princípio espírita: "nada na Natureza se faz por transição brusca". Todo "salto" é o fim de uma cadeia de ações e reações. (N. do T.); há sempre anéis que ligam as extremidades da cadeia dos seres e dos acontecimentos. Mas esses traços desaparecem com o desenvolvimento do livre arbítrio. Os primeiros progressos se realizam lentamente, porque não são ainda secundados pela vontade, mas seguem uma progressão mais rápida, à medida que o Espírito adquire consciência mais perfeita de si mesmo.

610. Os Espíritos que disseram que o homem é um ser à parte na ordem da Criação enganaram-se, então?

– Não, mas a questão não havia sido desenvolvida, e há coisas que não podem vir senão a seu tempo. O homem é, de fato, um ser à parte, porque tem faculdades que o distinguem de todos os outros e tem outro destino. A espécie humana é a que Deus escolheu para a encarnação dos seres que **O podem conhecer**.

III – METEMPSICOSE

611. A comunhão de origem dos seres vivos no princípio inteligente não é a consagração da doutrina da metempsicose?

– Duas coisas podem ter a mesma origem e não se assemelharem em nada mais tarde. Quem reconheceria a árvore, suas folhas, suas flores e seus frutos no germe informe que se contém na semente de onde saíram? No momento em que o princípio inteligente atinge o grau necessário para ser Espírito e entra no período de humanidade, não tem mais relação com o seu estado primitivo e não é mais a alma dos animais, como a árvore não é a semente. No homem, somente existe do animal o corpo, as paixões que nascem da influência do corpo e o instinto de conservação inerente à matéria. Não se pode dizer, portanto, que tal ho-

mem é a encarnação do Espírito de tal animal, e por conseguinte a metempsicose, tal como a entendem, não é exata.

612. O Espírito que animou o corpo de um homem poderia encarnar-se num animal?

– Isto seria retrogradar, e o Espírito não retrograda. O rio não remonta à nascente. (Ver item 118).

613. Por mais errônea que seja a idéia ligada à metempsicose, não seria ela resultado do sentimento intuitivo das diferentes existências do homem?

– Encontramos esse sentimento intuitivo nessa crença como em muitas outras; mas, como a maior parte dessas idéias intuitivas, o homem a desnaturou.

A metempsicose seria verdadeira se por ela se entendesse a progressão da alma de um estado inferior para um superior, realizando os desenvolvimentos que transformariam a sua natureza, mas é falsa no sentido de transmigração direta do animal para o homem e vice-versa, o que implicaria a idéia de uma retrogradação ou de fusão. Ora, não podendo realizar-se essa fusão entre seres corporais de duas espécies, temos nisso um indício de que se encontram em graus não assimiláveis e que o mesmo deve acontecer com os espíritos que os animam. Se o mesmo Espírito pudesse animá-los alternativamente, disso resultaria uma identidade de natureza que se traduziria na possibilidade de reprodução material. A reencarnação ensinada pelos Espíritos se funda, pelo contrário, sobre a marcha ascendente da Natureza e sobre a progressão do homem na sua própria espécie, o que não diminui em nada a sua dignidade. O que o rebaixa é o mau uso que faz das faculdades que Deus lhe deu para o seu adiantamento. Como quer que seja, a antiguidade e a universalidade da doutrina da metempsicose, e o número de homens eminentes que a professaram, provam que o princípio da reencarnação tem suas raízes na própria Natureza; esses são, portanto, argumentos antes a seu favor do que contrários.

O ponto de partida do Espírito é uma dessas questões que se ligam ao princípio das coisas e estão nos segredos de Deus. Não é dado ao homem conhecê-las de maneira absoluta, e ele só pode fazer, a seu respeito, meras suposições, construir sistemas mais ou menos prováveis. Os próprios Espíritos estão longe de tudo conhecer, e sobre o que não conhecem podem ter também opiniões pessoais mais ou menos sensatas.

É assim que nem todos pensam da mesma maneira a respeito das relações existentes entre o homem e os animais. Segundo alguns, o Espírito não chega ao período humano senão depois de ter sido elaborado e individualizado nos diferentes graus dos seres inferiores da Criação. Segundo outros, o Espírito do homem teria sempre pertencido à raça humana, sem passar pela fiera animal. O primeiro desses sistemas tem a vantagem de dar uma finalidade ao futuro dos animais, que constituiriam assim os primeiros anéis da cadeia dos seres pensantes; o segundo é mais conforme a dignidade do homem e pode resumir-se da maneira seguinte:

As diferentes espécies de animais não procedem intelectualmente uma da outras, por via de progressão; assim, o Espírito da ostra não se torna sucessivamente do peixe, da ave, do quadrúpede e do quadrúmano; cada espécie é um tipo absoluto, física e moralmente, e cada um dos seus indivíduos tira da fonte

universal a quantidade de princípio inteligente que lhe é necessária, segundo a perfeição dos seus órgãos e a tarefa que deve desempenhar nos fenômenos da Natureza, devolvendo-a à massa após a morte. Aqueles dos mundos mais adiantados que o nosso (Ver item 188) são igualmente constituídos de raças distintas, apropriadas às necessidades desses mundos e ao grau de adiantamento dos homens de que são auxiliares, mas não procedem absolutamente dos terrenos, espiritualmente falando. Com o homem, já não se dá o mesmo.

Do ponto de vista físico, o homem constitui evidentemente um anel da cadeia dos seres vivos; mas, do ponto de vista moral, há solução de continuidade entre o homem e o animal. O homem possui, como sua particularidade, a alma ou Espírito, centelha divina que lhe dá o senso moral e um alcance intelectual que os animais não possuem; é o ser principal, preexistente e sobrevivente ao corpo, conservando a sua individualidade. Qual é a origem do Espírito? Onde está o seu ponto de partida? Forma-se ele do princípio inteligente individualizado? Isso é um mistério que seria inútil procurar penetrar e sobre o qual, como dissemos, só podemos construir sistemas.

O que é constante e ressalta ao mesmo tempo do raciocínio e da experiência é a sobrevivência do Espírito, a conservação de sua individualidade após a morte, sua faculdade de progredir, seu estado feliz ou infeliz, proporcional ao seu adiantamento na senda do bem, e todas as verdades morais que são a consequência desse princípio. Quanto às relações misteriosas existentes entre o homem e os animais, isso, repetimos, está nos segredos de Deus, como muitas outras coisas cujo conhecimento atual nada importa para o nosso adiantamento, e sobre as quais seria inútil nos determos ("O Livro dos Espíritos" contém em si toda a doutrina, mas nem todos os princípios do Espiritismo estão nele suficientemente desenvolvidos. A codificação é progressiva. Vemos o aspecto científico desenvolver-se no "Livro dos Médiuns" e em "A Gênese": o aspecto religioso em "O Evangelho segundo o Espiritismo" e "O Céu e o Inferno". Para esclarecimento dessa questão da origem do homem, o leitor deve consultar o capítulo VI de "A Gênese", parte referente à "criação Universal" (comunicação de Galileu, recebida por Flammarion e integrada por Kardec na codificação), o capítulo X, "Gênese Orgânica". Especialmente: no número 26 e seguintes, referentes ao "Homem Corpóreo" e o Capítulo XI, "Gênese Espiritual". Aconselhável também a leitura de "A Evolução Anímica", de Gabriel Delanne, obra subsidiária da codificação. Em "Depois da Morte", de Léon Denis o capítulo XI da parte segunda intitulado "A pluralidade das existências." Note-se ainda a concordância dos ensinamentos acima sobre o problema da metempsicose, com a constante afirmação dos Espíritos, neste livro, de que: "Tudo se encadeia na Natureza". (N. do T.).

*

Livro: A GÊNESE (Do Capítulo VI)**Editora FEB. Trad. Guillon Ribeiro****A CRIAÇÃO UNIVERSAL**

17. - Após haver remontado, tanto quanto o permitia a nossa fraqueza, em direção à fonte oculta donde dimanam os mundos, como de um rio as gotas d'água, consideremos a marcha das criações sucessivas e dos seus desenvolvimentos seriais.

A matéria cósmica primitiva continha os elementos materiais, fluídicos e vitais de todos os universos que estadeiam suas magnificências diante da eternidade. Ela é a mãe fecunda de todas as coisas, a primeira avó e, sobretudo, a eterna geratriz. Absolutamente não desapareceu essa substância donde provêm as esferas siderais; não morreu essa potência, pois que ainda, incessantemente, dá à luz novas criações e incessantemente recebe, reconstituídos, os princípios dos mundos que se apagam do livro eterno.

A substância etérea, mais ou menos rarefeita, que se difunde pelos espaços interplanetários; esse fluido cósmico que enche o mundo, mais ou menos rarefeito, nas regiões imensas, opulentas de aglomerações de estrelas; mais ou menos condensado onde o céu astral ainda não brilha; mais ou menos modificado por diversas combinações, de acordo com as localidades da extensão, nada mais é do que a substância primitiva onde residem as forças universais, donde a Natureza há tirado todas as coisas. (Se perguntásseis qual o princípio dessas forças e como pode esse princípio estar na substância mesma que o produz, responderíamos que a mecânica numerosos exemplos nos oferece desse fato. A elasticidade, que faz com que uma mola se distenda, não está na própria mola e não depende do modo de agregação das moléculas? O corpo que obedece à força centrífuga recebe a sua impulsão do movimento primitivo que lhe foi impresso.)

18. - Esse fluido penetra os corpos, como um oceano imenso. É nele que reside o princípio vital que dá origem à vida dos seres e a perpetua em cada globo, conforme à condição deste, princípio que, em estado latente, se conserva adormecido onde a voz de um ser não o chama. Toda criatura, mineral, vegetal, animal ou qualquer outra - porquanto há muitos outros reinos naturais, de cuja existência nem sequer suspeitais - sabe, em virtude desse princípio vital e universal, apropriar as condições de sua existência e de sua duração.

As moléculas do mineral têm uma certa soma dessa vida, do mesmo modo que a semente do embrião, e se grupam, como no organismo, em figuras simétricas que constituem os indivíduos.

Muito importa nos compenetrarmos da noção de que a matéria cósmica primitiva se achava revestida, não só das leis que asseguram a estabilidade dos mundos, como também do universal princípio vital que forma gerações espontâneas em cada mundo, à medida que se apresentam as condições da existência sucessiva dos seres e quando soa a hora do aparecimento dos filhos da vida, durante a período criador.

Efetua-se assim a criação universal. É, pois, exato dizer-se que, sendo as operações da Natureza a expressão da vontade divina, Deus há criado sempre, cria incessantemente e nunca deixará de criar.

19. - Até aqui, porém, temos guardado silêncio sobre o *mundo espiritual*, que também faz parte da criação e cumpre seus destinos conforme as augustas prescrições do Senhor.

Acerca do modo da criação dos Espíritos, entretanto, não posso ministrar mais que um ensino muito restrito, em virtude da minha própria ignorância e também porque tenho ainda de calar-me no que concerne a certas questões, se bem já me haja sido dado aprofundá-las.

Aos que desejem religiosamente conhecer e se mostrem humildes perante Deus, direi, rogando-lhes, todavia, que nenhum sistema prematuro baseie-se nas minhas palavras, o seguinte: O Espírito não chega a receber a iluminação divina, que lhe dá, simultaneamente com o livre-arbítrio e a consciência, a noção de seus altos destinos, sem haver passado pela série divinamente fatal dos seres inferiores, entre os quais se elabora lentamente a obra da sua individualização. Unicamente a datar do dia em que o Senhor lhe imprime na fronte o seu tipo augusto, o Espírito toma lugar no seio das humanidades.

De novo peço: não construais sobre as minhas palavras os vossos raciocínios, tão tristemente célebres na história da Metafísica. Eu preferiria mil vezes calar-me sobre tão elevadas questões, tão acima das nossas meditações ordinárias, a vos expor a desnaturar o sentido de meu ensino e a vos lançar, por culpa minha nos inextricáveis dédalos do deísmo ou do fatalismo.

*

GÊNESE ORGÂNICA – CAP. X

Livro: A Gênese. Ed. FEB. Trad. Guillon Ribeiro

Formação primária dos seres vivos - Princípio vital. – Geração espontânea. - Escala dos seres orgânicos. - O homem corpóreo.

Formação primária dos seres vivos

1. - Tempo houve em que não existiam animais; logo, eles tiveram começo. Cada espécie foi aparecendo, à proporção que o globo adquiria as condições necessárias à existência delas. Isto é positivo. Como se formaram os primeiros indivíduos de cada espécie? Compreende-se que, existindo um primeiro casal, os indivíduos se multiplicaram. Mas, esse primeiro casal, donde saiu? É um desses mistérios que entendem com o princípio das coisas e sobre os quais apenas se podem formular hipóteses. A Ciência ainda não pode resolver o problema; pode entretanto, pelo menos, encaminhá-lo para a solução.

2. - É esta a questão primordial que se apresenta: cada espécie animal saiu de um *casal primitivo* ou de muitos casais criados, ou, se o preferirem, germinados simultaneamente em diversos lugares?

Esta última suposição é a mais provável. Pode-se mesmo dizer que ressalta da observação. Com efeito, o estudo das camadas geológicas atesta, nos terrenos de idêntica formação, e em proporções enormes, a presença das mesmas espécies em pontos do globo muito afastados uns dos outros. Essa multiplicação tão generalizada e, de certo modo, contemporânea, fora impossível com um único tipo primitivo.

Doutro lado, a vida de um indivíduo, sobretudo de um indivíduo nascente, está sujeita a tantas vicissitudes, que toda uma criação poderia ficar compro-

metida, sem a pluralidade dos tipos, o que implicaria uma imprevidência inadmissível da parte do Criador supremo. Aliás, se, num ponto, um tipo se pode formar, em muitos outros pontos ele se poderia formar igualmente, por efeito da mesma causa.

Tudo, pois, concorre a provar que houve criação simultânea e múltipla dos primeiros casais de cada espécie animal e vegetal.

3. - A formação dos primeiros seres vivos se pode deduzir, por analogia, da mesma lei em virtude da qual se formaram e formam todos os dias os corpos inorgânicos. À medida que se aprofunda o estudo das leis da Natureza, as engrenagens que, de início, pareciam tão complicadas se vão simplificando e confundindo na grande lei de unidade que preside a toda a obra da criação. Isso se compreenderá melhor, quando estiver compreendida a formação dos corpos inorgânicos, que é o degrau primário daquela outra.

4. - A Química considera elementares umas tantas substâncias, como o oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o carbono, o cloro, o iodo, o flúor, o enxofre, o fósforo e todos os metais. Combinando-se, elas formam os corpos compostos: os óxidos, os ácidos, os álcalis, os sais e as inúmeras variedades que resultam da combinação destes.

A combinação de dois corpos para formar um terceiro exige especial concurso de circunstâncias: seja um determinado grau de calor, de sequeidão, ou de umidade; seja o movimento ou o repouso; seja uma corrente elétrica, etc. Se essas circunstâncias não se verificarem, a combinação não se operará.

5. - Quando há combinação, os corpos componentes perdem suas propriedades características, enquanto o composto que deles resulta adquire outras, diferentes das daqueles. É assim, por exemplo, que o oxigênio e o hidrogênio, que são gases invisíveis, quimicamente combinados formam a água, que é líquida, sólida, ou vaporosa, conforme a temperatura. Na água, a bem dizer, já não há oxigênio nem hidrogênio, mas um corpo novo. Decomposta essa água, os dois gases, tornados livres, recobram suas propriedades: já não há água. A mesma quantidade desse líquido pode ser assim, alternativamente, decomposta e recomposta, ao infinito.

6. - A composição e decomposição dos corpos se dão em virtude do grau de afinidade que os princípios elementares guardam entre si. A formação da água, por exemplo, resulta da afinidade recíproca que existe entre o oxigênio e o hidrogênio; mas, se se puser em contacto com a água um corpo que tenha com o oxigênio mais afinidade do que a que este tem com o hidrogênio, a água se decompõe: o oxigênio é absorvido e o hidrogênio se liberta. Já não haverá água.

7. - Os corpos compostos se formam sempre em proporções definidas, isto é, pela combinação de uma certa quantidade dos princípios constituintes. Assim, para formar a água, são necessárias uma parte de oxigênio e duas de hidrogênio. Se duas partes de oxigênio forem combinadas com duas de hidrogênio, em vez de água ter-se-á o deutóxido de hidrogênio, líquido corrosivo, formado, no entanto, dos mesmos elementos que entram na composição da água, porém noutra proporção.

8. - Tal, em poucas palavras, a lei que preside à formação de todos os corpos da Natureza. A inumerável variedade deles resulta de um número pequeno de princípios elementares combinados em proporções diferentes.

Por exemplo: o oxigênio, combinado em certas proporções, com o carbono, o enxofre, o fósforo, forma os ácidos carbônico, sulfúrico, fosfórico; o oxigênio e o ferro formam o óxido de ferro ou ferrugem; o oxigênio e o chumbo, ambos inofensivos, dão origem aos óxidos de chumbo, tais como o litargírio, o alvaiade, o mínio, que são venenosos. O oxigênio, com os metais chamados cálcio, sódio, potássio, forma a cal, a soda, a potassa. A cal, unida ao ácido carbônico, forma os carbonatos de cal ou pedras calcárias, tais como o mármore, a cré, as estalactites das grutas; unida ao ácido sulfúrico, forma o sulfato de cálcio ou gesso e o alabastro; ao ácido fosfórico, o fosfato de cal, base sólida, dos ossos; o cloro e o hidrogênio formam o ácido clorídrico ou hidrocloreto; o cloro e o sódio formam o cloreto de sódio ou sal marinho.

9. - Todas essas combinações e milhares de outras se obtêm artificialmente, em pequenas quantidades, nos laboratórios de química; elas se operam em larga escala no grande laboratório da Natureza.

Em sua origem, a Terra não continha essas matérias em combinação, mas, apenas, volatilizados, seus princípios constitutivos. Quando as terras calcárias e outras, tornadas pedrosas com o tempo, se lhe depositaram na superfície, aquelas matérias não existiam inteiramente formadas; porém, no ar se encontravam, em estado gasoso, todas as substâncias primitivas. Precipitadas por efeito do resfriamento, essas substâncias, sob o império de circunstâncias favoráveis, se combinaram, segundo o grau de suas afinidades moleculares. Foi então que se formaram as diversas variedades de carbonatos, de sulfatos, etc., a princípio em dissolução nas águas, depositadas, depois, na superfície do solo.

Suponhamos que, por uma causa qualquer, a Terra voltasse ao estado primitivo de incandescência: tudo se decomporia; os elementos se separariam; todas as substâncias fusíveis se fundiriam; todas as que são volatilizáveis se volatilizariam. Depois, outro resfriamento determinaria nova precipitação e de novo se formariam as antigas combinações.

10. - Estas considerações provam quanto a Química era necessária para a inteligência da Gênese. Antes de se conhecerem as leis da afinidade molecular, não era possível compreender-se a formação da Terra. Esta ciência lançou grande luz sobre a questão, como o fizeram a Astronomia e a Geologia, doutros pontos de vista.

11. - Na formação dos corpos sólidos, um dos mais notáveis fenômenos é o da cristalização, que consiste na forma regular que assumem certas substâncias, ao passarem do estado líquido, ou gasoso, ao estado sólido. Essa forma, que varia de acordo com a natureza da substância, é geralmente a de sólidos geométricos, tais como o prisma, o romboide, o cubo, a pirâmide. Toda gente conhece os cristais de açúcar cãndi; os cristais de rocha, ou sílica cristalizada, são prismas de seis faces que terminam em pirâmide igualmente hexagonal. O diamante é carbono puro, ou carvão cristalizado. Os desenhos que no inverno se produzem sobre as vidraças são devidos à cristalização do vapor d'água durante a congelação, sob a forma de agulhas prismáticas.

A disposição regular dos cristais corresponde à forma particular das moléculas de cada corpo. Essas partículas, para nós infinitamente pequenas, mas que não deixam por isso de ocupar um certo espaço, solicitadas umas para as outras pela atração molecular, se arrumam e justapõem segundo o exigem suas formas, de maneira a tomar cada uma o seu lugar em torno do núcleo ou primeiro centro de atração e a constituir um conjunto simétrico.

A cristalização só se opera em certas circunstâncias favoráveis, fora das quais ela não pode dar-se. São condições essenciais o grau da temperatura e o repouso absoluto. Compreende-se que um calor muito forte, mantendo afastadas as moléculas, não lhes permitiria condensarem-se e que a agitação, impossibilitando-lhes um arranjo simétrico, não lhes consentiria formar senão uma massa confusa e irregular, donde o não haver cristalização propriamente dita.

12. - A lei que preside à formação dos minerais conduz naturalmente à formação dos corpos orgânicos.

A análise química mostra que todas as substâncias vegetais e animais são compostas dos mesmos elementos que os corpos inorgânicos. Desses elementos, são o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono os que desempenham papel principal. Os outros entram acessoriamente. Como no reino mineral, a diferença de proporções na combinação dos referidos elementos produz todas as variedades de substâncias orgânicas e suas diversas propriedades, tais como: os músculos, os ossos, o sangue, a bÍlis, os nervos, a matéria cerebral, a gordura, nos animais; a seiva, a madeira, as folhas, os frutos, as essências, os óleos, as resinas, etc., nos vegetais. Assim, na formação dos animais e das plantas, nenhum corpo especial entra que igualmente não se encontre no reino mineral. (O quadro abaixo, da análise de algumas substâncias, mostra a diferença de propriedades que resulta da só diferença na proporção em que entram os elementos constituintes. Sobre 100 partes, temos:

	Carbono	Hidrog.	Oxig.	Azoto
Açúcar de cana	42.470	6.900 50.	630 -	-
Açúcar de uva	36.710	6.780	56.510 -	-
Álcool	51.980	13.700	34.320 -	-
Azeite de oliveira	77.210	13.360	9.430 -	-
Óleo de nozes	79.774	10.570	9.122	0.534
Gordura	78.996	11.700	9.304 -	-
Fibrina	53.360	7.021	19.685	19.934)

13. - Alguns exemplos comuns darão a compreender as transformações que se operam no reino orgânico, pela só modificação dos elementos constitutivos.

No suco da uva, não há vinho, nem álcool, mas apenas água e açúcar. Quando o suco fica maduro e são propícias as condições, produz-se nele um trabalho íntimo a que se dá o nome de fermentação. Por esse trabalho, uma parte do açúcar se decompõe; o oxigênio, o hidrogênio e o carbono se separam e combinam nas proporções necessárias a produzir o álcool, de sorte que, em se bebendo suco de uva, não se bebe realmente álcool, pois que este ainda não existe. Ele se forma das partes constituintes da água e do açúcar, sem que haja, em suma, uma molécula a mais ou a menos.

No pão e nos legumes que se comem, não há certamente carne, nem sangue, nem osso, nem bÍlis, nem matéria cerebral; entretanto, esses mesmos alimentos, decompondo-se e recompondo-se pelo trabalho da digestão, produzem aquelas diferentes substâncias tão-só pela transmutação de seus elementos constitutivos.

Na semente de uma árvore, tampouco há madeiras, folhas, flores ou frutos e fora erro pueril crer-se que a árvore inteira, sob microscópica forma, ali se encontra. Quase não há, sequer, na semente, oxigênio, hidrogênio e carbono em quantidade necessária a formar uma folha da árvore. Ela contém um gérmen que desabrocha, em sendo favoráveis as condições. Esse gérmen se desenvolve por efeito dos sucos que haure da terra e dos gases que aspira do ar. Tais sucos, que não são lenho, nem folhas, nem flores, nem frutos, infiltrando-se na planta, lhe formam a seiva, como nos animais formam o sangue. Levada pela circulação a todas as partes do vegetal, a seiva, conforme o órgão a que vai ter e onde sofre uma elaboração especial, se transforma em lenho, folhas e frutos, como o sangue se transforma em carne, osso, bÍlis, etc. Contudo, são sempre os mesmos elementos: oxigênio, hidrogênio, azoto e carbono, diversamente combinados.

14. - As diferentes combinações dos elementos, para formação das substâncias minerais, vegetais e animais, não podem, pois, operar-se, a não ser nos meios e em circunstâncias propícias; fora dessas circunstâncias, os princípios elementares estão numa espécie de inércia. Mas, desde que as circunstâncias se tornam favoráveis, começa um trabalho de elaboração; as moléculas entram em movimento, agitam-se, atraem-se, aproximando-se e se separam em virtude da lei de afinidades e, por suas múltiplas combinações, compõem a infinita variedade das substâncias. Desapareçam essas condições e o trabalho subitamente cessa, para recomençar quando elas de novo se apresentarem. É assim que a vegetação se ativa, enfraquece, pára e prossegue, sob a ação do calor, da luz, da umidade, do frio ou da seca; que esta planta prospera, num clima ou num terreno, e se estiola ou perece noutros.

15. - O que diariamente se passa às nossas vistas pode colocar-nos na pista do que se passou na origem dos tempos, porquanto as leis da Natureza não variam.

Visto que são os mesmos os elementos constitutivos dos seres orgânicos e inorgânicos; que os sabemos a formar incessantemente, em dadas circunstâncias, as pedras, as plantas e os frutos, podemos concluir daí que os corpos dos primeiros seres vivos se formaram, como as primeiras pedras, pela reunião das moléculas elementares, em virtude da lei de afinidade, à medida que as condições da vitalidade do globo foram propícias a esta ou àquela espécie.

A semelhança de forma e de cores, na reprodução dos indivíduos de cada espécie, pode comparar-se à semelhança de forma de cada espécie de cristal. Juxtapondo-se, sob a ação da mesma lei, as moléculas produzem conjunto análogo.

Princípio vital

16. - Dizendo que as plantas e os animais são formados dos mesmos princípios constituintes dos minerais, falamos em sentido exclusivamente material, pois que aqui apenas do corpo se trata.

Sem falar do princípio inteligente, que é questão à parte, há, na matéria orgânica, um princípio especial, inapreensível e que ainda não pode ser definido: o *princípio vital*. Ativo no ser vivo, esse princípio se acha *extinto* no ser morto; mas, nem por isso deixa de dar à substância propriedades que a distinguem das substâncias inorgânicas. A Química, que decompõe e recompõe a maior parte dos corpos inorgânicos, também conseguiu decompor os corpos orgânicos, porém jamais chegou a reconstituir, sequer, uma folha morta, prova evidente de que há nestes últimos o que quer que seja, inexistente nos outros.

17. - Será o princípio vital alguma coisa particular, que tenha existência própria? Ou, integrado no sistema da unidade do elemento gerador, apenas será um estado especial, uma das modificações do fluído cósmico, pela qual este se torne princípio de vida, como se torna luz, fogo, calor, eletricidade? É neste último sentido que as comunicações acima reproduzidas resolvem a questão. (Cap. VI, *Uranografia geral*.)

Seja, porém, qual for a opinião que se tenha sobre a natureza do princípio vital, o certo é que ele existe, pois que se lhe apreciam os efeitos. Pode-se, portanto, logicamente, admitir que, ao se formarem, os seres orgânicos assimilaram o princípio vital, por ser necessário à destinação deles; ou, se o preferirem, que esse princípio se desenvolveu em cada indivíduo, por efeito mesmo da combinação dos elementos, tal como se desenvolvem, dadas certas circunstâncias, o calor, a luz e a eletricidade.

18. - Combinando-se sem o princípio vital, o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono unicamente teriam formado um mineral ou corpo inorgânico; o princípio vital, modificando a constituição molecular desse corpo, dá-lhe propriedades especiais. Em lugar de uma molécula mineral, tem-se uma molécula de matéria orgânica.

A atividade do princípio vital é alimentada durante a vida pela ação do funcionamento dos órgãos, do mesmo modo que o calor, pelo movimento de rotação de uma roda. Cessada aquela ação, por motivo da morte, o princípio vital *se extingue*, como o calor, quando a roda deixa de girar. Mas, o *efeito produzido* por esse princípio sobre o estado molecular do corpo subsiste, mesmo depois dele extinto, como a carbonização da madeira subsiste à extinção do calor. Na análise dos corpos orgânicos, a Química encontra os elementos que os constituem: oxigênio, hidrogênio, azoto e carbono; mas, não pode reconstituir aqueles corpos, porque, já não existindo a causa, não lhe é possível reproduzir o efeito, ao passo que possível lhe é reconstituir uma pedra.

19. - Tomamos para termo de comparação o calor que se desenvolve pelo movimento de uma roda, por ser um efeito vulgar, que todo mundo conhece, e mais fácil de compreender-se. Mais exato, no entanto, houveramos sido, dizendo que, na combinação dos elementos para formarem os corpos orgânicos, desenvolve-se *eletricidade*. Os corpos orgânicos seriam, então, verdadeiras *pilhas elétricas*, que funcionam enquanto os elementos dessas pilhas se acham em condições de produzir eletricidade: é a vida; que deixam de funcionar, quando tais condições desaparecem: é a morte. Segundo essa maneira de ver, o princípio vital não seria mais do que uma espécie particular de eletricidade, denominada *eletricidade animal*, que durante a vida se desprende pela ação dos órgãos e cuja produção cessa, quando da morte, por se extinguir tal ação.

Geração espontânea

20. - É natural se pergunte por que não mais se formam seres vivos nas mesmas condições em que se formaram os primeiros que surgiram na Terra.

Sobre esse ponto, não pode deixar de lançar luz a questão da geração espontânea, que tanto preocupa a Ciência, embora ainda esteja diversamente resolvida. O problema é este: Formam-se, nos tempos atuais, seres orgânicos pela simples reunião dos elementos que os constituem, sem germens, previamente produzidos pelo modo ordinário de geração, ou, por outra, sem pais nem mães?

Os partidários da geração espontânea respondem afirmativamente, apoiando-se em observações diretas, que parecem concludentes. Pensam outros que todos os seres vivos se reproduzem uns pelos outros, firmados sobre o fato, que a experiência comprova, de que os germens de certas espécies vegetais e animais, mesmo dispersos, conservam latente vitalidade, durante longo tempo, até que as circunstâncias lhes favoreçam a eclosão. Esta maneira de entender deixa sempre em aberto a questão da formação dos primeiros tipos de cada espécie.

21. - Sem discutir os dois sistemas, convém acentuar que o princípio da geração espontânea evidentemente só se pode aplicar aos seres das ordens mais ínfimas do reino vegetal e do reino animal, àqueles em os quais a vida começa a despontar e cujo organismo, extremamente simples, é, de certo modo, rudimentar. Foram esses, com efeito, os primeiros que apareceram na Terra e cuja formação houve de ser espontânea. Assistiríamos assim a uma criação permanente, análoga à que se produziu nas primeiras idades do mundo.

22. - Mas, então, por que não se formam da mesma maneira os seres de complexa organização? Que esses seres não existiram sempre, é fato positivo; logo, tiveram um começo. Se o musgo, o líquen, o zoófito, o infusório, os vermes intestinais e outros podem produzir-se espontaneamente, por que não se dá o mesmo com as árvores, os peixes, os cães, os cavalos?

Param aí, por enquanto, as investigações; desaparece o fio condutor e, até que ele seja encontrado, fica aberto o campo às hipóteses. Fora, pois, imprudente e prematuro apresentar meros sistemas como verdades absolutas.

23. - Se a geração espontânea é fato demonstrado, por muito limitado que seja, não deixa de constituir um fato capital, um marco de natureza a indicar o caminho para novas observações. Sabe-se que os seres orgânicos complexos não se produzem dessa maneira; mas, quem sabe como eles começaram? Quem conhece o segredo de todas as transformações? Vendo o carvalho sair da glande, quem pode afirmar que não exista um laço misterioso entre o pólipó e o elefante? (Nº25.)

No estado atual dos nossos conhecimentos, não podemos estabelecer a teoria da geração espontânea permanente, senão como hipótese, mas como hipótese provável e que um dia, talvez, tome lugar entre as verdades científicas incontestadas. (*Revue Spirite*, julho de 1868, pág. 201: "Desenvolvimento da teoria da geração espontânea".)

Escala dos seres orgânicos

24. - Entre o reino vegetal e o reino animal, nenhuma delimitação há nitidamente marcada. Nos confins dos dois reinos estão os *zoófitos* ou *animais-*

plantas, cujo nome indica que eles participam de um e outro: serve-lhes de traço de união.

Como os animais, as plantas nascem, vivem, crescem, nutrem-se, respiram, reproduzem-se e morrem. Como aqueles, precisam elas de luz, de calor e de água; estiolam-se e morrem, desde que lhes faltem esses elementos. A absorção de um ar viciado e de substâncias deletérias as envenena. Oferecem como caráter distintivo mais acentuado conservarem-se presas ao solo e tirarem, dele a nutrição, sem se deslocarem.

O zoófito tem a aparência exterior da planta. Como planta, mantém-se preso ao solo; como animal, a vida nele se acha mais acentuada: tira do meio ambiente a sua alimentação.

Um degrau acima, o animal é livre e procura o alimento: em primeiro lugar, vêm as inúmeras variedades de pólipos, de corpos gelatinosos, sem órgãos bem definidos, só diferindo das plantas pela faculdade da locomoção; seguem-se, na ordem do desenvolvimento dos órgãos, da atividade vital e do instinto, os helmintos ou vermes intestinais; os moluscos, animais carnudos sem ossos, alguns deles nus, como as lesmas, os polvos, outros providos de conchas, como o caracol, a ostra; os crustáceos, cuja pele é revestida de uma crosta dura, como o caranguejo, a lagosta; os insetos, nos quais a vida assume prodigiosa atividade e se manifesta o instinto engenhoso, como a formiga, a abelha, a aranha. Alguns se metamorfoseiam, como a lagarta, que se transforma em elegante borboleta. Vem depois a ordem dos vertebrados, animais de esqueleto ósseo, ordem que abrange os peixes, os réptis, os pássaros; seguem-se, por fim, os mamíferos cuja organização é a mais completa.

25. - Se se considerarem apenas os dois pontos extremos da cadeia, nenhuma analogia aparente haverá; mas, se se passar de um anel a outro sem solução de continuidade, chega-se, sem transição brusca, da planta aos animais vertebrados. Compreende-se então a possibilidade de que os animais de organização complexa não sejam mais do que uma transformação, ou, se quiserem, um desenvolvimento gradual, a princípio insensível, da espécie imediatamente inferior e, assim, sucessivamente, até ao primitivo ser elementar. Entre a glande e o carvalho é grande a diferença; entretanto, se acompanharmos passo a passo o desenvolvimento da glande, chegaremos ao carvalho e já não nos admiraremos de que este proceda de tão pequena semente. Ora, se a glande encerra em latência os elementos próprios à formação de uma árvore gigantesca, por que não se daria o mesmo do oução ao elefante? (Nº 23.)

De acordo com o que fica dito, percebe-se que não exista geração espontânea senão para os seres orgânicos elementares; as espécies superiores seriam produto das transformações sucessivas desses mesmos seres, realizadas à proporção que as condições atmosféricas se lhes foram tornando propícias. Adquirindo cada espécie a faculdade de reproduzir-se, os cruzamentos acarretaram inúmeras variedades. Depois, uma vez instalada em condições favoráveis, quem nos diz que os germens primitivos donde ela surgiu não desapareceram para sempre, por inúteis? Quem nos diz que o nosso oução atual seja idêntico ao que, de transformação em transformação, produziu o elefante? Explicar-se-ia assim porque não há geração espontânea entre os animais de complexa organização.

Esta teoria, sem estar admitida ainda, de maneira definitiva, é a que tende evidentemente a predominar hoje na Ciência. Os observadores sérios aceitam-na como a mais racional.

O homem corpóreo

26. - Do ponto de vista corpóreo e puramente anatômico, o homem pertence à classe dos mamíferos, dos quais unicamente difere por alguns matizes na forma exterior. Quanto ao mais, a mesma composição de todos os animais, os mesmos órgãos, as mesmas funções e os mesmos modos de nutrição, de respiração, de secreção, de reprodução. Ele nasce, vive e morre nas mesmas condições e, quando morre, seu corpo se decompõe, como tudo o que vive. Não há, em seu sangue, na sua carne, em seus ossos, um átomo diferente dos que se encontram no corpo dos animais. Como estes, ao morrer, restitui à terra o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono que se haviam combinado para formá-lo; e esses elementos, por meio de novas combinações, vão formar outros corpos minerais, vegetais e animais. É tão grande a analogia que se estudam as suas funções orgânicas em certos animais, quando as experiências não podem ser feitas nele próprio.

27. - Na classe dos mamíferos, o homem pertence à ordem dos *bímanos*. Logo abaixo dele vêm os *quadrúmanos* (animais de quatro mãos) ou macacos, alguns dos quais, como o orangotango, o chimpanzé, o jocó, têm certos ademanes do homem, a tal ponto que, por muito tempo, foram denominados: *homens das florestas*. Como o homem, esses macacos caminham eretos, usam cajados, constroem choças e levam à boca, com a mão, os alimentos: sinais característicos.

28. - Por pouco que se observe a escala dos seres vivos, do ponto de vista do organismo, é-se forçado a reconhecer que, desde o líquen até a árvore e desde o zoófito até o homem, há uma cadeia que se eleva gradativamente, sem solução de continuidade e cujos anéis todos têm um ponto de contacto com o anel precedente. *Acompanhando-se passo a passo a série dos seres, dir-se-ia que cada espécie é um aperfeiçoamento, uma transformação da espécie imediatamente inferior*. Visto que são idênticas às dos outros corpos as condições do corpo do homem, química e constitucionalmente; visto que ele nasce, vive e morre da mesma maneira, também nas mesmas condições que os outros se há de ele ter formado.

29. - Ainda que isso lhe fira o orgulho, tem o homem que se resignar a não ver no *seu corpo material* mais do que o último anel da animalidade *na Terra*. Aí está o inexorável argumento dos fatos, contra o qual seria inútil protestar.

Todavia, quanto mais o corpo diminui de valor aos seus olhos, tanto mais cresce de importância o princípio espiritual. Se o primeiro, o nivela ao bruto, o segundo o eleva a incomensurável altura. Vemos o limite extremo do animal: não vemos o limite a que chegará o espírito do homem.

30. - O materialismo pode por aí ver que o Espiritismo, longe de temer as descobertas da Ciência e o seu positivismo, lhe vai ao encontro e os provoca, por possuir a certeza de que o princípio espiritual, que tem *existência própria*, em nada pode com elas sofrer.

O Espiritismo marcha ao lado do materialismo, no campo da matéria; admite tudo o que o segundo admite; mas, avança para além do ponto onde este

último pára. O Espiritismo e o materialismo são como dois viajantes que caminham juntos, partindo de um mesmo ponto; chegados a certa distância, diz um: «Não posso ir mais longe.» O outro prossegue e descobre um novo mundo. Por que, então, há de o primeiro dizer que o segundo é louco, somente porque, entre vendo novos horizontes, se decide a transpor os limites onde ao outro convém deter-se? Também Cristóvão Colombo não foi tachado de louco, porque acreditava na existência de um mundo, para lá do oceano? Quantos a História não conta desses loucos sublimes, que hão feito que a Humanidade avançasse e aos quais se tecem coroas, depois de se lhes haver atirado lama?

Pois bem! o Espiritismo, a loucura do século dezenove, segundo os que se obstinam em permanecer na margem terrena, nos patenteia todo um mundo, mundo bem mais importante para o homem, do que a América, porquanto nem todos os homens vão à América, ao passo que todos, sem exceção de nenhum, vão ao dos Espíritos, fazendo incessantes travessias de um para o outro.

Galgado o ponto em que nos achamos com relação à Gênese, o materialismo se detém, enquanto o Espiritismo prossegue em suas pesquisas no domínio da *Gênese espiritual*.

*

CAPÍTULO XI

GÊNESE ESPIRITUAL

Princípio espiritual. - União do princípio espiritual e da matéria. – Hipótese sobre a origem do corpo humano. - Encarnação dos Espíritos. - Reencarnações. - Emigrações e imigrações dos Espíritos. - Raça adâmica. - Doutrina dos anjos decaídos.

Princípio espiritual

1. - A existência do princípio espiritual é um fato que, por assim dizer, não precisa de demonstração, do mesmo modo que o da existência do princípio material. E, de certa forma, uma verdade axiomática. Ele se afirma pelos seus efeitos, como a matéria pelos que lhe são próprios.

De acordo com este princípio: «Todo efeito tendo uma causa, todo efeito inteligente há de ter uma causa inteligente», ninguém há que não faça distinção entre o movimento mecânico de um sino que o vento agite e o movimento desse mesmo sino para dar um sinal, um aviso, atestando, só por isso, que obedece a um pensamento, a uma intenção. Ora, não podendo acudir a ninguém a idéia de atribuir pensamento à matéria do sino, tem-se de concluir que o move uma inteligência à qual ele serve de instrumento para que ela se manifeste.

Pela mesma razão, ninguém terá a idéia de atribuir pensamento ao corpo de um homem morto. Se, pois, vivo, o homem pensa, é que há nele alguma coisa que não há quando está morto. A diferença que existe entre ele e o sino é que a inteligência, que faz com que este se mova, está fora dele, ao passo que está no homem a que faz que este obre.

2. - O princípio espiritual é corolário da existência de Deus; sem esse princípio, Deus não teria razão de ser, visto que não se poderia conceber a soberana inteligência a reinar, pela eternidade em fora, unicamente sobre a matéria bruta, como não se poderia conceber que um monarca terreno, durante toda a sua vida, reinasse exclusivamente sobre pedras. Não se podendo admitir Deus sem

os atributos essenciais da Divindade: a justiça e a bondade, inúteis seriam essas qualidades, se ele as houvesse de exercitar somente sobre a matéria.

3. - Por outro lado, não se poderia conceber um Deus soberanamente justo e bom, a criar seres inteligentes e sensíveis, para lançá-los ao nada, após alguns dias de sofrimento sem compensações, a recrear-se na contemplação dessa sucessão indefinita de seres que nascem, sem que o hajam pedido, pensam por um instante, apenas para conhecerem a dor, e se extinguem para sempre, ao cabo de efêmera existência.

Sem a sobrevivência do ser pensante, os sofrimentos da vida seriam, da parte de Deus, uma crueldade sem objetivo. Eis por que o materialismo e o ateísmo são corolários um do outro; negando o efeito, não podem eles admitir a causa. O materialismo é, pois, conseqüente consigo mesmo, embora não o seja com a razão.

4. - É inata no homem a idéia da perpetuidade do ser espiritual; essa idéia se acha nele em estado de intuição e de aspiração. O homem compreende que somente aí está a compensação às misérias da vida. Essa a razão por que sempre houve e haverá cada vez mais espiritualistas do que materialistas e mais devotos do que ateus.

À idéia intuitiva e à força do raciocínio o Espiritismo junta a sanção dos fatos, a prova material da existência do ser espiritual, da sua sobrevivência, da sua imortalidade e da sua individualidade. Torna precisa e define o que aquela idéia tinha de vago e de abstrato. Mostra o ser inteligente a atuar fora da matéria, quer depois, quer durante a vida do corpo.

5. - São a mesma coisa o princípio espiritual e o princípio vital?

Partindo, como sempre, da observação dos fatos, diremos que, se o princípio vital fosse inseparável do princípio inteligente, haveria certa razão para que os confundíssemos. Mas, havendo, como há, seres que vivem e não pensam, quais as plantas; corpos humanos que ainda se revelam animados de vida orgânica quando já não há qualquer manifestação de pensamento; uma vez que no ser vivo se produzem movimentos vitais independentes de qualquer intervenção da vontade; que durante o sono a vida orgânica se conserva em plena atividade, enquanto que a vida intelectual por nenhum sinal exterior se manifesta, é cabível se admita que a vida orgânica reside num princípio inerente à matéria, independente da vida espiritual, que é inerente ao Espírito. Ora, desde que a matéria tem uma vitalidade independente do Espírito e que o Espírito tem uma vitalidade independente da matéria, evidente se torna que essa dupla vitalidade repousa em dois princípios diferentes. (Cap. X, n. 16 a 19.)

6. - Terá o princípio espiritual sua fonte de origem no elemento cósmico universal? Será ele apenas uma transformação, um modo de existência desse elemento, como a luz, a eletricidade, o calor, etc.?

Se fosse assim, o princípio espiritual sofreria as vicissitudes da matéria; extinguir-se-ia pela desagregação, como o princípio vital; momentânea seria, como a do corpo, a existência do ser inteligente que, então, ao morrer, volveria ao nada, ou, o que daria na mesma, ao todo universal. Seria, numa palavra, a sanção das doutrinas materialistas.

As propriedades *sui generis* que se reconhecem ao princípio espiritual provam que ele tem existência própria, pois que, se sua origem estivesse na matéria, aquelas propriedades lhe faltariam. Desde que a inteligência e o pensamento não podem ser atributos da matéria, chega-se, remontando dos efeitos à causa, à conclusão de que o elemento material e o elemento espiritual são os dois princípios constitutivos do Universo individualizado, o elemento espiritual constitui os seres chamados *Espíritos*, como, individualizado, o elemento material constitui os diferentes corpos da Natureza, orgânicos e inorgânicos.

7. - Admitido o ser espiritual e não podendo ele proceder da matéria, qual a sua origem, seu ponto de partida?

Aqui, falecem absolutamente os meios de investigação, como para tudo o que diz respeito à origem das coisas. O homem apenas pode comprovar o que existe; acerca de tudo o mais, apenas lhe é dado formular hipóteses e, quer porque esse conhecimento esteja fora do alcance da sua inteligência atual, quer porque lhe seja inútil ou prejudicial presentemente, Deus não lho outorga, nem mesmo pela revelação.

O que Deus permite que seus mensageiros lhe digam e o que, aliás, o próprio homem pode deduzir do princípio da soberana justiça, atributo essencial da Divindade, é que todos procedem do mesmo ponto de partida; que todos são criados simples e ignorantes, com igual aptidão para progredir pelas suas atividades individuais; que todos atingirão o grau máximo da perfeição com seus esforços pessoais; que todos, sendo filhos do mesmo Pai, são objeto de igual solicitude; que nenhum há mais favorecido ou melhor dotado do que os outros, nem dispensado do trabalho imposto aos demais para atingirem a meta.

8. - Ao mesmo tempo que criou, desde toda a eternidade, mundos materiais, Deus há criado, desde toda a eternidade, seres espirituais. Se assim não fora, os mundos materiais careceriam de finalidade. Mais fácil seria conceberem-se os seres espirituais sem os mundos materiais, do que estes últimos sem aqueles. Os mundos materiais é que teriam de fornecer aos seres espirituais elementos de atividade para o desenvolvimento de suas inteligências.

9. - Progredir é condição normal dos seres espirituais e a perfeição relativa o fim que lhes cumpre alcançar. Ora, havendo Deus criado desde toda a eternidade, e criando incessantemente, também desde toda a eternidade tem havido seres que atingiram o ponto culminante da escala.

Antes que existisse a Terra, mundos sem conta haviam sucedido a mundos e, quando a Terra saiu do caos dos elementos, o espaço estava povoado de seres espirituais em todos os graus de adiantamento, desde os que surgiam para a vida até os que, desde toda a eternidade, haviam tomado lugar entre os puros Espíritos, vulgarmente chamados anjos.

União do princípio espiritual à matéria

10. - Tendo a matéria que ser objeto do trabalho do Espírito para desenvolvimento de suas faculdades, era necessário que ele pudesse atuar sobre ela, pelo que veio habitá-la, como o lenhador habita a floresta. Tendo a matéria que ser, no mesmo tempo, objeto e instrumento do trabalho, Deus, em vez de unir o Espírito à pedra rígida, criou, para seu uso, corpos organizados, flexíveis, capa-

zes de receber todas as impulsões da sua vontade e de se prestarem a todos os seus movimentos.

O corpo é, pois, simultaneamente, o envoltório e o instrumento do Espírito e, à medida que este adquire novas aptidões, reveste outro invólucro apropriado ao novo gênero de trabalho que lhe cabe executar, tal qual se faz com o operário, a quem é dado instrumento menos grosseiro, à proporção que ele se vai mostrando apto a executar obra mais bem cuidada.

11. - Para ser mais exato, é preciso dizer que é o próprio Espírito que modela o seu envoltório e o apropria às suas novas necessidades; aperfeiçoa-o e lhe desenvolve e completa o organismo, à medida que experimenta a necessidade de manifestar novas faculdades; numa palavra, talha-o de acordo com a sua inteligência. Deus lhe fornece os materiais; cabe-lhe a ele empregá-los. É assim que as raças adiantadas têm um organismo ou, se quiserem, um aparelhamento cerebral mais aperfeiçoado do que as raças primitivas. Desse modo igualmente se explica o cunho especial que o caráter do Espírito imprime aos traços da fisionomia e às linhas do corpo. (Cap. VIII, nº 7: *Da alma da Terra.*)

12. - Desde que um Espírito nasce para a vida espiritual, tem, por adiantar-se, que fazer uso de suas faculdades, rudimentares a princípio. Por isso é que reveste um envoltório adequado ao seu estado de infância intelectual, envoltório que ele abandona para tomar outro, à proporção que se lhe aumentam as forças. Ora como em todos os tempos houve mundos e esses mundos deram nascimento a corpos organizados próprios a receber Espíritos, em todos os tempos os Espíritos, qualquer que fosse o grau de adiantamento que houvessem alcançado, encontraram os elementos necessários à sua vida carnal.

13. - Por ser exclusivamente material, o corpo sofre as vicissitudes da matéria. Depois de funcionar por algum tempo, ele se desorganiza e decompõe. O princípio vital, não mais encontrando elemento para sua atividade, se extingue e o corpo morre. O Espírito, para quem, este, carente de vida, se torna inútil, deixa-o, como se deixa uma casa em ruínas, ou uma roupa imprestável.

14. - O corpo, conseguintemente, não passa de um envoltório destinado a receber o Espírito. Desde então, pouco importam a sua origem e os materiais que entraram na sua construção. Seja ou não o corpo do homem uma criação especial, o que não padece dúvida é que tem a formá-lo os mesmos elementos que o dos animais, a animá-lo o mesmo princípio vital, ou, por outra, a aquecê-lo o mesmo fogo, como tem a iluminá-lo a mesma luz e se acha sujeito às mesmas vicissitudes e às mesmas necessidades. É um ponto este que não sofre contestação.

A não se considerar, pois, senão a matéria, abstraindo do Espírito, o homem nada tem que o distinga do animal. Tudo, porém, muda de aspecto, logo que se estabelece distinção entre a *habitação* e o *habitante*.

Ou numa choupana, ou envergando as vestes de um campônio, um nobre senhor não deixa de o ser. O mesmo se dá com o homem: não é a sua vestidura de carne que o coloca acima do bruto e faz dele um ser à parte; é o seu ser espiritual, seu Espírito.

Hipótese sobre a origem do corpo humano

15. - Da semelhança, que há, de formas exteriores entre o corpo do homem e o do macaco, concluíram alguns fisiologistas que o primeiro é apenas uma transformação do segundo. Nada aí há de impossível, nem o que, se assim, for, afete a dignidade do homem. Bem pode dar-se que corpos de macaco tenham servido de vestidura aos primeiros Espíritos humanos, forçosamente pouco adiantados, que viessem encarnar na Terra, sendo essa vestidura mais apropriada às suas necessidades e mais adequadas ao exercício de suas faculdades, do que o corpo de qualquer outro animal. Em vez de se fazer para o Espírito um invólucro especial, ele teria achado um já pronto. Vestiu-se então da pele do macaco, sem deixar de ser Espírito humano, como o homem não raro se reveste da pele de certos animais, sem deixar de ser homem.

Fique bem entendido que aqui unicamente se trata de uma hipótese, de modo algum posta como princípio, mas apresentada apenas para mostrar que a origem do corpo em nada prejudica o Espírito, que é o ser principal, e que a semelhança do corpo do homem com o do macaco não implica paridade entre o seu Espírito e o do macaco.

16. - Admitida essa hipótese, pode dizer-se que, sob a influência e por efeito da atividade intelectual do seu novo habitante, o envoltório se modificou, embelezou-se nas particularidades, conservando a forma geral do conjunto (nº11). Melhorados, os corpos, pela procriação, se reproduziram nas mesmas condições, como sucede com as árvores de enxerto. Deram origem a uma espécie nova, que pouco a pouco se afastou do tipo primitivo, à proporção que o Espírito progrediu. O Espírito macaco, que não foi aniquilado, continuou a procriar, para seu uso, corpos de macaco, do mesmo modo que o fruto da árvore silvestre reproduz árvores dessa espécie, e o Espírito humano procriou corpos de homem, variantes do primeiro molde em que ele se meteu. O tronco se bifurcou: produziu um ramo, que por sua vez se tornou tronco.

Como em a Natureza não há transições bruscas, é provável que os primeiros homens aparecidos na Terra pouco diferissem do macaco pela forma exterior e não muito também pela inteligência. Em nossos dias ainda há selvagens que, pelo comprimento dos braços e dos pés e pela conformação da cabeça, têm tanta parecença com o macaco, que só lhes falta ser peludos, para se tornar completa a semelhança.

Encarnação dos Espíritos

17. - O Espiritismo ensina de que maneira se opera a união do Espírito com o corpo, na encarnação.

Pela sua essência espiritual, o Espírito é um ser indefinido, abstrato, que não pode ter ação direta sobre a matéria, sendo-lhe indispensável um intermediário, que é o envoltório fluídico, o qual, de certo modo, faz parte integrante dele. É semimaterial esse envoltório, isto é, pertence à matéria pela sua origem e à espiritualidade pela sua natureza etérea. Como toda matéria, ele é extraído do fluido cósmico universal que, nessa circunstância, sofre uma modificação especial. Esse envoltório, denominado perispírito, faz de um ser abstrato, do Espírito, um ser concreto, definido, apreensível pelo pensamento. Torna-o apto a atuar sobre a

matéria tangível, conforme se dá com todos os fluidos imponderáveis, que são, como se sabe, os mais poderosos motores.

O fluido perispírico constitui, pois, o traço de união entre o Espírito e a matéria. Enquanto aquele se acha unido ao corpo, serve-lhe ele de veículo ao pensamento, para transmitir o movimento às diversas partes do organismo, as quais atuam sob a impulsão da sua vontade e para fazer que repercutam no Espírito as sensações que os agentes exteriores produzam. Servem-lhe de fios condutores os nervos como, no telégrafo, ao fluido elétrico serve de condutor o fio metálico.

18. - Quando o Espírito tem de encarnar num corpo humano em vias de formação, um laço fluídico, que mais não é do que uma expansão do seu perispírito, o liga ao gérmen que o atrai por uma força irresistível, desde o momento da concepção. À medida que o gérmen se desenvolve, o laço se encurta. Sob a influência do *princípio vito-material do gérmen*, o perispírito, que possui certas propriedades da matéria, se une, *molécula a molécula*, ao corpo em formação, donde o poder dizer-se que o Espírito, por intermédio do seu perispírito, se enraíza, de certa maneira, nesse gérmen, como uma planta na terra. Quando o gérmen chega ao seu pleno desenvolvimento, completa é a união; nasce então o ser para a vida exterior.

Por um efeito contrário, a união do perispírito e da matéria carnal, que se efetuara sob a influência do princípio vital do gérmen, cessa, desde que esse princípio deixa de atuar, em consequência da desorganização do corpo. Mantida que era por uma força atuante, tal união se desfaz, logo que essa força deixa de atuar. Então, o perispírito se desprende, *molécula a molécula*, conforme se unira, e ao Espírito é restituída a liberdade. Assim, *não é a partida do Espírito que causa a morte do corpo; esta é que determina a partida do Espírito*.

Dado que, um instante após a morte, completa é a integração do Espírito; que suas faculdades adquirem até maior poder de penetração, ao passo que o princípio de vida se acha extinto no corpo, provado evidentemente fica que são distintos o princípio vital e o princípio espiritual.

19. - O Espiritismo, pelos fatos cuja observação ele faculta, dá a conhecer os fenômenos que acompanham essa separação, que, às vezes, é rápida, fácil, suave e insensível, ao passo que doutras é lenta, laboriosa, horripelmente penosa, conforme o estado moral do Espírito, e pode durar meses inteiros.

20. - Um fenômeno particular, que a observação igualmente assinala, acompanha sempre a encarnação do Espírito. Desde que este é apanhado no laço fluídico que o prende ao gérmen, entra em estado de perturbação, que aumenta, à medida que o laço se aperta, perdendo o Espírito, nos últimos momentos, toda a consciência de si próprio, de sorte que jamais presencia o seu nascimento. Quando a criança respira, começa o Espírito a recobrar as faculdades, que se desenvolvem à proporção que se formam e consolidam os órgãos que lhes hão de servir às manifestações.

21. - Mas, ao mesmo tempo que o Espírito recobra a consciência de si mesmo, perde a lembrança do seu passado, sem perder as faculdades, as qualidades e as aptidões anteriormente adquiridas, que haviam ficado temporariamente em estado de latência e que, voltando à atividade, vão ajudá-lo a fazer mais e

melhor do que antes. Ele renasce qual se fizera pelo seu trabalho anterior; o seu renascimento lhe é um novo ponto de partida, um novo degrau a subir. Ainda aí a bondade do Criador se manifesta, porquanto, adicionada aos amargores de uma nova existência, a lembrança, muitas vezes aflitiva e humilhante, do passado, poderia turbá-lo e lhe criar embaraços. Ele apenas se lembra do que aprendeu, por lhe ser isso útil. Se às vezes lhe é dado ter uma intuição dos acontecimentos passados, essa intuição é como a lembrança de um sonho fugitivo. Ei-lo, pois, novo homem por mais antigo que seja como Espírito. Adota novos processos, auxiliado pelas suas aquisições precedentes. Quando retorna à vida espiritual, seu passado se lhe desdobra diante dos olhos e ele julga de como empregou o tempo, se bem ou mal.

22. - Não há, portanto, solução de continuidade na vida espiritual, sem embargo do esquecimento do passado. Cada Espírito é sempre o mesmo *eu*, antes, durante e depois da encarnação, sendo esta, apenas, uma fase da sua existência. O próprio esquecimento se dá tão-só no curso da vida exterior de relação. Durante o sono, desprendido, em parte, dos liames carnis, restituído à liberdade e à vida espiritual, o Espírito se lembra, pois que, então, já não tem a visão tão obscurecida pela matéria.

23. - Tomando-se a Humanidade no grau mais ínfimo da escala espiritual, como se encontra entre os mais atrasados selvagens, perguntar-se-á se é aí o ponto inicial da alma humana.

Na opinião de alguns filósofos espiritualistas, o princípio inteligente, distinto do princípio material, se individualiza e elabora, passando pelos diversos graus da animalidade. É aí que a alma se ensaia para a vida e desenvolve, pelo exercício, suas primeiras faculdades. Esse seria para ela, por assim dizer, o período de incubação. Chegada ao grau de desenvolvimento que esse estado comporta, ela recebe as faculdades especiais que constituem a alma humana. Haveria assim filiação espiritual do animal para o homem, como há filiação corporal.

Este sistema, fundado na grande lei de unidade que preside à criação, corresponde, forçoso é convir, à justiça e à bondade do Criador; dá uma saída, uma finalidade, um destino aos animais, que deixam então de formar uma categoria de seres deserdados, para terem, no futuro que lhes está reservado, uma compensação a seus sofrimentos. O que constitui o homem espiritual não é a sua origem: são os atributos especiais de que ele se apresenta dotado ao entrar na humanidade, atributos que o transformam, tornando-o um ser distinto, como o fruto sabroso é distinto da raiz amarga que lhe deu origem. Por haver passado pela fieira da animalidade, o homem não deixaria de ser homem; já não seria animal, como o fruto não é a raiz, como o sábio não é o feto informe que o pôs no mundo.

Mas, este sistema levanta múltiplas questões, cujos prós e contras não é oportuno discutir aqui, como não o é o exame das diferentes hipóteses que se têm formulado sobre este assunto. Sem, pois, pesquisarmos a origem do Espírito, sem procurarmos conhecer as fieiras pelas quais haja ele, porventura, passado, tomamo-lo *ao entrar na humanidade*, no ponto em que, dotado de senso moral e de livre-arbítrio, começa a pesar-lhe a responsabilidade dos seus atos.

24. - A obrigação que tem o Espírito encarnado de prover ao alimento do corpo, à sua segurança, ao seu bem-estar, o força a empregar suas faculdades em investigações, a exercitá-las e desenvolvê-las. Útil, portanto, ao seu adiantamen-

to é a sua união com a matéria. Daí o constituir uma necessidade a encarnação. Além disso, pelo trabalho inteligente que ele executa em seu proveito, sobre a matéria, auxilia a transformação e o progresso material do globo que lhe serve de habitação. É assim que, progredindo, colabora na obra do Criador, da qual se torna fator inconsciente.

25. - Todavia, a encarnação do Espírito não é constante, nem perpétua: é transitória. Deixando um corpo, ele não retoma imediatamente outro. Durante mais ou menos considerável lapso de tempo, vive da vida espiritual, que é sua vida normal, de tal sorte que insignificante vem a ser o tempo que lhe duram as encarnações, se comparado ao que passa no estado de Espírito livre.

No intervalo de suas encarnações, o Espírito progride igualmente, no sentido de que aplica ao seu adiantamento os conhecimentos e a experiência que alcançou no decorrer da vida corporal; examina o que fez enquanto habitou a Terra, passa em revista o que aprendeu, reconhece suas faltas, traça planos e toma resoluções pelas quais conta guiar-se em nova existência, com a idéia de melhor se conduzir. Desse jeito, cada existência representa um passo para a frente no caminho do progresso, uma espécie de escola de aplicação.

26. - Normalmente, a encarnação não é uma punição para o Espírito, conforme pensam alguns, mas uma condição inerente à inferioridade do Espírito e um meio de ele progredir. (*O Céu e o Inferno*, cap. III, nos 8 e seguintes.)

À medida que progride moralmente, o Espírito se desmaterializa, isto é, depura-se, com o subtrair-se à influência da matéria; sua vida se espiritualiza, suas faculdades e percepções se ampliam; sua felicidade se torna proporcional ao progresso realizado. Entretanto, como atua em virtude do seu livre-arbítrio, pode ele, por negligência ou má-vontade, retardar o seu avanço; prolonga, conseqüentemente, a duração de suas encarnações materiais, que, então, se lhe tornam uma punição, pois que, por falta sua, ele permanece nas categorias inferiores, obrigado a recommençar a mesma tarefa. Depende, pois, do Espírito abreviar, pelo trabalho de depuração executado sobre si mesmo, a extensão do período das encarnações.

27. - O progresso material de um planeta acompanha o progresso moral de seus habitantes. Ora, sendo incessante, como é, a criação dos mundos e dos Espíritos e progredindo estes mais ou menos rapidamente, conforme o uso que façam do livre-arbítrio, segue-se que há mundos mais ou menos antigos, em graus diversos de adiantamento físico e moral, onde é mais ou menos material a encarnação e onde, por conseguinte, o trabalho, para os Espíritos, é mais ou menos rude. Deste ponto de vista, a Terra é um dos menos adiantados. Povoadas de Espíritos relativamente inferiores, a vida corpórea é aí mais penosa do que noutros orbes, havendo-os também mais atrasados, onde a existência é ainda mais penosa do que na Terra e em confronto com os quais esta seria, relativamente, um mundo ditoso.

28. - Quando, em um mundo, os Espíritos hão realizado a soma de progresso que o estado desse mundo comporta, deixam-no para encarnar em outro mais adiantado, onde adquiram novos conhecimentos e assim por diante, até que, não lhes sendo mais de proveito algum a encarnação em corpos materiais, passam a viver exclusivamente da vida espiritual, em a qual continuam a progredir, mas noutro sentido e por outros meios. Chegados ao ponto culminante do pro-

gresso, gozam da suprema felicidade. Admitidos nos conselhos do Onipotente, conhecem-lhe o pensamento e se tornam seus mensageiros, seus ministros diretos no governo dos mundos, tendo sob suas ordens os Espíritos de todos os graus de adiantamento.

Assim, qualquer que seja o grau em que se achem na hierarquia espiritual, do mais ínfimo ao mais elevado, têm eles suas atribuições no grande mecanismo do Universo; todos são úteis ao conjunto, ao mesmo tempo que a si próprios. Aos menos adiantados, como a simples serviçais, incumbe o desempenho, a princípio inconsciente, depois, cada vez mais inteligente, de tarefas materiais. Por toda parte, no mundo espiritual, atividade, em nenhum ponto a ociosidade inútil.

A coletividade dos Espíritos constitui, de certo modo, a alma do Universo. Por toda parte, o elemento espiritual é que atua em tudo, sob o influxo do pensamento divino. Sem esse elemento, só há matéria inerte, carente de finalidade, de inteligência, tendo por único motor as forças materiais, cuja exclusividade deixa insolúveis uma imensidade de problemas. Com a ação do elemento espiritual *individualizado*, tudo tem uma finalidade, uma razão de ser, tudo se explica. Prescindindo da espiritualidade, o homem esbarra em dificuldades insuperáveis.

29. - Quando a Terra se encontrou em condições climáticas apropriadas à existência da espécie humana, encarnaram nela Espíritos humanos. Donde vinham? Quer eles tenham sido criados naquele momento; quer tenham procedido, completamente formados, do espaço, de outros mundos, ou da própria Terra, a presença deles nesta, a partir de certa época, é um fato, pois que antes deles só animais havia. Revestiram-se de corpos adequados às suas necessidades especiais, às suas aptidões, e que, fisionomicamente, tinham as características da animalidade. Sob a influência deles e por meio do exercício de suas faculdades, esses corpos se modificaram e aperfeiçoaram: é o que a observação comprova. Deixemos então de lado a questão da origem, insolúvel por enquanto; consideremos o Espírito, não em seu ponto de partida, mas no momento em que, manifestando-se nele os primeiros germens do livre-arbítrio e do senso moral o vemos a desempenhar o seu papel humanitário, sem cogitarmos do meio onde haja transcorrido o período de sua infância, ou, se o preferirem, de sua incubação. Mau grado a analogia do seu envoltório com o dos animais, poderemos diferenciá-lo destes últimos pelas faculdades intelectuais e morais que o caracterizam, como, debaixo das mesmas vestes grosseiras, distinguimos o rústico do homem civilizado.

30. - Conquanto deversem ser pouco adiantados os primeiros que vieram, pela razão mesma de terem de encarnar em corpos muito imperfeitos, diferenças sensíveis haveria decerto entre seus caracteres e aptidões. Os que se assemelhavam, naturalmente se agruparam por analogia e simpatia. Achou-se a Terra, assim, povoada de Espíritos de diversas categorias, mais ou menos aptos ou rebeldes ao progresso. Recebendo os corpos a impressão do caráter do Espírito e procriando-se esses corpos na conformidade dos respectivos tipos, resultaram daí diferentes raças, quer quanto ao físico, quer quanto ao moral (nº 11). Continuando a encarnar entre os que se lhes assemelhavam, os Espíritos similares perpetuaram o caráter distintivo, físico e moral, das raças e dos povos, caráter que só com o tempo desaparece, mediante a fusão e o progresso deles. (**Revue Spirite**, julho de 1860, página 198: «Frenologia e fisiognomia».)

31. - Podem comparar-se os Espíritos que vieram povoar a Terra a esses bandos de emigrantes de origens diversas, que vão estabelecer-se numa terra virgem, onde encontram madeira e pedra para erguerem habitações, cada um dando à sua um cunho especial, de acordo com o grau do seu saber e com o seu gênio particular. Grupam-se então por analogia de origens e de gostos, acabando os grupos por formar tribos, em seguida povos, cada qual com costumes e caracteres próprios.

32. - Não foi, portanto, uniforme o progresso em toda a espécie humana. Como era natural, as raças mais inteligentes adiantaram-se às outras, mesmo sem se levar em conta que muitos Espíritos recém-nascidos para a vida espiritual, vindo encarnar na Terra juntamente com os primeiros aí chegados, tornaram ainda mais sensível a diferença em matéria de progresso. Fora, com efeito, impossível atribuir-se a mesma ancianidade de criação aos selvagens, que mal se distinguem do macaco, e aos chineses, nem, ainda menos, aos europeus civilizados.

Entretanto, os Espíritos dos selvagens também fazem parte da Humanidade e alcançarão um dia o nível em que se acham seus irmãos mais velhos. Mas, *sem dúvida, não será em corpos da mesma raça física*, impróprios a um certo desenvolvimento intelectual e moral. Quando o instrumento já não estiver em correspondência com o progresso que hajam alcançado, eles emigrarão daquele meio, para encarnar noutra mais elevado e assim por diante, até que tenham conquistado todas as graduações terrestres, ponto em que deixarão a Terra, para passar a mundos mais avançados. (*Revue Spirite*, abril de 1862, pág. 97: «Perfectibilidade da raça negra».)

Reencarnações

33. - O princípio da reencarnação é uma conseqüência necessária da lei de progresso. Sem a reencarnação, como se explicaria a diferença que existe entre o presente estado social e o dos tempos de barbárie? Se as almas são criadas ao mesmo tempo que os corpos, as que nascem hoje são tão novas, tão primitivas, quanto as que viviam há mil anos; acrescentemos que nenhuma conexão haveria entre elas, nenhuma relação necessária; seriam de todo estranhas umas às outras. Por que, então, as de hoje haviam de ser melhor dotadas por Deus, do que as que as precederam? Por que têm aquelas melhor compreensão? Por que possuem instintos mais apurados, costumes mais brandos? Por que têm a intuição de certas coisas, sem as haverem aprendido? Duvidamos de que alguém saia desses dilemas, a menos admita que Deus cria almas de diversas qualidades, de acordo com os tempos e lugares, proposição inconciliável com a idéia de uma justiça soberana. (Cap. II, nº 10.)

Admiti, ao contrário, que as almas de agora já viveram em tempos distantes; que possivelmente foram bárbaras como os séculos em que estiveram no mundo, mas que progrediram; que para cada nova existência trazem o que adquiriram nas existências precedentes; que, por conseguinte, as dos tempos civilizados não são almas criadas mais perfeitas, porém que se aperfeiçoaram por si mesmas com o tempo, e tereis a única explicação plausível da causa do progresso social. (**O Livro dos Espíritos**, Parte 2ª, caps. IV e V.)

34. - Pensam alguns que as diferentes existências da alma se efetuam, passando elas de mundo em mundo e não num mesmo orbe, onde cada Espírito viria uma única vez.

Seria admissível esta doutrina, se todos os habitantes da Terra estivessem no mesmo nível intelectual e moral. Eles então só poderiam progredir indo de um mundo a outro e nenhuma utilidade lhes adviria da encarnação na Terra. Desde que aí se notam a inteligência e a moralidade em todos os graus, desde a selvajaria que beira o animal até a mais adiantada civilização, é evidente que esse mundo constitui um vasto campo de progresso. Por que haveria o selvagem de ir procurar alhures o grau de progresso logo acima do em que ele está, quando esse grau se lhe acha ao lado e assim sucessivamente? Por que não teria podido o homem adiantado fazer os seus primeiros estágios senão em mundos inferiores, quando ao seu derredor estão seres análogos aos desses mundos? Quando, não só de povo a povo, mas no seio do mesmo povo e da mesma família, há diferentes graus de adiantamento? Se fosse assim, Deus houvera feito coisa inútil, colocando lado a lado a ignorância e o saber, a barbaria e a civilização, o bem e o mal, quando precisamente esse contacto é que faz que os retardatários avancem.

Não há, pois, necessidade de que os homens mudem de mundo a cada etapa de aperfeiçoamento, como não há de que o estudante mude de colégio para passar de uma classe a outra. Longe de ser isso vantagem para o progresso, ser-lhe-ia um entrave, porquanto o Espírito ficaria privado do exemplo que lhe oferece a observação do que ocorre nos graus mais elevados e da possibilidade de reparar seus erros no mesmo meio e em presença dos a quem ofendeu, possibilidade que é, para ele, o mais poderoso modo de realizar o seu progresso moral. Após curta coabitação, dispersando-se os Espíritos e tornando-se estranhos uns aos outros, romper-se-iam os laços de família, à falta de tempo para se consolidarem.

Ao inconveniente moral se juntaria um inconveniente material. A natureza dos elementos, as leis orgânicas, as condições de existência variam, de acordo com os mundos; sob esse aspecto, não há dois perfeitamente idênticos. Os tratados de Física, de Química, de Anatomia, de Medicina, de Botânica, etc., para nada serviriam nos outros mundos; entretanto, não fica perdido o que neles se aprende; não só isso desenvolve a inteligência, como também as idéias que se colhem de tais obras auxiliam a aquisição de outras. (Cap. VI, nos 61 e seguintes.) Se apenas uma única vez fizesse o Espírito a sua aparição, frequentemente brevíssima, num mesmo mundo, em cada imigração ele se acharia em condições inteiramente diversas; operaria de cada vez sobre elementos novos, com força e segundo leis que desconheceria, antes de ter tido tempo de elaborar os elementos conhecidos, de os estudar, de os aplicar. Teria de fazer, de cada vez, um novo aprendizado e essas mudanças contínuas representariam um obstáculo ao progresso. O Espírito, portanto, tem que permanecer no mesmo mundo, até que haja adquirido a soma de conhecimentos e o grau de perfeição que esse mundo comporta. (Nº. 31.)

Que os Espíritos deixem, por um mundo mais adiantado, aquele do qual nada mais podem auferir, é como deve ser e é. Tal o princípio. Se alguns há que antecipadamente deixam o mundo em que vinham encarnando, é isso devido a causas individuais que Deus pesa em sua sabedoria.

Tudo na criação tem uma finalidade, sem o que Deus não seria nem prudente, nem sábio. Ora, se a Terra se destinasse a ser uma única etapa do progresso para cada indivíduo, que utilidade haveria, para os Espíritos das crianças que morrem em tenra idade, vir passar aí alguns anos, alguns meses, algumas horas,

durante os quais nada podem haurir dele? O mesmo ocorre se pondere com referência aos idiotas e aos cretinos. Uma teoria somente é boa sob a condição de resolver todas as questões a que diz respeito. A questão das mortes prematuras há sido uma pedra de tropeço para todas as doutrinas, exceto para a Doutrina Espírita, que a resolveu de maneira racional e completa.

Para o progresso daqueles que cumprem na Terra uma missão normal, há vantagem real em volverem ao mesmo meio para aí continuarem o que deixaram inacabado, muitas vezes na mesma família ou em contacto com as mesmas pessoas, a fim de repararem o mal que tenham feito, ou de sofrerem a pena de talião.

Emigrações e imigrações dos Espíritos

35. - No intervalo de suas existências corporais, os Espíritos se encontram no estado de erraticidade e formam a população espiritual ambiente da Terra. Pelas mortes e pelos nascimentos, as duas populações, terrestre e espiritual, deságuam incessantemente uma na outra. Há, pois, diariamente, emigrações do mundo corpóreo para o mundo espiritual e imigrações deste para aquele: é o estado normal.

36. - Em certas épocas, determinadas pela sabedoria divina, essas emigrações e imigrações se operam por massas mais ou menos consideráveis, em virtude das grandes revoluções que lhes ocasionam a partida simultânea em quantidades enormes, logo substituídas por equivalentes quantidades de encarnações. Os flagelos destruidores e os cataclismos devem, portanto, considerar-se como ocasiões de chegadas e partidas coletivas, meios providenciais de renovação da população corporal do globo, de ela se retemperar pela introdução de novos elementos espirituais mais depurados. Na destruição, que por essas catástrofes se verifica, de grande número de corpos, nada mais há do que *rompimento de vestiduras*; nenhum Espírito perece; eles apenas mudam de planos; em vez de partirem isoladamente, partem em bandos, essa a única diferença, visto que, ou por uma causa ou por outra, fatalmente têm que partir, cedo ou tarde.

As renovações rápidas, quase instantâneas, que se produzem no elemento espiritual da população, por efeito dos flagelos destruidores, apressam o progresso social; sem as emigrações e imigrações que de tempos a tempos lhe vêm dar violento impulso, só com extrema lentidão esse progresso se realizaria.

É de notar-se que todas as grandes calamidades que dizimam as populações são sempre seguidas de uma era de progresso de ordem física, intelectual, ou moral e, por conseguinte, no estado social das nações que as experimentam. É que elas têm por fim operar uma remodelação na população espiritual, que é a população normal e ativa do globo.

37. - Essa transfusão, que se efetua entre a população encarnada e desencarnada de um planeta, igualmente se efetua entre os mundos, quer individualmente, nas condições normais, quer por massas, em circunstâncias especiais. Há, pois, emigrações e imigrações coletivas de um mundo para outro, donde resulta a introdução, na população de um deles, de elementos inteiramente novos. Novas raças de Espíritos, vindo misturar-se às existentes, constituem novas raças de homens. Ora, como os Espíritos nunca mais perdem o que adquiriram, consigo trazem eles sempre a inteligência e a intuição dos conhecimentos que possuem, o

que faz que imprimam o caráter que lhes é peculiar à raça corpórea que venham animar. Para isso, só necessitam de que novos corpos sejam criados para serem por eles usados. Uma vez que a espécie corporal existe, eles encontram sempre corpos prontos para os receber. Não são mais, portanto, do que novos habitantes. Em chegando à Terra, integram-lhe, a princípio, a população espiritual; depois, encarnam, como os outros.

Raça adâmica

38. - De acordo com o ensino dos Espíritos, foi uma dessas grandes imigrações, ou, se quiserem, uma dessas *colônias de Espíritos*, vinda de outra esfera, que deu origem à raça simbolizada na pessoa de Adão e, por essa razão mesma, chamada raça adâmica. Quando ela aqui chegou, a Terra já estava povoada desde tempos imemoriais, *como a América, quando aí chegaram os europeus*.

Mais adiantada do que as que a tinham precedido neste planeta, a raça adâmica é, com efeito, a mais inteligente, a que impele ao progresso todas as outras. A Gênese no-la mostra, desde os seus primórdios, industriosa, apta às artes e às ciências, sem haver passado aqui pela infância espiritual, o que não se dá com as raças primitivas, mas concorda com a opinião de que ela se compunha de Espíritos que já tinham progredido bastante. Tudo prova que a raça adâmica não é antiga na Terra e nada se opõe a que seja considerada como habitando este globo desde apenas alguns milhares de anos, o que não estaria em contradição nem com os fatos geológicos, nem com as observações antropológicas, antes tenderia a confirmá-las.

39. - No estado atual dos conhecimentos, não é admissível a doutrina segundo a qual todo o gênero humano procede de uma individualidade única, de há seis mil anos somente a esta parte. Tomadas à ordem física e à ordem moral, as considerações que a contradizem se resumem no seguinte:

Do ponto de vista fisiológico, algumas raças apresentam característicos tipos particulares, que não permitem se lhes assinalar uma origem comum. Há diferenças que evidentemente não são simples efeito do clima, pois que os brancos que se reproduzem nos países dos negros não se tornam negros e reciprocamente. O ardor do Sol tosta e brune a epiderme, porém nunca transformou um branco em negro, nem lhe achatou o nariz, ou mudou a forma dos traços da fisionomia, nem lhe tornou lizo e encarapinhado o cabelo comprido e sedoso. Sabe-se hoje que a cor do negro provém de um tecido especial subcutâneo, peculiar à espécie.

Há-se, pois, de considerar as raças negras, mongólicas, caucásicas como tendo origem própria, como tendo nascido simultânea ou sucessivamente em diversas partes do globo. O cruzamento delas produziu as raças mistas secundárias. Os caracteres fisiológicos das raças primitivas constituem indício evidente de que elas procedem de tipos especiais. As mesmas considerações se aplicam, conseqüentemente, assim aos homens, quanto aos animais, no que concerne à pluralidade dos troncos. (Cap. X, nos 2 e seguintes.)

40. - Adão e seus descendentes são apresentados na Gênese como homens sobremaneira inteligentes, pois que, desde a segunda geração, constroem cidades, cultivam a terra, trabalham os metais. São rápidos e duradouros seus progressos nas artes e nas ciências. Não se conceberia, portanto, que esse tronco

tenha tido, como ramos, numerosos povos tão atrasados, de inteligência tão rudimentar, que ainda em nossos dias rastejam a animalidade, que hajam perdido todos os traços e, até, a menor lembrança do que faziam seus pais. Tão radical diferença nas aptidões intelectuais e no desenvolvimento moral atesta, com evidência não menor, uma diferença de origem.

41. - Independentemente dos fatos geológicos, da população do globo se tira a prova da existência do homem na Terra, antes da época fixada pela Gênese.

Sem falar da cronologia chinesa, que remonta, dizem, a trinta mil anos, documentos mais autênticos provam que o Egito, a Índia e outros países já eram povoados e floresciam, pelo menos, três mil anos antes da era cristã, mil anos, portanto, depois da criação do primeiro homem, segundo a cronologia bíblica. Documentos e observações recentes não consentem hoje dúvida alguma quanto às relações que existiram entre a América e os antigos egípcios, donde se tem de concluir que essa região já era povoada naquela época. Forçoso então seria admitir-se que, em mil anos, a posteridade de um único homem pôde povoar a maior parte da Terra. Ora, semelhante fecundidade estaria em antagonismo com todas as leis antropológicas. (Na Exposição Universal de 1867, apresentaram-se antiguidades do México que nenhuma dúvida deixam sobre as relações que os povos desse país tiveram com os antigos egípcios. O Sr. Léon Méchedin, numa nota afixada no templo mexicano da Exposição, assim se exprimia:

"Não é conveniente se publiquem, prematuramente, as descobertas feitas, do ponto de vista da história do homem, pela recente expedição científica do México. Entretanto, nada se opõe a que o público saiba, desde já, que a exploração assinalou a existência de grande numero de cidades desaparecidas com o tempo, mas que a picareta e o incêndio podem retirar de suas mortalhas. As escavações puseram a descoberto, por toda parte, três **camadas de civilizações**, que dão ao mundo americano uma antigüidade fabulosa."

É assim que todos os dias a Ciência opõe o desmentido dos fatos à doutrina que limita a 6.000 anos a aparição do homem na Terra e pretende fazê-lo derivar de um tronco único).

42. - Ainda mais evidente se torna a impossibilidade, desde que se admita, com a Gênese, que o dilúvio destruiu todo o gênero humano, com exceção de Noé e de sua família, que não era numerosa, no ano de 1656 do mundo, ou seja, 2.348 anos antes da era cristã. Em realidade, pois, daquele patriarca é que dataria o povoamento da Terra. Ora, quando os hebreus se estabeleceram no Egito, 612 anos após o dilúvio, já o Egito era um poderoso império, que teria sido povoado, sem falar de outros países, em menos de seis séculos, só pelos descendentes de Noé, o que não é admissível.

Notemos, de passagem, que os egípcios acolheram os hebreus como estrangeiros. Seria de espantar que houvessem perdido a lembrança de uma tão próxima comunidade de origem, quando conservaram religiosamente os monumentos de sua história.

Rigorosa lógica, com os fatos a corroborá-la da maneira mais peremptória, mostra, pois, que o homem está na Terra desde tempo indeterminado, muito anterior à época que a Gênese assinala. O mesmo ocorre com a diversidade dos troncos primitivos, porquanto demonstrar a impossibilidade de uma proposição é demonstrar a proposição contrária. Se a Geologia descobre traços autênticos da presença do homem antes do grande período diluviano, ainda mais completa é a demonstração.

Doutrina dos anjos decaídos e da perda do paraíso

(Quando, na Revue Spirite de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a **interpretação da doutrina dos anjos decaídos**, apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversável, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos espíritas, como a mais racional e a mais concorde com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica).

43. - Os mundos progredem, fisicamente, pela elaboração da matéria e, moralmente, pela purificação dos Espíritos que os habitam. A felicidade neles está na razão direta da predominância do bem sobre o mal e a predominância do bem resulta do adiantamento moral dos Espíritos. O progresso intelectual não basta, pois que com a inteligência podem eles fazer o mal.

Logo que um mundo tem chegado a um de seus períodos de transformação, a fim de ascender na hierarquia dos mundos, operam-se mutações na sua população encarnada e desencarnada. É quando se dão as grandes emigrações e imigrações (ns. 34 e 35). Os que, apesar da sua inteligência e do seu saber, perseveraram no mal, sempre revoltados contra Deus e suas leis, se tornariam daí em diante um embaraço ao ulterior progresso moral, uma causa permanente de perturbação para a tranqüilidade e a felicidade dos bons, pelo que são excluídos da humanidade a que até então pertenceram e tangidos para mundos menos adiantados, onde aplicarão a inteligência e a intuição dos conhecimentos que adquiriram ao progresso daqueles entre os quais passam a viver, ao mesmo tempo que expiarão, por uma série de existências penosas e por meio de árduo trabalho, suas passadas faltas e seu *voluntário* endurecimento.

Que serão tais seres, entre essas outras populações, para eles novas, ainda na infância da barbárie, senão anjos ou Espíritos decaídos, ali vindos em expiação? Não é, precisamente, para eles, um *paraíso perdido* a terra *donde foram expulsos*? Essa terra não lhes era um lugar de delícias, em comparação com o meio ingrato onde vão ficar relegados por milhares de séculos, até que hajam merecido libertar-se dele? A vaga lembrança intuitiva que guardam da terra donde vieram é uma como longínqua miragem a lhes recordar o que *perderam por culpa própria*.

44. - Mas, ao mesmo tempo que os maus se afastam do mundo em que habitavam, Espíritos melhores aí os substituem, vindos quer da erraticidade, concernente a esse mundo, quer de um mundo menos adiantado, que mereceram abandonar; Espíritos esses para os quais a nova habitação é uma recompensa. Assim renovada e depurada a população espiritual dos seus piores elementos, ao cabo de algum tempo o estado moral do mundo se encontra melhorado.

São às vezes parciais essas mutações, isto é, circunscritas a um povo, a uma raça; doutras vezes, são gerais, quando chega para o globo o período de renovação.

45. - A raça adâmica apresenta todos os caracteres de uma raça proscrita. Os Espíritos que a integram foram exilados para a Terra, já povoada, mas de

homens primitivos, imersos na ignorância, que aqueles tiveram por missão fazer progredir, levando-lhes as luzes de uma inteligência desenvolvida. Não é esse, com efeito, o papel que essa raça há desempenhado até hoje? Sua superioridade intelectual prova que o mundo donde vieram os Espíritos que a compõem era mais adiantado do que a Terra. Havendo entrado esse mundo numa nova fase de progresso e não tendo tais Espíritos querido, pela sua obstinação, colocar-se à altura desse progresso, lá estariam deslocados e constituiriam um obstáculo à marcha providencial das coisas. Foram, em consequência, desterrados de lá e substituídos por outros que isso mereceram.

Relegando aquela raça para esta terra de labor e de sofrimentos, teve Deus razão para lhe dizer: «Dela tirarás o alimento com o suor da tua frente.» Na sua mansuetude, prometeu-lhe que lhe enviaria um *Salvador*, isto é, um que a esclareceria sobre o caminho que lhe cumpria tomar, para sair desse lugar de miséria, desse *inferno*, e ganhar a felicidade dos eleitos. Esse Salvador ele, com efeito, lho enviou, na pessoa do Cristo, que lhe ensinou a lei de amor e de caridade que ela desconhecia e que seria a verdadeira âncora de salvação.

É igualmente com o objetivo de fazer que a Humanidade se adiante em determinado sentido que Espíritos superiores, embora sem as qualidades do Cristo, encarnam de tempos a tempos na Terra para desempenhar missões especiais, proveitosas, simultaneamente, ao adiantamento pessoal deles, se as cumprirem de acordo com os desígnios do Criador.

46. - Sem a reencarnação, a missão do Cristo seria um contra-senso, assim como a promessa feita por Deus. Suponhamos, com efeito, que a alma de cada homem seja criada por ocasião do nascimento do corpo e não faça mais do que aparecer e desaparecer da Terra: nenhuma relação haveria entre as que vieram desde Adão até Jesus-Cristo, nem entre as que vieram depois; todas são estranhas umas às outras. A promessa que Deus fez de um Salvador não poderia entender-se com os descendentes de Adão, uma vez que suas almas ainda não estavam criadas. Para que a missão do Cristo pudesse corresponder às palavras de Deus, fora mister se aplicassem às mesmas almas. Se estas são novas, não podem estar maculadas pela falta do primeiro pai, que é apenas pai carnal e não pai espiritual. A não ser assim, Deus houvera criado almas com a mácula de uma falta que não podia deixar nelas vestígio, pois que elas não existiam. A doutrina vulgar do pecado original implica, consequentemente, a necessidade de uma relação entre as almas do tempo do Cristo e as do tempo de Adão; implica, portanto, a reencarnação.

Dizei que todas essas almas faziam parte da colônia de Espíritos exilados na Terra ao tempo de Adão e que se achavam manchadas dos vícios que lhes acarretaram ser excluídas de um mundo melhor e tereis a única interpretação racional do pecado original, pecado peculiar a cada indivíduo e não resultado da responsabilidade da falta de outrem a quem ele jamais conheceu. Dizei que essas almas ou Espíritos renascem diversas vezes na Terra para a vida corpórea, a fim de progredirem, depurando-se; que o Cristo veio esclarecer *essas mesmas almas*, não só acerca de suas vidas passadas, como também com relação às suas vidas ulteriores e então, mas só então, lhe dareis à missão um sentido real e sério, que a razão pode aceitar.

47. - Um exemplo familiar, mas frisante pela analogia, ainda mais compreensíveis tornará os princípios que acabam de ser expostos.

A 24 de maio de 1861, a fragata *Ifigênia* transportou à Nova Caledônia uma companhia disciplinar composta de 291 homens. À chegada, o comandante lhes baixou uma ordem do dia concebida assim:

«Pondo os pés nesta terra longínqua, já sem dúvida compreendestes o papel que vos está reservado.

«A exemplo dos bravos soldados da nossa marinha, que servem sob as vossas vistas, ajudar-nos-eis a levar com brilho o facho da civilização ao seio das tribos selvagens da Nova Caledônia. Não é uma bela e nobre missão, pergunto? Desempenhá-la-eis dignamente.

«Escutai a palavra e os conselhos dos vossos chefes. Estou à frente deles. Entendei bem as minhas palavras.

«A escolha do vosso comandante, dos vossos oficiais, dos vossos suboficiais e cabos constitui garantia certa de que todos os esforços serão tentados para fazer-vos excelentes soldados, digo mais: para vos elevar à altura de bons cidadãos e vos transformar em colonos honrados, *se o quiserdes*.

«A nossa disciplina é severa e assim tem que ser. Colocada em nossas mãos, ela será firme e inflexível, ficai sabendo, do mesmo modo que, justa e paternal, saberá distinguir o erro do vício e da degradação... »

Aí tendes um punhado de homens expulsos, pelo seu mau proceder, de um país civilizado e mandados, por punição, para o meio de um povo bárbaro. Que lhes diz o chefe? - «Infringistes as leis do vosso país; nele vos tornastes causa de perturbação e escândalo e fostes expulsos; mandam-vos para aqui, mas aqui podeis resgatar o vosso passado; podeis, pelo trabalho, criar-vos aqui uma posição honrosa e tornar-vos cidadãos honestos. Tendes uma bela missão a cumprir: levar a civilização a estas tribos selvagens. A disciplina será severa, mas justa, e saberemos distinguir os que procederem bem. Tendes nas mãos a vossa sorte; podeis melhorá-la, *se o quiserdes*, porque tendes o livre-arbítrio.»

Para aqueles homens, lançados ao seio da selvajaria, a mãe-pátria não é um paraíso que eles perderam pelas suas próprias faltas e por se rebelarem contra a lei? Naquela terra distante, não são eles anjos decaídos? A linguagem do chefe não é idêntica à de que usou Deus falando aos Espíritos exilados na Terra: «Desobedecestes às minhas leis e, por isso, eu vos expulsei do mundo onde podíeis viver ditosos e em paz. Aqui, estareis condenados ao trabalho; mas, podeis, pelo vosso bom procedimento, merecer perdão e reganhar a pátria que perdestes por vossa falta, isto é, o Céu»?

48. - À primeira vista, a idéia de decaimento parece em contradição com o princípio segundo o qual os Espíritos não podem retrogradar. Deve-se, porém, considerar que não se trata de um retrocesso ao estado primitivo. O Espírito, ainda que numa posição inferior, nada perde do que adquiriu; seu desenvolvimento moral e intelectual é o mesmo, qualquer que seja o meio onde se ache colocado. Ele está na situação do homem do mundo condenado à prisão por seus delitos. Certamente, esse homem se encontra degradado, decaído, do ponto de vista social, mas não se torna nem mais estúpido, nem mais ignorante.

49. - Será crível, perguntamos agora, que esses homens mandados para a Nova Caledônia vão transformar-se de súbito em modelos de virtude? Que vão abjurar repentinamente seus erros do passado? Para supor tal coisa, fora necessário desconhecer a Humanidade. Pela mesma razão, os Espíritos da raça adâmica, uma vez transplantados para a terra do exílio, não se despojaram instantaneamente do seu orgulho e de seus maus instintos; ainda por muito tempo conservaram as tendências que traziam, um resto da velha levedura. Ora, não é esse o pecado original?

*

LIVRO: O ESPÍRITO E O TEMPO

J.HERCULANO PIRES

CAPÍTULO V - MUNDO DE REGENERAÇÃO

1. HUMANIDADE CÓSMICA — Aquilo que há cem anos parecia uma simples utopia, ou a alucinação de um visionário, hoje já se tornou admitido até mesmo pelos mais fortes redutos da tradição terrena. A evolução acelerou-se de tal forma, no transcorrer deste século, a partir da publicação de "O Livro dos Espíritos", que o sonho de uma humanidade cósmica parece prestes a mostrar-nos a sua face real, através das conquistas da ciência. Nossos primeiros vôos nas vastidões espaciais alargaram as perspectivas da vida humana, ao mesmo tempo que as investigações do cosmos modificaram a posição dos cientistas e dos próprios setores religiosos mais tradicionais. Admite-se a existência de mundos habitados, em nosso sistema e fora dele, e a possibilidade do estabelecimento de um próximo intercâmbio entre as esferas celestes.

"O Livro dos Espíritos" já afirmava, desde meados do século dezenove, que o cosmos está povoado de humanidades. E Kardec inaugurou as relações interplanetárias conscientes, através das comunicações mediúnicas, obtendo informações da vida em outros globos do nosso próprio sistema solar. Na secção "Palestras Familiares de Além-Túmulo", da *Revue Spirite*, Kardec publicou numerosas conversações com habitantes de outros planetas, alguns deles, como Mozart e Pallissy, emigrados da Terra para mundos melhores. Todo o capítulo terceiro da primeira parte de "O Livro dos Espíritos" refere-se ao problema da criação e da formação dos mundos, contendo, do item 55 ao 58, os períodos anunciadores da "Pluralidade dos Mundos".

Os Espíritos afirmaram a Kardec que todos os mundos são habitados. A audácia da tese parece temerária, e está ainda muito longe de ser admitida. Mas é evidente que em parte já está sendo aceita por todo o mundo civilizado. Por outro lado, a condição fundamental para a sua aceitação já foi também admitida: a de que as formas de vida variam ao infinito, de mundo para mundo, uma vez que a constituição dos próprios globos é também a mais variada possível. Hoje, nos países cientificamente mais adiantados, como os Estados Unidos e a Rússia, fazem-se experiências de laboratório para o estudo da astrobiologia. As sondas espaciais, por sua vez, demonstraram a existência de vida microscópica nas mais distantes regiões do espaço, e o exame de aerólitos vem demonstrando que as pedras estelares trazem para a terra restos de fósseis desconhecidos.

Concomitantemente com esses progressos, na própria Terra as investigações científicas se ampliaram, revelando através da Física, da Biologia e da Psicologia, novas dimensões da vida. A Física Nuclear, a Biônica, a Cibernética e a Parapsicologia modificam a nossa posição diante dos problemas do mundo e da vida. Os parapsicólogos demonstram a existência de um substrato extrafísico na mente humana, e portanto na constituição do homem, ao mesmo tempo que os físicos nucleares revelam a natureza energética da matéria. Nossas concepções vão sendo impulsionadas irresistivelmente além do domínio físico, em todos os sentidos. A humanidade múltipla, de natureza cósmica, habitando dimensões desconhecidas, já não parece mais uma utopia ou uma simples alucinação.

No item 55 de "O Livro dos Espíritos" encontramos esta afirmação, em resposta à pergunta de Kardec sobre a habitabilidade de todos os mundos: "Sim, e o homem terreno está bem longe de ser, como acredita, o primeiro em inteligência, bondade e perfeição. Há, entretanto, homens que se julgam espíritos fortes e imaginam que este pequeno globo tem o privilégio de ser habitado por seres racionais. Orgulho e vaidade! Crêem que Deus criou o Universo somente para eles." No item 56 vemos esta antecipação: a constituição dos diferentes mundos não se assemelha. E no item 57, a explicação de que os mundos mais distantes do sol têm outras fontes de luz e calor, que ainda não conhecemos.

A tese da pluralidade dos mundos habitados leva-nos imediatamente ao conceito de solidariedade cósmica. No item 176 encontramos a afirmação de que: "todos os mundos são solidários". Esta solidariedade se traduz pelo intercâmbio reencarnatório. Os espíritos mudam de globos, de acordo com as necessidades ou conveniências de seu processo evolutivo. Essas migrações, entretanto, não são feitas ao acaso, mas segundo as leis universais da evolução. Cada mundo se encontra num determinado grau de aperfeiçoamento. Suas portas serão franqueadas aos espíritos, na proporção em que estes vão, por sua vez, atingindo graus superiores em sua evolução pessoal. Como os homens, nas relações internacionais, espíritos superiores podem reencarnar-se em mundos inferiores, cumprindo missões civilizadoras. Da mesma maneira, espíritos de mundos inferiores podem estagiar em mundos superiores se estiverem em condições para isso, e voltar aos seus globos, para ajudá-los a melhorar.

A humanidade cósmica é solidária, e a civilização cósmica é infinitamente superior ao nosso pobre estágio terreno, de que tanto nos vangloriamos. Há mundos de densidade física fora do alcance dos nossos sentidos, habitados por humanidades que nos pareceriam fluídicas, e que não obstante são, no plano em que se encontram, concretas e definidas. Humanidades felizes, que se utilizam de corpos leves e habitam regiões paradisíacas, numa estrutura social em que prevalecem o bem, o amor e a paz, o perfeito entendimento entre as criaturas. Humanidades livres da escravidão dos instintos animais e dos corrosivos morais do egoísmo e do orgulho, que infelicitam os mundos inferiores.

"A vida dos Espíritos, no seu conjunto, segue as mesmas fases da vida corpórea", ensina Kardec, no comentário que faz ao item 191 de "O Livro dos Espíritos". Os espíritos passam gradativamente "do estado de embrião ao de infância, para chegarem, por uma sucessão de períodos, ao estado de adulto, que é o da perfeição, com a diferença de que nesta não existe o declínio nem a decrepitude da vida corpórea". Assim, as concepções geocêntricas de céu e inferno, como prêmio ou castigo eternos de uma curta existência num pequeno mundo inferior, são substituídas pela compreensão copérnica da vida universal e do progresso infinito para todas as criaturas. Bastaria esta rápida visão da humanidade cósmica para nos mostrar como ainda estamos, infelizmente, distantes de uma assimilação perfeita da Doutrina Espírita. Quando conseguirmos compreender integralmente esta cosmo-sociologia e suas imensas conseqüências, estaremos à altura do Espiritismo.

2. DESTINAÇÃO DA TERRA — Os Espíritos explicam, no capítulo terceiro da primeira parte de "O Evangelho Segundo o Espiritismo": "A qualificação de mundos inferiores e mundos superiores é antes relativa que absoluta. Um mundo é inferior ou superior em relação aos que estão abaixo ou acima dele, na

escala progressiva." A medida cósmica é a evolução. "Embaixo" e "em cima" são expressões graduais, e não locais. A terra já foi um mundo inferior, quando habitado pela humanidade primitiva que nela se desenvolveu. O seu progresso foi ainda incentivado por migrações de espíritos, realizadas em massa, no momento em que um mundo distante conseguiu subir na escala dos mundos. Seus "resíduos evolutivos" foram então transferidos para o nosso planeta. Criaturas superiores aos habitantes terrenos, exilados na Terra, deram-lhe extraordinário impulso evolutivo. Assim, ela passou de mundo primitivo para a categoria de mundo de expiações e provas.

Essa é a condição atual da Terra. Mas é, também, a condição que ela está prestes a deixar, a fim de elevar-se à categoria de mundo de regeneração. Vejamos, porém, como explicar o nosso estágio atual. Ensina "O Evangelho Segundo o Espiritismo", no capítulo citado: "A superioridade da inteligência de um grande número de habitantes indica que ela não é um mundo primitivo, destinado à encarnação de Espíritos ainda saindo das mãos do Criador. As qualidades inatas que eles revelam são a prova de que já viveram, e de que realizaram algum progresso. Mas também os numerosos vícios a que se inclinam são o índice de uma grande imperfeição moral. Eis porque Deus os colocou numa terra ingrata, para aí expiarem as suas faltas, através de um trabalho penoso e das misérias da vida, até que mereçam passar para um mundo mais feliz."

Ao mesmo tempo, Espíritos ainda na infância evolutiva, e Espíritos de um grau intermediário, mesclam-se às coletividades em expiação. Representamos uma mistura de exilados e população aborígine. Os antigos habitantes do mundo primitivo convivem com os imigrantes civilizadores. Mas estes mesmos civilizadores ainda são bastante imperfeitos, e realizam sua missão expiando as faltas cometidas em outros mundos. A explicação prossegue: "A Terra nos oferece, portanto, um dos tipos de mundos expiatórios, de que as variações são infinitas mas que têm por caráter comum o de servirem de lugar de exílio para os Espíritos rebeldes à lei de Deus. Nesses mundos, os Espíritos têm de lutar ao mesmo tempo com a perversidade dos homens e contra a inclemência da natureza, duplo e penoso trabalho, que desenvolve simultaneamente as qualidades do coração e as da inteligência. É assim que Deus, na sua bondade, transforma o próprio castigo em proveito do progresso do Espírito."

Esta bela comunicação é assinada por Santo Agostinho, que usa o título de santo para fins de identificação. A seguir, com a mesma assinatura, temos uma mensagem sobre a condição do mundo em que o nosso planeta se transformará: o mundo de regeneração. Estes mundos, explica o Espírito: "servem de transição entre os mundos de expiação e os mundos felizes". São, portanto, simples escalas de aperfeiçoamento, na cadeia universal dos mundos. Prossegue a informação espiritual: "Nesses mundos, sem dúvida o homem está ainda sujeito às leis que regem a matéria. A humanidade experimenta as vossas sensações e os vossos desejos, mas livre das paixões desordenadas que vos escravizam." Estas frases traduzem uma bem-aventurança com que há muito sonhamos: "A palavra amor está gravada em todas as frentes; uma perfeita equidade regula as relações sociais."

Não estamos diante de uma humanidade perfeita, mas apenas de um grau de evolução superior ao nosso. O homem ainda é falível, sujeito a se deixar levar por resíduos do passado, arriscando-se a cair de novo em mundos expiatórios pa-

ra enfrentar provas terríveis. Quem não verifica o realismo desta descrição, comparando o nosso desenvolvimento atual com o nosso passado, e verificando as diretrizes do progresso terreno? Os Espíritos não anunciam uma transição miraculosa, mas uma transformação progressiva do mundo, que já está em plena realização. Nosso mundo de regeneração será mais ou menos feliz, segundo a nossa capacidade de construí-lo. O homem terreno atingiu o grau evolutivo que lhe permite responder plenamente pelas suas ações. Deus respeita o seu livre-arbítrio, para que ele possa aumentar a sua responsabilidade.

No mesmo capítulo citado, e com a mesma assinatura espiritual encontramos ainda estes esclarecimentos. "Acompanhando o progresso moral dos seres vivos, os mundos por eles habitados progredem materialmente. Quem pudesse seguir um mundo em suas diversas fases, desde o instante em que se aglomeraram os primeiros átomos da sua constituição, vê-lo-ia percorrer uma escala incessantemente progressiva, mas através de graus insensíveis para cada geração, e oferecer aos seus habitantes uma morada mais agradável, à medida que eles mesmos avançam na via do progresso. Assim marcham paralelamente o progresso do homem, o dos animais seus auxiliares, dos vegetais e das habitações, porque nada é estacionário na natureza. Quanto esta idéia é grande e digna do Criador! E quanto, ao contrário, é pequena e indigna de seu poder, a que concentra a sua solicitude e a sua providência sobre o imperceptível grão de areia da Terra e restringe a humanidade aos poucos homens que a habitam!"

Esta concepção cósmica não é grandiosa apenas no seu aspecto exterior, mas também e principalmente no seu sentido subjetivo, e, portanto, profundo. O que mais se afirma, em toda a sua extensão, é o princípio de liberdade e de responsabilidade humanas. Os Espíritos, que são as criaturas humanas, encarnadas ou não, aparecem como os artífices do seu próprio destino pessoal e coletivo, e como os demiurgos platônicos que modelam os mundos. Deus lhes oferece a matéria-prima das construções, mas são eles os que constroem, com inteira liberdade — dentro das limitações naturais das condições de vida em cada plano — cometendo crimes ou praticando atos de justiça, bondade e heroísmo, para colherem os resultados de suas próprias ações.

O sentido ético dessa concepção é revolucionário. Deus não está, diante dela, em nenhuma das duas posições clássicas do pensamento filosófico e religioso: nem como o Ato Puro de Aristóteles, indiferente ao Mundo, nem como o Jeová humaníssimo da *Bíblia*, comandando exércitos e dirigindo as ações humanas. Só mesmo a síntese cristã do Deus Pai, velando paternalmente pelos filhos, corresponde à sua grandeza. E é justamente essa síntese que se corporifica na idéia de Deus da concepção espírita. Mas, como até hoje, o Deus Pai do Cristianismo não se efetivou entre os homens, o Espiritismo o apresenta em novas dimensões, promovendo a sua revolução ética no mundo em transição.

3. ORDEM MORAL — É precisamente a revolução ética do Espiritismo que estabelecerá a ordem moral do mundo de regeneração. Aquilo que hoje chamamos ordem social, porque baseada nas relações de sociedades que implicam transações utilitárias, será de tal maneira modificada, que poderemos mudar a sua designação. A humanidade regenerada, embora ainda não tenha atingido a perfeição relativa dos mundos felizes, viverá numa estrutura de relações de tipo moral. Os valores pragmáticos serão substituídos naturalmente pelos valores morais, porque o homem não mais valerá pelo que possui, em dinheiro, proprieda-

des ou poder político, mas pelo que revela em capacidade intelectual e aprimoramento espiritual.

A dinâmica social da caridade, que o Espiritismo hoje desenvolve ativamente, em nosso mundo de provas e expiações, tem por finalidade romper o egocentrismo social dos indivíduos atuais, para em seu lugar fazer desabrochar o altruísmo moral, que caracterizará o cidadão do futuro. Mesmo no meio espírita, muitas pessoas não compreendem o sentido da filantropia espírita, entendendo que ela se confunde com os remendos de consciência das esmolas dos ricos. A verdade, porém, é que a caridade é o único antídoto eficaz do egoísmo, esse corrosivo psíquico, que envenena os espíritos e toda a sociedade. A prática da caridade é o aprendizado necessário do altruísmo, é o treinamento moral das criaturas em expiação e prova, com vistas ao mundo de regeneração.

Vemos no item 913 de "O Livro dos Espíritos" essa colocação precisa do problema: "Estudai todos os vícios, e vereis que no fundo de todos existe o egoísmo. Por mais que luteis contra eles, não chegareis a extirpá-los, enquanto não os atacardes pela raiz, enquanto não lhes houverdes destruído a causa. Que todos os vossos esforços tendam para esse fim, porque nele se encontra a verdadeira chaga da sociedade. Quem nesta vida quiser se aproximar da perfeição moral, deve extirpar do seu coração todo sentimento de egoísmo, porque o egoísmo é incompatível com a justiça, o amor e a caridade: ele neutraliza todas as outras qualidades."

Mas a prática da caridade não pode limitar-se à criação de serviços de assistência. A caridade espírita não é paternalista, mas fraterna. Não pode traduzir-se em protecionismo, mas em ajuda mútua: a mão que distribui não socorre apenas, porque também recebe. Só há uma paternidade: a de Deus. Sob ela, desenvolve-se a fraternidade humana, com deveres e direitos recíprocos. No capítulo XV de "O Evangelho Segundo o Espiritismo", item 5, encontramos esta exposição do problema: "Caridade e humildade são as únicas vias de salvação; egoísmo e orgulho, as de perdição. Este princípio é formulado em termos precisos nas seguintes frases: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo: toda a lei e os profetas se resumem nesses dois mandamentos." E para que não houvesse equívoco na interpretação do amor de Deus e do próximo, acrescenta-se: "E eis o segundo mandamento, semelhante ao primeiro." Quer dizer que não se pode verdadeiramente amar a Deus sem amar ao próximo, nem amar ao próximo sem amar a Deus, de maneira que tudo o que se faz contra o próximo, contra Deus se faz. Não se podendo amar a Deus sem praticar a caridade para com o próximo, todos os deveres do homem se resumem nesta máxima: Fora da caridade não há salvação."

"O Livro dos Espíritos", em seu item 917, dá-nos a chave dessa relação, explicando: "De todas as imperfeições humanas, a mais difícil de desenraizar é o egoísmo, porque se liga à influência da matéria, da qual o homem ainda muito próximo da sua origem, não pode libertar-se. Tudo concorre para entreter essa influência: suas leis, sua organização social, sua educação. O egoísmo se enfraquecerá com a predominância da vida moral sobre a material, e sobretudo com a compreensão que o Espiritismo vos dá, quanto ao vosso estado futuro real, não desfigurado pelas ficções alegóricas. O Espiritismo bem compreendido, quando estiver identificado com os costumes e as crenças, transformará os hábitos, as usanças e as relações sociais. O egoísmo se funda na importância da personali-

dade. Ora, o Espiritismo bem compreendido, repito-o, faz ver as coisas de tão alto que o sentimento da personalidade desaparece de alguma forma, perante a imensidade. Ao destruir essa importância, ou pelo menos ao fazer ver a personalidade naquilo que de fato ela é, ele combate necessariamente o egoísmo."

O amor do próximo não pode existir sem o amor de Deus, e vice-versa, porque o apego ao mundo, aos bens materiais, aos valores transitórios da terra, aguça o egoísmo. A "importância da personalidade", por sua vez, é incentivada pela ordem social utilitária, baseada no jogo de interesses imediatistas. A compreensão espírita do mundo e do destino do homem modificará a ordem social. A certeza da sobrevivência e o conhecimento da lei de evolução arrancarão o homem das garras do imediatismo: ele pensará no futuro. Assim fazendo, verá as coisas de mais alto e aprenderá que o valor supremo e o supremo bem estão nas leis de Deus, que são a justiça, o amor e a caridade. Compreender isso é amar a Deus, amar a Deus é praticar as suas leis. Sem o amor de Deus, o homem alimenta o amor de si mesmo, o egoísmo, que o liga estreitamente ao mundo e aos seus bens transitórios e falsos.

A referência às instituições egocêntricas, à legislação humana, contrária às leis de Deus, à organização social e injusta e à educação deformante, mostram-nos o que acima acentuamos, ou seja, que a caridade não se limita à assistência. De que vale amparar apenas os pobres, os necessitados, e entregar à loucura e à embriaguez do dinheiro e do poder os ricos do mundo? Espiritualmente os dois são necessitados, pois o rico voltará na pobreza, a fim de corrigir-se pela reencarnação. Cumpra, por isso mesmo, lutar pela transformação social, pela modificação da ordem egoísta que incentiva e perpetua o egoísmo, no círculo das reencarnações dolorosas.

Qual, porém, a maneira de lutarmos por essa transformação? O item 914 o aponta: a educação. E Kardec, no comentário final sobre o item 917, o reafirma: "A cura poderá ser prolongada, porque as causas são numerosas, mas não é impossível. A educação, se for bem compreendida, será a chave do progresso moral. Quando se conhecer a arte de manejar os caracteres, como se conhece a de manejar as inteligências, poder-se-ão endireitá-los, da mesma maneira como se endireitam as plantas novas." As respostas dadas a Kardec eram de Fénelon, um educador. O próprio Kardec, pedagogo, estava à altura de compreender, e prontamente endossou a opinião do Espírito.

As pessoas pouco afeitas ao estudo dos problemas políticos e sociais estranharão o caminho indicado. Não obstante, se foi Platão o primeiro a tentar a reforma do mundo pela educação, com a sua "República", foi Rousseau o primeiro a obter resultados positivos nesse sentido. Ambos eram utópicos, mas exerceram poderosa influência no mundo. E depois deles, compreendeu-se, principalmente a partir da Revolução Francesa, que nenhuma transformação podia efetuar-se e manter-se, sem apoiar-se na educação. As próprias formas de transformação violenta, como a Revolução Comunista e as Revoluções Nazista e Fascista, na Alemanha e na Itália, apoiaram-se imediatamente na educação. Porque a educação é a orientação das novas gerações, e a transmissão às mesmas de todo o acervo cultural da civilização: é a criação do futuro, a sua elaboração.

Educar, entretanto, não é apenas lecionar, ensinar nas escolas. A educação abrange todos os setores das atividades humanas e todas as idades e condi-

ções do homem. Daí a conclusão de Kardec, no mesmo comentário citado: "O egoísmo é a fonte de todos os vícios, como a caridade é a fonte de todas as virtudes. Destruir um e desenvolver a outra, deve ser o alvo de todos os esforços do homem, se ele deseja assegurar a sua felicidade neste mundo, tanto quanto no futuro." A educação espírita deve ser feita em todos os sentidos, através da palavra e do exemplo, numa luta incessante contra o egoísmo e em favor da caridade.

Nos capítulos sobre a lei de igualdade e a lei de justiça, amor e caridade, Kardec e os Espíritos apontam os rumos dessa batalha pela transformação do mundo. O próprio Espiritismo é um gigantesco esforço de educação do mundo, para que a humanidade regenerada de amanhã possa substituir o quanto antes a humanidade expiatória de hoje. Mas é necessário que os espíritas se eduquem no conhecimento e na prática da doutrina, para que possam educar o mundo nos princípios de renovação, que receberam do Consolador.

4. IMPÉRIO DA JUSTIÇA — A ordem moral será o império da justiça. O mundo de regeneração não poderá efetivar-se, portanto, enquanto não criarmos na Terra uma estrutura social baseada na justiça. Já vimos que a tarefa é nossa, pois o mundo nos foi dado como campo de experiência. Submetidos a expiações e provas aprendemos que o egoísmo é nefasto e que devemos lutar pelo altruísmo, a começar de nós mesmos. Mas como fazê-lo? Qual o critério a seguir, para que a educação espírita do mundo se converta em realidade, produzindo os frutos necessários?

Kardec nos explica; ao comentar o item 876: "O critério da verdadeira justiça é de fato o de se querer para os outros aquilo que se quereria para si mesmo, e não de querer para si o que se desejaria para os outros, pois isso não é a mesma coisa. Como não é natural que se queira o próprio mal, se tomarmos o desejo pessoal como norma de partida, podemos estar certos de jamais desejar para o próximo senão o bem. Desde todos os tempos, e em todas as crenças, o homem procurou sempre fazer prevalecer o seu direito pessoal. O sublime da religião cristã foi tomar o direito pessoal por base do direito do próximo."

O critério apontado, como vemos, é o da caridade. O império da justiça começará pelo reconhecimento recíproco dos direitos do próximo. A lei de igualdade regerá esse processo. Kardec declara ao comentar o item 803: "Todos os homens são submetidos às mesmas leis naturais; todos nascem com a mesma fragilidade, estão sujeitos às mesmas dores, e o corpo do rico se destrói como o do pobre. Deus não concedeu, portanto, a nenhum homem, superioridade natural, nem pelo nascimento, nem pela morte. Todos são iguais diante dele."

Liberdade, igualdade e fraternidade, são os rumos da civilização. Em "Obras Póstumas" aparece um trabalho de Kardec sobre esses três princípios, tantas vezes deturpados, mas que deverão predominar no mundo de justiça. Escreveu o codificador: "Estas três palavras constituem, por si sós, o programa de toda uma ordem social que realizaria o mais absoluto progresso da humanidade, se os princípios que elas exprimem pudessem receber integral aplicação." A seguir, Kardec coloca a fraternidade como princípio básico, apontando a igualdade e a fraternidade como seus corolários.

A igualdade absoluta não é possível, dizem os contraditores dos ideais igualitários, alguns mesmo alegando que a desigualdade é lei da natureza. Citam, em favor dessa tese, o fenômeno da individualização, bem como a diversidade

de aptidões. Lembrem que os próprios minerais, vegetais e animais se diversificam ao infinito. Mas esquecem-se de que a lei natural não é a desigualdade, mas a igualdade na diversidade. Vimos como Kardec define a igualdade dos homens perante Deus. Vejamos também a sua explicação das desigualdades no plano social, que é precisamente o plano material da fragmentação e da especificação.

Escreveu Kardec, no comentário ao item 805: "Assim, a diversidade das aptidões do homem não se relaciona com a natureza íntima de sua criação, mas com o grau de aperfeiçoamento a que ele tenha chegado, como Espírito. Deus não criou, portanto, a desigualdade das faculdades, mas permitiu que os diferentes graus de desenvolvimento se mantivessem em contato, a fim de que os mais adiantados pudessem ajudar os mais atrasados a progredir, e também a fim de que os homens, necessitando uns dos outros, compreendam a lei da caridade, que os deve unir!"

Nada existe como absoluto em nosso mundo, que é naturalmente relativo. A fraternidade, a igualdade e a liberdade são conceitos relativos, que tendem, porém, para a efetivação absoluta, através da evolução. No mundo de regeneração esses conceitos encontrarão maiores possibilidades de se efetivarem, porque a evolução moral terá levado os homens a se aproximarem dos arquétipos ideais. O Espiritismo nos convida à superação do relativismo material, para a compreensão dos planos superiores a que nos destinamos, como indivíduos e como coletividade. Nossa marcha evolutiva está precisamente traçada entre o relativo e o absoluto.

O império da justiça, no mundo de regeneração, marcará o início da libertação dos Espíritos que permanecerem na Terra. Mas esse mesmo fato representará a continuidade da escravidão, para os que forem obrigados a retirar-se para mundos inferiores. A desigualdade se manifesta na separação das duas coletividades espirituais, mas apenas como uma condição temporária da evolução, determinada pelas próprias exigências da igualdade fundamental das criaturas. Essa igualdade fundamental, que se define como de origem, natureza e essência, — origem, pela criação divina, comum a todos os espíritos; natureza, pela mesma qualidade, que é a individualização do princípio inteligente; e essência, pela mesma constituição espiritual e potencialidade consciencial; — desenvolve-se através da existência, nas fases sucessivas da evolução, que constituem as formas temporárias de desigualdade, para voltar à igualdade no plano superior da perfeição. Trata-se de um processo dialético de desenvolvimento do ser. Podemos figurá-lo assim: os espíritos partem da igualdade originária, passam pelas desigualdades existenciais, e atingem finalmente a igualdade essencial.

A justiça de Deus é absoluta, e por isso mesmo escapa às nossas mentes relativas. Mas na proporção em que formos evoluindo, alargaremos as nossas perspectivas mentais, para atingir a compreensão das coisas que hoje nos escapam. O Espiritismo é doutrina do futuro, que age no presente como impulso, levando-nos em direção aos planos superiores. É natural que muitos adeptos não o compreendam imediatamente, na inteireza de seus princípios e de seus objetivos. Mas é dever de todos procurar compreendê-lo, pelo estudo atento e humilde, pois sem a humildade necessária, arriscamo-nos à incompreensão orgulhosa e arrogante.

À maneira do Reino do Céu, pregado pelo Cristo, e das leis do Reino, que ele ensinou aos seus discípulos, o Espiritismo prepara o império da justiça na Terra. Não pode fazê-lo senão pela prática imediata da justiça através dos princípios que nos oferece, convidando-nos à aplicação pessoal dos mesmos em nossas vidas individuais, e sua natural extensão, pelo ensino e o exemplo, ao meio em que vivemos. A transformação espírita do mundo começa no coração de cada criatura que a deseja. Por isso ensinava o Cristo que o Reino de Deus está dentro de nós, e que não começa por sinais exteriores.

*

LIVRO: INTRODUÇÃO À FILOSOFIA ESPÍRITA

J. HERCULANO PIRES

COSMOSSOCIOLOGIA ESPÍRITA

VII — COSMOSSOCIOLOGIA ESPÍRITA

A Filosofia Espírita foi a primeira a apresentar uma concepção cosmossociológica de ordem científica. Emile Durkheim trataria mais tarde de um tipo de cosmossociologia anímica ao referir-se às cidades gregas do período arcaico, em que deuses e homens conviviam em estreita comunhão com a Natureza (*L'Évolution Pédagogique en France*, v.I, págs. 138-9), e René Hubert esclarece: "As cidades gregas estão ainda muito próximas de suas origens culturais para terem rompido o complexo de interações que ligam a vida social e a vida cósmica, bem como a vida psíquica individual e a vida social; o indivíduo forma corpo com a cidade e esta com o meio que a envolve; as divindades politeístas simbolizam ao mesmo tempo as grandes forças da Natureza. (*Traité de Pédagogie Générale*) págs. 24 e 25). Mas é no Espiritismo que a Cosmossociologia se define como uma realidade nova, marcando um avanço decisivo no processo do Conhecimento. Não se trata apenas da relação simbólica da fase mitológica, mas de uma relação positiva que se afirma em termos concretos e se confirma na investigação científica.

Os críticos e adversários do Espiritismo, que em geral o desconhecem, não vacilariam em contestar essa afirmação, recusando às pesquisas espíritas o caráter científico. Mas já agora teriam de enfrentar também as conclusões da Ciência em outros campos, como o da Física, onde os conceitos evoluíram para uma verdadeira Parafísica; da Astronomia, onde a teoria da pluralidade dos mundos habitados entrou para o domínio das possibilidades incontestáveis; da Biologia, onde o problema da vida rompeu a estreiteza da concepção organocêntrica; da própria Teologia, que passou a admitir, sob a influência científica, além da existência dos seres invisíveis a possibilidade de outras humanidades planetárias; e particularmente da Psicologia, que através das pesquisas parapsicológicas acabou provando cientificamente as relações humanas pela percepção extrasensorial e admitindo a existência de entidades extrafísicas em relação com o nosso plano. Assim, as investigações espíritas e as provas que apresentam no tocante às possibilidades cosmossociológicas estão hoje referendadas pelo desenvolvimento das Ciências. Negá-las e contestá-las com apoio em conceitos científicos superados é simplesmente recusar-se a aceitar as novas dimensões culturais do nosso tempo.

Mas, para uma exposição metodológica do problema, devemos partir de um exame geral da Cosmologia Espírita. É a primeira verificação que temos a fazer é a da existência de uma Cosmogonia Espírita, uma teoria genética do Cosmos que se enraíza na concepção bíblica. Os três primeiros capítulos de "*O Livro dos Espíritos*" nos apresentam essa parte cosmogônica de tipo religioso, que nem por isso, entretanto, se afasta do campo filosófico. Pelo contrário, enquadra-se perfeitamente na tradição filosófica e nas fases históricas mais recentes da Filosofia. Encontramos a afirmação de que o Universo foi criado por Deus no item 37 do cap. III. A seguir, nos itens 38 e 39, os esclarecimentos possíveis dessa criação, que resumimos no seguinte: *Deus criou o Universo pela sua vontade e os mundos se formam pela condensação da matéria espalhada no Espaço.*

Temos assim mais uma prova da natureza sintética do Espiritismo, no sentido de síntese histórica segundo a teoria de Arnold Toynbee a que já nos referimos. Toda a cosmogonia bíblica se encerra nesta simples afirmação: *Deus criou o Universo pela sua vontade*. E, logo mais passamos à Cosmologia científica, que começa por esse esclarecimento, hoje confirmado pela própria Física nuclear: *os Mundos se formam pela condensação de matéria*. Daí por diante, a Cosmologia Espírita se desenvolve na linha puramente científica, apresentando os seis dias da Criação como seis períodos geológicos, a formação dos seres vivos como um processo evolutivo, a figura bíblica de Adão e Eva como simples alegoria, o aparecimento do homem em diversos pontos da Terra (o que determinou a variedade das raças), e o Universo como um sistema de mundos habitados de acordo com as condições específicas de cada um. Tudo isso hoje admitido no campo das teorias científicas. O cap. III se encerra com a explicação do dilúvio bíblico como uma catástrofe parcial e local, o que foi posteriormente confirmado pelas pesquisas arqueológicas de Sir Charles Leonard Woolley no delta do Tigre e do Eufrates.

O cap. IV, que encerra a primeira parte de, "*O Livro dos Espíritos*", é dedicado aos problemas ontológicos que já estudamos. A segunda parte ou Livro II se inicia com os problemas da origem e desenvolvimento espiritual do Homem, passando logo a seguir ao campo da Sociologia Espírita que começa no plano espiritual. Isso porque o Homem é primeiramente Espírito e o Mundo Espiritual é o verdadeiro, "normal e primitivo", do qual deriva o Mundo Corporal. É assim que passamos insensivelmente da Cosmogonia à Cosmologia e desta à Sociologia. A *escala espírita*, simples esquema de classificação tipológica dos Espíritos, em seu processo evolutivo, que começa no item 100 de "*O Livro dos Espíritos*", é ao mesmo tempo um elemento da Ontologia, da Psicologia, da Caracteriologia e da Sociologia Espíritas. Podemos aplicá-las tanto aos Espíritos em sua vida espiritual quanto aos homens ou Espíritos encarnados no Mundo Corporal.

Abrem-se no cap. II do Livro II as perspectivas da Sociologia Espírita em toda a sua amplitude. Compreendemos então a razão de Emmanuel haver declarado, em "O Consolador", que "O Espiritismo é o iniciador da Sociologia". Realmente, aquilo que podemos chamar de Sociologia num sentido lato só apareceu até agora nas páginas de "*O Livro dos Espíritos*". Porque somente esse livro nos propõe toda a extensão e complexidade do *fato social* e ao mesmo tempo nos mostra que esse *objeto* (como queria Durkheim que ele fosse encarado) é um objeto cósmico e não apenas terreno. A Sociedade Humana se projeta no infinito e se desdobra em sucessivas estruturas espirituais, angélicas, arcangélicas etc., rompendo até mesmo o conceito esferocêntrico ainda dominante em nossos dias (o da possibilidade de vida apenas em esferas planetárias) como resíduo do velho geocentrismo. Porque os Espíritos vivem não somente nas existências planetárias, como a nossa, mas no Espaço, ou seja, nas amplidões do Infinito, em hipóstases do Universo que não podemos sequer chamar de regiões, pois na verdade não sabemos como são, que aspecto apresentam.

Assim, a Sociologia Espírita entranha-se na própria ordem cósmica. Um fato social terreno está ligado ao Universo, determinado por leis universais. É, portanto, um *fato cósmico*. Há duas ordens de fenômenos que nos permitem verificar esse entrosamento no próprio mundo sensorial: *a palingenesia* e *a mediunidade*. A primeira (que não é apenas reencarnação, pois não se aplica somente à

vida orgânica) mostra-nos aquilo que "*O Livro dos Espíritos*" afirma constantemente: *tudo se encadeia no Universo*. Verificamos através dela que tudo desaparece e reaparece, ou seja, que *tudo se faz, se desfaz e se refaz, no eterno suceder das coisas e dos seres*, como Heráclito já havia intuído, mas não em forma cíclica, em inútil e constante repetição, mas num processo de desenvolvimento regido pela lei de evolução. É o que vemos nesta admirável frase do fim do item 540 do L. E: "Tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o Arcanjo, pois ele mesmo começou pelo átomo".

A segunda ordem fenomênica acima referida, a *mediúnica*, mostra-nos a unidade fundamental do Universo e a sua diversidade instrumental. O fato social terreno é de ordem instrumental, ocorre no campo das relações corporais (os corpos como instrumentos do Espírito). Mas esse fato é produzido pelos Espíritos e regido pela *lei da mediunidade*, lei básica das relações espírito-matéria em todo o Universo. Além disso, as leis universais de afinidade, justiça e amor estão implicadas nele e o determinam. Uma consulta ao Livro III de "*O Livro dos Espíritos*" dedicado ao estudo das Leis Morais, poderia ajudar-nos a esclarecer a natureza cósmica dos mais diversos *atos sociais* terrenos. A lei física de causa e efeito aplica-se no plano moral como lei de ação e reação, a lei cármica das religiões indianas. A lei universal da migração de Espíritos, da transferência de Espíritos de um mundo para outro, segundo a necessidade, projeta os antecedentes do *fato social* a distâncias inimagináveis.

Os fins da vida social são os mesmos, no Mundo Espiritual e no Mundo Corporal: o desenvolvimento das potencialidades do Espírito, a sua realização moral. A palingenesia tem verso e reverso: nascemos e renascemos nos dois planos. As existências sucessivas são portanto intercaladas: a cada existência corporal sucede uma espiritual. E nessas duas existências as relações sociais constituem formas necessárias da evolução espiritual: na existência corporal as relações sociais são objetivas e condicionadas ao processo de exteriorização do Espírito; na existência espiritual as relações são subjetivas e sua interiorização condiciona o aproveitamento da experiência corporal. Exemplo: na existência corporal a exteriorização do Espírito determina a sua ligação com outros e estabelece os laços de família, que resumem os elementos de aglutinação da sociedade, os liames sociais (itens 773 a 775 do L.E.). A família se constitui em célula básica da sociedade. Mas os antecedentes da ligação familiar continuam a determinar ações e reações em cadeia, que se manifestam nos interesses objetivos: os interesses psicológicos estudados pela Psicologia comum. Na existência espiritual a interiorização do Espírito determina o confronto do seu comportamento existencial terreno com os fins da vida social, que na sua consciência estão marcados em forma de exigências morais. Esse confronto irá determinar o seu destino, as suas condições existenciais em nova encarnação.

A individualização do princípio inteligente é um processo psicocêntrico. Todo o psiquismo se concentra progressivamente na formação da consciência, na definição do Ser. O Ser, uma vez determinado, é um ego, uma unidade psíquica, segundo vemos no item 92 do L.E., comentário de Kardec. Essa unidade, pela própria necessidade de manter-se integrada, é egocêntrica e portanto egoísta. A socialização é um processo de descentralização psíquica, não no sentido de desagregação mas de expansão das potencialidades do ego, que se abre na vida social como a semente ao germinar ou a flor que desabrocha. Essa a razão por-

que a caridade é o princípio espírita da vida social: através dela o homem se abre para os outros, o egoísmo se transforma em altruísmo. No plano sociológico podemos esquematizar esse processo da seguinte maneira:

O selvagem isolado é o Narciso da lenda que ama a si mesmo. Esse amor (Adão gozando sozinho o Paraíso) entretanto não lhe basta. A sua insatisfação o leva à procura de um objeto exterior que é arrancado por Deus do seu próprio Ser (Eva tirada da sua costela durante o sono, um sonho que se concretiza, uma potencialidade que se atualiza). Surge assim a primeira família e dela o primeiro clã. As ligações sociais se ampliam na tribo, na raça, na nação. Forma-se o primeiro organismo gregário e o egoísmo se transforma em sócio-centrismo. Mas desenvolve-se a Civilização: com ela, o gregarismo se transforma em sociabilidade. O indivíduo gregário se torna um ser social e as relações sociais o levam à expansão e atualização de suas potencialidades morais. O ser social atinge pouco a pouco a plenitude do ser moral. Mais um pouco e ele se liberta da roda palin-gênica dos renascimentos, tornando-se um Ser Espiritual. Toda essa seqüência pode ser observada na Escala Espírita.

A Sociologia Espírita, abrangendo todo esse processo de desenvolvimento ontológico, pode ser dividida em duas partes: a Parassociologia e a Cosmossociologia. Trata-se de uma divisão puramente metodológica que tentaremos explicar da seguinte maneira:

PARASSOCIOLOGIA é a parte da Sociologia Espírita que trata das relações sociais na existência corporal. Divide-se em:

1) *Psicossociologia Anímica* — Estudo do processo de interação social pelas relações psíquicas de natureza anímica: funções sociais da chamada percepção extra-sensorial hoje estudada pela Parapsicologia.

2) *Psicossociologia Mediúnica* — Estudo do processo de interação social pelas relações psíquicas de natureza mediúnica: funções sociais da mediunidade, ação dos Espíritos sobre os Homens e vice versa, determinando mudanças nas relações sociais.

COSMOSSOCIOLOGIA é a parte da Sociologia Espírita que trata das relações sociais na existência espiritual. Divide-se em:

1) *Metassociologia* — Estudo das relações sociais de ordem espiritual, que tanto se processam na vida de vigília como durante o sono, com o desprendimento do Espírito e sua participação na vida espiritual ou sua atividade oculta ou ostensiva na própria vida corporal.

2) *Astrossociologia* — Estudo das relações sociais de ordem espiritual entre os diversos Mundos: migrações de Espíritos, manifestações de Espíritos de outros planetas na Terra e vice-versa, possibilidade da percepção anímica ou extra-sensorial nas relações interplanetárias e interestaciais em geral.

A Parassociologia está bem exposta em "*O Livro dos Espíritos*" nos Caps. VIII e IX do Livro II.

A cosmossociologia se encontra nos caps. IV, V e VI do Livro II. Os caps. X e XI do mesmo Livro II completam a Cosmossociologia Espírita estudando as ocupações e missões cósmicas dos Espíritos e as suas atividades telúricas na vida planetária.

“*O Livro dos Médiuns*” é o compêndio básico para o estudo dos vários tipos de relações da Parassociologia e da Cosmossociologia.

“*O Evangelho Segundo o Espiritismo*” é o código moral da vida espírita e portanto o livro em que os princípios normativos da Sociologia Espírita se encontram definidos e explicados.

O problema das relações interplanetárias, hoje colocado pelas pesquisas astronômicas, figura no cap. III da primeira parte de “*O Livro dos Espíritos*”, itens 55 a 58, sob o título de “Pluralidade dos Mundos”. O astrônomo Camille Flammarion, que era médium psicógrafo e trabalhava com Kardec na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas publicou uma obra sobre o mesmo assunto. As relações astronômicas, entretanto, só poderão efetivar-se entre Mundos semelhantes quanto à densidade física de sua constituição. Na pergunta 56 “*O Livro dos Espíritos*” coloca o problema da diferença da constituição física dos diversos planetas, e conseqüentemente da diferença dos organismos corporais de seus habitantes. Nada impede, entretanto, que os Mundos mais diversos se comuniquem entre si pelas vias mediúnicas, pois o Espírito é sempre o mesmo em toda parte.

Os Mundos nascem e morrem. Lemos no item 41 do L. E.: “Deus renova os Mundos, como renova os seres vivos.” A Escala dos Mundos nos mostra que eles evoluem. E o item 185 do L. E. esclarece: “Os Mundos também estão submetidos à lei do progresso. Todos começaram como o vosso, por um estado inferior, e a própria Terra sofrerá uma transformação semelhante, tornando-se um paraíso terrestre quando os homens se fizerem bons.” Assim, os Mundos formam uma coletividade cósmica. Estão ligados entre si pela rede das leis universais, pelas incessantes comunicações dos Espíritos através do Cosmos, pelas migrações individuais e coletivas dos seres no processo evolutivo. O item 176 do L. E. afirma: “Todos os mundos são solidários”.

A solidariedade dos Mundos é uma decorrência natural da unidade e organicidade do Cosmos. A concepção espírita do Universo é monista. Há na Terra muitos homens, em diversos graus de evolução (item 176.a) que nela se encontram pela primeira vez, e nem por isso se diferenciam dos outros. O Espírito humano é um só e tem a flexibilidade necessária para conformar-se, em cada Mundo, às suas exigências e ao seu tipo específico de cultura. Dessa maneira não há razão para os temores que certas pessoas revelam no tocante à possibilidade de criaturas de outros planetas invadirem a Terra. Na verdade, elas estão constantemente invadindo, como nós, os terrícolas, também invadimos outros Mundos. A Humanidade é cósmica e as leis universais equilibram a sua distribuição nos diferentes Mundos.

As distâncias espaciais, como antigamente as distâncias entre os continentes na Terra, só podem ser vencidas por criaturas que tenham alcançado elevado grau de evolução. As naves interplanetárias que chegarem à Terra só podem ser tripuladas por criaturas de uma civilização superior à nossa. É o nosso primarismo que nos leva a imaginar invasões interplanetárias destruidoras. A proporção que superamos os nossos conflitos na Terra nos tornaremos mais aptos a compreender a harmonia do Universo, a unidade espiritual das criaturas e a solidariedade dos Mundos. Então estaremos em condições de receber os nossos irmãos de outros planetas, que poderão trazer-nos, como fazemos hoje entre os

países civilizados, as contribuições de suas diferentes culturas para enriquecerem a nossa.

*

LIVRO EMMANUEL (EMMANUEL)

AS VIDAS SUCESSIVAS E OS MUNDOS HABITADOS – CAP. XVI

Alguns estudiosos, há muitos séculos, guardam as verdadeiras concepções do Universo, o qual não se encontra circunscrito ao minúsculo orbe terreno e é representado pelo infinito dos mundos, dentro do infinito de Deus.

Não obstante as teorias do sistema geocêntrico, que encarava a Terra como o centro do grupo de planetas em que vos encontrais, a idéia da multiplicidade dos sóis vinha, de há muito, animando o cérebro dos pensadores da antiguidade.

Apesar da objetiva dos vossos telescópios, que descortinam, na imensidade, “as terras do céu”, julga-se erradamente que apenas o vosso mundo oferece condições de habitabilidade e somente nele se verifica o florescimento da vida.

Infelizmente, são inúmeros os que duvidam dessa realidade incontestada, aprisionados em escolas filosóficas que pecam pelo seu caráter obsoleto e incompatível com a evolução da Humanidade, em geral.

É que não reconhecem que a Terra minúscula é apenas um ponto obscuro e opaco, no concerto sideral, e nada de singular existe nela que lhe outorgue, com exclusividade, o privilégio da vida; em contraposição aos assertos dos negadores, podeis notar, cientificamente, que é mesmo, em vosso plano, o local do Universo onde a vida encontra mais dificuldades para se estabelecer.

ESPONTANEIDADE IMPOSSÍVEL

Grande é a tortura dos seres racionais que, no mundo terráqueo, buscam guarda para as suas aspirações de progresso, porquanto, do berço ao túmulo, suas existências representam grande soma de esforços combatendo com a Natureza inconstante, com as mais diversas condições climatéricas, arrasadoras da saúde e causas de um combate acérrimo da parte do homem, porque não lhe é possível viver em afinidade perfeita com a natureza submetida às mais bruscas mutações, sendo obrigado a criar a sua moradia, organizar a sua habitação, que representa, de fato, a sua escravidão, que representa, de fato, a sua escravidão primeira, impedindo-lhe um a existência cheia de harmonia e espontaneidade.

O vosso mundo vos obriga a uma vida artificial, já que sois obrigados a buscar, cotidianamente, o sustento do corpo que se gasta e consome nessa batalha sem tréguas. Nele, as mais belas faculdades espirituais são frequentemente sufocadas, em virtude das mais imperiosas necessidades da matéria.

HÁ MUNDOS INCONTÁVEIS

Que se calem os que puderem descobrir a vida apenas em vossa obscura penitência de naufragos morais.

Por que razão a Vontade Divina colocaria na amplidão essas plagas longínquas? Enxergar nesses mundos distantes somente objetos de estudo da vossa Astronomia é um erro; eles estão, às vezes, regulados por forças mais ou menos idênticas às que controlam a vossa vida. Em sua superfície observam-se os fenômenos atmosféricos e outros, cuja explicação é inacessível ao vosso entendimento. Por que os formaria o Criador para o ermo do silêncio e do deserto? Po-

dereis conceber cidades bem construídas, abarrotadas de tesouros e magnificências, apodrecendo sem habitantes?

Há mundos incontáveis e muitos deles formados de fluidos rarefeitos, inatingidos, na atualidade, pelos vossos instrumentos de ótica.

MUNDO DE EXÍLIO E ESCOLA REGENERADORA

A terra não representa senão um detalhe obscuro no ilimitado da Vida, região da amargura, da provação e do exílio; constituindo, porém, uma plaga de sombras, varrida, muitas vezes, pelos cataclismos do infortúnio e da destruição, deve representar, para todos quantos a habitam, uma abençoada escola, onde se regenera o Espírito culpado e onde ele se prepara, demandando glorioso porvir.

Significa um dever de todo homem o trabalho próprio, no sentido de atenuar as más condições do seu meio ambiente, aplainando todas as dificuldades de ordem material e moral, porquanto a evolução depende de todos os esforços individuais no conjunto das coletividades.

Forças ocultas, leis desconhecidas, esperam que a alma humana delas se utilize e, à medida que se espalhe o progresso moral, mais os homens se beneficiarão na fonte bendita do conhecimento.

O ESTÍMULO DO CONHECIMENTO

Para a Humanidade terrestre a revelação de outras pátrias do firmamento, fragmentos da Pátria Universal, não deve constituir uma razão para desânimo de quantos se entregam aos labores profícuos do estudo. Os desequilíbrios que se verificam no orbe terreno obedecem a uma lei de justiça, acima de todas as coisas transitórias; e, além disso, a primeira obrigação de todo homem é colaborar, em todos os minutos de sua passageira existência, em prol da melhoria do seu próximo, consciente de que trabalhar a benefício de outrem é engrandecer-se.

O conhecimento das condições perfeitas da vida em outros mundos, não deve trazer abatimento aos extremistas do ideal. Semelhante verdade deve encher o coração humano de sagrados estímulos.

Saudai, pois, o concerto da vida, do seio dos vosso combates salvadores!...

Sóis portentosos, luzes policrômicas, mundos maravilhosos, existem embalados pelas harmonias que a perfeição eleva à Entidade Suprema!...

Além do Grande Cão, da Ursa, de Hércules, outras constelações testam a grandeza divina. Os firmamentos sucedem-se ininterruptamente nas amplidões etéreas, mas a Humanidade, para Deus, é uma só e o laço do seu amor reúne todos os seres.

*

TERCEIRO ANO

SEGUNDA PARTE

2) - CADEIRA DE FILOSOFIA ESPÍRITA

ONTOLOGIA

Conceito espírita do Ser, o Ser e os Seres, Seres materiais e seres espirituais; o ser corpóreo e o ser anímico. O problema da existência: natureza transitória da existência corporal; a existência espiritual; facticidade existencial e desenvolvimento da essência nos dois planos; as existências sucessivas. *O existente ou homem no mundo e o interexistente ou homem no intermundo*: mediunidade e emancipação da alma. O problema da comunicação: o ato mediúnico, suas modalidades e seus graus.

Livro: Introdução à Filosofia Espírita. J. Herculano Pires. (Edições FEESP)

V — ONTOLOGIA ESPÍRITA

O problema do ser empolga toda a História da Filosofia e podemos considerá-lo como o elo que mantém a união do pensamento religioso com o filosófico. Deixando de lado a Filosofia mística do Oriente, que pertence ainda à fase do sincretismo gnoseológico, na qual a Filosofia e Religião formam um todo confuso, podemos situar o início da cogitação ontológica de Pitágoras. Dele passamos às escolas em contradição dos Eleatas e dos Jônios, atravessamos a era helenística, em que Plotino se destaca no neo-pitagorismo considerando o Ser como a "alma viajora do Infinito", passamos pela Idade Média em que a mística volta a impregnar o pensamento filosófico, pelo Renascimento em que se repete com Descartes o episódio pitagórico, pelo Mundo Moderno em que o problema do Ser vai ser posto em questão e chegamos à época atual, ao Mundo Contemporâneo, em que o Ser se apresenta novamente dominando a Filosofia.

A Filosofia Espírita integra-se perfeitamente nessa tradição filosófica. E cumprindo a sua função de síntese esclarece, como vimos no caso de Fé e Razão, o sincretismo das fases místicas, mostrando o Ser como o Centro natural de todo o processo do conhecimento. A contradição eleata-jônica, que ainda hoje domina o mundo filosófico, encontra a sua solução dialética na Filosofia Espírita. Bem sabemos que esta afirmação é da mais alta gravidade, mas podemos assegurar que já seria um lugar comum se os filósofos que imperam no pensamento atual houvessem examinado sem prevenções a questão espírita. Infelizmente, como escreveu Kardec há mais de cento e vinte anos, ainda hoje podemos repetir que os homens eminentes no campo do saber assumem às vezes atitudes bastante pueris, deixando de lado questões importantes por motivos puramente circunstanciais.

O Ser, para Pitágoras, era representado pelo número 1. É a inefável unidade pitagórica, geralmente considerada como a substância numérica da realidade. Pitágoras, como acentuou Bertrand Russel, é o primeiro filósofo e também o primeiro homem em que Fé e Razão se definem como um par. A Matemática é o

processo racional de que ele se serve para esclarecer os problemas da fé no campo da mística. De um lado, Pitágoras é um órfico (ligado à tradição de Orfeu na história religiosa dos gregos) e de outro lado é um jônico (ligado ao desenvolvimento das pesquisas físicas de Tales, na Jônia). Assim, nele se fundem a concepção de Zenão de Eléia e Parmênides (escola eleata) do Ser como imóvel, uma esfera sem qualquer movimento (porque a esfera é a figura geométrica da perfeição e o não-movimento é a imagem ideal da perfeição), e a concepção de Tales de Mileto, do Ser como incessante movimento, a que Heráclito, de Efeso, dava a condição de constante *devir*, de renovação infinita. Definindo o Ser como a Unidade, o Número Um, Pitágoras o considerava imóvel. Mas admitindo que essa imobilidade podia sofrer abalos, dava-lhe a possibilidade de agitar-se. E era assim que ele explicava a gênese do Universo: um estremecimento de Um produz o Dois e desencadeia a Década, o número 10 que representa o Universo.

O Ser teológico da Mística se transforma assim no Ser racional da Filosofia e se multiplica numa infinidade de seres. Os números são infinitos e o infinito matemático representa a natureza infinita do Universo. Na Filosofia mais recente voltamos a encontrar a posição pitagórica. Para Sartre, o criador do Existencialismo Ateu, o Ser é uma espécie desses ovóides de que nos falam os livros de André Luiz (influência eleata) uma consciência fechada em si mesma, envolta numa espécie de membrana limbosa (segundo a própria expressão sartreana em *L'etre et le Néant*), mas que se projeta na Existência (influência pitagórica) saindo de sua imobilidade e seu isolamento para *existir*. E nas demais correntes da Filosofia contemporânea o Ser continua na posição de problema fundamental. No marxismo e no neopositivismo é o ser humano o que importa. E o que é o ser humano, senão a projeção pitagórica do Ser único e a projeção sartreana do mistério *limboso*? Assim, o Ser é sempre, em qualquer sistema ou concepção, o mistério do Um e do Múltiplo.

Na Filosofia Espírita esse mistério se aclara através da *revelação* e da *cogitação*. A *revelação*, como vimos, pode ser humana ou divina. No caso é divina, pois reservamos para o campo humano a expressão clássica da técnica filosófica: a *cogitação*. Os Espíritos *revelaram* a existência do Ser pela comunicação mediúnica (e a provaram pela fenomenologia mediúnica), mas os homens confirmaram essa existência pela *cogitação*, pela pesquisa mental do problema. Todos conhecemos a expressão de Descartes, *Cogito, ergo sum*; Penso, logo existo. Kardec não repetiu Descartes, mas acrescentou um verbo novo ao pensar, ampliando o conceito da presença de Deus no homem. Podemos interpretar assim a posição de Kardec: *Sinto Deus em mim, logo existo*. É o que vemos no cap. 10 de "*O Livro dos Espíritos*", onde a questão é assim colocada no item 6: "O sentimento intuitivo da existência de Deus que trazemos em nós seria efeito da educação e o produto de idéias adquiridas?" A resposta dos Espíritos é esta: "Se assim fosse, porque os vossos selvagens teriam também esse sentimento?"

A essas duas perguntas, a esse duelo que travou com os Espíritos, Kardec acrescenta no comentário ao mesmo item: "Se o sentimento da existência de um Ser supremo fosse apenas o produto de um ensino, não seria universal e só existiria, como as noções científicas, entre os que puderam receber o ensino" O conceito espírita de Deus, portanto, como todos os nossos conceitos, se origina no plano do sentimento, da afetividade humana. O homem, primeiramente, sente que Deus existe. É o caso do selvagem, que Feuerbach acusou de medroso (cri-

ando Deus pela imaginação aterrorizada diante da Natureza) e que Spencer dotou de uma capacidade de abstração mental inaceitável, tanto numa apreciação psicológica, como antropológica e histórica. Primeiro sentimos, depois pensamos. Há um livrinho de Emmanuel, “*Pensamento e Vida*”, recebido psicograficamente, por Chico Xavier, que explicará bem esse processo para aqueles que desejarem conhecê-lo do ponto de vista espírita.

Talvez agora se torne mais clara a nossa afirmação anterior que a Fé pertence à própria substância do Ser. Ao criar os seres (ou Espíritos) Deus lhes imprimiu sua marca, segundo Descartes, e essa marca é a idéia de Deus, inata no homem. Mas Kardec se refere a um *sentimento intuitivo* que precede à idéia e esse sentimento é que representa a verdadeira marca do obreiro em sua obra. Assim, primeiro sentimos Deus e depois pensamos nele. O Ser está em nós por essa intuição, mas nós também somos seres. Cada criatura humana é um *ser espiritual*, mas é também um *ser físico* ou um *ser corporal*. Esse problema do *Ser físico*, hoje colocado pela chamada Ontologia do Objeto, é puramente verbal e, portanto, abstrato no plano da Filosofia atual. Mas na Filosofia Espírita é um problema concreto e suscetível de verificação experimental. Encontramo-lo no item 605.a de “*O Livro dos Espíritos*”, que assim o coloca: “Se o homem não possui uma alma animal, que por suas paixões o rebaixe ao nível dos animais, tem o seu corpo, que freqüentemente o rebaixa a esse nível, porque *o corpo é um ser dotado de vitalidade*, que possui instintos, mas não inteligentes, limitados aos interesses de sua conservação.

Nas experiências de exteriorização da sensibilidade e da motricidade realizadas pelo Cel. Albert de Rochas, diretor do Instituto Politécnico de Paris, foi possível constatar-se a realidade desse *ser vital*, que os antigos conheciam, mas tomavam por uma espécie de alma humana, como vemos a partir dos gregos. Também em experiências de desdobramento mediúnic e em sessões de materialização e efeitos físicos vários observadores reconheceram materialmente a existência de uma espécie de corpo fluídico mais denso e pesado que o perispírito, que ao retirar-se do corpo material do médium embaraçava o perispírito e ao mesmo tempo deixava o corpo carnal em estado de morte aparente. É o chamado *corpo vital* de certas doutrinas espiritualistas antigas, um *ser* que realmente corresponde à natureza animal do nosso corpo e é o responsável direto pelas nossas funções vegetativas. Assim, a Filosofia Espírita satisfaz as exigências atuais de ligação do pensamento filosófico com os dados da investigação científica, o que, aliás, constitui uma de suas características fundamentais.

O *ser*, portanto, não é apenas o Espírito, é também o perispírito e o *corpo vital*. Isso a partir do desencadeamento da Década, ou seja, da multiplicação do Ser único ou supremo que é Deus. Existe uma idéia geral de *Ser*, um conceito do Ser que foi bem definido em Aristóteles e na Bíblia. Para Aristóteles, o Ser é “aquilo que é”. Na Bíblia é Deus quem fala, embora figuradamente, e se explica: “Eu sou o que é”. Esse conceito desce do plano divino para o humano em Descartes, quando verifica, no *cogito* que ele é porque pensa. Mas o próprio Descartes volta ao conceito divino ao afirmar a existência de Deus no homem, ao encontrar essa existência no fundo do *Cogito*, ou seja, da sua cogitação filosófica. Então, Deus é e se afirma na intuição cartesiana de Um Ser supremo, como se afirma no *sentimento intuitivo* kardeciano. Parmênides, eleata, dizia que o pensamento do Ser é o próprio Ser. E o Ser, para ele, era uma esfera pensante (a es-

fericidade correspondendo à perfeição) mas como pensante, era ativo em si mesmo. Isso nos lembra a afirmação de Aristóteles de que Deus é o *ato puro, ou seja, o Ser absoluto em que todas as potencialidades se encontram atualizadas, realizadas em ato.*

Na Filosofia Espírita o conceito do Ser abrange todas as categorias *daquilo que é*, concordando, portanto, com o pensamento filosófico antigo e moderno. Mas ela tem as suas peculiaridades. A definição do Ser supremo, por exemplo, nos é dada no item 1º. de "*O Livro dos Espíritos*" da seguinte maneira: "Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas." Houve quem considerasse essa definição como antropomórfica, pois a inteligência é característica do homem. Essa crítica peca por ignorância: ignora que no Espiritismo o homem é criação de Deus e reflete no finito os seus atributos infinitos. Antes de pertencer ao homem, a inteligência é de Deus. Mas vejamos as proposições que surgem dessa definição: Deus é apresentado como inteligência porque é a causa de efeitos inteligentes; esses efeitos constituem todo o Universo e todos os seres; a inteligência é o aspecto de Deus mais acessível a nossa compreensão e mais suscetível de verificação para nós no plano fenomênico ou existencial. No comentário ao item 5 Kardec explica: "Para crer em Deus é suficiente lançar os olhos às obras da Criação. O universo existe; tem, portanto, uma causa. Duvidar da existência de Deus seria negar que todo efeito tem uma causa e avançar que o nada pode fazer alguma coisa."

Na resposta à pergunta 14 de "*O Livro dos Espíritos*", quando Kardec insiste numa definição mais completa de Deus, vemos a seguinte afirmação dos Espíritos: "Deus existe, não o podeis duvidar e isso é o essencial." Não precisamos examinar o resto da resposta, pois o exame desta simples sentença coloca-nos em várias pistas. São três proposições que surgem dessa afirmação: 1ª.) A afirmação de Deus como realidade absoluta e fundamental; 2ª.) A afirmação da existência de Deus, que coloca Deus no plano existencial, como realidade concreta e acessível aos nossos sentidos; 3ª.) A afirmação da impossibilidade de se negar Deus, que não apenas *é* mas também *existe*, e de cujo *ser e existir* somos partícipes.

A primeira proposição é "Deus existe", mas se desdobra logicamente em duas, afirmando primeiro a realidade de Deus como Ser e a seguir afirmando a existência de Deus. Deus como Ser é essência, como existência se projeta no plano fenomênico. Essa dedução provém do aspecto existencial do Espiritismo, formulado independentemente das chamadas Filosofias da Existência mas contemporâneo delas. *O existir* de Deus é visível na Natureza, no Universo com suas leis: "Para crer em Deus é suficiente lançar os olhos às obras da Criação". Isto levou alguns teólogos a acusarem o Espiritismo de panteísmo, mas o próprio "*Livro dos Espíritos*" trata do assunto, repelindo por antecipação a acusação dos teólogos. *A existência* de Deus é reconhecida pelas religiões positivas como *imanência*. Ora, a imanência de Deus na Natureza é a sua própria *existência*, é a sua forma de existir no plano fenomênico. Se o Espiritismo for panteísta, todas as religiões superiores também o são, e isso de maneira irrevogável.

A terceira proposição é a de que não podemos duvidar da *existência* de Deus. Ela reforça as duas anteriores. Não podemos duvidar da existência de Deus porque ela implica a nossa própria *existência* e a do Universo em que *existimos*. Negar Deus seria negar a nós mesmos e negar a toda a realidade que nos

cerca. Mas a Filosofia Espírita nos mostra também que não podemos ir além na afirmação dessa realidade suprema. Temos os nossos limites: somos Espíritos encarnados em corpos animais, submetidos a uma experiência sensorial que restringe a nossa percepção e o nosso entendimento. Falta-nos um sentido, diz o item 10 de "*O Livro dos Espíritos*", para podermos penetrar a natureza íntima de Deus. A tentativa de "entrar num labirinto" para explicar o que nos é inexplicável só poderia levar-nos ao engano e estimular o nosso orgulho. Entretanto, como vimos pela afirmação do item 10, o Espiritismo não é agnóstico. A Filosofia Espírita é evolucionista e sustenta que o homem chegará a compreender Deus em maior amplitude e profundidade, na proporção em que desenvolver as suas potencialidades espirituais.

Mas quando descemos do Ser supremo para os seres múltiplos que povoam o universo o problema se torna mais fácil. Compreendemos sem dificuldade que Deus cria os seres com os elementos constitutivos do Universo. A imagem simbólica do Gênesis: "Deus criou o homem do limo da terra" adquire um sentido profundo e grave. A expressão bíblica se nimba de luz e poesia. Não é mais um absurdo nem uma infantilidade: é a expressão de um processo cósmico de criação. Deus não faz o homem de barro num sentido vulgar, mas é do barro da terra, através da ação progressiva das suas leis que Ele arranca no correr dos milênios os seres da matriz do *não-ser*. Os Espíritos são os seres múltiplos e finitos que Deus cria com o barro simbólico do princípio inteligente, envolvidos na ganga do *fluido universal e do princípio material*. São como sementes mergulhadas na terra para germinar.

Mas a ontologia espírita, como todas as demais, implica ainda os problemas de essência, existência e forma. Os dois primeiros desses problemas obrigam-nos a uma referência histórica. O essencialismo filosófico sofreu um abalo em nossa época com o desenvolvimento do existencialismo. As chamadas Filosofias da Existência encaram as coisas em sua realidade imediata, ao contrário do clássico procedimento dos essencialistas que buscam a substância das coisas. Na verdade, trata-se de um simples método de abordagem do problema filosófico. Mas na Filosofia Espírita encontramos a síntese dessas posições. Os seres têm essência e essa essência se desenvolve através da evolução: é o *princípio inteligente*. Essa essência se reveste de formas diversas no processo evolutivo: a variedade infinita dos seres forma uma gigantesca escala que as Ciências distribuem em numerosas classificações de espécies, tanto na Mineralogia quanto na Botânica, na Zoologia e na Antropologia. Essência e forma constituem a existência. Tudo o que existe se constitui de uma essência que toma determinada forma e se reveste de matéria. A forma, como Aristóteles já descobrira, não pertence à matéria, mas dela se apossa para amoldá-la. Procede de um elemento intermediário: o fluido universal, que em suas modificações diversas se apresentava como magnetismo, eletricidade, princípio vital. Lemos no item 27 de "*O Livro dos Espíritos*": "Ele se coloca entre o espírito e a matéria; é fluido, como a matéria é matéria, suscetível, em suas inumeráveis combinações com esta e sob a ação do Espírito, de produzir infinita variedade de coisas, das quais não conhecéis mais que ínfima parte".

Essa expressão: "é fluido, como a matéria é matéria" mostra que a denominação de fluido tem um sentido hipostático. Espírito, fluido e matéria são as hipóteses (ou as faixas) do real. A realidade ontológica reflete a realidade cósmica.

mica. No ser humano essa realidade se apresenta no complexo *espírito, perispírito e matéria*. Entre os dois últimos existe ainda o *fluido vital*, como já vimos. Toda essa complexidade, entretanto, é simplesmente a expressão pluralista de um monismo fundamental. A essência é que tudo domina. Ela é a realidade última. Mas só através da existência conseguimos atingi-la. Temos de penetrar as capas existenciais do ser para encontrá-lo na sua realidade essencial. É por isso que o Espiritismo tem o seu aspecto existencialista: vivemos na existência, evoluímos através das existências sucessivas, vemos todas as coisas na perspectiva existencial, mas buscamos em tudo a sua essência, pois sabemos que somente nela iremos encontrar o real.

A ontologia espírita oferece-nos uma visão dialética das coisas e dos seres. Aprendemos que a realidade aparente é ilusória (como a própria Física hoje nos mostra), mas que é também necessária para chegarmos à realidade verdadeira. O ser humano está no ápice da escala evolutiva existencial. Acima dele se abrem as perspectivas de outra existência, a dos Espíritos que superaram o domínio da matéria e que as religiões chamam anjos, devas, arcanjos e assim por diante. Esses Espíritos conservam sua individualidade após a morte do corpo e a conservam através da evolução nos mundos superiores. Só a parte formal é perecível: o corpo e o perispírito. A essência do Espírito é indestrutível, pois representa a *atualização* das potencialidades do princípio inteligente, uma construção ou criação de Deus para fins que ainda ignoramos. Como a essência é a mesma em todos os Espíritos, encarnados e desencarnados ou encarnados em mundos inferiores ou superiores, a comunicabilidade dos Espíritos é uma lei universal, regida por princípios naturais, como os de afinidade, justiça e amor. Essa lei de comunicabilidade mostra na prática o absurdo da teoria existencial da incomunicabilidade proposta por Kierkegaard. As dificuldades da comunicação humana decorrem do estágio evolutivo da Terra, mas já estão sendo superadas por todas as formas de desenvolvimento material e psíquico, particularmente pelo desabrochar progressivo da percepção extra-sensorial, no processo de aprimoramento mediúnico do homem terreno.

Um problema difícil é o da transição do princípio inteligente para o reino hominal, após a evolução nos reinos inferiores. Em "*O Livro dos Espíritos*" Kardec se esquivou a esse problema, embora os Espíritos o tenham colocado em algumas passagens. É em "*A Gênese*", o volume final da Codificação, que ele resolve enfrentá-lo através de comunicações com Galileu, dadas na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas pelo médium Camille Flammarion. Ali se define, no nº 19 do cap. VI do referido livro, como uma *iluminação divina* esse momento decisivo. O Espírito então recebe, "com o livre-arbítrio e a consciência, a noção dos seus altos destinos". E a comunicação acentua: "Unicamente a datar do dia em que o Senhor lhe imprime na fronte o seu augusto selo o Espírito toma lugar no seio da Humanidade."

Há uma espécie de seres que não figura na ontologia espírita: a dos seres condenados para sempre ou voltados eternamente ao mal. A Filosofia Espírita não admite essa concepção aberrante da justiça e do amor de Deus. Há diversidades no processo de evolução dos Espíritos, em virtude do livre-arbítrio, indispensável ao desenvolvimento da responsabilidade espiritual. Mas não há nem pode haver seres maus por natureza, pois isso estaria em contradição com o princípio da criação de todos os seres por Deus. Durante um século o Espiritis-

mo foi acusado de demoníaco por negar a existência de espíritos eternamente maus. Agora, a própria teologia católica se modifica em suas bases para, graças a alguns pensadores corajosos, aproximar-se da concepção espírita. É conhecido o livro revolucionário de Giovanni Papini sobre o Diabo e suas conclusões favoráveis à posição espírita. Menos conhecida é a posição do padre Teilhard de Chardin, que não avançou tanto como Papini mas acabou afirmando que o condenado não fica excluído da ordem divina.

Aliás, em linhas gerais, Chardin é uma espécie de aproximação conceitual do Espiritismo, um referendado católico à Doutrina Espírita.

A *escala espírita* que figura em "*O Livro dos Espíritos*", a partir do n.º 100, oferece-nos um esquema ontológico da evolução do homem. Não se trata, como lembra Kardec, de um esquema rígido, mas de uma simples classificação em linhas gerais, para orientação dos estudiosos. Encontramos ali as diversas ordens e graus dos Espíritos, encarnados e desencarnados, com que nos defrontamos neste mundo. É uma classificação espiritual que tem a sua aplicação psicológica no tocante aos encarnados, oferecendo-nos uma curiosa tipologia que muito nos auxiliará nas relações sociais. A Psicologia Espírita, hoje em desenvolvimento, mostrará a validade e o interesse da *escala espírita* na orientação dos estudos de tipologia e caracteriologia. Como se vê, andam enganados os que pensam que o Espiritismo é uma espécie de fuga à realidade. Além de mostrarmos as dimensões ocultas do real, ele nos oferece possibilidades de maior compreensão e controle da realidade aparente ou existencial que enfrentamos na vida terrena.

VI — EXISTENCIALISMO ESPIRITA

A natureza existencial da Filosofia Espírita se revela na sua *ecstase*, ou seja, na sua posição dentro do mundo, enfrentando os problemas do homem na existência. Por isso mesmo o Espiritismo não pode ser confundido com o Existencialismo, mas não há dúvida que encontramos na sua investigação ontológica uma fase existencialista. E é essa fase que chamamos Existencialismo Espírita, a arena filosófica em que o Espiritismo se defronta com o Existencialismo protestante de Kierkegaard, com o Existencialismo Católico de Gabriel Marcel, com o Existencialismo ateu de Jean Paul Sartre e assim por diante, armado dos mesmos instrumentos conceptuais e colocado na mesma posição de pesquisa das diversas correntes existenciais da Filosofia Contemporânea.

Nicola Abbagnano, existencialista italiano, entende que as Filosofias da Existência podem ser divididas em três grupos, tomando-se como critério o sentido e o emprego que dão à categoria filosófica do *possível*. Esta categoria implica todas as possibilidades do homem como um Ser na Existência. Abbagnano estabelece a seguinte divisão: a) — Grupo da *impossibilidade do possível*, formado por Kierkegaard, Martin Heidegger, Karl Jaspers e Jean Paul Sartre, como figuras exponenciais; b) — Grupo da *necessidade do possível*, com Louis Lavelle, Rene Le Senne e Gabriel Marcel; c) — *Grupo da possibilidade do possível*, iniciado pelo próprio Abbagnano. Embora o grupo (a) constitua a área espiritualista, o Existencialismo Espírita se aproxima mais da posição de Abbagnano, dadas as relações evidentes dessa posição com a natureza científica da conceituação existencial espírita.

Tentemos uma explicação deste problema. Para o primeiro grupo as possibilidades humanas são irrealizáveis; para o segundo grupo são realizáveis, e mais do que isso, necessariamente se realizam graças ao Absoluto, ao Transcendente que supera a Existência (aceitação dos conceitos metafísicos do Ser e do Valor numa perspectiva religiosa); para o terceiro grupo, as possibilidades são o que são, ou seja, possíveis em si-mesmas, de maneira que não podem tornar-se *impossíveis*, nem apresentar-se como *necessidades*. A frustração de um *possível* não o anula, pois ele continua como possível, da mesma maneira por que uma hipótese pode ser submetida a uma experiência negativa, mas continuar válida e posteriormente se comprovar. A posição de Abbagnano representa uma síntese, uma solução dialética dos impasses em que caíram os dois grupos anteriores. E por isso mesmo se aproxima da posição espírita.

Ao mencionar a *ecstase* da Filosofia Espírita estamos reconhecendo nela uma estrutura ontológica. A Filosofia Espírita é um Ser conceptual, como todos os sistemas filosóficos, mas livre dos prejuízos do espírito de sistema, porque sua estrutura é dinâmica e aberta, sem nenhuma ossatura dogmática. Expliquemos: os dogmas da Filosofia Espírita são princípios de razão e não postulados de fé, são os filamentos de uma estrutura lógica e por isso mesmo flexíveis. Assim, podemos discernir nessa estrutura as suas hipóstases ou regiões ontológicas: 1.º) - a *ecstase*, no sentido berkeleyano de relação inicial, em que o ser permanece fechado em si-mesmo; é o momento em que a Filosofia Espírita nasce do sensível, do concreto, pelo processo científico da indução, a partir do exame dos fenômenos; o momento em que ela se fecha na *existência* como um *ser no mundo*; 2.º) — a *ecstase* em que ela se abre na própria indução em direção à transcendência, na formulação de seus princípios metafísicos; 3.º) — a *ecstase*, em que ela se define como uma nova concepção do Ser, uma nova cosmovisão, que partiu de um ponto existencial terreno para abranger todo o Universo.

Assim, o que chamamos de Existencialismo Espírita é a Filosofia Espírita da Existência, a parte dessa Filosofia que encara o homem no mundo, da mesma maneira que o *ser aí*, a que se referia Heidegger. Até o aparecimento do Espiritismo o pensamento espiritualista era platônico: admitia o pressuposto de uma realidade metafísica da qual decorria toda a realidade física. O Espiritismo assumiu a posição aristotélica: buscar na realidade concreta a sua essência possível e dela partir para as induções metafísicas. "*O Livro dos Espíritos*" começa com a afirmação da existência de Deus, mas já vimos que essa existência se prova na própria existência do mundo, que Deus pode ser encontrado num simples *lançar de olhos sobre a natureza*. Temos de figurar Kardec-educador, a estudar o *ser humano* para poder educá-lo; Kardec-magnetizador, a estudar a influência magnética do homem e entre os homens para poder conhecê-los melhor; Kardec-cientista, a observar os fenômenos físicos em sessões mediúnicas e posteriormente a investigar os problemas do desprendimento espiritual durante o sono, numa série de experimentações rigorosamente controladas, para podermos compreender a posição existencial do Espiritismo na abordagem do problema do Ser.

Os problemas comuns das Filosofias da Existência são precisamente os problemas espíritas: o Homem como um *ser no mundo*; a Existência como uma forma peculiar da vivência humana, uma *atualização* absoluta (segundo Borchenski) e um constante refazer-se no tempo; o ser humano como um *projeto*

que atravessa a Existência, que nela aparece *feito* (a facticidade humana se constituindo de subjetividade, afetividade e liberdade), de maneira que o homem é um ser atirado ao mundo com o nascimento, para avançar em direção à morte, através do desespero, da angústia, da dor. As Filosofias da Existência procuram resolver esses problemas pela investigação fenomenológica, a partir dos dados do *existir*, que é, na verdade, a própria vivência do mundo. Essa vivência se caracteriza pela percepção da fragilidade humana que gera o desespero e a angústia do homem. Nas correntes espiritualistas, como em Marcel, a angústia é substituída pela esperança conferida pela fé, mas essa solução metafísica não consegue repercutir nos demais pensadores. Heidegger considera o homem como ser *para a morte*, mas essa definição pessimista é atenuada pela sua afirmação de que *o ser se completa na morte*.

Toda essa temática existencial está presente na Filosofia Espírita. Bastaria lembrarmos, por exemplo, o livro famoso de Léon Denis, um clássico do pensamento espírita e continuador da obra de Kardec, intitulado "*O Problema do Ser, do Destino e da Dor*", para vermos como a posição existencial da Filosofia Espírita se entrosa na corrente existencial da atualidade. Mas "*O Livro dos Espíritos*", contemporâneo das obras de Kierkegaard, o iniciador dessa moderna corrente filosófica, já coloca os problemas existenciais de maneira precisa, como veremos a seguir.

Começemos pelo problema da facticidade. Com o nascimento, o homem aparece *feito* no mundo. Sua Facticidade se compõe do seu corpo e do seu psiquismo (corpo e espírito), de sua afetividade e sua liberdade (sua capacidade de percepção e seu livre-arbítrio) e esta facticidade está carregada de *possíveis*, das possibilidades que irão se desenvolver na *existência*. O homem parte, como uma flecha, do ventre materno para o berço, deste para a vivência do mundo (atravessando a *existência* como um projétil) para atingir o seu alvo na morte. Numa perspectiva puramente existencial o homem, na sua facticidade, não tem mais do que possibilidades, mas estas possibilidades vão se *atualizar* na existência, nos limites permitidos pelas circunstâncias. Não há, portanto, uma essência no homem, considerado o homem como o *existente*, mas apenas possibilidades. Sartre define a essência do homem como *um suspenso na sua existência*, pois a essência humana vai ser elaborada através da sua vivência no mundo. Essa essência, portanto, só se completa com a morte, com o fim da existência. Isto nos lembra a *imortalidade memorial* do Positivismo de Comte. O que o homem fez na existência é que constitui a sua essência. Com a morte o homem se acaba e sua essência permanece no mundo como um simples fato cultural. Não obstante, a vida do homem é *uma paixão inútil*, um esforço constante de superação, de transcendência. O animal vive, mas o homem *existe*, e esse existir se caracteriza pela paixão, pelo impulso de transcendência conscientemente dirigido. Só *existe*, o homem que segue esse impulso.

É fácil compreender que as filosofias da Existência, à maneira do que Kardec dizia das Ciências, avançam paralelas ao Espiritismo até certo ponto e depois se detêm, perplexas diante do mistério. O momento em que elas se detêm é o limiar da interexistência, esse intermúndio em que *o ser se completa na morte*, mas no qual se passam também fatos da mediunidade. É nesse momento que o Existencialismo se transcende a si mesmo para transformar-se em *Interexistencialismo*. A Filosofia Espírita da Existência não se limita ao *existir no mun-*

do, como um fato simplesmente fenomênico, mas graças ao conceito de *mediunidade* oriundo da investigação científica objetiva e nela desenvolvido descobre o *existir no intermúndio* (que os gregos já conheciam como o existir dos deuses) e descobre ainda o *sucedo das existências no mundo* como um processo palin-gênico inerente a toda a Natureza (que os gregos também conheciam).

Assim, a Filosofia Espírita, em sua *ecstase* existencial, ilumina os problemas obscuros do Existencialismo. A facticidade misteriosa se explica pelo *fazer* anterior do Ser, através do desenvolvimento do princípio inteligente e sua projeção na existência como *ser humano*. Atravessando a existência, como um projétil (o *projeto* existencial) o homem completa na morte não o seu próprio Ser, mas o *ser* do corpo que chegou aos limites de suas possibilidades, nem a sua própria essência, mas apenas a essência de uma existência, através da vivência das experiências necessárias ao seu *atualizar* progressivo.

Para a Filosofia Espírita o corpo não é uma instância ontológica, mas uma instância existencial. Da existência material o ser passa para a existência espiritual, mudando de instância existencial: substitui o corpo físico pelo corpo energético do perispírito. E na existência espiritual encontramos ainda o problema existencial da facticidade com todas as suas implicações. O Espírito aparece *feito* no plano espiritual, dotado de um corpo que foi elaborado anteriormente, de um psiquismo que se desenvolveu na vivência mundana, com sua afetividade e sua intelectualidade preparadas nas existências sucessivas e consumadas na derradeira existência material. Não obstante, e até por isso mesmo, a existência espiritual é uma transcendência da existência material, é o momento em que a síntese do *em-si* e do *para-si*, que Sartre considera impossível, se realiza no *em-si-para-si*, ou seja, na *existência espiritual* que, para os gregos, era divina e os levava a chamar os Espíritos de deuses.

Mas o conceito de mediunidade ilumina também a existência terrena, dando-lhe uma nova dimensão. O *existente* ou *homem no mundo* adquire a condição espírita de *interexistente* ou *homem no intermúndio*. O avanço das Ciências Psicológicas está comprovando essa realidade já demonstrada pelo Espiritismo e sustentada pela Filosofia Espírita. A descoberta da percepção extra-sensorial provou que os rígidos limites existenciais não correspondem à realidade existencial. Há, na própria existência terrena, corporal, mundana, uma realidade psíquica superando e envolvendo a realidade puramente vital do homem. E quando Heidegger se refere ao *ser no mundo*, como *Mitsein* (ser com outros, o ser social) e à *Mitdasein*, ou coexistência (vida social), temos de acrescentar a esses dois conceitos a dimensão mediúnica das *testemunhas* de que falava o apóstolo Paulo, dos *outros* espirituais que nos envolvem e, portanto, da convivência espiritual que experimentamos através da existência.

Para a Filosofia Espírita da Existência o *existente* se define pela mediunidade. Esta consiste na faculdade normal (nem sobrenatural nem paranormal) de percepção extra-sensorial e, portanto, de comunicação com os *existentes* do intermúndio. A dinâmica e a mecânica dessa comunicação são estudadas em "*O Livro dos Médiuns*", que é um desenvolvimento dos problemas mediúnicos de "*O Livro dos Espíritos*". O *existente* atualiza as suas possibilidades mediúnicas que lhe ampliam a consciência de si mesmo e da sua natureza existencial, através do desenvolvimento mediúnico, que não é apenas o sentar-se à mesa de sessões para *receber espíritos*, mas principalmente aguçar a visão espiritual, enten-

dendo-se por visão todo o complexo da percepção extra-sensorial. Esse aguçamento equivale a um transcender dos limites existenciais, pois é um liberar progressivo da percepção global do espírito, um escapar da prisão sensorial orgânica para outras dimensões da realidade. *O existente*, com essa *atualização* dos seus *possíveis* espirituais, torna-se um *interexistente*, um *ser no intermúndio*. Mas o *intermúndio* não é um conceito espacial e sim um conceito hipostático, não é quantitativo, mas qualitativo. A intuição grega dos deuses se converte na realidade espírita dos Espíritos e a do intermúndio espacial na realidade do intermúndio psíquico.

O interexistente não é apenas intuição, nem apenas hipótese, ou formulação teórica. Pelo contrário, *o interexistente* é uma realidade histórica, antropológica, que podemos encontrar em todos os tempos e lugares. Foram *interexistentes* os videntes e profetas de todas as épocas, os xanãs e pagés das tribos selvagens, os oráculos, as pitonisas, os taumaturgos de todas as religiões. São interexistentes os médiuns e os paranormais de hoje, os gênios de todas as épocas, os fundadores e propagadores de religiões. A História da Filosofia oferece-nos as figuras de Sócrates, Platão, Plotino, Descartes e Bergson como interexistentes. Na História da Psicologia temos o caso recente de Karl Jung. Na História Política e Militar as figuras de Joana D'Arc, Abraão Lincoln, Makenzie King (do Canadá), Lord Dowding (Comandante da RAF na defesa de Londres durante a última guerra mundial), e assim por diante. Os casos famosos de Francisco Cândido Xavier e José Pedro de Freitas (Arigó) foram objeto de estudos numerosos, inclusive um estudo do primeiro como *interexistente*, publicado no livro "Chico Xavier, quarenta anos no mundo da mediunidade", de Roque Jacintho. O conceito espírita de *interexistente* se comprova na realidade histórica e na realidade cotidiana das nossas próprias existências, quando não em nós mesmos.

O problema da comunicação, que a partir de Kierkegaard o Existencialismo colocou de maneira dramática — Kierkegaard rompeu o noivado porque não podia comunicar-se nem mesmo com a noiva, considerando como única forma de comunicação a do homem com Deus (o outro, segundo sua expressão) — esse problema é amplamente resolvido pela Filosofia Espírita da Existência. A *comunicação* é uma categoria filosófica do Espiritismo que tem amplitude cósmica. Vemos em "*O Livro dos Espíritos*" que o fluido universal é o veículo do pensamento, assim como o ar é o veículo da palavra. O homem pode comunicar-se às maiores distâncias. Daí a validade da prece, que é forma de comunicação. As experiências atuais de telepatia à distância confirmaram essa tese espírita, a ponto de levarem os cientistas soviéticos, materialistas, a se empenharem nas pesquisas telepáticas.

O aguçamento da visão espiritual pelo desenvolvimento mediúnico implica um problema filosófico de comportamento. A Filosofia Espírita da Existência coloca esse problema em termos de moralidade. Opõe-se assim aos sistemas orientais de desenvolvimento artificial das faculdades psíquicas, por entender que esses sistemas perturbam o equilíbrio existencial do homem. Só a moralidade, a evolução moral do ser e, portanto, o desenvolvimento de suas potencialidades espirituais pode permitir à criatura humana o aguçamento de sua visão espiritual. Cada existência é um processo condicionado pelas anteriores e pela preparação do Ser no mundo espiritual. Tem o seu plano e os seus limites, sendo estes determinados pelo grau de desenvolvimento real do Ser e pelos compro-

missos que o liga às circunstâncias terrenas. Qualquer tentativa de fuga a esses determinismos existenciais — o que pode ser feito em virtude do livre-arbítrio — atenta contra o equilíbrio moral do Ser. Assim, a Filosofia Espírita da Existência revela mais uma vez sua natureza de síntese do Conhecimento: coloca-se entre as posições contrárias ao hedonismo materialista ou existencialista, de um lado, e do absenteísmo religioso ou místico, de outro lado, postulando a obediência às leis naturais, o que, no caso da concepção existencial, equivale ao respeito pela *existência* e seus fins.

*

LIVRO: INTRODUÇÃO À FILOSOFIA ESPÍRITA

J. HERCULANO PIRES

VII — COSMOSSOCIOLOGIA ESPÍRITA

A Filosofia Espírita foi a primeira a apresentar uma concepção cosmo-sociológica de ordem científica. Emile Durkheim trataria mais tarde de um tipo de cosmo-sociologia anímica ao referir-se às cidades gregas do período arcaico, em que deuses e homens conviviam em estreita comunhão com a Natureza (L'Evolution Pédagogique en France, v.I, págs. 138-9), e René Hubert esclarece: "As cidades gregas estão ainda muito próximas de suas origens culturais para haverem rompido o complexo de interações que ligam a vida social e a vida cósmica, bem como a vida psíquica individual e a vida social; o indivíduo forma corpo com a cidade e esta com o meio que a envolve; as divindades politeístas simbolizam ao mesmo tempo as grandes forças da Natureza. (*Traité de Pédagogie Générale*) págs. 24 e 25). Mas é no Espiritismo que a Cosmo-sociologia se define como uma realidade nova, marcando um avanço decisivo no processo do Conhecimento. Não se trata apenas da relação simbólica da fase mitológica, mas de uma relação positiva que se afirma em termos concretos e se confirma na investigação científica.

Os críticos e adversários do Espiritismo, que em geral o desconhecem, não vacilariam em contestar essa afirmação, recusando às pesquisas espíritas o caráter científico. Mas já agora teriam de enfrentar também as conclusões da Ciência em outros campos, como o da Física, onde os conceitos evoluíram para uma verdadeira Parafísica; da Astronomia, onde a teoria da pluralidade dos mundos habitados entrou para o domínio das possibilidades incontestáveis; da Biologia, onde o problema da vida rompeu a estreiteza da concepção organocêntrica; da própria Teologia, que passou a admitir, sob a influência científica, além da existência dos seres invisíveis a possibilidade de outras humanidades planetárias; e particularmente da Psicologia, que através das pesquisas parapsicológicas acabou provando cientificamente as relações humanas pela percepção extra-sensorial e admitindo a existência de entidades extrafísicas em relação com o nosso plano. Assim, as investigações espíritas e as provas que apresentam no tocante às possibilidades cosmo-sociológicas estão hoje referendadas pelo desenvolvimento das Ciências. Negá-las e contestá-las com apoio em conceitos científicos superados é simplesmente recusar-se a aceitar as novas dimensões culturais do nosso tempo.

Mas, para uma exposição metodológica do problema, devemos partir de um exame geral da Cosmologia Espírita. E a primeira verificação que temos a

fazer é a da existência de uma Cosmogonia Espírita, uma teoria genética do Cosmos que se enraíza na concepção bíblica. Os três primeiros capítulos de "*O Livro dos Espíritos*" nos apresentam essa parte cosmogônica de tipo religioso, que nem por isso, entretanto, se afasta do campo filosófico. Pelo contrário, enquadra-se perfeitamente na tradição filosófica e nas fases históricas mais recentes da Filosofia. Encontramos a afirmação de que o Universo foi criado por Deus no item 37 do cap. III. A seguir, nos itens 38 e 39, os esclarecimentos possíveis dessa criação, que resumimos no seguinte: *Deus criou o Universo pela sua vontade e os mundos se formam pela condensação da matéria espalhada no Espaço.*

Temos assim mais uma prova da natureza sintética do Espiritismo, no sentido de síntese histórica segundo a teoria de Arnold Toynbee a que já nos referimos. Toda a cosmogonia bíblica se encerra nesta simples afirmação: *Deus criou o Universo pela sua vontade.* E, logo mais passamos à Cosmologia científica, que começa por esse esclarecimento, hoje confirmado pela própria Física nuclear: *os Mundos se formam pela condensação de matéria.* Daí por diante, a Cosmologia Espírita se desenvolve na linha puramente científica, apresentando os seis dias da Criação como seis períodos geológicos, a formação dos seres vivos como um processo evolutivo, a figura bíblica de Adão e Eva como simples alegoria, o aparecimento do homem em diversos pontos da Terra (o que determinou a variedade das raças), e o Universo como um sistema de mundos habitados de acordo com as condições específicas de cada um. Tudo isso hoje admitido no campo das teorias científicas. O cap. III se encerra com a explicação do dilúvio bíblico como uma catástrofe parcial e local, o que foi posteriormente confirmado pelas pesquisas arqueológicas de Sir Charles Leonard Woolley no delta do Tigre e do Eufrates.

O cap. IV, que encerra a primeira parte de, "*O Livro dos Espíritos*", é dedicado aos problemas ontológicos que já estudamos. A segunda parte ou Livro II se inicia com os problemas da origem e desenvolvimento espiritual do Homem, passando logo a seguir ao campo da Sociologia Espírita que começa no plano espiritual. Isso porque o Homem é primeiramente Espírito e o Mundo Espiritual é o verdadeiro, "normal e primitivo", do qual deriva o Mundo Corporal. É assim que passamos insensivelmente da Cosmogonia à Cosmologia e desta à Sociologia. *A escala espírita*, simples esquema de classificação tipológica dos Espíritos, em seu processo evolutivo, que começa no item 100 de "*O Livro dos Espíritos*", é ao mesmo tempo um elemento da Ontologia, da Psicologia, da Caracteriologia e da Sociologia Espíritas. Podemos aplicá-las tanto aos Espíritos em sua vida espiritual quanto aos homens ou Espíritos encarnados no Mundo Corporal.

Abrem-se no cap. II do Livro II as perspectivas da Sociologia Espírita em toda a sua amplitude. Compreendemos então a razão de Emmanuel haver declarado, em "O Consolador", que "O Espiritismo é o iniciador da Sociologia". Realmente, aquilo que podemos chamar de Sociologia num sentido lato só apareceu até agora nas páginas de "*O Livro dos Espíritos*". Porque somente esse livro nos propõe toda a extensão e complexidade do *fato social* e ao mesmo tempo nos mostra que esse *objeto* (como queria Durkheim que ele fosse encarado) é um objeto cósmico e não apenas terreno. A Sociedade Humana se projeta no infinito e se desdobra em sucessivas estruturas espirituais, angélicas, arcangélicas etc., rompendo até mesmo o conceito esferocêntrico ainda dominante em nossos

dias (o da possibilidade de vida apenas em esferas planetárias) como resíduo do velho geocentrismo. Porque os Espíritos vivem não somente nas existências planetárias, como a nossa, mas no Espaço, ou seja, nas amplidões do Infinito, em hipóstases do Universo que não podemos sequer chamar de regiões, pois na verdade não sabemos como são, que aspecto apresentam.

Assim, a Sociologia Espírita entranha-se na própria ordem cósmica. Um fato social terreno está ligado ao Universo, determinado por leis universais. É, portanto, um *fato cósmico*. Há duas ordens de fenômenos que nos permitem verificar esse entrosamento no próprio mundo sensorial: a *palingenesia* e a *mediunidade*. A primeira (que não é apenas reencarnação, pois não se aplica somente à vida orgânica) mostra-nos aquilo que "*O Livro dos Espíritos*" afirma constantemente: *tudo se encadeia no Universo*. Verificamos através dela que tudo desaparece e reaparece, ou seja, que *tudo se faz, se desfaz e se refaz, no eterno suceder das coisas e dos seres*, como Heráclito já havia intuído, mas não em forma cíclica, em inútil e constante repetição, mas num processo de desenvolvimento regido pela lei de evolução. É o que vemos nesta admirável frase do fim do item 540 do L. E: "Tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o Arcanjo, pois ele mesmo começou pelo átomo".

A segunda ordem fenomênica acima referida, a *mediúnica*, mostra-nos a unidade fundamental do Universo e a sua diversidade instrumental. O fato social terreno é de ordem instrumental, ocorre no campo das relações corporais (os corpos como instrumentos do Espírito). Mas esse fato é produzido pelos Espíritos e regido pela *lei da mediunidade*, lei básica das relações espírito-matéria em todo o Universo. Além disso, as leis universais de afinidade, justiça e amor estão implicadas nele e o determinam. Uma consulta ao Livro III de "*O Livro dos Espíritos*" dedicado ao estudo das Leis Morais, poderia ajudar-nos a esclarecer a natureza cósmica dos mais diversos *atos sociais* terrenos. A lei física de causa e efeito aplica-se no plano moral como lei de ação e reação, a lei cármica das religiões indianas. A lei universal da migração de Espíritos, da transferência de Espíritos de um mundo para outro, segundo a necessidade, projeta os antecedentes do *fato social* a distâncias inimagináveis.

Os fins da vida social são os mesmos, no Mundo Espiritual e no Mundo Corporal: o desenvolvimento das potencialidades do Espírito, a sua realização moral. A palingenesia tem verso e reverso: nascemos e renascemos nos dois planos. As existências sucessivas são portanto intercaladas: a cada existência corporal sucede uma espiritual. E nessas duas existências as relações sociais constituem formas necessárias da evolução espiritual: na existência corporal as relações sociais são objetivas e condicionadas ao processo de exteriorização do Espírito; na existência espiritual as relações são subjetivas e sua interiorização condiciona o aproveitamento da experiência corporal. Exemplo: na existência corporal a exteriorização do Espírito determina a sua ligação com outros e estabelece os laços de família, que resumem os elementos de aglutinação da sociedade, os liames sociais (itens 773 a 775 do L.E.). A família se constitui em célula básica da sociedade. Mas os antecedentes da ligação familiar continuam a determinar ações e reações em cadeia, que se manifestam nos interesses objetivos: os interesses psicológicos estudados pela Psicologia comum. Na existência espiritual a interiorização do Espírito determina o confronto do seu comportamento existencial terreno com os fins da vida social, que na sua consciência estão mar-

cados em forma de exigências morais. Esse confronto irá determinar o seu destino, as suas condições existenciais em nova encarnação.

A individualização do princípio inteligente é um processo psicocêntrico. Todo o psiquismo se concentra progressivamente na formação da consciência, na definição do Ser. O Ser, uma vez determinado, é um ego, uma unidade psíquica, segundo vemos no item 92 do L.E., comentário de Kardec. Essa unidade, pela própria necessidade de manter-se integrada, é egocêntrica e portanto egoísta. A socialização é um processo de descentralização psíquica, não no sentido de desagregação mas de expansão das potencialidades do ego, que se abre na vida social como a semente ao germinar ou a flor que desabrocha. Essa a razão porque a caridade é o princípio espírita da vida social: através dela o homem se abre para os outros, o egoísmo se transforma em altruísmo. No plano sociológico podemos esquematizar esse processo da seguinte maneira:

O selvagem isolado é o Narciso da lenda que ama a si mesmo. Esse amor (Adão gozando sozinho o Paraíso) entretanto não lhe basta. A sua insatisfação o leva à procura de um objeto exterior que é arrancado por Deus do seu próprio Ser (Eva tirada da sua costela durante o sono, um sonho que se concretiza, uma potencialidade que se atualiza). Surge assim a primeira família e dela o primeiro clã. As ligações sociais se ampliam na tribo, na raça, na nação. Forma-se o primeiro organismo gregário e o egoísmo se transforma em sócio-centrismo. Mas desenvolve-se a Civilização: com ela, o gregarismo se transforma em sociabilidade. O indivíduo gregário se torna um ser social e as relações sociais o levam à expansão e atualização de suas potencialidades morais. o ser social atinge pouco a pouco a plenitude do ser moral. Mais um pouco e ele se liberta da roda palin-génica dos renascimentos, tornando-se um Ser Espiritual. Toda essa seqüência pode ser observada na Escala Espírita.

A Sociologia Espírita, abrangendo todo esse processo de desenvolvimento ontológico, pode ser dividida em duas partes: a Parassociologia e a Cosmo-sociologia. Trata-se de uma divisão puramente metodológica que tentaremos explicar da seguinte maneira:

PARASSOCIOLOGIA é a parte da Sociologia Espírita que trata das relações sociais na existência corporal. Divide-se em:

1) *Psicossociologia Anímica* — Estudo do processo de interação social pelas relações psíquicas de natureza anímica: funções sociais da chamada percepção extra-sensorial hoje estudada pela Parapsicologia.

2) *Psicossociologia Mediúnica* — Estudo do processo de interação social pelas relações psíquicas de natureza mediúnica: funções sociais da mediunidade, ação dos Espíritos sobre os Homens e vice versa, determinando mudanças nas relações sociais.

COSMOSSOCIOLOGIA é a parte da Sociologia Espírita que trata das relações sociais na existência espiritual. Divide-se em:

1) *Metassociologia* — Estudo das relações sociais de ordem espiritual, que tanto se processam na vida de vigília como durante o sono, com o desprendimento do Espírito e sua participação na vida espiritual ou sua atividade oculta ou ostensiva na própria vida corporal.

2) *Astrossociologia* — Estudo das relações sociais de ordem espiritual entre os diversos Mundos: migrações de Espíritos, manifestações de Espíritos de outros planetas na Terra e vice-versa, possibilidade da percepção anímica ou extra-sensorial nas relações interplanetárias e interesaciais em geral.

A Parassociologia está bem exposta em "*O Livro dos Espíritos*" nos Caps. VIII e IX do Livro II.

A cosmossociologia se encontra nos caps. IV, V e VI do Livro II. Os caps. X e XI do mesmo Livro II completam a Cosmossociologia Espírita estudando as ocupações e missões cósmicas dos Espíritos e as suas atividades telúricas na vida planetária.

"*O Livro dos Médiuns*" é o compêndio básico para o estudo dos vários tipos de relações da Parassociologia e da Cosmossociologia.

"*O Evangelho Segundo o Espiritismo*" é o código moral da vida espírita e portanto o livro em que os princípios normativos da Sociologia Espírita se encontram definidos e explicados.

O problema das relações interplanetárias, hoje colocado pelas pesquisas astronômicas, figura no cap. III da primeira parte de "*O Livro dos Espíritos*", itens 55 a 58, sob o título de "Pluralidade dos Mundos". O astrônomo Camille Flammarion, que era médium psicógrafo e trabalhava com Kardec na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos publicou uma obra sobre o mesmo assunto. As relações astronômicas, entretanto, só poderão efetivar-se entre Mundos semelhantes quanto à densidade física de sua constituição. Na pergunta 56 "*O Livro dos Espíritos*" coloca o problema da diferença da constituição física dos diversos planetas, e conseqüentemente da diferença dos organismos corporais de seus habitantes. Nada impede, entretanto, que os Mundos mais diversos se comuniquem entre si pelas vias mediúnicas, pois o Espírito é sempre o mesmo em toda parte.

Os Mundos nascem e morrem. Lemos no item 41 do L. E.: "Deus renova os Mundos, como renova os seres vivos." A Escala dos Mundos nos mostra que eles evoluem. E o item 185 do L. E. esclarece: "Os Mundos também estão submetidos à lei do progresso. Todos começaram como o vosso, por um estado inferior, e a própria Terra sofrerá uma transformação semelhante, tornando-se um paraíso terrestre quando os homens se fizerem bons." Assim, os Mundos formam uma coletividade cósmica. Estão ligados entre si pela rede das leis universais, pelas incessantes comunicações dos Espíritos através do Cosmos, pelas migrações individuais e coletivas dos seres no processo evolutivo. O item 176 do L. E. afirma: "Todos os mundos são solidários".

A solidariedade dos Mundos é uma decorrência natural da unidade e organicidade do Cosmos. A concepção espírita do Universo é monista. Há na Terra muitos homens, em diversos graus de evolução (item 176.a) que nela se encontram pela primeira vez, e nem por isso se diferenciam dos outros. O Espírito humano é um só e tem a flexibilidade necessária para conformar-se, em cada Mundo, às suas exigências e ao seu tipo específico de cultura. Dessa maneira não há razão para os temores que certas pessoas revelam no tocante à possibilidade de criaturas de outros planetas invadirem a Terra. Na verdade, elas estão constantemente invadindo, como nós, os terrícolas, também invadimos outros

Mundos. A Humanidade é cósmica e as leis universais equilibram a sua distribuição nos diferentes Mundos.

As distâncias espaciais, como antigamente as distâncias entre os continentes na Terra, só podem ser vencidas por criaturas que tenham alcançado elevado grau de evolução. As naves interplanetárias que chegarem à Terra só podem ser tripuladas por criaturas de uma civilização superior à nossa. É o nosso primarismo que nos leva a imaginar invasões interplanetárias destruidoras. À proporção que superamos os nossos conflitos na Terra nos tornaremos mais aptos a compreender a harmonia do Universo, a unidade espiritual das criaturas e a solidariedade dos Mundos. Então estaremos em condições de receber os nossos irmãos de outros planetas, que poderão trazer-nos, como fazemos hoje entre os países civilizados, as contribuições de suas diferentes culturas para enriquecerem a nossa.

*

3 – COLABORAÇÃO INTEREXISTENCIAL (Filosofia Existencial) – (Explicação de J. Herculano Pires no livro “Curso Dinâmico de Espiritismo” – págs. 94-102) –

A Filosofia Existencial dominou o pensamento filosófico mundial e permanece como o marco de uma profunda revolução filosófica.

A Filosofia atual, representativa do nosso século, é a Existencial. Dela se derivou o movimento existencialista, por uma interpretação espúria (ilegítima, adulterada) do pensamento de Jean-Paul Sartre. Mas o pensamento desse famoso filósofo francês nada tem a ver com as estroinices (leviandades, extravagâncias) da cantora Juliette Grecco (Aparecia em cena de vestido negro e com o contorno dos olhos sublinhado a lápis de igual cor. Essa moda, típica da época do existencialismo francês, marca sua imagem até hoje. Os representantes máximos dessa corrente intelectual, Jean-Paul Sartre e Albert Camus, foram dois dos principais convidados de Juliette Grecco para a inauguração de seu bar Tabou, em Paris. Esses autores escreveram textos musicais para "a musa do existencialismo". Grecco iniciou sua carreira com Chansonette em 1950, obtendo grande sucesso com Je Hais les Dimanches. Começou então a gravar discos e a fazer filmes, entre os quais As Raízes do Céu (1958). Sua autobiografia, de 1983, tem o título de uma de suas canções: Je Suis Comme Je Suis.), que aproveitou-se do renome de Sartre para criar no Café de Fiore, em Paris, um movimento juvenil em que se atribuiu o título de Musa do Existencialismo, dando a Sartre o título de Papa do Existencialismo. Simone de Beauvoir, discípula e companheira do filósofo, perguntou-lhe porque aceitara essa situação. Sartre deu de ombros, dizendo que nada tinha com o movimento da cantora e nem se interessava por ele. O famoso autor de “O Ser e o Nada” e da “Crítica da Razão Dialética” costumava escrever numa das mesas do Café, e ali continuou a trabalhar, indiferente aos shows da cantora. A Filosofia Existencial desfigurou-se na opinião dos leigos, mas não abalou o seu prestígio no meio intelectual. Fundada por Kierkegaard, teólogo dinamarquês, que não pretendia filosofar, a Filosofia Existencial dominou o pensamento filosófico mundial e permanece como o marco de uma profunda revolução filosófica, semelhante à de Copérnico na Astronomia.

Vida e Existência – O Homem é um pro-jecto.

O conceito existencial do homem foi desenvolvido pelos maiores filósofos contemporâneos, como Martin Heidegger, Karl Jaspers, Gabriel Marcel, Simone, Camus e outros. Esse conceito corresponde ao espírita, formulado por

Kardec na Filosofia Espírita. O homem é um ‘pro-jecto’, um ser que se lança na existência e a atravessa como uma flecha em direção à transcendência que é o objetivo da existência. Para Sartre, materialista, a morte é a frustração do homem. Para Heidegger, metafísico, o homem se completa na morte. A Filosofia Existencial admite, em geral, que o ser é um embrião lançado à existência para desenvolver suas potencialidades. Há uma diferença essencial entre Vida e Existência. Todos os seres vivem, mas só o ser humano existe, porque existir é ter consciência de si mesmo e viver em ritmo de ascensão, buscando superar a condição humana e atingir a divina. O homem é o único “existente”. Esta palavra, “existente”, designa o homem como ser na existência.

Conceito Espírita do homem, o único “ser existente”.

Vejam os sentido tipicamente espírita dessa concepção do homem. Antes de ser, o homem é apenas um vir-a-ser, uma coisa misteriosa fechada em si mesma. Ansiando por realização, essa coisa se projeta na existência e se abre na relação, encontrando nesta os elementos que a despertam e a transformam num ser. Este toma consciência de sua própria natureza de ser e como tal busca superar-se. No trânsito existencial desenvolve a sua essência e abre no maciço do mundo, feito de leis rígidas e fatalistas, a única brecha de liberdade, que é o homem com seu livre arbítrio. Para Sartre, ao chegar à morte o homem já elaborou a sua essência na existência, mas esta não subsiste porque o homem desaparece na morte: o homem é uma frustração. Para Heidegger, o ser se desenvolve na existência e se completa na morte: é uma realização. Para Jaspers, o desenvolvimento do ser na existência se faz em duas etapas:

- 1^a.) a transcendência horizontal, no plano social;
- 2^a.) a transcendência vertical, na busca de Deus.

Sartre aplica ao existente a dialética de Hegel:

- a) o homem antes da existência é o “em-si”;
- b) o homem na existência é o “para-si”;
- c) o homem na morte é o “em-si-para-si”.

Como vemos, o “em-si-para-si” é a síntese dialética em que o “em-si” (fechado em si mesmo) e o “para-si” (aberto na relação social), que é a transcendência horizontal de Jaspers, resolve-se no “em-si-para-si”, que é a condição divina atingida na transcendência vertical de Jaspers.

O conceito filosófico (espírita) de “existência” difere profundamente do conceito de vida. Enquanto a vida se define como o elã de Bergson, um impulso, uma força que penetra na matéria e, segundo a idéia hegeliana, modela as formas, a existência é subjetividade pura, o que vale dizer espírito. Assim, não vivemos como as plantas e os animais, integrados na matéria, mas como espíritos ligados à matéria para usá-la em função de seus interesses subjetivos. Vivemos na psique e não no corpo. Nossa vida não é propriamente vida, mas um existir independente das coisas e dos seres materiais, cuja única aspiração verdadeira é a liberdade, que só podemos de fato obter e gozar na interioridade de nós mesmos. Mesmo encarnados, não saímos do plano espiritual, continuamos nele, nosso habitat natural, como sonâmbulos. A matéria não nos absorve, apenas reflete-se em nossa sensibilidade. O dia e a noite, a vigília e o sono, como Jaspers

observou, marcam o ritmo existencial da relação alma-corpo. Durante o repouso do corpo, para refazermos-nos, voltamos ao mundo espiritual no veículo do perispírito, e, mesmo em plena vigília, escapamos da matéria através das fugas psíquicas, das projeções telepáticas, das várias modalidades da percepção extra-sensorial. A hipnose prova o sentido ilusório do viver. No estado sonambúlico ou hipnótico, semidesligados do corpo, vagamos no intermúndio e aceitamos facilmente as sugestões de uma situação irreal: tocamos violino sem violino, sentimos calor e suamos sem calor, resistimos ao fogo sem queimar-nos, regressamos no tempo e nos projetamos no futuro através da memória e assim por diante. A Gestalt nos mostra a ilusão da forma na percepção do mundo, em que as aparências pregnantes (que se impõe fortemente, em se tratando de uma estrutura perceptiva e no contexto da teoria da Gestalt) cobrem a realidade material precipitando-nos em quedas e frustrações. A evolução da Física roubou-nos o mundo sólido e opaco do passado e lançou-nos no torvelinho dos átomos e das partículas nucleares. A matéria esfarelou-se nas mãos dos físicos e obrigou-nos a reconhecermo-nos como seres evanescentes, e que vivemos num mundo mágico de estruturas imponderáveis.

Diante dessa realidade fantástica, às leis físicas que Bertrand Russel se apegou para não naufragar no irreal, impõe-se a realidade-real das leis psíquicas, do espírito que domina, estrutura e ordena a matéria. O que chamamos de vida se transforma em existência, e esta não é mais do que a curta medida do tempo necessário para nos libertar-nos de um condicionamento mental determinado pela ilusão dos sentidos, como Descartes já verificara e demonstrara em suas tentativas de nos dar a Ciência Admirável que o Espírito da Verdade lhe revelara em sonhos. O “cogito ergo sum” do filósofo aparece-nos hoje como um traço de união entre o Cristianismo puro do Cristo e o Espiritismo, em que a verdade revelada se restabelece na sua realidade incompreendida, como uma ponte fluídica e indestrutível que liga duas partes do real, separadas pelo abismo de quase dois milênios de loucura, de esquizofrenia religiosa. Ao descobrir que essa frase cartesiana – penso, logo existo – foi o “abre-te Sésamo” de um filósofo mágico que não queria ilusionar, mas atingir a Verdade, compreendemos que a ponte cartesiana passou sobre um abismo onde espumou por milênios a voragem de sangue e impiedade de um pesadelo mundial. E tão hipnótica foi essa voragem que cientistas e filósofos ainda resistem ao chamado da nova concepção do homem e do mundo que o Espírito da Verdade nos oferece. O próprio Descartes, apegado aos ídolos de Bacon (No que se refere ao *Novum Organum*, Bacon preocupou-se inicialmente com a análise de falsas noções (ídolos) que se revelam responsáveis pelos erros cometidos pela ciência ou pelos homens que dizem fazer ciência. É um dos aspectos mais fascinantes e de interesse permanente na filosofia de Bacon) saiu do seu deslumbramento para uma peregrinação ao ídolo de Nossa Senhora da Saletti, no cumprimento de uma promessa. Repetiu-se nesse episódio histórico a mensagem do Mito da Caverna na República de Platão. Um escravo escapou dos grilhões e foi ver à luz do Sol a realidade que só conhecia através das silhuetas de sombras. E quando voltou e contou o que vira lá fora, os demais o consideraram perturbado. No entanto, a partir de suas obras iniciava-se no mundo a Renascença Cristã, que se completaria mais tarde numa eclosão mediúnica em que as línguas de fogo do Pentecoste se acenderiam de novo sobre a cabeça dos Apóstolos da Nova Era.

O conceito de existência é o carisma do Século XX, da fase mais aguda da transição planetária para um grau superior da Escala dos Mundos.

As inteligências terrenas foram convocadas para a nova batalha cristã, em que os Mártires da Verdade não sofreriam mais as penas cruentas do passado tenebroso, mas enfrentariam as angústias da incompreensão e o martírio inevitável da marginalização cultural. Os construtores da nova cultura, nascida dos princípios cristãos, iniciariam sob escárnio e calúnias a construção da Civilização do Espírito. Esse o grave problema que os espíritas precisam encarar com a maior seriedade em nosso tempo, pois somos herdeiros dessa causa e os continuadores dessa obra. Se não nos empenharmos nela com a devida consciência da sua importância, se não formos capazes de sacrifício e abnegação, em favor dos novos tempos, assumiremos também a nossa parte de responsabilidade nos fracassos que poderão levar-nos a uma catástrofe planetária.

Conceito de Existência e Conceito de Solidariedade Existencial entre os espíritos e os homens: “interexistência”.

Mas é bom lembrar que não estamos sós. Ao conceito de “existência” dos filósofos atuais o Espiritismo acrescenta o conceito da solidariedade existencial entre os espíritos e os homens. Provada a sobrevivência dos mortos pela pesquisa científica e demonstrada a interpenetração dos mundos material e espiritual – que se evidencia na nossa própria organização psicofísica, impõe-se naturalmente o conceito espírita da “interexistência”. Já vimos que não vivemos apenas no plano material, que não estamos fundidos no corpo carnal, mas apenas ligados a ele como o condutor ao seu veículo. Nos estudos de Hipnotismo aprendemos que a nossa vida diária também se processa simultaneamente em dois planos. O mesmo acontece com os espíritos, que não estão isolados no plano espiritual mas passam constantemente do seu plano para o nosso, como vemos no caso das comunicações mediúnicas, das aparições, das materializações e até mesmo, de maneira espontânea e concreta, visível e palpável, no caso dos “agêneres”. Assim, a interpenetração do plano espiritual inferior com o plano material superior (a crosta terrena e sua atmosfera), constitui a zona planetária que chamamos de “intermúndio”. Os gregos antigos diziam que os seus deuses viviam no intermúndio, entre o Céu e a Terra. O Espiritismo nos permite compreender essa verdade de maneira clara e racional: para eles, os espíritos eram os deuses bons e maus que se comunicavam através dos oráculos e das pitonisas. Eles também conheciam os “agêneres”, pois os seus deuses podiam descer do Olimpo e aparecer aos homens como homens. O conceito de interexistência deriva do conceito de intermúndio formulado pelos gregos.

A colaboração interexistencial e as pesquisas mediúnicas.

E no Espiritismo esses conceitos se ampliam através das pesquisas mediúnicas, revelando as leis da colaboração interexistencial a que naturalmente se entregam os espíritos e os homens em todos os tempos, desde os primitivos até ao nosso. Contamos, pois, com a colaboração constante dos nossos companheiros de humanidade na batalha cristã de elevação na Terra. Anotemos a importância que, nesse contexto, adquirem as sessões mediúnicas de orientação e esclarecimento de espíritos sofredores ou malfeitores. A doutrinação espírita, sempre auxiliada pelos Espíritos Superiores e os Espíritos Bons que os servem, é um trabalho humilde de caridade que, no entanto, não se limita aos efeitos pessoais em favor do socorrido e das suas vítimas, pois sua contribuição maior é a renovação consciencial ou despertar das consciências humanas para as responsabilidades do ser na existência. Pouco pode fazer uma sessão de doutrinação,

diante da extensão dos desequilíbrios, a multidão de sofrendores e malfeitores que nos rodeiam. Mas cada espírito que se esclarece é uma nova irradiação nas trevas conscienciais. Além disso, numa pequena sessão não temos o esclarecimento apenas das entidades comunicantes. Em geral, é maior o número de espíritos assistentes, que se beneficiam com a doutrinação dos que se encontram na sua mesma situação. Por outro lado, o ambiente espiritual da sessão irradia suas luzes muito além do recinto estreito em que se realiza. O milagre da multiplicação dos pães se repete em cada sessão de humildes servidores da causa que é de toda a Humanidade. Os resultados positivos das sessões vão muito além do que podemos perceber, espalhando seus benefícios no intermúndio, no Espaço e na Terra. Note-se ainda que essas sessões representam a colaboração humana aos trabalhos de esclarecimento e orientação que os Espíritos realizam incessantemente no plano espiritual. Essa participação dos homens nas tarefas espirituais restabelece os elos de fraternidade desfeitos pelo formalismo igrejeiro. E desfaz a fábula do ciúme dos anjos, que teriam se rebelado contra Deus pela encarnação de Jesus como homem e pela concessão aos padres do direito de perdoar pecados, que os anjos não possuem. Fábulas dessa espécie, criadas pela pretensiosa imaginação teológica, dão-nos a medida do desconhecimento dos clérigos mais ilustrados e prestigiosos sobre a realidade espiritual. Os anjos não são mais do que espíritos humanos que se sublimaram em encarnações sucessivas. O Espiritismo coloca o problema da Criação em termos evolutivos, à luz da concepção monista e monoteísta. Nas sessões mediúnicas de caridade, anjos, espíritos humanos e espíritos diabólicos participam como orientadores, doutrinadores e necessitados de doutrinação. Não sendo o Diabo mais do que uma alegoria, um mito representativo dos espíritos inferiores voltados ao mal, a presença dos impropriamente chamados espíritos diabólicos nas sessões de socorro espiritual é justa e necessária. Ninguém necessita mais do socorro humano do que essas criaturas transviadas. Quando elas não estão em condições de aproveitar a oportunidade, não lhes é facultada a comunicação mediúnica. Permanecem no ambiente como observadores, vigiados pelos espíritos guardiães, e aprendem aos poucos, como alunos ouvintes, a se prepararem para o tratamento de que necessitam. Muitas pessoas não gostam dessas sessões de comunicações desagradáveis, onde a caridade brilha no seu mais puro esplendor. São nelas que os pretensos diabos deixam cair suas fantasias infelizes para vestir de novo a roupa comum dos homens, voltando ao convívio dos que seguem a senda da evolução espiritual. Os grupos que se recusam a realizar esses trabalhos de amor acabam caindo nas mistificações de espíritos pseudo-sábios e pagam caro o seu comodismo e a sua pretensão.

A colaboração interexistencial iniciada pelo Espiritismo estabeleceu a verdadeira fraternidade espiritual na Terra.

Esse fato marca um momento sublime nos rumos da transcendência humana. O planeta das sombras, cuja História é um terrível caleidoscópio de atrocidades e maldades, brutalidade e miséria moral, ganhou um ponto de luz celeste com essa reviravolta em suas precaríssimas condições religiosas. O desenvolvimento das práticas de socorro espiritual indiscriminado, oferecido a todos os tipos de necessitados, dará condições à Terra para se libertar das sombras e elevar-se aos planos de luz. O lema espírita: “Fora da Caridade não há Salvação” é o passaporte da Terra para a sua escalada aos planos superiores. Os médiuns que trabalham nessas sessões de socorro, ao invés de preferirem aquelas em que só

se interessam por mensagens de Espíritos Superiores, estão mais próximos dos planos elevados e das entidades realmente superiores. Não foi para os elegantes e vaidosos rabinos do Templo que Jesus veio à Terra, mas, como ele mesmo disse, para as ovelhas transviadas de Israel. Os que pensam que só devem tratar com Espíritos Superiores provam, por essa pretensão, a incapacidade de compreender a elevação espiritual.

*

Livro: Parapsicologia Hoje e Amanhã. J.Herculano Pires

Imanência e transcendência

Ao colocar o problema da transcendência do homem, ou melhor, da sua natureza transcendente, no capítulo anterior, colocamos conseqüentemente o problema da transcendência dos fenômenos *psi*. A ruptura das categorias de tempo e espaço, que verificamos nos fenômenos de precognição, apresenta certas semelhanças com a ruptura das leis físicas nos fenômenos de levitação de objetos à distância, ectoplasmia fantasmal ou ideoplástica, voz-direta ou ruídos sem causa aparente. As primeiras objeções formuladas, não ao estudo e à observação desses fenômenos objetivos, mas à sua própria possibilidade de existência, basearam-se no aspecto transcendente dos mesmos.

Posteriormente, as investigações de William Crookes, Charles Richet e particularmente as de Richet e Imoda, na Itália, e as de Crawford, na Irlanda, mostraram a natureza imanente desses fenômenos. A teoria da *alavanca psíquica*, de Crawford, comprovada por experiências e fotografias, revelou a existência de um liame material entre o sensitivo e o objeto levantado, de maneira que a lei de gravidade não foi sequer arranhada. Restaram, entretanto, as questões de ordem fisiológica, até hoje não explicadas nem suficientemente investigadas.

Verifica-se nos dois casos, mais uma vez, aquilo que poderíamos chamar de condicionamento dialético. Tanto nos fenômenos subjetivos, quanto nos objetivos, podemos ver nitidamente a oposição dialética do imanente e do transcendente, que produz a síntese fenomênica. No caso da ectoplasmia, por exemplo, a ação direta do sensitivo através da emissão fisiológica da alavanca psíquica é puramente mecânica. Foi providencial que os estudos e as experiências a respeito tivessem sido feitas por um fisiologista como Richet e um catedrático de mecânica aplicada como o Prof. Crawford, da Universidade de Belfast. Mas como explicar a emissão ectoplásmica, e particularmente as causas psicofisiológicas desse processo? Gustavo Geley admitiu, o que fez também Crawford, a existência de *controladores espirituais*, ou seja, de agentes extrafísicos. Não aceitando essa explicação teríamos de procurar outra, e de qualquer maneira chegaríamos, como aconteceu com Carl Jung, a uma conclusão transcendente.

No caso particular da precognição, de que tratamos no capítulo anterior, surgiu entre os parapsicólogos uma curiosa controvérsia. Não se tratava de negar o fenômeno, suficientemente demonstrado, mas de negar, através dele, a psicocinesia. Esta, como já vimos, é a ação da mente sobre a matéria. Assim, quando as experiências de Rhine provavam que a mente do sensitivo agia sobre os dados lançados à mesa por uma máquina especial, alguns parapsicólogos levantavam a hipótese, inicialmente formulada por Nash, de que o sensitivo antevira pela precognição o resultado do jogo. O curioso, neste caso, é a tentativa de negar o fe-

nômeno objetivo para ressalva das leis físicas, embora se fosse obrigado a admitir o fato transcendente da precognição. Mais uma vez, como se vê, a transcendência se impõe.

A intervenção de Carl Jung — se assim podemos dizer — nos debates parapsicológicos, foi antes de natureza filosófica do que psicológica. Não quis ele negar a validade das pesquisas, mas a validade da interpretação. Jung entendeu que os fenômenos *psi*, não estando sujeitos aos limites de tempo e espaço, são de natureza transcendente, não comportando nenhum enquadramento nas categorias lógicas de causa e efeito. Sua proposição é a da existência de uma ordem não-causal no Universo, regida pela sincronicidade. Uma volta ao problema colocado por David Hume, mas agora em forma de transcendência, delimitando-se as áreas de causalidade e de sincronicidade nos planos da dicotomia platônica de sensível e inteligível.

Todas essas discussões cabem apenas no campo científico, que se apresenta, como sabemos, dividido segundo o esquema platônico. As ciências se interessam pelo objetivo, mas reconhecem, embora como epifenômeno, a existência do subjetivo em forma psicológica e cultural. A própria natureza epifenomênica do subjetivo o condena perante a investigação científica. É natural, portanto, que ao encarar o problema da ação subjetiva nos fenômenos objetivos, apareça logo a reserva e a repulsa ao transcendente. No campo filosófico, entretanto, as perspectivas são outras.

Poderíamos começar por uma pergunta ingênua: qual a natureza da vida? Se admitirmos a vida como epifenômeno (posição típica do materialismo) ela nada mais será do que um efeito das ações e reações íntimas da matéria. Mas, nesse caso, restará o problema da causa dessas ações e reações. E se admitirmos a vida como o resultado dialético da ação de um princípio não-físico sobre a matéria (espiritualismo) reconheceremos a natureza vital, e portanto normal, do paranormal. Quer dizer: a dualidade imanente-transcendente que caracteriza os fenômenos *psi* não é propriamente uma característica destes, mas de todos os fenômenos ou do universal. Tendemos assim para a aceitação do *númeno* kantiano e fazemos a eliminação espinosiana do sobrenatural para reconhecermos em tudo apenas a Natureza.

De uma maneira ou de outra, com o epifenômeno ou com o *númeno*, não conseguimos fugir ao transcendente. Porque o próprio epifenômeno, como o indica a etimologia do termo, é um processo de transcendência reconhecido na sociologia marxista como superestrutura. Assim, ao contrário do que pretende o próprio Prof. Joseph Banks Rhine em suas digressões filosóficas e políticas sobre as conseqüências da investigação parapsicológica, a prova científica da existência de *psi* não nega a validade do Materialismo Histórico, mas apenas delimita essa validade no plano do imanente. Não sendo possível, nem mesmo para o materialismo científico e filosófico, negar o transcendente, que sempre subsiste, será forçoso reconhecer a sua presença e a sua importância no processo histórico. Esse reconhecimento não invalida, mas amplia e enriquece as conclusões da observação e da experimentação na matéria (Ciências físicas).

Reafirma-se, portanto, através desse curioso problema do imanente e do transcendente nos fenômenos *psi*, a tese da dialética-palingenésica. Transcendente e imanente mostram-se de maneira clara, porque ainda não suficientemen-

te fundidos, quando estudamos a fase pré-histórica do Mitológico. Posteriormente, na História, o imanente se sobrepõe ao transcendente na elaboração da síntese. Esta, entretanto, só se verifica no plano da Palingenesia, no momento em que o Mito e a História se fundem, para que imanente e transcendente de novo transpareçam na Natureza através da Vida. E então, só então, na realidade palingenésica, o *agora* existencial revela o seu verdadeiro sentido, ou seja, como quer o relativismo-crítico, *o presente como síntese do passado e do futuro*.

Cada vez que nos defrontamos com o *agora* no processo palingenésico, estamos ao mesmo tempo diante do ontem e do amanhã. No *agora* somos o resultado do que éramos no *ontem*, realizamos a essência que, segundo Sartre, lá se encontrava "em suspenso". Mas, por outro lado, temos novamente "em suspenso" a essência que realizaremos no *amanhã*. Isto está mais de acordo com a concepção existencial do homem como *projeto*, concepção que Sartre limitou ao transcurso de uma única existência, por isso mesmo frustrada.

Assim, a frustração sartreana do homem, "essa paixão inútil", não é uma realidade objetiva nem subjetiva, mas apenas uma limitação mental do filósofo. Numa perspectiva palingenésica Sartre poderia enxergar o futuro do homem dentro das próprias condições dialéticas do Marxismo, dessa Filosofia que ele considera a única do século, mas cujas raízes hegelianas autorizam a volta ao espírito.

*

Livro: Agonia das Religiões. J. Herculano Pires

CAPÍTULO XIII - REVOLUÇÃO CÓSMICA

Em meados do Século XIX ocorreu uma abertura cósmica para o homem em todos os sentidos. Três séculos após a Revolução Copérnica, que começara a demolir o geocentrismo de Ptolomeu, Kardec rompia o organocentrismo da concepção científica do homem, que tinha em seu apoio a tradição religiosa judeu-cristã. Nicolau Copérnico escrevera em latim o seu tratado *De Revolutionibus Orbium Coelestium* (Das Revoluções das Orbes Celestes) que só foi publicado em 1543, após a sua morte, e condenado pelo Papa Paulo V. Kardec publicou "*O Livro dos Espíritos*", em 1857, que também não escapou à dupla condenação da Igreja e da Ciência.

A concepção da vida como inerente às estruturas orgânicas foi o último refúgio do geocentrismo. Já que a Terra não era o centro do Universo, o homem sustentava a sua vaidade e o seu orgulho considerando-se o centro da vida. Isso é evidente ainda hoje, transparecendo na luta desesperada das religiões contra a concepção espírita do homem e na desesperada resistência das Ciências à evidência resultante de suas próprias conquistas. Na América e na Europa de hoje as declarações positivas de Rhine, Soal, Carington e outros sobre a existência de um conteúdo extrafísico nos seres humanos e de sua sobrevivência à morte orgânica são combatidas ferozmente e classificadas como ridículas. E um curioso espetáculo na arena intelectual, em que vemos o homem lutando, por orgulho, para sustentar que não é mais do que pó e cinza.

Podem os clérigos argumentar que nas religiões não se passa o mesmo, pois os princípios religiosos sustentam a concepção metafísica do homem. Entretanto, pode-se aplicar às religiões a advertência de Descartes quanto ao perigo de fazer-se confusão entre alma e corpo. Enquanto para o Espiritismo a alma é o espírito que

anima o corpo, havendo nítida distinção entre um e outro, as religiões admitem a unidade substancial de alma e corpo, de tal maneira que a ressurreição se verifica no próprio corpo. A complexa teoria de *matéria e forma*, de Aristóteles, deu muito pano para manga na teologia medieval, resultando na doutrina *da forma substancial*, em que forma é substância e substância é forma. Em conseqüência, matéria e forma se misturam e não se sabe como explicar o homem sem a sua estrutura orgânica de matéria, pois chega-se mesmo a sustentar que o homem é pó e em pó se reverterá na morte.

Opondo-se a essa posição restritiva, que reduz o homem á condição de *bicho da terra*, segundo a expressão camoneana, o Espiritismo o reintegra na dignidade de sua natureza espiritual e reajusta a sua imagem no panorama cósmico. A manifestação dos mortos, demonstrando que continuam vivos e atuantes noutra dimensão da vida, e que continuam a ser o que eram apesar de não mais possuírem o corpo material, não deixa nenhuma possibilidade de dúvida sobre a diferença entre conteúdo e continente, entre espírito e corpo. A confusão de forma e substância resolve-se com a demonstração da estrutura tríplice do homem: o espírito é a substância, a essência necessária, *o ser do primado ôntico* de Heidegger; o perispírito (*corpo espiritual ou bioplásmico*) é a *forma* da hipótese aristotélica, o padrão estrutural dos biólogos soviéticos; o corpo é a *matéria* que nos dá o ser existencial. Essa é a tese espírita dos dois seres do homem: o ser do espírito e o ser do corpo.

E o *não-ser*, como queria Hegel, não é um ente específico e autônomo, o-posto ao ser, mas inerente ao *ser de relação* ou *existencial*, ligado a ele na existência como contrafação, determinado pela oposição da existência ao ser. É o que vemos no problema da relação Deus-Diabo, em que a figura do Diabo só é tomada em sentido mitológico, nunca real, como personificação das forças do passado, que pesam sobre o *ser existencial*, embaraçando-lhe o desenvolvimento. O *não-ser* é o que não quer ser, não quer *atualizar-se* na existência, mas permanecer o que era, apegado aos resíduos das fases anteriores ao ser. Uma das funções do ser é absorver o *não-ser* para levá-lo a ser, segundo a tese da passagem do inconsciente ao consciente, de Gustave Geley.

E assim que o homem se reintegra, pela concepção espírita, na realidade cósmica. Não é mais um ser isolado na Criação, privilegiado pela inteligência e amesquinhado pela morte, não é mais aquela *paixão inútil* de Sartre que o tempo consome e reduz a nada. O homem é a síntese superior produzida pela dialética da evolução criadora de Bergson nos reinos inferiores da Natureza, a partir das entranhas da Terra. No seu curso de milhões e milhões de anos, a partir da mônada oculta na matéria cósmica, impulsionado na ascensão filogenética das coisas e dos seres, passando pelas metamorfoses de uma ontogenia assombrosa, ele atingiu a consciência e descobriu a marca de Deus em si mesmo. Herdeiro de Deus e co-herdeiro de Cristo, segundo a expressão do Apóstolo Paulo, o homem não está condenado à frustração da morte, mas destinado à vida em abundância na plenitude do espírito.

Não é fácil à mentalidade necrófila desenvolvida pelas religiões da morte, sob o peso esmagador da escatologia judaica e da tragédia grega, compreender essa visão nova do homem como um ser cósmico. Por isso acusa-se o Espiritismo de reativar antigas superstições e voltar á concepção da metempsicose egípcia elaborada pelo gênio de Pitágoras. Não percebe essa mentalidade que a teoria pitagórica da metempsicose impunha-se ao sistema do filósofo por uma intuição do seu próprio gênio e pela necessidade lógica. O homem pitagórico antecipou o homem do Espiri-

tismo na medida possível das grandes antecipações históricas. Era um homem cósmico por antevisão, tão integrado e entranhado na realidade universal que não podia escapar do círculo vicioso das formas se não despertasse em seu íntimo os poderes secretos da mônada. O conceito do homem em Pitágoras é infinitamente superior ao das religiões atuais e ao das filosofias do desespero e da morte em nosso século.

Quando Pitágoras falava da música das esferas não se embrenhava nas superstições, mas abria a mente de seus discípulos para a visão real do Cosmos, que só em nosso tempo se tornaria acessível a todos. Mais tarde, Jesus também anunciaria as muitas moradas do Infinito e ensinaria o princípio da ressurreição e das vidas sucessivas, estarrecendo um mestre em Israel que não sabia dessas coisas. Já numa fase mais avançada da evolução terrena, Jesus não se referia à metempsicose, mas à palingenesia do pensamento grego, à transformação constante dos seres e das coisas no desenvolvimento do plano divino. Nesse mesmo tempo, nas antigas Gálias, os celtas, que para Aristóteles eram um povo de filósofos, divulgavam esses mesmos princípios pela voz dos seus bardos, poetas-cantores das tríades sagradas. E entre eles, como um druida, Kardec se preparava para a sua missão futura na França do Século XIX.

Vemos assim duas linhas paralelas na filogênese humana: de um lado temos a evolução do *princípio inteligente* a partir dos reinos inferiores da Natureza, onde a mônada, a semente espiritual lançada pelo pensamento divino, desenvolve as suas potencialidades numa seqüência natural em que podemos perceber as seguintes etapas: o poder estruturador no reino mineral, a sensibilidade no vegetal, motilidade do animal, o pensamento produtivo no homem. A este esquema linear temos de juntar a idéia do desenvolvimento simultâneo de todas essas potencialidades, num crescendo incessante, num processo dialético de dinamismo tão intenso e complexo que mal podemos imaginar. Foi isso que levou Gustave Geley, o grande sucessor de Richet, a considerar a existência em todas as coisas de um *dinamismo-psíquico-inconsciente* que rege toda a evolução. Que abismo entre essa concepção da gênese universal que o Espiritismo oferece e a gênese alegórica das religiões! E mesmo em relação à gênese científica podemos notar a superioridade da concepção espírita, que não se restringe à idéia de um processo dinâmico de forças desencadeadas no plano superficial da matéria, mas penetra nas entranhas do fenômeno para descobrir o *númeno*, a essência determinante do processo e os objetivos graduais e conscientes que são acessíveis à nossa percepção e compreensão. A criação do homem, a sua natureza e o seu destino tornam-se inteligíveis. Édipo decifra os mistérios da Esfinge.

Apesar disso, há criaturas que acusam o Espiritismo de doutrina simplória, de simples abecê da Espiritualidade, curso primário de iniciação nos conhecimentos superiores da realidade universal. Enganam-se com a linguagem simples das obras de Kardec, através da qual o mestre francês colocou ao alcance de todos, graças a um processo didático difícilíssimo de se atingir e aplicar, os mais graves problemas que os sábios do futuro teriam de enfrentar, como estão enfrentando neste momento. A simplicidade de Kardec é tão enganosa como a de Descartes. À maneira do *Discurso do Método*, "*O Livro dos Espíritos*" é um desafio permanente à argúcia e ao bom-senso dos sábios do mundo. Esses dois livros nos lembram a simplicidade enganosa dos ensinamentos de Jesus, que os teólogos enredaram em proposições confusas, não compreendendo o seu sentido profundo e impedindo os simples de compreendê-lo.

Mas voltemos às duas linhas paralelas da filogênese humana, para tratar da segunda. Na primeira tivemos o processo natural de desenvolvimento das potencialidades do *princípio inteligente*, que podemos comparar ao crescimento da criança e aos primeiros cuidados com a sua educação. Temos de aguardar o desenvolvimento orgânico da criança para que as suas possibilidades mentais se revelem. E temos então de orientar as suas disposições naturais para o aprendizado escolar. O que vimos na primeira paralela foi exatamente esse processo. Quando as potências da mônada atingiram o desenvolvimento necessário à sua individualização definitiva, como criatura humana, e a consciência mostrou-se estruturada, começou então o processo da sua maturação e do seu aprendizado. O clã, a tribo, a horda, a família e as formas sucessivas de civilização representam as etapas da segunda linha paralela, em que se verifica o desenvolvimento cultural. A inteligência, já formada, vai ser cultivada ao longo do tempo, nas gerações sucessivas. As diferenciações monádicas intuídas por Leibniz, como as diferenciações na constituição atômica verificadas pela Física atual, respondem pelas características diversas e diversificadoras das criaturas humanas em substância e forma. Essas diferenciações não são apenas individuais, mas também grupais, determinando por afinidade os grupos familiares e raciais. Os elementos da natureza, do meio físico, e as miscigenações, as misturas raciais e culturais, contribuirão para acentuar as diversificações no decorrer do tempo. Nota-se a existência de um dispositivo protetor das raças e culturas em desenvolvimento, nas primeiras fases do processo, com o isolamento dos grupos afins nos continentes. Mas esse dispositivo não é artificial, entrosa-se naturalmente no processo evolutivo, em que todas as condições necessárias decorrem das variantes evolutivas. São inerentes ao processo.

Quando os vários grupos amadureceram suficientemente e conquistaram um grau relativamente elevado de civilização, inicia-se a fase das conquistas, da dominação dos grupos mais poderosos sobre os mais fracos, numa longa e penosa elaboração de novas condições de vida e cultura. Kerchensteiner coloca o problema da cultura subjetiva e da cultura objetiva, a primeira correspondendo ao plano das idéias, da elaboração intelectual, a segunda ao plano da prática, do fazer, das realizações materiais.

E Ernst Cassirer mostra como a cultura objetiva conserva em suas obras materiais, gravadas nos objetos, as conquistas subjetivas de uma civilização morta. A Renascença, por exemplo, revela como as conquistas espirituais do mundo clássico greco-romano foram arrancadas das ruínas e dos arquivos aparentemente perdidos e reelaboradas pelo mundo moderno. Dewey, por sua vez, acentua a importância da *reelaboração da experiência* nas gerações sucessivas.

Mas quando chegamos ao ponto em que hoje estamos, prontos para um salto cultural de natureza qualitativa, ainda não podemos considerar-nos como obra concluída. Como observou Oliver Lodge, o homem ainda não está acabado, mas em fase talvez de acabamento. Sim, talvez, porque o nosso otimismo e a nossa vaidade podem enganar-nos a respeito do nosso estágio atual de realização. A própria situação da Terra, isolada no espaço e só agora tentando a expansão cósmica, deve advertir-nos de que ainda não estamos preparados para ingressar na comunidade dos mundos superiores. Somos ainda um obscuro e grosseiro subúrbio da Cidade de Deus e só à distância podemos vislumbrar o esplendor da luminária celeste na imensidade cósmica. Nossos próprios meios de penetração no espaço sideral são demasiado rudimentares e precários. Nossos corpos animais não nos permitem viver

em condições superiores às da Terra. O desenvolvimento de nossos poderes psíquicos está ainda começando e nossa capacidade mental, condicionada por um cérebro de origem animal, não vai muito além dos processos indutivos e dedutivos mal arranjando o litoral esquivo do mundo da intuição. Como assinala Remy Chauvin, nem mesmo conseguimos atingir uma organização social superior, permanecendo ainda num plano de barbárie, estruturado em princípios ilógicos decorrentes da selva, com o predomínio da força sobre o direito.

Não obstante, estamos avançando mais rapidamente do que nunca. E se a nossa vaidade e o nosso egoísmo não nos cegarem por completo, se formos capazes de reconhecer no Espiritismo a doutrina que encerra o esquema do futuro, a plataforma espiritual, política e social do novo mundo que temos de construir no planeta - não mais a ferro, fogo e sangue - mas a golpes de inteligência, compreensão e fraternidade, então poderemos atingir a maturidade humana. Caso contrário retornaremos à selva, recomeçaremos de novo o nosso aprendizado desde o principio, reiniciaremos o curso desperdiçado das instruções superiores. E não teremos mais em nossa companhia os que souberam vencer, pois cabe-lhes o direito de se transferirem para os cursos universitários da Cidade de Deus, em que o Pai certamente os matriculará. A escolha nos pertence, a decisão é nossa. Deus nos concedeu, com a consciência, o direito e o dever das opções.

Kardec sabia o que fazia, quando evitava a confusão do Espiritismo com as religiões dogmáticas e formalistas, sem entretanto negar ao Espiritismo o seu aspecto religioso. Teve mesmo o cuidado de não cortar em excesso as ligações da doutrina com a tradição religiosa, pois sabia que a evolução não pode sofrer, sem graves perigos de solução de continuidade. O princípio espírita do encadeamento de todas as coisas no Universo estava presente em sua mente. Poucas obras revelam uma compreensão tão clara e profunda da natureza orgânica do Universo, como a Codificação. É por isso, e não por sectarismo ou fanatismo, que não podemos fazer concessões ao passado no campo das atividades doutrinárias. Avançamos para um novo mundo que só o Espiritismo pode modelar, pois só ele revela condições para isso em sua estrutura doutrinária. Mas se não procurarmos compreendê-lo em toda a sua grandeza, é certo que o reduziremos a uma seita fanática de crentes obscurantistas. Evitemos essa queda no passado, para nós mesmos e para o mundo. Tenhamos a coragem de avançar sem muletas e sem temor para a Civilização do Espírito.

*

Livro: O mistério do Ser ante a dor e a morte. J. Herculano Pires.

XII – O SER MORAL

O problema do ser é fundamental em toda a Filosofia. Mas as definições filosóficas não o definem, antes propõem. Quando dizemos *ser humano* fazemos uma especificação perigosa, pois caímos no perigo de tomar essa expressão como sinônimo da palavra homem. E isso não é correto, pois o homem é mais do que o ser e, ao mesmo tempo, o ser é mais do que o homem. Kardec referiu-se, em *O Livro dos Espíritos*, “ao ser do corpo”. Ser é aquilo que é. Por isso, numa das metáforas da Bíblia, Iavé, o deus dos judeus, que queria passar como o Ser Supremo, disse: “Eu sou Aquele que é”. A pretensão alegrou os filhos de Deus, o povo eleito, mas não passava de uma afirmação ambígua. A palavra *ser* foi arrancada, como a costela de Adão, do verbo ser, mas não deu nenhuma Eva e sim um proteu semelhante ao da palavra alma, que Kardec sentiu-se no dever de definir para evitar confusões.

Quando falamos de Deus como Ser, sempre o elevamos à grandeza suprema. Mas quando falamos do homem como ser nos referimos ao que o homem é. Há no homem, portanto, vários elementos conjugados: o corpo, a alma – o corpo espiritual ou perispírito –, as faculdades humanas normais e paranormais e a especificidade do ser humano, que é diferente de todos os demais seres. Existe a pedra e o ser da pedra, o cavalo e o ser do cavalo, a borboleta e o ser da borboleta e assim por diante. O ser é uma entidade metafísica, não visível nem tangível, uma essência e não uma forma.

Ninguém pode matar um ser, mas apenas a sua representação física. A imortalidade do homem não se define como privilégio do homem, mas do ser. Há seres de razão – matemáticos, lógicos e ideológicos – e todos eles se relacionam com o ser humano sem jamais se confundirem com este. Não é fácil definir o ser, mas não se pode olvidá-lo ou negá-lo. O que é na sua facticidade ôntica, na formação ontogênica de suas virtualidades específicas, não pode deixar de ser, pois se integra na realidade total como forma essencial e incessantemente autogeradora, porque o ser se define, em última instância, como necessidade teleológica de toda a realidade. Por isso o *ser aqui* existencial de Heidegger que pretende ser concreto, na sua facticidade temporal, completo na sua essência e forma, ambas humanas, não passa de um fantasma (no sentido grego do termo), uma aparição no aqui e no agora, que se esvai na temporalidade, na frustração aparente da morte sartreana, vestindo-se da aparência biológica para continuar a ser na realidade ontológica pura. A morte aparece então como o *não ser*, a negação do ser em que se repete sempre na solidão da inerência física do morrer. O *não* do ser é apenas o reverso do *sim* que o afirmou no plano sensorial, contrapondo-se à sua eterna realidade metafísica. O ser nos dá as costas e desaparece. Não está mais ao nosso alcance. Mas sabemos que, apesar disso, permanece em nós, em nossa memória, em nossa afetividade, em nossa saudade, na historicidade em que nos inserimos juntamente com ele, na sua essência que se derrama em nós e em nosso redor. Verificamos que ele vive apesar da morte e que não podemos descartá-lo de maneira alguma.

Chegamos à compreensão de que ele nos deixou, mas ao mesmo tempo ficou. O que nos apavora na morte não é a morte em si mesma, mas a ausência que se abre em nosso convívio e que é realmente impreenchível. Sabemos, de maneira profunda (em nossa consciência do real) que todos morremos e sabemos também, com a mesma certeza, oriunda de nossas experiências, que o Ser não se acaba, não se extingue, mas precisa ontologicamente de se completar na morte, como Heidegger afirma em contraposição à leviana teoria da frustração sartreana. O que nos faz sofrer não é a morte, mas a nossa recusa à realidade da vida, que leva sempre a morte atrelada ao seu carro como inevitável corolário das atividades existenciais do homem. Toda a série de experiências que constitui uma existência vai fatalmente desembocar na morte. O ato de morrer é um fechar de portas para o mundo. O Ser se engolfa em si mesmo, desliga os contactos com a realidade sensível e volta à solidão do *em-si* como coisa, isolado em sua auto-inerência. Tudo se consumou na realidade possível. Cabe-lhe então, na sua câmara escura, projetar na tela da memória o seu próprio drama para assisti-lo sozinho e avaliar os seus resultados, as conseqüências para a nova abertura existencial que vai se abrir para ele nas hipóstases de Plotino. Nessa retrospectiva avaliativa o Ser assimila em última instância as suas conquistas existenciais e as consolida em si mesmo. Não será mais, nunca mais, o que era, mas carregará o que era como disposições e elementos destinados à elaboração do que será. O temor e a náusea da morte se converterão em anseio de renovação e espe-

rança, não segundo a tese de Gabriel Marcel, mas segundo a teoria do encontro com o Outro, de Kierkegaard, no único diálogo então possível, pois o Outro é Deus, que o Ser reencontra na transcendência vertical de Karl Jaspers.

Somos obrigados a tratar esse problema da Filosofia Espírita na sua perspectiva própria e na linguagem correspondente, em conotação com as posições filosóficas atuais, porque só assim se pode demonstrar a precisão e a clareza do pensamento espírita, em flagrante contraste com a nebulosidade das teologias fantasmagóricas que as religiões masoquistas nos cevaram por milênios nos horrores da dor e da morte. Hoje essas mesmas religiões tentam romper o ergástulo de suas concepções negativas com apelos à leviandade sensorial das inovações rituais em termos de secularização e mundanismo. Não é possível nenhuma reformulação de sistemas e de princípios sem o aprofundamento filosófico dos problemas fundamentais do homem.

A posição filosófica existencial, como a abordam, do Ser na existência – pois o Ser do homem é o único realmente acessível às nossas investigações –, exclui de imediato as fabulações teológicas oriundas da pretensão da vaidade humana a serviço do obscurantismo. A Moral, na sua mais alta expressão, é questão de equilíbrio e orientação do pensamento com a afetividade. Qualquer desvio nesse sentido, com vistas a interesses secundários, como a ênfase excessiva dada à razão ou a ênfase contrária, dada ao sentimento, negam todos os valores e a própria essência da moralidade. A prova dessa premissa nos é dada pela história, mostrando que a ênfase do sentimento levou o mundo de volta aos tempos de barbárie, com brutalidade elevada ao quadrado da estupidez em nome de Deus e a ênfase da razão levou a cultura mundial ao materialismo supostamente científico, negando o homem e seus direitos, a começar da negação de Deus. De um lado, o domínio interesseiro, medroso e hipócrita dos beatos na salvação própria em detrimento da Humanidade, de outro lado a opressão dos ideólogos insensíveis, metódicos e manhosos, tripudiando em benefício próprio e de suas greis sobre a liberdade humana.

A formação do Ser Moral, como Kardec acentuou, só é possível nas sociedades livres e orientadas pela razão e o sentimento em equilíbrio. Sem o desenvolvimento da afetividade temos apenas a razão fria e esquemática, que é o cadáver da razão.

Sem o desenvolvimento da razão só temos os instintos à solta, na deterioração progressiva do pensamento sem bússola. Toda esquematização desses campos fundamentais das energias humanas leva fatalmente à degeneração do homem, pela asfixia de suas potencialidades divinas. Arrancar o homem da animalidade, o que vale dizer arrancá-lo da brutalidade e da irresponsabilidade, submetendo-o a princípios de ordem moral puramente abstratos, com ameaças e promessas depois da morte, é minar a estrutura de suas experiências objetivas no mundo, perturbando-lhe o desenvolvimento psico-mental com dúvidas e suspeitas que o levam à distorção do pensamento na direção de interesses bastardos e conseqüentemente à degeneração moral. Não se trata da moral comum ou social, apegada a costumes, preconceitos e superstições, mas da moralidade consciencial em que se funda a conduta dos seres conscientes de suas responsabilidades no mundo dos homens. As condenações morais do meio social são geralmente proferidas por indivíduos e tribunais desprovidos de autoridade moral e até mesmo sem capacidade avaliativa nesse plano. O ser moral não se entrega ao arbítrio da incompetência de julgadores primários. Rebelar-se contra esses julgamentos e mantém a sua conduta com a serenidade e a fir-

meza dos seus princípios morais inabaláveis. Jesus foi condenado pela moral fari-saica. Sócrates pela moral ateniense. Essas condenações só serviram para engrande-cer na História e na Espiritualidade os dois condenados. O ser moral é o supremo objetivo da evolução humana na Terra. Ele encarna em nossa pobre Humanidade o arquétipo, ou seja, o modelo da perfeição humana possível em nosso mundo. Um passo além o projeta fora da órbita terrena, no plano da angelitude. Não se iludam, porém, os que acreditam na santificação, na angelização através de métodos de cer-tos mestres de sabedoria infusa. Os próprios anjos não são criação específica e pri- vilegiada, mas o resultado da evolução do homem, e não querem passar por divin- dades mitológicas. Não se identifica o ser moral pela mansidão da voz, pelos gestos delicados e as atitudes de santidade artificial. A herança divina do homem é natural e se desenvolve nas duras batalhas da carne. As criaturas seráficas sofrem sempre de anemia ou deficiência das faculdades mentais. O ser moral só se distingue dos outros pela retidão de uma conduta escrupulosa e segura, mas não exagerada ou fingida, mas comedida e firme. A sofisticação religiosa veste muita gente com peles de ovelha, muitas vezes adornada com peles de raposa. O ser moral se configura no protótipo natural do homem: franco, leal, firme em suas convicções, avesso à malí- cia e ao palavório vazio, despido do infantilismo da vaidade pessoal, das idéias de grandeza, voltado sempre para os problemas sérios da dignidade humana. Jesus multiplicou os pães para saciar a fome da multidão, mas também multiplicou o bom vinho nas bodas de Caná para estimular a alegria. A alegria espontânea e justa é um dos seus apanágios, ao contrário do que pensam os choramingas e as carpideiras. A alegria é luz que ilumina o coração das criaturas e as profundezas do Infinito. Onde a treva se implanta surge o brilho de uma estrela ou a irradiação de uma constela- ção. O homem sério e preocupado com a verdade sabe sorrir e provocar a alegria ao seu redor. Os casmurros são criaturas doentes, tímidas, carregadas de recalques e de fobias. Mas os que fingem alegria intencional e nunca se preocupam com nada po- dem ser debilóides ou espertalhões. A verdadeira virtude nunca está nos extremos, como sustentava Aristóteles, mas no meio. O ser moral se define como tal pelo seu equilíbrio na balança das atitudes, sem se acumpliciar jamais com as trapaças dos extremistas da consciência prática ou da consciência teórica. A consciência estética, na sua condição de síntese total, permite-lhe ver com precisão o momento em que deve entrar na luta dos contrários, evitando abusos e desmandos que podem pôr em perigo a evolução moral e ética do mundo.

O desenvolvimento consciencial implica o aumento constante da responsabi- lidade. O ser prático ou o ser teórico, apegados aos aspectos normativos da aquisi- ção de experiências e sua assimilação, podem errar com mais liberdade suas direti- vas existenciais. Mas o ser moral, que acumulou experiência e saber e aprimorou sua capacidade de intuição, tem o dever de manter-se vigilante, ativo e destemido no plano de ação de sua jurisdição. Todo ser moral converte-se naturalmente num vigilante do processo evolutivo em sua área específica. Essa a razão por que ele se levanta contra os prevaricadores e os trãnsfugas, sempre ansiosos por se acomoda- rem em suas posições, evitando discrepâncias de opiniões na estúpida suposição de que a paz do pântano agradaria mais a Deus do que a luta pela defesa da verdade. No episódio evangélico da expulsão dos vendilhões do Templo, Jesus apareceu – e ainda hoje aparece aos olhos dos cordeirinhos mansos, nascidos apenas para balar ao crepúsculo – como envolvido por impulsos contrários ao seu ministério de amor. Mas a verdade é que havia mais amor na face irada do Messias, ante o desrespeito dos homens práticos à elevada função espiritual do Templo, do que nos rabinos un-

gidos com óleo sagrado, que permitiam a profanação por conveniências venais. Para Jesus, o certo era afugentar os prevaricadores, para que eles não manchassem a sua consciência imatura, servindo ainda de mau exemplo aos que vinham na retaguarda evolutiva. O plano de Deus estava muito acima dos interesses convencionais e políticos do rabinato conciliador e interesseiro. A visão de um ser moral, regido pela consciência estética, não se limitava às conveniências imediatas dos seres práticos ou retóricos, empenhados na continuidade de seus negócios rendosos.

A menção de Sócrates e Jesus, para exemplificar a complexidade da evolução consciencial, não quer dizer que todo ser moral tenha de possuir o mesmo grau consciencial desses arquétipos históricos. Como se vê na Escala Espírita de Kardec, em cada ordem de seres há sempre gradações que escalonam os tipos afins em posições diversas. O que interessa, pois, na luta do homem pelo seu desenvolvimento consciencial, não é a conquista de posições no escalonamento moral, mas a conquista incessante, nas experiências existenciais, de um grau a mais de percepção dos problemas morais.

*

Livro: “*Mediunidade*”. J. Herculano Pires

QUESTÕES INICIAIS

A situação atual do problema mediúnico, nesta fase de acelerada transição da vida terrena, exige novos estudos e atualizadas reflexões sobre a Mediunidade. As descobertas científicas do nosso tempo, especialmente na Física, na Psicologia e na Biologia, confirmaram decisivamente a teoria espírita da Mediunidade, a ponto de interessarem os próprios cientistas soviéticos pela obra do *racionalista francês Allan Kardec*, segundo as informações procedentes da URSS. As teorias parapsicológicas, confirmadas pelas mais rigorosas experiências de laboratório, pareciam inicialmente contraditar os conceitos espíritas, firmados em meados do século passado e por isso mesmo suspeitos de insuficiência. Todos os fenômenos mediúnicos reduziam-se ao plano mental, a ponto de substituir-se as palavras *alma* e *espírito* pela palavra *mente*. Instituíam-se um mentalismo psicofisiológico que ameaçava todas as concepções espiritualistas do homem.

Durou pouco essa ameaça. Após dez anos de pesquisas repetitivas sobre os fenômenos mais simples, como clarividência e telepatia, outros fenômenos, mais complexos e profundos, impuseram-se à atenção dos cautelosos pesquisadores, que começaram a levantar, sem querer, as pontas do Véu de Ísis. Num instante a invasão das áreas universitárias da América e da Europa, com repercussões imediatas nos grandes centros culturais da Ásia, pelos fenômenos de aparições, vidência, manifestações tiptológicas e de levitação de objetos sem contato, bem como os de precognição e retrocognição, levaram o Prof. Joseph Banks Rhine, da Universidade de Duke (EUA) a proclamar com dados experimentais de inegável significação, que o pensamento não é físico, o mesmo se aplicando à mente. Rhine se expunha ao temporal de críticas e ironias, expondo a Parapsicologia à excomunhão cultural. Vassiliev, da Universidade de Leningrado, propôs-se a provar o contrário, através de uma série de experiências, mas não o conseguiu. Desencadeou-se então, no mundo, o que a *Encyclopaedia Britannica* chamou de *psychic-boom*, uma explosão psíquica mundial. Os fenômenos mediúnicos conseguiram, afinal, a cidadania científica que as Academias lhe haviam negado. Parodiando uma expressão de Kardec sobre o hipnotismo, repudiado durante anos pela Academia Francesa, podemos dizer que a Mediunidade, não podendo entrar nas Academias pela porta da frente, entrou pela porta da cozinha, ou seja, dos laboratórios.

O reconhecimento científico da realidade dos fenômenos mediúnicos afetou beneficentemente o Espiritismo, mas trouxe-lhe também algumas desvantagens. Muitos espíritas se deslumbraram com o fato e julgaram-se capazes, embora sem o necessário preparo, de criticar e reformar Kardec, o vencedor, como se fosse um derrotado. Com isso pulularam as inovações teóricas e práticas no Espiritismo, aturdindo particularmente os iniciantes, que afluíram em massa às instituições doutrinárias. O que daí por diante se publicou, em jornais, revistas, folhetos e livros, a pretexto de ensinar Espiritismo e Mediunidade, foi uma avalanche de pretensões vaidosas e absurdos desmedidos. Por toda parte surgiram os profetas da nova era científico-espírita, além do charlatanismo interesseiro e ganancioso dos *professores* contrários à doutrina, que se julgavam mais capazes de refutar Rhine do que o veterano Vassiliev. Hoje ainda perduram as confusões a respeito. Afirma-se tudo a respeito da Mediunidade: é uma manifestação dos

poderes cerebrais do homem, esse computador natural que pode programar o mundo; é uma eclosão dos resíduos animais de percepção sem controle de órgãos sensoriais específicos; é uma energia ainda desconhecida do córtex cerebral, mas evidentemente física (Vassiliev); é um despertar de novas energias psicobiológicas do homem, no limiar da era cósmica; é o produto do inconsciente excitado; é uma forma ainda não estudada da sugestão hipnótica. Ninguém se lembra da explicação simples e clara de Kardec: *é uma faculdade humana*.

Procuramos demonstrar, neste livro, o que é em essência essa faculdade, como funciona em nosso corpo e em relação com o mundo, os homens e os espíritos. Analisamos o seu papel nos casos de obsessão e desobsessão, sua importância na vida diária e suas implicações psicológicas, sociológicas e antropológicas e assim por diante. A função decisiva da Mediunidade na evolução humana, desde a selva até a civilização, já estudamos no livro *O Espírito e o Tempo*, mas aqui a revemos na situação de conjunto do texto. Apoiamo-nos nas obras de Kardec, nas conquistas atuais da Parapsicologia, da Física, da Biologia e da Biofísica, sem outro objetivo que o de mostrar as relações dessas conquistas recentes com a estrutura geral da Doutrina Espírita. Apoiamo-nos também em nossas experiências pessoais de quase toda uma vida no trato dos problemas espíritas em geral e da mediunidade em particular, na observação e tratamento de casos de obsessão, no trato direto e vivencial de casos obsessivos na família e em nós mesmos, nas observações de tratamentos em hospitais espíritas e nas instituições doutrinárias. Não teorizamos sobre esses casos, procurando apenas expor o que vimos e sentimos, de maneira a dar o quadro funcional dos processos, segundo a nossa percepção íntima, nos termos da observação psicológica subjetiva e das experiências objetivas. Não fazemos doutrina, procuramos apenas esclarecer, na medida do possível, as questões mais difíceis da teoria e da prática espíritas, hoje conturbadas por verdadeiras aberrações de pessoas inconscientes, que, demasiado confiantes em si mesmas, tripudiam sobre os princípios fundamentais do Espiritismo. É verdade que todos têm o direito de ter suas idéias, suas opiniões, e até mesmo de expor seus possíveis sistemas. Mas ninguém tem o direito de fazer dessas coisas, dessas interpretações ou visões pessoais, elementos capazes de integrar-se numa doutrina rigorosamente científica. Agem com leviandade e imprudência os que desejam transformar as suas opiniões em novas leis da Ciência Espírita. A evolução desta, o seu desenvolvimento real — só podem ser realizados em termos de pesquisa científica e análise filosófica, por criaturas lúcidas, equilibradas, conscientes de suas possibilidades e seus limites, conhecedoras das exigências do processo científico. Fora dessas condições só poderemos desfigurar a doutrina e ridicularizá-la aos olhos das pessoas de bom-senso e culturalmente capacitadas.

Este livro não é nem pretende ser considerado como um tratado de mediunidade. Longe disso, é uma exposição dos problemas mediúnicos por alguém que os viveu e vive, orientando-se nos seus meandros pela bússola de Kardec, a única realmente válida e aprovada pelo Espírito da Verdade, que simboliza a Sabedoria Espiritual junto à Sabedoria Humana. Os que não compreendem a necessidade dessa conjugação para o trato eficaz dos problemas espirituais não estão aptos a tratar de Espiritismo. Enganam-se a si mesmos ao se considerarem mestres do que não conhecem. O Espiritismo é uma doutrina que abrange todo o Conhecimento Humano, acrescentando-lhe as dimensões espirituais que lhe fal-

tam para a visualização da realidade total. O Mundo é o seu objeto, a Razão é o seu método e a Mediunidade é o seu laboratório.

*

Livro: Mediunidade. J. Herculano Pires

CONCEITO DE MEDIUNIDADE - (CAPÍTULO I)

Médium quer dizer medianeiro, intermediário. Mediunidade é a faculdade humana, natural, pela qual se estabelecem as relações entre homens e espíritos. Não é um poder oculto que se possa desenvolver através de práticas rituais ou pelo poder misterioso de um iniciado ou de um guru. A Mediunidade pertence ao campo da comunicação. Desenvolve-se naturalmente nas pessoas de maior sensibilidade para a captação mental e sensorial de coisas e fatos do mundo espiritual que nos cerca e nos afeta com as suas vibrações psíquicas e afetivas. Da mesma forma que a inteligência e as demais faculdades humanas, a Mediunidade se desenvolve no processo de relação. Geralmente o seu desenvolvimento é cíclico, ou seja, processa-se por etapas sucessivas, em forma de espiral. As crianças a possuem, por assim dizer, à flor da pele, mas resguardada pela influência benéfica e controladora dos espíritos protetores, que as religiões chamam de anjos da guarda. Nessa fase infantil as manifestações mediúnicas são mais de caráter anímico; a criança projeta a sua alma nas coisas e nos seres que a rodeiam, recebem as intuições orientadoras dos seus protetores, às vezes vêem e denunciam a presença de espíritos e não raro transmitem avisos e recados dos espíritos aos familiares, de maneira positiva e direta ou de maneira simbólica e indireta. Quando passam dos sete ou oito anos integram-se melhor no condicionamento da vida terrena, desligando-se progressivamente das relações espirituais e dando mais importância às relações humanas. O espírito se ajusta no seu escafandro para enfrentar os problemas do mundo. Fecha-se o primeiro ciclo mediúnico, para a seguir abrir-se o segundo. Considera-se então que a criança não tem mediunidade, a fase anterior é levada à conta da imaginação e da fabulação infantis.

É geralmente na adolescência, a partir dos doze ou treze anos, que se inicia o segundo ciclo. No primeiro ciclo só se deve intervir no processo mediúnico com preces e passes, para abrandar as excitações naturais da criança, quase sempre carregadas de reminiscências estranhas do passado carnal ou espiritual. Na adolescência o seu corpo já amadureceu o suficiente para que as manifestações mediúnicas se tornem mais intensas e positivas. É tempo de encaminhá-la com informações mais precisas sobre o problema mediúnico. Não se deve tentar o seu desenvolvimento em sessões, a não ser que se trate de um caso obsessivo. Mas mesmo nesse caso é necessário cuidado para orientar o adolescente sem excitar a sua imaginação, acostumando-o ao processo natural regido pelas leis do crescimento. O passe, a prece, as reuniões para estudo doutrinário são os meios de auxiliar o processo sem forçá-lo, dando-lhe a orientação necessária. Certos adolescentes integram-se rápida e naturalmente na nova situação e se preparam a sério para a atividade mediúnica. Outros rejeitam a mediunidade e procuram voltar-se apenas para os sonhos juvenis. É a hora das atividades lúdicas, dos jogos e esportes, do estudo e aquisição de conhecimentos gerais, da integração mais completa na realidade terrena. Não se deve forçá-los, mas apenas estimulá-los no tocante aos ensinamentos espíritos. Sua mente se abre para o contato mais profundo e constante com a vida do mundo. Mas ele já traz na consciência as diretrizes próprias da sua vida, que se manifestarão mais ou menos nítidas em suas tendências e em seus anseios. Forçá-lo a seguir um rumo que repele

é cometer uma violência de graves conseqüências futuras. Os exemplos dos familiares influem mais em suas opções do que os ensinamentos e as exortações orais. Ele toma conta de si mesmo e firma a sua personalidade. É preciso respeitá-lo e ajudá-lo com amor e compreensão. No caso de manifestações espontâneas da mediunidade é conveniente reduzi-las ao círculo privado da família ou de um grupo de amigos nas instituições juvenis, até que sua mediunidade se defina, impondo-se por si mesma.

O terceiro ciclo ocorre geralmente na passagem da adolescência para a juventude, entre os dez e vinte e cinco anos. É o tempo, nessa fase, dos estudos sérios do Espiritismo e da Mediunidade, bem como da prática mediúnica livre, nos centros e grupos espíritas. Se a mediunidade não se definiu devidamente, não se deve ter preocupações. Há processos que demoram até a proximidade dos 30 anos, da maturidade corporal, para a verdadeira eclosão da mediunidade. Basta mantê-lo em ligação com as atividades espíritas, sem forçá-lo. Se ele não revela nenhuma tendência mediúnica, o melhor é dar-lhe apenas acesso a atividades sociais ou assistenciais. As sessões de educação mediúnica (impropriamente chamadas de desenvolvimento) destinam-se apenas a médiuns já caracterizados por manifestações espontâneas, portanto já desenvolvidos.

Há ainda um quarto ciclo, correspondente a mediunidades que só aparecem após a maturidade, na velhice ou na sua aproximação. Trata-se de manifestações que se tornam possíveis devido às condições da idade: enfraquecimento físico, permitindo mais fácil expansão das energias perispiríticas; maior introversão da mente, com a diminuição de atividades da vida prática, estado de apatia neuropsíquica, provocado pelas mudanças orgânicas do envelhecimento. Esses fatores permitem maior desprendimento do espírito e seu relacionamento com entidades desencarnadas. Esse tipo de mediunidade tardia tem pouca duração, constituindo uma espécie de preparação mediúnica para a morte. Restringe-se a fenômenos de vidência, comunicação oral, intuição, percepção extra-sensorial e psicografia. Embora seja uma preparação, a morte pode demorar vários anos, durante os quais o espírito se adapta aos problemas espirituais com que não se preocupou no correr da vida. Esses fatos comprovam o conceito de mediunidade como simples modalidade do relacionamento homem-espírito. Kardec lembra que o fato de o espírito estar encarnado não o priva de relacionar-se com os espíritos libertos, da mesma maneira que um cidadão encarcerado pode conversar com um cidadão livre através das grades. Não se trata das conhecidas visões de moribundos no leito mortuário, mas de típico desenvolvimento tardio de mediunidade que, pela completa integração do indivíduo na vida carnal, imantado aos problemas do dia-a-dia, não conseguiu aflorar. A sua manifestação tardia lembra o adágio de que os extremos se tocam. A velhice nos devolve à proximidade do mundo espiritual, em posição semelhante à das crianças.

Na verdade, a potencialidade mediúnica nunca permanece letárgica. Pelo contrário, ela se atualiza com mais freqüência do que supomos, passa de potência a ato em diversos momentos da vida, através de pressentimentos, previsões de acontecimentos simples, como o encontro de um amigo há muito ausente, percepções extra-sensoriais que atribuímos à imaginação ou à lembrança e assim por diante. Vivemos mediunicamente, entre dois mundos e em relação permanente com entidades espirituais. Durante o sono, como Kardec provou através de pesquisas ao longo de mais de dez anos, desprendemo-nos do corpo que repousa e passamos ao plano espiritual. Nos momentos de ausência psíquica de distração, de cochilo, distanciamos-nos do corpo rapidamente e a ele retornamos como o pássaro que voa e volta ao

ninho. A Psicologia procura explicar esses lapsos fisiologicamente, mas as reações orgânicas a que atribui o fato não são causa e sim efeito de um ato mediúnicos de afastamento do espírito. Os estudos de Hipnotismo comprovam isso, mostrando que a hipnose interfere constantemente em nossa vigília, fazendo-nos dormir em pé e sonhar acordados, como geralmente se diz. A busca científica de uma essência orgânica da mediunidade nunca deu nem dará resultados. Porque a mediunidade tem sua essência na liberdade do espírito.

Chegando a este ponto podemos colocar o problema em termos mais precisos: a mediunidade é a manifestação do espírito através do corpo. No ato mediúnico tanto se manifesta o espírito do médium como um espírito ao qual ele atende e serve. Os problemas mediúnicos consistem, portanto, simplesmente na disciplinação das relações espírito-corpo. É o que chamamos de educação mediúnica. Na proporção em que o médium aprende, como espírito, a controlar a sua liberdade e a selecionar as suas relações espirituais, sua mediunidade se aprimora e se torna segura. Assim o bom médium é aquele que mantém o seu equilíbrio psicofísico e procede na vida de maneira a criar para si mesmo um ambiente espiritual de moralidade, amor e respeito pelo próximo. A dificuldade maior está em se fazer o médium compreender que, para tanto, não precisa tornar-se santo, mas apenas um homem de bem. Os objetivos de santidade perseguidos pelas religiões, através dos milênios, gerou no mundo uma expectativa incômoda para todos os que se dedicam aos problemas espirituais. Ninguém se torna santo através de sufocação dos poderes vitais do homem e adoção de um comportamento social de aparência piedosa. O resultado disso é o fingimento, a hipocrisia que Jesus condenou incessantemente nos fariseus, uma atitude permanente de condescendência e bondade que não corresponde às condições íntimas da criatura. O médium deve ser espontâneo, natural, uma criatura humana normal, que não tem motivos para se julgar superior aos outros. Todo fingimento e todo artifício nas relações sociais leva os indivíduos à falsidade e à trapaça. A chamada reforma-íntima esquematizada e forçada não modifica ninguém, apenas artificializa enganosamente os que a seguem. As mudanças interiores da criatura decorrem de suas experiências na existência, experiências vitais e conscienciais que produzem mudanças profundas na visão íntima do mundo e da vida.

Essa colocação dos problemas mediúnicos sugere um conceito da mediunidade que nos leva às próprias raízes do Espiritismo. A Mediunidade nos aparece como o fundamento de toda a realidade. O momento do fiat, da Criação do Cosmos, é um ato mediúnico. Quando o espírito estrutura a matéria para se manifestar na Criação, constrói o elemento intermediário entre ele e a realidade sensível ou material. A matéria se torna o médium do espírito. Assim, a vida é uma permanente manifestação mediúnica do espírito que, por ela, se projeta e se manifesta no plano sensível ou material. O Inteligível, que é o espírito, o princípio inteligente do Universo, dá a sua mensagem inteligente através das infinitas formas da Natureza, desde os reinos mineral, vegetal e animal, até o reino hominal, onde a mediunidade se define em sua plenitude. A responsabilidade do Homem, da Criatura Humana, expressão mais elevada do Médium, adquire dimensões cósmicas. Ele é o produto multimilenar da evolução universal e carrega em sua mediunidade individual o pesado dever de contribuir para que a Humanidade realize o seu destino cósmico. A compreensão deste problema é indispensável para que os médiuns aprendam a zelar pelas suas faculdades.

O ATO MEDIÚNICO - (Capítulo V)

O ato mediúnico é o momento em que o espírito comunicante e o médium se fundem na unidade psico-afetiva da comunicação. O espírito aproxima-se do médium e o envolve nas suas vibrações espirituais. Essas vibrações irradiam-se do seu corpo espiritual atingindo o corpo espiritual do médium. A esse toque vibratório, semelhante ao de um brando choque elétrico, reage o perispírito do médium. Realiza-se a fusão fluídica. Há uma simultânea alteração no psiquismo de ambos. Cada um assimila um pouco do outro. Uma percepção visual desse momento comove o vidente que tem a ventura de captá-la. As irradiações perispirituais projetam sobre o rosto do médium a máscara transparente do espírito. Compreende-se então o sentido profundo da palavra intermúndio. Ali estão, fundidos e ao mesmo tempo distintos, o semblante radioso do espírito e o semblante humano do médium, iluminado pelo suave clarão da realidade espiritual. Essa superposição de planos dá aos videntes a impressão de que o espírito comunicante se incorpora no médium. Daí a errônea denominação de incorporação para as manifestações orais. O que se dá não é uma incorporação, mas uma interpenetração psíquica, como a da luz atravessando uma vidraça. Ligados os centros vitais de ambos, o espírito se manifesta emocionado, reintegrando-se nas sensações da vida terrena, sem sentir o peso da carne. O médium, por sua vez, experimenta a leveza do espírito, sem perder a consciência de sua natureza carnal, e fala ao sopro do espírito, como um intérprete que não se dá ao trabalho da tradução.

O ato mediúnico natural é esse momento de síntese afetiva em que os dois planos da vida revelam o segredo da morte: apenas um desvestir do pesado escafandro da matéria densa.

O ato mediúnico normal é uma segunda ressurreição, que se verifica precisamente no corpo espiritual que, segundo o Apóstolo Paulo, é o corpo da ressurreição. O espírito volta à carne, não a que deixou no túmulo, mas a do médium que lhe oferece, num gesto de amor, a oportunidade do retorno aos corações que deixou no mundo. A beleza do reencontro de um filho com a mãe, que estreita o médium nos braços ansiosos e o beija com toda a efusão da saudade materna, compensa de muito a impiedade dos que o acusam de praticar bruxarias. Nos casos de materialização, nada mais belo que Lombroso com sua mãe materializada através da mediunidade de Eusápia Paladino, na sessão a que fora levado pelo Prof. Chiaia, de Milão. Eusápia era uma camponesa analfabeta e mil vezes caluniada. Lombroso, o fundador da Antropologia Criminal, retratou-se na revista *Luce e Ombra* de seus violentos artigos contra o Espiritismo, e declarou comovido: "Nenhum gigante do pensamento e da força poderia me fazer o que me fez esta pequena mulher analfabeta: arrancar minha mãe do túmulo e devolvê-la aos meus braços!". Frederico Fígner, introdutor do fonógrafo no Brasil, levou sua esposa desolada a Belém do Pará, na esperança de um reencontro com a menina Rachel, sua filha, que haviam perdido, o que quase os levara à loucura, a ele e à esposa. Procuraram a médium Ana Prado, também mulher do campo, e numa sessão com ela a menina apareceu materializada, estimulando os pais a enfrentarem o caso com serenidade, pois ali estava viva, e falava e os beijava, e, sentava-se em seus colos, provando que não morrera. Fígner, ao voltar para o Rio de Janeiro, dedicou-se dali por diante ao Espiritismo, com a chama da fé acesa em seu coração e no coração da esposa, mas agora uma fé inabalável, assentada na razão e nos fatos.

Quando o ato mediúnico é assim perfeito e claro, iluminado por uma mediunidade esclarecida e devotada ao bem, não há gigante — como no caso de Lombroso — que não se curve reverente ante o mistério da vida imortal. O médium se torna o instrumento da ressurreição impossível, provando aos homens que a morte não é mais do que lapso no intermúndio que separa os vivos na carne dos vivos no espírito. Compreende-se então o fenômeno da Ressurreição de Jesus, que não foi o ato divino de um Deus, mas o ato mediúnico de um espírito que dominava, pelo saber e a pureza, os mistérios da imortalidade.

Quando o ato mediúnico não tem a pureza e a beleza de uma comunicação amorosa, tem o calor da solidariedade humana e é iluminado pela caridade cristã. Numa sessão comum de socorro espiritual, os médiuns sentados ao redor da mesa, os doutrinadores a postos, espíritos sofredores e espíritos maldosos e vingativos, sob controle dos orientadores espirituais, são aproximados de médiuns que desejam servi-los. O quadro é bem diferente dos que apresentamos acima. Não há beleza nem serenidade nos espíritos comunicantes, nem resplendor ou transparência em suas faces. Há desespero, dor, expressões de rebeldia ou ímpetos de vingança. Os médiuns sentem-se inquietos, não raro temerosos. A aproximação dos comunicantes é incômoda, desagradável. As vibrações perispirituais são ásperas e sombrias. O vidente se aturde com aquelas figuras pesadas e escuras que transtornam a fisionomia dos médiuns. Mas, na proporção em que os doutrinadores encarnados dão o socorro de suas vibrações e de seus argumentos fraternos aos necessitados, o quadro se modifica com as luzes vacilantes que se acendem nas mentes conturbadas. Os guias espirituais manifestam-se em socorro dos doutrinadores e suas vibrações acalmam a inquietação do ambiente. O trabalho é penoso. Criaturas recalcitrantes no mal recusam-se a compreender a realidade negativa em que se encontram. Espíritos vencidos pelas dores de encarnações penosas mostram-se revoltados. Os que trazem o coração esmagado por injustiças e traições exigem vingança e fazem ameaças terríveis. Mas a palavra fraterna, carregada de bondade e amor, iluminada pelas citações evangélicas, vai aos poucos amortecendo as explosões de ódio. Às vezes a autoridade do dirigente ou de um espírito elevado se faz sentir, para que os mais rebeldes compreendam que estão sob um poder persuasivo, mas enérgico. Uma pessoa que desconheça o problema dirá que se encontra numa sala de hospício sem controle ou assiste a um psicodrama de histéricos em desespero. Psicólogos sistemáticos ririam com desdém. O dirigente dos trabalhos parece um leigo a brincar com explosivos perigosos. Fanáticos de seitas dogmáticas julgam assistir a uma cena de possessão diabólica. Mas a sessão chega ao fim com a tranqüilização total do ambiente. Um espírito amigo comunica-se com palavras de agradecimento. Em silêncio, todos ouvem a prece final de gratidão aos espíritos bondosos que ajudaram a socorrer as sombras sofredoras. É estranho que todos estejam bem e satisfeitos com o resultado dos trabalhos. As pessoas beneficiadas comentam suas melhoras. O ambiente é de paz, amor e satisfação pelo dever cumprido.

Numa sessão de desobsessão para casos graves, com poucos elementos, sem a assistência numerosa do socorro geral, as comunicações são violentas os médiuns sofrem, gemem, gritam e choram. O dirigente e os doutrinadores permanecem tranqüilos, aparentemente impassíveis, e os doutrinadores usam de palavras persuasivas, de atitudes benignas. Nada de ameaças e exprobações violentas, como nas práticas antiquadas do exorcismo arcaico, vindo das profundezas do Egito, da Mesopotâmia, da Palestina. Nada de velas acesas, de símbolos sacramentais, de expulsão de entidades diabólicas. A técnica é de persuasão, de esclarecimento racional. Uma

menina de quinze anos chega carregada pelos pais. Há uma semana dormia em estado cataléptico. Às primeiras tentativas de despertá-la, agita-se e levanta-se furiosa, aos gritos. Quatro ou cinco homens não conseguem contê-la, parece dotada de força indomável. Mas pouco a pouco se acalma, chora baixinho e volta ao seu estado natural de menina graciosa e frágil. Retira-se da reunião como se nada demais tivesse acontecido. Despede-se alegre. Corre para a rua e toma o automóvel que a trouxe como se voltasse de um passeio. O ato mediúnico foi violento, assustador. Mas o resultado da prece, dos passes, das doutrinações amorosas foi surpreendente. Poucos perceberam que, naquele corpinho de menina as garras da vingança estavam cravadas, tentando rasgar a cortina piedosa que vela os ódios do passado.

No ato mediúnico a criatura humana recupera os tempos esquecidos e se revê na tela das experiências mortas. E mais uma vez a morte lhe aparece como pura ilusão sensorial, pois tudo quanto havia desaparecido numa cova renasce de repente nas águas amargas da provação. A mediunidade funciona como um radar sensibilíssimo voltado para os caminhos perdidos. Nem sempre a tela da memória consegue reproduzir as imagens distantes, mas nas profundezas do inconsciente recalques antifreudianos esperam a catarse piedosa da comunicação absurda, em que os diálogos da caridade parecem brotar de terríveis mal-entendidos. Uma mulher não entendia porque o espírito comunicante a acusava de atrocidades que jamais praticara e a chamava de Condessa. Achou que tudo aquilo não passava de uma farsa ou de um momento de loucura. Mas quando, aconselhada pelo doutrinador, pediu perdão ao espírito algoz e chorou sem querer e sem saber por qual motivo o fazia, sentiu profundo alívio e nos dias seguintes os seus males desapareceram. As lágrimas de uma criatura que a amnésia tornou inocente podem comover um coração embrutecido no desejo de vingança. Mas quem fará o encontro necessário para o ajuste dos velhos erros e crimes, se o médium não se oferecer na imolação voluntária de si mesmo para apaziguar com a palavra do Mestre?

A responsabilidade espiritual do médium reflete-se no espelho de cada um dos seus atos de caridade mediúnica. O mediunato não é uma sagração ritual inventada pelos homens. Nasce das leis naturais que regem consciências no fluir do tempo, no suceder das gerações e das reencarnações. Um ato mediúnico é o cumprimento de um dever assumido perante o Tribunal de Deus instalado na consciência de cada um. Quando o médium se esquiva a esse cumprimento engana a si mesmo, pensando enganar a Deus. Sua própria consciência se incumbirá de condená-lo quando soar a hora do veredicto irrecorrível. Nada justifica a fuga a um compromisso forjado à custa do sacrifício alheio. As leis morais da consciência têm a mesma inflexibilidade das leis materiais da Natureza. Nossa consciência de relação capta apenas a realidade imediata em que nos encontramos. Mas a consciência profunda guarda o registro indelével de todos os compromissos assumidos no passado e de todas as dívidas morais que pensamos apagar nas águas do Letes, o rio do esquecimento das velhas mitologias. O rio Letes secou nas encostas áridas do Olimpo, o cenáculo vazio dos antigos deuses. Hoje só temos um Deus, que não precisa vigiar-nos do alto de um monte nem ditar-nos suas leis para serem inscritas em tábuas de pedras. Essas leis estão gravadas a fogo em nossa própria carne. Nossos atos determinam no tempo as situações em que nos encontraremos em cada existência. E o mediunato é o passaporte que Deus nos concede para a liberação do passado através de um só ato, o mais belo e mais honroso de todos, que é o ato mediúnico.

A responsabilidade mediúnica não nos foi imposta como castigo. Nós mesmos a assumimos na esperança da redenção, que não virá do Céu, mas da Terra, da maneira pela qual fizemos as nossas travessias existenciais no planeta, num mar de lágrimas ou por estradas floridas pelas obras de sacrifício e abnegação que soubermos semear. Temos o futuro em nossas mãos, o futuro imediato do dia-a-dia e o futuro remoto que nos espera nas translações da Terra em torno do Sol. Chegamos assim à conclusão inevitável de que o presente passa depressa, mas o passado reponta em cada esquina do presente e do futuro.

*

O MEDIUNISMO – (Capítulo VI)

As formas primitivas de mediunidade provêm das selvas e das regiões geladas ou áridas em que a vida humana permaneceu em condições rudimentares. O homem é um ser mediúnico e todo o seu desenvolvimento seguiu as linhas da evolução da sua potencialidade mediúnica. A idéia da Divindade, de um poder superior que criou o mundo é inata no homem, como o demonstram as pesquisas antropológicas. Dessa idéia básica em sintonia com o assombro do mundo, misterioso e cheio de seres estranhos, nasceu a Magia. O sentimento mágico do mundo estabeleceu as relações entre os homens e as coisas e os outros seres. A idéia do poder das coisas e dos seres brotou naturalmente das experiências na luta para a sobrevivência. A lei de adoração, estudada no *Livro dos Espíritos*, levou a imaginação primitiva aos ritos do culto solar e lunar, das montanhas coroadas de nuvens, dos grandes rios misteriosos e assim por diante. A reverência aos chefes poderosos desenvolveu os ritos de submissão, que se estenderam aos pagés e xanãs, sacerdotes mágicos das tribos e das hordas, dotados de poderes mediúnicos. Os processos mágicos desenvolveram-se através das manifestações mediúnicas. Abria-se o caminho para o desenvolvimento das religiões mitológicas e das religiões reveladas, estas apoiadas na crença dos homens-deuses, conhecedores dos mistérios da vida e da morte. A evolução espiritual do homem abria a fase das grandes religiões nas regiões em que a civilização avançara. Os dons mediúnicos reafirmavam a crença nos poderes divinos, através dos fenômenos produzidos por indivíduos que os possuíam.

A expressão mediunismo, criada por Emmanuel designa as formas primitivas de Mediunidade, que fundamentam as crenças e religiões primitivas. Todas as formas de religiões primitivas, sem desenvolvimento cultural e intelectual, caracterizam-se por práticas mágicas ligadas ao mediunismo. As religiões africanas, transplantadas ao Brasil e outros países americanos pelo tráfico negreiro, e misturadas às religiões indígenas e primitivas desses países, desenvolveram largamente no Continente diversas formas de mediunismo. O processo natural de sincretismo religioso, já iniciado na própria África com a mistura das religiões tribais com o Islamismo e o Catolicismo, deram a essas formas um impulso em direção à institucionalização religiosa.

A diferença entre Mediunismo e Mediunidade está no problema de conscientização do problema mediúnico. Nas religiões primitivas não havia nem podia haver reflexão sobre os fenômenos e seu sentido e natureza. Tudo se resumia na aceitação dos fatos e nas tentativas de sua utilização para finalidades práticas, objetivas. A Mediunidade é o Mediunismo desenvolvido, racionalizado e submetido à reflexão religiosa e filosófica e às pesquisas científicas necessárias ao esclarecimento dos fenômenos, sua natureza e suas leis. Enquanto o Mediunismo absorve a herança

mágica do passado e mistura-se com religiões, crenças e superstições de toda a espécie, a Mediunidade rejeita infiltrações que possam prejudicar a sua natureza racional e comprometer o seu desenvolvimento natural. Integrada na estrutura do Espiritismo, que a estuda e pesquisa através de suas instituições culturais e científicas, ela se torna cada vez mais numa área específica da Teoria do Conhecimento, que terá forçosamente de reconhecer os seus direitos na cultura geral do próximo século.

É curioso o fato de que todas as religiões e correntes do pensamento espiritualista tenham rejeitado e condenado a Mediunidade, que só o Espiritismo reconhece no seu pleno valor e na sua importância fundamental para a vida humana na Terra e o seu desenvolvimento futuro no mundo espiritual. Apontada nas religiões como de natureza diabólica, nas doutrinas espiritualistas refinadas como um campo inferior e perigoso de manifestações suspeitas e perigosas, acusada de responsável pela loucura do mundo, ela foi marginalizada pelos meios culturais e é constantemente atacada pelos donos da verdade e da sabedoria, como o foram o Cristo e o Cristianismo. Não obstante, cresce sem cessar o interesse pela mediunidade no mundo, pois o próprio desenvolvimento científico acabou desembocando no delta da fenomenologia paranormal, obrigado a enfrentar e reconhecer a realidade dos fatores mediúnicos em todos os campos do saber. Pouco importam os preconceitos, as idiossincrasias, as incompreensões dos homens, pois a realidade não pede licença a ninguém para ser o que é.

Ao lado do resguardo e defesa da Mediunidade, os espíritas naturalmente se interessam pelo estudo e a pesquisa dos problemas do Mediunismo, que é, por assim dizer, o chão agreste e rico de cujas escavações milenares foram extraídos os minérios preciosos da Mediunidade. Nas várias formas do Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro a mediunidade eclode muitas vezes, como tufo de vegetais promissores rompendo o chão áspero dos terreiros. Não encontrando ambiente favorável no meio sincrético, essas mediunidades surpreendentes vão transplantar-se para o ambiente espírita e ali florescer e frutificar. Não podemos condenar o Mediunismo, pois isso seria condenar a fonte que nos fornece a água. Há ricos filões de fenômenos no solo fecundo do Mediunismo à espera dos investigadores espíritas.

O que condenamos e temos de condenar é o abuso das práticas mediúnicas nos terreiros, não só por criaturas desprovidas de nível de instrução e cultura, mas também por pessoas culturalmente amadurecidas para compreender o erro que cometem, contribuindo para expansão, em plena civilização da Era Cósmica, das mais grosseiras superstições do longínquo passado humano. Esse abuso é tanto mais grave quando praticado conscientemente por pessoas que estão interessadas na solução de problemas financeiros, políticos e de ordem moral e social. Esses objetivos e os meios usados para consegui-los eram perfeitamente justificáveis na selva, onde a mentalidade primitiva, apegada apenas ao concreto, sem dimensões intelectuais, não podia alcançar objetivos superiores. Mas o homem civilizado que se entrega a essas práticas grosseiras, ligadas a entidades inferiores, age como um inconsciente ou imaturo, que não tem noção de sua própria responsabilidade em relação ao meio em que vive. Cada fração de conhecimento adquirido aumenta a responsabilidade moral do homem na sociedade. Essa responsabilidade não é apenas pessoal e familiar, mas também social. Quem procura práticas selvagens para conseguir benefícios no meio civilizado, ligando-se a estágios já superados na evolução humana, trai a si mesmo e ao meio em que se encontra. Além disso, compromete-se com forças ne-

gativas do plano espiritual inferior, que cobram sempre muito caro os serviços prestados, mal ou bem, com resultados ou não, aos incautos clientes.

O Mediunismo divide-se em vários ramos, correspondentes às nações africanas de que procedem. E há graus evolutivos em suas práticas mediúnicas. Nos terreiros de Umbanda as práticas são mais elevadas, voltadas para o bem. Nos de Quimbanda o sangue de animais e a queima de pólvora revelam a brutalidade dos ritos selvagens, que eram práticas de defesa para tribos e no meio civilizado se tornaram práticas maléficas, dirigidas contra desafetos e rivais. Mas há os terreiros de linhas cruzadas, geralmente chamados de Aruanda, onde tanto se pratica o bem para os amigos como o mal para os inimigos. As danças rituais do Candomblé africano encontram sua réplica nativa nas danças indígenas da Poracê. Em Muitos terreiros de Umbanda infiltram-se também as práticas maléficas. Os poderes mediúnicos são desenvolvidos sob a magia dos rituais selvagens. Costumam dizer, os frequentadores do sincretismo, que as práticas de terreiro são mais fortes e poderosas que as *de mesa branca*, designação puramente popular das sessões espíritas, originada da superstição que exige, particularmente nos meios rurais, o uso de toalha branca na mesa de sessão, porque a cor branca atrai os espíritos puros. A superstição da força, do poder proveniente de práticas violentas, revela a inversão dos valores espirituais, inversão proveniente da selva, onde a força bruta é a lei. A Macumba, com seus despachos, é uma prática proveniente da mais remota antigüidade. Macumba é instrumento de sopro, geralmente de bambu, que se toca para chamar os espíritos do mato, e o despacho, ao contrário do que geralmente se pensa, não é a oferta de comidas e bebidas que se coloca nas encruzilhadas e nas esquinas de ruas (adaptação urbana do rito selvagem), mas o envio de espíritos inferiores para atacar as pessoas visadas. A oferta é a paga que assegura a eficácia do ataque. Os espíritos agressivos, embora não possam comer os manjares e tomar as bebidas, aspiram as suas emanções, como os deuses mitológicos faziam e como o próprio Iavé da Bíblia, o deus judaico, também fazia, como se vê nos relatos bíblicos. Na descrição do Dilúvio, no Gênese bíblico, vemos que Noé fez um altar no Monte Ararat para dar graças a Iavé pela salvação da sua família. No altar foram colocados alimentos de carne fumegante e Iavé compareceu para aspirar as emanções dos alimentos. É incrível que as Igrejas Cristãs até hoje aceitem que esse Iavé glutão era o Deus Supremo e Único que Jesus pregou contra o politeísmo da época.

Essas práticas sincréticas, onde predomina a mentalidade primitiva, são o contrário das práticas espíritas, que se resumem na prece e na meditação, no passe (imposição das mãos, do Evangelho) e na doutrinação caridosa dos espíritos sofredores ou vingativos. Os que chamam isso de Espiritismo o fazem de má-fé ou por ignorância. Por sinal que encontramos nesse capítulo a ignorância ilustrada de sociólogos, antropólogos, psicólogos e médicos, que usam em seus trabalhos e pesquisas a palavra Espiritismo para designar as manifestações do animismo primitivo e do mediunismo selvagem. Devemos sempre repelir esse abastardamento da palavra que Kardec criou como nome genérico de uma doutrina científica e filosófica oriunda do ensino dos Espíritos Superiores. O Espiritismo é unicamente a doutrina que está nas obras de Kardec e dos que continuaram o trabalho do Mestre, sem trair os seus princípios básicos.

O ponto mais perigoso dessas práticas bárbaras e desumanas está no problema da evolução mediúnica do homem. Essas práticas e crenças supersticiosas correspondiam às necessidades primárias dos homens primitivos. Eram boas na sel-

va, ajudavam os selvagens a crer num poder superior e a respeitá-los. Aplicadas ao homem civilizado representam um retrocesso evolutivo de sua mentalidade e personalidade. O ajustamento psíquico do homem civilizado a esses sistemas rudimentares e grosseiros produz desajustes psicológicos e mentais que acabam gerando desequilíbrios graves em criaturas sensíveis, que são afetadas pelos rituais violentos de sangue e pólvora e pela condição geral das práticas selvagens. O desnível cultural já é chocante em si mesmo e a disparidade cala nos frequentadores de maior evolução mental e moral. Sente-se o restabelecimento do arcaico prestígio da Goécia, a famosa Magia Negra da Antigüidade, que dominou o Ocidente até os fins da Idade Média. As pesquisas de Albert De Rochas sobre a feitiçaria (*A Feitiçaria. Exteriorização da Sensibilidade - Estudo Experimental e Histórico* -, de Albert De Rochas, trad. de Julio Abreu Filho. Vol. 3 da Coleção Científica Edicel, Edicel, São Paulo), ilustradas com dados dos processos medievais dos arquivos do Vaticano, mostram a brutalidade dessas práticas naquele tempo, em que sacerdotes e figuras da nobreza tiveram de ser condenados pelos tribunais eclesiásticos. O impacto dessas condenações concorreu pesadamente para que a sólida estrutura religiosa e teocrática do Milênio acabasse desmoronando. O poder de fascinação dos sistemas mágicos envolveu com facilidade elementos de destaque no Clero e na Política, em virtude dos resíduos brutais do passado nas camadas psico-afetivas da população, mesmo nas classes superiores.

A tendência natural do homem para o mistério e o maravilhoso excita os ânimos e leva criaturas e grupos humanos a verdadeiros delírios, em que os valores da civilização submergem no pântano das paixões. Mas o pior é que, dessas fases de retorno à barbárie, a dignidade humana sai fatalmente esmagada, levando séculos para se recobrar. Não é o mediunismo que responde por isso, mas o apego do homem aos interesses mundanos e o desejo de vencer com mais facilidade e segurança, sob a suposta proteção espiritual de criaturas incultas e grosseiras. O mediunismo é precisamente o instrumento natural de que o homem dispõe para elevar-se ao plano da mediunidade, transcendendo a sua condição tribal. Mas se o homem se entrega ao atavismo (instintos hereditários, hábitos ancestrais) da religiosidade mágica e por isso mesmo fanática, serve-se do mediunismo, nessas formas clássicas de civilizações mortas, para repetir os suicídios anteriores. O automatismo dos processos primitivos o leva a repetir os mesmos erros, na mesma antiga e frustrada esperança dos tempos mortos. É isso o que se tem de condenar nos cultos retrógrados desses processos sincréticos e negativos.

*

TERCEIRO ANO
ESCOLA DE ESPIRITISMO
J. HERCULANO PIRES

TERCEIRA PARTE
3) - CADEIRA DE CIÊNCIA ESPÍRITA

Psicologia Espírita como psicologia integral: o psiquismo como produto de ação da alma no corpo; interação alma-corpo; a potência anímica e sua atualização na existência; a consciência e o meio. Encarnação e nascimento: duplo condicionamento pela hereditariedade e pela lei de afinidade espiritual. As atividades mediúnicas ou paranormais: fenômenos anímicos e relações espirituais. Relações psíquicas entre vivos e entre estes e os Espíritos: o meio psíquico interexistencial. Psicologia evolutiva palingenésica: instintos orgânicos e instintos anímicos determinando o grau evolutivo e as possibilidades de atualização espiritual do ser na existência. Psiquiatria Espírita e suas possibilidades. Pedagogia Espírita: suas possibilidades práticas na formação espiritual do homem.

Livro: O Consolador (Emmanuel)

PSICOLOGIA

42 –*Como poderemos compreender, pelo Espiritismo, o preceito da Psicologia que afirma a experiência dos nossos cinco sentidos como todo o fundamento de nossa vida mental?*

-O Espiritismo esclarece que o homem é senhor de um patrimônio mais vasto, consolidado nas suas experiências de outras vidas, provando que o legítimo fundamento da vida mental não reside, de maneira absoluta, na contribuição dos sentidos corporais, mas também nas recordações latentes do pretérito, das quais os fenômenos da inteligência prematura, na Terra, são os testemunhos mais eloqüentes.

43 –*Estabelecendo a psicologia do mundo como sede da memória, do julgamento e da imaginação, as partes do cérebro humano, cujas funções não são ainda devidamente conhecidas pela Ciência, retardam a solução de um problema que só pode ser satisfeito pelos conhecimentos espiritistas?*

-Distante das cogitações de ordem divina, a psicologia terrestre efetua essa procrastinação, até que consiga atingir o profundo estuário da verdade integral.

44 –*Poderá a Psicologia chegar a uma solução cabal do problema das desordens mentais, denominadas anormalidades psicológicas?*

-Movimentando tão-somente os materiais da ciência humana, a Psicologia não atingirá esse desiderato, conservando-se no terreno das definições e dos estudos, distantes da causa.

Os conhecimentos do mundo, porém, caminham para a evolução dessa ciência à luz do Espiritismo, quando, então, seus investigadores poderão alcançar as soluções precisas.

45 – *A psicanálise freudiana, valorizando os poderes desconhecidos do nosso aparelhamento mental, representa um traço de aproximação entre a Psicologia e o Espiritismo?*

-Essas escolas do mundo constituem sempre grandes tentativas para aquisição das profundas verdades espirituais, mas os seus mestres, com raras exceções, se perdem na vaidade dos títulos acadêmicos ou nas falsas apreciações dos valores convencionais.

Os preconceitos científicos, por enquanto, impossibilitam a aproximação legítima da Psicologia oficial e do Espiritismo.

Os processos da primeira falam da parte desconhecida do mundo mental, a que chamam de subconsciente, sem definir essa cripta misteriosa da personalidade humana, examinando-a apenas na classificação pomposa das palavras. Entretanto, somente à luz do Espiritismo poderão os métodos psicológicos apreender que essa zona oculta, da esfera psíquica de cada um, é o reservatório profundo das experiências do passado, em existências múltiplas da criatura, arquivo maravilhoso onde todas as conquistas do pretérito são depositadas em energias potenciais, de modo a ressurgirem no momento oportuno.

46 – *Como poderemos compreender os chamados complexos ou associações de idéias no fenômeno mental?*

-Sabemos que as associações de idéias não têm causa nas células nervosas, constituindo antes ações espontâneas do espírito dentro do vasto mecanismo circunstancial; ações essas, oriundas do seu esforço incessante, projetadas através do cérebro material, que não é mais que um instrumento passivo.

47 – *Por que, relativamente ao estudo dos processos mentais, se encontram divididos no campo da opinião os psicologistas do mundo?*

-Os psicologistas humanos, que se encontram ainda distantes das verdades espirituais, dividem-se tão-só pelas manifestações do personalismo, dentro de suas escolas; mesmo porque, analisando apenas os efeitos, não investigam as causas, perdendo-se na complicação das nomenclaturas científicas, sem uma definição séria e simples do processo mental, onde se sobrelevam as profundas realidades do espírito.

48 – *O Espiritismo esclarecerá a Psicologia quanto ao problema da sede da inteligência?*

-Somente com a cooperação do Espiritismo poderá a ciência psicológica definir a sede da inteligência humana, não nos complexos nervosos ou glandulares do corpo perecível, mas no espírito imortal.

49 – *Como devemos conceituar o sonho?*

-Na maioria das vezes, o sonho constitui atividade reflexa das situações psicológicas do homem no mecanismo das lutas de cada dia; quando as forças orgânicas dormitam em repouso indispensável.

Em determinadas circunstâncias, contudo, como nos fenômenos premonitórios, ou nos de sonambulismo, em que a alma encarnada alcança elevada porcentagem de desprendimento parcial, o sonho representa a liberdade relativa do espírito prisioneiro da Terra, quando, então, se poderá verificar a comunicação *inter vivos*, e, quanto possível, as visões proféticas, fatos esses sempre organizados pelos mentores espirituais de elevada hierarquia, obedecendo a fins superiores, e quando o encarnado em temporária liberdade pode receber a palavra e a influência diretas de seus amigos e orientadores do plano invisível.

50 – *A vocação é uma lembrança das existências passadas?*

-A vocação é o impulso natural oriundo da repetição de análogas experiências, através de muitas vidas.

Suas características, nas disposições infantis, são o testemunho mais eloquente da verdade reencarnacionista.

51 – *A loucura é sempre uma prova?*

-O desequilíbrio mental é sempre uma provação difícil e dolorosa. Essa realidade, contudo, podendo representar o resgate de uma dívida do pretérito escabroso e desconhecido pode, igualmente, constituir uma resultante da imprevidência de hoje, no presente que passa, fazendo necessária, acima de todas as exortações, aquela que recomenda a oração e a vigilância.

52 – *A alucinação é fenômeno do cérebro ou do espírito?*

-A alucinação é sempre um fenômeno intrinsecamente espiritual, mas pode nascer de perturbações estritamente orgânicas, que se façam reflexas no aparelho sensorial, viciando o instrumento dos sentidos, por onde o espírito se manifesta.

53 – *Os bons ou maus pensamentos do ser encarnado afetam a organização psíquica de seus irmãos na Terra, aos quais sejam dirigidos?*

-Os corações que oram e vigiam, realmente, de acordo com as lições evangélicas, constroem a sua própria fortaleza, para todos os movimentos de defesa espontânea.

Os bons pensamentos produzem sempre o máximo bem sobre aqueles que representam os seus objetivos, por se enquadrarem na essência da Lei Única, que é o Amor em todas as suas divinas manifestações; os de natureza inferior podem afetar o seu objeto, em identidade de circunstâncias, quando a criatura se faz credora desses choques dolorosos, na justiça das compensações.

Sobre todos os feitos dessa natureza, todavia, prevalece a Providência Divina, que opera a execução de seus desígnios de equidade, com misericórdia e sabedoria.

*

Livro: Curso Dinâmico de Espiritismo

J. Herculano Pires

VIII – ESPIRITISMO E PSICOLOGIA

Estamos na Era Psicológica, sob o signo avançado de Psi, a letra grega que designa os fenômenos parapsicológicos. Antes de 1930 os críticos do Espiritismo tentavam explicar os processos mediúnicos por hipóteses psicológicas. Depois dessa data, com as pesquisas de Rhine e sua equipe, o socorro inesperado da Parapsicologia forneceu novas armas aos negadores. Tivemos o espetáculo de uma estranha euforia nos meios intelectuais: os homens de cultura proclamavam com entusiasmo a sua absoluta nulidade. Não eram mais do que pó que se reverte ao pó. Isso era suficiente para mostrar que a consciência mundial estava muito pesada. Mas dez anos após as difíceis investigações iniciais da Universidade de Duke, as pesquisas tomaram um ritmo acelerado e Rhine anunciou as suas absurdas descobertas: o pensamento não é físico; há no homem um conteúdo extrafísico; a mente sobrevive à morte do corpo; a percepção extra-sensorial supera todas as barreiras físicas. Vassiliev, na URSS, dispôs-se a desfazer essas balelas burguesas e fracassou no seu intento. Soal e Carington, da Universidade de Londres e Cambridge, afirmaram a sobrevivência da alma e tiveram o desprazer de obter sucesso com experiências de voz-direta (psicofonia), fenômeno em que uma entidade espiritual fala diretamente, vibrando sua voz no ar. Price, também da Universidade de Londres, teve a audácia de explicar as assombrações londrinas como manifestações de espíritos.

A última esperança das libélulas humanas, dos homens-pó, apagava-se como chama de fogo-fátuo nas mãos dos negadores. Surgiram então os mágicos de palco e os politiquinhos de feira, sacerdotes brancos e frades ignorantes, para combater com seus truques ingênuos aquilo mesmo que eles pregavam e que era a base de seu profissionalismo religioso: a sobrevivência da criatura humana. Esse atrevimento causou mal-estar no próprio clero, que via o seu prestígio cultural abalado perante as elites culturais. O que esses mágicos de palco semearam no mundo, através de televisões, jornais, revistas, livros, conferências e cursos pseudocientíficos, tudo isso muito rendoso financeiramente, constitui o lixo subcultural do Século XX e explica a razão das contradições espantosas da nossa época. A miséria mental desses mágicos de picadeiro encontrava ressonância nas camadas ignorantes do povo e, numa refração espantosa, projetava no vídeo a miséria cultural de figuras emplacadas nos meios universitários e eclesiásticos para o trânsito nas vias obscuras do submundo cultural. Tudo servia, como sempre, no vale-tudo da luta contra o Espiritismo. Surgiu um clarão nas trevas: a descoberta do corpo bioplásmico do homem e a prova científica da sua sobrevivência, obtida pelos cientistas soviéticos em pesquisas biofísicas na Universidade de Kirov. Na fortaleza ideológica do Materialismo Científico no mundo havia sido descoberta a realidade do corpo espiritual da tradição cristã, o *perispírito* da terminologia espírita, que o Apóstolo Paulo chamara com ênfase de *corpo da ressurreição*. A única medida possível contra isso foi logo tomada pelo oficialismo soviético, negando validade à descoberta oficialmente realizada e sustando a divulgação de novas informações a respeito. Esse contragolpe só teve, naturalmente, efeito político. Não se podia sustar o avanço irrefreável das Ciências, mas a censura soviética foi bem recebida pelos homens-pó da vacilante cultura ocidental e se fez o silêncio desejado sobre a mais importante conquista científica do século. Os mágicos de picadeiro, jejunos em ciências, trânsfugas da razão, intoxicados de incoerência, cantaram de galo nas rinhas da ignorância.

Apesar dessa nova euforia dos adeptos do nada, esse conceito vazio, segundo Kant, as pesquisas parapsicológicas se intensificaram na URSS e em toda a órbita soviética. Na Romênia, para evitar complicações políticas aos investigadores do paranormal, forjou-se um novo nome para a Ciência de Rhine, que passou a chamar-se Psicotrônica. O nome rebarbativo funciona como cobertura tática para os pesquisadores. Sentados comodamente no trono do psi-quismo, os psicotrônicos disfarçam o seu interesse de sobreviver após a morte, imitando a tática do Prof. Raikov na Universidade de Moscou, para pesquisar a reencarnação como simples fenômeno psicológico. Bastam essas manobras anticientíficas para provar o acerto de Léon Denis, numa conferência em Paris, na década de 1920, sobre o tema A Missão do Século XX. O Druida da Lorena, como Conan Doyle o chamava, previu que o nosso século seria o da vitória do Espiritismo, com a comprovação científica dos seus princípios. Aí estão as provas obtidas através de pesquisas científico-tecnológicas, ao gosto do nosso tempo. Filosófica, científica e religiosamente o Espiritismo encontrou, em nosso século, as comprovações de sua veracidade, não produzidas pelos adeptos, mas pelos seus mais poderosos adversários.

No campo psicológico, o desenvolvimento da Psicanálise, a partir de Freud, atingiu em Jung o momento crítico da revelação dos arquétipos, só possíveis nas dimensões do espírito, e por fim, a teoria das coincidências significativas (contribuição junguiana à Parapsicologia), as confissões mediúnicas do grande psicólogo em suas memórias e a sua confiança na descoberta científica da alma. Em 1944 Jung encerrou o seu livro a respeito declarando: “Estou convencido do estudo científico da alma pela ciência do futuro. A Parapsicologia é a mais jovem das Ciências Humanas e o seu desenvolvimento não foi ainda além dos primeiros passos.”

A Gestalt ou Psicologia da Forma, no campo da Psicologia da Percepção, revelou o princípio de unidade formal em que se destaca o fenômeno da *pregnância*, e mostrou que não vivemos segundo a realidade concreta do mundo, mas segundo a nossa ilusão psicológica dessa realidade, confirmando o princípio espírita das aparências significativas. Da conjugação dialética dessas duas correntes fundamentais da Psicologia contemporânea surgiu a síntese da concepção parapsicológica do homem, com o domínio do inconsciente na interpretação das percepções sensoriais, abrindo-se para as dimensões da percepção extra-sensorial. A descoberta científica do *perispírito* confirmou essa tese em plano objetivo, revelando de novo (em termos espíritas) a fonte secreta das captações e manifestações paranormais. O plasma físico do perispírito (corpo semimaterial, segundo Kardec) é dirigido nas manifestações pelos elementos não-físicos do corpo espiritual.

Os teóricos desavisados do inconsciente, como os da escrita automática e dos fenômenos físicos da mediunidade, esquecem-se (ou jamais tomaram conhecimento) dos estudos e das pesquisas de Kardec, Aksakof e Bozzano sobre o *animismo* ou manifestações da própria alma ou espírito do médium nas manifestações mediúnicas. Formulam, assim, hipóteses superadas logo no início das pesquisas espíritas, quando o próprio Freud ainda não havia nascido.

Kardec foi também o primeiro a notar as interferências anímicas nas manifestações, por influência sugestiva e natural das lembranças arcaicas ou recentes do médium. Essas infiltrações (que ocorrem também em plena vigília de todos nós),

decorrem da lei de associação de idéias, mas são facilmente identificáveis pelos pesquisadores e pessoas experimentadas na prática mediúnica. Ochorowicz, por exemplo, chegou ao cúmulo, em suas experiências de materialização com a médium Stanislava, de considerar a entidade que se materializava como desdobramento material da médium. Chamava o espírito materializado de Stanislava II. Levou, assim, a manifestação do animismo ao extremo de uma suposta divisão do organismo da médium em dois corpos diferentes. Não obstante, Stanislava II era bem diferenciada da médium, tanto física como psicologicamente. Muitos absurdos dessa espécie foram cometidos na pesquisa espírita por cientistas rigorosos que se viam aturdidos com a ocorrência dos fatos. Os psicólogos atuais, que pretendem opinar sobre questões espíritas, deviam ter a honestidade de primeiro estudar a Doutrina e a sua História, para não incidirem nas tolices do passado, já há muito superadas, e não cometerem o crime de considerar como tolos, ingênuos ou farsantes os maiores cientistas do século passado que trataram do assunto a sério, com a maior gravidade. Por outro lado, os espíritas devem cuidar mais de sua formação doutrinária, para não se perturbarem com a repetição de papagaiadas seculares contra a doutrina. Russell Wallace, êmulo de Darwin, estudando no século passado as relações do Espiritismo com a Psicologia, declarou que todas as escolas psicológicas não eram mais do que formas de uma psicologia elementar. O trecho de Jung que reproduzimos acima confirma essa posição de Wallace em nossos dias. Qual o bisonho estudante de Psicologia atual que se atreverá a contestar esses dois gigantes

*

Livro: Os Três Caminhos de Hécate

9 – PSICOLOGIA ESPÍRITA

Enrico Morselli foi um precursor da psicologia espírita. Pouco importa que Morselli não tenha sido espírita. O grande psiquiatra italiano incorpora-se, como Richet, à equipe dos desbravadores. Sua obra “Psicologia e Espiritismo”, em dois volumes, publicada em Turim, em 1908, constitui uma das primeiras pontes lançadas entre essas duas regiões do conhecimento, por sobre o abismo dos preconceitos e da ignorância. Aliás, já tivemos a oportunidade de afirmar que uma das grandes glórias do Espiritismo é justamente essa: a ciência espírita vem sendo construída pelos adversários e contraditores da doutrina. Quanto mais eles escavam os alicerces, para derrubar as paredes, mais constatam a solidez do edifício espírita e mais contribuem para fortalecê-lo.

A obra de Morselli se fundamenta nas experiências que realizou com a famosa médium Eusápia paladino. Depois de verificar a realidade dos fenômenos espíritas, de curvar-se ante a evidência dos fatos, como Lombroso, o psiquiatra não quis, entretanto, aceitar a explicação espírita dos mesmos. Fez como Richet, que só bem mais tarde daria a mão à palmatória. Considerou simplista e apressada a teoria espírita, mas sustentou com ênfase a realidade da fenomenologia supranormal e propôs a criação de um “espiritismo sem espíritos”, à maneira da “psicologia sem alma” que Watson proporia mais tarde.

“Psicologia e Espiritismo”, entretanto – como “The Human Personality”, de Frederic Myers, e “L’extériorisation de la Motricité”, de De Rochas –, representa um marco na elaboração da psicologia espírita. Muito se falou, depois desses pioneiros, em metapsíquica, metapsicologia e parapsicologia. Tanto Richet, no passado, como Rhine, na atualidade, tentaram avançar, através dos fenôme-

nos espíritas, além do campo imediato dos estudos psicológicos. Mas a verdade é que, antes desse avanço, é indispensável a criação de uma disciplina preparatória, que seria exatamente a psicologia espírita, cujos princípios já se encontram na obra de Kardec.

Morselli e Myers compreenderam bem esse problema. A Metapsíquica e a Parapsicologia são necessárias ao desenvolvimento dos estudos psíquicos, mas existem as bases de uma Psicologia Espírita, de uma ciência psíquica ligada ao homem encarnado e referente a ele, à natureza e ao funcionamento normal do seu psiquismo. Essas bases devem ser desenvolvidas, na construção de um ramo novo da Psicologia. Morselli e Myers têm o mérito de haver percebido que os fenômenos espíritas não se situam apenas na zona supranormal, devendo também ser estudados na zona normal, comum, do psiquismo habitual. De Rochas, por sua vez, chegou a demonstrar com suas investigações no campo de regressão da memória, que podemos encontrar o supranormal no próprio normal, verificando as reencarnações através da hipnose.

O trabalho desses pioneiros não teve prosseguimento. Richet atirou-se além da Psicologia, com seu “Tratado de Metapsíquica”, e desde então não se pensou mais em termos puramente psicológicos, a respeito dos problemas espíritas. Não obstante, a mediunidade é um problema fisio-psicológico e não metapsíquico, segundo as próprias definições de Kardec. A falta do desenvolvimento de uma Psicologia Espírita tem concorrido para que os psicólogos se afastem do campo das investigações psíquicas, entregando-o, cômoda e prazerosamente, aos metapsiquistas e parapsicologistas.

Hoje, mais do que nunca, impõe-se um trabalho sério de construção da Psicologia Espírita. Somente ela dará base à outra disciplina de grande e urgente necessidade, que é a Psiquiatria Espírita. Os trabalhos de Morselli, Myers e De Rochas, bem como os de outros que contribuíram para o esclarecimento de vários problemas, como Osty, Zöllner, Notzing, Lodge e tantos mais, devem ser retomados com urgência, não somente no sentido de experiências e pesquisas, mas também e sobretudo de elaboração teórica. A Psicologia Espírita lançará novas luzes sobre muitos problemas obscuros que, para usarmos uma expressão de Richet, atravancam atualmente o caminho dos estudos psicológicos.

*

Livro: Parapsicologia Hoje e Amanhã.

J. Herculano Pires

VIII - PSI e as transformações sociais

Procuremos examinar a dualidade sociológica das implicações de *psi* a que já nos referimos. De um lado temos as implicações na vida normal ou cotidiana. A primeira vista são ocorrências de segunda importância, sem maiores consequências para a vida social. Na verdade elas não somente influem na conduta dos indivíduos e dos grupos, mas determinam essa conduta. Os *arquétipos coletivos* de Jung, os *instintos do eu* de Freud; a *vontade de poder* de Nietzsche; a *compensação* de Adler e outras hipóteses do gênero bastariam para mostrar a importância da percepção extra-sensorial na conduta. Aliás, toda a Psicologia moderna e o desenvolvimento da Psicologia Social são suficientes para advertir-nos quanto à necessidade de uma investigação a respeito dessas influências.

Não queremos substituir as hipóteses psicológicas acima mencionadas pelas hipóteses parapsicológicas. Pelo contrário, servimo-nos delas para exemplificar as implicações de *psi* na conduta. Toda a História se apresenta repleta de episódios nesse sentido. Das profecias trágicas de Cassandra, em Tróia, aos augúrios oraculares da Grécia e Roma, até às vozes de Joana D'Arc, as intuições de Napoleão e as previsões de Lênin há toda uma seqüência de fatos paranormais balizando o processo histórico. O mesmo se dá no plano individual. O homem que pressente a queda de um avião e troca a sua passagem no aeroporto, movido por um impulso do qual a seguir se arrepende, mas graças ao qual salva a sua vida, há de compreender que *psi* foi de importância fundamental para a sua conduta num momento decisivo.

Tanto no plano da Psicologia Individual, quanto no plano da Psicologia Coletiva ou de grupo e no plano mais vasto da Psicologia Social as implicações de *psi* não são apenas admissíveis, mas sobretudo evidentes e altamente significativas. O chamado *momento psicológico* nada mais é que o deflagrar de um processo coletivo de *psi*. Isto é mais fácil de compreender quando nos lembramos que as investigações parapsicológicas não se restringem ao psiquismo humano, tendo demonstrado como os grupos animais se conduzem através de suas *funções psi*. A percepção extra-sensorial, como um radar orgânico individual, produz a conjugação necessária no plano coletivo para que um grande conjunto se forme, em termos *gestálticos*, orientando a conduta de toda uma coletividade e decidindo os rumos da História. Humberto Mariotti lembra, a propósito, as fases culminantes da Revolução Francesa e da Revolução Russa, mas podemos lembrar também as proposições teóricas de Kurt Lewin sobre a conduta de grupos em momentos de tensão coletiva. Nesses momentos, poderíamos dizer com Carington, entidades *psicônicas* individuais se agrupam formando entidades sociais.

Voltando aos *arquétipos coletivos* de Jung devemos lembrar o estudo clássico de Mannheim em *Ideologia e Utopia*. As aspirações ideológicas têm o seu momento de deflagrar, que tanto pode ser favorável como negativo. Nos dois casos acima citados, o da Revolução Francesa e o da Revolução Russa, o momento de deflagrar foi positivo. Os materialistas atribuem o sucesso às condições objetivas, mas dificilmente poderiam mostrar como e porque essas condições se formaram e chegaram a um ponto favorável. Mannheim acentua: "O aparecimento e o desaparecimento de problemas em nosso horizonte intelectual são governados por um princípio ainda obscuro. A própria ascensão e o desaparecimento de sistemas completos de conhecimento podem ser reduzidos, em última análise, a determinados fatores, tornando-se assim explicáveis. (...) Da mesma forma, deveria a Sociologia do Conhecimento procurar investigar as condições em que problemas e disciplinas se formam e desaparecem".

O reconhecimento da existência das *funções psi* em âmbito individual e coletivo desloca o problema das transformações sociais do plano das simples condições materiais para o das condições psíquicas ou psicosociais. Compreendemos então que há algum motivo não descoberto, não percebido, para que, em dado momento, a revolução social se alastre e chegue a triunfar "no elo mais fraco da cadeia imperialista", enquanto nos elos mais fortes se torna impossível. Compreendemos que as condições econômicas e sociais não são suficientes por si mesmas, pois as transformações só se realizam, de maneira pacífica ou violenta.

ta, nos momentos em que as *funções psi* atingiram uma fase culminante de percepção da nova realidade que se aproxima. Trata-se de um caso de precognição coletiva.

Tudo isso, como vemos, no plano da vida normal, no processo natural do desenvolvimento de fatos sociais. Até aqui não intervêm as hipóteses de Carington sobre a existência de uma parassociologia do intermúndio, ou seja, de um processo de relações extrafísicas entre entidades *psicônicas* sobreviventes à morte do corpo e as criaturas humanas. Ao admitirmos, porém, esse processo mediúnico de relações passamos a outra série de conseqüências. As *funções psi* assumem, nesse caso, importância muito maior, nos termos da proposição de Mariotti sobre a dialética palingenésica. A sobrevivência do espírito na forma de entidades *psicônicas* proposta por Carington ou na forma mentalista de Price e outros, esta simples sobrevivência implica novos e muito mais vastos processos de relação social através do tempo. E a hipótese palingenésica, conseqüência lógica da hipótese de Carington, oferece-nos então a perspectiva de uma continuidade histórica que podemos chamar de conseqüente.

Vejam as decorrências disso. Se admitimos, como explicava Ernesto Bozzano, a existência no homem de uma percepção extra-sensorial e de uma possibilidade, também, de ação extrafísica, é evidente que admitimos a sua natureza transcendente. Rompemos a concepção organocêntrica a que continuamos apegados após o rompimento da concepção geocêntrica. De certa maneira a tendência centralizadora do pensamento, que foi superada pelo heliocentrismo no plano cósmico, refugiou-se no organocentrismo biológico, ou seja, expulso da Astronomia, escondeu-se na Biologia. A descoberta científica das *funções psi* vem atacar essa tendência no seu último reduto, revelando a possibilidade de vida e de atividades vitais fora dos organismos físicos. O homem transcende a si mesmo, projeta-se fora das suas condições imediatas de vida. As *estruturas psicônicas* vivem e agem independentemente de seus antigos organismos físicos.

É claro que dessa simples projeção resultam conseqüências numerosas e da mais elevada significação. Se a vida humana, como a de todos outros organismos, não se extingue com a perda do instrumento orgânico, e se a concepção palingenésica admite a volta das *entidades psicônicas* à vida orgânica, desaparece a solução de continuidade do processo histórico, tanto para os indivíduos que dele participam quanto para as coletividades. O *agora* existencial tem importância não apenas agora e não somente para este indivíduo que o vive, mas também no futuro e para aquele indivíduo que lá se apresentará, embora noutra forma e noutras condições. Refletindo sobre isto percebemos o mundo novo de responsabilidades e esperanças que a dialética palingenésica nos descortina.

O "princípio ainda obscuro" a que se refere Mannheim torna-se claro diante dos resultados ainda incipientes da investigação parapsicológica. As relações sociais formam um contexto muito mais amplo do que o visível no plano material. A Sociologia do Conhecimento só poderá penetrar além do contexto visível quando levar em consideração a existência das *relações psi* e o fato da sua importância básica para o desenvolvimento da cultura. As transformações sociais e culturais mostram-se regidas, à luz da Parapsicologia, por leis psíquicas ainda desconhecidas, mas que já se tornaram acessíveis à pesquisa científica. *Psi* pode encerrar o segredo dos fatores obscuros que precipitam as revoluções culturais e políticas.

Compreendemos melhor esse problema quando nos lembramos da tese *gestáltica* de que não vivemos na realidade concreta mas numa realidade psíquica. O nosso mundo — o mundo humano das relações sociais — não coincide com o mundo físico. Todos os psiquiatras e psicoterapeutas sabem quanto têm de lutar para integrar seus clientes até mesmo na factícia realidade social, que na verdade é psicológica.

Vivemos no mundo dos nossos anseios, das nossas ilusões, das nossas esperanças e dos nossos desesperos muitas vezes sem razão. Essa imensa rede psíquica estendida sobre a realidade física é regida por suas próprias leis que em geral independem das leis físicas no processo da dinâmica social.

*

Encarnação e nascimento: duplo condicionamento pela hereditariedade e pela afinidade espiritual

HEREDITARIEDADE E AFINIDADE

EVOLUÇÃO EM DOIS MUNDOS – ANDRÉ LUIZ

Hereditariedade e Afinidade. Nas épocas remotas, os Semeadores Divinos guiavam a elaboração das formas, traçando diretrizes ao mundo celular, em favor do princípio inteligente, então conduzido ante a sociedade humana; todavia, à medida que se lhe alteia o conhecimento, passa a responsabilizar-se por si mesmo, pavimentando o caminho que o investirá na posse da Herança Celestial no regaço da Consciência Cósmica.

Com alicerces na hereditariedade, toma a forma física e se desvencilha dela, para retomá-la em nova reencarnação capaz de elevar-lhe o nível cultural ou moral, quando não seja para refazer tarefas que deixou viciadas ou esquecidas na retaguarda.

Contudo, ligado inevitavelmente aos princípios de seqüência, é compelido a renascer na Terra, ou a viver além da morte, com raras exceções, entre os seus próprios semelhantes, porquanto hereditariedade e afinidade no plano físico e no plano extrafísico, respectivamente, são leis inelutáveis, sob as quais a alma se diferencia para a Esfera Superior, por sua própria escolha, aprendendo com larga soma de esforço a reger-se pelo bem invariável, que, em lhe assegurando equilíbrio, também lhe confere poder sobre os fatores circunstanciais do próprio ambiente, a fim de criar valores mais nobres para os seus impulsos de perfeição.

Na Era do Espírito - J. Herculano Pires

Irmão Saulo

PARENTESCOS E AFINIDADE

A questão 203 de O Livro dos Espíritos coloca em termos espirituais o problema das linhagens familiares. Pensamos geralmente que a herança biológica é a determinante dos temperamentos e caracteres. O Espiritismo nos mostra que a natureza humana é espiritual e não material. Assim, o que determina a condição do homem é a sua essência e não a sua forma, o seu espírito e não o seu instrumento de manifestação corpórea. As famílias são aglomerados de espíritos afins que estabelecem, nas encarnações sucessivas, a linha da hereditariedade biológica.

Cada espírito que se encarna traz em si mesmo a sua personalidade já formada em encarnações anteriores. As semelhanças de características psíquicas e morais entre pais, filhos e outros descendentes não provêm da carne, mas do espírito. Cada ser humano é o que ele é por si mesmo. Há, portanto, um paralelismo cartesiano entre hereditariedade e afinidade. Admitindo-se isso, que hoje é considerado com atenção em grandes centros de pesquisas científicas, é fácil compreendermos a necessidade de independência não apenas social, mas também afetiva, para os filhos que se emanciparam e especialmente para os que constituíram a sua própria família.

As afinidades espirituais não implicam dependência e sujeição, porque cada espírito é o responsável direto pela sua evolução. Os pais são responsáveis

pelos filhos no tocante à orientação que lhes fornecem pelos exemplos e pela educação. Mas não podem querer sujeitá-los às suas idéias e formas de vida.

Afinidade não quer dizer identidade. Gostamos de nos reunir com pessoas afins porque nos entendemos melhor com elas, mas nem por isso pensamos e vivemos exatamente da mesma maneira. Se assim fosse, a evolução teria de estagnar.

Nossos filhos mais afins, mais ligados a nós podem tomar caminhos diferentes do nosso. E devemos respeitar-lhes o desejo de novas experiências, sem que isso importe em rompimento conosco. Cada espírito deve ter a jurisdição de si mesmo.

É por isso que Emmanuel nos lembra o amor sem apego, sem intenções de sujeição, para que não criemos problemas à liberdade de ação e de experiências dos filhos casados. Devemos ampará-los, auxiliá-los e não torturá-los com as nossas exigências egoístas.

O CONSOLADOR – (EMMANUEL)

AFEIÇÃO

Pergunta 175 – O instituto da família é organizado no plano espiritual, antes de projetar-se na Terra?

-O colégio familiar tem suas origens sagradas na esfera espiritual. Em seus laços, reúnem-se todos aqueles que se comprometeram, no Além, a desenvolver na Terra uma tarefa construtiva de fraternidade real e definitiva.

Preponderam nesse instituto divino os elos do amor, fundidos nas experiências de outras eras; todavia, aí ocorrem igualmente os ódios e as perseguições do pretérito obscuro, a fim de se transfundirem em solidariedade fraternal, com vistas ao futuro.

É nas dificuldades provadas em comum, nas dores e nas experiências recebidas na mesma estrada de evolução redentora, que se olvidam as amarguras do passado longínquo, transformando-se todos os sentimentos inferiores em expressões regeneradas e santificantes. Purificadas as afeições, acima dos laços do sangue, o sagrado instituto da família se perpetua no Infinito, através dos laços imperecíveis do Espírito.

Pergunta 176 – As famílias espirituais no plano invisível são agrupadas em falanges e aumentam ou diminuem, como se verifica na Terra?

-Os núcleos familiares do Além agrupam-se, igualmente, em falanges, continuando aí a obra de iluminação e de redenção de alguns de seus componentes dos grupos, elementos mais rebeldes ou estacionários, que são impelidos, pelos seus companheiros afins, aos esforços edificantes, na conquista do amor e da sabedoria.

De maneira natural, todos esses núcleos se dilatam, à medida que se aproximam da compreensão do Onipotente, até alcançarem o luminoso plano de unificação divina, com as aquisições eternas e inalienáveis do Infinito.

Pergunta 177 – As famílias espirituais possuem também um chefe?

-Todas as coletividades espirituais estão reunidas, em suas características familiares, pelas santas afinidades d'almas, e cada uma possui o seu grande mentor nos planos mais elevados, de onde emanam as substâncias eternas do amor e da sabedoria.

Pergunta 178 – *Poderíamos receber algum esclarecimento sobre a lei das afinidades entre os Espíritos desencarnados?*

-Na Terra, as criaturas humanas muitas vezes revelam as suas afinidades nos interesses materiais, que podem dissimular a verdadeira posição moral da personalidade; no mundo dos Espíritos elevados, porém, as afinidades legítimas se revelam sem qualquer artifício pelos sentimentos mais puros.

O LIVRO DOS ESPÍRITOS – AFINIDADES

Questões 278, 302, 484, 590

Pergunta 278 – *Os Espíritos de diferentes ordens estão misturados?*

-Sim e não; quer dizer, eles se vêem, mas se distinguem uns dos outros. Afastam-se ou se aproximam segundo a semelhança ou divergência de seus sentimentos, como acontece entre vós. É todo um mundo, do qual o vosso é o reflexo obscuro. Os da mesma ordem se reúnem por uma espécie de afinidade e formam grupos ou famílias de Espíritos unidos pela simpatia e pelos propósitos; os bons, pelo desejo de fazer o bem; os maus, pelo desejo de fazer o mal, pela vergonha de suas faltas e pela necessidade de se encontrarem entre os seres semelhantes a eles. Igual a uma grande cidade, onde os homens de todas as classes e de todas as condições se vêem e se encontram, sem se confundirem, onde as sociedades se formam pela similitude de gostos, onde o vício e a virtude se acotovelam, sem se falarem.

Pergunta 302 – *A afinidade necessária para a simpatia perfeita consiste apenas na semelhança dos pensamentos e sentimentos, ou também na uniformidade dos conhecimentos adquiridos?*

-Na igualdade dos graus de elevação.

Pergunta 484 – *Os Espíritos se afeiçoam de preferência a certas pessoas?*

-Os bons Espíritos simpatizam com os homens de bem ou suscetíveis de progredir; os Espíritos inferiores, com os homens viciosos ou que podem viciar-se; daí o seu apego, resultante da semelhança de sensações.

Pergunta 590 – *Não há nas plantas, como nos animais, um instinto de conservação que as leva a procurar aquilo que lhes pode ser útil e a fugir do que lhes pode prejudicar?*

-Há, se o quiserdes, uma espécie de instinto: isso depende da extensão que se atribua a essa palavra; mas é puramente mecânico. Quando, nas reações químicas, vede dois corpos se unirem, é que eles se afinam, quer dizer que há afinidade entre eles; mas não chamais a isso de instinto.

REVISTA ESPÍRITA - 1864

AS AFEIÇÕES TERRENAS E A REENCARNAÇÃO

O dogma da reencarnação indefinida encontra oposições, no coração do encarnado que ama, porque, em presença dessa infinidade de existências, produzindo laços em cada uma delas, ele pergunta com espanto em que se tornam as afeições particulares, e se estas não se fundem num único amor geral, o que destruiria a persistência da afeição individual.

Ele se pergunta se esta afeição individual não é apenas um meio de adiantamento e então o desânimo desliza em sua alma, porque a verdadeira afeição experimenta a necessidade de um amor eterno, sentindo que ela não se cansará jamais de amar. O pensamento desses milhares de afeições idênticas lhe parece uma impossibilidade, mesmo admitindo faculdades maiores para o amor.

O encarnado que estuda seriamente o Espiritismo, sem idéia preconcebida para um sistema e não para um outro, sente-se arrastado para a reencarnação pela justiça que decorre do progresso e do avanço do Espírito a cada nova existência; mas quando o estuda do ponto de suas afeições do coração, duvida e se espanta mau grado seu. Não podendo pôr de acordo esses dois sentimentos, ele se diz que aí há ainda um véu a levantar e seu pensamento em trabalho atrai as luzes dos Espíritos para pôr em concordância o coração e a razão.

Disse antes: a encarnação pára onde é anulada a materialidade. Mostrei como o progresso material a princípio tinha requintado as sensações corporais do Espírito encarnado; como o progresso espiritual, vindo a seguir, havia contrabalançado a influência da matéria, depois a tinha subordinado à sua vontade e que, chegado a esse grau de domínio espiritual, a corporeidade não tinha mais razão de ser, pois o trabalho estava realizado. Examinemos agora a questão da afeição sob os aspectos material e espiritual.

Para começar, o que é a afeição, o amor? Ainda a atração fluídica, atraindo um ser para outro, unindo-os no mesmo sentimento. Essa atração pode ser de duas naturezas diversas, pois os fluidos são de duas naturezas. Mas para que a afeição persista eternamente, é preciso que seja espiritual e desinteressada; são precisos abnegação, devotamento e que nenhum sentimento pessoal seja o móvel deste arrastamento simpático. Desde que nesse sentimento haja personalidade, há materialidade. Ora, nenhuma afeição material persiste no domínio do Espírito. Assim, toda afeição apenas resultante do instinto animal ou do egoísmo, se destrói com a morte terrestre.

É assim que seres que se dizem amados são esquecidos após pouco tempo de separação! Vós os amastes por vós e não por eles, que não vivem mais; esqueceste e os substituístes; procurastes consolo no esquecimento; tornam-se indiferentes porque não tendes mais amor. Contemplai a humanidade e vede quão poucas as afeições verdadeiras na terra! Assim, não se devem admirar tanto da multiplicidade das afeições aí contraídas. São em minoria relativa, mas existem as que são reais e persistem e se perpetuam sob todas as formas, primeiro na terra, depois se continuando no estado de Espírito, numa amizade ou num amor inalterável, que cresce, elevando-se mais. Vamos estudar esta verdadeira afeição: a afeição espiritual.

Ela tem por base a afinidade fluídica espiritual que, atuando só, determina a simpatia. Quando assim é, é a alma que ama a alma e essa afeição só toma força pela manifestação dos sentimentos da alma. Dois Espíritos unidos espiritualmente se buscam e tendem sempre a aproximar-se; seus fluidos são atrativos. Se

estiverem no mesmo globo, serão impelidos um para o outro; se separados pela morte terrena, seus pensamentos unir-se-ão na lembrança e a reunião far-se-á na liberdade do sono; e quando soar a hora da reencarnação para um deles, procurará aproximar-se de seu amigo, entrando no que é a sua filiação material, e o fará com tanto mais facilidade quanto seus fluidos perispirituais materiais encontrarão afinidades na matéria corporal dos encarnados que deram à luz o novo ser.

Daí um novo aumento de afeição, uma nova manifestação de amor. Tal Espírito amigo vos amou como pai, vos amará como filho, como irmão ou como amigo, e cada um desses laços aumentará de encarnação a encarnação e se perpetuará de maneira inalterável quando, realizado o vosso trabalho, viverdes a vida do Espírito.

Mas esta verdadeira afeição não é comum na terra e a matéria a vem retardar, anular-lhe os efeitos, conforme ela domine o Espírito. A verdadeira amizade, o verdadeiro amor, sendo espiritual, tudo quanto se refere à matéria não é de sua natureza e em nada concorre para a identificação espiritual. A afinidade persiste, mas fica em estado latente até que, dominando o fluido espiritual, de novo se efetue o progresso simpático.

Resumindo, a afeição espiritual é a única resistente no domínio do Espírito. Na terra e nas esferas do trabalho corporal, concorre para o avanço moral do Espírito encarnado que, sob a influência simpática, realiza milagres de abnegação e de devotamento aos seres amados. Aqui, nas moradas celestes, ela é a satisfação completa de todas as aspirações e a maior felicidade que o Espírito possa desfrutar.

*

Hereditariedade moral

Revista Espírita, julho de 1862

Um de nossos assinantes nos escreve de Wiesbaden:

"Senhor, estudo com cuidado o Espiritismo em todos os vossos livros, e apesar da clareza que deles decorre, dois pontos importantes não parecem bem explicados aos olhos de certas pessoas, eles são: 1º. as faculdades hereditárias; 2º. os sonhos.

"Como conciliar, com efeito, o sistema da anterioridade da alma com a existência das faculdades hereditárias? Elas existem, no entanto, embora de maneira não absoluta; cada dia somos disso tocados na vida privada, e vemos também, numa ordem mais elevada, os talentos sucederem aos talentos, a inteligência à inteligência. O filho de Racine foi poeta; Alexandre Dumas tem por filho um autor distinguido; na arte dramática, vemos a tradição dos talentos numa mesma família, e na arte da guerra uma raça, tal qual a dos duques de Brunswick, por exemplo, fornece uma série de heróis. Mesmo a inépcia, o vício, o crime conservam sua tradição. Eugène Sue cita famílias onde várias gerações, sucessivamente, passaram pela morte na guilhotina. A criação da alma por indivíduo explicaria ainda menos essas dificuldades, eu o compreendo, mas é preciso confessar que uma e outra doutrina dão margem aos golpes dos materialistas, que não vêem em toda faculdade senão uma concentração de forças nervosas.

"Quanto aos sonhos, a Doutrina Espírita não concilia bem o sistema das peregrinações da alma durante o sono com a opinião vulgar, que dele faz simplesmente o reflexo das impressões percebidas durante a vigília. Esta última opinião poderia parecer a verdadeira explicação dos sonhos, ao passo que a peregrinação não seria senão um caso excepcional.

(Seguem alguns exemplos em apoio).

"Está bem entendido, senhor presidente, que não pretendo fazer aqui nenhuma objeção em meu nome pessoal, mas me parece útil que a *Revista Espírita* se ocupasse destas questões, não fora senão para dar os meios de responder aos incrédulos; quanto a mim, sou crente e não procuro senão a minha instrução."

A questão dos sonhos será examinada ulteriormente num artigo especial; não nos ocuparemos hoje senão da *hereditariedade moral*, que deixaremos ser tratada pelos Espíritos, limitando-nos a algumas observações preliminares.

O que se possa dizer a esse respeito, os materialistas dele não estarão mais convencidos por isso, porque, não admitindo o princípio, não podem admitir-lhe as conseqüências; seria preciso, antes de tudo, torná-los espiritualistas; ora, não é por esta questão que seria preciso começar; não podemos, pois, nos ocupar com as suas objeções.

Tomando por ponto de partida a existência de um princípio inteligente fora da matéria, de outro modo dito, a existência da alma, a questão é saber se as almas procedem das almas, ou se elas são independentes. Cremos já ter demonstrado, em outro artigo sobre os *Espíritos e o brasão*, publicado no número do mês de março último, as impossibilidades que existem para a criação da alma pela alma; com efeito, se a alma da criança fosse uma parte da do pai, ela deveria sempre dele ter as qualidades e as imperfeições, em virtude do axioma de que a parte é da mesma natureza do todo; ora, e experiência prova ao contrário cada dia. Citam-se, é verdade, exemplos de semelhanças morais e intelectuais que parecem devidas à hereditariedade, de onde seria preciso concluir que houve transmissão; mas então, por que essa transmissão não ocorre sempre? Por que se vêem, diariamente, pais essencialmente bons, terem filhos instintivamente viciosos, e *vice-versa*.

Uma vez que é impossível fazer, da hereditariedade moral, uma regra geral, trata-se de explicar, com o sistema da independência recíproca das almas, a causa das semelhanças. Isto poderia ser quando muito uma dificuldade, mas que não pre-julgaria nada contra a doutrina da anterioridade da alma e da pluralidade das existências, tendo em vista que esta doutrina está provada por cem outros fatos concludentes, e contra os quais é impossível levantar alguma objeção séria. Deixemos falar os Espíritos que consentiram tratar a questão. Eis as duas comunicações que obtivemos a este respeito:

(Sociedade Espírita de Paris, 23 de maio de 1862. - Médium, Sr. d'Am-bel.)

Já foi dito, com freqüência, que não seria preciso amontoar sistemas sobre simples aparências; e foi um sistema dessa natureza o que deduziu das semelhanças familiares uma teoria contrária à que demos da existência das almas anteriormente à sua encarnação terrestre. É positivo que, muito freqüentemente, estes jamais tiveram relações diretas com os meios, com as famílias nas quais se

encarnam neste mundo. Já repetimos, a miúdo, que as semelhanças corpóreas prendem-se a uma questão material e fisiológica, inteiramente fora da ação espiritual, e que, pelas aptidões e pelos gostos semelhantes, resultam não na procriação da alma por uma alma já nascida, mas do que os Espíritos similares se atraem; daí as famílias de heróis ou de raças de bandidos.

Admiti, pois, em princípio, que os bons Espíritos escolhem, de preferência, para sua nova etapa terrestre, o meio em que o terreno já está preparado, a família de Espíritos avançados onde estão seguros de encontrar os materiais necessários ao seu adiantamento futuro; admiti, igualmente, que os Espíritos atrasados, ainda inclinados aos vícios e aos apetites animais, fogem dos grupos elevados, das famílias morais, e se encarnam, ao contrário, lá onde esperam reencontrar os meios de satisfazer as paixões que ainda os dominam.

Assim, pois, em tese geral, as semelhanças espirituais vêm de que os semelhantes atraem seus semelhantes, ao passo que as semelhanças corpóreas ligam-se à procriação. Agora, é preciso acrescentar isto: é que, muito frequentemente, nascem nas famílias, dignas sob todos os aspectos do respeito de seus concidadãos, indivíduos viciosos e maus que ali são enviados para serem a pedra de toque destes; como algumas vezes ainda aqui vêm de sua plena vontade, na esperança de sair da rotina onde são arrastados até então, e se aperfeiçoarem sob a influência desses meios virtuosos e morais. Ocorre o mesmo com Espíritos já avançados moralmente que, a exemplo daquela jovem mulher de Saint-Étienne, de que se falou no último ano, se encarnam em famílias obscuras, entre Espíritos atrasados, afim de lhes mostrar o caminho que conduz ao progresso. Não esqueceste, estou certo disto, aquele anjo de asas brancas em que ela apareceu transfigurada aos olhos daqueles que a amaram sobre a Terra, quando estes reentraram, por sua vez, no mundo dos Espíritos. (*Revista Espírita*, de junho de 1861, página 179: Senhora Gourdon).

ERASTO.

(Outra; mesma sessão. - Médiun, senhora Costel.)

Venho vos explicar a importante questão da hereditariedade das virtudes e dos vícios na raça humana. Esta transmissão faz hesitar aqueles que não compreendem a imensidade do princípio revelado pelo Espiritismo. Os mundos intermediários são povoados de Espíritos esperando a prova da encarnação, ou aí se preparando de novo, segundo seu grau de adiantamento. Os Espíritos, nesses viveiros da vida eterna, estão agrupados e divididos em grandes tribos, uns adiante, outros em atraso no progresso, e cada um escolhe, entre os grupos humanos, aqueles que correspondem simpaticamente às suas faculdades adquiridas, as quais progridem mas não podem retrogradar.

O Espírito que se encarna escolhe o pai cujo exemplo o fará avançar no caminho preferido, e ele repercute, elevando-lhes ou enfraquecendo-lhes, os talentos daquele que lhe deu a vida corpórea; nos dois casos, a conjunção simpática existe anteriormente ao nascimento, e é desenvolvida em seguida nas relações da família, pela imitação e pelo hábito.

Depois da hereditariedade familiar, quero, meus amigos, vos revelar a origem da discordância que separa os indivíduos de uma mesma raça, de repente notável ou desonrado por um de seus membros que ficou estranho entre ela. O

grosseiro viciado que está encarnado num centro elevado, e o Espírito luminoso que se encarna entre os seres grosseiros, ambos obedecem à misteriosa harmonia que aproxima as partes divididas de um todo, e faz concordar o infinitamente pequeno com a suprema grandeza. O Espírito culpado, apoiado sobre as virtudes adquiridas de seu procurador terrestre, espera se fortalecer por elas, e se sucumbe ainda nas provas, adquire pelo exemplo o conhecimento do bem, e retorna à erraticidade menos carregado de ignorância e melhor preparado para sustentar uma nova luta.

Os Espíritos avançados entrevêem a glória de Jesus e, como ele, esforçam-se para esgotar o cálice da ardente caridade. Como ele, também, querem guiar a Humanidade para o objetivo sagrado do progresso, e eles nascem no baixo mundo social onde se debatem, acorrentados um ao outro, a ignorância e o vício dos quais são alternativamente os vencedores e os mártires.

Se esta resposta não satisfaz todas as vossas dúvidas, interrogai-me, meus amigos.

SÃO LUÍS.

*

Livro EVOLUÇÃO EM DOIS MUNDOS

ANDRÉ LUIZ (ESPÍRITO)

EVOLUÇÃO E HEREDITARIEDADE

PRINCÍPIO INTELIGENTE E HEREDITARIEDADE — Reportando-nos à lei da hereditariedade, é imperioso, de certo modo, recordar a Geometria para simplificar-lhe os conceitos.

Considerando a Geometria por ciência que estuda as propriedades do espaço limitado, vamos encontrar a hereditariedade como lei que define a vida, circunscrita à forma em que se externa.

Só a inteligência consegue traçar linhas inteligentes.

Em razão disso, e atendendo-se aos objetivos finalistas do Universo, não será possível esquecer o Plano Divino, quando se trate de qualquer imersão mais profunda na Genética, ainda mesmo que isso repugne aos cultores da ciência materialista.

Como se estruturaram os cromatídeos nos cromossomos é problema que, de todo, por enquanto, nos escapa ao sentido, mas sabemos que os Arquitetos Espirituais, entrosados à Supervisão Celeste, gastaram longos séculos preparando as células que serviriam de base ao reino vegetal, combinando nucleoproteínas a glúcides e a outros elementos primordiais, a fim de que se estabelecessem um nível seguro de forças constantes, entre a bagagem do núcleo e do citoplasma.

Com semelhante realização, o princípio inteligente começa a desenvolver-se do ponto de vista fisiopsicossomático.

Não apenas a forma física do futuro promete então revelar-se, mas também a forma espiritual.

FATORES DA HEREDITARIEDADE — Na intimidade dos

corpúsculos simples que evoluiriam para a feição de máquinas microscópicas, formadas de protoplasma e paraplasma, fixam-se, vagarosamente, sob influência magnética, os fragmentos de cromatina, organizando-se os cromossomos em que seriam condensadas as fórmulas vitais da reprodução.

Processos múltiplos de divisão passam a ser experimentados.

A divisão direta ou amitose é largamente usada para, em seguida, surgir a mitose ou divisão indireta, em que as alterações naturais da mônada celeste se refletem no núcleo, renunciando sempre maiores transformações.

Lentamente, os cromossomos adquirem a sua apresentação peculiar, em forma de **ponto-alça-bastonete-bengala**, e a evolução que lhes diz respeito na cariocinese, desde a prófase à telófase, merece a melhor atenção dos Construtores Divinos, que através do centro celular mantêm a junção das forças físicas e espirituais, ponto esse em que se verifica o impulso mental, de natureza eletromagnética, pelo qual se opera o movimento dos cromossomos, na direção do equador para os pólos da célula, cunhando as leis da hereditariedade e da afinidade que se vão exercer, dispondo nos cromatídeos, em forma de granulações perfeitamente identificáveis entre o leptotênio e o paquitênio, os genes ou fatores da hereditariedade, que, no transcurso dos séculos, são fixados em número e valores diferentes para cada espécie.

ARQUIVO DOS REFLEXOS CONDICIONADOS — Através dos estágios **nascimento-experiência-morte-experiência-renascimento**, nos planos físico e extrafísico, as crisálidas de consciência, dentro do princípio de repetição, respiram sob o sol como seres autótrofos no reino vegetal, onde as células, nas espécies variadas em que se aglutinam, se reproduzem de modo absolutamente semelhante.

Nesse domínio, o princípio inteligente, servindo-se da herança, e por intermédio das experiências infinitamente recapituladas, habilita-se à diferenciação nos flagelados, ascendendo progressivamente à diferenciação maior na escala animal, onde o corpo espiritual, à feição de protoforma humana, já oferece moldes mais complexos, diante das reações do sistema nervoso, eleito para sede dos instintos superiores, com a faculdade de arquivar reflexos condicionados.

CONSTRUÇÃO DO DESTINO — Sofrem as células transformações profundas, porque o elemento espiritual deve agora viver como ser alótrofo, somente conseguindo manter-se com o produto de matérias orgânicas já elaboradas.

Com a passagem do tempo, e sob a inspiração dos Arquitetos Espirituais que lhe orientam a evolução da forma, avança na rota do progresso, plasmando implementos novos no veículo de expressão.

Entre a esfera terrena e a esfera espiritual, adquire os orgânicos particulares com que passa a atender variadas funções entre os protozoários, como sejam, os vacúolos pulsáteis para a sustentação do equilíbrio osmótico e os vacúolos digestivos para o equilíbrio da nutrição.

Nos metazoários, conquista um carro fisiológico, estruturado em aparelhos e sistemas constituídos de órgãos, que, a seu turno, são formados de tecidos, compostos por células em complicado regime de diferenciação e,

passando por longas e porfiadas metamorfoses, atinge o reino hominal, em que os gametas se erigem, especializados e seguros, no aparelho de reprodução, com elementos e recursos característicos para o homem e para a mulher, no imo do centro genésico, entre os aparelhos de metabolismo e os sistemas de relação.

No ato da fecundação, reúnem-se os pronúcleos masculino e feminino, mesclando as unidades cromossômicas paternas e maternas, a fim de que o organismo, obedecendo à repetição na lei da hereditariedade, se desenvolva, dentro dos caracteres genéticos de que descende; mas agora, no reino humano, o Espírito, entregue ao comando da própria vontade, determina com a simples presença ou influência, no campo materno, os mais complexos fenômenos endomitóticos no interior do ovo, edificando as bases de seu próprio destino, no estágio da existência cujo início o berço assinala.

HEREDITARIEDADE E AFINIDADE — Nas épocas remotas, os Semeadores Divinos guiavam a elaboração das formas, traçando diretrizes ao mundo celular, em favor do princípio inteligente, então conduzido ante a sociedade espiritual como a criança irresponsável ante a sociedade humana; todavia, à medida que se lhe alteia o conhecimento, passa a responsabilizar-se por si mesmo, pavimentando o caminho que o investirá na posse da Herança Celestial no regaço da Consciência Cósmica.

Com alicerces na hereditariedade, toma a forma física e se desvencilha dela, para retomá-la em nova reencarnação capaz de elevar-lhe o nível cultural ou moral, quando não seja para refazer tarefas que deixou viciadas ou esquecidas na retaguarda.

Contudo, ligado inevitavelmente aos princípios de seqüência, é compelido a renascer na Terra, ou a viver além da morte, com raras exceções, entre os seus próprios semelhantes, porquanto hereditariedade e afinidade no plano físico e no plano extrafísico, respectivamente, são leis inelutáveis, sob as quais a alma se diferencia para a Esfera Superior, por sua própria escolha, aprendendo com larga soma de esforço a reger-se pelo bem invariável, que, em lhe assegurando equilíbrio, também lhe confere poder sobre os fatores circunstanciais do próprio ambiente, a fim de criar valores mais nobres para os seus impulsos de perfeição.

GEOMETRIA TRANSCENDENTE — Chegada a essa eminência, a criatura submete-se à lei da hereditariedade, com o direito de alterar-lhe as disposições fundamentais até ponto não distante do limite justo, segundo o merecimento de que disponha. Para ajudar aos semelhantes na escalada a mais amplas aquisições na senda evolutiva, recolhe, assim, concurso precioso dos Organizadores do Progresso, na mitose do ovo que lhe facultará novo corpo no mundo, de vez que toda permuta de cromossomos, no vaso uterino, está invariavelmente presidida por agentes magnéticos ordinários ou extraordinários, conforme o tipo da existência que se faz ou refaz, com as chaves da hereditariedade atendendo aos seus fins.

Eis por que, interpretando os cromossomos à guisa de caracteres em que a mente inscreve, nos corpúsculos celulares que a servem, as disposições e os significados dos seus próprios destinos, caracteres que são constituídos pelos genes, como as linhas são formadas de pontos, genes aos quais se mesclam os elementos chamados bióforos, e tomando os bióforos, nesses pontos, como

sendo os grânulos de tinta que os cobrem, será lícito comparar os princípios germinativos, nos domínios inferiores, aos traços da Geometria elementar, que apenas cogita de linhas e figuras simples da evolução, para encontrar, nesses mesmos princípios, nos domínios superiores da alma, a Geometria transcendente, aplicada aos cálculos diferenciais e integrais das questões de causa e efeito.

HEREDITARIEDADE E CONDUTA — Portanto, como é fácil de sentir e apreender, o corpo herda naturalmente do corpo, segundo as disposições da mente que se ajusta a outras mentes, nos circuitos da afinidade, cabendo, pois, ao homem responsável reconhecer que a hereditariedade relativa mas compulsória lhe talhará o corpo físico de que necessita em determinada encarnação, não lhe sendo possível alterar o plano de serviço que mereceu ou de que foi incumbido, segundo as suas aquisições e necessidades, mas pode, pela própria conduta feliz ou infeliz, acentuar ou esbater a coloração dos programas que lhe indicam a rota, através dos bióforos ou unidades de força psicossomática que atuam no citoplasma, projetando sobre as células e, conseqüentemente, sobre o corpo os estados da mente, que estará enobrecendo ou agravando a própria situação, de acordo com a sua escolha do bem ou do mal.

Uberaba, 5/2/58.

*

As atividades mediúnicas ou paranormais: fenômenos anímicos e relações espirituais. Relações psíquicas entre vivos e entre estes e os Espíritos: o meio psíquico interexistencial. Psicologia evolutiva palingenésica: instintos orgânicos e instintos anímicos determinando o grau evolutivo e as possibilidades de atualização espiritual do ser na existência.

Livro: O ESPÍRITO E O TEMPO.

J. HERCULANO PIRES

CAPÍTULO II - HORIZONTE AGRÍCOLA: ANIMISMO E CULTO DOS ANCESTRAIS

1. RACIONALIZAÇÃO ANÍMICA — Quando estudamos o "horizonte agrícola", ou seja, o mundo das primeiras formas sedentárias de vida social, vemos o animismo tribal desenvolver-se no plano da racionalização. Estamos naquele momento hegeliano, e por isso mesmo dialético, em que a razão se desenrola no processo histórico, entendido este como progresso do homem na terra. A domesticação de animais e de plantas, a invenção e o emprego de instrumentos, a criação da riqueza, processam-se de maneira simultânea com o aumento demográfico e o desenvolvimento mental do homem.

É precisamente do desenvolvimento mental que vai surgir uma consequência curiosa: o aprofundamento da crença tribal nos espíritos, num sentido de personalização, envolvendo os aspectos e os elementos da natureza. A experiência concreta, que deu ao homem primitivo o conhecimento da existência dos espíritos, alia-se agora ao uso mais amplo das categorias da razão. As duas formas gerais de racionalização do Universo, que aparecem nesse momento, e que devem constituir a base de todo o processo de racionalização anímica, são a concepção da Terra-Mãe e a do Céu-Pai. Essas formas aparecem bem nítidas no pensamento chinês, que conservou até os nossos dias os elementos característicos do "horizonte agrícola". O céu é o deus-pai, que fecunda a terra, deusa-mãe.

Em algumas regiões, como podemos ver no estudo da civilização egípcia, há uma inversão de posições: o céu é mãe e a terra é pai. Essa inversão não tem outra significação que a de maior importância da terra ou do céu para a vida das tribos. Quando as inundações do Nilo não dependem das chuvas locais, não parecem provir do céu, mas das próprias entranhas da terra. Esta encarna, então, o poder fecundante, cabendo ao céu, tão-somente, o papel materno de proteger as plantações. Os estudos materialistas confundem o problema da racionalização com o da experiência concreta da sobrevivência. Tomam, pois, a Nuvem por Juno, ao concluírem que o homem primitivo atribui à terra e ao céu uma feição humana, unicamente para tornar o mundo exterior acessível à compreensão racional. Os estudos espíritas mostram que há uma distinção a fazer-se, nesse caso. O processo de racionalização decorre da experiência concreta, e por isso mesmo não pode ser encarado de maneira exclusivamente abstrata.

Procuremos esclarecer isto. De um lado, temos a experiência concreta, constituída pelos contatos do homem com realidades objetivas. De outro lado, temos o processo da racionalização do mundo, ou seja, de enquadramento dos aspectos e dos elementos da natureza nas categorias da razão ou categorias da experiência. Da mesma maneira porque o contato do homem com o espaço físico lhe fornece uma medida para aplicar às coisas exteriores — a categoria espacial,

o conceito de espaço — assim também o contato com os fenômenos espirituais lhe fornece uma medida espiritual, que é conceito de espírito. Este conceito é usado no processo de racionalização, como qualquer outro. Mas é absurdo querermos negar os fatos concretos que deram origem à categoria racional, ou querermos atribuir a essa categoria uma origem abstrata, diferente das outras.

Somos levados, assim, a concluir que o animismo do "horizonte agrícola" apresenta três aspectos distintos, quando encarados sob a luz do Espiritismo. Temos primeiramente o aprofundamento do animismo tribal na personalização da natureza, que chamaremos Fetichismo, com os fetiches básicos da Terra-Mãe e do Céu-Pai. Depois, temos a fusão da experiência e da imaginação, com o desenvolvimento mental do homem, no progresso natural do Mediunismo. Dessa fusão vai nascer a mitologia popular, impregnada de magia. E em terceiro lugar encontramos a primeira forma de religião antropomórfica, conseqüência da experiência concreta de que fala Bozzano, com o culto dos ancestrais. Deuses-lares, manes e deuses-locais, como os deuses dos "nomos" egípcios, por exemplo, são entidades reais e não formas de racionalização. Nos deuses dos "nomos" egípcios, ou seja, das regiões do antigo Egito, temos já o momento de transição dos deuses reais para o processo de racionalização.

A transição se efetua por uma maneira bastante conhecida. É um processo de fusão, que encontramos ao longo de todo o desenvolvimento espiritual do homem. O Fetichismo se funde com o Culto dos Ancestrais, através do Mediunismo. Os fetiches, como a terra e o céu, misturam-se aos ancestrais, identificam-se a eles, na imaginação em desenvolvimento. A mente rudimentar não sabe ainda fazer distinções precisas. Assim, por exemplo, Osíris, que foi um antepassado e como tal recebeu um culto familiar, transforma-se numa personificação da terra, com o seu poder de fecundação, ou no próprio Nilo, cujas águas sustentam a vida. A projeção anímica se realiza, nesse caso, através de uma experiência concreta. A mitologia nasce da história, pois a existência histórica de Osíris é convertida em mito, pela necessidade de racionalização do mundo. Nada melhor que os estudos de "sir" James Frazer sobre o mito de Osíris, para nos mostrar isso.

Kardec esclarece este problema, ao comentar a pergunta 521 de "O Livro dos Espíritos", afirmando: "Os antigos haviam feito desses Espíritos divindades especiais. As Musas não eram mais do que personificação alegórica dos Espíritos protetores das ciências e das artes, como chamavam pelos nomes de lares e penates os Espíritos protetores da família. Entre os modernos, as artes, as diferentes indústrias, as cidades, os países, têm também os seus patronos, que não são mais do que os Espíritos Superiores, mas com outros nomes." Ao fazerem dos Espíritos "divindades especiais", como assinala Kardec, os antigos procediam à racionalização do mundo, o que não quer dizer que os Espíritos fossem apenas formas racionais". Essas formas, pelo contrário, decorriam de fatos concretos, de realidades naturais.

Como vemos, ao tratar do animismo primitivo e seu desenvolvimento no "horizonte agrícola", não podemos negar a existência real dos espíritos, a pretexto de explicar o mecanismo do processo de racionalização. Este mecanismo torna-se mesmo inexplicável, quando lhe suprimimos a base concreta dos fatos, como dizia Bozzano, na qual se encontram os espíritos comunicantes. Vê-se claramente a distorção da realidade, a guinada do pensamento para os rumos do ab-

surdo, quando os cientistas materialistas tentam explicar o processo de racionalização, ignorando as experiências mediúnicas do homem primitivo. O Espiritismo restabelece a verdade, ao mostrar a importância do mediunismo no desenvolvimento humano.

2. O EXEMPLO EGÍPCIO — A China e a Índia são os dois países que conservaram até os nossos dias a estratificação religiosa do horizonte agrícola. Mas não são os únicos. Aquilo que chamamos de horizonte agrícola, o mundo das grandes civilizações agrárias, constitui uma espécie de subconsciente coletivo das civilizações modernas. Os resíduos mágicos, anímicos e mitológicos do horizonte tribal e do horizonte agrícola apresentam-se ainda bastante fortes no mundo contemporâneo. Nossas religiões mostram-se poderosamente impregnadas desses resíduos. Mas o antigo Egito oferece-nos, talvez, o quadro que melhor demonstra a passagem dos deuses-familiares para a categoria dos deuses-cósmicos ou universais.

O exemplo egípcio é fecundo em vários sentidos. Não só demonstra essa transformação dos deuses, como também nos fornece as raízes históricas de vários dogmas, sacramentos e instituições das religiões dominantes em nosso mundo. Já estudamos, embora rapidamente, o caso de Osíris, cuja existência real é transformada em mito. Esse caso nos coloca numa posição semelhante a de Evêmero, para quem os deuses mitológicos haviam sido personagens reais. Mas é essa, exatamente, a posição espírita, como já vimos em Kardec. A mitologia, encarada atualmente como uma forma de racionalização, é para o Espiritismo um pouco mais do que isso. Porque é também uma prova da participação dos Espíritos na História, ao mesmo tempo que uma poderosa fonte de esclarecimento dos problemas religiosos.

Vemos no Egito duas categorias de deuses, bem definidas: a dos deuses-cósmicos e a dos deuses-familiares. Na primeira, encontramos a tríade familiar constituída por Osíris, Ísis e Hórus, com toda a sua corte de divindades consanguíneas e de outras divindades. Na segunda, encontramos casos curiosos, como os referentes aos deuses Imhotep, Amenhotep e Bês, o anão. Estes deuses-familiares oferecem-nos o exemplo de divinização cósmica e universal que justifica a tese evemerista. Imhotep, médico do rei Dsejer, da terceira dinastia, e Amenhotep, arquiteto e médico de Amenofis III, da décima oitava dinastia, passam lentamente da categoria de deuses-familiares para a de deuses-universais, adorados como entidades-terapeutas, para chegarem depois ao limiar da categoria superior de deuses-cósmicos, encarnando a própria medicina ou os poderes curadores da natureza.

Quando vemos todo esse processo de transformação realizar-se aos nossos olhos, através dos estudos históricos, compreendemos a maneira por que a família cósmica de Osíris, Ísis e Hórus, o deus-pai, a deusa-mãe e o deus-filho, foram elevados da terra ao céu. Assim como Imhotep e Amenhotep, anteriormente adorados na família real, como deuses-familiares, depois se tornam deuses-populares, e por fim se transformam em divindades mitológicas ou deuses-cósmicos, assim também aconteceu, forçosamente, com a família osiriana. E isso quer dizer, pura e simplesmente, o seguinte: que aquilo que hoje chamamos, no Espiritismo, de espíritos-familiares, ou seja, a manifestação mediúnica dos parentes e amigos mortos, que velam pelos nossos lares, é a fonte da mitologia, a base do processo de racionalização e a própria origem das religiões.

O caso do anão Bês é também bastante elucidativo. Esse anão tornou-se um espírito-popular, isto é, passou do culto familiar para o culto do povo. Costumava aparecer cercado de macacos. Devia ter sido um anão que tratava de macacos sagrados. Depois de morto, seu espírito aparecia aos videntes, ou nos momentos de aparição mediúnica, da mesma maneira por que ele vivera. E como possuía virtudes que interessavam ao povo, além de apresentar-se de maneira curiosa, em breve rompeu os limites do culto familiar. Os macacos que o cercavam eram remanescentes da zoolatria, aliás muito abundante no Egito, onde a zoolatria imperou até o fim da civilização. O anão Bês é um caso típico de universalização de um deus-familiar. O fato de não ter esse processo atingido a categoria do deus-cósmico nada tem de extraordinário. Os processos naturais nem sempre se completam.

Os egípcios mantiveram-se apegados à zoolatria, como os indianos se mantêm até hoje. O escaravelho dos amuletos, a adoração do Boi Apis em Mênfis, de Íbis na bacia do Nilo, dos Crocodilos em Tebas e do Bode de Mendes no Delta, são exemplos da arraigada zoolatria egípcia. Mas há casos de ambivalência, como o do Crocodilo, que era adorado em Tebas e na região do Lago Noeris, mas caçado em Elefantina. A zoolatria passa por uma fase de humanização, que culmina na fusão de elementos animais com as figuras humanas. O caso da deusa Hator é típico. Essa deusa, que equivale à Ceres dos romanos e à Demeter dos gregos, ora é apresentada com orelhas de vaca, ora com chifres, ora com o bucrânio, ou ainda com este e o sistro. A lei de adoração de que fala Kardec, evolui dos animais para as formas humanas, mas de maneira lenta. Os resíduos animais se conservam ainda nas figuras dos deuses antropológicos, como nas próprias imagens de Horus, com cabeça de falcão.

A humanização dos deuses animais, que é fatal, pois a zoolatria não é mais que uma projeção anímica, vai implicar também a organização familiar do panteão divino. Os deuses são reunidos em famílias, e a forma mais simples destas famílias é a tríade, constituída pelo pai, a mãe e o filho, como vimos no caso de Osíris. Essa tríade familiar, derivada do sistema patriarcal do horizonte agrícola, é uma das formas mais antigas da trindade divina. O conceito de espírito, entretanto, fará sentir a sua influência nesse processo de socialização dos deuses. Assim como, de um lado, os elementos animais serão fundidos nas figuras humanas das divindades, de outro, o conceito de espírito, ou seja, a idéia de espírito como forma sobre-humana de existência, fará a sua intervenção, em sentido contrário, na organização das famílias humanas.

Digamos isto de maneira mais clara, se possível. No processo de desenvolvimento da lei de adoração, os resíduos animais são projetados nas figuras humanas dos deuses, como no caso das orelhas e dos chifres da deusa Hator. Mas, ao mesmo tempo, o conhecimento que o homem obteve, através da experiência mediúnica, da existência de seres espirituais, semelhantes aos seres humanos, permitirá o agrupamento dos deuses em famílias e fará que as famílias humanas sofram a intervenção divina. É o caso dos deuses gregos, que se enamoravam das "filhas dos homens". O caso de Pitágoras, que não era filho de seu pai humano, mas do deus Apolo. O caso da teogamia egípcia, de que derivam as doutrinas teogâmicas das religiões cristãs.

A teogamia egípcia atingiu sua forma perfeita, ou pelo menos a mais definida, com a rainha Hatsepsut, cerca de 1.500 a. C., conservando o seu vigor

até os Ptolomeus, no IV século a. C. Segundo essa doutrina, os Faraós eram portadores de dupla natureza, a humana e a divina, porque eram filhos da rainha com o deus-solar. Não eram, portanto, filhos de um homem, e nem mesmo de um homem-deus, mas do próprio Deus, que através de processos divinos fecundava a rainha. O conhecimento desses processos históricos é indispensável ao espírita, para imunizá-lo contra as deturpações místicas ou supersticiosas da doutrina, tão comuns num mundo que, apesar de se orgulhar do seu progresso científico, ainda não se libertou de sua pesada herança mitológica.

3. OS MITOS AGRÁRIOS — A vida agrária, como já acentuamos, marcou profundamente o espírito humano, em seu desenvolvimento, nos rumos da civilização. Os mitos do horizonte agrícola exercem ainda poderosa influência em nosso mundo. Isso contribui para o descrédito das religiões, em face dos estudiosos de história, e mais ainda, dos que tratam de mitologia. Osíris, por exemplo, como típico deus agrário, parece constituir uma prova das origens míticas do dogma da ressurreição. Quando os cristãos proclamam a ressurreição de Cristo, os estudiosos sorriem com desdém, lembrando a ressurreição de Osíris.

Vejamos porque. Osíris, filho da Terra e do Céu, cresce, viceja, explende, e então é ceifado, retalhado ou moído, e por fim enterrado. Mas da terra, como as sementes, Osíris renasce, para começar novo ciclo, semelhante ao anterior. Morto e espotejado por Set, seu irmão, é ressuscitado por sua esposa e irmã, a deusa Ísis, através de ritos especiais. Está bem visível a analogia agrária. Osíris é como o trigo, que depois da ceifa sofre a debulha, volta a ser enterrado na sementeira, e por fim enterrado. Mas da terra, como sementes, Osíris renasce, para começar novo ciclo, semelhante ao anterior. Morto e espotejado por Set, seu irmão, é ressuscitado por sua esposa e irmã, a deusa Ísis. Osíris é como o trigo, que depois da ceifa sofre a debulha, volta a ser enterrado na sementeira, e por fim renasce. Às vezes, associado ao Nilo, é um deus fluvial. Cresce com a inundaçã, declina e morre na vazante, mas depois ressuscita e faz nascerem as plantas, com o poder mágico das águas.

Osíris, deus-fluvial, está naturalmente ligado ao cultivo da terra. No seu aspecto fluvial, porém, apresenta-nos um elemento novo, que é a magia da água. Vemos nele a "água pura", que serve para purificar a terra seca, estéril, poeirenta, e com ela os homens e os animais; a "água da renovação", usada largamente nas abluções sagradas e utilizada nas formas batismais, como no caso clássico de João Batista; e, por fim, a "água fecundante", que representa a virilidade do deus-fluvial, fecundando a terra. Por isso, na sua mais alta expressão mitológica, o Nilo flui das mãos de Osíris, para se derramar como uma bênção sobre a terra árida.

"Deus-agrário, — diz John Murphy — deus da inundaçã e de uma vida nova, a todos levava a esperança da ressurreição." Essa esperança mantinha o prestígio do deus. Assim como ele morrera para ressuscitar, através dos ritos agrários de Ísis, assim também os homens, uma vez submetidos a ritos semelhantes, ressuscitavam. Essa crença ingênua faz lembrar o dogma cristão, nas palavras do apóstolo Paulo: "Se não há ressurreição dos mortos, também Cristo não ressuscitou." (I. Cor. 15:12.) O sentido osírico da ressurreição cristã torna-se mais evidente, quando os ritos agrários são exigidos para que a alma se salve, ou seja, para que realmente possa ressuscitar. Por outro lado, há um paralelismo histórico bastante comprometedor. Osíris, graças à ressurreição, mostrou-se capaz

de superar os outros deuses egípcios, da mesma maneira por que, mais tarde, graças à ressurreição, o Cristianismo superaria as demais religiões orientais que invadiram o Império Romano.

O dogmatismo religioso não consegue furtar-se ao impacto dessas comparações. A fé ingênua, imposta pela autoridade e a tradição, derrete-se como cera frágil, ao fogo da razão. Somente a fé racional, ou a "fé raciocinada", como queria Kardec, pode enfrentar serenamente essa análise histórica, sem perder-se na negação ou extraviar-se na dúvida. De outro lado, a razão cética, por mais cultivada que seja, não consegue penetrar a essência do mito agrário. Assim como a fé necessita da luz da razão, esta luz, por sua vez, necessita do pavio da fé.

O Espiritismo demonstra que o mito agrário é essencialmente analógico, nasce do poder comparativo da razão. Esse poder assimilou, desde a era tribal, a ressurreição humana, demonstrada pelos fatos mediúnicos, à ressurreição vegetal. Sem a prova material da existência do espírito, da sobrevivência do homem, o mito agrário se reduz ao seu aspecto analógico, não deixando perceber os motivos profundos da analogia. Daí a descrença e o sorriso irônico dos "sábios", que na verdade deviam esperar para sorrir mais tarde, uma vez que os que riem por último riem melhor.

Agrário, também, é o mito da Virgem-Mãe, que adquire amplitude social e política na doutrina da teogamia egípcia, como já vimos. A terra, deusa-mãe, é virgem antes e depois do parto, pois não sai maculada da fecundação e está sempre em estado de pureza. Fecundada pelo deus celeste, floresce nas messes, embalando no seu colo materno o Messias, ou seja, o deus-solar, que traz a luz, a vida e a fartura das colheitas, após o inverno. O mito agrário da Virgem-Mãe tem ainda o seu aspecto astronômico, à semelhança de todos os deuses-agrírios, uma vez que a terra e o céu se conjugam no mistério da fecundação. A constelação da Virgem é a primeira a aparecer no céu, após o solstício do inverno. Dela nasce o Sol, o Messias. E a constelação continua virgem, após o nascimento. A palavra "messe", como se vê, tem um grande poder mítico: dela derivam o nome do Messias e do culto que lhe atribuem, mais tarde representado na liturgia da Missa.

Assim também o mistério do pão e do vinho. O pão representava nos mistérios gregos a deusa Demeter, ou a Ceres para os romanos, mãe dos cereais. O vinho representava Baco ou Dionísio, deuses da alegria, da vida, e portanto do espírito. Comer o pão e beber o vinho era simbolizar a fecundação da matéria pelo poder do espírito. A matéria impregnada pelo poder do espírito era representada, nas cerimônias religiosas pagãs, pelo pão embebido de vinho. Quando os hebreus chegaram a Canaã encontraram essa prática entre os cananitas.

Todo o horizonte agrícola se mostra dominado por essa simbologia mágica do pão e do vinho, de que o próprio Cristo se serviu, não para sujeitar os homens ao símbolo, mas para ilustrá-los através dele. Bastam esses exemplos, para vermos a intensidade da impregnação mítica do pensamento religioso contemporâneo. O Espiritismo luta contra essa impregnação, libertando o homem do peso esmagador do horizonte agrícola, para conduzi-lo ao horizonte espiritual, que Jesus anunciou à mulher samaritana.

4. JEOVÁ, DEUS AGRÁRIO — Quando estudamos religião comparada, ou história das religiões, o exame do "horizonte agrícola" nos revela a natureza

agrária do deus bíblico Iavé ou Jeová. As diferenças fundamentais existentes entre o Deus bíblico dos hebreus e o Deus evangélico dos cristãos decorre da diferença de "horizontes". Jeová é um deus mitológico, em fase de transição para o "horizonte espiritual". Nasceu, como todos os deuses agrários, por um processo sincrético. Nele se fundem a experiência concreta da sobrevivência humana, obtida através dos fatos mediúnicos, e a exigência de racionalização do mundo, manifestada nas elaborações mitológicas. Ao mesmo tempo, concepções várias, e até mesmo contraditórias, originadas ao longo da vida tribal e da vida agrícola, também se misturam nessa figura bíblica. Daí as suas contradições, que dão margem a tantas críticas, oriundas da incompreensão do fenômeno e da ignorância do processo histórico.

Encontramos em Jeová, num verdadeiro conflito, as características de deus-tribal e deus-universal, de deus-familiar e deus-popular, de deus-lar e deus mitológico. Como deus-tribal, Jeová é o guia e o protetor das tribos de Israel, e como deus-universal, pretende estender suas leis a todos os povos. Como deus-familiar, é o clássico "Deus de Abrão, Isaac e Jacó", protetor de uma linhagem de pastores, e como deus-popular, é o protetor de todos os descendentes de Abrão. Como deus-lar, é o Espírito que falava a Terá e a Abrão em Ur, à revelia dos deuses-nacionais dos caldeus, e como deus-mitológico, é aquele que declara na Bíblia "Eu sou o que sou", tendo a terra por escabelo de seus pés e o céu por morada infinita de sua grandeza sobre-humana.

O mesmo sincretismo que já estudamos no caso dos deuses egípcios aparece no deus hebraico. Se a deusa Hator, por exemplo, tinha orelhas de vaca, Jeová ordena matanças, misturando em sua natureza características humanas e divinas. Protege especialmente um povo, uma raça, com ferocidade tribal, e se não exige mais os antigos sacrifícios humanos, entretanto exige os sacrifícios animais e vegetais. Suas monumentais narinas, embora invisíveis, dilatam-se gulosas, como as de Moloc, aspirando o fumo dos sacrifícios. No Templo de Jerusalém, à maneira do que acontecia com os templos gregos, havia locais especiais para os sacrifícios sangrentos e os incruentos. Assim como Pitágoras, vegetariano, podia oferecer ao deus Apolo, na ara especial do templo, sacrifícios vegetais, assim também os hebreus podiam escolher a espécie de homenagens que deviam prestar a Jeová.

A história dos sacrifícios ainda está por ser escrita, embora muito já se tenha escrito a respeito. No dia em que a tivermos, na extensão e na profundidade necessárias, veremos uma nova confirmação histórica do desenvolvimento da lei de adoração. Dos sacrifícios humanos passamos aos de animais, destes aos vegetais, e destes aos cilícios, às penitências e aos simples ritos devocionais. Correrá muita água por baixo das pontes, antes que Paulo, apóstolo, possa proclamar, apoiado no ensino espiritual de Jesus, que existe um culto racional, consistente em oferecermos a Deus nosso próprio corpo, como "Hóstia imaculada". No entanto, Jeová já proclamara: "Misericórdia quero, e não sacrifício", demonstrando a sua evolução irrevogável para o "horizonte espiritual", que raiaria mais tarde.

Muitos estudiosos estranham a afirmação espírita de que o Deus bíblico é o mesmo Deus de Jesus. Fazendo uma distinção, que nos parece natural e necessária, entre a Bíblia, como Velho Testamento, e os Evangelhos, como Novo Testamento, diremos que o Deus bíblico é o mesmo Deus evangélico. As diferenças

entre ambos se explicam através da lei de evolução. Se os homens do horizonte agrícola não podiam conceber o Deus-único senão por uma forma sincrética, uma mistura de Deus e de Homem, os do horizonte espiritual irão concebê-lo de maneira mais pura. Não se trata, porém, de dois Deuses, e sim de um mesmo Deus, visto de duas maneiras. Por trás de todas as formas de Deus, encontra-se uma realidade única, que é o próprio Deus. Isso o que permitia a Jesus dizer-se filho de Jeová e ao mesmo tempo apontar o seu Pai como pai universal, em espírito e verdade.

Da mesma maneira, os princípios fundamentais da Bíblia não são negados, mas confirmados pelos Evangelhos. A Lei não é destruída, mas confirmada. Mais de uma vez nos servirá de esclarecimento a afirmação de Paulo: "A lei era o pedagogo, para nos conduzir a Cristo." A Torá judaica não valia pelas suas normas exteriores e transitórias, circunstanciais, mas pela sua substância. Essa substância é que prevalece, sendo confirmada por Jesus, nos dois mandamentos principais: "Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo." O processo histórico não é contraditório, mas progressivo. Quando não sabemos enxergar as linhas da evolução, em seu desenvolvimento natural, enxergamos apenas as aparentes contradições das coisas. Assim como a idéia de Deus evoluiu com os homens, desde a litolatria até as formas mitológicas, e destas à concepção espiritual que hoje aceitamos, assim também os princípios e os postulados bíblicos vão atingir sua verdadeira expressão nos Evangelhos, e por fim sua espiritualização no Espiritismo.

Há um encadeamento perfeito no processo histórico, que não podemos perder de vista. Graças a esse encadeamento os Espíritos puderam dizer a Kardec que o Espiritismo é o restabelecimento do Cristianismo, o que vale dizer: a última fase do desenvolvimento histórico do Cristianismo. Quando sabemos que este originou-se no solo do Judaísmo, representando um desenvolvimento natural da religião judaica, então compreendemos que o Espiritismo, como queria Kardec e como sustentava Léon Denis, é o ponto mais alto que podemos atingir, até hoje, em nossa evolução religiosa. Jeová, o deus-agrário, transforma-se no Pai evangélico, para chegar à "Inteligência Suprema", no Espiritismo. Jeová se depura, e com ele se depuram os ritos do seu culto, que por fim se transformam na "adoração em espírito e verdade", de que falava Jesus.

O "horizonte agrícola" permanece subjacente em nossa mentalidade moderna. Ainda não conseguimos libertar-nos de suas fórmulas agrárias, de seus deuses e seus cultos, carregados de sacrifícios animais e vegetais. O "horizonte civilizado" desenvolve-se sob os signos agrícolas. Mas virá, por fim, o momento de transição para o "horizonte espiritual", que assinalará uma fase de transcendência na vida humana.

*

Livro: O ESPÍRITO E O TEMPO

J.HERCULANO PIRES

V PARTE - A PRÁTICA MEDIÚNICA

CAPÍTULO I - PESQUISA CIENTÍFICA DA MEDIUNIDADE

1. SESSÕES EXPERIMENTAIS — A pesquisa científica dos fenômenos mediúnicos foi iniciada e desenvolvida por Allan Kardec na parte psicoló-

gica. Embora os fenômenos físicos despertassem maior interesse em todo o mundo, Kardec dedicou maior atenção aos fenômenos psicológicos, partindo de um critério metodológico justificado pela sua posição filosófica. Formado e especializado em Pedagogia, na Escola de Pestalozzi, interessava-se profundamente pelos problemas da natureza humana. Assim como o Magnetismo, em voga na época, abriu-lhe novas perspectivas para a investigação das potencialidades anímicas do homem, os fenômenos mediúnicos revelavam-lhe novas possibilidades nesse sentido. Considerou os fenômenos físicos como simples efeito de uma causa que era naturalmente mais importante. Em 1854, quando observou pela primeira vez fenômenos mediúnicos de natureza física (movimentos de objetos, dança das mesas etc.) considerou-os como de origem possivelmente energética, produzidos por indução de correntes elétricas das pessoas presentes ou efeitos desconhecidos da lei de gravidade. Logo mais estabeleceu relações entre o psiquismo dos médiuns e essas forças, antecipando de vinte anos a Psicologia-Fisiológica de Wilhem Wundt, que surgiria em 1874. Experiências posteriores com as meninas Julia e Carolina Baudin e com a srta. Japhet lhe provaram a presença de inteligências estranhas na produção e orientação dos fenômenos. Kardec reconheceu a importância desse fato e desenvolveu métodos específicos de pesquisa, relacionando os fatores espirituais com os psíquicos (psiquismo dos médiuns) e anímicos (alma dos médiuns) e fisiológicos. Esse complexo de fatores antecipava a metodologia de Wundt e superava antecipadamente a metodologia experimental de Weber e Fechner.

Das experiências iniciais com médiuns diversos, em que obteve o material reunido em *O Livro dos Espíritos*, passou aos trabalhos sistemáticos da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, onde contava com a colaboração de Camille Flammarion, Alexandre e Gabriel Delanne, Victorien Sardou, Didier e outros. Recusou-se a fazer pesquisas físicas, deixando estas a cargo dos especialistas científicos que punham em dúvida a validade dos seus trabalhos. Sua convicção o levava a não desviar-se do rumo traçado e a lançar esse desafio aos adversários e críticos. A tenacidade e o rigor com que prosseguiu nas pesquisas, que qualificou justamente de psicológicas, e os resultados a que chegou, positivos e irrefutáveis, teriam lhe assegurado a posição de iniciador da Psicologia Experimental que deram a Wundt, e a de pioneiro da Psicologia Profunda, que deram a Freud. Ao tratar das manifestações anímicas dos médiuns revelou a existência do inconsciente, sua dinâmica e sua influência no comportamento humano, e isso quando Sigmund Freud não tinha mais do que um ano de idade. A catarse espírita de Kardec foi muito mais eficaz e profunda que a catarse psicanalítica de hoje. Albert de Rochas o provou na França e Wladimir Raikov, seguindo o método empregado por De Rochas, o comprova hoje na Universidade de Moscou, enquanto Ian Stevenson faz o mesmo na Universidade da Califórnia (EUA) embora sem o gênio e o rigor kardecianos. O preconceito científico (aberração nas ciências) e a alienação cultural ao materialismo, que colocou um pressuposto absurdo como base de toda a Ciência, negaram a Kardec o reconhecimento de sua contribuição ao desenvolvimento da Cultura.

O desafio aos sábios, entretanto, surtia os seus efeitos. As pesquisas de William Crookes, Henry Sidgurick, Edmund Gurney, Oliver Lodge, Frederic Myers, Schrenk Notzing, Charles Richet, Gustave Geley, Eugene Osty, Frederic Zöllner, Paul Gibier e tantos, tantos outros nomes exponenciais da Ciência comprovaram, nos anos sucessivos, a validade absoluta do trabalho pioneirís-

simo de Kardec. Hoje a Parapsicologia e a própria Física, que rompeu o seu arcabouço de materialismo estratificado, mostraram, sem querer e sem saber, que as conclusões kardecianas são verdadeiras. Incumbiram-se os parapsicólogos e os físicos atuais da reparação científica devida inexoravelmente a Kardec.

Muitas pessoas reclamam da falta de pesquisas científicas dos fenômenos espíritas na atualidade, sem perceber que essas pesquisas prosseguem como deviam e como Kardec desejava, ou seja, nos laboratórios científicos de todos os grandes centros universitários do mundo, pela força das coisas, como escrevia Kardec, por necessidade absoluta do progresso científico e sem qualquer delimitação ideológica ou sectária. E enquanto os cientistas cumprem o seu dever de pesquisar sem preconceitos, os espíritas prosseguem na prática de suas atividades doutrinárias, socorrendo as vítimas do equívoco científico (os obsedados, fascinados e subjugados) através de suas simples e humildes sessões de assistência fraterna e gratuita. Isso não impede que os espíritas, no âmbito de suas instituições doutrinárias, realizem também suas sessões de pesquisas científicas. Mas as instituições espíritas, em geral, não dispõem de condições para esse trabalho especializado (diremos mesmo: especializadíssimo) que exige a participação de especialistas, de aparelhagem custosa, de todos os recursos de um laboratório de tipo universitário. Algumas instituições espíritas aventuram-se ingenuamente à promoção de pesquisas sem disporem de nada disso. Alimentam ainda as crendices religiosas do passado, esperando que o Alto (o mundo dos espíritos superiores) possa suprir as suas desoladoras deficiências culturais e conceptuais, no tocante ao problema espírita. Alguns graduados universitários pensam que seus canudos de bacharel ou licenciado são suficientes para lhes dar a habilitação especializada que não possuem. Criam institutos científicos domésticos, sem recursos de espécie alguma para pesquisas complexas e refinadas, e passam a julgar-se e a apresentar-se, até mesmo em televisões, como cientistas dignos de acato. Um pouco de bom senso bastaria para lhes mostrar o erro em que incidem. Enquanto não tivermos uma Universidade suficientemente aparelhada — em pessoal especializado e competente e com aparelhagem técnica suficiente — não podemos promover sessões de materialização, efeitos físicos, ectoplasmia diversificada, psicofonia e escrita direta, que possam dar algum resultado positivo no campo dos interesses científicos. O exemplo de Kardec deve servir de advertência aos que se aventuram nesse terreno escorregadio. Vivendo num tempo em que o problema científico era muito menos complexo do que hoje, assim mesmo ele se recusou a dedicar-se a trabalhos que poderiam desviá-lo do campo exigente da elaboração e divulgação da Doutrina Espírita, que precisava levar o seu socorro imediato ao povo, preparando a mente popular para a superação indispensável das concepções supersticiosas do passado. A tarefa principal de um espírita consciente, naquele tempo, como ainda hoje, era a de assentar as bases do novo edifício a construir. Os meios científicos atuais já chegaram à compreensão de que os tabus materialistas foram pulverizados pelas explosões atômicas. A realidade espiritual se impõe de tal maneira que os materialistas são obrigados a sofismar e até mesmo a disfarçar suas conquistas científicas mais avançadas, para não darem a mão à palmatória implacável da Verdade. A História, a Filosofia, a Psicologia, a Antropologia, a Física, a Astronáutica — todas as Ciências, enfim — já atravessaram o limiar do Mundo Espiritual e não podem mais recuar. Já temos a pesquisa da reencarnação, dos fenômenos paranormais, especialmente dos chamados *fenômenos thêta*

(de manifestações e comunicações de espíritos) nos mais adiantados centros universitários do mundo, sem excluir sequer os da órbita soviética, onde o *corpo-bioplásmico* é o novo fantasma, agora constituído de plasma físico, que apavora os remanescentes do Materialismo falecido por asfixia e reduzido a cinzas nos fornos crematórios da Verdade. Pensemos nisso, analisemos bem esses problemas, antes de nos aventurarmos a pioneiros de porão, na retaguarda do avanço científico e tecnológico das nossos dias, que não estamos em condições de acompanhar.

2. SESSÕES DOUTRINARIAS — A prática espírita não dispensa a constante orientação doutrinária dos que desejam realizá-la com eficácia e proveito. As sessões de estudo e debates são obrigatórias em todas as instituições. Aparentemente elas não são mediúnicas, mas na realidade o são, pois é fácil constatar-se que em todas elas os espíritos orientadores estão presentes, auxiliando na orientação dos trabalhos, e às vezes até mesmo se manifestam para algum esclarecimento ou advertência. O estudo e os debates devem cingir-se às obras da Codificação. Substituir as obras fundamentais por outras, psicografadas ou não, é um inconveniente que se deve evitar. Seria o mesmo que, num curso de especialização em Pedagogia, passar-se a ler e discutir assuntos de Mecânica, a pretexto de variar os temas. O aprendizado doutrinário requer unidade e seqüência, para que se possa alcançar uma visão global da Doutrina. Todas as obras de Kardec devem constar desses trabalhos, desde os livros iniciáticos, passando pela Codificação propriamente dita, até aos volumes da *Revista Espírita*. Precisamos nos convencer desta realidade que nem todos alcançam: Espiritismo é Kardec Porque foi ele o estruturador da Doutrina, permanentemente assistido pelo Espírito da Verdade. Todos os demais livros espíritas, mediúnicos ou não, são subsidiários. Estudar, por exemplo, uma obra de Emmanuel ou André Luiz sem relacioná-la com as obras de Kardec, a pretexto de que esses autores espirituais superaram o Mestre (cujas obras ainda não conhecemos suficientemente) é demonstrar falta de compreensão do sentido e da natureza da Doutrina. Esses e outros autores respeitáveis dão sua contribuição para a nossa maior compreensão de Kardec. Não podem substituí-lo. É bom lembrar a regra do *consenso universal*, segundo a qual nenhum espírito ou criatura humana dispõem, sozinhos, por si mesmos, de recursos e conhecimentos para nos fazerem revelações pessoais. Esse tipo de revelações individuais pertence ao passado, aos tempos anteriores ao advento da Doutrina. Um novo ensinamento, a revelação de uma *verdade nova* depende das exigências doutrinárias de:

- a) Concordância universal de manifestações a respeito;
- b) Concordância da questão com os princípios básicos da Doutrina;
- c) Concordância com os princípios culturais do estágio de conhecimento atingido pelo nosso mundo;
- d) Concordância com os princípios racionais, lógicos e logísticos do nosso tempo.

Fora desse quadro de concordâncias necessárias, que constituem o *consenso universal*, nada pode ser aceito como válido. Opiniões pessoais, sejam de sábios terrenos ou do mundo espiritual, nada valem para a Doutrina. O mesmo ocorre nas Ciências e em todos os ramos do Conhecimento na Terra. Porque o Conhecimento é uma estrutura orgânica, derivada da estrutura exterior da reali-

dade e nunca sujeita a caprichos individuais. Por isso é temeridade aceitar-se e propagar-se princípios deste espírito ou daquele homem como se fossem elementos doutrinários. Quem se arrisca a isso revela falta de senso e falta absoluta de critério lógico, além de falta de convicção doutrinária. O Espiritismo não é uma doutrina fechada ou estática, mas aberta ao futuro. Não obstante, essa abertura está necessariamente condicionada às regras de equilíbrio e de ordem que sustentam a validade e a eficácia da sua estrutura doutrinária.

Como a Química, a Física, a Biologia e as demais Ciências, o Espiritismo não é imutável, está sujeito às mudanças que devem ocorrer com o avanço do conhecimento espírita. Mas como em todas as Ciências, esse avanço está naturalmente subordinado às exigências do critério racional, da comprovação objetiva por métodos científicos e do respeito ao que podemos chamar de *natureza da doutrina*. Introduzir na doutrina práticas provenientes de correntes espiritualistas anteriores a ela seria o mesmo que introduzir na Química as superadas práticas da Alquimia. As Ciências são organismos conceptuais da cultura humana, caracterizados pela sua estrutura própria e pelas leis naturais do seu crescimento, como ocorre com os organismos biológicos.

Todos nós ainda trazemos a *herança empírica* do passado, anterior ao desenvolvimento da cultura científica, e somos às vezes tentados a realizar façanhas científicas para as quais não estamos aptos. E como todos somos naturalmente vaidosos, facilmente nos entusiasmos com a suposta possibilidade de nos tornarmos renovadores doutrinários. Nasce daí as mistificações como a de Roustaing, tristemente ridículas, a que muitas pessoas se apegam emocionalmente, o que as torna fanáticas e incapazes de perceber os enormes absurdos nelas contidos. Até mesmo pessoas cultas, respeitáveis, deixam-se levar por essas mistificações, por falta de humildade intelectual e de critério científico. Espíritos opiniáticos ou sectários de religiões obscurantistas aproveitam-se disso para introduzir essas mistificações em organizações doutrinárias prestigiosas, com a finalidade de ridicularizar o Espiritismo e afastar dele as pessoas sensatas que sabem subordinar a emoção à razão e que muito poderiam contribuir para o verdadeiro desenvolvimento da doutrina.

Por tudo isso, as manifestações mediúnicas em sessões doutrinárias devem ser recebidas sempre com espírito crítico. Aceitá-las como verdades reveladas é abrir as portas à mistificação, à destruição da própria finalidade dessas sessões. Também por isso, o dirigente dessas sessões deve ser uma pessoa de espírito arejado, racional, objetivo, capaz de conduzir os trabalhos com segurança. Kardec é sempre a pedra de toque para a verificação das supostas revelações que ocorrerem. O pensamento espírita é sempre racional, avesso ao misticismo. Os espíritos comunicantes, em geral, são de nível cultural mais ou menos semelhante ao das pessoas presentes. Não devem ser encarados como seres sobrenaturais, pois não passam de criaturas humanas desencarnadas, na maioria apegadas aos seus preconceitos terrenos. A morte não promove ninguém a sábio, nem confere aos espíritos autoridade alguma em matéria de doutrina. Por outro lado, os espíritos realmente superiores só se manifestam dentro das condições culturais do grupo, não tendo nenhum interesse em destacar-se como geniais antecipadores de descobertas científicas que cabe aos encarnados e não a eles fazerem. A idéia do sobrenatural, nas relações mediúnicas, é a fonte principal das mistificações.

Homens e espíritos vaidosos se conjugam nas tentativas pretensiosas de superação doutrinária. Se não temos ainda, no mundo inteiro, instituições espíritas à altura da doutrina, isso se deve principalmente à vaidade e à invigilância dos homens e espíritos que se julgam mais do que são. Nesta hora de muitas novidades, é bom verificarmos que as maiores delas já foram antecipadas pelo Espiritismo. É ele, o Espiritismo, a maior novidade dos novos tempos. Se tomarmos consciência disso, evitaremos os absurdos que hoje infestam o meio doutrinário e facilitaremos o desenvolvimento real da doutrina em bases racionais.

3. SESSÕES MEDIÚNICAS — As sessões mediúnicas propriamente ditas são as que se destinam à relação normal dos homens com os espíritos para fins de esclarecimento e orientação. A expressão *paranormal*, adotada e divulgada pela Parapsicologia, não se aplica ao campo espírita. Foi criada para substituir as expressões *sobrenatural e patológica*, das religiões e ciências do passado. No Espiritismo sabemos que as manifestações mediúnicas são ocorrências normais, que se verificaram desde todos os tempos, e mais, que essas ocorrências são de vários graus, desde a simples percepção extra-sensorial até às aparições, às materializações ou fenômenos de ectoplasmia (segundo a definição metapsíquica) e aos fenômenos de agêneres, bem definidos por Kardec. Nossas relações com os espíritos são constantes e naturais, tanto se passam no plano puramente mental, quanto no psíquico em geral e no plano sensorial. A comunicação mediúnica oral, escrita, tiptológica (através de pancadas ou *raps*), voz direta (ou psicofonia subjetiva, ou objetiva) como esclareceu Kardec, ocorre normalmente. A mente do desencarnado, como verificou em nosso tempo o cientista Wathely Carington, da Universidade de Cambridge, Inglaterra, é a mesma do homem, do espírito encarnado. Como os espíritos são, segundo Kardec, "uma das forças da Natureza", e convivem conosco, como os micróbios, os vírus, suas relações conosco são evidentemente normais, fazem parte do complexo de fenômenos da existência humana natural. O critério do normal e do anormal não decorre de normas estabelecidas pelos homens, mas da naturalidade dos fatos no equilíbrio das leis naturais. A loucura é anormal porque é um desequilíbrio. Nos fenômenos mediúnicos as leis naturais foram definidas por Kardec e posteriormente confirmadas pelas pesquisas científicas em todo o mundo. Os que pretenderam teorizar sobre a chamada loucura espírita só conseguiram revelar sua ignorância do assunto ou sua má fé a serviço de interesses mesquinhos de sectarismos bastardos.

Desde a selva até a civilização, os fenômenos mediúnicos se verificam em todos os tempos, como um processo normal de comunicações entre homens e espíritos. Como esse processo se passa entre mundos de dimensões materiais diferentes, Rhine concordou em chamá-los de extrafísicos, o que na verdade não está certo, pois o plano espiritual também possui densidade física e a própria Física foi obrigada a reconhecer essa realidade em nossos dias. É graças a essa identidade física que o espírito desencarnado, mas ainda revestido do corpo espiritual da tradição cristã (classificado na pesquisa soviética como corpo bioplásmico, formado de plasma – fluido composto de moléculas gasosas, eletricamente neutras, de íons positivos e de elétrons negativos - físico) consegue relacionar-se energeticamente com o corpo denso do médium e comunicar-se com os homens. O que se chama de mediunidade não é mais do que a possibilidade menor ou maior desse relacionamento, na verdade existente em todos os indivíduos humanos. O

ato mediúnico é, portanto, um ato de relacionamento humano, em que o sobrenatural só pode figurar como antiga superstição reavivada por pessoas cientificamente incapazes ou pelo menos desatualizadas. A expressão *médium* (intermediário) adotada por Kardec, é a mais apropriada, estando por isso mesmo generalizada em nossos dias, sendo empregada até mesmo nas ciências soviéticas. Expressões como *sensitivos*, *psicorrágicos*, *metérgicos* e outras servem apenas para denunciar posições contrárias ao Espiritismo. Mas o médium não é apenas o intermediário dos espíritos de pessoas mortas, como se vê em Kardec, Denis, Bozzano, Aksakof no passado, e em Rhine, Soal, Caringthon, Van Lenep e outros no presente. O médium é também o intermediário de si mesmo, dos extratos profundos de sua personalidade anímica, da consciência subliminar da teoria de Fredrich Myers. As manifestações anímicas dos médiuns não são mistificações, mas catarses necessárias para aliviá-lo de tensões conflitivas de sua memória profunda que perturbam o seu comportamento atual. Os fenômenos de vidência, visão à distância, precognição e outros são também mediúnicos, pois constituem manifestações de entidades subsistentes no psiquismo ancestral do médium ou o desencadear de percepções contidas nas hipóstases reencarnatórias da sua consciência subliminar. As criaturas que vivem à cata de erros de Kardec contestam a legitimidade dessa classificação, revelando simplesmente a sua ignorância dos problemas complexos da mediunidade. Por outro lado, é necessário lembrar que essas manifestações geralmente ocorrem através da ação de espíritos que são os *controladores* dos fenômenos, segundo a expressão de Gustave Geley.

Alguns estudiosos ainda discutem se a mediunidade é uma faculdade orgânica ou espiritual. Outros, mais afoitos e menos cuidadosos, chegam a afirmar que é uma faculdade do corpo. Basta a descrição de Kardec sobre o ato mediúnico para mostrar que a faculdade é espiritual. As pesquisas científicas modernas não deixam nenhuma possibilidade de dúvida a respeito. O espírito comunicante não se liga ao corpo material do médium, mas ao seu perispírito (o corpo espiritual) ou de maneira direta à sua mente, que, segundo Rhine e outros "não é física". Temos que considerar o fato importante do desprendimento mediúnico ou desdobramento, que nos mostra o médium abandonando o seu corpo material para projetar-se à distância (projeção do eu) fato recentemente ocorrido com o cientista norte-americano Andrew Puhariche e por ele estudado e relatado em seu livro *Os Elementos Alucinógenos do Cogumelo Dourado*. Nesse fenômeno, hoje positivado nas experiências psíquicas e parapsicológicas, tanto em suas manifestações espontâneas como nas provocadas, evidencia-se a natureza espiritual da mediunidade. Podemos reduzir a explicação da mediunidade numa frase: "Mediunidade é a capacidade do espírito desprender-se parcial ou totalmente do corpo, sem dele se desligar". Desprende-se o espírito para estabelecer relações com outros espíritos ou projetar-se à distância, mas não se desliga, pois o desligamento só ocorre no fenômeno da morte. Na própria *ausência psíquica* de curta duração, em meio a uma conversa, quando se diz: "Não ouvi o que você falou, pois meu espírito estava longe", temos um fato mediúnico. Graças a essa possibilidade, inerente à condição humana, os espíritos de pessoas vivas podem também comunicar-se. Leia-se o livro de Ernesto Bozzano: *Comunicações Mediúnicas Entre Vivos*, ou consulte-se Soal ou Amadou (este ferozmente antiespírita) o episódio experimental de Soal e Caringthon, na Universidade de Cambridge, em que um espírito de vivo comunicou-se por voz-

direta (falando diretamente no espaço, através de uma corneta acústica). O espírito comunicante era antigo colega de Soal e este levou cinco anos para constatar que ele não havia morrido, mas relatara fatos e situações de sua vida particular, com minúcias, que só mais tarde ocorreriam. Os cientistas ficaram aturdi-dos. Soal reconheceu o amigo pelo timbre da voz, logo às primeiras palavras.

Depois dessas generalidades necessárias, tentemos classificar os tipos de sessões mediúnicas mais em voga em nosso tempo:

a) *Sessões de doutrinação* — Precedidas sempre de uma prece, reali-zam-se à meia luz, para facilitar a concentração mental dos participantes. Essas características levam os adversários do Espiritismo a classificá-las como reuni-ões de magia ou de misticismo inferior. Na verdade são as mais úteis e necessá-rias, controladas por Espíritos caridosos que promovem a comunicação de enti-dades sofredoras e perturbadoras. Sua finalidade é esclarecer essas entidades e libertar as suas vítimas das perturbações que lhes causam. Não se evocam espí-ritos. As comunicações ficam a cargo do mundo espiritual. Há dois tipos fun-damentais: o das sessões livres ou abertas, em que muitos espíritos se comuni-cam ao mesmo tempo e são doutrinados por vários doutrinadores. O ambiente parece tumultuado e muitas pessoas sistemáticas condenam esse sistema. É o mais eficiente e produtivo, o mais conveniente numa fase de transição como a nossa, em que os problemas de obsessão se multiplicam. São consideradas co-mo de Pronto Socorro Espiritual, em que dezenas de doentes são socorridos ao mesmo tempo. O dirigente controla a ação dos médiuns e os Espíritos agem de duas maneiras, controlando o acesso dos espíritos necessitados e ajudando mui-tas vezes na doutrinação dos casos mais difíceis. Há barulho, muita gente falan-do ao mesmo tempo, mas não há desordem. Os espíritos mais rebeldes são con-trolados pelos médiuns devidamente instruídos e pela assistência espiritual. Não se submetem os médiuns a cursos complicados e longos, mas a instruções prá-ticas e objetivas, que são de grande eficiência. O volume de pessoas atendidas e de espíritos beneficiados é grande, mas vai diminuindo na proporção em que o tempo do trabalho se esgota. São encerradas com uma prece de agradecimento, às vezes precedidas de breves explicações sobre os casos mais difíceis, já então num ambiente de absoluta tranquilidade.

O outro tipo, de sessões fechadas ou autoritárias, é dirigido pelo presi-dente dos trabalhos, que submete as comunicações ao seu controle absoluto. As comunicações são reduzidas ao mínimo. Os médiuns não se deixam envolver pelas entidades sem que o presidente os autorize. Se ocorre uma comunicação demorada, vários médiuns permanecem inativos, à espera da sua vez. Não têm o sentido dinâmico de atendimento simultâneo num Pronto Socorro. Parecem-se mais a consultórios médicos em que os clientes têm hora marcada. Não obstan-te, produzem os seus resultados. Muitas entidades são doutrinadas indiretamen-te assistindo à doutrinação de outras. Quando não se dispõe de médiuns e dou-trinadores em número suficiente, esse sistema de controle fechado dá mais se-gurança ao presidente. Mas há a grande desvantagem de se colocar o presidente numa posição que lhe excita a vaidade e o autoritarismo. Os adeptos desse sis-tema apoiam-se nas instruções do Apóstolo Paulo em sua I Epístola aos Corín-tios. Paulo, de formação judaica, aconselha o uso controlado dos dons spiritu-ais, cada médium falando por sua vez. Acontece que são bem diferentes as con-dições do tempo apostólico e as de hoje. As sessões livres ou abertas atendem

melhor às necessidades atuais. Kardec, num país em que o analfabetismo não contava, dedicou maior interesse às sessões de psicografia. Mesmo porque essas sessões correspondiam às exigências de documentação de suas experiências. Em todo o mundo a psicografia ainda se mantém como uma forma mais eficiente de comunicação, pois permite a permanência dos textos para exames e comparações posteriores. Mesmo entre nós a psicografia tem um papel importante no desenvolvimento da doutrina, como se vê pelas contribuições de vários médiuns e particularmente da obra imensa e altamente significativa de Francisco Cândido Xavier. Mas nos centros e grupos espíritas populares, onde o analfabetismo está presente nos dois lados, com a manifestação de espíritos inferiores na maioria analfabetos, a psicografia se torna quase sempre impraticável. Essa a razão pela qual a preferência pelas sessões de comunicação oral se impôs.

Por outro lado, nas sessões de doutrinação e desobsessão a comunicação oral é mais valiosa, permitindo expressão mais completa do estado emocional e até mesmo patológico do espírito comunicante. Também a identificação do espírito se torna mais fácil, em geral com a evidência da voz, da mímica, dos modismos característicos da criatura que deixou o plano físico e no entanto retorna com todas as modalidades, tiques e trejeitos do seu corpo carnal desaparecido, o que comprova a identidade teórica do corpo somático com o corpo espiritual. Essa identidade não é constante, pois o espírito evolui no plano espiritual, mas a flexibilidade extrema da estrutura do perispírito permite a este voltar às condições anteriores numa comunicação com pessoas íntimas, seja pela vontade do espírito comunicante ou involuntariamente, pelas simples emoções desencadeadas no ato de aproximação do médium ou no ato de transmissão da comunicação.

As pessoas que não conhecem a doutrina e não dispõem de experiência na prática mediúnica sentem-se intrigadas com esses problemas. Como aconselhava Kardec, é conveniente não participarem de sessões sem terem lido obras esclarecedoras ou pelo menos recebido explicações de pessoa competente. Mas exigir que pessoas obsedadas ou médiuns em franco desenvolvimento tenham de freqüentar cursos de vários anos para poderem freqüentar as sessões de que necessitam, como fazem algumas instituições, é simplesmente um absurdo que raia pela falta de caridade.

b) *Sessões de desobsessão* — Kardec classificou as obsessões em três tipos, segundo o grau de atuação do espírito e submissão da vítima: obsessão simples, fascinação e subjugação. A obsessão simples pode ser tratada em sessões de doutrinação, sem maiores complicações. O obsedado é geralmente um médium em desenvolvimento, mas não sempre. Em muitos casos, uma vez esclarecido o espírito e o paciente se dedicando ao estudo e prática da doutrina, liberta-se e converte o obsessivo em seu amigo e colaborador. É o que Jesus ensinava: "Acerta-te com o teu adversário enquanto estás a caminho com ele." O obsedado não se transforma em médium, mas em doutrinador ou dedicado auxiliar em campos diversos da atividade doutrinária. Mas a fascinação e a subjugação exigem tratamento mais intenso e restrito a pequeno grupo de trabalho, integrado por médiuns conscientes da responsabilidade e das dificuldades do serviço e dirigido por pessoas competentes e estudiosas. A cura pode ser obtida em poucos dias ou levar meses e até anos, com fases intermitentes de melhora e recaída. Só a insistência no trabalho desobsessivo e a vontade ativa do paciente

no sentido de libertar-se podem apressar os resultados. A dificuldade maior está sempre na falta de vontade do paciente, acostumado à ligação obsessiva, numa situação ambivalente, em que ao mesmo tempo quer libertar-se mas continua apegado ao obsessor, sentindo sua falta quando ele se afasta e invocando-o inconscientemente. Há obsessores que se consideram, com razão, obsedados pela sua vítima. Idéias, hábitos, tendências alimentadas pelo obsedado constituem elementos de atração para o obsessor. Nesses casos, o trabalho maior da desobsessão é com a própria vítima. Os dirigentes do trabalho precisam estar atentos, vigilantes quanto ao comportamento do obsedado, ajudando-o constantemente a reagir contra as influências do espírito e contra as suas próprias tendências e hábitos mentais. A mente do obsedado, nesses casos, é o pivô do processo. Ensinar-lhe a controlar e dominar sua mente pela vontade, com apoio no esclarecimento doutrinário, é o que mais importa. Do domínio da mente decorre naturalmente o domínio das emoções e dos sentimentos, que são por assim dizer os elementos de atração do espírito obsessor.

Nenhuma atitude exorcista, na tentativa de afastar o obsessor pela força ou através de ameaças dá resultados. A doutrinação é um trabalho paciente de amor. Deve-se compreender que estamos diante de casos de reconciliação de antigos desafetos, carregados de ódio e de cumplicidade-mútua em atividades negativas. Todo e qualquer elemento material que se queira empregar — passes complicados, preces insistentes e demoradas, uso de objetos ou coisas semelhantes — tudo isso só servirá para prolongar o processo obsessivo. O importante é a persuasão amorosa, o esclarecimento constante de obsedado e obsessor. O doutrinador é sempre auxiliado pela ação dos Espíritos sobre obsessor e obsedado. Todas as prescrições de medidas prévias a serem tomadas pelos membros da equipe de médiuns, como abstenção de carne, repouso antes do trabalho, abstenção de fumo e álcool, comportamento angélico durante o dia e assim por diante, não passam de prescrições secundárias. Os médiuns têm naturalmente o seu comportamento normal regidos por princípios morais e espirituais. Se não o tiverem, de nada valerão essas improvisações de santidade. Se o tiverem, não necessitam desses artifícios. Como Kardec explica, a única autoridade que se pode ter sobre os espíritos é a de ordem moral, e o que vale no socorro espiritual não são medidas de última hora, mas a intenção pura de médiuns e doutrinadores, pois que: "O Espiritismo é uma questão de fundo e não de forma." As medidas que se devem tomar, quando médiuns e doutrinadores não forem suficientemente esclarecidos, são apenas as precauções que o bom senso indica: não exceder-se na alimentação, na bebida, nos falatórios impróprios e maldosos no dia do trabalho. É necessário afastar os artifícios do religiosismo místico e as pretensões de importância pessoal no ato de doutrinarem. Médiuns e doutrinadores são apenas instrumentos — conscientes, é claro — mas instrumentos dos Espíritos benevolentes que deles se servem na hora do trabalho. O mérito individual de cada um está apenas na boa intenção e no amor que realmente os anime no serviço fraterno.

É natural a tendência mística na prática mediúnica, proveniente do sentimento religioso do homem e dos resíduos do fanatismo religioso do passado, em que fomos cevidos no medo ao sobrenatural e no anseio de salvação pessoal através de sacramentos e atitudes piegas. Mas temos de combater e eliminar de nós esses resíduos farisaicos e egoístas, tomando uma atitude racional e consciente nas relações com os espíritos, que ainda ontem eram nossos companheiros

na existência terrena e que a morte não transformou em santos ou anjos. O meio espírita está cheio de pregadores de voz untuosa e expressões místicas, tanto encarnados como desencarnados, mas a doutrina não nos indica o caminho do artifício e do fingimento e sim o das atitudes e posições naturais, sinceras e positivas, que não nos levem a cobrir com peles de ovelha nosso pelo grosso de lobos.

O povo se deixa atrair facilmente pelo maravilhoso, pelos milagres e milagreiros, mas os espíritos, que nos vêm por dentro, não se iludem com as farsas dos santarrões. A criatura humana é o que é e traz em si mesma os germes do seu aperfeiçoamento, não segundo as convenções formais da sociedade ou das instituições de santificação, mas segundo as suas disposições internas. Uma criatura espontânea, natural, aberta, choca-se com os artifícios, as manhas e os dengos de pessoas modeladas pelos figurinos da falsidade. Os espíritos, mais do que nós, sentem logo o cheiro de perfume barato e ardido desses anjinhos de procissão, cujas asas se derretem com os pingos da chuva. O Espiritismo não veio para nos dar novas escolas de farisaísmo, mas para nos despertar o gosto da autenticidade humana. Sabemos muito bem que nada valem as maneiras suaves, a voz macia e empostada, os gestos de ternura dramática, senão formos por dentro o que mostramos por fora. E é uma ilusão estúpida pensarmos que essa disciplina exterior atinge o nosso íntimo. Nosso esquema interior de evolução não cede aos modismos e às afetações do fingimento. A moral não é produto do meio social, mas da consciência. Seus princípios fundamentais estão em nosso íntimo e não fora de nós. A moral exógena (exterior) vem dos costumes, mas a moral endógena (interior) nasce das exigências da nossa consciência. A idéia de Deus no homem é a fonte dessa moral interna que supera o moralismo superficial da sociedade. Nas sessões de desobsessão o que vale não é o falso moralismo dos homens, mas a moral legítima do homem. Essa busca do natural, do legítimo, do humano, é a constante fundamental do Espiritismo.

c) *Sessões de cura* — As sessões de cura distinguem-se das sessões de desobsessão por não tratarem apenas de problemas mentais e psíquicos, mas de todos os problemas da saúde. Os Espíritos exercem atividades curativas de todos os tipos e até mesmo realizam intervenções cirúrgicas em casos especiais. Isso não parece estranho quando nos lembramos de que os Espíritos são simplesmente homens desencarnados que vivem numa dimensão física próxima da realidade terrena, onde, como aqui, a mente opera sobre a matéria. Os planos espirituais mais próximos da crosta terrena são bastante semelhantes ao nosso. As sessões de cura material seguem as normas da sessão de desobsessão, mas acrescidas de medidas de controle dos fenômenos, como os das sessões de ectoplasma ou materializações. O ectoplasma é utilizado na recuperação de tecidos, na cicatrização muitas vezes imediata de incisões operatórias e no reequilíbrio de órgãos e funções. Antecipando um século as práticas da medicina psicossomática, a terapêutica espírita mostrou que as doenças somáticas se originam no psiquismo. A descoberta do corpo-bioplásmico em nossos dias comprovou essa tese espírita. A Parapsicologia vem contribuindo bastante para o esclarecimento desse problema e hoje é grande o número de médicos que aceitam a contribuição espírita nesse campo.

Mas justamente por isso as sessões de cura não podem ser realizadas sem a participação de médicos-espíritas. A exigência da condição espírita dos

médicos decorre da necessidade de conhecimentos da problemática espírita. Os médicos não-espíritas não dispõem de recursos para compreender o que então se passa, mas podem também participar dessas sessões, desde que acompanhados de colegas espíritas. Os casos de mediunidades curadoras são mais frequentes do que se pensa e esses médiuns, deixados a si mesmos, geralmente acabam se perdendo. É uma temeridade a aceitação do trabalho mediúnico de cura sem assistência médica ao médium. Não se trata de milagres, mas de ação terapêutica e até mesmo cirúrgica. (Ver nosso livro sobre o Caso Arigó, com depoimentos de numerosos médicos de renome, brasileiros e estrangeiros, e o relato de numerosas intervenções cirúrgicas.) Trata-se de um estudo do médium e de toda a sua problemática mediúnica, psicológica, social e terapêutica. Não é simples relato de fatos. Por isso o indicamos, como único trabalho dessa natureza publicado sobre o caso e traduzido por instituições científicas norte-americanas. Desejamos vê-lo superado por uma obra mais completa, que infelizmente ainda não apareceu.

As campanhas apaixonadas contra o Espiritismo criaram barreiras quase intransponíveis entre Espiritismo e Medicina, que só agora estão sendo derrubadas. Dentro em breve, Kardec, que foi médico em Paris, não será mais encarado como adversário dos médicos, mas como uma espécie de Pasteur tardia-mente reconhecido em seus méritos. Já existem, hoje, Sociedades de Medicina no Brasil e no Mundo. Essas instituições científicas se multiplicarão e ampliarão as suas atividades nos próximos anos. Os espíritas precisam colaborar para isso, evitando as práticas terapêuticas sem controle médico, que são arriscadas num ambiente de misticismo ingênuo como o nosso. Só assim ajudaremos a quebrar os tabus criados por mais de um século de calúnias assacadas contra os espíritas e o Espiritismo, em prejuízo evidente do progresso científico e do sofrimento humano.

As sessões de cura não passam de tentativas de auxílio, pois a cura espiritual não depende apenas dos fatores físicos da moléstia. Há fatores espirituais da doença que são quase sempre irremovíveis. São conseqüências de encarnações anteriores a que o espírito se submete de vontade própria a fim de libertar-se de pesadas angústias do passado. Mas há sempre algum benefício, mesmo nos casos incuráveis. E muitos casos que são incuráveis para a medicina terrena facilmente se curam com a intervenção das entidades espirituais através da mediunidade. Os Espíritos não são concorrentes dos médicos. Os próprios médicos desencarnados são os que mais se interessam em prestar a sua ajuda aos colegas terrenos, sem outro interesse que o de contribuir para o alívio possível do sofrimento humano.

Pessoas que não conhecem a doutrina costumam perguntar por que motivo os Espíritos não socorrem todos os enfermos e não curam todas as doenças, desde que dispõem de recursos superiores aos da medicina humana. É claro que tudo, no Universo, está sujeito a condições e leis. Um doente condicionado pela sua consciência profunda à necessidade de aliviá-la através das formas de sofrimentos que impôs .a outras criaturas em vida anterior, tem nos sofrimentos atuais o seu próprio remédio e não uma doença. Passa por um doloroso processo de reajuste moral e espiritual, que reconhece necessário à sua tranqüilidade futura. As leis morais da consciência o obrigam, em seu próprio benefício, a essas purgações dolorosas, mas benéficas. Não se trata de uma hipótese, mas de

uma realidade comprovada nas pesquisas científicas sobre a memória profunda, em busca de provas sobre a reencarnação, hoje grandemente acumuladas. No Espiritismo predominam a razão e a prova. Como observou Richet, Kardec nunca aceitou um princípio que não fosse lógico e comprovado pela pesquisa. Graças a isso, a doutrina se mantém intacta em face de toda a espantosa evolução científica do nosso tempo. Os maiores avanços da Ciência nada mais fizeram, até agora, do que comprovar os princípios fundamentais do Espiritismo.

Os Espíritos curadores ou terapeutas não fazem milagres, não têm o poder de violar as leis naturais. Mas conhecem melhor essas leis do que os homens e dispõem de recursos que ainda desconhecemos. Por isso Jesus advertiu que os que seguissem o seu ensino poderiam fazer os supostos milagres que ele fazia e até mais do que ele. O problema não é de mística, mas de razão e sobretudo de conhecimento. Todo conhecimento é facultado ao homem, dentro das possibilidades progressivas do seu desenvolvimento espiritual. Conhece mais o que mais avançou no desenvolvimento das suas potencialidades ônticas, ou, como afirmou Kant, na realização de sua perfectibilidade possível. No sentido espiritual essa atualização das potencialidades de perfeição está ao alcance de todos, pois é inerente à natureza humana. Mas no sentido existencial terreno essa atualização está condicionada ao grau de evolução atingido pelos esforços de cada indivíduo.

Os Espíritos Terapeutas, como os médicos terrenos, não dispõem de saber absoluto, mas relativo ao seu grau de evolução. Trabalham geralmente em equipe, auxiliando-se mutuamente. O mais sábio e experiente dirige a equipe, exatamente como entre os homens. Qualquer interpretação sobrenatural da atividade natural dessas criaturas humanas leva-nos aos delírios do mito, impedindo-nos de compreender a realidade dos fatos.

d) *Sessões de consulta* — As sessões de consulta são as mais antigas da prática espírita, muito anteriores à elaboração da doutrina. Marcaram profundamente os tempos mitológicos, prolongando-se nos tempos bíblicos na fase medieval, como vimos nas partes anteriores deste livro. A trípole mágica dos oráculos e das pitonisas, a mesinha de três pés, que ressurgiria na era moderna com a dança das mesas, é a antecessora remota da *gueridon* francesa, da mesinha de três pés dos salões parisienses do século XVIII, que provocaram a atenção de Kardec. Utilizadas em toda a Antigüidade para consultas sérias aos espíritos, com vemos no caso da pitonisa de Endor (na Bíblia) tornaram-se na leviana sociedade oitocentista européia em objetos de diversão e passatempo. Ainda hoje são empregadas na prática espírita para consultas levianas ou sérias. Dela surgiram algumas diversificações, como a *cestinha túpia* de que o próprio Kardec se serviu, a tiptologia por meio de raps, empregada no caso das irmãs Fox, nos Estados Unidos e as sessões alfabéticas de copinho a que o escritor Monteiro Lobato se dedicou seriamente entre nós, deixando-nos um relato minucioso de suas experiências interessantíssimas, publicado no livro de sua secretária, D. Maria José Sette Ribas, *As Sessões Espíritas de Monteiro Lobato*. O famoso escritor conseguiu comunicações de seus filhos mortos por esse processo e chegou a doutrinar espíritos perturbadores.

Considera-se, em geral, que essas sessões são condenadas pelo Espiritismo. O que se condena não é a modalidade, pois todas as formas de comunicação são válidas, quando levadas a sério, mas a leviandade com que tais pes-

soas se entregam a essa experiência, com objetivos de simples curiosidade, o que facilita o acesso de espíritos inferiores, brincalhões ou maldosos, que põem os médiuns em perigo.

O nome de sessões de copinho provém do fato de usar-se um cálice ou um pequeno copo emborcado sobre uma folha de cartolina ou sobre a mesa de superfície lisa. Na cartolina ou em torno da mesa dispõe um alfabeto em forma circular, com o copinho no centro do círculo. Uma ou mais pessoas colocam levemente um dedo sobre o copinho e este se movimenta indicando as letras que formam palavras. Lobato dispunha da mediunidade de sua esposa, D. Purezinha, vendando os seus olhos. Uma pessoa é incumbida de anotar as letras indicadas. O movimento do copinho atinge geralmente grande velocidade. Como se vê, trata-se de um fenômeno de automatismo psicológico, de que os espíritos se servem como na escrita-automática. As consultas são feitas oralmente pelas pessoas presentes.

Não há nada de mal nessa prática em si. Num ambiente sério as respostas são também sérias. A interferência de espíritos brincalhões ou perturbadores pode ser convertida em auxílio para os mesmos, como fazia Lobato. O mal está nas consultas, que sendo quase sempre levianas ou absurdas, que, quando insistentes, acabam por ser respondidas por espíritos levianos. Os espíritos sérios se afastam, como é natural, deixando que os interrogantes façam a experiência de que necessitam. Não é raro algumas pessoas sensíveis saírem perturbadas da experiência. Esse o motivo por que, em geral, os espíritos não aconselham essa prática. Levada a sério, entretanto, ela pode servir para boas comunicações e para provar ao médium que as comunicações não provém dele mesmo, desconfiança comum a que se entregam os médiuns de comunicações orais ainda não suficientemente experimentados e pouco conhecedores da doutrina.

O mesmo se dá com a psicografia mecânica ou automática. As pesquisas de Pierre Janet sobre essa forma de comunicação manual revelaram que ela pode provir do inconsciente do médium. Mas muito antes de Janet realizar suas pesquisas, já Kardec havia pesquisado o problema demonstrando que a comunicação anímica (da própria alma do médium) não invalidava, antes comprovava as comunicações espirituais. Os espíritos se servem precisamente do automatismo psicológico dos médiuns para transmitir as suas mensagens. Usam o automatismo como o telegrafista usa o telégrafo, tanto para conversar com seus colegas à distância, quanto para transmitir as mensagens telegráficas de várias pessoas. Atualmente, nas experiências parapsicológicas, a tese de Kardec foi amplamente comprovada. Os trabalhos científicos de Ehrenwald sobre esse processo levaram-no a propor a fusão dos métodos quantitativos da pesquisa parapsicológica aos métodos significativos da Psicologia para melhor aproveitamento desse meio de comunicação mediúnica. Já é tempo de se compreender, como advertiu recentemente Remy de Chauvin, que a alergia ao futuro deve ser afastada dos nossos meios culturais e científicos, onde já causou grandes e lamentáveis prejuízos. A idiosincrasia ao sobrenatural não deve impedir a Ciência de cumprir a sua missão, que é justamente a de esclarecer os antigos mistérios em termos racionais. As Ciências atuais já foram batidas em seus redutos materialistas pelas suas próprias incursões no plano do extrafísico, segundo a expressão de Rhine. Teimar em confundir escrita automática com psicografia, seja por meio de copinhos ou das mãos do médium, é simplesmente fechar os

olhos ante uma realidade de milênios, hoje integrada no campo científico. A tese da onisciência (saber absoluto) do inconsciente é uma contradição em si mesma.

*

Livro: O ESPÍRITO E O TEMPO

J. HERCULANO PIRES

CAPÍTULO II - AS LEIS DA MEDIUNIDADE

1. AS CONDIÇÕES DA CIÊNCIA — O Espiritismo foi acusado, desde o seu aparecimento, de não ter condições científicas. O objeto de suas pesquisas era ilusório. Os métodos que adotava eram ineficientes. A repetição necessária dos fenômenos era impossível. Kardec não se interessava pelas leis dos fenômenos, que na verdade não eram fenômenos e não estavam sujeitos a leis de espécie alguma. Os espíritos, como os deuses mitológicos, eram figurações evanescentes, sem nenhuma consistência possível. Avesso à realidade física, o Espiritismo nada tinha a acrescentar ao mundo sensorial, não revelava nem estudava nenhum aspecto novo da matéria. Tratava-se apenas de uma ressurreição das velhas superstições da Antigüidade, que a Ciência tinha por dever destruir para sempre. Atravessando os limites do real, invadia as regiões do inefável pitagórico, onde a razão nem sequer podia discernir coisa alguma. Kardec trapaceava para criar uma religião de aparência científica. Seu objetivo só podia ser a criação de uma nova igreja, da qual certamente se tornaria o Papa. A presença de Deus na sua estrutura pretensamente científica não podia iludir a ninguém. Deus era objeto da Teologia, cuja área sagrada Kardec invadia atrevidamente. Só restava ao mundo moderno repelir de maneira definitiva a intromissão desse corpo estranho e nebuloso no campo racional da Ciência.

Não obstante, Kardec insistia. E explicava reiteradamente que o objeto da Ciência Espírita era a própria essência do homem, que se podia atingir através da sua manifestação (o fenômeno), que estes, pela sua própria natureza, eram acessíveis à pesquisa científica e que a sua repetição, como a de todos os fenômenos, dependia apenas da conjugação dos elementos necessários, como se faz numa reação química. Lembrava que esses fenômenos eram naturais, existiam desde todos os tempos, repetindo-se indefinidamente através dos milênios. Como fenômenos naturais, tinham as suas leis, que o Espiritismo descobria através da experiência e da pesquisa, provocando-os e analisando-os. Enquadrava o Espiritismo no campo da Psicologia. E dava início à Psicologia Experimental, sem o engano de servir-se de métodos físicos ou biológicos, pois afirmava que o método devia ser adequado ao objeto. Por isso, criava o seu próprio método. Na REVISTA ESPÍRITA, seu órgão de difusão e debates, inscrevia sob o título: "Revista de estudos psicológicos". Quanto às superstições, lembrava que a função da Ciência era precisamente de esclarecê-las, substituindo as fábulas por explicações racionais e positivas das causas dos fenômenos que as originaram. Tudo em vão. As Ciências eram deidades impassíveis, defendidas pelas vestais da Deusa Razão. Kardec e o Espiritismo foram marginalizados na cultura do século XIX. Aos dogmas invioláveis da sabedoria eclesiástica os cientistas opunham os dogmas inabaláveis da frágil razão humana. Premido entre os fogos cruzados da Ciência e da Religião, só restava a Kardec entrincheirar-se nas ruínas da Filosofia, que acabava de libertar-se da servidão medieval e con-

servava em suas entranhas uns restos de calor humano. Entrincheirou-se, mas não abriu mãos da pesquisa científica. Felizmente os cientistas que foram lançados ao seu encontro não haviam perdido o bom senso. Resolveram provar cientificamente que os fenômenos não existiam e deram com o nariz na realidade inadmissível. A Sociedade Dialética de Londres esfacelou-se contra o rochedo dos fatos, William Crookes tocou os fenômenos com os dedos, como Tomé, e teve a coragem de sustentar a sua realidade. Frederic Zöllner, na Alemanha, fez o mesmo. Já não se podia mais negar a realidade dos fenômenos. Passou-se então aos sofismas da mistificação, classificando Crookes de caduco e Zöllner de estúpido. Mais tarde surgiu Richet, o fisiologista do século, sustentando a existência do ectoplasma, e o classificaram de imbecil, enganado por um espertalhão. Quando Richet faleceu, em 1935, já em pleno século XX, os defensores da razão clamaram por toda parte que com ele morrera também a ilusão espírita. Não sabiam que, cinco anos antes, os Profs. Rhine e McDougall haviam fundado na Duke University (EUA) a Parapsicologia moderna, preparando o *Psychic Boom*, a explosão psíquica da atualidade.

Hoje estamos em face de uma comprovação total da Ciência Espírita, não apenas pela Parapsicologia, mas também pela Física Nuclear, pela Biologia avançada, pela Astronáutica, por todos os ramos do conhecimento que não podiam e não podem parar no rush espantoso do conhecimento rumo à antimatéria, ao corpo bioplásmico, às provas da reencarnação, aos fenômenos théta que provam as várias formas de comunicação mediúnica. É este o mais espantoso episódio da História das Ciências, que os historiadores do ramo fazem questão de ignorar. As leis dos fenômenos mediúnicos, descobertas por Kardec, são agora redescobertas nos laboratórios modernos e os seus descobridores não sabem que estão descobrindo a pólvora. Se o Espiritismo não tem condições científicas, por que estranhos meios, não-científicos, Kardec antecipou essas descobertas da atualidade. A Ciência Espírita provou a sua validade nos maiores centros de pesquisa universitária do mundo, pelas mãos dos seus adversários. Ninguém teria percebido isso?

2. AS LEIS DOS FENÔMENOS — As leis dos fenômenos mediúnicos (ou paranormais) foram descobertas e descritas por Kardec em *O Livro dos Médiuns* há mais de um século. Através de pesquisas psicológicas definiu com precisão. Partia do princípio de que os *fenômenos falam*. Interrogou os espíritos comunicantes e controlou o que eles diziam com experiências realizadas com pessoas vivas. O confronto dessas manifestações em dois planos da realidade e a constante repetição de experiências lhe davam uma margem de certeza possível. Insistiu doze anos consecutivos nesse trabalho, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos (uma sociedade científica, segundo ele a classificava). Utilizou-se também do controle da vidência. Suas pesquisas principais foram publicadas na "REVISTA ESPÍRITA" COM REGULARIDADE ABSOLUTA. Hoje, as confirmações científicas mostram que ele estava certo. Atingiu por métodos psicológicos o que as ciências atuais conseguiriam com aparelhagens especiais. Chegou à certeza absoluta, que os cientistas rejeitaram porque não combinavam com as exigências dos métodos incipientes da época. Realizou assim a maior façanha científica de todos os tempos. Tudo quanto afirmou - declarou Richet, que em muitos pontos não concordava com ele — foi o resultado de pesquisas sérias. Nunca se importou com as críticas levianas ou sectárias, mas às críticas sérias respondeu sempre com uma lógica e uma lucidez admiráveis.

Isto pode ser verificado na simples leitura da REVISTA, em doze volumes de mais ou menos quatrocentas páginas cada um. É inacreditável que todo esse valioso acervo da cultura francesa tenha sido negligenciado até agora. Tentaremos ordenar, a seguir, a seqüência de suas descobertas:

a) O homem é um ser espiritual revestido de corpo carnal. O ser espiritual possui um corpo a que chamou de perispírito, por analogia com o perisperma das sementes. Esse corpo se constitui de energias espirituais e energia materiais. É o elo que liga o espírito ao corpo. Todas as funções mentais e psíquicas do corpo são produzidas, mantidas e dirigidas pelo perispírito, que é a fonte da vida. No fenômeno da morte o perispírito se desliga progressivamente do corpo material e este se transforma em cadáver. O espírito liberto passa a viver no plano espiritual, que se constitui de matéria em estado rarefeito. Esse mundo semi-material tem várias hipóstases, sendo que a mais inferior só existe com o plano material, interpenetrado com ele. Por isso os espíritos convivem conosco no mesmo espaço cósmico ocupado pelo planeta. Assim, os espíritos influem sobre nós e nós sobre eles. Não podemos percebê-los pelos sentidos físicos, mas podemos vê-los e ouvi-los pelo espírito, embora tenhamos a impressão de percebê-los pelos sentidos. Não estamos fundidos no corpo material, mas ligados a ele por energias vitais, que nos permitem afastar do corpo material com mais freqüência do que supomos. Nesses momentos de desprendimento podemos ver os espíritos e comunicar-nos com eles. A mente é um centro espiritual de controle e comunicação, que se manifesta através do cérebro. Vivemos em constante permuta de idéias e sentimentos com as pessoas de nosso convívio e com os espíritos que se afinam conosco. Além do ser espiritual que somos, existe em nós o ser do corpo, que rege a nossa vida vegetativa e conserva os instintos da espécie enquanto vivo. Nossa ligação com os espíritos é portanto natural e normal.

Hoje, depois da descoberta da antimatéria e das hipóteses tateantes sobre os universos paralelos, os físicos descobriram que o mundo material e o antimaterial são inter-penetrados. A descoberta, pelos físicos e biólogos soviéticos, do corpo-bioplásmico e suas funções controladoras de todo o processo orgânico comprovam a descoberta de Kardec. As pesquisas parapsicológicas comprovaram as relações mentais no plano humano e entre esse plano e o espiritual. "A mente não é física", afirma Rhine. "A mente é uma estrutura psicônica, formada de átomos mentais, e depois da morte do corpo pode comunicar-se com as mentes encarnadas", sustentou Wathely Caringthon. "Existe *shi*", sustenta Soal, "que sobrevive à morte corporal e pode comunicar-se com as nossas mentes". As pesquisas parapsicológicas provaram que o pensamento não é físico e que as comunicações dos espíritos são fatos reais. Pratt investiga e prova, no exame dos fenômenos théta, a realidade dessas comunicações. Louise Rhine publica um livro de pesquisa de campo sobre essas comunicações, comprovando-as.

b) *A reencarnação* — As provas de Kardec sobre a reencarnação decorrem de lembranças espontâneas e manifestações anímicas a respeito, bem como de investigações pelo processo hipnótico de regressão da memória. Albert De Rochas publicou suas pesquisas a respeito, muitas delas confirmadas pela pesquisa histórica possível. Hoje, Ian Stevenson divulga suas pesquisas de casos de lembranças, Barnejee faz o mesmo e Wladimir Raikov, na Universidade de

Moscou, não obstante os impedimentos ideológicos, insiste nessas pesquisas. A lei da reencarnação não pode ser provada pelos métodos atuais das Ciências, mas é evidente que a natureza do problema requer modificações no sistema metodológico. Raikov se atém ao problema das lembranças e sua influência no comportamento individual. Encara o fenômeno como patológico e possivelmente sugestivo. Segue praticamente o método hipnótico de De Rochas. Mas sua contribuição tem sido significativa, segundo informa Barnejee. Stevenson chega a declarar que suas pesquisas chegaram à evidência do fenômeno. A revolução metodológica atual nas Ciências, com o avanço das pesquisas em todas as direções, pode levar à descoberta de um processo específico para a comprovação de fatos que escapam ao confronto de elementos puramente materiais. Os cientistas enfrentam neste momento as mesmas dificuldades que Kardec enfrentou há mais de cem anos. Mas Kardec não se embarçou nessas dificuldades. Lembrou que a reencarnação é uma constante da Natureza, onde tudo se renova através de metamorfoses evolutivas, desde o reino mineral até o hominal. Hoje se alega o mesmo e, evoca-se a palingenesia, que é a lei geral das transformações, em que a reencarnação se inclui, e vários cientistas consideram que as provas possíveis já foram feitas, sendo descabidas novas exigências. A atitude de Kardec é endossada pelos cientistas de hoje. Os limites demasiado estreitos da comprovação científica oficial não podem predominar numa era em que a realidade, mesmo a sensorial, ampliou-se ao infinito.

c) **RELAÇÕES MEDIÚNICAS** — Como se processam as relações mediúnicas entre o espírito e o médium? As pesquisas de Kardec levaram a uma conclusão definitiva: há um processo de indução entre o espírito e o médium. As vibrações psíquicas do espírito, irradiadas do seu corpo energético, atingem o corpo energético (o perispírito) do médium, estabelecendo-se a empatia entre ambos. A indução é tão forte que os pensamentos e as emoções do espírito refletem-se no comportamento mediúnico. A personalidade do espírito domina a do médium, assenhoreando-se dos centros nervosos dirigentes. A metamorfose passageira, se o médium é bastante sensível e flexível, modifica até mesmo as suas expressões faciais e corporais, a voz, o olhar, permitindo uma comunicação total do *pathus* individual do espírito. Há casos de transfiguração em que até mesmo defeitos do morto aparecem no médium. Nos casos de espíritos doentes os sintomas da doença são transferidos para o médium durante a comunicação. Não se trata de simples sugestão hipnótica, mas de ação fluídica (vibratória) intensiva, que empolga os comandos do organismo mediúnico. Carington se refere a interferências mentais do espírito nas zonas corticais do médium, provocando focos de disritmia cerebral durante o transe, o que foi comprovado pelo eletroencefalograma. Soal e Price, de Londres e Oxford, admitem a ação mental do espírito sobre a mente do médium. Jung entende que o processo é mais complexo, implicando uma relação simpática entre o espírito e o médium, segundo os termos da sua teoria das coincidências significativas. Como se vê, os cientistas atuais confirmam, com as naturais variantes individuais, a proposição de Kardec. Tudo se passa no plano das emissões energéticas, das conotações por afinidade psicológica, das relações naturais, entre dois dínamopsiquismos (segundo a expressão de Gustave Geley) aptos a um processo indutivo no campo energético. Os soviéticos não penetram nessa questão perigosa, mas estudam e investigam os processos telepáticos, admitindo a existência de correntes eletromagnéticas entre os cérebros humanos e até mesmo entre os a-

normais para a transmissão de pensamentos e estímulos energéticos a pequena ou grande distância. A descoberta do corpo-bioplásmico, que provocou reações políticas na URSS, em virtude da ameaça que essa novidade representa para a ideologia estatal, resolveu o problema da fonte dos fenômenos mediúnicos. E essa fonte coincide perfeitamente, na estrutura e nas funções, bem como em sua constituição física, com o perispírito de Kardec. Diante dessa situação do problema nas Ciências atuais, como negar a validade da Ciência Espírita e sua atualidade flagrante?

d) O ECTOPLASMA — As leis que regem os fenômenos de movimentos de objetos à distância, sem contato e a formação de membros ou figuras humanas foram explicadas por Kardec como emissões do fluido ou energia vital dos médiuns, em conjugação com energias espirituais produzindo o que Crookes chamou de força psíquica. Com Richet, fisiologista, vingou a expressão ectoplasma. Geley pesquisou a ação do ectoplasma nesse mesmo sentido. Crawford realizou experiências sobre a mecânica do ectoplasma e Schrenk-Notzing chegou a colher porções do mesmo e submetê-las a análises histológicas em laboratórios de Berlim e Viena. Ochorowicz obteve a formação de fantasma humano (como Crookes), comprovando a realidade das materializações. Estas foram sempre consideradas como inaceitáveis pelos cientistas contrários ao Espiritismo. A Parapsicologia atual manteve-se cautelosa no tocante a experiências desse tipo. Não obstante, Soal e Caringthon obtiveram fenômenos de ectoplasmia numa sessão em Cambridge, a que já nos referimos. O médico Luis Parigot de Sousa, no círculo experimental de Odilon Negrão, produziu (como médium) alavancas de ectoplasma que foram fotografadas, elevando e movimentando objetos. O médico José Ribeiro de Carvalho, também em São Paulo, obteve formações ectoplásmicas com vários médiuns, em seu laboratório especial, que foram fotografadas e filmadas, sendo algumas fotos divulgadas por jornais e revistas. Com os médiuns Dr. Urbano de Assis Xavier e Ciro Milton de Abreu, em Marília e Cerqueira César (SP) obtivemos impressionantes fenômenos de ectoplasmia. A realidade desses fenômenos e a explicação de Kardec a respeito não sofreram até agora nenhum desmentido válido. Pelo contrário, a experiência de Soal e Caringthon, seguida das experiências soviéticas na Universidade de Alma-Ata e em outros centros universitários da URSS, confirmaram o acerto de Kardec na colocação desse problema. A Ciência Espírita, tanto no plano teórico, quanto no prático, não sofreu nenhuma contestação das Ciências atuais no tocante ao problema do ectoplasma.

Os resultados das análises do ectoplasma, que Schrenk-Notzing mandou fazer em Berlim e Viena, acusaram matéria orgânica e células epiteliais nas amostras. Isso provava apenas que o ectoplasma provinha realmente do organismo mediúnico. Mas o essencial, que eram as energias em ação, já não estavam mais no material examinado. Caberia aos russos, em nossos dias, verificar as energias através de câmaras Kirilian, adaptadas a poderosos microscópios eletrônicos, segundo as informações obtidas na URSS pelas pesquisadoras da Universidade de Prentice Hall (EUA), que visitaram a URSS e entrevistaram os pesquisadores. (Ver o livro *Experiências Psíquicas por trás da Cortina de Ferro*, de Sheila Ostrander e Lynn Schroeder, Editora Cultrix, SP. O ectoplasma revelou-se como um fluxo de plasma físico de partículas atômicas, elétrons, prótons ionizados e outras partículas ainda não identificadas. A teoria kardeciana do perispírito confirma-se até nas minúcias: o corpo espiritual é um orga-

nismo unificado, como dizem os cientistas soviéticos, e apresenta-se resplandecente como um céu extremamente estrelado. A luminosidade constatada pelos videntes tem agora a sua comprovação tecnológica.

As campanhas fanáticas e difamatórias contra o Espiritismo afastaram numerosos cientistas da nova Ciência e impediram o desenvolvimento natural da doutrina no mundo. Perseguições religiosas, condenações acadêmicas, escândalos na imprensa, calúnias como as lançadas sobre Crookes e Richet produziram os resultados que as forças obscurantistas objetivavam. O Espiritismo, como a Filosofia Grega no tempo de Diógenes, que se refugiou num tonel, teve de refugiar-se no coração humilde mas sincero do povo, na cripta dos sentimentos religiosos. A Ciência Admirável de Descartes apagou as próprias luzes e enfurnou-se nos tonéis da beatice. Mas o avanço irresistível das Ciências ressuscitou das cinzas essa Fênix de asas consteladas, para que o seu esplendor possa iluminar o futuro do mundo. A consciência dos espíritos, essa Bela Adormecida do bosque do comodismo, terá de despertar ante a fulguração dos novos tempos

*

Livro: O ESPÍRITO E O TEMPO

J. HERCULANO PIRES

CAPÍTULO III - ANTROPOLOGIA ESPÍRITA

1. A CONDIÇÃO HUMANA Quando examinamos a nós mesmos em confronto com o Mundo, nos limites do horizonte existencial, o que mais nos deve assustar é o nosso orgulho. A existência humana se fecha num círculo de possibilidades muito reduzidas. As linhas do horizonte visual e conceptual do homem se assemelham ao círculo de giz que se faz no chão para prender um peru embriagado, até a hora de o mandarmos ao forno. Conhecemos as limitações do corpo e do meio (físico, social e cultural) e não sabemos se poderemos rompê-las. Não obstante, com que arrogância alimentamos pretensões de conquistas mesquinhas ou atrevidas e sempre nos julgamos dignos da atenção e consideração de todos. O horizonte infantil é tão reduzido que deveria dar-nos a sensação de asfixia, mas apesar disso nos consideramos o centro do mundo. Na puberdade e na adolescência o círculo se alarga e as nossas pretensões aumentam. Na mocidade alargamos com as próprias mãos o nosso horizonte, como se fôssemos um jovem grego coroado de louros e vitórias. Mas na madureza as nossas mãos se transformam em garras e nos julgamos capazes de escalar as montanhas azuis para dominar as distâncias invisíveis. Só nas proximidades da velhice começamos a reconhecer que as forças nos faltam, mas quantos superam essa ameaça apoiando-se no cajado da experiência passada e do saber adquirido. Não raro os velhos retornam à infância e procuram compensar o enfraquecimento orgânico com a ilusão do poder da senectude, das glórias do passado, que devem então render-nos os juro da gratidão e das homenagens do Mundo.

De onde brota essa fonte de vaidade que nos alimenta na projeção existencial através dos anos? Um velho mendigo, sentado na escadaria de uma igreja, à espera de esmolas, está pronto a falar de suas glórias passadas, de sua possível genealogia gloriosa, antes de apanhar a moeda que lhe damos. Seus olhos brilham muito mais com a atenção que lhe dispensamos do que com o brilho da

moeda. De onde vem esse sentimento de importância pessoal no horizonte cinzento do crepúsculo?

A condição humana é precária. O declínio orgânico é fatal, inevitável. A perspectiva da doença e da morte não permite ilusões. As promessas de uma vida espiritual são nebulosas, revestidas de ameaças terríveis, ou da frustração total do nada. E apesar disso o pequeno pedaço de fermento de que falava o Lobo do Mar, de Jack London, esse fermentozinho que cresceu até o limite possível e agora murcha e se extingue, ainda se considera importante e capaz de impressionar os outros. Será o apego à vida, como o do naufrago à sua tábua? O instinto de conservação a que ele se apega por impulso inconsciente, a lei de inércia mantendo a constância do ser em meio a todas as contradições? A visão antropológica das primeiras partes deste livro nos dá uma resposta a esta questão. Nas coordenadas do tempo e da evolução, o espírito humano amadureceu para a compreensão de sua realidade íntima, indestrutível, carregada de potencialidades que o declínio físico não pode afetar. "É estranho — dizia Aristides Lobo — quando penso na infância e na mocidade vejo que o eu, aquilo que realmente sou, permaneceu o mesmo através de todas as mudanças da idade." Esse pivô do eu, em torno do qual giram as fases etárias como as nuvens ao redor de uma torre, sem afetá-la, é a chave do mistério humano. O homem é espírito que se projeta num corpo animal e dele se serve para a viagem existencial. Nossa consciência de relação, estrutura mental do imediato, pode manter-se perplexa ante o mistério da vida, mas a consciência profunda, registro milenar das experiências evolutivas, guarda o segredo da imortalidade do ser. A intuição subliminar da nossa natureza espiritual é o que sustenta a nossa fé na invulnerabilidade ôntica. O ser é o que é e nada o pode afetar e modificar, e muito menos destruir. Por isso, o materialista mais convicto da sua inutilidade como criatura mortal, sofre e luta pelos seus princípios, na certeza íntima e absurda de que esse é o seu dever. Ser fiel a si mesmo é a obrigação interior que ele cumpre na infidelidade negativa da sua idéia supraliminar do nada, porque a consciência profunda, não deixa extinguir-se em seu íntimo a chama da sua própria verdade. O orgulho aparentemente contraditório do homem derrotado suga a sua seiva nas profundezas do ser que ele é e não pode deixar de ser.

Essa conflitiva dialética do ser e do não-ser define a tragédia humana e a angústia existencial do homem. Se ele não suporta o peso do conflito e se atira na fuga do suicídio, a dolorosa experiência não deixa de ser experiência, forma de comprovação trágica da sua verdade íntima, que lhe mostrará na dimensão espiritual da vida a necessidade de reajustar a sua existência exterior à sua realidade ôntica, equilibrar a sua mente de relação e seus conflitos passageiros com a sua consciência profunda e a realidade indestrutível da sua natureza espiritual. A unidade do ser prevalece no tempo, pois a consciência imediata se funde, na essência de suas aquisições reencarnatórias, no final de cada existência, com o acervo global da consciência profunda.

A condição humana é purgatorial. A Terra é o Purgatório que os teólogos intuíram mas não souberam localizar. Mas não se purgam os pecados da classificação religiosa e sim os resíduos naturais da evolução. O corpo e a alma do homem nascem de uma filogênese assombrosa, que vem de estágios inferiores da Natureza, num despertar incessante das potencialidades do ser, até a floração da inteligência humana. Muitas civilizações já passaram pela Terra e mui-

tas ainda passarão. O planeta gira no espaço como a mó de um moinho, triturando as safras de trigo e expurgando os joios e detritos, para que a farinha pura possa servir à preparação do Banquete do Reino. Esta não é uma expressão mística, mas apenas simbólica, da tradição cristã. Com o barro da Terra, Deus modela a criatura humana, não como um artífice manual, mas através das suas leis no processamento de dados para o computador vital das gerações e civilizações sucessivas. Em mundos superiores transformará os homens em anjos, espíritos purificados e sábios que administrarão os mundos do futuro.

Temos assim a escala dos seres no Infinito:

- 1.º) a ascensão dos minerais aos vegetais;
- 2.º) dos vegetais aos animais;
- 3.º) dos animais aos homens;
- 4.º) dos homens aos anjos.

Acima do plano angélico estendem-se as regiões superiores, as hipóstases do Inefável, onde cintilam os mundos energéticos, de pura energia divina, em que os corpos não são corpos mas esplendores, e a vida não se mede por séculos nem milênios, até as hipóstases superiores da teoria de Plotino, banhadas pela luz . da eternidade dinâmica, entretecida em pensamentos e sentimentos de pureza celestial. Visão antecipada dos corpos de luz é o corpo-bioplásmico, ainda impuro mas já radiante como constelações, que os físicos e biólogos soviéticos puderam ver e fotografar nos laboratórios da famosa Universidade de Kirov.

A condição humana na Terra é pesada e angustiada. O nascimento trás um trauma em si mesmo, a vida uma *via crucis*, a morte o horror do aniquilamento, o pó que se reverte em pó. Os homens se matam e se entredorram como feras. A felicidade é apenas um momento de ilusão, e esse mesmo fragmento de tempo é perturbado por inquietações numerosas. Mas o homem não é um grilheta, goza da liberdade de ser e fazer, de construir ou destruir, assumindo a responsabilidade intransferível de todos os seus atos, para aprender e conhecer. Suas potencialidades divinas podem ser asfixiadas pela maldade e a crueldade dos inconscientes, mas a sua consciência profunda aflorará ao consciente na rota das reencarnações, para que ele se resgate a si mesmo e se reencontre como homem nas fases superiores das civilizações futuras. Nenhum tribunal divino o espera após a morte, pois o Tribunal de Deus foi instalado na sua própria consciência. Só ele pode resgatar-se, pois os Deuses não são punidos por Deus, e a sua condição humana oculta a condição divina em potência que só a ele cabe atualizar no Olimpo Sideral. As Religiões, a Filosofia, as Ciências e as Artes são os instrumentos culturais de sua humanização ainda em elaboração. O Espiritismo é o Consolador prometido pelo Cristo, Guardião da Terra, que não fundou nenhuma igreja e não está em nenhuma delas, mas no coração de todos os que desejam realmente compreender o mistério da vida, a finalidade da existência terrena.

2. O HOMEM NATURAL — A queda do homem não se deu no Éden, onde a Serpente podia conversar com Eva. Deu-se na Suméria onde parece ter surgido a primeira civilização. Num lugar em que os homens andavam nus, em comunhão natural com as árvores, os rios e os animais, a pureza dominava.

Rousseau corrigiu com razão o engano bíblico. O homem puro, sem malícia nem pecado, saído das mãos do Criador, caiu ao entrar na primeira sociedade. Seria talvez no lendário país de Nod, onde Caim, o primeiro assassino e fraticida, casou-se, e teve prole. Um prato de lentilhas no Éden não provocaria ciúmes. Mas numa sociedade organizada, onde as primeiras forjas do mundo funcionavam, o interesse, o egoísmo, a cobiça e o ciúme deviam andar à solta, envenenando as almas. E, pois, pecado original não foi a desobediência, mas a rivalidade. Porque a corrupção do homem nasceu da briga pela primogenitura. Adão e Eva são símbolos da inocência e da pureza. Comer uma fruta do pomar edênico, amar sob as árvores e iniciar a primeira geração do Éden não podiam constituir desobediência, pois Deus criara as frutas para alimentar os homens, criara Eva para o amor de Adão e criara a Serpente para sibilizar estórias de amor aos ouvidos sensíveis da primeira mulher.

Os rabinos judeus, que fundariam mais tarde a sociedade mais fechada e xenófoba do mundo, cheia de preconceitos e formalismos, com suas regras de pureza que Jesus condenaria, foram os inventores da tragédia do Éden. A hipocrisia famosa dos fariseus, esquecendo as cantigas de amor de Davi, condenaria o sexo como pecado e aviltaria o amor como invasão diabólica. Por isso Jesus os chamou, no Pátio do Templo, de filhos do Diabo. A lista de pecados veniais e capitais do Judaísmo e das Igrejas Cristãs seria suficiente para impedir o povoamento da Terra, se Deus não fizesse primeiro o povo de Nod e depois o de Israel. Tudo isto pode parecer brincadeira de mau gosto com os símbolos bíblicos, mas não é. Durante quase dois mil anos as Igrejas Cristãs gastaram rios de água sagrada em suas pias batismais para lavar as crianças inocentes do pecado original. E nada conseguiram, porque as gerações humanas se tornaram cada vez mais desobedientes. Bastaria esse fato para mostrar o engano dos rabinos. Se os padres, seus sucessores, tivessem conseguido eliminar a desobediência das novas gerações, a Terra não teria saído jamais das forjas dos ferreiros de Nod. As gerações sucessivas, acarneiradas e tolas, continuariam balindo nos campos, imitando as antecessoras, sem capacidade para reelaborar as experiências dos ancestrais e desenvolver a razão.

Esta crítica ligeira dos primórdios bíblicos visa apenas a demonstrar que os fundamentos da Antropologia Religiosa dos cristãos formalistas inverteu a ordem natural da condição humana. Rousseau não quis devolver o homem à selvageria, como ironizou Voltaire. O que ele desejava, com sua contradição ao dogma bíblico da queda, era restabelecer o sentido ético da vida humana, reintegrando o homem na sua pureza primitiva, libertando-o do excesso criminoso de artifícios das leis de pureza impura do Judaísmo e do Cristianismo. Deus criou o homem para que ele criasse na Terra um mundo humano. Os formalismos religiosos deturparam o homem e o seu mundo, transformando-os numa caricatura trágica do que eles deviam ser. A revolução pedagógica de Rousseau nos serve de paralelo comparativo para a revolução espírita. O que esta procura, é libertar o homem do artificialismo deformante das sociedades farisaicas, herdeiras das sociedades teocráticas da Antigüidade, em que os representantes, ministros e embaixadores dos Deuses tripudiavam divinamente sobre a liberdade humana. Sem liberdade, o homem não respondia por si mesmo e se alienava à estrutura massiva do Estado, perdendo a visão da sua ética individual. Toda a espontaneidade de comportamento e de ação do indivíduo desaparecia na submissão aos poderes teocráticos. A razão humana subjugada pela falsa razão di-

vina padronizava-se ao nível da massa e a crítica, a ética e a criatividade individual desapareciam sob o entulho do normativo e autoritário. Foi o que se passou na Idade Média, provocando nos fins de um milênio o Renascimento e a Reforma. E é o que hoje se passa na sociedade tecnológica, em que o Bezerro de Ouro da Técnica volta a ser adorado pelas massas ansiosas de comodidade e supérfluo, entregando-se fascinadas à proteção das divindades tecnológicas, que, como os Deuses antigos, prometem aos seus fiéis o domínio da Terra e a conquista do Céu. A essa fascinação coletiva, que já abrange quase todo o mundo, os que não se adaptam escapam pela tangente ilusória dos tóxicos ou do crime, no desespero do terrorismo e das rebeliões. Não há opções além do dilema: entrar para o rebanho como ovelhas ou transformar-se em fera sanguinária. É o que estamos vendo na atualidade, com a agravante das facilidades e comodidades de um progresso material embriagador, em que a produção em massa e a velocidade se incumbem de equilibrar o excesso de população, enquanto as babilônias modernas se intoxicam de poluição ambiental, de sujeira e endemias estranhas, de loucura, erotismo e criminalidade avassaladora, em que a inocência das crianças se transforma na sagacidade e violência de assaltantes e assassinos.

Ninguém se atreverá a contestar esse quadro monstruoso, mas poucos perceberão o que essa situação tem com o problema religioso. Basta lembrar que somos criaturas espirituais, que morremos todos os dias e todas as noites no mundo inteiro, para que o problema se esclareça. Alienados à matéria, perdemos a visão de nossa natureza real e caímos nas deformações do artificialismo. O homem natural desaparece na embriaguez das adaptações à chamada sociedade de consumo. Na voragem das consumações, o próprio planeta é devorado e os homens se devoram entre si, na ressurreição da antropofagia em formas tecnicamente sofisticadas.

3. A VOLTA AO HUMANO — As selvas de pedras, cimento e ferro, semeadas de monstros mecânicos, substituem hoje as selvas naturais do passado. O homem acredita que construiu o seu próprio mundo, melhor, mais rico e belo que o Mundo de Deus. Mas nessa construção perdeu-se a si mesmo e não consegue encontrar o caminho de volta. Perdeu-se no labirinto sem o fio de Ariadne. O Espiritismo não condena o progresso, mas o regresso. E para evitar o regresso à selva em termos de tecnologia gananciosa e antropófaga, procura restabelecer a condição humana do homem deformado e desnaturado. Não lhe propõe um novo tipo de religião, mas uma visão gestáltica da realidade. Procura despertá-lo para a compreensão de si mesmo e de sua responsabilidade existencial. As formas religiosas, dogmáticas e ritualistas herdaram e sofisticaram as superstições da magia primitiva. Ritos e sacramentos são fórmulas convencionais de reverência aos deuses selvagens e aos caciques tribais. Da magia e da idolatria nasceram os rituais suntuosos e vazios das religiões formalistas. Os paramentos e as vestes sacerdotais provêm dos cultos pagãos, nos quais a suntuosidade do vestuário e das insígnias, das coroas e das mitras, tinha pelo menos o poder de impressionar a imaginação ingênua dos crentes. Mas, segundo as leis da dialética, no desenvolvimento cultural das populações esses instrumentos úteis se tornaram prejudiciais. No Cristianismo, o culto externo e as práticas sacramentais desviaram o sentimento religioso das multidões para a idolatria fanática. As religiões, vazias de conteúdo, perderam-se nas atrocidades do com-

bate às heresias, das fogueiras inquisitoriais e das terríveis guerras de religião ainda hoje presentes no mundo, para espanto das criaturas pensantes.

Os regimes políticos totalitários fizeram uma inversão curiosa e trágica do processo de desenvolvimento cultural. Transformaram seus líderes em novos deuses de um fanatismo brutal em que o sentimento de humanidade foi revertido em ferocidade selvagem. As religiões da violência cevaram as massas no medo ao sobrenatural, aos arbitrários poderes divinos e às prerrogativas sagradas da hierarquia clerical. Foi fácil aos sátrapas das ideologias massivas transferirem o terror das massas religiosas para o plano político. O resultado foi o que vimos na explosão da loucura megalômana dos novos e mesquinhos deuses estatais, figuras características da deformação do homem e do aviltamento da espécie. Foi a previsão das conseqüências desse processo, já bem visíveis em seu tempo, que levou Kardec a recusar-se, durante todo o seu trabalho, a chamar o Espiritismo de religião. O máximo que concedeu foi declarar que a doutrina tinha conseqüências morais que o levavam a admitir o ensino moral do Cristo, com exclusão das partes mitológicas do Evangelho. Não obstante, o que hoje se vê no meio espírita é um anseio de regresso ao formalismo religioso institucional, incluindo o restabelecimento de uma hierarquia clerical leiga, que facilmente reabsorverá, logo que as condições se tornem propícias, todas as prerrogativas do autoritarismo eclesiástico. Já se notam as tentativas, de alguns dos chamados "mentores espirituais" do movimento doutrinário, com aplauso e imitação dos "mentores encarnados", de amaciar a massa espírita com técnicas de comportamento exterior: atitudes mansas, gesticulação calculada, verniz de santidade, sorrisos meigos e a linguagem adocicada, como se a espiritualidade do homem se formasse de um conjunto de medidas e etiquetas mandarinescas. Esse é o caminho clássico da desumanização do homem, da desvirilização do espírito, que se torna incapaz de sinceridade e franqueza, de coerência na convicção doutrinária, mas capaz de perfídia e calúnia, exibicionismo e mistificação, de sobrepor os interesses materiais das instituições aos deveres espirituais para com a doutrina. Com esse desencadeamento de um misticismo inferior, curtido no medo e na ignorância, caminhamos para um sectarismo religioso bastardo que afasta do Espiritismo as criaturas sinceras e ansiosas pelo restabelecimento da legitimidade humana.

José Ingenieros, poderoso pensador argentino, em seu livro *A Simulação na Luta Pela Vida*, oferece-nos um estudo vibrante e profundo dos vários aspectos da traição do homem a si mesmo para ganhar posições e posses na vida social. A simulação é uma herança animal do homem, o resíduo das lutas para a sobrevivência nas selvas. O desenvolvimento dessa herança nos indivíduos é fácil. Bastam alguns estímulos e alguns sucessos para desencadear-se na criatura todo o complexo das manhas e perfídias do passado animal. E esse desencadear é tanto mais rápido e avassalador quanto mais se tenha desenvolvido a razão humana. O indivíduo cai no plano da chamada razão-diabólica, usando de todos os sofismas para a racionalização da sua conduta animal. Arma-se dos aparatos e técnicas da inteligência humana e contamina sem dificuldade os que dele se aproximam. Se não conhecermos esse aspecto perigoso da condição humana e não nos precavermos contra as suas ciladas, facilmente nos converteremos em untuosos embromadores em nome da Verdade. E como os espíritos inferiores logo se juntam a essas pessoas, o seu poder de fascinação leva as suas vítimas a todos os desvarios, aparentemente bem justificados. Foi o caso das

fogueiras inquisitoriais, em que as vítimas eram queimadas vivas pela mais piedosa caridade cristã.

A volta ao humano só será possível através de uma tomada de firme posição pelos espíritas realmente conscientes do valor e do sentido da doutrina. As conseqüências morais ou religiosas do Espiritismo não podem sobrepor-se aos seus objetivos filosóficos, que consistem numa renovação fundamental do pensamento, desde o campo das Ciências até o da Religião, da Ética, da Estética, da Economia, da Pedagogia, de todo o Conhecimento. Isso não é difícil de compreender. E o que nos cabe é apenas isso: compreender. Porque a realização da revolução total não depende dos espíritas, como já vimos no caso da evolução científica do nosso tempo. Os espíritas estão à margem desse processo, mas ele se realiza com precisão na linha doutrinária. O mesmo acontecerá em outros campos, mas há alguns em que os espíritas já se lançaram, revelando-se porém incapazes da abnegação necessária, por falta exatamente da compreensão da doutrina.

4. O PROBLEMA DA EDUCAÇÃO — Estamos todos convencidos de que a Educação é o problema básico da transformação do homem e conseqüentemente dos mundos dos homens. A prova disso está na existência, entre nós, de uma ampla rede de escolas espíritas, desde os cursos pré-primários até os universitários. Não obstante, os congressos e simpósios educacionais espíritas revelaram o quase total alheamento dos professores espíritas pelo desenvolvimento da Pedagogia Espírita, sem a qual só haverá escolas comuns com o rótulo formal de espíritas. A ignorância doutrinária e pedagógica da maioria absoluta dos professores espíritas chegou ao cúmulo da contestação por vários deles da possibilidade de elaboração de um sistema pedagógico espírita. Não se lembraram sequer de que Kardec era um pedagogo e deixou na própria doutrina os dados necessários a esse trabalho futuro. Resolveu-se lançar em São Paulo a primeira revista mensal de Educação Espírita, o que foi feito pela Editora Edicel. Foram publicados seis números da revista, que teve uma aceitação mínima no meio espírita. A rede escolar permaneceu indiferente. As edições da revista, lançadas num esforço corajoso pelo editor Frederico Giannini Júnior, estão amontoadas no porão da Editora. Os professores não se interessaram pelos estudos publicados e nem mesmo pelo Compêndio de Pedagogia Espírita cuja publicação foi iniciada na revista.

A Escola Espírita só pode corresponder a esse nome se representar o novo tipo de Educação determinado pelos princípios espíritas. Essa Nova Educação só pode ser definida por uma Pedagogia Espírita. Com o advento da Parapsicologia e da Astronáutica a renovação pedagógica de tipo espírita se impõe como necessidade mundial. Na própria URSS e nos países da sua órbita política já se iniciou, como informam Sheila Ostrander e Lynn Schroeder, no livro já citado, um movimento de renovação pedagógica com base nas conquistas parapsicológicas. A percepção extra-sensorial é de importância básica para as viagens siderais e o problema da reencarnação modifica profundamente a concepção do educando. Nenhuma forma de educação pode ser eficaz e válida se não levar em conta as alterações científicas no conceito do educando. Os professores materialistas compreendem isso, mas os professores espíritas parecem não compreender. Não estão à altura de sua tarefa nesta fase decisiva da evolução humana.

A Pedagogia Espírita já conta, na Pedagogia moderna, com importantes contribuições de pedagogos avançados, como René Hubert, na França, Kerchensteiner, na Alemanha, Maria Montessori e seus atuais seguidores, na Itália e em todo o mundo. Hubert, particularmente, colocou sua Pedagogia numa orientação tipicamente espírita. Essas tendências renovadoras propiciam o aparecimento da Pedagogia Espírita em perfeito entrosamento com a Pedagogia Geral em desenvolvimento para adaptação aos novos tempos. O que fazem os diretores e professores da rede escolar espírita existente no Brasil? Cochilam sobre os seus velhos processos mantendo as escolas espíritas encravadas numa sistemática já superada pela evolução cultural. E quando protestamos contra essa inércia, determinada pelo comodismo e a preguiça mental, acusam-nos de perturbar a santa paz da família sagrada, a família espírita que espera a ressurreição no outro mundo para tomar conhecimento do seu fracasso.

Para a Pedagogia Espírita o educando é um reencarnado que necessita de ensino adequado à sua condição de portador de experiências vividas em encarnação anterior. As novas gerações de educandos devem preparar-se para um novo mundo, onde os fenômenos mediúnicos serão indispensáveis à própria vida prática. A telepatia, a precognição e a retrocognição, a clarividência ou visão à distância são faculdades novas que o homem de manhã terá de usar nas viagens espaciais e aqui mesmo na Terra. O problema do paranormal tem de figurar forçosamente num sistema educacional e numa orientação pedagógica do futuro próximo. Cabe ao Espiritismo a abertura dessa nova era na Educação, mas se os espíritas não se interessarem por ela os educadores e pedagogos não-espíritas terão de fazê-lo. Iremos mais uma vez contribuir, com a nossa irresponsabilidade, para a marginalização da doutrina na cultura que se renova no sentido inegável da orientação doutrinária. A Educação Espírita é a única que poderá corresponder às exigências da Era Cósmica. Se não for desenvolvida em sua plenitude, por nós mas por pedagogos alheios à doutrina, é evidente que não poderá cobrir todas as necessidades do futuro. A culpa não será dos pedagogos, mas dos que se colocam na posição de responsáveis pelo movimento espírita. Os ritmos da Natureza são perfeitamente sintonizados. No momento em que as Ciências rompem o seu arcabouço material e o homem se lança na conquista do espaço sideral, a mediunidade explode na Terra. A mente humana se abre para as novas dimensões da realidade cósmica. A Educação Espírita se torna uma exigência da Civilização do Espírito que já está surgindo nesta fase de transição. Se os espíritas não compreenderem isso serão substituídos por trabalhadores da última hora, como aconteceu aos israelitas do tempo de Jesus, que continuam ainda hoje encravados no passado.

5. CULTURA ESPÍRITA — A Cultura Espírita, como observou Humberto Mariotti, filósofo e poeta espírita argentino, é uma realidade bibliográfica, edificada no plano das pesquisas e dos estudos. Socialmente se reduzia uma parte mínima do movimento espírita mundial, pois a maioria dos espíritas a desconhece. Compreende-se que isso acontece em consequência das campanhas deformadoras e difamatórias das Igrejas e das Instituições Científicas, especialmente as de Medicina, contra o Espiritismo, como já mencionamos. Mas grande parte da culpa cabe aos próprios espíritas cultos, que em sua maioria se mostraram displicentes, por acomodação indébita ou preguiça mental. Por outro lado, a vaidade e o pedantismo intelectual de muitos espíritas os afastaram das pesquisas sobre os mais importantes aspectos da doutrina, para se entregarem a

elucubrações pessoais gratuitas, dispersivas e não raro absurdas. O desejo vaidoso de brilhar aos olhos vazios do mundo levou muitos deles a querer adaptar o Espiritismo às conquistas científicas modernas, ao invés de mostrarem a subordinação dessas conquistas ao esquema doutrinário. Outros quiseram atrevidamente atualizar a doutrina e outros ainda se aventuraram a corrigir Kardec. Essas atitudes não deram o proveito pessoal que desejavam e serviram apenas para incentivar as mistificações.

Toda nova cultura nasce da anterior. Das culturas anteriores nasceu a cultura moderna, carregada de contribuições antigas. Mas o aceleração da evolução cultural a partir da II Guerra Mundial fez eclodir quase de surpresa a Era Tecnológica. O materialismo atingiu o seu ápice e explodiu para que as entranhas da matéria revelassem o seu segredo. E esse segredo confirmou a validade da Cultura Espírita marginalizada no plano bibliográfico. Começou assim o desabrochar de uma Nova Civilização, que é a Civilização do Espírito. "A finalidade da Educação — escreveu Hubert — é instalar na Terra, pela solidariedade de consciências, a República dos Espíritos". Essa foi a proclamação da Nova Era, feita na França de Kardec, na Paris da sua batalha pelo Espiritismo.

Mas para que uma civilização se desenvolva é necessária a integração dos homens nos seus princípios e pressupostos. Uns e outros se encontram nos livros de Kardec, mas se esses livros não forem realmente estudados, investigados na intimidade profunda dos textos e transformados em pensamento vivo na realidade social, a civilização não passará de urna utopia ou de uma deformação da realidade sonhada. Por mais frágil e efêmero que seja o homem na sua existência, é ele que dá vida ao presente e ao futuro, é ele o demiurgo que modela os mundos. Para o homem-espírita construir a Civilização do Espírito é necessário que a viva em si mesmo, na sua consciência e na sua carne, pois é nesta que a relação da consciência com o mundo se realiza. E para isso não bastam os livros, é necessário o concurso de todos os meios de comunicação: a palavra, a imprensa, o rádio, a televisão, e mais ainda, a prática intensiva e coletiva dos princípios doutrinários, de maneira correta e fiel. Se o homem-espírita de hoje não compreender isso e dormir sobre os louros literários a Civilização Espírita abortará ou será transformada numa simples caricatura da fórmula proposta, como aconteceu com o Cristianismo. É disto que os espíritas precisam tomar consciência com urgência. Ou acordam para a gravidade do problema ou serão esmagados pelo avanço irrefreável dos acontecimentos no tempo.

A idéia comodista de que Deus faz e nós desfrutamos ou suportamos não tem lugar no Espiritismo. Pelo contrário, neste se sabe que o fazer de Deus no mundo humano se realiza através dos homens capazes de captar a sua vontade e executá-la. Não há milagres nem ações mágicas na Natureza, onde a vontade de Deus se cumpre através dos Espíritos, desde o controle das formações atômicas até o crescimento dos vegetais. Dizia Tales de Mileto, o filósofo vidente, que o mundo está cheio de deuses que trabalham em toda a Natureza, e deuses, para os gregos, eram espíritos. Kardec repetiu em outros termos e de maneira mais explícita e minuciosa essa mesma verdade. No mundo humano os Espíritos se encarnam, fazem-se homens para modelá-lo. Cada espírito encarnado trás consigo sua tarefa e a sua responsabilidade individual e intransferível. O que não cumpre o seu dever, fracassa. Não há outra alternativa. O fracasso da maioria dos cristãos resultou na falência quase total do Cristianismo. O que se

salvou foi o pouco que alguns fizeram. E é a partir desse pouco, dois mil anos depois da pregação do Cristo e do seu exemplo de abnegação total, foi que Kardec partiu para a arrancada espírita. O exemplo da França é uma advertência aos brasileiros. A hipnose materialista absorveu os franceses no imediato e o Espiritismo quase se apagou de todo nos campos arroteados por Kardec, Denis, Flamarion, Delanne e tantos outros. A intensa e comovente batalha de Léon Denis, na França e em toda a Europa, nos congressos espíritas e espiritualistas de fins do século XIX e primeiro quarto do nosso século foi contra as infiltrações de doutrinas estranhas, de espiritualismos rebarbativos, no meio espírita. Foi gigantesco o esforço do famoso Druida da Lorena, como Conan Doyle o chamava, para mostrar que o Espiritismo era uma nova concepção do homem e da vida, que não se podia confundir com as escolas espiritualistas ancestrais, carregadas de superstições e princípios individualmente afirmados ou provindos de tradições longínquas, sem nenhuma base de critério científico. O mesmo acontece hoje entre nós, sob a complacência de instituições representativas da doutrina e o apoio fanático de líderes carismáticos, picegos espirituais e alucinados mentais a dirigir multidões de cegos.

Todas as tentativas de correção dessa situação perigosa se chocam com a frieza irresponsável dos que se dizem responsáveis pelo desenvolvimento doutrinário. E a passividade da massa espírita, anestesiada pelo sonho da salvação pessoal, do valor mágico da tolerância bastarda, da crença ingênua do valor sobrenatural das esmolas pífias (o óbolo da viúva dado por casais de contas comuns nos bancos) vai minando em silêncio o legado de Kardec. O medo do pecado que sai da boca, da pena ou das teclas — enquanto se come e bebe à farta, semeiam-se migalhas aos pobres e dorme-se na bem-aventurança das longas digestões — faz desaparecer do meio espírita o diálogo do passado recente, substituindo o coro dos debates pelo silêncio místico das bocas de siri. Ninguém fala para não pecar e peca por não falar, por não espantar pelo menos com um grito as aves daninhas e agoureiras que destroem a seara.

A imprensa espírita, que devia ser uma labareda, é um foco de infestação, semeando as mistificações de Roustaing, Ramatis e outras, ou chovendo no molhado com a repetição cansativa de velhos e surrados slogans, enquanto as terras secas se esterilizam abandonadas. O óbolo da viúva não cai nos cofres do Templo, mas nos desvãos do chão rachado pela secura maior dos corações, como lembrou Constancio Vigil.

À margem dessa imprensa paroquial, feita para alimentar a família, os jornais que surgem em condições de mostrar ao grande público a grandeza e o esplendor da Doutrina morrem de inanição, enquanto jornais mistificadores, preparados com os condimentos da imprensa sensacionalista e louvaminheira, ou temperados com bocas de siri (quanto mais fechadas, mais gostosas) são mantidos pela renda de instituições comerciais ou por interesses marginais.

As escolas espíritas marcam passo na estrada comum. Os programas de rádio são sufocados por adulteradores e substituídos por improvisações acomodáticas. A televisão só se abre para sensacionalismos deturpadores. Os recursos financeiros só são empregados na caderneta de poupança da caridade visível, que no invisível rende juros e correções monetárias. As iniciativas editoriais corajosas — como o lançamento de toda a coleção da REVISTA ESPÍRITA — morrem asfixiados pelo encalhe, ante o desinteresse de um público apático. Os

hospitais Espíritas transformam-se em organizações comuns, mantidos pelas verbas oficiais de socorro a doentes que podem carregá-las aos seus cofres, a antiga e legítima caridade espírita de anos atrás, sustentada por alguns abnegados que já passaram para o Além, murcha como flor de guanxuma em pastos ressequidos. Restam apenas, nessa paisagem desoladora, alguns pequenos oásis sustentados pelos últimos e pobres abencerrages de uma velha estirpe desaparecida.

É necessário que se diga tudo isso, que se escreva e semeie essa verdade dolorosa, para que toque os corações, na esperança de uma reação que talvez não se verifique, mas que pelo menos se tenta despertar. Na hora decisiva da colheita as geadas da indiferença e as parasitas do comodismo ameaçam as mínimas esperanças de antigos e cansados lavradores. Apesar disso, os que ainda resistem não podem abandonar os seus postos. É necessário lutar, pois o pouco que se possa salvar poderá ser a garantia de melhores dias. O homem, as gerações humanas morrem no tempo, mas o espírito não. O tempo é o campo de batalha em que os vencidos tombam para ressuscitar. Quem poderia deter a evolução do espírito no tempo? A consciência humana amadurece na temporalidade. A esperança espírita não repousa na fragilidade humana, mas nas potencialidades do espírito, que se atualizam no fogo das experiências existenciais. Curta é a vida, longo é o tempo, e a Verdade intemporal aguarda a todos no impassível Limiar do Eterno. O homem é incoerência e paixão, labareda esquiva que se apaga nas cinzas, mas o espírito é a centelha oculta que nunca se apaga e reacenderá a chama quantas vezes for necessário, para que a serenidade, a coerência e o amor o resgatem na duração dos séculos e dos milênios.

Todas as Civilizações da Terra se desenvolveram, numa assombrosa sucessão de sombra e luz, para que um dia — o de Dia do Senhor, de que falavam os antigos hebreus — a Civilização do Espírito se instale no planeta martirizado pelas tropelias da insensatez humana. Então teremos o Novo Céu e a Nova Terra da profecia milenar. Os que não se tornarem dignos da promessa continuarão a esperar e a amadurecer nas estufas dos mundos inferiores, purgando os resíduos da animalidade. Essa é a lei inviolável da Antropologia Espírita.

*

REVISTA ESPÍRITA – ABRIL – 1859

Sonâmbulos assalariados

Um dos nossos correspondentes nos escreveu a propósito de nosso último artigo sobre os médiuns mercenários, para nos perguntar se nossas observações se aplicam, igualmente, aos sonâmbulos remunerados.

Querendo-se remontar à fonte do fenômeno, ver-se-á que o sonâmbulo, se bem que se possa considerá-lo como uma variedade de médium, é um caso diferente do médium propriamente dito. Com efeito, este último recebe suas comunicações de Espíritos estranhos que podem vir, ou não, segundo as circunstâncias ou as simpatias que encontram. O sonâmbulo, ao contrário, age por si mesmo; é seu próprio Espírito que se desliga da matéria, e vê mais ou menos bem, segundo o desligamento seja mais ou menos completo. O sonâmbulo, é verdade, está em relação com outros Espíritos que o assistem mais ou menos de bom grado, em razão de suas simpatias; mas, em definitivo, é o seu Espírito que

vê e que pode, até um certo ponto, dispor de si mesmo sem que outros encontrem nisso o que censurar, e sem que seu concurso seja indispensável. Disso resulta que o sonâmbulo que procura uma compensação material para a fadiga, freqüentemente muito grande, que para ele resulta do exercício de sua faculdade, não tem as mesmas suscetibilidades a vencer que o médium que não é senão um instrumento.

Sabe-se, além disso, que a lucidez sonambúlica se desenvolve pelo exercício; ora, aquele que disso faz a sua ocupação exclusiva, adquire uma facilidade tanto maior que está no caso de ver muitas coisas com as quais acaba por se identificar, assim que com certos termos especiais que lhe vêm à memória mais facilmente; em uma palavra, ele se familiariza com esse estado que se torna, por assim dizer, seu estado normal: nada mais o espanta. Aliás, os fatos aí estão para provarem com qual prontidão e qual clareza podem ver; de onde concluímos que a retribuição paga a certos sonâmbulos não é obstáculo ao desenvolvimento da lucidez.

A isso faz-se uma objeção. Como a lucidez é freqüentemente variável, depende de causas fortuitas, pergunta-se se o atrativo do ganho não poderia conduzir o sonâmbulo a fingir essa lucidez, mesmo quando ela lhe faltasse, por fadiga ou outra causa inconveniente que não ocorre quando não há o interesse. Isso é muito verdadeiro, mas nós respondemos que toda coisa tem o seu lado mau. Pode-se abusar de tudo, e por toda parte onde se introduz a fraude é preciso denunciá-la. O sonâmbulo que assim agisse, faltaria com a lealdade, o que, infelizmente, se encontra também naqueles que não dormem. Com um pouco de hábito, pode-se facilmente se aperceber disso, e seria difícil enganar por muito tempo um observador experimentado. Nisso, como em todas as coisas, o essencial é assegurar-se do grau de confiança que merece a pessoa à qual se dirige. Se o sonâmbulo não remunerado não oferece esse inconveniente, não é preciso crer que sua lucidez seja infalível; ele pode se enganar tanto como um outro, se estiver em más condições; a esse respeito, a experiência é o melhor guia.

Em resumo, não preconizamos estes ou aqueles; pudemos mesmo constatar serviços eminentes prestados por uns e pelos outros; nosso objetivo era provar que se pode encontrar bons sonâmbulos numa e na outra condição.

*

Livro: MECANISMOS DA MEDIUNIDADE

ANDRÉ LUIZ

ANIMISMO

MEDIUNIDADE E ANIMISMO — Alinhando apontamentos sobre a mediunidade, não será lícito esquecer algumas considerações em torno do animismo ou conjunto dos fenômenos psíquicos produzidos com a cooperação consciente ou inconsciente dos médiuns em ação.

Temos aqui muitas ocorrências que podem repontar nos fenômenos mediúnicos de efeitos físicos ou de efeitos intelectuais, com a própria Inteligência encarnada comandando manifestações ou delas participando com diligência, numa demonstração que o corpo espiritual pode efetivamente desdobrar-se e atuar com os seus recursos e implementos característicos, como consciência pensante e organizadora, fora do carro físico.

A verificação de semelhantes acontecimentos criou entre os opositores da Doutrina Espírita as teorias de negação, porquanto, admitida a possibilidade de o próprio Espírito encarnado poder atuar fora do traje fisiológico, apressaram-se os cépticos inveterados a afirmar que todos os sucessos medianímicos se reduzem à influência de uma força nervosa que efetua, fora do corpo carnal, determinadas ações mecânicas e plásticas, configurando, ainda, alucinações de variada espécie.

Todavia, os estardalhaços e pavores levantados por esses argumentos indébitos, arredando para longe o otimismo e a esperança de tantas criaturas que começam confiantemente a iniciação nos serviços da mediunidade, não apresentam qualquer significado substancial, porque é forçoso ponderar que os Espíritos desencarnados e encarnados não se filiam a raças antagônicas que se devam reencontrar em condições miraculosas.

SEMELHANÇAS DAS CRIATURAS — Somos necessariamente impelidos a reconhecer que, se os vivos da Terra e os vivos do Além respirassem climas evolutivos fundamentalmente diversos, a comunicação entre eles resultaria de todo impossível, pela impraticabilidade do ajuste mental.

Seres em desenvolvimento para a vida eterna, uns e outros guardam consigo, seja no plano extra-físico, preparando o retorno ao campo terrestre, ou no plano físico, em direção à esfera espiritual, faculdades adquiridas no vasto caminho da experiência, as quais lhes servirão de recursos à percepção no ambiente próximo.

Tem cada Espírito, em vias de reencarnação, todos os meios de que já se muniu para continuar no círculo dos encarnados o trabalho de aperfeiçoamento que lhe é próprio, conservando-os potencialmente no feto, tanto quanto possui o Espírito encarnado todas as possibilidades que já entesourou em si mesmo para prosseguir em suas atividades no Plano Espiritual, depois da morte.

Assinalada essa observação, é fácil anotar que a criatura na Terra partilha, assim, até certo ponto, dos sentidos que caracterizam a criatura desencarnada, nas esferas imediatas à experiência humana, conseguindo, às vezes, desfazer-se do corpo denso e proceder como a Inteligência desenleada do indumento carnal ou, ainda, obedecer aos ditames dos Espíritos desencarnados, como agente mais ou menos fiel de seus desejos.

Encontramos, nessa base, a elucidação clara de muitos dos fenômenos do faquirismo vulgar, em que o Espírito encarnado, ao desdobrar-se, pode provocar, em relativo estado de consciência, certa classe de fenômenos físicos, enquanto o corpo carnal se demora na letargia comum.

OBSESSÃO E ANIMISMO — Muitas vezes, conforme as circunstâncias, qual ocorre no fenômeno hipnótico isolado, pode cair a mente nos estados anômalos de sentido inferior, dominada por forças retrógradas que a imobilizam, temporariamente, em atitudes estranhas ou indesejáveis.

Nesse aspecto, surpreendemos multiformes processos de obsessão, nos quais Inteligências desencarnadas de grande poder senhoreiam vítimas inabilitadas à defensiva, detendo-as, por tempo indeterminado, em certos tipos de recordação, segundo as dívidas cármicas a que se acham presas.

Freqüentemente, pessoas encarnadas, nessa modalidade de provação regeneradora, são encontráveis nas reuniões mediúnicas, mergulhadas nos mais complexos estados emotivos, quais se personificassem entidades outras, quando, na realidade, exprimem a si mesmas, a emergirem da subconsciência nos trajes mentais em que se externavam noutras épocas, sob o fascínio constante dos desencarnados que as subjagam.

ANIMISMO E HIPNOSE — Imaginemos um sensitivo a quem o magnetizador intencionalmente fizesse recuar até esse ou aquele marco do pretérito, pela deliberada regressão da memória, e o deixasse nessa posição durante semanas, meses ou anos a fio, e teremos exata compreensão dos casos mediúnicos em que a tese do animismo é chamada para a explicação necessária. O «sujet», nessa experiência, declarar-se-ia como sendo a personalidade invocada pelo hipnotizador, entrando em conflito com a realidade objetiva, mas não deixaria, por isso, de ser ele mesmo sob controle da idéia que o domina.

Nas ocorrências várias da alienação mental, encontramos fenômenos assim tipificados, reclamando larga dose de paciência e carinho, porquanto as vítimas desses processos de fixação não podem ser categorizadas à conta de mistificadores inconscientes, pois representam, de fato, os agentes desencarnados a elas jungidos por teias fluídicas de significativa expressão, tal qual acontece ao sensitivo comum, mentalmente modificado, na hipnose de longo curso, em que demonstra a influência do magnetizador.

DESOBSESSÃO E ANIMISMO — Nenhuma justificativa existe para qualquer recusa no trato generoso de personalidades medianímicas provisoriamente estacionadas em semelhantes provações, de vez que são, em si próprias, Espíritos sofredores ou conturbados quanto quaisquer outros que se manifestem, exigindo esclarecimento e socorro. O amparo espontâneo e o auxílio genuinamente fraterno lhes reajustarão as ondas mentais, concurso esse que se estenderá, inevitável, aos companheiros do pretérito que lhes assediem o pensamento, operando a reconstituição de caminhos retos para os sensitivos corporificados na Terra, tão importantes e tão nobres em sua estrutura quanto aqueles que os doutrinadores encarnados se propõem traçar para os amigos desencarnados menos felizes.

Aliás, é preciso destacar que o esforço da escola, seja ela o recinto consagrado à instrução primária ou a instituto corretivo, funciona como recurso renovador da mente, equilibrando-lhe as oscilações para níveis superiores.

Não há novidade alguma no impositivo da acolhida magnânima aos obsessos dessa natureza, hipnotizados por forças que os comandam espiritualmente, a distância.

ANIMISMO E CRIMINALIDADE — Os manicômios e as penitenciárias estão repletos de irmãos nossos obsediados que, alcançando o ponto específico de suas recapitulações do pretérito culposo, à falta de providências reeducativas, nada mais puderam fazer que recair na loucura ou no crime, porque, em verdade, a alienação e a delinqüência, na maioria das vezes, expressam a queda mental do Espírito em reminiscências de lutas pregressas, à semelhança do aluno que, voltando à lição, com recursos deficitários, incorre lamentavelmente nos mesmos erros.

O ressurgimento de certas situações e a volta de marcadas criaturas ao nosso campo de atividade, do ponto de vista da reencarnação, funcionam em nossa vida íntima como reflexos condicionados, comprovando-nos a capacidade de superação de nossa inferioridade, antigamente positivada.

Se estivermos desarmados de elementos morais suscetíveis de alterarmos a onda mental para a assimilação de recursos superiores, quase sempre tornamos à mesma perturbação e à mesma crueldade que nos assinalaram as experiências passadas.

Nesse fenômeno reside a maior percentagem das causas de insânia e criminalidade em todos os setores da civilização terrestre, porquanto é aí, nas chamadas predisposições mórbidas, que se rearticulam velhos conflitos, arrastando os melhores propósitos da alma, sempre que descure de si mesma.

Convenhamos, pois, que a tarefa espírita é chamada, de maneira particular, a contribuir no aperfeiçoamento dos impulsos mentais, favorecendo a solução de todos os problemas suscitados pelo animismo. Através dela, são eles endereçados à esfera iluminativa da educação e do amor, para que os sensitivos, estagnados nessa classe de acontecimentos, sejam devidamente amparados nos desajustes de que se vejam portadores, impedindo-se-lhes o mergulho nas sombras da perturbação e recuperando-se-lhes a atividade para a sementeira da luz.

*

Livro: MEDIUNIDADE

J. HERCULANO PIRES

CAPÍTULO XIII

GRAU DA MEDIUNIDADE

Existiria uma escala de graus mediúnicos, no tocante ao poder ou capacidade dos médiuns? Poderíamos, como na Psicologia Experimental, medir a intensidade das percepções mediúnicas nos médiuns e determinar o limiar das sensações? Vários sistemas foram criados para esse fim e alguns são adotados no meio espírita por dirigentes sistemáticos. *A leitura da aura* é uma técnica de avaliação das condições espirituais das pessoas através da vidência. Mas é ponto pacífico no Espiritismo que a vidência não oferece nenhuma condição de segurança para servir de instrumento de pesquisa. Quanto à aura, trata-se de uma irradiação perispiritual, extrapolação de eflúvios de energias que, segundo as pesquisas atuais da efluviografia, através das câmaras kirlían de fotografias, em campos imantados por alta frequência elétrica, revelam constantes variações. Essas variações correspondem aos vários estados emocionais da criatura, que podem alterar-se de uma maneira ou de outra pela simples tentativa de observá-las. Não há, até o momento, nenhum meio científico de se verificar objetivamente os graus de percepção mediúnica ou o grau de espiritualidade de uma pessoa. Além disso, o vidente que examina a aura de alguém sofre as mesmas variações provenientes da instabilidade psi-orgânica e emocionais. Na Psicologia Experimental avalia-se o grau das sensações e percepções no plano material-concreto. Mas a mediunidade escapa inteiramente ao campo sensorial. Suas relações não são com a epiderme, mas com o perispírito, o que vale

dizer com as condições subjetivas do indivíduo. Essas tentativas de avaliação e classificação mediúnicas não passam de pretensões sem fundamento. A mediunidade não depende de fatores orgânicos e não pode ser avaliada materialmente. Não está condicionada a peso nem medida. Determinar-lhe o grau sem esses dados é impossível. Espiritualmente não existem meios para a sua avaliação. Ela escapa a todo critério quantitativo, pois não se constitui de quantidades de energia, mas de qualidade espiritual. No entanto, o método qualitativo não se aplica a ela, pois não há um fator espiritual único e permanente em suas manifestações. Estas são extremamente variáveis, pois dependem dos espíritos comunicantes. A diversidade de condições desses espíritos só poderia ser avaliada após verificações exaustivas e submetidas a cálculos diferenciais minuciosos. Mas acontece ainda que essa variabilidade não indica nada quanto ao grau de evolução do médium. Nenhum especialista criou ainda um sistema fundado em fatores seguros para qualquer avaliação. Tudo quanto se tem feito nesse campo é puramente hipotético. Por outro lado, há o problema das condições circunstanciais do observador, em casos de vidência. O vidente joga sempre com probabilidades improváveis. Ele mesmo não pode ter certeza do que vê, pois numerosas formas de interferência podem perturbar a sua visão, como a sua maneira de encarar o ato mediúnico e a própria mediunidade, a sua posição individual no tocante aos critérios arbitrários de avaliação, as suas idiosincrasias e os seus desejos e esperanças com relação ao médium avaliado. Há outros vários fatores psicológicos e afetivos que podem também interferir no caso. Insistimos nesses pormenores para que o leitor tenha uma idéia a respeito das dificuldades dessas tentativas que vêm sendo levadas a sério. Imagine-se ainda as questões de vaidade, de competição que fatalmente surgirão desses processos imaginários e sem nenhuma utilidade. Os critérios psicológicos de avaliação da personalidade não podem também ser aplicados a este caso, pois na mediunidade as personalidades são múltiplas e inconstantes, havendo ainda o problema das personalidades anímicas, projeções de situações anteriores do médium em encarnações passadas. Onde a competência, e de quem, em nosso meio espírita, para superar todas essas dificuldades? E como entregar-se o caso a um especialista em avaliações que não conhece a doutrina nem dispõe de experiências mediúnicas?

Só poderíamos estabelecer uma escala de graus da mediunidade pelo critério objetivo da produtividade qualitativa. Os médiuns de graus mais elevados seriam os que apresentassem produção qualitativa superior, com maior proveito para o desenvolvimento do Espiritismo e maior influência no movimento doutrinário e, atingindo, ao mesmo tempo, maior interesse do público leigo. Mas então estaríamos também considerando um tipo de manifestação mediúnica como superior aos demais. Esse é o critério natural estabelecido pelo consenso do meio espírita. Essa avaliação natural dispensa medidas formais e judicativas, sempre sujeitas a enganos, erros e injustiças. Embora ocorram nele ou possam ocorrer injustiças, não se trata de um julgamento formal e pretensamente técnico. O critério possível já foi estabelecido naturalmente, sem criar os graves problemas de excitação da vaidade dos médiuns e promoção de rivalidades no campo mediúnico. Mas como poderíamos atender, num critério formal, às numerosas áreas de serviço das manifestações mediúnicas, muitas das quais, importantíssimas, escapam ao conhecimento da maioria, ficando restritas a pequenos grupos? A alegação de que um critério de mensuração dos

graus mediúnicos facilitaria o trabalho dos grupos e centros e o aproveitamento maior dos médiuns mais aptos ou flexíveis é também inútil e desnecessário. Os médiuns, como ensinou o Apóstolo Paulo, têm suas missões específicas, seus campos próprios de trabalho. Todos contribuem igualmente, cada qual no seu setor, para a realização dos objetivos do Espiritismo, que são a elevação moral e espiritual da Humanidade, para que a Terra possa entrar no concerto dos mundos superiores. Nos centros e grupos, os médiuns tomam naturalmente os seus lugares e uns suprem, discretamente, as deficiências de outros, segundo o critério dos guias espirituais. Essas qualificações pretensiosas de médiuns em maiores e menores, melhores e piores, a cargo de instituições supostamente dirigentes do movimento espírita, é uma invasão indébita de área que não nos pertence.

Já tivemos a oportunidade de saber o que ocorreu num centro de grande atividade, quando alguém teve a idéia pretensamente estimuladora de consultar os mensuradores de mediunidades sobre as condições dos médiuns do centro. Logo que chegaram os resultados falíveis das pesquisas de auras, surgiram desgostos e rivalidades. Ninguém perguntou pela validade desse veredicto implacável, nem se lembrou de também examinar, pelos dados comuns e informações naturais do meio espírita, qual o grau de conhecimento doutrinário, de moralidade e de fidelidade à doutrina que caracterizava os possíveis avaliadores. Pois também existe esse problema: quem, e com que autoridade moral e espiritual, está em condições de julgar o valor dos outros, e quem dispõe de autoridade espiritual para escolher os que vão fazer o julgamento?

*

LIVRO: MEDIUNIDADE

J. HERCULANO PIRES

CAPÍTULO XIV

MEDIUNIDADE PRÁTICA

Vida e Mediunidade são um só objeto encarado de maneiras diferentes. Pensamos haver deixado isso bem claro no correr destas páginas. Até agora ainda não compreendemos bem esse problema, mas a sua compreensão neste momento em que as pesquisas científicas referendam a concepção espírita da vida e esta se apresenta como uma realidade mediúnica. O ato de viver é um ato mediúnico. Somos espíritos que se manifestam através de corpos materiais. Nossa vida é uma alternância de sono e vigília. No sono estamos ausentes do médium, o intermediário entre nós e o mundo. Então o aparelho mediúnico repousa e nos afastamos dele para libertar-nos do seu peso e da sua pressão, respirando a liberdade do plano espiritual. Na vigília voltamos ao corpo, imantados ao organismo que temos de usar e dirigir nas experiências e vicissitudes da vida. Mas esta alternância maior não é a única. Durante o sono acordamos algumas vezes, em lapsos de tempo imperceptíveis ou perceptíveis, como um navegante que se preocupa continuamente com o seu barco e não quer deixá-lo à deriva. Durante a vigília escapamos do corpo mais do que supomos, nas ausências psíquicas, nos cochilos, nos chamados lapsos de distração, como se precisássemos olhar de vez em quando pela escotilha e observar o roteiro.

Karl Jaspers, psiquiatra e o mais lúcido filósofo existencial, estabeleceu a lei de alternância na definição da existência: *a lei do dia e a lei da noite*. A existência é apenas comunicação regida pela lei diurna, é ordenação das coisas buscando a liberdade e a claridade; a lei noturna é paixão, ímpeto de destruição, obscuridade, vinculação do homem à terra e ao sangue. A noite e o dia deixam de ser apenas fenômenos de rotação terrena, para marcar também os ritmos da transcendência humana, que se passa entre dois mundos solidários e contraditórios, nessa visão dialética da vida e da morte. Jaspers declara: "Eu sou existência".

Entende-se, assim, que a vida é comunicação da existência ou vice-versa. A mediunidade, como já vimos, é comunicação do espírito. No Espiritismo, o ser que se projeta na existência é espírito que anima um corpo, pelo que o espírito encarnado é a alma do corpo. Essa alma, entretanto, não permanece encarcerada no corpo e pode desprender-se dele (sem desligar-se) graças à lei de alternância que Jaspers percebeu e definiu em termos quase espíritas, sem conhecer o Espiritismo. Sartre, anti-metafísico, não aceita a existência da alma, essência da existência, e sustenta que a essência do homem é um *suspense na existência*, pois o homem elabora a sua essência com as experiências e atividades na existência, de maneira que a essência do homem só se completa na morte e então substitui o morto. Nesse caso, a essência é o que o homem realizou no mundo e nele deixa para a posteridade. Para Heidegger o homem *se completa na morte*. Essas coincidências com o pensamento espírita, na Filosofia Contemporânea, mostram a plena atualidade do pensamento espírita e sua eficácia na interpretação do real. Enquanto isso alarga-se desastrosamente profunda vala aberta entre a realidade cultural contemporânea e as forças unidas que há mais de um século se conluiaram para esmagar o Espiritismo. Esse fato, por si só, devia ser suficiente para mostrar de que lado, como dizia Kardec, está o bom-senso.

Na teoria diurna e noturna de Jaspers há um ponto importante a esclarecer. A interpretação espírita da *lei notâmbula* não lhe dá o caráter de necrofilia destruidora que a tendência psiquiátrica de Jaspers lhe conferiu. De maneira menos dramática e mais natural, a noite é considerada no Espiritismo como fecunda e criadora. O repouso noturno favorece o repouso do corpo e conseqüentemente o desprendimento do espírito, que nada tem a recuperar no sono. O cansaço é um fenômeno físico, não espiritual. O cérebro se cansa e desgasta, mas a mente, que não é física, nada sofre. Durante o ritmo noturno os espíritos suficientemente evoluídos recuperam a liberdade e entram em relação direta com os espíritos libertos de mortos e de vivos. A liberdade é atributo do espírito. Os videntes de maior sensibilidade captam no ritmo noturno um impulso ascensional, em que milhões de almas se elevam aos planos espirituais na busca de amor e saber. Não encontram-se com os seres queridos levados nas asas da morte e beber a sabedoria dos espíritos superiores sobre os segredos da vida. O que levou Jaspers à idéia de um sentido necrófilo e destruidor no ritmo noturno foi certamente a impressão de que os homens se entregam a uma espécie de negação da vida, fechando-se no sono ou entregando-se a ações degradantes, acobertados pela escuridão. Essa é a falsa impressão das aparências. A noite, além disso, é propícia aos trabalhos mentais e intelectuais, à cogitação filosófica, à busca serena da verdade que as tropelias do dia obscurecem. A ligação do homem com a Terra e o sangue caracteriza o

ritmo diurno, quando o espírito encarnado se integra na realidade carnal e terrena, lutando para dominá-la. Esses enganos filosóficos decorrem da posição materialista do pensamento atual, que não obstante é muito mais favorável à conquista do real, por desvencilhar-se dos resíduos mágicos e mitológicos do longo passado humano, criador de superstições e preconceitos. Também na Cultura, portanto, temos os dois ritmos no plano histórico: o dia sensorial das fases pragmáticas, em que os homens se desgastam na conquista da Natureza, e a noite espiritual das fases idealistas, em que os homens se voltam para a realidade platônica do Mundo das Idéias e conseguem realizar os sonhos noturnos, as utopias de antigas aspirações, lançando-se ao Cosmos e pisando na Lua.

É fácil perceber-se no jogo de imagens sugerido pela teoria de Jaspers, que a noite e o dia tendem a fundir-se na realidade única da temporalidade, do tempo contínuo e sem limites, sem fracionamentos sensíveis, inteiro e pleno no inteligível, com que o Espiritismo nos acena para o futuro humano. A dialética dia-noite reconstrói a síntese do tempo, na liberação progressiva e alternada das potencialidades do espírito.

É para chegarmos lá, não isoladamente, um por um, no egoísmo da salvação pessoal das seitas fideístas, mas em conjunto, na conquista comum do real em sua globalidade, que necessitamos de compreender a prática espírita e empregá-la em nossas existências sucessivas. Não se trata da prática formal nas instituições doutrinárias, mas da prática vivencial na luta do dia-a-dia. Temos de aprender a viver o Espiritismo, usando normalmente a faculdade humana da mediunidade estática ou generalizada, de que todos dispomos. Assim como usamos a inteligência, o bom-senso, o critério lógico, a percepção extra-sensorial, todas as modalidades da atividade espiritual em nossa vida diária, precisamos também usar a mediunidade. Ao descobrir a ponta desse fio de Ariadne no labirinto do mundo estaremos capacitados a escapar do Minotauro e atingir a porta da libertação. Para isso não precisamos de técnicas especiais e complicadas, basta-nos tomar consciência de nossas possibilidades. A mediunidade não nos foi dada para falar com os mortos, pois os mortos estão mortos e não falam, são cadáveres que as entranhas da Terra devoram lentamente nos cemitérios ou apenas a cinza sutil das cremações. A mediunidade nos liga aos espíritos, que são os vivos libertos da matéria densa e em plena atividade na face espiritual do mundo, que só não percebemos porque vivemos imantados ao magnetismo terrestre. Temos de perceber a função discriminadora da consciência e aprender a usá-la em todos os instantes, com a mesma naturalidade e continuidade com que usamos as funções mentais. Quando fazemos isso o mundo se transforma ao nosso redor e o Espiritismo nos aparece transfigurado como o Cristo no Tabor. Deixamos de ver apenas o Espiritismo prático em que a mente se enleia como em toda a praticidade, absorvendo-nos em preocupações egocêntricas, na busca de auxílios imediatistas, de proveitos pessoais, de soluções ilusórias para problemas reais. Deixamos de ser os choramingas e pedintes de todos os instantes, de olhos vendados pelo medo, e aprendemos a encarar a vida com a mente aberta e confiante, não mais confinada em nossas preocupações imediatistas, não mais presa na teia da avareza, da ganância, da rivalidade, das disputas vaidosas. A rotina espírita das perturbações se transforma na vivência espírita da paz compreensiva e rica de possibilidades espirituais.

Tendo compreendido a finalidade da doutrina em seu sentido cósmico, não apenas terreno, sentimo-nos capazes de enfrentar as dificuldades do momento sem perder a visão do futuro. A percepção mediúmica da realidade maior que nos cerca, do *sentido da vida*, da nossa natureza íntima, tão diferente da natureza material do corpo, nossas angústias e apreensões desaparecem ao sopro do espírito que tudo renova. Muitos espíritas procuram técnicas de libertação em tradições religiosas de outros povos, sem compreenderem que as técnicas se ajustam a cada povo em sua maneira de ser, em suas tradições, e que a nossa maneira e tradição ocidentais se ligam ao Cristianismo. Não se trata de um exclusivismo cristão pretensioso, estimulado pelo salvacionismo egoísta das igrejas cristãs, imposto dogmaticamente, mas de uma questão de fidelidade a nós mesmos, ao nosso modo ocidental de ser, às exigências profundas da nossa condição específica. O Espiritismo é o desenvolvimento histórico e profético do Cristianismo. Histórico na sucessão dos tempos, no lento e penoso desenvolvimento da Civilização Cristã, que ainda não superou a condição de esboço, mas já estendeu sua influência a todo o mundo. Profética no sentido real, objetivo, sem a mística deformadora das igrejas, de cumprimento da Promessa do Consolador, do Paracleto, do Espírito da Verdade que viria restaurar o ensino legítimo do Cristo. Tudo isso tem de ser encarado de maneira racional, sem nos deixarmos levar por atitudes místicas. Só assim poderemos ver que temos em mãos a chave que buscamos em porta alheia.

Nossa vida não é material, é espiritual e como tal regida pela mente. Alimentamo-nos de matéria para sustento do corpo, mas vivemos de anseios, sonhos, aspirações, idéias e impulsos espirituais que brotam do nosso íntimo ou nos chegam em forma de sugestão e, às vezes, de envolvimento emocional do meio em que vivemos, das mentes encarnadas e desencarnadas que nos cercam e convivem conosco. A técnica espírita é simples e natural. Basta-nos lembrar que somos indivíduos e não massa, que a nossa individualidade é definida e nos caracteriza como personalidades livres e responsáveis. Tomando consciência disso deixamos de nos entregar a influências estranhas, assumimos a jurisdição de nós mesmos, tomamos o volante do corpo em nossas mãos e aprendemos a guiar-nos com a lucidez necessária. Aprendemos a distinguir as nossas idéias das idéias que nos são transmitidas pelos outros. Podemos examinar tudo, como ensinava o Apóstolo Paulo, sabendo que tudo nos é lícito mas nem tudo nos convém. Exercitando esse critério íntimo conseguimos adestrar-nos na direção de nossas intenções, repelindo tudo o que possa prejudicar os outros e aceitando apenas o que nos ajude a ser mais úteis ao mundo.

A prática espírita da vida supera a pouco e pouco a nossa insegurança, os nossos desajustes, reequilibrando-nos em nossa personalidade. A mediunidade é a nossa bússola e devemos aplicá-la sem complicações em nossa conduta. Mantendo a mente livre e confiante — livre do medo, das desconfianças infundadas, da pretensão vaidosa, dos interesses mesquinhos, e confiante nas leis da vida e na integridade do ser — tornando nossa mente aberta e flexível. Nossa potencialidade mediúmica nos proporcionará as intuições claras da realidade antes confusa, a captação fácil das sugestões amigas, a percepção direta e profunda dos rumos a seguir em todas as situações. Mediunidade é isso: o aflorar na consciência das forças e vetores que formam a riqueza insuspeitada

do nosso inconsciente. A comunicação mediúnica, no plano interno das relações anímicas, é a inspiração que nos guia no momento certo. A mecânica e a dinâmica desse processo, descritas por Frederic Myers, depende das condições favoráveis que criarmos em nossa mente e em nossa afetividade, sob o controle da razão. Facilitadas conscientemente por nós essas condições necessárias, o ato mediúnico se realizará em nosso mundo íntimo.

Quando concentramos o pensamento de maneira tensa na solução de um problema, a nossa mente se fecha sobre si mesma, como a carapaça de uma tartaruga que se defende de ameaça de fora. Impedimos o fluxo livre do pensamento. Essa concentração nos isola em nossa angústia, em nosso desespero. Tudo então se torna difícil e escuro ao nosso redor, tudo se amesquinha. Mas quando encaramos um problema sem aflição, de mente aberta e confiante, as vozes internas conseguem soar em nossa acústica mental e a vida nos revela as suas múltiplas e ricas perspectivas. A mediunidade não é apenas um meio de comunicação com os espíritos. Ela é comunicação plena, aberta para as relações sociais e para as relações espirituais. No capítulo destas, figura em destaque, pela importância que assume em nosso comportamento individual e social, a atividade mediúnica interior, em que a essência divina do homem se comunica com a sua essência humana. É esse o mais belo ato mediúnico, o fenômeno mais significativo da mediunidade, aquele que mais distintamente nos revela a nossa imortalidade pessoal.

Jesus perguntou aos fariseus que se conturbavam com a afirmação da sua própria divindade — não como parte de Deus, mas como criatura de Deus: "Não está escrito em vossas escrituras que vós sois deuses?". Estava e está, mas eles não compreendiam isso, pois estavam imantados à sua humanidade terrena, imantados à condição carnal. A prática mediúnica informal, realizada permanentemente em nosso viver e em nosso existir (que é viver conscientemente) nos mostra a face desconhecida do Espiritismo. Viver mediunicamente não é viver envolvido por um espírito estranho, mas viver na plenitude do nosso espírito aberto para as relações mediúnicas internas e as percepções mediúnicas externas. A tranquilidade, a segurança, o saber, o equilíbrio que buscamos estão em nós mesmos. Podemos e devemos ser os médiuns da nossa natureza divina, soterrada em nós pelo nosso apego aos formalismos, à magia sacramental e à idolatria. Essas coisas não são condenáveis pelo que são, mas pelo que não são. Elas nos iludem com as suas fantasias e nos desviam da confiança em nossa divindade. A lição de Kardec é clara e tirada de seus estudos, de suas pesquisas, de sua observação, de sua inteligência genial: ritos e palavras mágicas, sinais, objetos sagrados, danças e cantos, queima de velas, plantas, pólvora e outros ingredientes nada valem para os espíritos. O que vale é o pensamento, o sentimento, a autoridade moral dos que aplicam a mediunidade a serviço exclusivo do bem. Enquanto não compreendermos essa verdade não compreenderemos também o Espiritismo e não saberemos praticá-lo, como as gerações de dois mil anos, com seus teólogos e ministros de Deus, não compreenderam o Cristianismo.

Nossa divindade interna é potencialidade, não ato. Mas quando nos afastamos das exterioridades e procuramos a verdade em nosso coração e em nossa mente, de maneira sincera, a nossa divindade se atualiza em nós, transforma-se em ato, em realidade e nos coloca acima de todas as fantasias ilusó-

rias dos tempos primitivos. A mediunidade se abre para as intuições da verdade, ou seja, daquilo que realmente existe, iluminando a nossa existência e afastando-nos da vaidade pretenciosa, do orgulho vazio, das encenações ridículas. Os espíritos superiores — diz Kardec — são como os homens superiores: não se interessam por fantasias e não se interessam por nossos louvores interesseiros. Estão prontos a auxiliar os que buscam a verdade, o conhecimento legítimo, o amor puro, mas distanciam-se dos que pensam conquistá-los com homenagens tolas. Se nos deixarmos levar por palavrórios eloqüentes, ao invés de pensar com seriedade nos princípios da doutrina ficaremos com os palavrórios. Cada qual escolhe o que quer e não tem do que reclamar. A escolha é nossa, mas as conseqüências decorrem das leis naturais que são as próprias leis de Deus na estrutura do Universo ou na estrutura da nossa consciência.

A mediunidade prática é a prática mediúnica individual e permanente, um manter-se alerta ante o momento que passa, carregado de excitações sensoriais e rico de percepções espirituais. Esse estado de alerta não deve ser forçado, mas mantido com espontaneidade. Para estarmos mediunicamente alertas basta não nos entregarmos à hipnose da matéria, não nos apegarmos apenas à realidade exterior, percebendo ao mesmo tempo a nossa realidade interna, o fluir das idéias nossas e alheias pela nossa mente, sabendo distingui-las. Para isso, é claro que os princípios da consciência, vigias constantes do nosso modo de ser e portanto do nosso comportamento, devem ser bem definidos em nossa compreensão doutrinária. Tudo isso não é possível quando já nos entregamos à atuação de espíritos perturbadores ou às nossas próprias inquietações. Nesse caso temos de recorrer aos trabalhos mediúnicos da prática comum, num grupo em que a doutrinação seja praticada à luz do Evangelho. Quando assim nos livrarmos das interferências dos outros e de nós mesmos, voltando à normalidade, então poderemos colocar-nos nessa posição de permanente vigilância que nos ajudará a manter a serenidade espiritual necessária.

É necessário compreender que não se trata, neste caso, de uma prática mediúnica permanente, o que seria absurdo. Kardec tratou suficientemente, no *Livro dos Médiuns*, da inconveniência de excessos na prática mediúnica. Tratamos aqui de uma aplicação dos princípios espíritas à realidade existencial, a partir do princípio de vigilância. "Vigiai e orai", ensinou Jesus. *Fazemos por um instante abstração das manifestações mediúnicas propriamente ditas* — como advertiu Kardec textualmente — *para raciocinar por indução sobre as conseqüências a atingir na mediunidade prática*. Usamos o sistema de Kardec no exame do problema da alma e sua natureza. Não tratamos dos médiuns específicos do mediunato, mas dos médiuns comuns da mediunidade generalizada. Não se trata de buscar o maravilhoso, mas de conhecer e aproveitar na vida diária a maravilhosa contribuição da faculdade mediúnica, que pode livrar-nos de perturbações e obsessões de toda a espécie. Assim como usamos o bom-senso permanentemente no julgamento das coisas e fatos, a razão no discernimento, a visão na discriminação dos objetos e seres, assim também podemos usar permanentemente a faculdade mediúnica na percepção da realidade dupla em que vivemos: a interna e a externa, a espiritual e a material, conjugando-as numa percepção global, de tipo gestáltico. É isto o que hoje se procura nas seitas e religiões orientais que dispõem de técnicas espiri-

tuais para abrir e fechar chacras e coisas semelhantes. Alega-se que não temos nada disso no Espiritismo, que só trata de manifestações de espíritos através de um processo de submissão mediúnica aos comunicantes. Na verdade, o método espírita é o contrário disso: sujeita-se o espírito ao médium, que deve ter o controle da manifestação. E no tocante ao uso da mediunidade generalizada ou estática, existente em todas as criaturas, afirma-se que ela serve apenas para permitir casos de obsessão. Mas se a mediunidade é uma faculdade humana natural, como Kardec a classificou, é evidente que as suas funções se desenvolvem em nós permanentemente, sem o percebermos. Esse problema foi explicado por Kardec, mas não cogitamos suficientemente das suas conseqüências. Elas se tornam claras quando procuramos examiná-las à luz do princípio de vigilância. Da mesma maneira como estamos de ouvidos atentos ao atravessar as ruas das grandes cidades, pois a visão somente não basta para prevenir-nos dos vários perigos, devemos também estar atentos às excitações e desafios do dia-a-dia, para perceber a realidade total do momento que passa e evitar os seus perigos, dando mais atenção à percepção mediúnica. À prática permanente das demais faculdades, devemos juntar a mediunidade prática em nossa relação permanente com as coisas e os seres.

Não estamos ensinando uma técnica de aperfeiçoamento místico, mas apenas o uso necessário, que muitas pessoas já fazem, naturalmente, da percepção mediúnica consciente. Passamos do descuido para o cuidado, da desatenção para a atenção. Não se trata também de desenvolver poderes psíquicos, mas de usar os poderes que já possuímos desenvolvidos. O que acontece no meio espírita é uma acomodação aos princípios doutrinários mal conhecidos, sem a preocupação do estudo global e sistemático, para mais profunda compreensão da doutrina. Esse comodismo favorece o aparecimento de pretensas inovações doutrinárias, sem a assimilação do espírito da doutrina. Por outro lado, a fuga deprimente dos comodistas para o sincretismo e suas práticas primárias do mediunismo. Para modificar essa situação temos de agitar as águas no bom sentido, chamando a atenção para aspectos da doutrina que passam inteiramente despercebidos. Entre esses está o da mediunidade generalizada que procuramos tratar neste capítulo em primeira abordagem.

Podemos ir ainda mais longe e perguntar: quem se conhece a si mesmo e pode avaliar-se com segurança? Se os nossos estudos e as nossas práticas espíritas ainda não nos deram sequer a compreensão da inferioridade do nosso planeta, da precariedade dos juízos humanos, da nossa incapacidade para dominar os problemas de ordem superior do plano espiritual, é evidente que precisamos de uma revisão imediata e profunda da nossa posição doutrinária.

Nessa mesma linha de pensamento devemos encarar os problemas do conhecimento de nossas encarnações anteriores. Essa questão vem também servindo como possível critério avaliativo de médiuns e pregadores. Estes, por sua vez, encontram apoio para a sua possível autoridade na doutrina em suas possíveis lembranças de vidas anteriores. Mas de que recursos dispomos para penetrar com segurança nesse problema, investigando as nossas vidas passadas e até mesmo as vidas passadas dos outros? O único critério de que dispomos nos foi dado sabiamente por Kardec: examinarmos as nossas condições atuais para sabermos em que condições vivemos no passado remoto. Es-

se critério se baseia no princípio da evolução e no imperativo do *conhece-te a ti mesmo*. Mas a nossa ignorância em relação à posição do Espiritismo no mundo, é tanta que nos esquecemos da inutilidade dos títulos e posições do passado para querer saber *quem fomos* e não o *que fomos*. Queremos ter a certeza, mesmo através de uma auto-sugestão, de que fomos esta ou aquela figura histórica importante — um príncipe, um cardeal ou pelo menos o seu assistente, uma rainha ou um grande guerreiro — porque assim nos sentimos maiores e fazemos que os homens atuais nos considerem com mais respeito. Isso quer dizer simplesmente que trocamos os valores espirituais por valores materiais peremptos. Não perguntamos pela nossa humildade, moralidade, espiritualidade, bondade e pureza no passado. Perguntamos pela vaidade, arrogância, criminalidade e imoralidade. Sabemos muito bem que os grandes de ontem, na trágica história humana, foram ferozes dominadores, e queremos nos apresentar ainda hoje com as insígnias da grandeza brutal de outros tempos. Como dizia Aristides Lobo, o grande jornalista paulistano, materialista e tradutor de obras filosóficas, que acabou aceitando o Espiritismo e proferindo na Biblioteca Municipal uma memorável palestra sobre a sua conversão: "O que estranho no meio espírita é que tenho encontrado muitos patifes reencarnados, mas nenhum camponês ou lixeiro honesto".

Se nos fosse benéfico lembrar as encarnações anteriores, é evidente que as lembraríamos. Essas lembranças estão em nós mesmos, gravadas em nossa consciência profunda. Mas em nosso benefício as lembranças do passado são filtradas ao passar da consciência subliminar à consciência supraliminar. O filtro protetor só permite que passem pela linha divisória de limiar os resultados de nossas experiências anteriores em forma de aspirações, aptidões, tendências, vocações, e sobretudo os propósitos de não regredirmos jamais àquelas condições negativas que devemos esquecer. Este problema das reencarnações anteriores é sempre disfarçado pela declaração de que a lembrança serve para provar o princípio da reencarnação. Na realidade, o que em geral se busca não é isso, mas uma base maior e tanto mais impressionante quanto aureolada pelo maravilhoso, para o nosso prestígio atual no meio espírita. Esquecemo-nos, porém de que a revelação dessas supostas lembranças serve também para nos ridicularizar ante os espíritas de bom-senso e a grande maioria não-espírita. E o que é pior: servem para ridicularizar a teoria da reencarnação e o próprio Espiritismo perante os meios culturais.

Acontece o mesmo na questão dos passes. É natural a nossa tendência para a simulação, o disfarce. Ingenieros dedicou volumoso estudo a essa questão. Nas competições da vida tem muita importância a aparência. Somos sempre tentados pelo prestígio das aparências. O funcionário subalterno de uma repartição pública aturde o público com exigências de toda espécie, inteiramente desnecessárias, para fazer valer a importância do seu cargo, o que vale dizer a sua importância. Formam-se ordens honoríficas numerosas para conceder comendas e latarias variadas aos compradores de importância. Pessoas de poucos recursos gastam o que não podem para falar grosso no meio social. É conhecida a preferência dos homens de pequena estatura pelos automóveis rabo-de-peixe. As Universidades se enchem de alunos que lutam para a conquista de um título que lhes dê prestígio, pouco interessados no conhecimento a adquirir, no seu desenvolvimento cultural. Os fardões acadêmicos transformam muitos escritores de valor em múmias comedoras de bola-

cha. É tão natural essa tendência que geralmente não se percebe o ridículo de todas essas coisas. É também natural que essa tendência exista no meio espírita, apesar de todas as advertências doutrinárias sobre a efemeridade das glórias mundanas. O exemplo de Jesus, o rabi popular que não procurou as investidas do Templo, foi soterrado pelas honrarias de após morte que lhe conferiram, transformando-o até mesmo num terço de Deus. Ora, uma terceira parte de Deus projetada na Terra podia dar-se ao luxo de não ligar para as coisas do mundo. Mas nós os homens, não podemos fazer isso. Toda a suntuosidade do Templo e das suas prerrogativas, que Jesus rejeitou, foi transformada na suntuosidade das igrejas cristãs e nas ordenações sacerdotais, com sua hierarquia e seu ritualismo complicado.

No Espiritismo os homens não iriam perder de um momento para outro essa tendência da espécie. Como a doutrina não permite as regalias do sistema igrejeiro, era necessário arranjar alguns substitutivos. Um deles, é o das graduações mediúnicas e das reencarnações suntuosas. Surgiram e surgem constantemente as complicações da prática. O passe tornou-se popular por sua eficácia. Mas é tão simples um passe que não se pode fazer mais do que dá-lo. Criaram-se então as complicações. São necessários cursos especiais, com lições de anatomia e fisiologia, para que uma criatura de boa-vontade estenda as mãos sobre uma cabeça sofredora. Mas como impor as mãos é coisa muito simples, criaram-se também as técnicas do passe, com palavrórios fantasiosos e gesticulação de ginástica sueca, que os humildes passistas têm de aprender com especialistas em educação física. Veja-se a mistura que se conseguiu fazer, numa espécie de liga metálica em que entram diversos reforços. O resultado foi a transformação do passe numa exibição de habilidades em ritmo de balé. Ninguém se lembra de que o passe não é uma técnica, mas uma doação fluídica de amor. O passe espírita é apenas a imposição das mãos ensinada e praticada por Jesus. Não é passe magnético, é passe mediúnico. A palavra mediúnico já diz que não é o passista quem dá o passe, são os espíritos através dos médiuns. Um passista é um médium e pede a assistência do seu guia ao dar o passe. Mas quando o guia encontra o passe estilizado, padronizado, transformado num ritual de candomblé, desiste e espera que o sofredor procure um local de simplicidade cristã, em que ele possa agir com eficácia.

Os círculos mediúnicos com o paciente no meio pressupõem uma concentração de forças. Os médiuns já não são mais médiuns, são pilhas elétricas fornecedoras de energias. Não são os espíritos que sabem o que o doente precisa. São os bisonhos aprendizes de anatomia e fisiologia, de magnetismo e ginástica com subsídios de bailados rituais dos templos egípcios. As pessoas que desejam realmente iniciar-se no Espiritismo devem compreender, antes de tudo, que Espiritismo é simplicidade e bom-senso. Fora disso o que temos são encenações que desvirtuam a doutrina. São essas invigilâncias que ameaçam a prática espírita. Ninguém deseja que os espíritas sejam ignorantes, mas é evidente que devem ser simples e humildes, compreendendo que nem Salomão se vestia com a beleza das flores simples do campo. Temos de superar o fermento dos fariseus, se quisermos realmente fazer-nos dignos do Espiritismo.

LIVRO: MEDIUNIDADE**J. HERCULANO PIRES****CAPÍTULO XV****MEDIUNIDADE E RELIGIÃO**

A posição do Espiritismo no quadro geral do Conhecimento parece contraditória para muitas pessoas habituadas à sistemática cultural do nosso tempo. Algumas consideram utópica ou absurda a ligação das áreas clássicas da Ciência, da Filosofia e da Religião num sistema doutrinário geral. Mas a Teoria do Conhecimento (Gnoseologia ou Epistemologia) tem como objeto precisamente essa ligação, necessária à elaboração de um sistema geral do saber. O próprio aparecimento da Filosofia das Ciências e da Psicologia da Religião evidenciam essa exigência da evolução cultural. E há exemplos históricos recentes que não podem ser negligenciados pelos estudiosos. O Positivismo de Augusto Comte, fundado nos dados da Ciência, pretendia arquivar a Metafísica e toda a religiosidade, mas, acabou levado pelas exigências sociais (a necessidade de manter uma ordem social de fundamentos morais) ao desenvolvimento de uma Religião da Humanidade, em que o anseio do positivo-concreto se pulverizou na concepção abstrata e metafísica da Deusa Humanidade. O culto positivista revestiu-se de todos os aspectos das chamadas religiões positivas, com templos e rituais, inclusive a celebração da missa positivista. O Marxismo, na mesma linha do exclusivismo científico, fundado numa análise exaustiva da estrutura capitalista, apoiou-se no Materialismo Dialético, pretendendo extirpar do mundo as concepções metafísicas e religiosas, mas viu-se obrigado a criar a mística do proletariado e a converter-se numa religião social em que o Homem se colocou no lugar de Deus e o Estado se transformou numa igreja universal, estruturada no sistema de um clero leigo, tendo como substância vital a fé terrena nos poderes humanos, desenvolvendo o culto do trabalho numa sistemática ideológica em que não faltam as bênçãos e maldições.

No Sartrismo (um Existencialismo à moda de Sartre) o horror à Metafísica e à religiosidade não impediu o recurso metafísico da dialética hegeliana para explicar a projeção do ser na existência, com o reconhecimento inevitável da finalidade transcendente do ser. Para escapar às exigências lógicas dessa capitulação filosófica, Sartre capitulou de novo ante a abstração total do nada. Se a morte é a nadificação do ser, como ele propõe, é claro que na morte o homem atinge o extremo de toda concepção metafísica. O nada, como vazio absoluto e por isso mesmo inconcebível, seria a felicidade suprema, segundo Sócrates, com a volta do ser à paz sem limites. Segundo Kant, que colocou a Metafísica além de toda possibilidade humana, sem negá-la, o nada só existiria no seu próprio conceito, uma idéia vazia. Pois dessa abstração total Sartre fez a sua religião do absurdo, em oposição ao absurdo das religiões. Entretanto a fé de Sartre no seu ídolo vazio assemelha-se à fé dos gregos em seus deuses imaginários.

Por falar em fé, cabe lembrar que as investigações de filósofos atuais, como Whitehead, Cassirer e Heidegger revelaram o fundamento fideísta de toda a investigação científica. Partindo das pesquisas fenomênicas, em áreas típicas da Natureza, os cientistas usam o método indutivo para chegar a con-

clusões unitárias e positivas. Mas a impossibilidade material de submeter todo o Universo a esse processo os leva à dedução racional da existência de uma ordem universal, sem a qual a verdade científica ficaria limitada ao alcance da investigação possível. Assim, para poder conceber uma imagem do Universo, os cientistas têm de apoiar-se na fé da ordem universal. Esta é apenas um pressuposto científico, mas erige-se em princípio de fé, nas contingências e condições exatas em que os religiosos são obrigados a fundar a fé em Deus. Kardec lembra a existência da fé humana, a fé do homem em si mesmo, na sua capacidade para conhecer e dominar a Natureza. A base real de todo o conhecimento, desde o pressuposto da magia primitiva nas selvas, até os pressupostos científicos e religiosos da atualidade, é uma só, o princípio metafísico da fé.

Parece claro e inegável que a Doutrina Espírita não apresenta nenhuma contradição lógica ou epistemológica nesse sentido, mostrando-se plenamente integrada nas exigências e nas leis da Teoria do Conhecimento. As diversas áreas do saber não se contradizem, apenas se complementam. E a Ciência Espírita, como todas as demais, iniciou-se com as pesquisas fenomênicas. Não partiu das deduções de princípios abstratos, de nenhuma metafísica suspeita, mas da rigorosa pesquisa de fenômenos, dos quais, através do método indutivo, elevou-se ao plano da teoria, formulação de um sistema do mundo que abrangia nada menos do que toda a face oculta da própria realidade terrena. As hipóteses iniciais de Kardec não eram espíritas, eram materialistas. Mas a pesquisa derribou essas hipóteses, deslocando o pesquisador do campo científico dominante no seu tempo para um novo campo, hoje confirmado pelas Ciências em quase todos os seus ramos. A Física, que se tornara a ditadora das Ciências, como observa Rhine, teve de abdicar do seu absolutismo materialista para reconhecer e confirmar — sem o querer e sem o saber — as conquistas espíritas de há mais de um século. Não se conhece, na História das Ciências, nenhuma vitória tão completa e esmagadora como essa.

Mas há criaturas que apontam no Espiritismo a contradição entre a doutrina e a prática. Estranham que numa instituição espírita em que se fala de Ciência se entreguem a orações, à evocação dos poderes espirituais. Mais estranho do que isso foi a leitura da Bíblia pelos astronautas norte-americanos em suas viagens siderais. Mas quando se sabe que a religião, no Espiritismo, não é o produto de uma revelação divina ou de uma proclamação profética, compreende-se que não há contradição na mistura de Ciência e Religião nos Centros Espíritas. Sem nenhum compromisso com o Pragmatismo de William James, os espíritas fazem preces e evocam o auxílio dos espíritos superiores, não por motivos utilitários ou por simples crença ou credence, mas porque sabem positivamente que os espíritos nada mais são do que seres humanos desencarnados que podem ajudá-los. Os críticos dessa atitude racional dos espíritas fazem como os médicos e os saberetas enfatuados do século passado, que riam da vacina de Pasteur, certos de que ele recorria a seres inexistentes e inventados pela sua imaginação. A comparação é tanto mais certa quanto Pasteur e Kardec descobriram mundos invisíveis que nos cercam e podem agir sobre nós, causando-nos doenças ou restabelecendo-nos a saúde. Os espíritas não dispõem de microscópios para provar a existência e a ação dos espíritos, mas estes se incumbem de revelar-se a crédulos e incrédulos através de fenômenos que foram investigados pelos maiores cientistas do século passado e

do nosso, que, como Crookes e Richet no passado, Rhine, Soal, Price e tantos outros, no presente, impuseram à Ciência a verdade espírita.

As sessões espíritas diferenciam-se das cerimônias religiosas das igrejas, em primeiro lugar, por se basearem na fé racional; em segundo, por se utilizarem de leis naturais e não de fórmulas sacramentais; em terceiro, por se apoiarem numa Ciência hoje confirmada pelas investigações científicas nos maiores centros universitários do mundo. As aparências iludem, mas os homens de cultura científica não costumam ficar nas aparências. A prece espírita não se funda na suposição de sua eficácia milagrosa (o que vale dizer mágica) ou psicológica, sugestiva, mas na certeza da ação conhecida de leis naturais que estruturam a realidade visível e invisível em que vivemos. O físico e o químico não usam rituais para obterem os fenômenos que desejam. Usam os instrumentos e os ingredientes necessários. Os espíritas também não possuem rituais, não crêem num suposto poder das fórmulas mágicas, mas usam os instrumentos e as energias necessárias à produção dos resultados que buscam.

Numa sessão espírita os instrumentos são os médiuns (aparelhos sensibíllimos da supertecnologia da Natureza) e os ingredientes são as vibrações mentais e emocionais dos médiuns e dos participantes da reunião. E assim como o físico e o químico obtêm os resultados desejados, desde que as condições exigidas tenham sido cumpridas, assim também os espíritas, dentro das condições necessárias, obtêm os efeitos e os fenômenos que desejam. A Física revelou a existência e o poder dos campos de força, dos fluxos de energia, das correntes elétricas e magnéticas e mostrou como podemos produzi-los, controlá-los e aplicá-los. A Ciência Espírita fez o mesmo com as energias mentais, afetivas, volitivas da mente e de todo o psiquismo humano. Um espírita estudioso, conhecedor de sua doutrina e experiente nas práticas mediúnicas, sabe como lidar com essas forças e como utilizá-las. A fé que o anima não é cega e formal, dogmática e emocional. É a fé do cientista em sua ciência: racional, experimental, comprovada em milhões de aplicações eficazes em todo o mundo. Mesmo as criaturas incultas e inscientes, mas experientes, guiadas pelo bom-senso, agem com o devido critério e obtêm resultados muitas vezes assombrosos. Os benefícios da Ciência, uma vez divulgados os meios de obtê-los, são acessíveis a todos. Havendo seriedade e desejo real de servir, consciência de suas limitações (o que vale dizer humildade) qualquer pessoa inteligente e honesta pode utilizar-se dos recursos científicos mais conhecidos (excluídos os casos de especialidades superiores) obtendo resultados satisfatórios. A ligação da Ciência com a Religião permite essa franquia maior a todas as criaturas de boa-vontade, que só querem servir e não explorar o próximo. Porque a fé científica reflete-se na fé religiosa, mais acessível à maioria, suprindo a falta de conhecimentos específicos com o auxílio de práticas tradicionais do campo religioso.

Uma sessão espírita começa geralmente pela prece do Pai Nosso, dita por uma pessoa, com acompanhamento apenas mental da assistência. Onde se usa o acompanhamento oral, em tom de ladainha, está evidente a influência de religiões de origem do dirigente, ou dirigentes. Um observador estranho, que a assiste pela primeira vez, acha que o Espiritismo não passa de uma seita cristã e ingênua. Mas um espírita conhecedor da doutrina poderá explicar-lhe

a razão do fato. A prece do Pai Nosso não tem nenhuma influência mágica especial. Tem apenas, a seu favor, o fato de figurar nos Evangelhos como prece ensinada pelo Cristo, o que a transformou numa prece tradicional e obrigatória em todo o Cristianismo. Ela não é imantada por nenhum poder misterioso, mas tem a carga emotiva de uma tradição de dois mil anos. À semelhança do soneto, que na poesia resiste a todas as inovações, o Pai Nosso tornou-se uma forma psico-emotiva, uma estrutura oral introjetada no inconsciente cristão coletivo. A introjeção técnica da Psicanálise, corresponde a uma absorção emotiva realizada pelo inconsciente. A forma ou emoção assim absorvida permanece no inconsciente como uma espécie de arquétipo correspondente a exigências psicológicas ou espirituais da espécie humana. Nas sessões espíritas há duas realidades que devem ser levadas em conta: a presença humana material e a presença humana espiritual. Espíritos encarnados e desencarnados mostram-se sensíveis à prece do Pai Nosso, que lhes dá maior confiança e segurança no decorrer dos trabalhos mediúnicos. A prece não é dita apenas por formalismo ou superstição. Há um motivo psicológico e espiritual para essa prática marcar o início e o fim das sessões. Muitas entidades espirituais perturbadas se acalmam ao ouvi-la e o clima da sessão se torna mais favorável aos resultados esperados.

O dirigente, declarando iniciados os trabalhos mediúnicos, pede a todos os presentes que elevem o seu pensamento a Jesus. Outro motivo de escândalo para o observador leigo. Mas a figura de Jesus é também um arquétipo, uma forma introjetada. A concentração mental que favorece o clima de recolhimento (um dos ingredientes da sessão) exige que todos dirijam o seu pensamento para um alvo superior. Pensar em Deus é mais difícil, pois a maioria pensaria apenas numa palavra. A concentração não é individual, mas coletiva. Todos os presentes pensando em Jesus, o pensamento de todos se concentra numa idéia definida e respeitada por todos. Não se trata também de uma fixação mental da figura de Jesus. Os dirigentes avisados explicam que ninguém deve fixar uma imagem, pois isso exigiria esforço mental cansativo, tensão mental contrária ao fim desejado, que é a criação e manutenção de um ambiente fluídico, ou seja, de vibrações serenas e estimuladoras. Trata-se de uma técnica psicológica de resultados espirituais. Na doutrinação (esclarecimento dos espíritos perturbados, que perturbam pessoas presentes ou ausentes) o nome de Jesus e os seus ensinamentos serão constantemente lembrados, não por formalismo, mas porque essas lembranças tocam a sensibilidade dos espíritos. A doutrinação não é uma imposição, não tem a violência das práticas assustadoras do exorcismo. Trata-se de uma técnica persuasiva, tipicamente psicológica, visando desviar a mente dos espíritos doutrinados das idéias fixas a que se apegam obstinadamente. Desviada a orientação mental das imantações ao ódio, à vingança, à perversidade, ou mesmo às intenções sectárias e fanáticas, ou ainda às lembranças da vida que se findou, à lembrança do corpo já transformado em cadáver, a mente do espírito se torna acessível às renovações necessárias que o levarão à normalidade.

Esses problemas não são compreendidos até mesmo, às vezes, por antigos adeptos e praticantes da doutrina. Kardec os explicou reiteradamente, mas muitos espíritas preferem a leitura de livros fantasiosos aos de doutrina e particularmente do *Livro dos Médiuns*, indispensável a todos os que exercem funções doutrinárias ou mediúnicas. Além disso, o estudo doutrinário exige

ponderação, reflexão, desejo verdadeiro de penetrar na problemática espírita para compreender, não apenas este ou aquele ponto, mas a profundidade da doutrina, suas implicações com a cultura do nosso tempo e as perspectivas imensas que abre para o futuro humano. Sem esse interesse encarado com dedicação e humildade, os estudantes passam pela doutrina como gatos sobre brasas, saindo apenas chamuscados e, o que é pior, convencidos de que dominaram o assunto.

Num estudo sobre religiões mediúnicas no Brasil, baseado em pesquisas, o Prof. Cândido Procópio de Camargo atrelou as formas do Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro ao Espiritismo, propondo a teoria do *continuum mediúnico*. Esse *continuum* realmente existe, mas não caracteriza apenas as áreas indicadas. As manifestações mediúnicas são universais e de todos os tempos. Sendo a mediunidade uma faculdade humana decorrente da constituição do homem como espírito e corpo, deu origem às religiões naturais ou primitivas em toda a Terra. Kardec assinala esse fato em suas obras, dando-lhe mais ênfase no *Livro dos Médiuns*. As pesquisas de antropólogos ingleses na Austrália e de franceses na África, seguidas dos magistrais estudos de Ernesto Bozzano na Itália provaram a origem única de todas as religiões. Todas elas nascem e se alimentam dos fatos mediúnicos. Mesmo depois de superadas, pela civilização as fases primitivas, as religiões continuam ligadas às suas raízes mediúnicas e continuam a se alimentar de ocorrências mediúnicas. Nem podia ser de outro modo, pois só na mediunidade, elas encontram a possibilidade de sustentarem objetivamente os seus princípios. A Igreja Católica suspendeu o *culto pneumático* das igrejas apostólicas, que consistiam nas manifestações dos espíritos (do grego: pneuma) e eliminou o dogma da reencarnação. Mas não conseguiu retirar dos textos sagrados do Judaísmo e dos Evangelhos esse princípio. Interpretações teológicas fizeram o mesmo nas Igrejas da Reforma. Não obstante, a própria eleição dos Papas Católicos guarda ainda hoje sua ligação com a mediunidade. Formalmente, a escolha do novo Papa depende de inspiração do Espírito Santo. Nas igrejas protestantes e nas seitas do tempo apostólico ainda sobreviventes, a manifestação do espírito faz parte integrante e essencial do culto. As aparições de santos e anjos são consideradas como válidas em todo o mundo cristão, judeu e islâmico. O *Corão* é um livro psicografado. O exorcismo judeu é feito para afastar o *díbudi*, alma penada que perturba as criaturas humanas. Todas as religiões antigas, como assinala Kardec, inclusive as mitológicas, com seus oráculos e pitonisas, eram mediúnicas. As seitas japonesas infiltradas no Brasil são tipicamente mediúnicas. As práticas indianas da Ioga entremeiam-se de surpreendentes manifestações de espíritos. Os sacramentos das religiões mais refinadas estão carregadas de magia, de heranças mágicas do mediunismo primitivo. Não se pode fazer uma discriminação de religiões mediúnicas típicas, que não encontre apoio na realidade histórica e antropológica. Proposições discriminatórias só servem para confundir o problema, em que pesem as boas intenções do autor ou autores. Os fenômenos mediúnicos estão por toda parte, embora a mediunidade só tenha alcançado cidadania no mundo civilizado através do Espiritismo e das Ciências Psíquicas por ele provocadas. À psicografia espírita, muito divulgada em todo o mundo, opõe-se a psicografia católica, com alguns volumes já traduzidos entre nós. E, como disse Chico Xavier num programa

de televisão de grande audiência, o próprio Moisés psicografou no Sinai as Tábuas da Lei.

*

LIVRO: MEDIUNIDADE

J. HERCULANO PIRES

CAPÍTULO XVI

PROBLEMAS DA DESOBSESSÃO

Se a obsessão, como diz Kardec, figura em primeiro plano entre os es- colhos da prática mediúnica, não é menos verdade que constitui o mais com- plexo problema do campo doutrinário. A classificação sumária de Kardec em três tipos seqüentes de obsessão: a obsessão simples, a fascinação e a subju- gação abrange todo o quadro dos processos obsessivos. Mas há questões que precisamos encarar em nosso tempo com o máximo de atenção, pois no acele- ramento atual da fase de transição que atravessamos, a obsessão abrange to- dos os setores das atividades humanas, apresentando facetas novas que levam alguns espíritas afoitos a formularem teorias estranhas a respeito. Já vimos que a obsessão decorre de fatores vários e apresenta modalidades bem dife- renciadas. A obsessão tornou-se o mal do século e a desobsessão precisa ser tratada com extrema dedicação pelas instituições doutrinárias, dentro das normas científicas da doutrina, sem desvios para interpretações pessoais des- providas de uma sólida base experimental. As técnicas psicológicas e psiquiá- tricas de restabelecimento do equilíbrio dos pacientes não dão resultados sa- tisfatórios, quando se trata realmente de obsessão. As sessões mediúnicas de doutrinação comum são de grande importância para a prevenção de obsessões e para o restabelecimento final dos casos agudos. Os que hoje as menospre- zam por considerá-las ridículas e portanto nefastas ao bom conceito da dou- trina, simplesmente não sabem o que fazem. Há uma conjugação natural entre as sessões de doutrinação e as sessões de desobsessão, pois cabe às primeiras prevenir e até mesmo impedir os casos obsessivos. É bom lembrar aos críti- cos dessas sessões tradicionais a prática da terapia de grupo, com o desenvol- vimento de psicodramas derivados das sessões espíritas. As técnicas psicaná- líticas devem muito ao Espiritismo, pois Freud tinha apenas um ano de idade quando Kardec acentuou a importância do inconsciente nas chamadas psico- ses e neuroses, praticando a catarse em maior profundidade do que a da catar- se psicanalítica freudiana. Os que temem a ocorrência de comunicações aní- micas nessas sessões desconhecem o problema do animismo e suas relações com a obsessão.

OBSESSÃO: VAMPIRISMO, HOMOSSEXUALISMO, ALCOOLISMO. (Livro: Mediunidade. J. Herculano Pires, Capítulo XVI)

As obsessões não surgem apenas na fase de eclosão e desenvolvimen- to da mediunidade. As mais graves obsessões estão genésicamente ligadas aos problemas anímicos das vítimas. O espírito reencarna, como ensina Kar- dec, já trazendo consigo problemas graves de encarnações anteriores. O ob- sessor e o obsedado são então os adversários que se lançam no mesmo cami-

nho para acertarem o passo em nova marcha, como advertiu Jesus. E muitas vezes, como vemos nos Evangelhos, o obsessor se chama Legião, ou seja, não é apenas um, mas sete ou mais, segundo o caso de Madalena. Como dizer-se, então, segundo modernas e inconseqüentes teorias, que a doutrinação de espíritos sofredores e vingativos cabe ao mundo espiritual e não ao nosso plano? É neste plano mesmo que os casos de obsessão precisam ser tratados com a devida insistência. Não fosse assim e não haveria lógica no processo reencarnatório. Uma nova teoria esdrúxula e sem nenhuma prova do passado ou atual, que pretende reduzir o obsessor a apenas um, e que este exerce uma função de amparo ao obsedado, para que outros obsessores piores não o dominem, é gratuita e contrária aos princípios doutrinários e evangélicos,

A obsessão inata corresponde aos casos psiquiátricos de desequilíbrio chamados constitucionais. Psiquiatricamente esses casos só podem ser atenuados, jamais curados. Mas, para a Ciência Espírita, esses casos não são constitucionais e podem ser curados com o afastamento do obsessor. O fato de permanecerem juntos nesta encarnação, mostra uma ligação anterior e negativa entre eles, que deve ser resolvida no presente. Por exemplo, os casos de homossexualismo adquirido, não congênito ou constitucional, da classificação psiquiátrica, decorrem de fatores educacionais mal dirigidos ou de influências diversas posteriores ao nascimento, que dão motivo à sintonia do paciente com espíritos obsessores vampirescos. O problema sexual é extremamente melindroso, pois tanto o homem como a mulher dispõem de tendências de ambos os sexos, podendo cair em desvios provocados por excitações de após nascimento. No alcoolismo temos situação idêntica: tendências inatas e tendências adquiridas, que atraem obsessores. Em todos os campos de atividades viciosas os obsessores podem ser atraídos pelos obsedados que se deixaram levar por excitações do meio em que se educaram ou em que vivem. As más companhias que influem no ânimo de crianças, adolescentes e jovens, e até mesmo em adultos, podem levar qualquer pessoa a situações penosas, e não são apenas companhias encarnadas, mas também espíritos viciosos. O simples fato de morrer não modifica ninguém. O sensual continua sensual depois da morte, o alcoólatra não perde o seu vício, o bandido continua bandido. A morte é apenas a libertação do corpo material. Um descondicionamento, como diz Chico Xavier. Liberto do escafandro de carne e osso, a criatura humana sente-se em seu corpo espiritual, que é o perispírito, modelo energético do corpo que deixou na Terra e responsável por todas as funções vitais daquele corpo. Dessa maneira, sentindo-se vivo e consciente de si mesmo, o espírito continua apegado ao plano terreno, embora já esteja na zona espiritual da crosta terrena. Descobre que não pode mais obter as coisas materiais, mas descobre naturalmente que pode sentir as sensações do mundo através dos que continuam encarnados. Por isso é atraído por alguém que possa dar-lhe as sensações desejadas, aproxima-se dele ou dela e estabelece-se entre ambos a indução mediúnica do vampirismo. A obsessão vampiresca é a mais difícil de se combater. Obsessor e obsedado formam uma unidade sensorial dinâmica, apegada às sensações grosseiras do corpo material. O cadáver do obsessor se desfaz na terra, mas o corpo do obsedado socorre as exigências sensuais do desencarnado. É isso o que o povo chama de encosto, um espírito inferior que se encosta numa pessoa. Forma-se o automatismo da indução: o espírito deseja as sensações e esse desejo se transmite ao ser encarnado que procura satis-

fazê-lo. Estabelecido esse ritmo de trocas, um pertence ao outro e dele depende. A desobsessão é difícilíssima nesses casos, pois ambos são criaturas humanas dotadas de livre-arbítrio. Se os dois recusaram a doutrinação, esta muitas vezes parece inútil, ineficaz. Se um deles aceitar a doutrinação, o afastamento do obsessivo torna-se possível. Se ambos a aceitarem, a desobsessão se realiza com facilidade, às vezes, surpreendente. Então os espíritos bons se incumbem de encaminhar o obsessivo e os homens devem cuidar do obsedado. É necessário o maior cuidado com este, para que ele, nos seus anseios viciosos, não atraia outros obsessivos. Por isso Jesus disse que, limpa e arrumada a casa, o espírito inferior convida sete companheiros e todos irão habitá-la, de maneira que o estado do obsedado se torna ainda pior do que antes. Foi, certamente, apoiada nesse ensino mal interpretado que surgiu a teoria absurda do obsessivo-protetor. Mas o que Jesus disse era uma advertência aos responsáveis pelo obsedado, que dele deviam cuidar para que não caísse de novo no erro e no vício.

Muita gente pergunta como podem os espíritas, em minoria na Terra, atender através de suas sessões o número imenso de obsessões que nela existe. Nenhum espírita esclarecido se julga incumbido de socorrer a todos os obsedados. O trabalho maior é realizado pelos espíritos incumbidos dessa tarefa no mundo espiritual. As sessões se destinam ao atendimento de casos relacionados com pessoas que recorrem aos grupos e centros espíritas. Mais particularmente, destina-se aos casos de mediunato, em que os médiuns são espíritos que se comprometeram, em vidas anteriores, com criaturas que submeteram ao seu capricho, tendo agora o dever de socorrê-las através de sua mediunidade. A lei do amor rege as relações humanas nos dois lados da vida. A consciência do carrasco exige a sua abnegação em favor das vítimas que atirou nos descaminhos do mundo. Não se resgatam os crimes somente através de outros crimes, mas também e principalmente através do socorro do criminoso à sua vítima do passado. É assim que os dois acertam os seus passos na vida material através da mediunidade, uma função redentora nas sessões de doutrinação e desobsessão.

Há uma tendência ao formalismo igrejeiro no Espiritismo, cultivada por adeptos que prezam mais as aparências do que a verdade. O desejo de fazer da doutrina uma elaboração refinada, com requintes e etiquetas sociais na sua prática, leva muita gente a aceitar inovações que, no entanto, só fazem rebaixá-la. Esquecem-se da afirmação categórica de Kardec: O Espiritismo é uma questão de fundo e não de forma. Tentam organizá-la em sistemas hierárquicos, dotá-la das chamadas autoridades doutrinárias, impondo ao meio espírita uma disciplina cheia de exigências protocolares que lhes tirariam o aspecto de simplicidade e naturalidade que a caracteriza. As sessões de doutrinação e desobsessão incomodam essas criaturas, que só querem receber comunicações tranquilas de Espíritos Superiores, que lhes proporcionem os deleites de oratória sofisticada. Por isso, aceitam e aplaudem medidas antiespíritas de supressão das referidas sessões, em que, em geral, a maioria dos comunicantes são espíritos sofredores ou revoltados. Se conseguissem o seu intento, transformariam as sessões em tertúlias literárias do século XVIII, com elogios mútuos e retórica envelhecida, destinados a atrair criaturas de elite. A denominação de oradores, para os que falam sobre a doutrina, foi racionalmente mudado para expositores. Esse atrevimento das pessoas práticas foi lo-

go revidado com a adoção de um título mais pomposo: o de tribunos espíritas. Em certos Centros, chegou-se a mandar cortar os encostos dos bancos, tornando-os incômodos, para que os médiuns se mantenham eretos como soldados em posição de sentido. Nas instituições maiores complicaram tudo, dificultando o acesso do povo aos dirigentes e estabelecendo cartões de controle para os passes. Nas próprias casas de assistência à pobreza foram estabelecidos regimes disciplinares que mataram a espontaneidade amorosa da boa e antiga caridade. Já se tentou até mesmo substituir as expressões caridade e assistência por serviço social. Tudo isso e suas conseqüências criam o clima propício às desfigurações do meio doutrinário e às tentativas de adulteração das próprias obras básicas, consideradas como superadas.

É, a rede das obsessões coletivas lançada ao mar por pescadores astutos, através da tendência ao refinamento formal das pessoas apegadas às aparências de falso brilho. O requinte do ambiente excita a vaidade dos dirigentes e até mesmo dos servidores das instituições, que acabam se fantasiando de mordomos de castelos imperiais. Esse é um tipo de obsessão sutil que se infiltra lentamente nos ambientes ansiosos por brilharecos sem sentido, levando os novos fariseus e seus admiradores ingênuos a perder as medidas do bom-senso. Criam-se, dessa maneira, focos obsessivos em que as mistificações desbordantes em palavrórios enganadores são finalmente sobrepostos às obras fundamentais. Criado o foco obsessivo, os mentores da Treva sentam-se nas suas poltronas suntuosas e passam a ditar as modificações necessárias. A expressão mentor, arrogante e agressiva, substitui a expressão amorosa de protetor e lá se vai por água abaixo a pureza da doutrina, na lama vaidosa das inovações doutrinárias, das pretensões direcionais, das condenações disto e daquilo, nos delírios do messianismo espúrio. Essa obsessão coletiva não tem solução. Foi ela que transformou a Casa do Caminho, de Jerusalém, no Estado Teocrático do Vaticano.

Iludem-se os que pensam que o Espiritismo se engrandece com as pompas terrenas. Jesus não foi sacerdote do Templo e Kardec nunca trocou a sua morada humilde da Rua dos Mártires, em Paris, pelo Palácio de Versalhes. Nem um nem outro veio falar aos poderosos do mundo, mas aos sofredores necessitados de consolação. Quem não entende isso nunca assimilará a mensagem do Espiritismo, a não ser depois de encarnações expiatórias e redentoras. A obsessão vigia os indivíduos e os grupos espíritas em cada encruzilhada de gerações. Vale mais um pequeno Centro que cuida dos obsedados do que uma suntuosa instituição em que os tribunos retumbantes enchem os salões suntuosos com seu palavrório vazio. Cala mais no coração humano um gesto de humildade pura do que a retórica antiquada dos tribunos missionários. As grandezas terrenas só agradam aos obsessores, enquanto os obsedados pedem a misericórdia de uma palavra de amor.

*

Livro: CURSO DINÂMICO DE ESPIRITISMO

J. HERCULANO PIRES - Relações Mediúnicas Naturais

O medo da morte é natural, pois o instinto de conservação dos seres é a própria garantia da sua manutenção e sobrevivência. Todo ser é o que é e quer continuar como é. Todas as coisas estão sujeitas a essa lei de inércia,

que garante a estabilidade e a instabilidade das coisas no fluxo eterno da realidade mutável. Mas desde as selvas o homem sabe que sobrevive à morte e essa certeza íntima o livra do desespero e o conduz à aceitação e até mesmo ao desejo da morte, quando a vida se lhe torna pesada. O medo da morte gerou o medo dos mortos e o culto dos mortos, convertidos em deuses misteriosos ao deixar o corpo carnal. Os deuses são de duas espécies: bons e maus. Os bons nos protegem, mas os maus têm mais poder do que os bons, e nos convém manter relações amistosas com eles.

Dessa situação ambivalente do homem frente à morte nasceram os rituais da morte e os cultos dos manes ou deuses familiares. Egípcios e sumerianos, árabes e indianos, judeus e fenícios, gregos e romanos, todos possuíam os seus deuses domésticos e os adoravam e temiam. As religiões organizadas exploraram essa situação ao máximo e desenvolveram ao máximo o temor da morte nos povos. Podemos medir o poder de uma religião pela capacidade apavorante dos seus rituais mortuários. Essa exploração serviu como freio para a crueldade dos povos bárbaros, mas deixou em todos nós a marca invisível de Caim. Aprendemos a matar Abel e a temê-lo, pois sabemos que ele sobrevive como um deus que nos pode ferir. É tão forte essa marca em nosso espírito que ainda hoje, nos povos mais adiantados, há pessoas sábias e ilustradas que temem violar o segredo da morte. Os mortos não sobrevivem como seres humanos, mas como seres fantásticos num mundo de mistérios. Por isso, as pesquisas metapsíquicas de Richet, provocando materializações de espíritos, apavoraram a cultura européia, já assustada com o atrevimento de Kardec, que não temia conversar com os mortos. Um dos maiores escritores alemães, assistindo a um desses fenômenos, declarou assustado: “É uma profanação dos mistérios da morte!” E o próprio Richet, só no fim da vida escreveu a Cairbar Schutel: *Mors janua vite*, ou seja: *A morte é a porta da vida*. Imunda para os judeus, sagrada para os egípcios, a morte revestiu-se de todas as contradições no Cristianismo e o choro venal das carpideiras antigas transformou-se nas recomendações pagas do sacerdócio, com o lamento de bronze dos sinos e as litânias chorosas dos cultos mortuários. As comunicações mediúnicas dos mortos, conhecidas desde a selva até as mais avançadas civilizações, perderam a naturalidade primitiva para se transformarem nas vozes soturnas que vinham do Além, em reuniões de *sabat* ou através de evocações dramáticas ou trágicas, no tom assustador das tragédias de Shakespeare, pelas megeras da linhagem da Pitonisa de Endor. Estabeleceu-se a mais rígida separação entre mortos e vivos, o que deu a muitos mortos mais vivos que os vivos a oportunidade de se apresentarem como demônios em manifestações de ectoplasmia, em que o cheiro de ozônio transformou-se no cheiro de enxofre do Diabo. “Não perturbem os mortos!” – pregavam os padres nos púlpitos, enquanto nas próprias igrejas, conventos e mosteiros, como em toda parte, os mortos viviam perturbando os vivos.

Kardec, mais paciente que Jó, expôs-se a todas as maldições e zombarias para mostrar que essa interpretação fantástica não era só absurda e contrária a toda a realidade, mas também ofensiva aos seres humanos que haviam morrido e ressuscitado, como o Cristo ensinara e exemplificara. Foi dura e tenaz a sua luta para restabelecer a verdade sobre a morte. Negaram-lhe tudo: o reconhecimento da sua posição cultural, de seu valor intelectual

e científico, de sua sinceridade e seus propósitos elevados, e sua condição de precursor e iniciador da Psicologia Experimental, da descoberta do inconsciente e da catarse psicológica, das instâncias da personalidade, dos arquétipos individuais e coletivos, de iniciador das pesquisas psíquicas de profundidade, descobridor do sentido oculto dos sonhos, da telepatia ou, como ele a chamou, da Telegrafia Humana, da percepção extra-sensorial e descobridor das leis de todos esses fenômenos e da cura dos processos obsessivos que ainda hoje aturde e desanima os mais eminentes psicanalistas e psiquiatras. Tudo isso lhe negaram para reduzi-lo a um charlatão interesseiro, no resguardo dos interesses profissionais de sacerdotes e médicos gananciosos.

Só uma coisa interessava a Kardec: revelar a verdade sobre a natureza e o destino do homem, provar cientificamente a sua sobrevivência natural, como o Cristo ensinara e provar. Para isso esgotou-se em trabalhos excessivos, deixando em apenas quinze anos de lutas a bibliografia espírita fundamental de vinte volumes de quatrocentas páginas em média. Ele foi também o precursor da Era Cósmica, das comunicações telepáticas através do espaço cósmico, da teoria da pluralidade dos mundos habitados, da classificação dos mundos estelares segundo sua constituição física e o grau de desenvolvimento de suas populações. Certos Espíritos lhe falavam de mundos habitados, de civilizações inferiores e superiores à nossa. Ele os interrogava, discutia com eles para avaliar a capacidade intelectual e a pureza espiritual desses informantes. Aceitou as informações como possíveis, mas não as incluiu na doutrina como verdadeiras, pois lhes faltavam as provas objetivas, que só no futuro poderiam ser obtidas. A teoria, como tal, já estava integrada na doutrina, mas as informações específicas sobre cada um deles não podia figurar como princípio. Na Escala dos Mundos, que figura n' *O Livro dos Espíritos*, explica os tipos de mundos com base nas várias teorias da evolução da Terra. Serviu-se de seus conhecimentos geológicos e astronômicos para essa operação lógica. O famoso astrônomo Camille Flammarion era médium psicógrafo e trabalhava com ele em reuniões mediúnicas da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Flammarion escreveu um volume sobre *A Pluralidade dos Mundos Habitados*. As indicações que alguns Espíritos deram a Kardec sobre a rotação da Lua estavam erradas, o que só foi verificado mais tarde. Na época, esse problema não estava solucionado e não havia nenhuma teoria lógica a respeito. Kardec publicou a informação com reservas, na simples condição de teoria. Fez o mesmo com relação a Marte e Júpiter. As informações sobre Júpiter foram dadas por Mozart e pelo grande oleiro do Século XVII, Bernard Pallissy. O dramaturgo Victorien Sardou recebeu vários desenhos psicográficos sobre aspectos de Júpiter, que seria o mundo mais elevado do nosso Sistema Solar. Os desenhos foram publicados, com reservas.

É curioso notar que esse roteiro de pesquisas cósmicas foi precisamente o seguido pelas pesquisas astronômicas atuais: Lua, Marte e Júpiter, os três corpos celestes que figuraram nas primeiras pesquisas atuais. Quanto a Marte as informações recebidas por Kardec foram comprovadas atualmente, com exceção apenas quanto à sua população, que os Espíritos disseram ser primitiva. Júpiter que os Espíritos consideraram como um mundo de matéria bastante rarefeita, a tal ponto que os corpos dos seus habitantes asse-

melham-se ao nosso corpo espiritual ou perispírito, ou corpo bioplásmico descoberto pelas atuais pesquisas russas na Universidade de Kirov. As sondas espaciais soviéticas e norte-americanas dirigidas a Júpiter confirmaram a natureza mais energética do que massiva desse planeta, o maior do nosso Sistema.

Kardec delimitou a Ciência Espírita ao estudo e pesquisa da vida espiritual e das relações dos espíritos com os homens. Ao tratar da pluralidade dos mundos ele apenas atendia a um interesse lógico da doutrina, mas sempre aguardando o resultado conseguido pelas Ciências especializadas. O Espiritismo, como mundividência, concepção geral do Universo, interessa-se por todos os problemas da realidade cósmica, mas não faz afirmações temerárias sobre questões que dependem de pesquisas das ciências específicas.

Entra nesse problema uma questão não apenas de critério lógico, mas também de conhecimento das possibilidades humanas no estágio evolutivo em que nos encontramos. Os instrumentos da pesquisa espírita, como dizia Kardec, são os médiuns, instrumentos de extrema sensibilidade e complexidade. Todos os médiuns estão sujeitos a interferências anímicas nas comunicações que transmitem. A alma do médium (que é o seu espírito) pode interferir com informações suas pessoais, sem o perceber. Por isso Kardec sempre aconselhou o exame atento das comunicações recebidas, com rejeição de todas as que pudessem ser consideradas suspeitas. Numerosos médiuns, desde antes de Kardec, deram comunicações sobre outros mundos, que não passavam de fantasias facilmente reconhecíveis. Essas fantasias, como as recentes, de Ramatis, muito divulgadas no Brasil, são sempre consideradas como mistificações. Entretanto, as interferências anímicas não constituem mistificações, que são elaborações conscientes, com o fim de enganar. A segurança da comunicação mediúnica depende do controle dos pesquisadores e particularmente da sua experiência na prática mediúnica. Muitas comunicações que Kardec considerava como válidas, do seu ponto de vista pessoal, ele as divulgou sob reserva, por falta de comprovações objetivas. Essa cautela ele a transformou em regra doutrinária. O critério kardeciano mostrou-se seguro através de mais de um século de experiências e os que não o adotaram caíram sempre em situações ridículas, muitas vezes afetando o próprio conceito da doutrina perante os que não conhecem o problema.

A naturalidade das comunicações mediúnicas, e portanto das relações entre os espíritos e os homens, ressalta dessas pesquisas de Kardec. Não há o medo dos mortos influenciando na aceitação de maneira supersticiosa nessas relações. Os Espíritos são considerados como criaturas humanas naturais, apenas desprovidas de seus corpos carnis. Simplesmente trocaram de roupas ao viajar para outra dimensão da realidade que escapa aos nossos sentidos físicos. A morte se transforma na páscoa da ressurreição, pois a palavra páscoa, derivada do hebraico, quer dizer passagem. O espírito não se reveste da carne, mas da matéria fluídica do perispírito. Kardec assinalou que essa matéria fluídica é semimaterial, ou seja, constituída de elementos espirituais e materiais em mistura. A descoberta da antimatéria e do corpo bioplásmico vieram sanar as dúvidas dos sábios a respeito. As pesquisas da Universidade de Kirov, na URSS, levaram os cientistas à comprovação de

que o corpo bioplásmico é constituído por um plasma físico, ou seja, um elemento que William Crookes descobriu no século passado e chamou de *matéria radiante*, considerando-o como quarto estado da matéria. Os elementos espirituais se mesclam nesse plasma, constituído de partículas atômicas livres (não ligadas à estrutura de nenhum átomo) formando assim a semimatéria do perispírito, que estabelece a ligação entre o espírito e o corpo material. O fato de a antimatéria, ao contrário do que pensavam os físicos até há pouco, não estar separada da matéria, mas entranhada nela, explica a constituição semimaterial do chamado corpo espiritual. A imagem da crisálida que se livra do casulo para abrir as asas e librar-se no ar, em forma de borboleta, tantas vezes aplicada à morte, confirma a sua validade nessa importantíssima descoberta científica do nosso tempo.

O Espiritismo provou que a transformação produzida pela morte não afeta o espírito. E como a personalidade é o espírito e não o corpo, a identificação dos espíritos de mortos torna-se fácil para os que os conheceram em vida. Através de médiuns flexíveis os espíritos conversam conosco com toda a naturalidade, tirando-nos a falsa idéia de que se tornaram estranhos ou se metamorfosearam em entidades sobrenaturais. Nas sessões de voz-direta, sem usar o médium como instrumento, servindo-se apenas da sua ectoplasma, essas conversações nos despertam a compreensão da vida num sentido que nem os místicos e videntes conseguem obter, por continuarem apegados à idéia falsa do sagrado ou do demoníaco, ambos deformantes da realidade física e da realidade espiritual. As igrejas e as ordens ocultistas – necessárias nas fases anteriores da evolução humana – hoje não podem mais corresponder às exigências espirituais do mundo. Seus rituais, seus dogmas, seus signos e aparatos não impressionam mais a ninguém. E na proporção em que as ciências avançam em suas pesquisas, a cultura se amplia atingindo a unidade do Conhecimento, bênçãos e maldições, sacramentos e rezas, todo o formalismo aparatoso dos cultos, os segredos guardados a sete chaves e a pompa grotesca e não raro forçada dos clérigos e mandatários divinos, guardiães da Arca Sagrada e dos mistérios de Isis, aparecem aos olhos do povo como encenações e aparelhagem teatral.

Estamos no fim do mundo da trapaça, dos malabarismos impressionantes, das sugestões hipnóticas, da falsa importância e do falso poder dos que se dizem ministros de Deus ou gurus e ioguis detentores de poderes sobrenaturais. Caem as máscaras da hipocrisia na moral e na religião. O homem se emancipa e reconhece a sua condição humana com destino transcendente, mas de uma transcendência que não depende de sagrações, unções, ordenações de natureza secreta. Os poderes do homem não são sobrenaturais, estão nele mesmo, no seu íntimo, e o fazem superar o comum, transcender a condição geral através do desenvolvimento natural de suas potencialidades morais e intelecto-afetivas, volitivas e cognitivas. Fora disso, tudo são balelas de um passado agonizante e ridículo. Vai longe o tempo em que o Cardeal de Richelieu podia traçar um círculo imaginário ao seu redor, usando o seu misterioso latinório, para que os adversários não o agredissem.

Por isso, o Espiritismo só admite, em seu aspecto religioso, ligado à Ciência e a Filosofia, portanto à Razão, a prática da prece e do recolhimento em seu culto, a persuasão e o esclarecimento em lugar dos exorcismos pa-

gãos, e só reconhece uma autoridade espiritual no trato com os espíritos: a autoridade moral. Fora disso, não há títulos nem fórmulas sacramentais, nem rezas especiais, nem símbolos religiosos que possam livrar uma criatura perturbada dos espíritos inferiores que a assediam.

Entre os rabinos de barbas untadas de óleo aromático e envoltos em suas vestes sagradas e os romanos de barba raspada, marcados pelos signos de César, Jesus de Nazaré preferiu a túnica de estamena dos carpinteiros humildes. As quinquilharias sagradas e as insígnias oficiais nada representam para os Espíritos, que não vivem mais no mundo fantasioso dos homens, mas no seu próprio mundo. Libertos do corpo material, eles guardam por algum tempo os costumes e hábitos, os falsos conceitos e a estreita visão das coisas que levaram da Terra. Mas pouco a pouco, nos choques inevitáveis da sua conduta terrena com o novo mundo em que se encontram, vão sendo obrigados a adaptações renovadoras. Os antigos hebreus, como nos ensina Matim Burbe, consideravam o plano espiritual mais próximo da crosta terrena como *mundo da ilusão*. Nesse mundo, aparentemente semelhante ao nosso, mas com muitas condições diferentes, os espíritos mais apegados à vida material ali conservam suas velhas ilusões o mais que podem, mas a realidade nova se impõe a cada instante e eles acabam percebendo que as vibrações morais são mais poderosas do que as tradições humanas. A autoridade moral não decorre de títulos e posições, mas do poder natural do espírito equilibrado.

As relações desses espíritos com os homens são naturais, pois os homens são espíritos e por toda parte os espíritos se comunicam uns com os outros. Essa naturalidade se acentua quando sabemos que esses espíritos estão no mesmo plano em que estamos, são nossos vizinhos dimensionais e convivem conosco. Desde as selvas por toda a Antigüidade sabemos que estamos divididos dos espíritos dos mortos por uma tênue barreira, um só dos véus de Isis, de maneira que eles se misturam a nós e interferem em nossos pensamentos e sentimentos, muitas vezes a nosso pedido. Kardec demonstrou isso de maneira absoluta e a Parapsicologia atual sancionou com novos métodos de pesquisa essa realidade em toda a sua extensão. A telepatia é uma realidade social permanente nas relações humanas e nas relações do intermúndio. Todos nós falamos constantemente com os espíritos que vivem ao nosso redor, e não raro de maneira consciente. O trânsito permanente entre os dois mundos, o dos homens e o dos espíritos, se processa a todo instante. Os que morrem no aquém vão para o além, os que nascem no aquém procedem do além. Nessa convivência multimilenar o medo dos mortos é um contra-senso que só os preconceitos religiosos e materialistas podem justificar. Falar em profanação da morte, violação do mistério e coisas semelhantes é simples absurdo, ante essa realidade das inter-relações milenares entre homens e espíritos.

As provas acumuladas a respeito nas sociedades de pesquisas psíquicas, nos anais da Metapsíquica e na vasta literatura de pesquisa séria, em obras publicadas por cientistas eminentes do século passado e do nosso século, todas elas atualmente comprovadas pelas pesquisas recentes, não deixam margem alguma para dúvidas. As exigências científicas nesse campo foram todas cobertas por pesquisas rigorosas realizadas por figuras expo-

nenciais das Ciências. Mas a menor dúvida levantada anulava os esforços realizados e seus inegáveis resultados. Os métodos de pesquisa sob controle estatístico, na Parapsicologia atual, – postos também em dúvida – acabaram vencendo a teimosia dos cientistas *alérgicos ao futuro* (segundo a expressão de Remy Chauvin) e a aceitação inevitável da realidade implicou no assunto as áreas ideologicamente materialistas da URSS e sua órbita. O que mais querem os negadores? Que os levemos a uma assembléia do mundo dos espíritos? Isso não compete a nós, mas à morte, que fatalmente os levará para esse mundo, sem os convidar nem lhes pedir licença.

O caso dos agêneres é a comprovação objetiva da realidade dessas relações mediúnicas naturais. O agêner (não gerado) é uma espécie de materialização espontânea, sem reunião especial, sem médiuns presentes, em pleno dia, nas ruas e praças, a céu-aberto, em que uma pessoa falecida encontra um amigo ou um parente, abraça-o, conversa com ele e despede-se naturalmente. Os casos comprovados são numerosos. Assim, o direito espírita de tratar desses assuntos, que as igrejas se reservam a si mesmas e negam ao Espiritismo, é um direito natural, decorrente das próprias condições humanas e comprovada pelas manifestações espontâneas em todos os tempos e em todas as latitudes geológicas e históricas do nosso planeta.

*

LIVRO: CURSO DINÂMICO DE ESPIRITISMO

J. HERCULANO PIRES

Colaboração Interexistencial

A Filosofia atual, representativa do nosso século, é a Existencial. Dela se derivou o movimento existencialista, por uma interpretação espúria do pensamento de Jean-Paul Sartre. Mas o pensamento desse famoso filósofo francês nada tem a ver com as estroinices da cantora Julliete Grecco, que aproveitou-se do renome de Sartre para criar no Café de Fiore, em Paris, um movimento juvenil em que se atribuiu o título de Musa do Existencialismo, dando a Sartre o título de Papa do Existencialismo. Simone de Beauvoir, discípula e companheira do filósofo, perguntou-lhe porque aceitara essa situação. Sartre deu de ombros, dizendo que nada tinha com o movimento da cantora e nem se interessava por ele. O famoso autor de *O Ser e o Nada* e da *Crítica da Razão Dialética* costumava escrever numa das mesas do Café, e ali continuou a trabalhar, indiferente aos shows da cantora. A Filosofia Existencial desfigurou-se na opinião dos leigos, mas não abalou o seu prestígio no meio intelectual. Fundada por Kierkegaard, teólogo dinamarquês, que não pretendia filosofar, a Filosofia Existencial dominou o pensamento filosófico mundial e permanece como o marco de uma profunda revolução filosófica, semelhante à de Copérnico na Astronomia. O conceito existencial do homem foi desenvolvido pelos maiores filósofos contemporâneos, como Martin Heidegger, Karl Jaspers, Gabriel Marcel, Simone, Camus e outros. Esse conceito corresponde ao espírita, formulado por Kardec na Filosofia Espírita. O homem é um projeto, um ser que se lança na existência e a atravessa como uma flecha em direção à transcendência que é o objetivo da existência. Para Sartre, materialista, a morte é a frustração do homem. Para Heidegger, metafísico, homem se completa na morte. A Filosofia Existenci-

al admite, em geral, que o ser é um embrião lançado à existência para desenvolver suas potencialidades. Há uma diferença essencial entre Vida e Existência. Todos os seres vivem, mas só o ser humano existe, porque existir é ter consciência de si mesmo e viver em ritmo de ascensão, buscando superar a condição humana e atingir a divina. O homem é o único *existente*. Esta palavra, *existente*, designa o homem como ser na existência.

Vejamos o sentido tipicamente espírita dessa concepção do homem. Antes de ser; o homem é apenas um *vir-a-ser*, uma coisa misteriosa fechada em si mesma. Ansiando por relação, essa coisa se projeta na existência e se abre na relação, encontrando nesta os elementos que a despertam e a transformam num ser. Este toma consciência de sua própria natureza de ser e como tal busca superar-se. No trânsito existencial desenvolve a sua essência e abre no maciço do mundo, feito de leis rígidas e fatalistas, a única brecha de liberdade, que é o homem com seu livre arbítrio. Para Sartre, ao chegar à morte o homem já elaborou a sua essência na existência, mas esta não subsiste porque o homem desaparece na morte: o homem é uma frustração. Para Heidegger, o ser se desenvolve na existência e se completa na morte: é uma realização. Para Jaspers, o desenvolvimento do ser na existência se faz em duas etapas:

1ª) a transcendência horizontal, no plano social;

2ª) a transcendência vertical, na busca de Deus.

Sartre aplica ao existente a dialética de Hegel:

a) o homem antes da existência é o *em-si*;

b) o homem na existência é o *para-si*;

c) o homem na morte é o *em-si-para-si*.

Como vemos, o *em-si-para-si* é a síntese dialética em que o *em-si*, (fechado em si mesmo) e o *para-si*, (aberto na relação social), que é a transcendência horizontal de Jaspers, resolve-se no *em-si-para-si*, que é a condição divina atingida na transcendência vertical.

O conceito filosófico de *existência* difere profundamente do conceito de vida. Enquanto a vida se define como o elã de Bergson, um impulso, uma força que penetra na matéria e, segundo a idéia hegeliana, modela as formas, a *existência* é subjetividade pura, o que vale dizer espírito. Assim, não vivemos como as plantas e os animais, integrados na matéria, mas como espíritos ligados à matéria para usá-la em função de seus interesses subjetivos. Vivemos na psique e não no corpo. Nossa vida não é propriamente vida, mas um existir independente das coisas e dos seres materiais, cuja única aspiração verdadeira é a liberdade, que só podemos de fato obter e gozar na interioridade de nós mesmos. Mesmo encarnados, não saímos do plano espiritual, continuamos nele, nosso *habitat* natural, como sonâmbulos. A matéria não nos absorve, apenas reflete-se em nossa sensibilidade. O dia e a noite, a vigília e o sono, como Jaspers observou, marcam o ritmo existencial da relação alma-corpo. Durante o repouso do corpo, para refazer-se, voltamos ao mundo espiritual no veículo do perispírito, e mesmo em plena vigília escapamos da matéria através das fugas psíquicas, das projeções telepáticas, das várias modalidades da percepção extra-sensorial. A hipnose prova o

sentido ilusório do viver. No estado sonambúlico ou hipnótico, semidesligados do corpo, vagamos no intermúndio e aceitamos facilmente as sugestões de uma situação irreal: tocamos violino sem violino, sentimos calor e suamos sem calor, resistimos ao fogo sem queimar-nos, regressamos no tempo e nos projetamos no futuro através da memória e assim por diante. A Gestalt nos mostra a ilusão da forma na percepção normal do mundo, em que as aparências pregnantas cobrem a realidade material precipitando-nos em quedas e frustrações. A evolução da Física roubou-nos o mundo sólido e opaco do passado e lançou-nos no torvelinho dos átomos e das partículas nucleares. A matéria esfarelou-se nas mãos dos físicos e obrigou-nos a reconhecer, como seres evanescentes, que vivemos num mundo mágico de estruturas imponderáveis.

Diante dessa realidade fantástica, as leis físicas às quais Bertrand Russel se apegou para não naufragar no irreal, impõe-se a realidade-real das leis psíquicas, do espírito que domina, estrutura e ordena a matéria. O que chamamos de *vida* se transforma em *existência*, e esta não é mais do que a curta medida do tempo necessário para nos libertar-nos de um condicionamento mental determinado pela ilusão dos sentidos, como Descartes já verificara e demonstrara em suas tentativas de nos dar a Ciência Admirável que o Espírito da Verdade lhe revelara em sonhos. O *cogito ergo sum* do filósofo aparece-nos hoje como um traço de união entre o Cristianismo puro do Cristo e o Espiritismo, em que a verdade revelada se restabelece na sua realidade incompreendida, como uma ponte fluídica e indestrutível que liga duas partes do real, separadas pelo abismo de quase dois milênios de loucura, de esquizofrenia religiosa. Ao descobrir que essa frase cartesiana – *penso, logo existo* – foi o *abre-te Sésamo* de um filósofo mágico que não queria ilusionar mas atingir a Verdade, compreendemos que a ponte cartesiana passou sobre um abismo onde espumou por milênios a voragem de sangue e impiedade de um pesadelo mundial. E tão hipnótica foi essa voragem que cientistas e filósofos ainda resistem ao chamado da nova concepção do homem e do mundo em que o Espírito da Verdade nos oferece. O próprio Descartes, apegado aos *ídolos* de Bacon, saiu do seu deslumbramento para uma peregrinação ao ídolo de Nossa Senhora da Saletti, no cumprimento de uma promessa. Repetiu-se nesse episódio histórico a mensagem do Mito da Caverna na República de Platão. Um escravo escapou dos grilhões e foi ver à luz do Sol a realidade que só conhecia através das silhuetas de sombras. E quando voltou e contou o que vira lá fora, os demais o consideraram perturbado. No entanto, a partir de suas obras iniciava-se no mundo a Renascença Cristã, que se completaria mais tarde numa eclosão mediúnica em que as línguas de fogo do Pentecoste se acenderiam de novo sobre a cabeça dos Apóstolos da Nova Era. O conceito de existência é o carisma do Século XX, da fase mais aguda da transição planetária para um grau superior da Escala dos Mundos. As inteligências terrenas foram convocadas para a nova batalha cristã, em que os Mártires da Verdade não sofreriam mais as penas cruentas do passado tenebroso, mas enfrentariam as angústias da incompreensão e o martírio inevitável da marginalização cultural. Os construtores da nova cultura, nascida dos princípios cristãos, iniciariam sob escárnio e calúnias a construção da Civilização do Espírito. Esse o grave problema que os espíritas precisam encarar com a maior seriedade em nosso tempo, pois so-

mos herdeiros dessa causa e os continuadores dessa obra. Se não nos empenharmos nela com a devida consciência da sua importância, se não formos capazes de sacrifício e abnegação em favor dos novos tempos, assumiremos também a nossa parte de responsabilidade nos fracassos que poderão levar-nos a uma catástrofe planetária.

Mas é bom lembrar que não estamos sós. Ao conceito de *existência* dos filósofos atuais o Espiritismo acrescenta o conceito da *solidariedade existencial* entre os espíritos e os homens. Provada a sobrevivência dos mortos pela pesquisa científica e demonstrada a interpenetração dos mundos material e espiritual – que se evidencia na nossa própria organização psicofísica –, impõe-se naturalmente o conceito espírita da *interexistência*. Já vimos que não vivemos apenas no plano material, que não estamos fundidos no corpo carnal, mas apenas ligados a ele como o condutor ao seu veículo. Nos estudos de Hipnotismo aprendemos que a nossa vida diária também se processa simultaneamente em dois planos. O mesmo acontece com os espíritos, que não estão isolados no plano espiritual, mas passam constantemente do seu plano para o nosso, como vemos no caso das comunicações mediúnicas, das aparições, das materializações e até mesmo, de maneira espontânea e concreta, visível e palpável, no caso dos agêneres. Assim, a interpenetração do plano espiritual inferior com o plano material superior (a crosta terrena e sua atmosfera), constitui a zona planetária a que chamamos de *intermúndio*. Os gregos antigos diziam que os seus deuses viviam no Intermúndio, entre o Céu e a Terra. O Espiritismo nos permite compreender essa verdade de maneira clara e racional: para eles, os espíritos eram os deuses bons e maus que se comunicavam através dos oráculos e das pitonisas. Eles também conheciam as agêneres, pois os seus deuses podiam descer do Olimpo e aparecer aos homens como homens. O conceito de interexistência deriva do conceito de intermúndio formulado pelos gregos.

E no Espiritismo esses conceitos se ampliam através das pesquisas mediúnicas, revelando as leis da colaboração interexistencial a que naturalmente se entregam os espíritos e os homens em todos os tempos, desde os primitivos até ao nosso. Contamos, pois, com a colaboração constante dos nossos companheiros de humanidade na batalha cristã de elevação da Terra.

Anotemos a importância que, nesse contexto, adquirem as sessões mediúnicas de orientação e esclarecimento de espíritos sofredores ou malfeitores. A doutrinação espírita, sempre auxiliada pelos Espíritos Superiores e os Espíritos Bons que os servem, é um trabalho humilde de caridade que, no entanto, não se limita aos efeitos pessoais em favor do socorrido e das suas vítimas, pois sua contribuição maior é a da renovação consciencial ou despertar das consciências humanas para as responsabilidades do ser na existência. Pouco pode fazer uma sessão de doutrinação, diante da extensão dos desequilíbrios, a multidão de sofredores e malfeitores que nos rodeiam. Mas cada espírito que se esclarece é uma nova irradiação nas trevas conscienciais. Além disso, numa pequena sessão não temos o esclarecimento apenas das entidades comunicantes. Em geral, é maior o número de espíritos assistentes, que se beneficiam com a doutrinação dos que se encontram na sua mesma situação. Por outro lado, o ambiente espiritual da sessão irradia suas luzes muito além do recinto estreito em que se realiza. O milagre da

multiplicação dos pães se repete em cada sessão de humildes servidores da causa que é de toda a Humanidade. Os resultados positivos das sessões vão muito além do que podemos perceber, espalhando seus benefícios no intermúndio, no Espaço e na Terra. Note-se ainda que essas sessões representam a colaboração humana aos trabalhos de esclarecimento e orientação que os Espíritos realizam incessantemente no plano espiritual. Essa participação dos homens nas tarefas espirituais restabelece os elos de fraternidade desfeitos pelo formalismo igrejeiro. E desfaz a fábula do ciúme dos anjos, que teriam se rebelado contra Deus pela encarnação de Jesus como homem, pela concessão aos padres do direito de perdoar pecados, que os anjos não possuem. Fábulas dessa espécie, criadas pela pretenciosa imaginação teológica, dão-nos a medida do desconhecimento dos clérigos mais ilustrados e prestigiosos sobre a realidade espiritual. Os anjos não são mais do que espíritos humanos que se sublimaram em encarnações sucessivas. O Espiritismo coloca o problema da Criação em termos evolutivos, à luz da concepção monista e monoteísta. Nas sessões mediúnicas de caridade, anjos, espíritos humanos e espíritos diabólicos participam como orientadores, doutrinadores e necessitados de doutrinação. Não sendo o Diabo mais do que uma alegoria, um mito representativo dos espíritos inferiores voltados ao mal, a presença dos impropriamente chamados espíritos diabólicos nas sessões de socorro espiritual é justa e necessária. Ninguém necessita mais do socorro humano do que essas criaturas transviadas. Quando elas não estão em condições de aproveitar a oportunidade, não lhes é facultada a comunicação mediúnica. Permanecem no ambiente como observadores, vigiados pelos espíritos guardiães, e aprendem aos poucos, como alunos ouvintes, a se prepararem para o tratamento de que necessitam. Muitas pessoas não gostam dessas sessões de comunicações desagradáveis, onde a caridade brilha no seu mais puro esplendor. São nelas que os pretensos diabos deixam cair suas fantasias infelizes para vestir de novo a roupagem comum dos homens; voltando ao convívio dos que seguem a senda da evolução espiritual. Os grupos que se recusam a realizar esses trabalhos de amor acabam caindo nas mistificações de espíritos pseudo-sábios e pagam caro o seu comodismo e a sua pretensão.

A colaboração interexistencial iniciada pelo Espiritismo estabeleceu a verdadeira fraternidade espiritual na Terra. Esse fato marca um momento sublime nos rumos da transcendência humana. O planeta das sombras, cuja História é um terrível caleidoscópio de atrocidades e maldades, brutalidades e miséria moral, ganhou um ponto de luz celeste com essa reviravolta em suas precaríssimas condições religiosas. O desenvolvimento das práticas de socorro espiritual indiscriminado, oferecido a todos os tipos de necessitados, dará condições à Terra para se libertar das sombras e elevar-se aos planos de luz. O lema espírita: *Fora da Caridade não há Salvação* é o passaporte da Terra para a sua escalada aos planos superiores. Os médiuns que trabalham nessas sessões de socorro, ao invés de preferirem aquelas em que só se interessam por mensagens de Espíritos Superiores, estão mais próximos dos planos elevados e das entidades realmente superiores. Não foi para os elegantes e vaidosos rabinos do Templo que Jesus veio à Terra, mas, como ele mesmo disse, para as ovelhas transviadas de Israel. Os que pensam que só devem tratar com Espíritos Superiores provam, por essa pretensão, a incapacidade de compreender a elevação espiritual.

Livro: O LIVRO DOS MÉDIUNS
BICORPOREIDADE E TRANSFIGURAÇÃO

APARIÇÕES DE ESPÍRITOS DE VIVOS - HOMENS DUPLOS -
 SANTO AFONSO DE LIGUORI E SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA -
 VESPASIANO - TRANSFIGURAÇÃO - INVISIBILIDADE

114. Esses dois fenômenos são variedades de manifestações visuais. Por mais maravilhosos que possam parecer à primeira vista, facilmente se reconhecerá, pelas explicações que deles se podem dar, que não saem da ordem dos fenômenos naturais. Ambos se fundam no princípio de que tudo o que foi dito sobre as propriedades do perispírito após a morte se aplica ao perispírito dos vivos.

Sabemos que o Espírito, durante o sono, recobra em parte a sua liberdade, ou seja, que ele se afasta do corpo. E é nesse estado que muitas vezes temos a ocasião de observá-lo. Mas o Espírito, tanto do vivo quanto do morto, tem sempre o seu envoltório semi-material, que pelas mesmas causas já referidas pode adquirir a visibilidade e a tangibilidade. Há casos bastante positivos que não podem deixar nenhuma dúvida a esse respeito. Citaremos somente alguns exemplos de nosso conhecimento pessoal, cuja exatidão podemos garantir, pois todos estão em condições de acrescentar outros, recorrendo às suas lembranças.

115. A mulher de um nosso amigo viu repetidas vezes, durante a noite, entrar no seu quarto, com luz acesa ou no escuro, uma vendedora de frutas da vizinhança que ela conhecia de vista, mas com a qual nunca havia falado. Essa aparição a deixou muito apavorada, tanto mais que a senhora, na época, nada conhecia de Espiritismo e o fenômeno se repetia com frequência. A vendedora estava perfeitamente viva e decerto dormia naquela hora. Enquanto o seu corpo material estava em casa, seu Espírito e seu corpo fluídico estavam na casa da senhora. Qual o motivo? Não se sabe. Nesse caso, um espírita já experimentado lhe teria feito a pergunta, mas a senhora nem se quer teve essa idéia. A aparição sempre se desfazia sem que ela soubesse como, e sempre, após o seu desaparecimento, ela ia ver se todas as portas estavam bem fechadas, assegurando-se de que ninguém poderia ter entrado no seu quarto.

Essa precaução mostra que ela estava bem acordada e não era iludida por um sonho. De outra vez ela viu, da mesma maneira, um homem desconhecido, mas um dia viu seu irmão, que então se encontrava na Califórnia. A aparência era tão real que, no primeiro momento, pensou que ele havia regressado e quis falar-lhe, mas ele desapareceu sem lhe dar tempo. Uma carta recebida depois lhe provou que ele não havia morrido. Esta senhora era o que se pode chamar um médium vidente natural. Mas nessa época, como já dissemos, ela nunca ouvira falar de médiuns.

116. Outra senhora que reside na província, estando gravemente enferma, viu certa noite, cerca das dez horas, um senhor idoso da sua mesma cidade, que encontrava às vezes na sociedade, mas com o qual não tinha intimidade. Estava sentado numa poltrona ao pé da sua cama e de vez em quando tomava uma pitada de rapé. Parecia velar por ela. Surpresa com essa visita àquela hora, quis perguntar-lhe o motivo, mas o senhor lhe fez sinal pa-

ra não falar e dormir. Várias vezes, tentou falar-lhe, e de cada vez ele repetia a recomendação. Acabou por adormecer.

Alguns dias depois, já restabelecida, recebeu a visita do mesmo senhor, mas em hora conveniente e de fato em pessoa. Estava vestido da mesma maneira, com a mesma tabaqueira e precisamente com os mesmos gestos. Certa de que ele a visitara durante a doença, agradeceu-lhe o trabalho que tivera. O senhor, muito espantado, disse que há tempos não tinha o prazer de vê-la. A senhora que conhecia os fenômenos espíritas, compreendeu o que se passara, mas não querendo entrar em explicações a respeito, contentou-se em dizer que provavelmente sonhara.

O provável é isso, dirão os incrédulos, os espíritos fortes, os que por essa expressão entendem serem pessoas esclarecidas. Mas o que consta é que essa senhora não dormia tanto como a outra. — Então sonhava acordada, ou seja, teve uma alucinação. — Eis a palavra final, a explicação de tudo o que não se compreende. Como já refutamos suficientemente essa objeção, prosseguiremos para aqueles que podem compreender-nos.

117. Eis, porém, um caso mais característico, e gostaríamos de ver como se poderia explicá-lo por um simples jogo de imaginação.

Um senhor, residente na província, jamais quis se casar, malgrado as instâncias da família. Haviam principalmente insistido a favor de uma jovem de cidade vizinha, que ele nunca vira. Certo dia, em seu quarto, foi surpreendido com a presença de uma jovem vestida de branco, a fronte ornada por uma coroa de flores. Ela lhe disse que era a sua noiva, estendeu-lhe a mão, que ele tomou nas suas e notou que tinha um anel. Em poucos instantes tudo desapareceu. Surpreso com essa aparição, e seguro de que estava bem acordado, procurou informar-se se alguém havia chegado durante o dia. Responderam-lhe que ninguém fora visto na casa.

Um ano depois, cedendo a novas solicitações de um parente, decidiu-se a ir ver aquela que lhe propunham. Chegou no Dia de Corpus-Christi. Todos voltavam da procissão e uma das primeiras pessoas que viu, ao entrar na casa, foi uma jovem que reconheceu como a que lhe aparecera. Estava vestida da mesma maneira, pois o dia da aparição havia sido também o de Corpus-Christi. Ficou atônito, e a moça, por sua vez, gritou de surpresa e sentiu-se mal. Voltando a si, ela explicou que já vira aquele senhor, nesse mesmo dia, no ano anterior. O casamento se realizou. Estava-se em 1835. Nesse tempo não se tratava dos Espíritos, e além disso ambos são pessoas extremamente positivas, dotadas da imaginação menos exaltada que pode haver no mundo.

Poderão dizer que ambos estavam tocados pela idéia da união proposta e que essa preocupação provocou uma alucinação. Mas não se deve esquecer que o futuro marido permanecera tão indiferente ao caso, que passou um ano sem ir ver a noiva que lhe ofereciam. Mesmo admitindo-se essa hipótese, restaria a explicar a semelhança da aparição, a coincidência das vestes com o Dia de Corpus-Christi, e finalmente o reconhecimento físico entre pessoas que jamais se haviam visto, circunstâncias que não podem ser produzidas pela imaginação. (Tenta-se hoje explicar os casos dessa natureza pela telepatia, como se vê no livro de Tyrrell: "Aparições". Mas essas teorias parapsicológicas são apenas tentativas de

escapar à explicação espírita e se tornam ridículas pelos expedientes absurdos de que têm de servir-se. Como notou o prof. Harry Price, da Universidade de Oxford, Inglaterra, o próprio Tyrrell reconhece que sua teoria "deixa grande quantidade de casos sem explicar". Isso no prefácio do livro. Na verdade, só a teoria explica até hoje, todos os casos, sem as incongruências dessas "hipóteses engenhosas", como Price chamou a de Tyrrell. (Ver: "Apparitions", G. N. M. Tyrrell, Pantheon Books, New York, 1952, ou tradução castelhana: "Apariciones", Editorial Paidós, Buenos Aires, Argentina, 1965, versão de Juan Rojo). (N. do T.).

118. Antes de prosseguir, devemos responder a uma pergunta que inevitavelmente será feita: como o corpo pode viver enquanto o Espírito se ausenta? Poderíamos dizer que o corpo se mantém pela vida orgânica, que independe da presença do Espírito, como se prova pelas plantas, que vivem e não têm Espírito. Mas devemos acrescentar que, durante a vida, o Espírito jamais se retira completamente do corpo.

Os Espíritos, como alguns médiuns videntes, reconhecem o Espírito de uma pessoa viva por um traço luminoso que termina no seu corpo, fenômeno que jamais se verifica se o corpo estiver morto, pois então a separação é completa. É por meio dessa ligação que o Espírito é avisado, a qualquer distância que estiver, da necessidade de voltar ao corpo, o que faz com a rapidez do relâmpago. Disso resulta que o corpo nunca pode morrer durante a ausência do Espírito, e que nunca pode acontecer que o Espírito, ao voltar, encontre a porta fechada, como têm dito alguns romancistas em estórias para recrear. (*O Livro dos Espíritos*, nº 400 e seguintes).

119. Voltemos ao nosso assunto. O espírito de uma pessoa viva, afastado do corpo, pode aparecer como o de um morto, com todas as aparências da realidade. Além disso, pelos motivos que já explicamos, pode adquirir tangibilidade momentânea. Foi esse fenômeno, designado por bicorporeidade, que deu lugar às estórias de homens duplos, indivíduos cuja presença simultânea se constatou em dois lugares diversos. Eis dois exemplos tirados, não das lendas populares, mas da História Eclesiástica.

Santo Afonso de Liguori foi canonizado antes do tempo exigido por se haver mostrado simultaneamente em dois lugares diferentes, o que passou por milagre.

Santo Antônio de Pádua estava na Espanha e no tempo em que ali pregava, seu pai, que se encontrava em Pádua, ia sendo levado ao suplício, acusado de assassinato. Nesse momento Santo Antônio aparece, demonstra a inocência do pai e dá a conhecer o verdadeiro criminoso que, mais tarde, sofreu o castigo. Constatou-se que naquele momento Santo Antônio não havia deixado a Espanha. Santo Afonso, evocado e interrogado por nós sobre o fato referido, deu as seguintes respostas: (Os Espíritos elevados não se recusam a ensinar os que sinceramente desejam aprender. A Evocação é um apelo humilde e não uma fórmula exigente. Kardec só fazia as evocações que fossem aprovadas pelo guia da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, que era São Luis. - Veja-se, na Revista Espírita, a secção Palestras Familiares de Além-túmulo e a secção de boletins dos trabalhos da Sociedade. (N. do T.)

1. Poderias dar-nos a explicação desse fenômeno?

— Sim. Quando o homem se desmaterializou completamente por sua virtude, tendo elevado sua alma a Deus, pode aparecer em dois lugares ao mesmo tempo. Eis como: o Espírito encarnado, sentindo chegar o sono, pode pedir a Deus para se transportar a algum lugar. Seu Espírito ou sua alma, co-

mo quiseres, abandona então o corpo, seguido de uma porção do seu perispírito, e deixa a matéria imunda num estado vizinho da morte. Digo vizinho da morte porque o corpo permanece ligado ao perispírito e a alma à matéria, por um liame que não pode ser definido. O corpo aparece então no lugar pedido. Creio que é tudo o que desejas saber.

2. Isso não nos dá a explicação da visibilidade e da tangibilidade do perispírito?

— Estando desligado da matéria, segundo o seu grau de elevação o Espírito pode se tornar tangível à matéria.

3. É indispensável o sono do corpo para o aparecimento do Espírito em outros lugares?

— A alma pode se dividir quando se deixa levar para longe do corpo. Pode ser que o corpo não durma, embora seja isso muito raro, mas então não estará em perfeita normalidade. Estará sempre mais ou menos em êxtase. (Ernesto Bozzano relata casos de comunicações por psicografia ou aparição de pessoas em estado de vigília, mas sempre em momentos de distração ou cochilo. As pesquisas parapsicológicas atuais consideram esses casos como de telepatia, mas sempre admitindo um estado de inconsciência ou semi-consciência como condição necessária. Muitos parapsicólogos já admitem o fenômeno de "projeção do eu" que corresponde à "irradiação da alma" de que trata Kardec na nota seguinte à explicação de Santo Alonso. (N. do T.)

Nota - *A alma não se divide, no sentido literal da palavra. Ela irradia em várias direções e pode assim manifestar-se em muitos lugares, sem se fragmentar. É o mesmo que se dá com a luz ao refletir-se em muitos espelhos.*

4. Estando um homem mergulhado no sono, enquanto seu Espírito aparece ao longe, que aconteceria se fosse subitamente despertado?

— Isso não aconteceria, porque se alguém tivesse a intenção de acordá-lo o Espírito voltaria ao corpo, antecipando a intenção, pois o Espírito lê o pensamento.

Nota - *Explicação inteiramente idêntica nos foi dada muitas vezes por Espíritos de pessoas mortas ou vivas. Santo Afonso explica o fato da presença dupla, mas não oferece a teoria da visibilidade e da tangibilidade.*

120. Tácito refere-se a um caso semelhante.

Durante os meses que Vespasiano passou em Alexandria, esperando a volta periódica dos ventos estivais e da estação em que o mar oferece segurança, muitos prodígios aconteceram, pelos quais se manifestou a proteção do céu e o interesse dos deuses por aquele príncipe.

Esses prodígios aumentaram o desejo de Vespasiano de visitar a morada dos deuses para consultá-los a respeito do Império. Ordenou que o templo fosse fechado para todos. Entrou e estava inteiramente atento ao que o oráculo ia pronunciar, quando percebeu atrás dele um dos egípcios mais importantes, chamado Basilido, que ele sabia estar doente em lugar distante muitos dias de Alexandria. Perguntou aos sacerdotes se Basilido viera ao templo naquele dia, informou-se com os transeuntes se o tinham visto na cidade e enviou homens a cavalo e assegurou-se de que, no momento, ele se encontrava a oitenta milhas de distância. Então não teve mais dúvidas de que

a visão era sobrenatural e o nome de Basilido ficou sendo para ele um oráculo. (Tácito, Histórias, livro IV, caps. 81 e 82, tradução de Burnouf.) (Este episódio histórico adquire maior importância quando sabemos que os egípcios se dedicavam a práticas de desdobramento ou "projeção do eu", servindo-se até mesmo de drogas alucinógenas em seus templos. Experiências atuais confirmam esses fatos (N. do T.)

121. A pessoa que se mostra simultaneamente em dois lugares diversos tem, portanto dois corpos. Mas desses corpos só um é real, o outro não passa de aparência. Pode-se dizer que o primeiro tem a vida orgânica e o segundo a anímica. Ao acordar os dois corpos se reúnem e a vida anímica penetra o corpo material. Não parece possível, pelo menos não temos exemplos, e a razão parece demonstrar que, quando separados, os dois corpos possam gozar simultaneamente e no mesmo grau da vida ativa e inteligente. Ressalta, ainda, o que acabamos de dizer, que o corpo real não poderia morrer enquanto o corpo aparente permanece visível: a aproximação da morte chama sempre o Espírito para o corpo, mesmo que só por um instante. Disso resulta também que o corpo aparente não poderia ser assassinado, pois não é orgânico e nem formado de carne e osso: desaparece no momento em que se quiser matá-lo. (Ver na Revista Espírita de janeiro de 1859, o artigo O Duende de Bayonne; de maio 1859, O liame entre o Espírito e o corpo; de novembro de 1859, A alma errante; de janeiro de 1860, Espírito de um lado e corpo de outro; março de 1860, Estudos sobre o Espírito de pessoas vivas, o doutor V e a senhorita I; de abril de 1860, O fabricante de São Petersburgo, aparições tangíveis; de novembro de 1860, História de Maria d' Agreda; de julho de 1861, Uma aparição providencial. (Nota de Allan Kardec).

122. Passemos a tratar do segundo fenômeno, o da transfiguração, que consiste na modificação do aspecto de um corpo de vivo. Eis, a respeito, um caso cuja perfeita autenticidade podemos garantir, ocorrido entre os anos de 1858 e 1859, nas cercanias de Saint-Étienne.

Uma jovem de uns quinze anos gozava da estranha faculdade de transfigurar, ou seja, de tomar em dados momentos todas as aparências de algumas pessoas mortas. A ilusão era tão completa que se acreditava estar na presença da pessoa, tamanha a semelhança dos traços do rosto, do olhar, da tonalidade da voz e até mesmo das expressões usuais na linguagem. Esse fenômeno repetiu-se centenas de vezes, sem qualquer interferência da vontade da jovem. Muitas vezes tomou a aparência de seu irmão, falecido alguns anos antes, reproduzindo-lhe não somente o semblante, mas também o porte e a corpulência.

Um médico local, que muitas vezes presenciara esses estranhos fenômenos, querendo assegurar-se de que não era vítima de ilusão, fez interessante experiência. Colhemos as informações dele mesmo, do pai da moça e de muitas outras testemunhas oculares, bastante honradas e dignas de fé. Teve ele a idéia de pesar a jovem no seu estado normal e durante a transfiguração, quando ela tomava a aparência do irmão que morrera aos vinte anos e era muito mais forte do que ela. Pois bem: verificou que na transfiguração peso da moça era quase o dobro.

A experiência foi conclusiva, sendo impossível atribuir a aparência a uma simples ilusão de ótica. Tentemos explicar esse fato, que sempre foi chamado de milagre mas que chamaremos simplesmente de fenômeno.

123. A transfiguração pode ocorrer, em certos casos, por uma simples contração muscular que dá à fisionomia expressão muito diferente, a ponto de tornar a pessoa irreconhecível. Observamo-la freqüentemente com alguns sonâmbulos. Mas, nesses casos, a transformação não é radical. Uma mulher poderá parecer jovem ou velha, bela ou feia, mas será sempre mulher e seu peso não aumentará diminuirá. No caso de que tratamos é evidente que há algo mais. A teoria do perispírito nos vai pôr no caminho.

Admite-se em princípio que o Espírito pode dar ao seu perispírito todas as aparências. Que por uma modificação das disposições moleculares, pode lhe dar a visibilidade, a tangibilidade e em conseqüência a opacidade. Que o perispírito de uma pessoa viva, fora do corpo pode passar pelas mesmas transformações e que essa mudança de estado se realiza por meio da combinação dos fluidos.

Imaginemos então o perispírito de uma pessoa viva, não fora do corpo, mas irradiando ao redor do corpo de maneira a envolvê-lo como uma espécie de vapor. Nesse estado ele pode sofrer as mesmas modificações de quando separado. Se perder a transparência, o corpo pode desaparecer, tornar-se invisível, velar-se como se estivesse mergulhado num nevoeiro. Poderá mesmo mudar de aspecto, ficar brilhante, de acordo com a vontade ou o poder do Espírito. Outro Espírito, combinando o fluido com esse, pode substituir a aparência dessa pessoa, de maneira que o corpo real desapareça, coberto por um envoltório físico exterior cuja aparência poderá variar como o Espírito quiser.

Essa parece ser a verdadeira causa do fenômeno estranho e raro, convém dizer, da transfiguração. Quanto à diferença de peso, explica-se da mesma maneira que a dos corpos inertes. O peso do próprio corpo não varia, porque a sua quantidade de matéria não aumenta, mas o corpo sofre a influência de um agente exterior que pode aumentar-lhe ou diminuir-lhe o peso relativo, segundo explicamos nos números 78 e seguintes. É provável, portanto, que a transfiguração na forma de uma criança diminua o peso de maneira proporcional.

124. Concebe-se que o corpo possa tomar uma aparência maior que a sua ou das mesmas dimensões, mas como poderia tornar-se menor, do tamanho de uma criança, como acabamos de dizer? Nesse caso, o corpo real não deveria ultrapassar os limites do corpo aparente? Por isso não dizemos que o fato se tenha verificado, mas quisemos apenas mostrar, referindo-nos à teoria do peso específico, que o peso aparente poderia também diminuir.

Quanto ao fenômeno em si, não afirmamos nem negamos a sua possibilidade. No caso de ocorrer, o fato de não se poder explicá-lo satisfatoriamente não o infirmaria. É preciso não esquecer que estamos no começo desta ciência e que ela ainda está longe de haver dito sua última palavra sobre este ponto, como sobre muitos outros. Aliás, as partes excedentes do corpo poderiam perfeitamente ser tornadas invisíveis.

A teoria do fenômeno da invisibilidade ressalta naturalmente das explicações precedentes e das que se referem ao fenômeno de transportes, n° 96 e seguintes. (Há numerosos casos de observação de uma máscara transparente sobre o rosto do médium, reproduzindo o rosto do Espírito comunicante. Observamos um desses casos

em 1946, em São Paulo, com o médium Urbano de Assis Xavier. Nesses casos, como se vê, acima, a máscara se forma pela combinação fluídica do perispírito do médium com o do Espírito comunicante. É fenômeno de sintonia e não de penetração do Espírito no corpo médium. (N. do T.)

125. Teríamos ainda de falar do estranho fenômeno dos agêneres, que por mais extraordinário que possa parecer à primeira vista, não é mais sobrenatural do que os outros. Mas como já o explicamos na Revista Espírita (fevereiro de 1859) achamos inútil repetir aqui os seus detalhes. (Como se vê, a *teoria dos agêneres* se encontra apenas na *Revista Espírita*, o que ressalta a importância dessa coleção de Kardec, somente agora publicada em nossa língua (N. do T.). Diremos apenas que é uma variedade de aparições tangíveis. É uma condição em que certos Espíritos podem revestir momentaneamente as formas de uma pessoa viva, a ponto de produzir perfeita ilusão. (Do grego: a, privativo, e géine, géinomai, gerado: não-gerado.) Estas explicações de Kardec foram posteriormente confirmadas por numerosas experiências científicas e ocorrências espontâneas, em todas as partes do mundo. Nada a não ser hipóteses gratuitas, que caíram sucessivamente por si mesmas, até hoje pôde contradizer as teorias apresentadas neste capítulo. As experiências metapsíquicas, desde as realizadas pelo prof. Karl Friederic Zöllner, da Universidade de Leipzig, na Alemanha, com notável equipe de pesquisadores, até as experiências famosas de Richet, Gustave Geley, Eugene Osty, Paul Gibier, na França, explicam-se por estas teorias. Recentemente, no campo das pesquisas parapsicológicas, mais restritas e cautelosas, a confirmação vem se fazendo da mesma maneira. As experiências de Soal e Wathely Carington, na Universidade de Cambridge, Inglaterra, com levitação e voz direta; as de Harry Price, da Universidade de Oxford, com telecinesia (movimento, ocultação e reaparição de objetos); os relatos de Louise Rhine, de Duke University, EUA, sobre "alucinações visuais referentes a mortos" e os de Karl Gustav Jung no mesmo sentido provam isso (N. Do T.)

*

Livro: PARAPSIKOLOGIA HOJE E AMANHÃ

J. HERCULANO PIRES

O que é o homem?

A pergunta "O que é o homem?" abre esta edição porque corresponde precisamente à encruzilhada a que a Parapsicologia chegou neste momento. A investigação dos fenômenos parapsíquicos revelou à Ciência um homem de novas dimensões. As duas linhas clássicas de interpretação antropológica — ou as diversas Antropologias a que se refere Rhine — encontraram a sua superação dialética na síntese do *homem-psi*.

Tínhamos de um lado a tese do homem espiritual e de outro a antítese do homem animal. As concepções religiosas em geral ofereciam-nos a perspectiva de uma Antropologia espiritualista. As concepções científicas reduzi-am essa perspectiva às limitações de uma Antropologia materialista. Mas o avanço das próprias pesquisas científicas levou o dilema *espiritualismo-materialismo* à solução que hoje se impõe em todos os campos do conhecimento, particularmente na própria Física. É claro que a Psicologia, sujeita aos postulados físicos como todas as demais disciplinas científicas, não poderia escapar às conseqüências desse processo. *O homem-psicológico* não pôde mais ajeitar-se na rede animal do sensorio. Teve fatalmente de *se abrir* no extra-sensorio, como o Universo físico *se abriu* no energético.

O homem-psi é a réplica do novo microcosmo ao novo macrocosmo. Em vão reagem — e reagirão ainda por algum tempo — certas áreas psicoló-

gicas a essa transformação radical do seu campo de estudos. *O homem-psicológico* moderno está irremediavelmente superado pelo *homem-psi* contemporâneo, da mesma forma que o Universo físico foi superado pela nova concepção do Universo energético. Pode-se alegar, como o faz Bertrand Russell, que a energia é também um conceito físico. Mas pode-se responder, com Arthur Compton, que o conceito de energia mudou e mudará ainda mais.

Ao superar o conceito do homem-psicológico, o novo conceito de *homem-psi* não destrói aquele: apenas o amplia. E o mesmo que se dá no tocante ao conceito de Universo, bem como aos seus corolários de *matéria* e *energia*. O conhecimento avança por degraus, é a subida por uma escada. Só os precipitados pretendem negar inteiramente o passado, esquecidos de que as conquistas recentes se apóiam nas anteriores.

A nova concepção do homem não é materialista nem espiritualista, mas as duas coisas ao mesmo tempo. Segundo a bela expressão de Rhine, o repúdio ao dualismo cartesiano, decorrente do exagero que se pode chamar de *dualismo-absoluto*, desaparece ante a demonstração científica da existência universal de um *dualismo-relativo*. Esse novo dualismo aparece no homem como a relação *psico-somática*. Os fenômenos parapsíquicos demonstram a dualidade da composição humana.

Assim, o *homem-psi* é um composto de psique e soma. Seria isto uma volta à concepção religiosa de alma e corpo? Sim, mas enriquecida, como sempre aconteceu na dialética do conhecimento. A alma não é mais uma entidade metafísica ou uma concepção teológica: é o moderno psiquismo da concepção científica, mas liberto da sujeição ao corpo. A alma não é mais um epifenômeno, um simples resultado das atividades do fenômeno orgânico. Passou a ser a *mente*, elemento extrafísico do homem, capaz de sobreviver à morte física mas susceptível de investigação científica em laboratório.

Abrem-se assim novas possibilidades à própria Medicina psico-somática, bem como a todas as Ciências do Homem. Bastaria isto para evidenciar a importância das pesquisas parapsicológicas, como chegou a encarecer o Prof. Leonid Vassiliev, da Universidade de Leningrado, pouco antes de seu falecimento, não obstante sua posição materialista. Acessível à pesquisa científica de laboratório, a alma deixa de ser "do outro mundo" para se integrar neste. A sua relação com o corpo físico mostra que ela não é metafísica, no sentido clássico do termo, mas extrafísica, ou seja, apenas não sujeita às leis físicas, como a considerava o materialismo.

Os pontos principais do "momento parapsicológico", segundo nos parece, são os seguintes:

a) Pesquisa dos fenômenos relacionados com a morte, pelo grupo do Prof. Pratt, da Duke University, dando origem à classificação de um novo tipo de fenômeno paranormal, denominado *teta* (oitava letra do alfabeto grego);

b) Pesquisa dos fenômenos relacionados com a teoria da reencarnação, como o provam o livro já famoso do Prof. Ian Stevenson, da Universidade de Virgínia, Estados Unidos, e os trabalhos do Prof. Banerjee, da U-

niversidade de Jaipur, na Índia, embora ainda cercados de cautelas e reservas excessivas;

c) Pesquisa no mesmo sentido através da hipnose por psiquiatras russos, como o caso do Prof. Vladimir Raikov e suas experiências de "reencarnações sugestivas", embora consideradas puramente do ponto-de-vista da sugestão hipnótica;

d) Prosseguimento das pesquisas sobre o problema de padrões de memória na percepção extra-sensorial, nos Estados Unidos e na Europa, esclarecedoras de grande número de casos atribuídos à fraude anímica ou mediúnica;

e) Pesquisas dos cientistas norte-americanos da equipe do Prof. Puhariche sobre médiuns curadores (ressaltando as realizadas com Arigó) e da Fundação Edgard Cacy, no mesmo sentido. Uma equipe desta fundação esteve em São Paulo fazendo observações em 1969;

f) Pesquisas sobre gravações de comunicações espirituais em fitas magnéticas, iniciadas por Friederich Jürgenson, de Moinho, Suécia, e desenvolvidas pelo cientista Konstantin Raudive e outros na Alemanha, entre os quais Hans Geisler. Tivemos contato pessoal com o pesquisador italiano Dr. Giuseppe Crosa, de Gênova, neuro-psiquiatra e parapsicólogo, e ouvimos algumas de suas importantes gravações;

g) Como significativa contribuição dos físicos e biólogos soviéticos podemos registrar a descoberta do corpo bioplasmático do homem, que se retira do corpo no momento da morte (verificação experimental através de câmaras fotográficas especiais) e cujas pesquisas podem ser conhecidas através do livro *Descobertas Psíquicas atrás da Cortina de Ferro*, de Lyn Schroeder e Scheila Ostrander, Estados Unidos, atualmente em fase de tradução no Brasil.

Essas novidades mostram uma tendência geral do "momento parapsicológico" para a aceitação da tese da sobrevivência do homem após a morte física e sua possibilidade de *ação sobre a matéria*, segundo a tese do casal Rhine e de outros investigadores eminentes da América, da Europa e da Ásia. A reação a essa tendência é intensa, tanto no campo parapsicológico como no científico em geral, mas o rigor das investigações e o comportamento cauteloso dos pesquisadores, todos altamente capacitados, têm evitado os tumultos e as polêmicas estéreis que praticamente barraram o avanço da Metapsíquica.

É assim que a Parapsicologia de hoje se abre em possibilidades para o amanhã. Essas possibilidades não decorrem, porém, unicamente da situação atual. O que as tornam mais viáveis é todo o acervo de pesquisas anteriores em que se apóiam: as pesquisas espíritas, as da chamada Ciência Psíquica Inglesa, as da antiga Parapsicologia alemã, as da Metapsíquica francesa, a dos investigadores alemães, italianos e russos — todo um vasto acervo honrado por nomes exponenciais das Ciências em todo o mundo.

O que ainda embaraça o desenvolvimento das investigações é o preconceito. De um lado o preconceito materialista, a que se aferram de maneira anticientífica numerosos expoentes das Ciências na atualidade. De outro lado o preconceito religioso que se recusa a aceitar a possibilidade de investiga-

ções científicas do problema espiritual. Os dois lados se encontram na mesma ojeriza: para o primeiro, falar em natureza espiritual do homem é cair na superstição; para o segundo é violar a santidade do espírito. Mas o desenvolvimento das Ciências sempre se fez *apesar* dessas dificuldades.

O conceito de *homem-psi* já está definitivamente firmado. É uma conquista da Parapsicologia. Nenhuma pessoa medianamente informada da evolução das Ciências nos últimos quarenta anos pode hoje aceitar que o homem seja um animal limitado aos sentidos físicos. Mesmo os especialistas que se apegam aos conceitos de suas especialidades reconhecem que há alguma coisa de novo "no ar". Sofrem daquela "alergia ao futuro" descoberta pelo Prof. Rémy Chauvin, da Escola de Altos Estudos de Paris, mas a sua própria reação é um indício seguro de que o futuro se aproxima.

A situação atual das Ciências é demasiado favorável ao radicalismo. Sua evolução se faz com tamanha rapidez que assusta a uns e exalta a outros. Precisamos usar, mais do que nunca, o bom-senso cartesiano. Temos de ouvir o conselho de Francis Bacon: pôr chumbo nas asas do espírito. Mas não podemos carregar demais essas frágeis asas, para não ficarmos asfixiados no chão. Os assustados se afundam na poeira como avestruzes. Os exaltados voam com asas de cera, como Ícaro. Temos de evitar uns e outros e seguir passo a passo o avanço das Ciências.

Este livro se atém à realidade das pesquisas e seus resultados até o momento, mas não deixa de mostrar as suas conseqüências no futuro imediato. Fechar os olhos diante do Sol que nasce é próprio das toupeiras. Não podemos imitá-las. Somos criaturas humanas, dotadas de razão e pensamento criador. Somos capazes não só de conquistar os espaços siderais, mas também de descobrir a nossa própria natureza. Recusarmo-nos a isso, em atenção a preconceitos, seria renunciarmos à própria inteligência.

*

Primeira parte - Parapsicologia hoje

I - O que é Parapsicologia

Parapsicologia é o processo científico de investigação dos fenômenos inabituais, de ordem psíquica e psicofisiológica. É uma disciplina científica, mas não propriamente uma ciência, pois o seu lugar científico é nos quadros da Psicologia. Os próprios fundadores da moderna Parapsicologia sustentam a sua natureza dependente, embora reconhecendo a necessidade de sua autonomia transitória. É necessário compreendermos isso para não atribuirmos à nova disciplina uma posição excepcional no plano do conhecimento, e sobretudo para não lhe darmos um sentido ou um caráter misterioso.

Colocando as coisas em seu devido lugar, podemos dizer que a Parapsicologia é uma nova forma de desenvolvimento das pesquisas psicológicas. A ambição dos parapsicólogos, dos primeiros momentos até agora, tem sido uma só: conquistar para a Psicologia uma área de fenômenos psíquicos ainda desconhecidos. Não quiseram e não querem transformá-la numa ciência independente. O objeto da Parapsicologia são os fenômenos psíquicos não-habituais, mas apesar disso naturais, comuns a toda a espécie humana. E mais

do que isso: comuns às demais espécies vivas, pois há também a Parapsicologia Animal.

Embora situada no campo científico da Psicologia, a Parapsicologia liga-se naturalmente a outras áreas das Ciências. Porque os fenômenos parapsicológicos são de ordem vital, psíquica e física. Sua complexidade é a mesma de todas as formas de manifestações vitais. Por isso, eles podem ser estudados e interpretados de várias maneiras, a partir de diferentes posições. Por exemplo: os parapsicólogos norte-americanos e europeus, da escola de Rhine, encaram os fenômenos como de natureza psicológica; e os parapsicólogos russos, da escola soviética, encaram os fenômenos como de natureza fisiológica. Os primeiros afirmam, atualmente, a natureza extrafísica, ou tipicamente psíquica, desses fenômenos, que nada teriam de material; os segundos sustentam a sua natureza fisiológica, e portanto material.

Essa e outras discrepâncias não invalidam nem prejudicam o desenvolvimento da Parapsicologia, que se processa com a mesma rapidez nos dois campos ideológicos em que se divide o nosso mundo. Porque, cientificamente, pouco importam as interpretações. O que interessa é o desenvolvimento da investigação, a descoberta progressiva, através de pesquisas científicas bem dirigidas, rigorosamente controladas e criteriosamente avaliadas nos seus resultados, da natureza dos fenômenos parapsicológicos. Somente isso poderá levar a Parapsicologia à conquista efetiva da área ou zona de fenômenos psíquicos e psico-físicos até há pouco inteiramente desconhecida, mas já agora bem demarcada nos mapas.

O livro do Prof. Joseph Banks Rhine, da Duke University, Estados Unidos: *O Novo Mundo da Mente*, apresenta-nos essa área na forma de um mapa bem delineado. Esse mundo, como diz o autor, só é novo para as Ciências. Porque, na realidade, é conhecido do homem há muitos milênios. Talvez desde que o homem existe. As Ciências atuais, que tratam de questões objetivas, deixaram de lado vastas zonas do conhecimento antigo cuja investigação objetiva era difícil, senão impossível. A zona dos fenômenos parapsicológicos foi uma delas. Mas agora, que as Ciências apresentam um grande desenvolvimento em todas as direções do conhecimento, já se torna naturalmente possível enfrentar o perigo e correr os riscos de investigações nessas zonas.

Não é justo, pois, acusarmos os parapsicólogos de medrosos por avançarem vagarosamente, nem os acusarmos de temerários quando arriscam interpretações como a extrafísica de Rhine ou a materialista de Vassíliev. Os que avançam por zonas desconhecidas devem ter a coragem das afirmações, quando se julgam suficientemente seguros nas suas conquistas. Mas os que ainda não obtiveram os mesmos êxitos têm o direito de duvidar e continuar avançando de maneira cautelosa. Isso acontece em todas as Ciências e em todas as disciplinas científicas e não somente na Parapsicologia. Os que alegam essas divergências como motivo para não tomarem conhecimento das novas descobertas são apenas comodistas. Encontram uma boa desculpa para não se darem ao incômodo de levantar-se de suas confortáveis poltronas, mas continuam cochilando enquanto o progresso caminha com os que andam.

Apesar disso é necessário estabelecer uma diferença entre a audácia dos exploradores legítimos e a impostura dos aventureiros. Estes aproveitam-

se das confusões naturais e passageiras do desenvolvimento da nova disciplina científica para mais confundi-la no espírito público, em benefício de seus interesses pessoais ou sectários. É lícito ao investigador honesto, credenciado por seus conhecimentos e sua dedicação à ciência, tirar ilações audaciosas de suas conquistas, mesmo porque o fará dentro dos limites exigidos pelo bom-senso e a honestidade. Mas não é lícito ao aventureiro fazer afirmações infundadas e desonestas, torcendo e distorcendo as coisas para defender a sua opinião pessoal ou de grupo.

A Parapsicologia tem sido vítima desses aventureiros, que o povo não sabe distinguir dos investigadores e dos estudiosos honestos. Costumam dar espetáculos públicos em nome da nova disciplina científica, iludindo as pessoas desprevenidas, como se a Parapsicologia fosse uma nova forma de magia e ilusionismo. Arrastam as pessoas dotadas de sensibilidade especial às salas de espetáculo e as exibem às câmaras de televisão, sem o menor respeito pelo critério científico. Dão cursos de Parapsicologia sobre "comunicações com os mortos", e coisas semelhantes, como se problemas dessa natureza já estivessem resolvidos pela pesquisa parapsicológica, que mal os aflorou ainda, sem chegar a qualquer resultado definitivo. E tudo isso parece ter por finalidade o desprestígio da Parapsicologia, com objetivos obscurantistas.

O mesmo já sofreu a Psicologia, em passado recente. O mesmo sofreram outras Ciências e disciplinas científicas. Ninguém pode impedir que a ignorância, a má-fé interesseira, ou mesmo a ingenuidade promovam arruaças desta espécie em zonas pouco policiadas, como as da divulgação científica. Mas é evidente que as pessoas interessadas no conhecimento verdadeiro da Parapsicologia e do que se faz, nos grandes centros universitários do mundo, a seu respeito, não podem deixar-se embair por esses charlatães. Até mesmo nas instituições científicas, dedicadas exclusiva e rigorosamente ao tratamento científico da nova disciplina, eles têm conseguido infiltrar-se, defendendo teses absurdas, sustentando hipóteses duvidosas como verdades comprovadas ou fazendo exhibições anticientíficas de sujetos paranormais.

Os interessados em Parapsicologia devem compreender, antes de mais nada, que uma disciplina científica não comporta exhibições de tipo teatral. O verdadeiro parapsicólogo, ou simplesmente o verdadeiro estudante de Parapsicologia, jamais se apresentará num programa de televisão ou num salão para dar espetáculos de ilusionismo e malabarismo ou para tentar as conhecidas "demonstrações" de telepatia pelo método de esquina de rua. A Parapsicologia se fundamenta na pesquisa científica de laboratório, arduamente realizada, com todos os rigores necessários do controle científico, obtendo resultados que são submetidos a tratamento matemático para que possam ser legitimamente avaliados. Fora disso, o que temos é simples empirismo, charlatanismo ou ingenuidade.

Os cursos populares de divulgação parapsicológica são benéficos, quando dados por instituições científicas idôneas com a finalidade de esclarecer o público e adverti-lo contra as mistificações. Seus certificados e diplomas têm apenas o valor de um atestado de boa-informação. Esses cursos não formam parapsicólogos. Apenas informam os seus freqüentadores quanto aos problemas e aos objetivos da nova disciplina. É assim, apenas assim, que devem ser encarados. Quando, pois, um pretense parapsicólogo se propõe a

"ensinar" que a Parapsicologia nega a existência de espíritos, de comunicações espirituais, de princípios religiosos e filosóficos, como o da reencarnação e o da existência de Deus, os seus diplomas e certificados não têm sequer o valor de atestado de informação sobre o assunto.

Convém deixar bem claro que alguns parapsicólogos de renome mundial, sérios e altamente capacitados, chegaram a sustentar, com base nas ilações que tiraram de suas investigações, a supervivência da mente após a morte física. O Prof. Whately Carington, da Universidade de Cambridge, responsável pelas famosas experiências de telepatia com desenhos que forneceram as primeiras provas científicas da precognição, chegou a formular uma teoria parapsicológica da existência *post-mortem*. O Prof. Harry Price, catedrático de lógica da Universidade de Oxford, sustenta a mesma tese afirmando que a mente humana sobrevive à morte e tem o mesmo poder da mente do homem vivo, de influir sobre outras mentes e sobre o mundo material. O Prof. Soal, da Universidade de Londres, realizou com êxito experiências de "voz-direta", nas quais a voz do comunicante vibra no espaço independentemente do sensitivo ou médium. O Prof. Rhine, em *O Novo Mundo da Mente*, reconhece que nas experiências examinadas por sua esposa, a Profa. Louise Rhine, na Duke University, há casos que sugerem a participação de uma entidade extracorpórea.

Enquanto isso, Robert Amadou, na França, sustenta a posição católica segundo a qual os fenômenos paranormais são de ordem inferior, relacionados com o psiquismo animal, de maneira que não podem provar nada a respeito da alma e sua sobrevivência. "A rigor, escreve Amadou, podemos aceitar que alguns elementos inferiores do psiquismo conservem, depois da morte funcional do corpo, uma existência própria, e continuem, assim, não propriamente uma individualidade ilusória, que durante a vida era tomada pela verdadeira personalidade, mas aquilo que a tradição chinesa denomina de *influências errantes*. Tratar-se-ia de imagens e lembranças que não estariam ligadas a nenhuma consciência, de fatos psíquicos isolados, segundo a expressão do Prof. Broad, de fragmentos capazes de inspirar o médium" (*La Parapsychologie*, 4.a parte, cap. III, A questão da sobrevivência).

Essa posição de Amadou e Broad coincidem com a teoria teosófica de Helena Petrovna Blavatsky da existência dos "cascões astrais" ou corpos espirituais abandonados por almas ou espíritos. Teoria, aliás, considerada absurda por alguns teósofos, como se vê no livro de P. A. Sinnet: *Incidentes da Vida da Senhora Blavatsky*. Sinnet considera essa teoria como simples resultado de uma precipitação de Blavatsky. E acrescenta: "Todos quantos, posteriormente, estudaram ocultismo, sabem hoje que o plano astral desempenha na vida de além-túmulo um papel muitíssimo mais importante do que a errônea teoria dos "cascões" nos fez inicialmente supor" (Cap. VIII: Residência nos Estados Unidos). Mas é evidente que tudo isto nos serve para mostrar que a Parapsicologia em si, como disciplina científica, não nega nem prova a realidade da sobrevivência espiritual e suas conseqüências. A controvérsia a respeito existe no campo parapsicológico como em qualquer outro.

Necessário, pois, dividir entre Parapsicologia e interpretações parapsicológicas. A Parapsicologia, como disciplina científica, trata objetivamente dos fenômenos paranormais, encontrando-se ainda na orla da praia desse vas-

to continente em que se estendem as planícies ou as regiões montanhosas das doutrinas religiosas e ocultistas. As interpretações religiosas e filosóficas dos resultados obtidos pela pesquisa parapsicológica podem ser, de acordo com a posição do analisador, favoráveis ou contrárias à sobrevivência espiritual do homem. Mas é evidente que mesmo nessas interpretações existem as que se orientam pelo bom-senso e a honestidade, e as que se desmandam em distorções dos fatos visando a objetivos sectários. Cabe às pessoas de bom discernimento fazerem a distinção necessária.

A Parapsicologia aparece no campo das investigações psicológicas como a conseqüência natural do desenvolvimento da chamada psicologia profunda, a partir de Freud, e da psicologia da forma ou *Gestalt*, a partir de Wertheimer. A Psicanálise iniciou a investigação do inconsciente, que a Parapsicologia aprofunda, e a *Gestalt* desenvolveu os estudos da percepção, que a Parapsicologia amplia.

Do encontro e da fusão dialética desses dois ramos da Psicologia surgem a teoria e a pesquisa da *percepção extra-sensorial*, considerada esta como captação direta da realidade pelo inconsciente, num processo gestáltico de percepção, ou seja, numa forma de percepção global que os sentidos físicos não abrangem. Os limites do psiquismo se ampliam muito além do sensório comum. A Psicologia se liberta da sua sujeição ao físico e mesmo ao fisiológico, sem entretanto esquecer a realidade do condicionamento psicofisiológico. É o que examinaremos mais adiante.

*

Segunda parte - Parapsicologia amanhã

I - Palingenesia: síntese dialética

Em livro há pouco publicado em Buenos Aires, pela Editorial Victor Hugo, Humberto Mariotti estuda o Materialismo Histórico à luz da Parapsicologia, concluindo pela evidente abertura de perspectivas ontológicas na Ciência contemporânea, graças às investigações da fenomenologia paranormal. Mariotti já teve um de seus livros traduzido para o português e publicado no Brasil. Trata-se de *Dialética e Metapsíquica*, resultante de um debate com o marxista Emílio Troise.

O que ressalta de mais importante neste novo estudo de Mariotti é a sua negação da validade da concepção materialista da História — sem negar a realidade do processo dialético — e a afirmação da importância da palingenesia como um conteúdo histórico que somente a investigação parapsicológica poderá revelar, através do método científico de investigação e experimentação.

Para os que conhecem a maneira cautelosa por que a Parapsicologia avança, passo a passo, nas suas investigações, pode parecer temerária a afirmação de Mariotti. Para os que, porém, sabem ligar historicamente a Parapsicologia à Metapsíquica — o que Mariotti faz com extraordinária lucidez — não há nenhuma temeridade no seu procedimento. Tanto mais que ele não se lança à formulação de qualquer hipótese, limitando-se a mostrar a possibilidade, já revelada pelas conquistas parapsicológicas, de um novo acesso à problemática ontológica no plano científico.

Esse acesso decorre naturalmente da constatação científica das faculdades paranormais. Aliás, o próprio Prof. Joseph Banks Rhine alude ao problema, em seu famoso livro *The New World of the Mind*, ao referir-se às pesquisas universitárias realizadas por sua esposa, a Profa. Louise Rhine. Bem antes, ainda no plano histórico da Metapsíquica, Ernesto Bozzano afirmara que a prova científica da percepção extra-sensorial implicava, de maneira logicamente irrevogável, a existência de estâncias ontológicas desconhecidas, capazes de sustentar a validade das teorias metafísicas do homem.

As provas científicas da Metapsíquica foram rejeitadas, não pela negação dos fatos observados ou da validade dos experimentos, mas pela *perplexidade* que provocaram. Entendeu-se que os fenômenos estudados por William Crookes, Charles Richet, Eugênio Osty, Gustavo Geley, Schrenck-Notzing, Alexandre Aksakoff, Oliver Lodge e tantos outros eram *intrinsecamente impossíveis*. A objeção, como se vê, era filosófica e não científica. Robert Amadou, atualmente, em seu livro *La Parapsychologie*, lembra que os metapsiquistas poderiam responder, à maneira de Galileu, que apesar da impossibilidade alegada os fatos existem. E tanto isso é certo que a Parapsicologia está hoje refazendo meticulosamente, no plano da investigação universitária, em âmbito mundial, os caminhos já feitos pela Metapsíquica. Através do método quantitativo de investigação o procedimento qualitativo da Metapsíquica se comprova. E como acentua Jan Erhenwald, exige mesmo a volta ao exame qualitativo.

Por falar em Ehrenwald, é bom lembrar que esse psiquiatra propõe, no seu livro sobre a telepatia, a conjugação de três métodos para a investigação dos fenômenos telepáticos, em sua ocorrência no plano patológico. Entende Ehrenwald que as estâncias psicanalíticas da personalidade podem revelar novos aspectos, à luz da investigação parapsicológica. E para tanto afirma a conveniência de se conjugar, nos casos possíveis, os métodos qualitativo e quantitativo e o método significativo da interpretação psicanalítica. Vê-se, assim, que as novas perspectivas ontológicas de Mariotti são uma realidade que se revela também na clínica psiquiátrica.

Mas o que importa, no tocante à palingenesia, é a negação da validade materialista da concepção dialética da História. Lembra Mariotti que a dialética hegeliana não se compadece com nenhuma forma de materialismo, sendo, pelo contrário, a própria lei da *negação da negação* aplicada ao materialismo. Quando se coloca a ênfase do processo histórico, não no seu aspecto material, considerado em si, mas na sua dinâmica, ou seja, no seu processo dialético, o problema se desloca, sob o ponto-de-vista lógico, para a Metafísica. Passamos a lidar com o abstrato e a reconhecer imediatamente os fundamentos imateriais do processo histórico.

Diante disso Mariotti releva a importância da investigação ontológica, nas perspectivas que se abrem através da Parapsicologia, para a reformulação da concepção dialética num sentido de volta às proposições hegelianas. De nossa parte entendemos que não cabe apenas à Parapsicologia, mas também à Física Nuclear um papel fundamental nesse terreno. Por mais que Bertrand Russel procure salvar a concepção materialista, sustentando que a negação científica da matéria não implica a negação das leis físicas, é evidente que o rótulo que se mantenha para essas leis nada importa e nada significa. A realidade

de científica atual é a da colocação do problema ontológico entre duas séries de perspectivas que se abrem, cada vez mais amplamente, nas Ciências da Natureza e nas Ciências do Homem, com a negação do *organocentrismo* e a possibilidade do reconhecimento de formas de vida além das que se manifestam nos organismos materiais.

Essa possibilidade abriria, por sua vez, perspectivas extrafísicas para a interpretação do processo histórico. E se a palingenesia puder comprovar-se, como supõe Mariotti, pelo prosseguimento da investigação parapsicológica, teríamos a possibilidade de encarar o problema dos ciclos históricos através do retorno de personagens e circunstâncias ao cenário existencial, uma vez que a precedência histórica da essência, negando também a validade da concepção sartreana, se afirmaria filosoficamente através da Ciência. Aliás, é bom lembrar que, para Sartre, a existência precede a essência apenas no tocante ao homem.

As novas perspectivas históricas reafirmariam os pressupostos hegelianos, oferecendo-nos estas dimensões dialéticas, inteiramente renovadoras das nossas concepções do homem e do universo: o mitológico e o histórico se apresentariam como a tese e a antítese do processo do desenvolvimento humano, que resultaria na síntese da palingenesia. Eis os caminhos que o livro de Mariotti nos aponta e que parecem corresponder precisamente a esta fase de superação cultural que estamos vivendo. Por outro lado essa superação, por sua própria natureza de síntese dialética, não invalidaria o materialismo e o existencialismo, limitando-se a determinar os marcos de validade circunstancial em que os mesmos devem colocar-se, ou seja, dando a cada uma dessas concepções filosóficas o seu lugar no amplo contexto palingenésico.

Dessa maneira teríamos o materialismo histórico situado no plano existencial como a visão objetiva do processo metafísico que determina as transformações sociais. Uma espécie de visão fenomenológica, de natureza descritiva. O existencialismo sartreano (hoje considerado pelo próprio Sartre como um *enclave* do Marxismo) corresponderia a uma visão objetiva e circunstancial de cada avatar da essência, que se renova e se enriquece no aqui e no agora das etapas da evolução palingenésica.

Mariotti nos mostra o sentido filosófico da revolução parapsicológica nas Ciências. Podemos repetir com Sir Oliver Lodge que se trata de uma revolução copérnica, como veremos mais adiante. Não há motivo para nos admirarmos com a oposição de certos setores ao desenvolvimento da Parapsicologia. Todas as forças conservadoras do processo histórico reagem diante dessa ameaça de desintegração, embora parcial, da cultura atual, da estrutura do conhecimento, segundo a lei de equilíbrio que determina a existência do instinto de conservação nos organismos vivos e nos grupos sociais.

*

II - O processo palingenésico

A propósito da tese de Mariotti escreve-nos erudito leitor: "Ao contrário de abrir novas perspectivas na concepção do mundo, a volta à palingenesia, proposta por Mariotti, representaria simples retrocesso histórico à metafísica estóica". Defendendo ardorosamente o Materialismo-Histórico, o leitor

insiste no caráter retrógrado da posição idealista, que lhe parece "uma fuga romântica à realidade histórica", fuga essa que permite "a volta, em pleno século de conquista do espaço, a superstições soterradas nos escombros do mundo helenístico".

Não entendemos por que estranho motivo a volta à concepção palin-génésica seria um retrocesso histórico, enquanto a volta ao atomismo de Leucipo e Demócrito representa evidente progresso que permitiu a investigação cósmica. O temor da volta às velhas superstições, ou mesmo às concepções ingênuas do passado, tem sempre marcado as fases de grande desenvolvimento intelectual. Mas apesar dele a volta sempre se afirmou como uma espécie de necessidade histórica. O próprio materialismo-dialético nada mais é que uma readaptação conceptual, não apenas da dialética hegeliana, mas das próprias concepções dos fisiólogos gregos. Nada demais que voltássemos aos estóicos, cuja metafísica se enraíza profundamente em Heráclito, tão querido e exaltado pelos materialistas dialéticos.

Os escombros do mundo helenístico são extraordinariamente fecundos e deles podem brotar, não apenas os cogumelos venenosos das explosões atômicas, mas também os que fornecem alimento e vida ao pensamento moderno. Neste caso, como demonstra Humberto Mariotti em seu livro *Parapsicologia y Materialismo Histórico* (e sopesamos o verbo *demonstrar* antes de usá-lo) encontra-se a concepção palin-génésica do mundo, que constitui o centro da metafísica estóica. É evidente que não tratamos de uma simples volta, de um retrocesso puro e simples, mas de um retorno cíclico à maneira dos que verificamos, por exemplo, no caso atômico, na própria questão da dialética-materialista ou ainda no caso da concepção comunista da sociedade.

Pede-nos o leitor, por outro lado, "um maior esclarecimento do processo dialético da história em bases palin-génésicas". Pareceu-lhe confusa a proposição de que o mitológico e o histórico podem apresentar-se como a forma de contradição da qual resultaria a síntese palin-génésica: "mesmo porque — acentua — a palin-genesia não seria uma síntese, mas apenas um momento de volta, de regresso ao estado anterior". Antes de mais nada devemos assinalar que não há, no processo dialético, um momento de volta puro e simples, pois toda volta só pode verificar-se como resultado do choque ou da fusão das proposições contraditórias. Não há "regresso ao estado anterior", mas avanço qualitativo ou enriquecimento histórico, segundo o velho símbolo hindu da "serpente que morde a ponta da cauda".

No plano do desenvolvimento histórico encontramos duas fases que se opõem, não apenas em sentido cronológico, mas também e principalmente em sentido qualitativo e portanto significativo. A primeira dessas fases é a mitológica, em que vemos a humanidade sair de uma espécie de "indiferenciação psíquica", correspondente aos períodos primitivos de sua evolução, para tentar a racionalização do mundo através do pensamento mítico, ainda densamente impregnado das emoções primárias. Huntersteiner realizou um belo trabalho, a que deu o título de *Fisiologia do Mito*, mostrando a natureza específica do mito, regido por uma lei fundamental que é a metamorfose. A esta lei, que parece antes imaginária que real, se opõe a concepção progressiva da história, estruturada numa seqüência racional de causa e efeito.

A oposição do mitológico ao histórico é o que poderíamos dizer: um fato evidente por si mesmo. Quando remontamos, por exemplo, à história chinesa antiga — história que não é história, mas apenas mitologia — e vemos o tumulto das dinastias partir da nebulosa divina e nela perder-se, compreendemos claramente a natureza indiferenciada da fase mitológica. Somente a partir da concepção histórica judaica, desenvolvida pelo Cristianismo, a seqüência dos eventos se define como um processo, e o que é mais importante, de natureza teleológica. Os acontecimentos se delineiam e se encadeiam com precisão cronológica, objetivando sempre um fim, e o processo antes confuso se esclarece e adquire significação. Impõe-se a analogia spenceriana entre o desenvolvimento coletivo e o desenvolvimento individual do homem, a partir da indiferenciação psíquica infantil para as fases de diferenciação progressiva e definição racional do amadurecimento orgânico e psíquico.

O mitológico, numa interpretação dialética, apresenta-se como a tese ou proposição inicial da qual se desdobrará fatalmente a antítese. E isso tanto mais se afirma quando analisamos a natureza sincrética do mitológico, onde não há fronteiras entre o humano e o divino, o temporal e o eterno, o cronológico e a duração. Podemos dizer que a duração ainda não foi segmentada, segundo a explicação bergsoniana. É por isso que a lei do mito é a metamorfose. Não há sucessão cronológica, mas apenas variações na duração. A tese contém em si mesma os germes do desenvolvimento futuro, os elementos que se definirão na fase histórica sob o impacto do deus Marduc da razão, que partirá o caos em dois pedaços para produzir o cosmos.

O processo dialético, entretanto, não se interrompe. Uma vez colocada a oposição, a tese se desenvolve na antítese, mas terá fatalmente de resultar na síntese. A separação dos elementos fundamentais da tese, na produção natural e necessária da antítese, não foi casual, mas causal e por isso mesmo teleológica. Regida por uma causa, dirigia-se a um fim. E este fim, implícito na própria dialética, é o desenvolvimento ou a realização de um estado superior em que os elementos rejeitados pela antítese voltam a incorporar-se no processo, aparentemente interrompido.

Não há outra fase que possamos considerar como uma possibilidade pós-histórica senão a palingenésica. Somente nesta se torna possível a realização da síntese, nos termos da filosofia de Charles Bonnet e de Ballanche ou ainda do próprio Schopenhauer. Eis o momento em que a reencarnação, como um processo não apenas individual, mas coletivo, se impõe nas dimensões estóicas, aclarada pelas conquistas científicas da atualidade. Num mundo de renovações cíclicas, como vemos no desenvolvimento dos reinos naturais — aos quais pertencemos — seria estranho que apenas a Humanidade seguisse um sistema linear de evolução através da História. A constatação do processo palingenésico no plano social surge como um novo fator de reintegração do homem no complexo da evolução universal.

É evidente que ao considerar a sucessão das gerações vegetais e animais não se leva em conta apenas o elemento físico. Este é informado e impedido pelo elã vital de Bergson. Esse elã, por sua vez, não é apenas vital, mas também anímico e mental, como as primeiras experiências parapsicológicas já demonstraram, confirmando as anteriores pesquisas espíritas e metapsíquicas. A palingenesia não é, assim, apenas uma forma de conservação e renova-

ção da matéria, mas um processo de desenvolvimento das potencialidades anímicas das coisas e dos seres — um avanço do inconsciente ao consciente — como Gustave Geley demonstrou em sua obra famosa

*

VIII - *PSI e as transformações sociais*

Procuremos examinar a dualidade sociológica das implicações de *psi* a que já nos referimos. De um lado temos as implicações na vida normal ou cotidiana. À primeira vista são ocorrências de segunda importância, sem maiores conseqüências para a vida social. Na verdade elas não somente influem na conduta dos indivíduos e dos grupos, mas determinam essa conduta. Os *arquétipos coletivos* de Jung, *os instintos do eu* de Freud; *a vontade de poder* de Nietzsche; a *compensação* de Adler e outras hipóteses do gênero bastariam para mostrar a importância da percepção extra-sensorial na conduta. Aliás, toda a Psicologia moderna e o desenvolvimento da Psicologia Social são suficientes para advertir-nos quanto à necessidade de uma investigação a respeito dessas influências.

Não queremos substituir as hipóteses psicológicas acima mencionadas pelas hipóteses parapsicológicas. Pelo contrário, servimo-nos delas para exemplificar as implicações de *psi* na conduta. Toda a História se apresenta repleta de episódios nesse sentido. Das profecias trágicas de Cassandra, em Tróia, aos augúrios oraculares da Grécia e Roma, até às vozes de Joana D'Arc, as intuições de Napoleão e as previsões de Lênin há toda uma seqüência de fatos paranormais balizando o processo histórico. O mesmo se dá no plano individual. O homem que pressente a queda de um avião e troca a sua passagem no aeroporto, movido por um impulso do qual a seguir se arrepende, mas graças ao qual salva a sua vida, há de compreender que *psi* foi de importância fundamental para a sua conduta num momento decisivo.

Tanto no plano da Psicologia Individual, quanto no plano da Psicologia Coletiva ou de grupo e no plano mais vasto da Psicologia Social as implicações de *psi* não são apenas admissíveis, mas sobretudo evidentes e altamente significativas. O chamado *momento psicológico* nada mais é que o deflagrar de um processo coletivo de *psi*. Isto é mais fácil de compreender quando nos lembramos que as investigações parapsicológicas não se restringem ao psiquismo humano, tendo demonstrado como os grupos animais se conduzem através de suas *funções psi*. A percepção extra-sensorial, como um radar orgânico individual, produz a conjugação necessária no plano coletivo para que um grande conjunto se forme, em termos *gestálticos*, orientando a conduta de toda uma coletividade e decidindo os rumos da História. Humberto Mariotti lembra, a propósito, as fases culminantes da Revolução Francesa e da Revolução Russa, mas podemos lembrar também as proposições teóricas de Kurt Lewin sobre a conduta de grupos em momentos de tensão coletiva. Nesses momentos, poderíamos dizer com Carington, entidades *psicônicas* individuais se agrupam formando entidades sociais.

Voltando aos *arquétipos coletivos* de Jung devemos lembrar o estudo clássico de Mannheim em *Ideologia e Utopia*. As aspirações ideológicas têm o seu momento de deflagrar, que tanto pode ser favorável como negativo. Nos dois casos acima citados, o da Revolução Francesa e o da Revolução Russa, o

momento de deflagrar foi positivo. Os materialistas atribuem o sucesso às condições objetivas, mas dificilmente poderiam mostrar como e porque essas condições se formaram e chegaram a um ponto favorável. Mannheim acentua: "O aparecimento e o desaparecimento de problemas em nosso horizonte intelectual são governados por um princípio ainda obscuro. A própria ascensão e o desaparecimento de sistemas completos de conhecimento podem ser reduzidos, em última análise, a determinados fatores, tornando-se assim explicáveis. (...) Da mesma forma, deveria a Sociologia do Conhecimento procurar investigar as condições em que problemas e disciplinas se formam e desaparecem".

O reconhecimento da existência das *funções psi* em âmbito individual e coletivo desloca o problema das transformações sociais do plano das simples condições materiais para o das condições psíquicas ou psicossociais. Compreendemos então que há algum motivo não descoberto, não percebido, para que, em dado momento, a revolução social se alastre e chegue a triunfar "no elo mais fraco da cadeia imperialista", enquanto nos elos mais fortes se torna impossível. Compreendemos que as condições econômicas e sociais não são suficientes por si mesmas, pois as transformações só se realizam, de maneira pacífica ou violenta, nos momentos em que as *funções psi* atingiram uma fase culminante de percepção da nova realidade que se aproxima. Trata-se de um caso de precognição coletiva.

Tudo isso, como vemos, no plano da vida normal, no processo natural do desenvolvimento de fatos sociais. Até aqui não intervêm as hipóteses de Carington sobre a existência de uma parassociologia do intermúndio, ou seja, de um processo de relações extrafísicas entre entidades *psicônicas* sobreviventes à morte do corpo e as criaturas humanas. Ao admitirmos, porém, esse processo mediúnico de relações passamos a outra série de conseqüências. As *funções psi* assumem, nesse caso, importância muito maior, nos termos da proposição de Mariotti sobre a dialética palingenésica. A sobrevivência do espírito na forma de entidades *psicônicas* proposta por Carington ou na forma mentalista de Price e outros, esta simples sobrevivência implica novos e muito mais vastos processos de relação social através do tempo. E a hipótese palingenésica, conseqüência lógica da hipótese de Carington, oferece-nos então a perspectiva de uma continuidade histórica que podemos chamar de conseqüente.

Vejamos as decorrências disso. Se admitimos, como explicava Ernesto Bozzano, a existência no homem de uma percepção extra-sensorial e de uma possibilidade, também, de ação extrafísica, é evidente que admitimos a sua natureza transcendente. Rompemos a concepção organocêntrica a que continuamos apegados após o rompimento da concepção geocêntrica. De certa maneira a tendência centralizadora do pensamento, que foi superada pelo heliocentrismo no plano cósmico, refugiou-se no organocentrismo biológico, ou seja, expulso da Astronomia, escondeu-se na Biologia. A descoberta científica das *funções psi* vem atacar essa tendência no seu último reduto, revelando a possibilidade de vida e de atividades vitais fora dos organismos físicos. O homem transcende a si mesmo, projeta-se fora das suas condições imediatas de vida. As *estruturas psicônicas* vivem e agem independentemente de seus antigos organismos físicos.

É claro que dessa simples projeção resultam conseqüências numerosas e da mais elevada significação. Se a vida humana, como a de todos outros organismos, não se extingue com a perda do instrumento orgânico, e se a concepção palingenésica admite a volta das *entidades psicônicas* à vida orgânica, desaparece a solução de continuidade do processo histórico, tanto para os indivíduos que dele participam quanto para as coletividades. O *agora* existencial tem importância não apenas agora e não somente para este indivíduo que o vive, mas também no futuro e para aquele indivíduo que lá se apresentará, embora noutra forma e noutras condições. Refletindo sobre isto percebemos o mundo novo de responsabilidades e esperanças que a dialética palingenésica nos descortina.

O "princípio ainda obscuro" a que se refere Mannhein torna-se claro diante dos resultados ainda incipientes da investigação parapsicológica. As relações sociais formam um contexto muito mais amplo do que o visível no plano material. A Sociologia do Conhecimento só poderá penetrar além do contexto visível quando levar em consideração a existência das *relações psi* e o fato da sua importância básica para o desenvolvimento da cultura. As transformações sociais e culturais mostram-se regidas, à luz da Parapsicologia, por leis psíquicas ainda desconhecidas, mas que já se tornaram acessíveis à pesquisa científica. *Psi* pode encerrar o segredo dos fatores obscuros que precipitam as revoluções culturais e políticas.

Compreendemos melhor esse problema quando nos lembramos da tese *gestáltica* de que não vivemos na realidade concreta mas numa realidade psíquica. O nosso mundo — o mundo humano das relações sociais — não coincide com o mundo físico. Todos os psiquiatras e psicoterapeutas sabem quanto têm de lutar para integrar seus clientes até mesmo na factícia realidade social, que na verdade é psicológica.

Vivemos no mundo dos nossos anseios, das nossas ilusões, das nossas esperanças e dos nossos desesperos muitas vezes sem razão. Essa imensa rede psíquica estendida sobre a realidade física é regida por suas próprias leis que em geral independem das leis físicas no processo da dinâmica social.

*

**Psiquiatria Espírita e suas possibilidades. Pedagogia Espírita:
suas possibilidades práticas na formação espiritual do homem.**

Livro: CURSO DINÂMICO DE ESPIRITISMO

J. HERCULANO PIRES

IX – PSIQUIATRIA E ESPIRITISMO

A Psiquiatria é o campo médico de maiores conflitos com o Espiritismo. E é o campo espírita de mais intensa atividade e maiores realizações dos espíritas. A razão disso é evidente. A maioria dos psicopatas são simplesmente obsedados e o que sobra na pauta da psicopatia de origem psicológica, educacional, neurológica ou cerebral mostra-se também infestada por espíritos inferiores. Quanto a isso, os espíritas praticantes e especialmente os psiquiatras espíritas não têm a menor dúvida. Por isso o número de hospitais psiquiátricos espíritas é grande em nosso País. Só no Estado de São Paulo existem 35 hospitais desse tipo em funcionamento e mais alguns planejados ou em construção. O corpo médico desses hospitais nem sempre é espírita e geralmente se constitui de maioria de médicos não-espíritas. Os organismos oficiais criam dificuldades à prática espírita nesses hospitais. Mas os espíritas enfrentam todas as dificuldades e continuam construindo hospitais, por entenderem que lhes cabe grande responsabilidade nesse problema, por serem eles os únicos que realmente o conhecem em sua maior profundidade. Cabe-lhe, pois, fazer alguma coisa em benefício de milhões de vítimas submetidas a tratamentos total ou parcialmente inadequados. Os hospitais se reuniram numa Federação para melhor lutar pelos seus direitos e poderem manter ligações mais freqüentes e eficazes entre eles. Essa rede hospitalar especializada socorreu o Governo do Estado quando da crise do Juqueri (Hospital Franco da Rocha, na capital) servindo para a distribuição do número excessivo de internados, que fazia do Juqueri o que o povo chamou de Caldeirão do Diabo.

Construía-se o Hospital Espírita de Amparo quando um médico e escritor de renome publicou um artigo no jornal diário *Última Hora*, protestando contra o fato e afirmando que os espíritas se interessam pelo assunto por dor de consciência, pois fabricavam loucos e sentiam-se no dever de assisti-los. Um jornalista e psicólogo espírita respondeu pelos *Diários Associados* explicando que os espíritas se interessavam pelo assunto em virtude da falência da Medicina na cura dos loucos. O princípio espírita da caridade os obrigava a isso. O Hospital foi construído e outros mais surgiram logo depois. A calúnia de que os espíritas fazem loucos surgiu das campanhas clericais e médicas contra a doutrina. Kardec tratou do assunto, mostrando o absurdo da acusação e lembrando que o mito do Diabo produziu mais loucos no mundo, durante séculos, do que se pode imaginar. Lembrou que o tratamento médico sempre se mostrara inadequado, pela simples razão de que as Ciências se negavam a reconhecer a evidência das obsessões. Referiu-se à predisposição de certas pessoas para a loucura, o que tem levado, no mundo inteiro, pessoas que se dedicam a estudos de música, matemática, teologia e outras matérias culturais a se perturbarem. Mesmo porque, dizia o mestre, existe em todos nós um *grão de loucura* que pode desenvolver-se

por qualquer tipo de excitação. Exemplificou com os casos de possessão individual e coletiva ocorridos com espantosa frequência nas comunidades religiosas, e afirmou que o Espiritismo é o melhor e o mais eficiente preservativo da loucura em seus vários tipos. Hoje está cientificamente provado que esse *grão de loucura* pode desenvolver-se por excitação telepática, tanto de criaturas existenciais quanto de espíritos desencarnados. Jean Ehrenwald, médico psicanalista, dedicou há alguns anos um livro a essa questão com o título de *Telepatia e Relações Interpessoais*, citando casos impressionantes de sua própria clínica (ver a bibliografia). As pesquisas americanas, inglesas, francesas e soviéticas comprovaram essa realidade de maneira inegável. Whately Carington, da Universidade de Cambridge, foi simplesmente exaustivo na comprovação dos fatos.

O Espiritismo não pretende opor-se à Psiquiatria nem negar as suas conquistas e as da Psicoterapia em geral, mas é evidente que oferece a esse campo de terapêutica especializada novas perspectivas de pesquisa etiológica e de cura, comprovadas cientificamente. Revela aos psicoterapeutas a face oculta da realidade psicopatológica, como os astronautas revelaram aos astrônomos a face oculta da Lua. Os métodos espíritas de tratamento provaram a sua eficácia e continuam a prová-la diariamente em todo o mundo. O Espiritismo oferece à Psiquiatria uma contribuição teórica e prática completa, que ela não pode rejeitar baseada em pressupostos e preconceitos de um passado largamente superado.

Livro: CIÊNCIA ESPÍRITA
J. HERCULANO PIRES. Ed. Paidéia

Esclarecimento

A Filosofia Espírita foi reconhecida pelo Instituto de França e figura no *Dicionário Técnico da Filosofia*, de Lalande. O reconhecimento da Ciência Espírita, em virtude de suas implicações gnosiológicas profundas, que provocaram uma revolução copérnica nas Ciências, e por causa da fragmentação destas em diversas especificações, somente agora, com o desenvolvimento da Parapsicologia, conseguiu o seu reconhecimento pelos grandes centros universitários do mundo. Somente os espíritos sistemáticos e as instituições dogmáticas (fora da área científica), ainda se opõem a esse reconhecimento, jogando com argumentos e não com fatos, portanto de maneira não-científica.

O Desenvolvimento Científico e A Ciência Espírita

A inquietação do mundo atual, na busca de novas soluções para os problemas humanos, abrange todos os setores de nossas atividades e teria necessariamente de afetar o meio espírita. Mas a nossa Doutrina não é uma realidade entranhada nas estruturas atuais. É um arquétipo carregado de futuro, um *vir-a-ser* que se projeta precisamente no que ainda não é, na rota das aspirações em demanda. Confundi-la com as estruturas peremptas deste momento de transição e querer sujeitá-la às normas e modelos do que já foi, é tentar prendê-la no círculo vicioso dos abortos culturais. O Espiritismo, rejeitado pelo mundo agora agonizante, não é cúmplice nem herdeiro, mas vítima inocente desse mundo, como Jesus e o Cristianismo o foram no seu tempo.

Se não tomarmos consciência dessa realidade histórica, com a lucidez necessária, não saberemos como sair do labirinto em que o Minotauro nos espera. O fio de Ariadne, da salvação, está nessa tomada de consciência. Na verdade, não é o fio mitológico, mas o fio racional das proposições doutrinárias de Kardec, limpidamente científicas.

A prova disso ressalta aos olhos dos estudiosos e dos pesquisadores experientes, que não se deixam levar pelo sopro da vaidade em seus precários balões de ensaio. Porque a hora é propícia às inovações nefelibáticas do tipo de Rabelais. Para andar nas nuvens os nefelibáticos não precisam mais de subir ao céu, basta-lhes tomar o elevador de um arranha-céu.

Não podemos adaptar o Espiritismo às exigências dos que negaram e negam a existência dos espíritos, aviltando o princípio inteligente e a razão nas correntes de Prometeu.

A Revelação Espiritual veio pelo Espírito da Verdade, mas a Ciência Espírita (revelação humana) foi obra de Kardec. Ele mesmo proclamou essa distinção e se entregou de corpo e alma ao trabalho científico, sacrificial e único de elaboração da Ciência Admirável, que Descartes percebeu por antecipação em seus famosos sonhos premonitórios.

Cientista, Pedagogo, diretor de estudos da Universidade de França, médico e psicólogo ele se serviu de sua experiência e seu saber onímodo para organizar a Nova Ciência, que se iniciara desdobrando as dimensões espaciais e humanas da Terra. Em meados do Século XIX, às portas do grande avanço científico do Século XX, os cientistas ainda não percebiam a sua total ignorância da estrutura real do planeta, de suas várias dimensões físicas e de sua população oculta. O peso esmagador da tradição teológica, com sua ciência infusa escorada na Bíblia judaica, vendava os olhos da Ciência, que tinha de andar às cegas como a própria justiça humana. Essa Ciência trôpega e bastarda, não obstante os seus pressupostos atrevidos, contava em seu seio com os pioneiros do futuro.

À frente desses pioneiros se colocou Kardec, dotado de uma coragem assustadora, que lhe permitiu enfrentar com a insolência dos gênios todas as forças culturais da época. Graças à sua visão genial, o solitário da Rua dos Mártires conseguiu despertar os maiores cientistas do tempo para a realidade dos fenômenos espíritas, hoje estrategicamente chamados paranormais. Fundou a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas como entidade científica e não religiosa. Dedicou-se a pesquisas exaustivas e fundou a *Revista Espírita* para divulgação ampla e sistemática dos resultados dessas pesquisas. Sua coragem serviu de amparo e estímulo aos cientistas que, surpreendidos pela realidade dos fenômenos, fizeram os primeiros rasgos na cortina de trevas que cercava as mais imponentes instituições científicas. Foi para contestá-lo e estigmatizá-lo como inimigo das Ciências, comparsa dos bruxos medievais, restaurador das superstições, que cientistas como Crookes, Schrenk-Notzing, Richet e outros resolveram atender aos apelos angustiados das Academias e Associações científicas.

Dessa atitude corajosa resultou o escândalo das batalhas que romperam o impasse científico, revelando que o bruxo agia com o conhecimento e a segurança dos mais reputados cientistas. Era impossível desmenti-lo ou derrotá-lo. Kardec rompeu definitivamente as barreiras dos pressupostos para firmar em bases lógicas e experimentais os princípios da Ciência Admirável dos sonhos de Descartes e das previsões de Frances Bacon.

A metodologia científica, minuciosa e mesquinha, desdobrou-se no campo do paranormal e aprofundou-se na pesquisa do inteligível com audácia platônica. Kardec não se perdeu, como Wundt, Werner e Fechner, no sensível das pesquisas epidérmicas do limiar das sensações. Percebeu logo que os métodos não podiam ser aplicados a fenômenos extrafísicos e estabeleceu o princípio da adequação do método ao objeto. Quando alguns membros da *Société Parisien* quiseram desviá-lo para a pesquisa biofísica das materializações, ele se recusou fazê-lo, alegando que essa tarefa cabia aos especialistas das ciências materiais. Os objetivos que perseguia eram psicológicos, por isso deu à *Revue Spirite* o subtítulo de *Jornal de Estudos Psicológicos*. Quando Zöllner, em Leipzig, realizou suas pesquisas psicofísicas com o ectoplasma e o problema da quarta dimensão, tornou-se evidente que o mestre estava no caminho certo. Era preciso penetrar nos segredos da alma, deixando para os físicos as questões materiais. Sua firmeza metodológica denunciava o gênio

de visão segura e posição inabalável. Ele criava, como declarou, a Ciência dos Espíritos, sua natureza, suas relações com a matéria e com os homens. Se não foi colocado oficialmente entre os pioneiros da Ciência, foi porque a sua posição era de rebeldia consciente e declarada contra o materialismo científico. Afirmava em seus escritos e palestras que os cientistas se empolgavam com o campo objetivo dos efeitos materiais, fugindo à pesquisa das causas profundas como o Diabo fugia da cruz. Mais tarde Richet, o fisiologista implacável, reconheceria o rigor das suas pesquisas, a firmeza da sua posição, sem as quais a Ciência não se libertaria da poeira da terra. Kant lhe opunha a barreira de sua autoridade ao afirmar que a Ciência só era possível no plano dialético. A proposição kantiana pesa até hoje na limitação das atividades científicas. Mas a audácia de Kardec o levou à vitória. Richet observou, numa carta histórica a Ernesto Bozzano, o grande metapsiquista italiano, que a posição kardeciana deste contrastava decisivamente com as *teorias que atravancam o caminho da Ciência*.

As teorias podem ser as mais brilhantes – como observou Bozzano –, mas não podem prevalecer contra a realidade dos fatos. E Lombroso, que combatera tenazmente a volta às superstições, acabaria se penitenciando do seu erro nas páginas da revista *Luce e Ombra*, de Milão. Os frutos da tremenda batalha kardeciana começavam a modificar a mentalidade científica temerosa dos absurdos teológicos. Kardec provara que as Ciências não deviam temer os fantasmas, mas enfrentá-los e explicá-los. Nenhuma autoridade era mais elevada, para ele, do que a realidade dos fatos comprováveis pela experiência científica e objetiva das pesquisas. Os cientistas mais audaciosos aprenderam com ele a superar os condicionamentos do formalismo acadêmico e enfrentar o mundo como ele é. Richet reconheceria, no *Tratado de Metapsíquica*, que Kardec jamais fizera uma afirmativa que não tivesse sido provada pelas pesquisas. O criador da Ciência atual e de sua metodologia eficiente e eficaz, queiram ou não os alérgicos ao futuro, na expressão recente de Remy Chauvin, foi precisamente Kardec, o homem do século XIX que revelou, numa batalha sem tréguas, estes dois princípios fundamentais da nossa mundividência:

1) A realidade é una e indivisível, firmada na Unidade Pitagórica que se revela na multiplicidade da Década;

2) Tudo se encadeia no Universo, sem solução de continuidade. Os que tentam fragmentar essa unidade orgânica estão presos às falíveis condições do sensorio humano.

No desenvolvimento atual das Ciências, muitas cabeças gregas e troianas formularão novas, fascinantes e complexas teorias, mas só prevalecerão as que forem sancionadas pelas profecias fatais de Cassandra. O fatalismo, no caso, não decorre da natureza trágica das previsões, mas da comprovação dos fatos. A figura de Kardec continua suspensa sobre o panorama científico atual como o orientador indispensável dos novos caminhos do conhecimento, na rota cósmica das constelações. Em recente congresso realizado em Moscou, provocado pelas controvérsias sobre a descoberta do corpo bioplásmico do homem, Kardec foi considerado como um racionalista francês do século XIX que antecipou diversas conquistas da tecnologia mo-

derna. Nossos jornais noticiaram a realização desse congresso, mas os dados a respeito foram escassos. Pesava sobre o congresso a suspeição de atitudes que pudessem perturbar as relações entre a Ciência Soviética e os interesses básicos da ideologia fundamental do Estado. Na Romênia marxista a Parapsicologia mudou de nome, passando a chamar-se Psicotrônica, e isso com a finalidade declarada de aproximar das ciências paranormais os materialistas mais ferrenhos ou mais cautelosos, que não desejam ver-se envolvidos em complicações espíritas. Todos esses fatos provam que a Ciência Admirável elaborada pelo *bruxo* parisiense continua a pesar nas preocupações e no desenvolvimento da Ciência atual, que avança inelutavelmente sobre o esquema científico de Kardec. Este é o fato mais significativo dos nossos dias, que os espíritas não podem ignorar. As próprias pesquisas da Astronáutica têm seguido – sem querer e sem saber – o esquema de Kardec na *Société Parisien*. Das comunicações mediúnicas de Mozart, Bernard Pallissy, Georges e outras entidades, na *Société*, referindo-se à Lua, a Marte e Júpiter, até a remessa de homens à Lua e sondas soviéticas e norte-americanas a Marte e Júpiter mostram que o mapa das incursões possíveis foi decalcado, de maneira inconsciente, mas evidente, no mapa kardeciano. Além disso, as próprias descrições desses corpos celestes, feitas pelos espíritos comunicantes em Paris, que Kardec considerou com reservas, têm geralmente coincidido com os dados atuais das pesquisas astronáuticas. No tocante à Lua há um problema referente à sua posição na órbita em torno da Terra. Mas Kardec acentuou, no seu tempo, com o apoio do famoso astrônomo Flammarion, que os dados espirituais davam a única teoria existente na época sobre o problema. O esquema kardeciano não foi feito intencionalmente. Resultou de comunicações espirituais espontâneas, que Kardec recebeu com reservas, acentuando que esse fato não se enquadrava nas pesquisas da *Société* e eram recebidos como curiosidades significativas, sujeitas a confrontos futuros no processo de desenvolvimento das Ciências.

Também nessa atitude evidencia-se o critério científico de Kardec, interessado nos casos gratuitos, mas reservando a sua verificação real ao futuro. Aos que, na época, entusiasmados com essa possível revelação de problemas cósmicos, diziam a Kardec que as utopias de hoje se realizam no amanhã, Kardec respondia que deviam esperar a transformação das utopias em realidade para depois as aceitar. Os dados positivos, os fatos, a realidade evidente e a lógica de clareza meridiana eram os elementos preferenciais do seu trabalho. Suas obras nos mostram a limpidez clássica do pensamento francês. Era o mestre por excelência. Sua didática ressalta de toda a sua obra. Richet lhe censurou a aparente facilidade com que aceitava a realidade dos fenômenos mediúnicos e da vida após a morte, mas acabou reconhecendo que ele nunca fizera uma só afirmação que não estivesse respaldada pelas pesquisas. Não dispunha dos recursos atuais da pesquisa tecnológica, mas tocou a verdade com a ponta dos dedos, como Tomé. Tudo quanto afirmou no seu tempo permanece válido até hoje. A instabilidade das hipóteses e das teorias científicas não existiu para ele. Os cientistas atuais não conseguiram abalar o edifício das suas conclusões. Giram ainda hoje como borboletas noturnas em torno da sua lâmpada e acabam queimando as asas no fogo da sua verdade mil vezes comprovada em todo o mundo.

Esse problema da comprovação é freqüentemente levantado pelos contraditores da doutrina e até mesmo por adeptos pouco informados, que alegam a impossibilidade de repetição dos fenômenos para atender às exigências do método científico. Com esse velho chavão nas mãos, pensando haver descoberto a chave do mistério, declaram com ênfase que a Ciência Espírita não é ciência, mas apenas um apêndice espúrio da doutrina. Com isso agridem a competência de Kardec e de todos os grandes cientistas que, desde o século passado até o presente, de Crookes a Rhine, submetem os fenômenos às formas possíveis de repetição. Basta a leitura das anotações de Kardec em *Obras Póstumas*, o episódio do seu encontro com o fenômeno das mesas-girantes, para se ver a falácia dessa acusação. A impossibilidade de repetição dos fenômenos espíritas implicaria a impossibilidade da pesquisa. Todos os anos da pesquisa sistemática, minuciosa e exaustiva de Kardec, e os anos de pesquisa exemplar de Crookes, Notzing, Gibier, Ochowicz, Aksakof, Myers, Geley e Osty, e assim por diante, são displicentemente atirados no baú das antigüidades estúpidas. Foi por essa e por outras que Richet escreveu o seu livro *O Homem Estúpido*. A repetição de experiências é medida corriqueira em qualquer pesquisa. Os que lançam mão dessa alegação para negar a existência da Ciência Espírita nos dão a prova gratuita da sua incapacidade para tratar do assunto.

Houve interrupção no desenvolvimento da Ciência Espírita, alegam outros. Depois de Kardec ninguém mais pesquisou e os espíritas se entregaram a rememorar os feitos do passado. Se tivéssemos feito isso, simplesmente isso, já teríamos mantido viva a tradição doutrinária, vigorosamente apoiada em séries infindáveis de pesquisas mundiais, realizadas por nomes exponenciais das Ciências. Mas a verdade é que não houve solução de continuidade na investigação, mas simples diversificação das experiências em várias áreas culturais, acompanhada de renovações metodológicas. A Ciência Espírita projetou-se em direções diversas, desdobrou-se em outras coordenadas e deu nascimento a outras ciências. Atacada por todos os lados, por todas as forças culturais da época, a Ciência Espírita firmou-se nos seus princípios e multiplicou os seus meios de comunicação. A escassez do elemento humano interessado na busca da realidade pura não lhe permitiu a expansão necessária. O homem terreno continua ainda apegado aos interesses imediatistas e aos seus preconceitos, à sua vaidade sem razão e sem sentido. São poucas as pessoas de mente aberta e coração sensível, nesta humanidade egoísta e voraz. Esses elementos compreensivos e abnegados nem sempre dispõem de condições culturais suficientes para enfrentar a luta contra as fascinações do seu próprio passado e dos insufladores de idéias confusas e perturbadoras no meio espírita e nas áreas adjacentes. Mas tudo isso faz parte da lenta e difícil evolução humana. Estamos ainda nos arrancando dos instintos animais, dos mecanismos condicionados pelos milênios do passado genésico. O panorama atual do mundo nos dá a medida exata do nosso atraso evolutivo. O contraste chocante entre os pesados lastros da barbárie e as aspirações renovadoras do futuro, geralmente desprovidos de recursos materiais para realizações concretas urgentes, revelam a densidade do nosso carma coletivo.

A preguiça mental e a atração magnética do passado encarceradas em si mesmas mostram-se incapazes de um gesto de grandeza em favor de

realizações urgentíssimas. Por isso a dor explode por toda a parte, em vagalhões enfurecidos. A dor aumentará, porque só ela pode arrancar os insensíveis de suas tocas. As leis da evolução são implacáveis e nada as deterá enquanto os homens não acordarem para o cumprimento dos seus deveres morais e espirituais. A Ciência Espírita está em nossas mãos e nos indica o roteiro a seguir. Mas nós a envolvemos em dúvidas e debates inúteis, ao invés de nos alistarmos em suas fileiras e de nos entregarmos generosamente ao seu estudo, à sua divulgação e à sua prática. Homens de recursos financeiros julgam-se agraciados por Deus para viverem *à tripa forra*, esquecidos das multidões de ignorantes, muitos deles ansiosos por elevação cultural, mas presos às grilhetas da chamada sociedade de consumo, que na verdade está consumindo o próprio planeta. Os privilégios sociais de uma ordem social estabelecida pela força e não pelo amor lhes dão a ilusão da graça divina. Desapareceram do mundo os antigos mecenas, que punham suas fortunas ao serviço da coletividade. Preferem socorrer os pobres com suas migalhas de sopas e assistências precárias, julgando que assim aumentam seu crédito nos Bancos da Eternidade. Não jogam com a caridade, mas com os cálculos de juros que não existem no Além. São os novos vendilhões do Templo, os cambistas da caridade fácil e supostamente rendosa. Chegarão no Além de mãos vazias e manchadas pelas nódoas da ambição desmedida e da insensibilidade moral.

A Ciência Espírita necessita de escolas, de Universidades, de bibliografias especializadas. Não pode contar com os recursos comuns da simonia, em que se banqueteiam as religiões pomposas e mentirosas. Não existe no mundo uma única Universidade Espírita, em que a Ciência Admirável possa manter e desenvolver os seus trabalhos de pesquisa científica. De vez em quando, um potentado se sente tocado pela intuição de uma entidade benévola e faz doações generosas a um médium ou a uma instituição de assistência social. O médium, se honesto e sensível, passa a doação para outras instituições de caridade. Os serviços culturais continuam à míngua, sustentados apenas pelos que dão seu tempo, sua vida e seu sangue para a sustentação da cultura espírita. Certas instituições gastam os seus recursos em aviltamento da Doutrina, com a produção de obras espúrias, a serviço da mistificação. Respondem por essa situação precária da Ciência Espírita todos os que preferem os juros bancários ao desenvolvimento cultural.

A Ordem Divina é regida por Deus, mas a ordem humana é dominada pelo homem, no aprendizado da vida terrena. Se não conseguirmos despertar os homens para o urgente desenvolvimento da Ciência Espírita, nada mais teremos do que a cultura terrena em que vivemos, de olhos fechados para o alvorecer dos novos tempos. Não veremos o raiar da Era cósmica, porque teremos voluntariamente enterrado a cabeça na areia, em pleno deserto, na hora das tempestades. E o que faremos, então, de nossos parcos conhecimentos, de nossa ignorância espiritual, ante a proliferação das Universidades das subculturas materialistas?

Coloquemos ainda, se possível, de maneira mais clara e objetiva esta situação. O Instituto Espírita de Educação, fundado em São Paulo pelo II Congresso Estadual de Educação Espírita, funcionou por alguns anos, tendo formado três turmas de ginásianos, com reconhecimento oficial. Está atual-

mente fechado lutando para a conclusão do seu edifício no Itaim. Sofre essa interrupção altamente prejudicial por falta de recursos. O Clube dos Jornalistas Espíritas, com seus cursos de Espiritismo, Filosofia Espírita e Parapsicologia, depois de vinte anos de funcionamento, teve de fechar suas portas por falta de recursos. O Instituto de Cultura Espírita do Brasil, no Rio de Janeiro, mantém seu funcionamento com dificuldades, em local cedido por um Centro Espírita. Carece de recursos e só funciona graças à abnegação de Deolindo Amorim, seu fundador. Institutos Estaduais que surgiram por sua inspiração lutam para subsistir. A revista *Educação Espírita*, única no mundo, lançada e sustentada heroicamente pelo Editor Frederico Giannini, saiu de circulação por falta de recursos e de interesse do próprio professorado Espírita. Seu estoque de edições lançadas, seis volumes, dorme o sono da inocência na Editora Cultural Espírita - EDICEL. A Coleção Científica dessa Editora, iniciada com a edição de obras espíritas clássicas, continua lutando com insuperáveis dificuldades. As Faculdades Espíritas de Marília, Franca e outras cidades lutam para sobreviver. Todas as iniciativas culturais espíritas não conseguem desenvolver-se por falta de apoio e de recursos financeiros. A Editora Paidéia, organizada por três acionistas, para a divulgação cultural Espírita, luta para se firmar, retendo várias obras por falta de recursos para lançá-las. Os acionistas não percebem dividendos, que reverterem para o capital de giro da editora, que não tem funcionários remunerados. A *Revista Espírita*, de Kardec, 12 volumes, editada pela EDICEL, vai pingando nas vendas individuais, sem recursos para uma divulgação mais ampla e efetiva. As tentativas de fundação do Instituto de Cultura Espírita de São Paulo fracassaram.

Esse panorama estadual, desolador, no Estado mais rico da Federação, reflete-se em todo o Brasil, considerado como a nação mais espírita do mundo.

A Biblioteca Espírita, fundada por José Dias, franqueada ao público para leituras e consultas, num andar da Rua 24 de Maio, morreu com a morte súbita do fundador abnegado.

Quais são os motivos dessa situação calamitosa? Unicamente a falta de compreensão e interesse dos homens de recursos que não se sensibilizam com as iniciativas culturais espíritas. Se a Ciência Espírita não se desenvolve entre nós, a culpa é exclusivamente dos homens de recursos, que preferem endereçar suas contribuições para as obras assistenciais, com os olhos voltados para a conquista de um pedaço do céu depois da morte. Além disso, o próprio público espírita mostra-se alheio aos interesses superiores do desenvolvimento da cultura espírita, não se interessando pelas publicações culturais, dando preferência aos impressos avulsos de mensagens gratuitas para distribuição nos Centros.

Temos assim uma situação calamitosa, em que o aspecto cultural da Doutrina, e particularmente o seu aspecto científico, estruturado na Ciência Espírita, com a mais brilhante tradição, vê-se relegado, como se nada representasse nessa fase de transição, em que todos os espíritas conscientes da importância da Ciência Espírita deviam empenhar-se em lhe assegurar as possibilidades de desenvolvimento. Enganam-se os que pensam que tudo virá do Alto. O trabalho é nosso, dos homens pobres ou ricos, de todos os que

se beneficiaram com os recursos da compreensão espírita em suas vidas passageiras. Ao invés de se preocuparem com o progresso da Ciência Espírita, que modificará o mundo, os espíritas se apegam às suas instituições particulares, como os vigários às suas igrejas e sacristias, pensando que isso lhes basta no cumprimento dos seus deveres espirituais.

O tempo voa, as exigências de uma reformulação dos conceitos humanos sobre a vida e a morte são simplesmente olvidados. Temos de criar a Universidade Espírita, onde a Ciência Espírita poderá desenvolver-se suficientemente para termos e ampliarmos os benefícios da Cultura Espírita no mundo. Só a Cultura Espírita efetivada nas instituições culturais superiores poderá nos franquear os portais da Era Cósmica.

*

Desenvolvimento da Ciência Espírita

É cada vez maior o número de pessoas que recorrem às instituições espíritas suplicando ajuda para si mesmas ou para parentes e amigos que se entregam a viciações e perversões de toda espécie. Na sua humildade muitas vezes simplória, alimentada racionalmente pelos princípios doutrinários, os dirigentes de centros e grupos espíritas fazem o que podem, servindo-se dos recursos naturais da prece, do passe e das sessões mediúnicas. Dos resultados positivos obtidos no passado, não obstante as campanhas difamatórias, perseguições e processos criminais movidos contra os médiuns, nasceram os Hospitais Psiquiátricos Espíritas, hoje em grande número em nosso país e geralmente bem aparelhados e dotados de assistência médica especializada. Só no Estado de São Paulo funcionam atualmente mais de trinta hospitais espíritas reunidos numa Federação Hospitalar de que o Governo do Estado se serviu para aliviar o Juqueri, Hospital Franco da Rocha, numa das suas crises mais ameaçadoras. Os espíritas sentem-se na obrigação de atender a esses casos, sempre que possível, por considerarem que eles são mais espirituais do que materiais, de maneira que o tratamento médico é geralmente insuficiente para curá-los. Fieis aos princípios de caridade e fraternidade da Doutrina, esforçam-se por dar a sua ajuda desinteressada em favor dos sofredores.

Essa intenção piedosa, humanitária, foi constantemente denegrida por médicos e clérigos desconhecedores do problema. A luta foi sempre árdua e até mesmo desesperadora para os espíritas, num país em que a maioria da população é pobre e desprovida de cultura, prevalecendo sempre as opiniões dos doutores e dos sacerdotes, os primeiros apoiados em sua formação científica e acadêmica, e os segundos em sua falível cultura religiosa, mais de sacristia do que de seminário. Essas duas classes gozavam amplamente da autoridade de saberetas num meio social de analfabetos e bacharéis em direito. Os espíritas que mais se destacavam por seus conhecimentos doutrinários não haviam sequer compreendido os fundamentos científicos do Espiritismo e os encaravam misteriosa e até mesmo cabalisticamente. Os adversários não encontravam dificuldades para misturá-los, aos olhos do público, com possíveis remanescentes da Goécia ou magia-negra medieval. Padres, bacharéis e juristas pintaram o chamado demonismo-espírita à moda

do tempo, com rabo, chifres e a foice e o martelo do ateísmo pendurados no pescoço.

Quando os espíritas de Amparo resolveram fundar naquela cidade um Sanatório Espírita para doentes mentais, ilustre, jovem e fioso médico e intelectual paulista explicou pelos jornais da época, nos anos 40, que os espíritas fundavam esses hospitais por dor de consciência, pois fabricavam loucos e depois queriam reabilitá-los. Foi necessário que um jornalista espírita o revidasse, mostrando que o motivo não era esse, mas o fato evidente da falência da medicina que, no desconhecimento do problema, enchia diariamente os caldeirões do diabo no Juqueri com pobres criaturas desprotegidas da ciência e da religião. O mestre implume, não podendo voar mais alto, teve de calar o bico. Logo mais, o médium Arigó, que por sinal ainda era católico e fazia *milagres* ao invés de produzir fenômenos, foi atacado brutalmente por uma série de artigos publicados em jornal de grande circulação por um médico que não chegara a ver o médium e diagnosticava à distância a sua loucura, e por famoso professor universitário que o apoiava, alegando que Arigó operava sob a ação alucinatória do café, que bebia em excesso. Os cientistas norte-americanos salvaram o médium já então condenado à prisão, vindo a São Paulo e expondo, no auditório do Museu de Arte Moderna, perante convidados ilustres, os motivos científicos de seu interesse pelo médium. Apesar disso, Arigó acabou sendo preso e só foi libertado por uma decisão do Supremo Tribunal, ante o prestígio dos nomes dos cientistas, pertencentes a famosas Universidades dos Estados Unidos, cujos pareceres foram divulgados nos *Diários Associados* e em todo o Brasil. Mas isso não impediu que o Padre Quevedo prosseguisse com suas arruaças contra o médium e o Espiritismo, no bom estilo de toureiro que, de capa e espada, desafiava as aspas da verdade na imprensa e na televisão com rendosa propaganda gratuita de seus cursos de pseudoparapsicologia *made in Madri*.

A moda pegou e o Brasil se encheu de pseudoparapsicólogos que brotavam do chão como as heresias no tempo de Tertuliano. Ainda hoje continua a floração desses cogumelos por todo o país. Cursos e escolas semeiam diplomas da Ciência de Rhine e McDougal à margem da lei e das áreas educacionais oficialmente autorizadas. Esse panorama surrealista é responsável pelo atraso em que nos defrontamos no campo dos estudos e das pesquisas dos fenômenos paranormais no Brasil. O Instituto Paulista de Parapsicologia, fundado por Cientistas, Médicos, Psicólogos, estudantes de Medicina (atualmente já médicos famosos) não vingou, ante a avalanche de aproveitadores que o invadiram, levando seus diretores a fechá-lo, por esse motivo e pelo total desinteresse das nossas Universidades, temerosas do pandemônio que se avolumava. Tivemos de voltar à estaca-zero. Ninguém, nem mesmo os governos, tiveram coragem de pôr a mão na cumbuca, proporcionando recursos ao Instituto para a montagem de seu laboratório. Nas vésperas da Era Cósmica, preferimos o gesto cômico, supinamente burlesco, de lavar as mãos na bacia de Pilatos e deixar o problema no campo da charlatanice.

Os espíritas continuam, num clima de maiores esperanças mundiais nesse terreno, com o avanço espantoso das pesquisas parapsicológicas nos Estados Unidos e na URSS, a socorrer no Brasil as vítimas de perturbações

mentais e psíquicas, em seus centros de trabalho permanente e gratuito. A eficácia de seus métodos simples, desprovidos dos recursos tecnológicos da atualidade, são evidentes, mas não constam de comprovações estatísticas. Não há recursos nem tempo para o luxo das avaliações estatísticas. Mas a verdade salta aos olhos, brilha nos lares beneficiados por dedicações anônimas. Já é tempo de acordarmos para a constatação desse fato. O Brasil avançou culturalmente entre os anos 30 e 60, com a descentralização do ensino superior e a criação de Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras por toda a sua extensão. Nem mesmo o interregno das agitações políticas e militares conseguiu perturbar esse desenvolvimento. Demos a prova decisiva da nossa preferência pela paz, a ordem e o progresso. Mas o meio espírita, infenso às agitações e inquietações políticas, deixou-se embalar pelas canções de ninar das mensagens mediúnicas piedosas, dos relatos curiosos da vida após a morte, nas pregações mediúnicas incessantes sobre a caridade, a humildade, o amor ao próximo, a moral evangélica, a preparação de todos para a migração a mundos superiores e assim por diante. Desenvolveu-se um curioso processo de alienação religiosa que nem mesmo nas sacristias se processava. Surgiram, além das fascinações do tipo roustainguista (intencionalmente retrógradas) correntes pseudo-espíritas de mentalismo e esoterismo pretensiosos, agrupamentos de fiéis acarneirados em torno de pseudomestres dotados de sabedoria infusa e arrogante, como a dos teólogos das igrejas, resquícios assustadores de pretensões divinistas e divinatórias, correntes alienantes de um formalismo beócio, pregando o aperfeiçoamento formal das atitudes e do comportamento humanos, com processos de imposição da voz e de gesticulações pré-fabricadas, e até mesmo (Deus nos acuda) tentativas de criação do celibato espírita e imposição da abstinência sexual aos casados.

Toda essa floração de cogumelos venenosos, vinda evidentemente das raízes da Patrística, redundava na volta ao farisaísmo e às suas consequências no meio patrístico da era pós-apostólica, que tanto enfurecia o Apóstolo Paulo. Pouco faltava para que a proposta de Tertuliano, de recorrer-se à figura jurídica do *usucapião*, fosse aplicada ao Evangelho. Formava-se e ainda se tenta formar, no meio espírita, uma estrutura totalitária de poder e arbítrio, com uma disciplina legal asfixiando a liberdade espírita. Ao mesmo tempo, a terapia espírita, nascida humildemente da prece e da imposição das mãos aos doentes, segundo o ensino e o exemplo de Jesus, era transformada em ritos complicados e pretensiosos, aplicados por médiuns diplomados pelas Federações. Até mesmo as práticas do confessionário foram estabelecidas em várias instituições, a partir do manda-chuva, que agia com rigorosa disciplina paramilitar. O escândalo da adulteração das obras fundamentais da doutrina, declaradamente inspiradas pelo sucesso das adulterações da Bíblia pelas igrejas cristãs, produziu felizmente o estouro do tumor. Alguém tivera a coragem de usar o bisturi na hora precisa, mostrando a profundidade do processo infeccioso, definindo e localizando os focos da infecção na coróida e orgulhosa estrutura do movimento espírita.

Restabelecia-se a verdade e reanimava-se o corpo doente e minado pelas trevas. As áreas não contaminadas pela infecção reagiam de todos os lados e os vencidos pela fascinação começavam a sentir os primeiros abalos da consciência. Encerrava-se o ciclo perigoso das infiltrações malignas e os

que não haviam cedido ao autoritarismo dos falsos mestres e mentores experimentavam a alegria da volta ao bom-senso kardeciano.

A terapia espírita começava lentamente a recuperar-se em sua simplicidade e pureza. O prestígio do passe espírita, desprovido de encenações espúrias e pretensiosas, restabelecia-se nos grupos não contaminados. Jesus aplacara o temporal como num gesto de piedade. O farisaísmo tem suas raízes nas entranhas animais do homem, de onde brotam os instintos primitivos, perturbando a mente e envenenando o coração. Os cristãos primitivos foram levados à loucura de se julgarem puros e santos, como vemos nas epístolas ardentes de Paulo, reprimindo os núcleos desvairados. No meio espírita domesticado por incessantes mensagens padrescas, algumas instituições doutrinárias chegaram a proclamar-se donas exclusivas da verdade. Um enviado dos anjos fez-se oráculo dos novos tempos (por conta própria) e a *autodenominada* Casa-Máter do Espiritismo no Brasil ampliou a sua orgulhosa e falsa pretensão, cortando do seu título autoconcedido a expressão “do Brasil”, tornando-se, com essa simples operação, a Casa-Máter do Espiritismo no Mundo. Com essa manobra as trevas cortavam a possibilidade de uma estruturação mundial do movimento espírita (Ocorreram alterações no cenário internacional. Em 1992, com efetivo apoio da Federação Espírita Brasileira, foi fundado o Conselho Espírita Internacional. (Nota da Editora.). O movimento brasileiro fechava-se a si mesmo e poderia restabelecer entre nós o Templo de Jerusalém com seu rabinato exclusivista. A reação de André Dumas, na França, da Confederação Espírita Pan-americana da Argentina, da própria Federação Argentina, da Venezuela e de intelectuais espíritas como Humberto Mariotti, Robert Fourcade e outros mostrou o alcance dessa manobra. Que esse triste exemplo dos descaminhos a que o farisaísmo pode levar-nos sirva para acordar o bom-senso dos desprevenidos. A terapia espírita não terá eficácia se não pudermos aplicá-la a nós mesmos e ao nosso movimento doutrinário. Sem uma base de convicção firme e de fidelidade à obra de Kardec não poderemos curar-nos a nós mesmos, quanto mais aos outros.

*

Livro: Ciência Espírita

J. Herculano Pires

PSIQUIATRIA ESPÍRITA

O estudante de medicina que, terminado o seu curso, resolve especializar-se em Psiquiatria depara-se com uma série de teorias que contrastam violentamente com os estudos e as experiências objetivas que teve de enfrentar nas aulas de Anatomia, Fisiologia, Cirurgia e assim por diante. Tem a sensação de passar do plano da realidade viva e concreta para um plano de abstrações e suposições muitas vezes contrastantes entre si. As próprias aulas de Psicologia Clínica a que tenha assistido lhe parecem desenvolvidas sobre terreno mais firme. É natural que isso aconteça, pois ele se transfere de campo material para o espiritual. Descartes já notara, no seu tempo, que o ensino de Teologia que recebera no Colégio de La Fleche não lhe oferecia nenhuma garantia de veracidade. Suas dúvidas o levaram a uma revolta contra os mestres que lhe haviam ensinado o que na verdade só sabi-

am de oitiva, por ouvir dizer, na sucessão milenar das repetições consagradas pela tradição. Por isso resolveu começar por conta própria a sua busca da verdade real, não formalizada pelos mestres. Teve a felicidade de descobrir o nó górdio da questão e poder cortá-lo de um golpe. Todos ensinavam o que haviam aprendido, mas ele passaria a ensinar o que houvesse descoberto na experiência do mundo.

A Psiquiatria atual leva o estudante perspicaz a essa mesma situação. O emaranhado teórico poderia ser submetido ao exame da Psicologia Experimental. Mas ainda aí existe um vazio entre as experiências objetivas, que se realizam na mesma antiga faixa das pesquisas epidérmicas de Wundt, Weber e Fechner, sem o mergulho necessário nas profundezas da realidade ôntica, pois ainda subsiste na ciência atual, apesar de Freud, Jung, Adler e seus continuadores, a dúvida sobre o Espírito. Descartes já havia lembrado também que precisamos distinguir espírito e corpo, psique e soma, que geralmente são confundidos pelo homem comum e pelos doutos e sábios.

Essa curiosa situação cultural do nosso tempo levou Rhine a dizer que, ao pé de um moribundo encontramos o conflito de duas antropologias: a do médico que considera o homem como um ser puramente carnal e a do sacerdote que o considera como puramente espiritual. No tocante à Psicologia, Rhine verificou que ela deixara de existir desde o momento em que abandonara o seu objeto, que é a alma, convertendo-se em ecologia, no estudo exclusivo das relações do sujeito com o meio. O interesse de Descartes pela estruturação de uma ciência rigorosa justificava-se em face dessa situação desastrosa das Ciências do homem. Mas o desenvolvimento da Parapsicologia, que para Rhine e McDougal seria a solução do problema, teve de chocar-se e lutar com o emaranhado de pressupostos que, no dizer do fisiologista Charles Richet “atravancam o caminho das Ciências.” E mesmo agora, quando a vitória mundial da Parapsicologia é incontestável, nos países pobres a situação continua a mesma. As Universidades suburbanas temem tratar do assunto, em face da charlatanice pululante e, talvez, também pelo medo dos espíritos que podem tirar o sono aos mestres pouco afeitos a novidades. Para a maioria deles, aceitar que o homem seja um espírito encarnado seria abrir as portas da cultura para os bárbaros que destruíram Roma.

Não obstante essas dificuldades, muitos cientistas atrevidos, na própria fortaleza do chamado materialismo científico, a URSS, decidiram tratar do assunto. O Prof. Wladimir Raikov, da Universidade de Moscou, conseguiu descobrir a estratégia aplicável ao caso, dedicando-se, como psiquiatra, de modo objetivo, à pesquisa do que chamou de *reencarnações sugestivas*. Uma boa escapadela por baixo da cortina de ferro, mas que já levou muitos mestres à suspeição, como vimos no caso das pesquisas da Universidade de Kirov sobre o corpo bioplásmico. O impasse criado na Ciência Soviética com essa descoberta encontrou apoio nas Universidades mantidas por corporações religiosas em outros países. O complô materialista-religioso contra o espírito revelou-se mais uma vez ativo na defesa das posições dogmáticas. Ficou assim provado, mais uma vez, que o Espiritismo é o único campo aberto à busca livre da verdade neste mundo, que continua preferindo as criações ilusórias dos homens à realidade criada por Deus. A verdade científica continua sujeita a passaportes das zonas ateístas, com vistos de comissários

e clérigos, para poder conseguir aceitação de pesquisas comprobatórias universais.

A falta de penetração mais profunda e eficaz no problema da alma e do seu destino, ante as restrições de um materialismo já superado pela própria Física, tem levado numerosos psiquiatras a aceitar a teoria espírita em seus dois aspectos fundamentais: o do homem considerado como espírito encarnado e o da influência de espíritos desencarnados sobre o comportamento humano. Surge assim, por força das circunstâncias, a Psiquiatria Espírita, hoje em franco desenvolvimento. Jung deu grande reforço a esse movimento espontâneo, com suas teorias parapsicológicas e sua experiência mediúnica pessoal, relatada em suas memórias; John Herenwald, Soal e Price, Karl Wickland, particularmente com o relato minucioso de tratamentos na sua clínica de Chicago durante trinta anos seguidos. Discípulo de Wickland foi entre nós o Dr. Flávio Pinheiro, de Ibitinga. As vantagens da Psiquiatria Espírita em desenvolvimento, sobre a tumultuada Psiquiatria destes anos alucinados, decorrem da sua disciplina rigorosamente científica, baseada em fatos e pesquisas mundiais de uma tradição bissecular. Seus métodos de cura não se baseiam em teorias especulativas, que muitas vezes se contradizem, mas nas investigações da Ciência Espírita, da Metapsíquica de Richet, na Psicobiofísica de Schrenk-Notzing, na Física Transcendental de Friedrich Zöllner e no êxito dos tratamentos em grupos espíritas regular e legalmente organizados. Os livros do Dr. Inácio Ferreira, do Sanatório Espírita de Uberaba, correspondem, entre nós, aos de Wickland nos Estados Unidos, com descrição precisa e fotos ilustrativas dos mais graves casos registrados no hospital. É incrível que todo esse acervo de trabalho médico positivo, de eficácia comprovada, seja posto de lado, considerado marginal, pelo simples fato de não se pendurar na beira do abismo, mas atirar-se corajosamente às suas profundidades. A conseqüência dessa posição pedante das academias e universidades é o que vemos hoje no meio psiquiátrico oficial: a aceitação de perversões como normais e a capitulação vergonhosa dos médicos que chegaram a transformar suas clínicas e seus consultórios em bordéis científicos, com *leitos terapêuticos* para a *cura prática*, no estilo rasputiniano, de donzelas sofredoras de angústias existenciais. Rejeitando Kardec, os psiquiatras atuais, com raras exceções, aceitaram Rasputin, instituindo o avançado sistema do avanço sobre as clientes, sem exceção para jovens religiosas que os procuraram. Essa Psiquiatria da Libertinagem cura os jovens efeminados aconselhando-os a não contrariarem as suas *tendências naturais* e oferece às esposas nervosas o calmante específico da procura de um amante, geralmente encontrado na terapia de grupo ou nos ensaios de psicodramas. Há pequenos fatos que dizem mais do que argumentos. Uma jovem angustiada pediu à mãe que a levasse a um psiquiatra sacerdote, com medo dos outros. A mãe a levou a respeitável clérigo que se dizia especialista em psiquiatria. Mal entrou no consultório, sem que lhe permitissem a companhia da mãe, o terapeuta a encarou sorrindo e perguntou: “Você tem um amante?” Ruborizada, ela voltou para a sala de espera e fugiu com a mãe. A senhora de um jovem engenheiro procurou famoso psiquiatra. Ele lhe deu a receita: “um amante”. Ela o encarou com espanto e exigiu a devolução do dinheiro da consulta: “Não vou pagar com o dinheiro do meu marido, ganho honestamente, os chifres com que o senhor deseja adornar a sua

cabeça.” Uma senhora idosa recebeu a mesma receita e disse ao médico e professor de medicina que a atendera gentilmente: “Dr., não tenho experiência nesse assunto. O Sr. me cede sua mulher para o meu aprendizado prático?” Um homem de seus trinta anos ouviu do psiquiatra: “O senhor não satisfaz os seus impulsos apenas com mulheres, precisa de homem”. O cliente arrancou um punhal do colete e o doutor escapou pelos fundos do prédio. Um adolescente ouviu de seu médico este conselho: “A cura está nas suas mãos. Assuma a sua responsabilidade de homossexual e viva a vida que Deus lhe deu.” O rapazinho lacrimejou e respondeu: “Não posso, doutor, quero ser um homem.” O médico disse impassível: “O homem deve ter coragem para tudo!”

Todos esses fatos são reais e se passaram em São Paulo, a Sodoma Psiquiátrica moderna, cientificamente justificada.

É curioso como esses terapeutas às avessas, que apelam quase sempre para as Filosofias da Existência, não se lembrem de que as Filosofias da Existência postulam, como objetivo da vida humana, a busca da transcendência. Que forma de transcendência se pode esperar de uma criatura que só tem pela frente o caminho fatal das perversões sexuais?

A Psiquiatria Espírita reconhece a legitimidade dos instintos inferiores do homem, provenientes de suas origens animais. Reconhece também a existência de poderosas influências, da própria ancestralidade humana e do meio social pervertido, bem como os casos de vampirismo de espíritos viciosos, que a Psiquiatria da Libertinagem ignora. Mas, para curar as vítimas dessas perversões, emprega os meios racionais de indução da mente aos caminhos retos do controle sensorial. É essa a função da análise no processo terapêutico. Uma análise que só serve para confirmar o doente em sua doença e estimulá-la não esclarece coisa alguma. E é em nome da análise, das teorias existenciais, de Jung, que sustentam a realidade do espírito, e até mesmo de Kofca e da percepção gestáltica, que esses cavaleiros do lago gelado de Constança (da conhecida imagem de Kofca) pretendem nivelar os infelizes no panorama sem pregnância da insensibilidade moral.

Lembremos Ingenieros em *El Hombre Mediocre*: “Onde todos andam de rastros, ninguém tem coragem de andar de pé.”

O esquematismo universitário, criado para defesa da Cultura, acabou fechando-a na muralha da China. Isolada em seus limites estreitos, a cultura acadêmica formou o seu colégio de oráculos infalíveis, desprovidos da graça do espírito. Felizmente a abertura para as dimensões desconhecidas do Universo está hoje rompendo a dogmática materialista. Com isso, muitos cientistas de espírito arejado começaram a andar em pé, sem medo de tropeçar nas armadilhas do mistério e das superstições. Chegou a hora da desprezada Ciência Espírita e os espíritas arcarem com a pesada responsabilidade da herança kardeciana. A Psiquiatria Espírita é o maior desafio aos médicos espíritas conscientes de seus deveres.

Pedagogia Espírita: suas possibilidades práticas na formação espiritual do homem.

Livro: PEDAGOGIA ESPÍRITA

J. HERCULANO PIRES – Ed. Edicel

O MISTÉRIO DO SER

A educação depende do conhecimento menor ou maior que o educador possua de si mesmo. Porque conhecer-se a si mesmo é o primeiro passo do conhecimento do ser humano. A Humanidade é uma só. O ser humano, em todas as épocas e em toda parte, foi sempre o mesmo. Sua constituição física, sua estrutura psicológica, sua consciência são iguais em todos os seres humanos. Essa igualdade fundamental e essencial é o que caracteriza o homem. As diferenças temperamentais, culturais, de tipologia psicológica, de raça ou nacionalidade, de cor ou tamanho são apenas acidentais. Por isso mesmo a Educação é universal e seus objetivos são os mesmos em todas as épocas e em todas as latitudes da Terra.

Essa padronização, que devia simplificar a educação, na verdade a complica, porque por baixo do aspecto padronizador surgem as diferenciações individuais e grupais. Cada indivíduo é único, diferente de todos os demais, mesmo nos grupos afins. O tipo psicológico de cada ser humano é único e irreduzível à massa. O mistério do ser, que aturde os educadores, chama-se *personalidade*. Cada ser humano é uma pessoa. E o é desde o nascimento, pois já nasce formada com sua complicada estrutura que vai apenas desenvolver-se no crescimento e na relação social. É difícil para o educador dominar todas essas variações e orientá-las.

Educar, como se vê, é decifrar o enigma do ser em geral e de cada ser em particular, de cada educando. René Hubert, pedagogo francês contemporâneo, define a Educação como um *ato de amor*, pelo qual uma consciência formada procura elevar ao seu nível uma consciência em formação. A Educação se apresenta, assim, como Ciência, Filosofia, Arte e Religião. É Ciência quando investiga as leis da complexa estrutura humana. É Filosofia quando, de posse dessas leis, procura interpretar o homem. É Arte quando o educador se debruça sobre o educando para tentar orientá-lo no desenvolvimento de seus poderes internos vitais e espirituais. É Religião porque busca a salvação do ser humano no torvelinho de todas as ameaças, tentações e perigos do mundo. O verdadeiro educador é o que pratica a Religião verdadeira do amor ao próximo, naquilo que podemos chamar o Culto do Ser no templo do seu próprio ser.

Não se trata de uma imagem mística da Educação, mas de uma tentativa de vê-la, compreendê-la e aplicá-la em todas as suas dimensões. O ato de educar é essencialmente religioso. Não é apenas um ato de amor individual, do mestre para o discípulo, mas também um ato de integração e salvação. A Educação não procura integrar o ser em desenvolvimento numa dada situação social ou cultural, mas na condição humana, salvando-o dos condicionamentos animais da espécie, elevando-o ao plano superior do espírito.

É fácil compreendermos como está longe de tudo isso o profissionalismo educacional do nosso tempo. Tinham razão os filósofos gregos quando

condenaram o profissionalismo dos sofistas. Não se tratava apenas de uma diferenciação de classes sociais, mas da luta contra o abastardamento da Educação pelos que negavam a existência da verdade a troco de interesses imediatistas.

Como ajustar os fins superiores da Educação às exigências de uma civilização baseada no lucro? A falta de uma solução para esse ajustamento é a origem da crise universal da Educação em nosso tempo. Não obstante, a solução poderia ser encontrada na aplicação de processos vocacionais. Nenhum tipo de educação coletiva pode ser eficiente se não estiver em condições de observar e orientar as tendências vocacionais.

O desenvolvimento da Era Cósmica, apenas iniciada com as conquistas atuais da Astronáutica, traz novos e graves problemas ao campo educacional. Toda a Terra está sendo afetada pela nova concepção do homem e da sua posição no Cosmos. O aceleração do processo tecnológico está levando o homem a conhecer melhor a sua própria condição humana. O ceticismo dos últimos tempos vai cedendo lugar a um despertar de novas e grandiosas esperanças. A Educação da Era Cósmica começa a nascer e os educadores começam a perceber que precisa renovar os processos educacionais.

*

PELA EDUCAÇÃO INTEGRAL

A Educação Espírita não surge como uma elaboração artificial em nosso tempo, como mais uma *novidade educacional* desta fase de transição. Sua importância está precisamente na sua legitimidade cultural e histórica. O Espiritismo firmou-se como doutrina — como uma concepção do mundo e do homem devidamente estruturada em princípios filosóficos — em meados do século XIX. Sua elaboração foi precedida de uma fase de eclosão mundial de fenômenos paranormais que teve o seu *clímax* nos Estados Unidos, em 1848, com o caso das irmãs Fox. Só nove anos mais tarde, em 1857, a doutrina se definia na França, com o trabalho gigantesco de pesquisas psíquicas e elaboração doutrinária do Prof. Denizard Rivail, que passaria a ser conhecido como Allan Kardec.

O estudo desse problema histórico revela, em primeiro lugar, que o Espiritismo surgiu naturalmente. Não foi inventado por ninguém. O próprio Kardec relutou em aceitá-lo, quando ele já se fazia uma realidade social. Isso demonstra que o Espiritismo surgiu como exigência de uma época. Sua propagação se realizou à revelia e contra os poderes dominantes no mundo. Até hoje, apesar de todo o seu desenvolvimento cultural — pois a cultura espírita aí está para os que têm olhos de ver — ele continua em posição marginal, o que mostra por sua propagação incessante, que continua a responder às exigências históricas.

Já era tempo de os centros culturais compreenderem essa realidade. Infelizmente a atitude cultural para com o Espiritismo continua, em sentido geral, a mesma do século passado: preconceituosa e ignorante. Ao lado do preconceito avulta a mais completa ignorância do conteúdo da doutrina e do seu significado. Mas, apesar disso, multiplica-se o número dos espíritas por todo o mundo, a bibliografia espírita é hoje um vasto acervo cultural, a im-

prensa espírita constitui considerável rede de jornais, revistas, boletins, anuários, programas radiofônicos e de televisão e até mesmo estações de rádio.

Essa cultura espírita não se desenvolveu sob o patrocínio de nenhuma autoridade, de nenhum Estado, de nenhuma organização especial. Seu enorme desenvolvimento processou-se de maneira anárquica, por força exclusiva das opções pessoais e apesar de todas as formas de repressão desencadeadas na família, na sociedade, nas escolas, nas igrejas, na imprensa e por toda parte. Toda forma de cultura exige meios de transmissão. O meio básico de transmissão cultural é a educação. Era inevitável, portanto, o aparecimento da Educação Espírita, que à maneira da Educação Cristã foi se delineando aos poucos: primeiro no lar, depois nas instituições em forma de catecismo e por fim na criação das primeiras escolas. Como o Brasil foi o país em que o Espiritismo encontrou condições psicossociais, etnológicas e culturais mais favoráveis, foi aqui que ele se projetou mais cedo e de maneira mais evidente no campo educacional, e isso apesar de ter sido aqui, também, que; mais insistente e aguçado se fez a luta contra ele.

A realidade brasileira é hoje marcada pela realidade espírita. E nesta se destaca *a realidade educacional espírita* pela presença de uma rede escolar que abrange os três graus fundamentais do ensino. Desde o pré-primário até o pós-graduação dos cursos superiores a presença espírita é uma realidade institucional e atuante. Em São Paulo já se realizaram três congressos educacionais espíritas. No Rio e em Curitiba, importantes simpósios educacionais foram realizados em 1968 e 1969. O interesse pelos problemas da Educação Espírita culminou com as deliberações do Simpósio de Curitiba e do III Congresso de São Paulo (1970), no tocante à elaboração da Pedagogia Espírita.

Antes, porém, que esses certames educacionais houvessem chegado à compreensão do problema, as exigências pedagógicas da Educação Espírita já se faziam sentir de maneira aguda. No Instituto Educacional Lins de Vasconcellos, de Curitiba, O Prof. Ney Lobo criava pioneiramente um centro de estudos pedagógicos, elaborava novas técnicas educativas e formulava métodos que foram aprovados pela Secretaria de Educação do Estado, ao mesmo tempo que publicava pelo jornal *Mundo Espírita* seus primeiros trabalhos de Filosofia Espírita da Educação. No Instituto Espírita de Educação, em São Paulo, eram realizadas experiências de renovação educacional, instituído um sistema experimental de ensino integrado e divulgados pelo jornal *O Universitário Espírita* (1955) os primeiros trabalhos de Pedagogia Espírita de nossa autoria. Em Franca o Educandário Pestalozzi, que comemorou neste ano o seu 25.º aniversário de instalação, reclamava a nossa presença e lá realizando o primeiro curso de Introdução a Uma Pedagogia Espírita (1970), para os professores da instituição e outros interessados.

Como se vê, a Educação Espírita aparece no mundo seguindo as mesmas leis que presidiram ao aparecimento e desenvolvimento de todos os sistemas educacionais: Primeiro se formaram os núcleos sociais integrados por uma nova mundividência, depois se manifestaram as exigências de transmissão cultural. Estas exigências, pela sua própria especificidade, exigem por sua vez a teorização educacional que leva à elaboração da Pedagogia Espírita. E de todo esse vasto processo histórico surge a necessidade evidente

da publicação de uma revista especializada, que procuramos atender com o lançamento da *Revista Educação Espírita*.

Seria natural perguntar por que motivo esse órgão não é lançado por uma instituição educacional espírita. A resposta é simples. Porque a publicação de uma revista desta natureza e sua manutenção requerem condições técnicas e meios de distribuição que são mais facilmente encontradas numa editora. Como a EDICEL - Editora Cultural Espírita Ltda.: —, se dispôs, a enfrentar a tarefa com absoluto desinteresse — a ponto de manter escrita à parte dos rendimentos e despesas da revista, para que ela viva e se desenvolva por si mesma, sem qualquer lucro para a editora — coube a ela a glória de mais esse pioneirismo: *lançar a primeira revista de educação espírita do Brasil*.

Todos os esforços foram feitos para que o primeiro número pudesse aparecer ainda no ano de 1972, por ter sido esse o Ano Internacional da Educação, decretado pela UNESCO, e também o Ano Nacional da Educação decretado pelo governo do Brasil. Embora a contribuição espírita já tivesse sido dada de maneira substancial pela realização de dois simpósios e de um Congresso, quisemos que ela se efetivasse no lançamento da *Educação Espírita*, que será um instrumento permanente de ligação entre os núcleos educacionais espíritas, um instrumento de trabalho para a elaboração das coordenadas da *Pedagogia Espírita* e uma livre tribuna para o debate de toda a problemática educacional.

Resta-nos afirmar que a Educação Espírita objetiva sobretudo uma forma de *Educação Integral e Contínua*, abrangendo ao mesmo tempo todo o complexo da personalidade do educando e todas as faixas etárias em que ela se projeta. Sendo o Espiritismo uma doutrina que abrange, em seus três aspectos fundamentais — a Ciência, a Filosofia e a Religião — todas as facetas do Homem, visando necessariamente à unificação do Conhecimento, é evidente que a Educação Espírita só pode ser integral e contínua, indo de um extremo a outro da existência humana. Ligada historicamente à linha rousseauiana da Educação Moderna, através de Pestalozzi, de quem Kardec foi discípulo e continuador, a Educação Espírita se entrosa naturalmente nas aspirações e nos objetivos da Pedagogia contemporânea.

Não assinalamos ainda, nos debates verificados em simpósios e congressos, no desenvolvimento do ensino nas escolas espíritas e nos estudos realizados pelos especialistas espíritas, nenhum conflito significativo entre as formas mais válidas da Pedagogia atual e a Pedagogia Espírita. Pelo contrário, verificamos sempre a existência de conotações evidentes e até mesmo de tipos de Pedagogia atual que correspondem em grande parte às exigências do pensamento espírita. Há, porém, uma especificidade inegável da Educação Espírita que só pode ser sustentada e desenvolvida através de uma Pedagogia Espírita. Parece-nos que essa especificidade corresponde à exigência essencial do nosso tempo e da fase de transição cultural em que vivemos. Para o esclarecimento desse problema, nossa revista pretende contribuir por todos os meios possíveis.

CONCEITO ESPÍRITA DE EDUCAÇÃO

Encarada numa perspectiva espírita, a Educação nos apresenta dois aspectos fundamentais: é o processo de integração das novas gerações na sociedade e na cultura do tempo, mas é também o processo de desenvolvimento das potencialidades do ser na existência, com vistas ao seu destino transcendente. Cada ser traz consigo, para cada existência, os resultados do seu desenvolvimento anterior, em existências passadas. Esses resultados se encontram em estado latente no seu inconsciente, mas desde os primeiros anos de vida começam a revelar-se nas suas tendências e no conjunto das manifestações do seu temperamento. Cabe aos pais e aos educadores observar esses sinais e orientar o seu ajustamento às condições atuais, corrigindo as deficiências e os exageros na medida do possível e ao mesmo tempo propiciando novos desenvolvimentos na atual existência.

A criança encarna o ser com todas as suas potencialidades morais e espirituais, mas o seu instrumento de manifestação, o corpo físico, não se apresenta em condições imediatas de manifestar em plenitude o seu estágio evolutivo. O ser está sujeito, inicialmente, às condições biológicas da espécie. Só através do desenvolvimento orgânico o ser vai se definindo em suas características individuais e revelando a sua capacidade de ajustamento social e cultural, bem como as suas possibilidades de auto-superação moral e espiritual.

Podemos assim estabelecer o esquema de sua evolução existencial segundo as fases geralmente admitidas no plano pedagógico: o ser biológico se completa no ser social, este no ser moral e este no ser espiritual. Compete à Educação auxiliá-lo nesse desenvolvimento progressivo e orientá-lo para novas conquistas em futuras existências. A Educação Espírita não pode restringir-se aos fins imediatos do processo educacional, que caracterizam as formas pragmáticas de Educação do passado e do presente. Seus fins superiores consistem no desenvolvimento de toda a *perfectibilidade possível do ser*, como queria Kant.

A concepção espírita do homem nos mostra o ser na existência com duas formas corporais e dois destinos inter-relacionados. O corpo físico é o seu instrumento de vivência terrena, mas o corpo espiritual ou perispírito é o organismo etéreo de que ele deve servir-se na continuidade superexistencial dessa vivência. Essa *dualidade-relativa* do homem, de que trata Rhine, manifesta-se também na sua estrutura mental. De acordo com a descoberta de Frederich Myers, hoje mais válida do que no seu tempo, temos a mente supraliminar e a mente subliminar. A Psicologia Profunda e a Parapsicologia confirmaram as conclusões de Myers nesse sentido. Não há mais nenhuma possibilidade de dúvida a respeito.

Procuremos deixar este problema bem claro. Em nossa vida diária verificamos que existe um limite definido para a nossa mente, que funciona em relação permanente com o exterior. Captamos as sensações do mundo pelos nossos sentidos orgânicos — o tato, a audição, a visão, o olfato, a gustação etc. — e com esses dados sensoriais elaboramos a nossa visão do mundo e estabelecemos as nossas relações com o meio físico e o meio social em que vivemos. A estrutura mental que resulta dessa elaboração é o que geralmente

chamamos *mente*, formada pelas categorias da razão, hoje consideradas como formas dinâmicas da experiência. Essa é a *mente de relação*, que estabelece a nossa relação com o mundo e com os outros. Mas quando dormimos e sonhamos, ou quando nos distraímos, quando fugimos da realidade num instante de *ausência psíquica*, ou quando agimos impulsivamente, levados por alguma emoção, notamos que há em nós algo mais do que essa mente disciplinada. Percebemos, vemos, sentimos e agimos fora dos limites da razão e portanto da mente.

A divisão feita por Myers corresponde aos conceitos de consciente e inconsciente da Psicanálise. Mas muito antes de Freud e Myers já Kardec colocara o problema n'*O Livro dos Espíritos*, ao tratar das manifestações anímicas no campo da mediunidade e ao investigar o fenômeno de independência da alma durante o sono. Freud tinha apenas um ano de idade quando esse livro foi publicado. Assim, as teorias de Freud, Myers e todos os demais só fizeram confirmar a teoria espírita. Essa mente que se revela como algo mais profundo que a *mente de relação* é a que podemos chamar *mente de profundidade*. Suas categorias são muito mais numerosas e mais ricas do que a da *mente de relação*.

Podemos agora compreender com mais clareza a teoria da *mente supraliminar* e da *mente subliminar* formulada por Myers. Nossa *mente de relação* repousa sobre uma espécie de patamar, abaixo do qual se encontra a nossa *mente de profundidade*. Por isso Myers chamou a *mente de relação* de consciência *supraliminar* e a *mente de profundidade* de *consciência subliminar*. A primeira está sobre o limiar da consciência e a outra abaixo desse limiar. Quando sentimos um impulso inconsciente ou temos um pressentimento, houve uma invasão, segundo Myers, da *mente de relação* pelas correntes psíquicas do pensamento e emoção da *mente de profundidade*. Há uma relação constante entre as duas formas mentais. Essa relação aumenta na proporção em que se desenvolve o ser, em que a sua evolução dá maior flexibilidade à sua estrutura mental. É isso que hoje permite a investigação científica da reencarnação.

Dessa maneira a Educação Espírita não pode limitar-se à mente de relação, pois que ela só representa um momento do ser. Dewey mostrou que a Educação existe em função da morte. Se não morrêssemos não precisaríamos desse processo, de vez que a cultura não sofreria solução de continuidade. Mas a morte substitui umas gerações por outras e cada nova geração é herdeira da cultura elaborada pela anterior. Recebe essa herança através da Educação e a reelabora segundo suas novas disposições, sua nova maneira de encarar o mundo. Se Dewey tivesse a visão espírita de René Hubert acrescentaria que a Educação existe em função da reencarnação. Vemos, graças à reencarnação, que o desenvolvimento do ser não é contínuo, mas descontínuo. Em cada existência terrena o ser desenvolve certas potencialidades, mas a lei de inércia o retém numa posição determinada pelos limites da própria cultura em que se desenvolveu. Com a morte corporal ele volta ao mundo espiritual e tem uma nova existência nesse mundo. A morte rompe o seu condicionamento terreno e ele pode então verificar que os limites a que chegara eram apenas temporais. Fora do tempo e do espaço físico suas percepções se ampliam e o ser compreende que a sua perfectibilidade — a sua capacidade de atingir a

perfeição — não tem limites, ou pelo menos os limites terrenos. Voltando a nova encarnação o ser pode reencetar com mais eficiência o desenvolvimento de sua perfectibilidade. Mas se não receber na vida terrena os estímulos necessários poderá sentir-se novamente preso à condição da vida anterior na Terra, estacionando numa repetição de estágio. É isso o que se chama *círculo vicioso da reencarnação*. A Educação Espírita tem por função evitar que o ser venha a cair nesse círculo.

Podemos agora compreender melhor o conceito interexistencial do homem. A criatura humana, mesmo nesta existência, não está sujeita apenas ao plano existencial terreno. Ela existe *no aqui e no agora*, mas traz consigo a *mente de profundidade* que liga à existência espiritual de que provém. Nas horas de vigília o ser humano vive esta existência, mas nas horas de sono o seu corpo espiritual permite e até mesmo determina a sua constante relação mediúnica com os seres existentes noutra dimensão da realidade. Vivemos entre duas existências e não apenas numa, como supõe a ilusão materialista. Não somos apenas o *existente* da concepção existencialista, somos o *intereistente* da concepção espírita. O conceito de alienação atribuído às religiões pelos materialistas e pragmáticos é assim devolvido a eles. Não é alienado o ser que *intereexiste*, mas sim aquele que apenas *existe*, que pensa poder viver unicamente a existência passageira da Terra.

Mas enquanto as religiões fazem da vida espiritual um mistério envolto em magia e misticismo — o que ao menos em parte dá razão ao conceito de alienação do materialismo — o Espiritismo revela que a vida espiritual é natural e não sobrenatural e deve ser encarada com o mesmo realismo da vida terrena. As próprias Filosofias da Existência, em nosso tempo, definem a vida como subjetividade e reconhecem que o seu objetivo é a transcendência. Não vivemos organicamente, mas de maneira psicológica. Vivemos de aspirações, de interpretações da realidade, de sonhos e muitas vezes de ilusões. São nossos pensamentos e sentimentos, nossas emoções e nossos desejos que determinam o nosso comportamento. Por isso a realidade nos surpreende e nos decepciona. Sabemos que temos de morrer, mas a nossa intuição interior nos diz que não morreremos. Sem os dados espíritas a respeito da realidade global do nosso ser e da nossa posição no mundo não sabemos equilibrar essa contradição da *mente de relação*. No processo educacional a Religião devia exercer a função equilibradora, que entretanto não exerce em virtude das antinomias a que se acha presa. Sua posição contrária à da Ciência estabelece os conflitos da educação leiga com a educação religiosa. A Educação Espírita, fundada na Ciência Espírita, elimina esses conflitos e nos leva ao campo da Educação Integral. Fala-se hoje em Educação Permanente. A Educação Espírita não é só permanente, contínua, mas sobretudo integral.

A dualidade expressa nos conceitos de objetivo e subjetivo não é conflitiva, mas complementar. Cada um desses conceitos nos dá uma face da realidade total. É o que já vimos na própria constituição do homem, dos seus corpos e da sua estrutura mental. Georges Kerchensteiner coloca esse problema no campo da cultura e nos mostra o seguinte: toda cultura se divide em dois planos, o objetivo e o subjetivo. A cultura objetiva se concretiza nos planos das obras e das realizações materiais, constituindo por assim dizer o corpo físico das civilizações. A cultura subjetiva se constitui das idéias, dos

princípios, das aspirações de cada civilização. É a sua alma, o seu espírito nela *encarnado*. Ernst Cassirer nos mostra que essa alma impregna a cultura objetiva, de maneira que das obras materiais de uma cultura morta podemos fazer ressuscitar o seu espírito, como aconteceu, por exemplo, na ressurreição da cultura greco-romana durante o Renascimento.

Uma Educação que não leve em consideração essas realidades históricas e culturais está condenada a esgotar o seu conteúdo e morrer. A Educação não age apenas no plano individual, mas também no plano coletivo. A soma dos processos educacionais de cada civilização resulta sempre numa síntese que tende a aplicar-se cada vez mais intensamente a toda a Humanidade. A Educação Cristã revelou essa tendência à universalização, mas seus esforços foram barrados pela oposição do formalismo religioso das igrejas cristãs ao desenvolvimento científico. Por isso ela foi superada pela Educação Leiga. A Educação Espírita agora se impõe como a síntese desse conflito entre a Religião e a Ciência. A sua capacidade de harmonizar os dados da Religião com os dados da Ciência lhe permite responder plenamente às exigências do nosso tempo, no momento exato em que a pesquisa científica rompe os grilhões do materialismo e supera o agnosticismo kantiano, mostrando que o homem dispõe de condições mentais para conhecer além dos limites da realidade sensorial.

O sentido transcendente da Educação Espírita não tem as implicações salvacionistas das formas de Educação Religiosa do passado e do presente. O conceito espírita de transcendência é puramente racional. A proposição de Karl Jaspers sobre as duas formas de transcendência humana, a horizontal e a vertical, corresponde à interpretação espírita. O homem, como um ser fechado em si mesmo, abre-se na transcendência horizontal através da comunicação, projetando-se no plano social. Sua abertura para a transcendência vertical começa na superação da *moral fechada* de Bergson, projeta-se na *moral aberta* e atinge o seu maior impulso na busca de Deus, através da *religião racional*, onde fé e razão se conjugam. O problema místico da salvação pessoal é substituído pela da evolução coletiva, pois a salvação espírita consiste na espiritualização de todos os seres humanos. O processo evolutivo do ser, considerado como irreversível, abrange a todos e substitui o conceito de pecado pelo de erro, que sempre será corrigido na sucessão natural das reencarnações.

A Educação Espírita restabelece e renova a concepção da bondade inata do homem, de Rousseau, bem como o da queda social, colocando o problema da redenção em termos educacionais. É pela Educação, sustenta Kardec, que podemos reformar o homem e o mundo. A Religião é encarada como uma forma especial de Educação, aplicada em todos os tempos no sentido de arrancar o homem da animalidade e conduzi-lo à humanização, pelo desenvolvimento progressivo de sua perfectibilidade possível, levando-o à espiritualidade. Essa posição espírita é hoje endossada pela tese de Hubert, segundo a qual o fim principal da Educação é implantar na Terra uma *República dos Espíritos*, alicerçada na *solidariedade de consciências*. O conceito de Deus não é antropomórfico, mas cósmico. Deus é o Absoluto e só o podemos compreender na forma suposta de uma Inteligência Suprema que criou, sustenta e dirige o Universo, sendo ao mesmo tempo imanente, pela manifestação de

sua inteligência em todas as coisas, e transcendente, pela superação do mundo relativo em que evoluem as coisas e os seres. A reencarnação é uma lei natural e universal, um aspecto da lei geral da palingenesia, pois tudo se renova constantemente em todo o Universo, no processo de *geração e corrupção* já antevisto por Aristóteles.

Ensino, processo de informação e instrução, e *Educação*, processo de formação moral e espiritual, constituem as coordenadas da Doutrina Espírita e balizam a prática doutrinária em todos os seus aspectos. Bastaria isso para nos mostrar que o Espiritismo ocupa, no próprio campo do Conhecimento, uma posição de síntese. Seus aspectos fundamentais de Ciência, Filosofia e Religião se encontram e se fundem no delta da Pedagogia, para o qual confluem todas as águas da Cultura. Examinemos melhor esta questão. No campo do conhecimento a Ciência nasce da prática, do *fazer* do homem no mundo; a Filosofia brota da razão, do *pensar* do homem sobre o mundo; a Religião surge da afetividade, do *sentir* do homem no seu viver no mundo. Essas três províncias do Conhecimento formam a unidade do *conhecer* e por isso não podem estar em conflito, pois as suas antinomias quebram a unidade do Espírito, confundem a Cultura e tornam conflitiva a Civilização. Conseqüência inevitável é o conflito no campo educacional. A unidade conceptual e estrutural do Espiritismo devolve a unidade do *conhecer* ao homem e restabelece a harmonia no campo da Educação.

Essa era a missão do Cristianismo. Mas o próprio Cristo nos advertiu que ela só poderia ser realizada no tempo, na proporção em que a evolução espiritual do homem o levasse às condições necessárias. Daí a sua promessa de nos enviar o Espírito da Verdade, que nos conduziria a toda a Verdade, permitindo-nos a compreensão total do seu ensino. A expressão Espírito da Verdade é simbólica. Representa no Evangelho aquilo que John Murphy, em sua obra *Origines et Histoire des Religions*, chama de *Espírito de Civilização*. Kardec, no primeiro capítulo de *A Gênese*, explica o porquê de o Espiritismo só haver surgido em meados do século passado, quando o desenvolvimento científico e filosófico, à revelia da estagnação teológica, permitiu ao homem encarar os fenômenos espíritas como fatos naturais, suscetíveis de análise e explicação racional.

Cabe ao Espiritismo completar a missão do Cristianismo. Cabe à Educação Espírita devolver ao Espírito a sua unidade. A Ciência, empolgada por sua capacidade de investigação e produção, pela descoberta da Técnica, julgou-se capaz dessa tarefa. Antes dela o Catolicismo criou a unidade religiosa da Idade Média, que jamais se tornou completa e custou o preço elevadíssimo do fanatismo e da crueldade. Augusto Comte supôs que a aparente unidade medieval podia ser restabelecida através da Ciência, após o Renascimento, e atirou-se à aventura do Positivismo. Sua intuição filosófica, nascida daquele *instinto espiritual* a que se referiu Kardec, e que está vigilante em nosso inconsciente, levou-o afinal à compreensão da necessidade de uma religião racional e a fundar a Religião da Humanidade, que seria a Herdeira do Catolicismo no mundo moderno. A exigência de união da fé com a razão foi uma constante do espírito francês, como vemos pelo episódio da Religião da Razão na Revolução Francesa. Mas essa exigência só poderia ser atendida mais tarde, através de Kardec, com a Religião Espírita.

Vemos assim que as conotações históricas e culturais justificam plenamente o desenvolvimento natural da Educação Espírita em nossos dias. Essa Educação, por sua vez, exige a elaboração das formas orientadoras da Pedagogia Espírita. É sintomático o fato de nos vir também da França a primeira grande tentativa nesse sentido, como o *Traité de Pedagogie Générale* de René Hubert. Esse tratado nos mostra que Hubert é espírita por intuição, em virtude do *instinto espiritual* que traz no seu inconsciente. Sua afirmação de que *o espírito é a lei do ser na existência* e toda a sua posição no trato dos problemas educacionais o coloca numa perfeita relação com o pensamento espírita. Faltou à sua obra o esclarecimento do problema da reencarnação e suas profundas implicações educacionais e pedagógicas. Mas embora não o aborde de maneira direta, Hubert o aflora, como o faz também Kerchensteiner, o grande pedagogo alemão que foi, por assim dizer, o parceiro europeu de Dewey na reforma educacional do nosso tempo.

Segundo Kerchensteiner, a Educação é um *ato imanente e necessário de toda sociedade humana e não visa a um objetivo natural que o homem isolado pudesse alcançar por si mesmo, pois o ser espiritual não é um animal levado a certo grau de perfeição, mas uma síntese original e única dos valores culturais, pois cada homem organiza esses valores em sua consciência a seu modo e conforme à sua individualidade*. E conclui: *A Pedagogia é um ramo especial das Ciências do Espírito e se funda no conceito de cultura*.

Essa interpretação sociológica da Educação extravasa dos limites estreitos da Sociologia atual ao definir o homem como *ser espiritual*. Por outro lado, a organização dos valores culturais na consciência, obedecendo a um princípio de individualização, requer condições evolutivas que somente o princípio da reencarnação poderia explicar. Os meios culturais europeus — e isso foi anotado por Hubert em seu tratado — não poderiam aceitar a questão das vidas sucessivas de maneira pacífica. Kerchensteiner na Alemanha e Hubert na França não poderiam aprofundar o problema do ser espiritual em termos pedagógicos. Mas o tempo avançou e surgiram entre nós as escolas espíritas, dando nascimento à Educação Espírita como um ato imanente e necessário da nossa sociedade espírita. Agora não há apenas condições favoráveis, mas a exigência imperativa da elaboração de uma Pedagogia adequada ao desenvolvimento dessa nova forma de Educação.

A Revista *Educação Espírita* procurou criar condições, desde 1970, para que pudesse surgir entre nós a resposta necessária ao desafio das escolas espíritas. Por quatro anos circulou a revista e nem sequer se esboçou a possibilidade dessa proposta. Sentimo-nos obrigados a esboçá-la neste compêndio, na esperança de estimular especialistas espíritas mais bem dotados a contribuir com suas luzes e suas experiências para a orientação pedagógica da Educação Espírita em nosso meio. E também na esperança de oferecer às escolas espíritas, de todos os graus de ensino, algumas sugestões que possam auxiliá-las no desenvolvimento de seus trabalhos. O desconhecimento e a incompreensão do assunto são ainda tão espantosos entre nós que nos encorajam a esta audaciosa tentativa.

Esquema da pedagogia espírita

Como exigência natural do desenvolvimento das sociedades humanas, a Educação é um processo que se revela espontaneamente no meio social. Antecede, portanto, à Pedagogia. As pesquisas sobre a Educação Primitiva, entre tribos selvagens, demonstrou que onde houver um pequeno aglomerado humano isolado surgirá inevitavelmente uma forma rudimentar de Educação. Nas tribos as crianças são realmente recebidas como criaturas estranhas que não conhecem o sistema de vida, as crenças e os rituais do grupo. Mas como chegam através do nascimento devem ser bem recebidas e tratadas com atenção e carinho. Não obstante, são conservadas em observação e numa posição marginal durante boa parte da segunda e da terceira infâncias, como estrangeiros. Sua integração na tribo vai-se fazendo aos poucos, graças ao instinto de imitação.

Mais ou menos à altura da puberdade começam a ser iniciados nas crenças e nos ritos da tribo. Mas ao contrário do que geralmente se pensa, ao tratar de selvagens, essa educação natural se caracteriza pela bondade e a tolerância. Os pais e os adultos em geral respeitam na criança os seus impulsos e os seus caprichos. Muitos observadores se espantam com a falta de castigo e repressões violentas dos adultos contra crianças que os atrapalham, que não raro lhes perturbam os afazeres. A descoberta dessa forma de educação tolerante serviu para mostrar aos pedagogos o verdadeiro sentido da Educação. Sua finalidade não é coagir os educandos a entrosar-se num determinado sistema de vida, numa estrutura social, mas atraí-los com brandura e persuasão para essa integração.

Poderíamos considerar os ritos de iniciação como o início da educação formal nas tribos. Em geral é nesses ritos, já na puberdade, que a criança recebe um nome e é submetida a tatuagens e sinais físicos de que pertence à tribo. Entre esses sinais se encontra, em certas tribos, a circuncisão usada pelos judeus. Hubert acentua que nesse momento é que a criança nasce realmente para a tribo. Perde o seu nome infantil (simples apelido) adquire um nome significativo e nasce para a vida tribal. Os ritos de iniciação são geralmente brutais, mas decorrem da necessidade de preparar o menino para enfrentar a vida na selva. Deve aprender a suportar dores, torturas, privações, a fim de tornar-se um membro digno da tribo. Os processos de educação em Esparta tinham muitos desses resíduos bárbaros. Já em Atenas os resíduos cediam lugar a novos métodos e surgiam princípios decorrentes da reflexão filosófica sobre o ato de educar. A Pedagogia nasceu em Atenas, juntamente com a Filosofia — diz Hubert — e isso não obstante a existência de modalidades pré-pedagógicas nas grandes civilizações orientais. Essas modalidades se constituem mais de preceitos religiosos e morais do que reflexões sobre os problemas educacionais.

A Pedagogia se define como estudo da Educação, análise do processo educativo, com a finalidade não só de conhecê-lo mas também de orientá-lo, graças à descoberta das leis que o regem. Sua definição mais precisa, segundo nos parece, é a de Teoria Geral da Educação. Distingue-se da Filosofia da Educação por abranger todos os aspectos do processo educacional e penetrar no próprio campo da prática. A Pedagogia Aplicada implica os Métodos Pedagógicos, que são sistemas formulados artificialmente, com base nas obser-

vações e investigações dos vários campos da atividade educacional. Implica ainda a utilização dos dados da Biologia, da Psicologia, da Sociologia, da Ética e assim por diante, que fornecem à pedagogias informações necessárias sobre o educando. Atualmente a utilização de recursos tecnológicos enriquece o campo das aplicações pedagógicas.

A Educação Espírita é um fato novo, uma nova forma de Educação que surge na era tecnológica. Apesar de originar-se de uma doutrina moderna, de bases científicas e desenvolvimento filosófico, essa Educação, como todas as formas educacionais, em todos os tempos, surgiu numa determinada sociedade, por exigências da vida prática. A propagação do Espiritismo em nosso país e na América, mas com maior acentuação em nossa terra, propiciou a formação natural de uma nova subestrutura na sociedade brasileira. Esse é um dado sociológico importante para a elaboração da Pedagogia Espírita. Nenhuma sociedade se apresenta maciça, pois todas se estruturam em camadas diversas da população, em castas, estamentos e classes. Mas também as correntes religiosas fazem parte da estrutura social e participam ativamente da sua dinâmica. Cada subestrutura constitui uma espécie de mosaico na formação da estrutura geral da sociedade e funciona como uma pequena sociedade. A Educação Espírita é um produto natural e espontâneo da sociedade espírita. Figura, em nosso contexto social, ao lado da Educação Católica, Protestante, Judaica e outras. Os que estranham de falarmos em Educação Espírita e chegam às vezes ao cúmulo de censurar-nos, nada mais fazem do que confessar de público a sua ignorância nesse campo básico da Cultura.

A Pedagogia Espírita distingue-se das várias Pedagogias religiosas e da chamada Pedagogia Geral por incorporar os dados da Ciência Espírita. Esses dados são revolucionários por darem, como vimos no capítulo anterior, uma visão inteiramente nova do homem e portanto do educando. As Pedagogias mais avançadas, como as de John Dewey, Kilpatrik, Georges Kerchens-teiner e René Hubert, estas duas últimas colocando-se paralelamente à concepção espírita, não correspondem às exigências mais profundas e substanciais da Pedagogia Espírita. Servem-lhe de apoio, de respaldo, e oferecem-lhe contribuições valiosas, mas não enfrentam o problema essencial da concepção do educando como um reencarnado. Esse problema envolve graves questões de ordem antropológica, biológica, psicológica, moral, estética, ética, jurídica e outras, que só a Pedagogia tem, ao menos por enquanto e talvez ainda por muito tempo, condições de tratar. Deixar tudo isso de lado por simples ignorância, por temor de preconceitos sociais e culturais ou por motivos de discordâncias doutrinárias seria crime de lesa-humanidade. A Educação espírita está aí, ante os nossos olhos, na realidade concreta de uma rede escolar espírita que vai dos cursos pré-primários até às unidades universitárias, renunciando a breve formação da primeira Universidade Espírita do mundo. Por outro lado, o problema da *formação espírita* é de importância vital para a Doutrina e não temos o direito de negligenciá-lo. Seria, por sinal, qualquer negligência nesse sentido, uma prova dolorosa da indigência mental dos espíritos.

Não nos impressionemos com os movimentos obscurantistas contra a Educação Espírita e a Cultura Espírita. Os obscurantistas permanecerão na sua obscuridade, mas o nosso dever é acompanhar o avanço da Doutrina, o

seu desenvolvimento em direção às luzes do futuro. A verdade sempre acaba prevalecendo. Sua força é irresistível. Temos a prova disso no exemplo de Kardec. Sua obra condenada, amaldiçoada, rejeitada e espezinhada é hoje encarada com respeito em todo o mundo, pois o próprio avanço das Ciências e as transformações atuais das Religiões a estão confirmando por toda parte. Procuremos traçar um esboço da Pedagogia Espírita, embora modesto, ajudando-a a surgir das páginas de Kardec como as várias formas de Pedagogia Cristã surgiram das páginas do Evangelho.

Pedagogia espírita (esboço geral)

BASES HISTÓRICAS — As primeiras referências à Educação Espírita foram feitas por Kardec na *Revista Espírita*, revelando o aparecimento de um novo tipo de Educação Familiar na França, em Paris. Escreveu Kardec, na *Revue* de Fevereiro de 1864, um artigo sobre o que observara numa família parisiense em que as crianças recebiam educação moral baseada no Espiritismo. Suas palavras finais nos provam o seu entusiasmo pelo que pôde então observar: "Ele (o Espiritismo) já prova a sua eficácia pela maneira mais racional por que são educadas as crianças numa família verdadeiramente espírita". No Brasil tivemos bem cedo a transição dessa nova forma de Educação para o plano da escolarização. Coube a Eurípedes Barsanulfo a instalação do Colégio Allan Kardec, em Sacramento, Minas Gerais, juntamente com um ex-aluno do famoso Colégio do Caraça, também em Minas, dirigido por padres católicos. A instalação dessa primeira escola espírita brasileira verificou-se em 1909. Dessa escola surgiria mais tarde o Colégio Pestalozzi, de Franca, fundado por um aluno de Eurípedes, o Dr. Tomaz Novelino, médico, e sua esposa, a Profa. Maria Aparecida Novelino. Esse colégio é hoje uma grande e respeitada instituição e dele surgiu a Faculdade de Educação, Ciências e Tecnologia, já instalada em pleno desenvolvimento.

Estes dados terão de ser acrescidos por pesquisas posteriores, já em andamento. Mas os dados históricos da Pedagogia Espírita não se resumem à História da Educação Espírita. Eles ressaltam, sobretudo, de um exame das raízes da Pedagogia Espírita na História da Pedagogia Geral bem como de um estudo dos antecedentes representados pelas formas da Pedagogia Judaica e da Pedagogia Cristã. Trabalhos a respeito foram publicados no n.º 3 da revista *Educação Espírita*, referente a Dezembro de 1972.

BASES CIENTÍFICAS — As bases científicas da Pedagogia Espírita decorrem das investigações científicas da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas sobre as condições do Espírito no mundo espiritual, suas manifestações mediúnicas e sua condição ao reencarnar-se. Esses dados são acrescidos pelas pesquisas espíritas em plano universitário e particularmente pelas informações de livros como *A Personalidade Humana*, de Frederich Myers. As experiências psicológicas e parapsicológicas atuais mormente no tocante às investigações sobre o inconsciente e à percepção extra-sensorial, fornecem dados significativos para o conhecimento pedagógico dos mecanismos mentais. As pesquisas sobre a reencarnação e as pesquisas mais recentes sobre o corpo bioplasmático dão a contribuição tecnológica para a explicação da estrutura real do educando. A Psicologia Evolutiva da Infância e da Adolescência oferece também elementos básicos para a compreensão dos processos

mentais e psíquicos do educando. A esses dados se reúnem os da Biologia Educacional e da Sociologia e Psicologia Educacionais.

Evidentemente os dados da Ciência em geral sobre a natureza humana e os da Ciência Espírita em particular fazem parte das fontes de contribuição científica para os fundamentos da Pedagogia Espírita.

BASES RELIGIOSAS — A Pedagogia Espírita não poderá desprezar os dados da experiência religiosa em geral, pois essas experiências, embora interpretadas de maneira sectária pelas várias religiões, poderão oferecer interesse na configuração de um aspecto importante da personalidade humana. As investigações sobre a origem das religiões e sua história podem também fornecer dados psicológicos e espirituais importantes. Mas a principal fonte desses dados estará certamente nos fatos mediúnicos e nas obras psicografadas que tratam do aspecto religioso do Espiritismo. Estudos e experiências devem ser desenvolvidos por psicólogos e parapsicólogos espíritas sobre a tese doutrinária da *lei de adoração* e suas manifestações. Nesse sentido a Antropologia Cultural e a História das Religiões poderão também oferecer dados importantes. A Psicologia das Religiões será de grande interesse para o levantamento dos problemas psicológicos referentes às manifestações da referida lei. A tese de Richet sobre o condicionamento à crença e o estudo dos padrões de memória e sua influência na percepção extra-sensorial, no campo das pesquisas parapsicológicas, contribuirão para o esclarecimento dos problemas anímicos e de muitas das supostas fraudes na atividade mediúmica. Em todos esses campos devem buscar-se elementos informativos sobre os mecanismos psíquicos na relação do homem com os fenômenos paranormais.

BASES FILOSÓFICAS — As bases filosóficas imediatas da Pedagogia Espírita estão na Filosofia Espírita, mas a Filosofia Geral, a História da Filosofia e particularmente as Filosofias da Existência e a Teoria Fenomenológica podem oferecer contribuições significativas para a boa orientação pedagógica no tocante aos problemas da estruturação teórica. A metodologia filosófica moderna e contemporânea possui elementos aproveitáveis e sugestivos para a descoberta de novas perspectivas na investigação pedagógica. O estudo da Filosofia Moral, da Filosofia da Educação, e em especial da Antropologia Filosófica e da Ontologia podem fornecer elementos e sugestões para a boa colocação do problema do Ser na Pedagogia Espírita.

BASES ESTÉTICAS — As pesquisas estéticas, modernas e contemporâneas, a História da Arte, a Filosofia da Arte, as experiências atuais no campo das artes plásticas, das artes gráficas, da música, da poética, da literatura em geral são fontes indicadas para a boa colocação do problema da Arte Pedagógica ou Arte de Ensinar e Educar. Recursos visuais, auditivos e plásticos podem ser aplicados à prática pedagógica para maior eficiência do processo educativo e do ensino. A emoção estética pode ser melhor pesquisada nesse campo do que propriamente no dos ensaios a respeito. As bases estéticas da Pedagogia Espírita correspondem à exigência de esclarecimento da função da Arte no aprimoramento da sensibilidade, de sua contribuição para o equilíbrio psíquico e desenvolvimento moral. A integração do ser em sua consciência estética deve ser um dos objetivos principais da Pedagogia Espírita.

BASES PRÁTICAS — As bases práticas da Pedagogia Espírita se referem às formas educativas de sentido utilitário: a Educação Física, a Educação Corporal, a Educação Sexual, a Educação Profissional e assim por diante. As bases práticas da Pedagogia Espírita, para essas múltiplas formas de Educação, não podem restringir-se ao aspecto formal dessas disciplinas pedagógicas. Em todos esses campos há conotações com os problemas do espírito, pois este constitui o fundamento de todas as atividades humanas. A orientação filosófica, estética e ética, as implicações religiosas, os problemas da relação alma-corpo, as questões de higiene e higidez, o equilíbrio orgânico, a luta contra a fadiga e o desgaste, as questões referentes às crises periódicas do desenvolvimento corporal e do seu declínio, e outras várias questões estão naturalmente envolvidas na preparação do educando para a vida prática. O estudo da Paidéia grega seria uma fonte valiosa para a melhor compreensão de todas essas questões.

Para não ir mais longe, dando apenas uma visão, ao leitor ou ao estudante, da complexidade da Pedagogia Espírita, ficaremos por aqui na apresentação do nosso esboço geral. A finalidade da Pedagogia Espírita é orientar o desenvolvimento da Educação Espírita, fornecendo-lhe todos os elementos capazes de disciplinar a ação educativa nas escolas espíritas. Essa a razão por que achamos conveniente esboçar um quadro geral das principais diretrizes que serão fatalmente defrontadas pelos estudiosos que desejarem contribuir para o êxito dessa nova forma de Educação. Seria bom que os professores espíritas se interessassem pelo exame desse esboço, pois mais hoje, mais amanhã, poderão ser convocados pelo Alto para uma contribuição num desses setores.

No momento teremos de nos restringir a alguns aspectos mais urgentes, que correspondem às necessidades imediatas das escolas já existentes. No Capítulo seguinte e nos posteriores, os interessados encontrarão o exame dos problemas imediatos e poderão situar-se na área que acharem mais adequada às suas tendências e preferências, ou às suas experiências vividas nas lides educacionais. Não temos a pretensão de trabalhar isoladamente nesse campo tão vasto, complexo e de tão urgente necessidade de exploração pelos professores espíritas. É necessário que façamos um verdadeiro mutirão pedagógico para respondermos ao desafio presente da Educação Espírita em nossa terra.

A Educação Espírita foi plantada no Brasil e está crescendo assustadoramente, mas ao mesmo tempo auspiciosamente. Todos temos o dever de tomar consciência dessa realidade. Uma Educação sem Pedagogia é um barco sem bússola. Não haverá no professorado espírita brasileiro, tão numeroso, alguns elementos dispostos a esse voluntariado? Cumpramos o nosso dever nesta hora de transição cultural, quando vemos no horizonte os primeiros clarões da Cultura Espírita. É uma felicidade estarmos aqui neste momento, mas precisamos fazer por merecê-la.

*

Conceito espírita do Educando

Para a Educação Natural o educando é uma criança, um jovem ou um adulto que deve ser integrado na sociedade. Essa integração é principalmente cultural, mesmo nas tribos selvagens. Nas civilizações o processo de integra-

ção é mais complexo, mas nem por isso estamos inteiramente libertos do primarismo das selvas. A exploração comercial da Educação é um mal cujas conseqüências sociais ainda não podemos avaliar. Por isso Rousseau manifestava tão grande desprezo pelos colégios solenes do seu tempo. Os educadores são profissionais do ensino e isso os leva a esquecer os problemas educacionais. Envolvidos nas exigências da vida prática, aturdidos com o número de aulas que precisam dar por dia a fim de suprir suas necessidades essenciais, perdem o contato com os livros básicos, esquecem facilmente o que aprenderam nas escolas (em geral para passar nos exames) e passam a encarar os educandos como alunos insubordinados que só servem para exasperá-los. Vivem em estado de *stress*, de tensão permanente, prontos a estourar a qualquer momento.

Mesmo no ensino superior a situação não é muito diferente. Muitos catedráticos e seus assistentes deviam estar sentados entre os alunos. Preocupam-se mais com a posição do que com a função, com os problemas profissionais do que com os do ensino. Medem todos os alunos pela medida única da sua rotina escolar, quando não da sua inexplicável pretensão. Podem dar lições de Psicologia da Adolescência mas não são capazes de ver no aluno um adolescente. Quem chegou a um curso superior, pensam, deve estar maduro e tem de suportar a carga dos estudos e das obrigações escolares. Sua visão do educando é inferior à do selvagem que trata os filhos e as crianças com tolerância e carinho.

Claro que existem as exceções e também as posições de meio termo. Mas no geral a situação é essa. Continuam no plano da Educação Natural, ou seja, do processo educativo que é *ato imanente da sociedade*, sem o estudo, a análise, a reflexão da sistemática pedagógica. Esquecem mesmo o simples dever de cordialidade das relações humanas comuns. Um professor de Psicologia está pronto a analisar as atitudes do aluno na pauta das interpretações patológicas, dos possíveis complexos ou tendências mórbidas. Não lhe ocorre que o aluno é dotado de uma *realidade subjetiva individual* que lhe confere personalidade, condição psicológica específica.

Por outro lado, as exigências burocráticas da administração escolar, seja particular ou pública, tendem a sobrecarregar cada vez mais o professor, roubando-lhe as últimas possibilidades de lazer para a leitura, o estudo, a reflexão. Preso na engrenagem triturante dos deveres profissionais, o professor perde os últimos lampejos dos seus sonhos de estudante e chega mesmo a esquecer que já foi aluno e teve de suportar as exigências descabidas e a intolerância dos mestres. O chamado refinamento das técnicas administrativas não leva em consideração a situação especial do professor. A tendência é de considerá-lo como simples funcionário de empresa. Não podemos acusá-lo por ser vítima do ilogismo de um século de pragmatismo agudo. Mas também não podemos esconder a situação em que exerce a mais melindrosa das profissões. Temos de concluir que a concepção do educando nas escolas atuais é inferior e mais opaca do que a das tribos.

Mas na Pedagogia não pode ser assim. Por mais incapaz ou rabugento que seja o professor, se acaso interessar-se pelos estudos pedagógicos, passará a ver o aluno com olhos radioscópicos. Vê-lo-á por dentro e não apenas por fora. Perceberá que o aluno não é um simples grão de milho no moinho. Que

ele possui aquela *realidade subjetiva individual* de que trata Hubert. E que essa realidade é mais importante do que a sua aparência exterior, do que a sua posição social, do que o seu comportamento na classe ou nos estudos. Descobrirá o mundo estranho, maravilhoso e complexo do ser, esse mistério oculto e disfarçado sob a máscara ou as máscaras impostas pelas injunções sociais. E então, talvez, será mesmo possível que compreenda a lição evangélica do amor aos semelhantes e até mesmo a do amor aos inimigos.

Vemos assim uma das diferenças mais importantes e significativas entre Educação e Pedagogia. O mundo das idéias, como ensinava Platão, está para o mundo da realidade prática como a planície iluminada de sol e cheia de vida está para a caverna escura e cheia de escravos acorrentados. As mais belas idéias se desfiguram e perdem todo o encanto ao cair na rotina da vida prática. As teorias são feitas de idéias e muita gente as despreza por isso. Mas são as idéias que regem o mundo, que orientam o nosso comportamento, que mantêm a nossa alegria e o nosso bem estar ou nos precipitam no tédio, na exasperação e no desequilíbrio. A concepção pedagógica do educando, por mais realista que seja, pertence ao mundo das idéias e se eleva muito acima da concepção educacional. Sim, por mais realista, pois na verdade ela deve e precisa ser realista. Não é o realismo das coisas que as deforma aos nossos olhos, é a nossa incapacidade de vê-las na sua realidade plena, a limitação sensorial que nos prende no plano das aparências.

Na Pedagogia Espírita a concepção real do educando vai muito além da concepção pedagógica habitual ou comum. A primeira e mais simples definição do educando que ela nos dá provoca um choque e muitas vezes uma repulsa dos que a recebem: *O educando é um reencarnado*. Hoje o problema da reencarnação não pertence mais às crenças ou religiões antigas. Tornou-se objeto de investigações científicas cada vez mais sérias e profundas, mesmo entre os materialistas ideológicos do mundo marxista. Mas, apesar disso, particularmente nos meios universitários, há muita gente que o considera como simples superstição de um passado remoto. Mas a verdade é aquilo que é, realidade em si mesma, e por mais que a repilam continua presente, num desafio constante. Podemos contorná-la como quisermos, disfarçá-la com os mais belos adornos, cobri-la dos mais feios epítetos. Ela continua ali e acaba se impondo.

O educando é um reencarnado — e isso provoca uma revolução, põe abaixo o mundo das hipóteses e dos sistemas contrários, provoca a ira dos teólogos, assombra os pedagogos e os educadores que cochilam há anos ou séculos sobre o leito bem arrumado das suas verdades feitas. O choque os faz saltar da cama e protestar contra a realidade absurda. Como?! Então uma criança inocente, ingênua, que abre os seus olhos para o mundo pela primeira vez, que aprende aos poucos as ciências do mundo, já viveu numa existência anterior, foi adulta, aprendeu muitas coisas e esqueceu-as todas? Esta menina alegre, de olhos vivos, de sorriso espontâneo, pode ter sido uma criatura maldosa? Este menino esperto e de inteligência vivaz pode ter sido um professor rabugento em passado distante ou até mesmo em passado próximo? Essa afirmação de que o educando é um reencarnado é uma heresia pedagógica!

Mas não é. A Pedagogia Espírita se apóia em bases científicas como todas as Pedagogias. Seus pressupostos já se tornaram princípios confirmados

pelas pesquisas científicas. Por sinal que não eram pressupostos, eram verdades comprovadas pela pesquisa espírita mas refutadas com argumentos — não com pesquisas, mas com palavras — pelas Ciências positivas, o que é positivamente uma atitude contrária ao próprio espírito científico. É preciso, pois, encarar a realidade nova, por mais estranha ou absurda que pareça. A pedra fundamental da Pedagogia Espírita está lançada e não podemos retirá-la: *O educando é um reencarnado.*

A primeira conseqüência dessa constatação, apesar do susto geral, não é tão assustadora assim. A *maiêutica* de Sócrates, a *reminiscência* de Platão, a teoria dos *períodos sensíveis* da Dra. Montessori, a audaciosa posição de Hubert já abriram caminho na Pedagogia para uma possível compreensão de que a criança não é a *tabula rasa* dos empiristas ingleses, mas alguém com vontade própria, temperamento específico, aptidões inatas e uma inteligência provida de recursos que podem aflorar à *mente de relação* quando nos servimos de métodos adequados na prática educacional. A criança não é tão inocente, tão ingênua e tão desprovida de recursos culturais e até mesmo de idéias, como parece. Lembramos a insistência do Prof. Humberto Mariotti na necessidade de elaborar-se uma *teoria aparential da criança*. É afirmação de Kardec de que a criança *aparece no mundo vestida com a roupagem da inocência*.

A Pedagogia Espírita considera o educando como um espírito que volta à vida terrena, depois de várias existências anteriores, trazendo um vasto acervo de experiências negativas e positivas na sua *mente de profundidade*, resultados de uma série de vivências materiais e espirituais. Ao mesmo tempo, traz, em forma de vetores psíquicos, as tendências vocacionais e as orientações morais que devem aflorar à sua *mente de relação* na medida em que forem sendo suscitadas pelas circunstâncias, as ocorrências, os estímulos da vida atual. Traz ainda os *instintos espirituais* a que Kardec se refere, espécies de dispositivos de segurança que devem socorrê-lo nos momentos de crise e de dificuldades. Esses *instintos* manifestam-se às vezes como o que vulgarmente se chama *a voz da consciência*, agindo tanto como freios, forças inibidoras, alertas para a fuga ou a reação diante do perigo moral, como no sentido de impulsos estimulantes e energias de sustentação nos momentos de provações. Além disso, sobrepairando a todo esse esquema oculto, traz a idéia de Deus impressa em sua consciência *como a marca do obreiro na sua obra*, segundo a bela expressão de Descartes, e a *lei de adoração* em sua afetividade para guiá-lo em seu impulso natural de transcendência.

A *mente de relação* do educando está condicionada por um cérebro novo, semelhante a um disco virgem, que não foi gravado por nenhuma das experiências do passado. Essa a *tabula rasa* dos empiristas apegados à interpretação materialista do homem. Mas hoje, que a *memória extracerebral* se comprova cientificamente, é fácil compreendermos que esse *disco virgem*, ao receber as primeiras gravações da memória atual, deve provocar o afloramento de experiências semelhantes da *memória de profundidade*, que também se gravam como acréscimos na *mente de relação*. E essa uma lei mental conhecida, a de associação de idéias ou de emoções. Por isso, na proporção em que a criança se desenvolve, em que o jovem se forma, as experiências da vida atual se enriquecem com os acréscimos provindos do inconsciente.

A explicação do gênio — diz Myers — nos é dada por essa dinâmica do psiquismo, na invasão constante de correntes mentais e emocionais do inconsciente na área do consciente. As pesquisas de Myers, Henry Sidgurick e Edmond Gúrney resultaram na publicação da obra *A Personalidade Humana (The Human Personality)*, em fins do século passado, e hoje se confirmam nas investigações da Psicologia Profunda e da Parapsicologia. Essa realidade comprovada do dinamismo do inconsciente e suas relações com o consciente levou o Prof. Raikov, da Universidade de Moscou, a iniciar a pesquisa da memória extracerebral para explicar os estados psicológicos de perturbação do comportamento em numerosos pacientes. A Ciência Soviética, apesar de seu materialismo aparentemente irredutível, teve de enfrentar o desafio da reencarnação, na esperança de superar pelas provas científicas o desafio da *velha superstição*. Hoje, informou-nos pessoalmente o Prof. Hamendras Nat Banerjee, da Universidade de Rajastan, na Índia, que visitou recentemente a Rússia em missão científica, mais de duzentos cientistas soviéticos se empenham nessa pesquisa.

Não se pode desprezar, no campo dos estudos pedagógicos, esse dado fundamental sobre as estruturas psíquicas e mentais do educando. A Pedagogia Espírita, que antes encontraria a barreira dos preconceitos culturais e religiosos contra essa colocação do problema, tem hoje o terreno arroteado à sua frente. Mas não se detém nesse ponto a revolução espírita na Educação e na Pedagogia. A esse dado substancial devemos acrescentar os dados sobre o processo telepático, provindos de pesquisas intensivas nos principais centros universitários do mundo, e os dados mais recentes da pesquisa tecnológica sobre a gravação de vozes paranormais em fitas magnéticas de gravadores comuns. A mente de relação do educando é também um receptor de correntes telepáticas provindas de duas fontes naturais: as mentes humanas da Terra e as mentes espirituais do mundo de após morte. Essas correntes agem segundo a lei de sintonia e exercem não raro influência decisiva no comportamento humano. Mas é possível controlar-se esse processo, disciplinar a sua manifestação, impedindo-se os transtornos mentais, os desvios de comportamento, e orientando-se os indivíduos no controle pessoal que devem exercer.

As Pedagogias que se recusam a tomar conhecimento dessas descobertas estão praticamente superadas: Não correspondem mais às exigências da cultura atual. Tinha razão o Prof. Denizard Rivail, discípulo e continuador francês de Pestalozzi, quando *no interesse da Educação e da Pedagogia* resolveu investigar os fenômenos paranormais. Sua tese era a de que nenhum pedagogo consciente de suas responsabilidades pode desinteressar-se das novas descobertas que se fazem, no campo das Ciências, sobre a natureza do homem, que é o objeto da Educação. Para educar, segundo sustentava, precisamos conhecer o mais profundamente possível a natureza do educando. Um século depois da sua batalha de quinze anos contra os conservadores, sua tese se confirma em nossos dias e a Pedagogia Espírita se impõe como uma exigência do desenvolvimento cultural do nosso tempo.

Essa exigência se redobra quando lembramos que estamos no limiar da Era Cósmica. A conquista do Espaço Sideral exige dos astronautas não apenas os equipamentos técnicos, mas também o desenvolvimento de seu equipamento natural de percepção extra-sensorial. O instrumento mais neces-

sário, por enquanto, desse equipamento, é precisamente a telepatia. As experiências telepáticas à distância provaram que o pensamento é a única forma conhecida de energia que não se submete ao condicionamento espaço-temporal, nem à lei de gravidade e não respeita nenhuma espécie de barreiras físicas. O único instrumento de comunicação que pode atender às necessidades da conquista do espaço é a telepatia. O astronauta Mitchel, da Apollo 14, dos EUA, realizou experiências bem sucedidas de transmissão de pensamentos da Lua para a Terra. Nessa distância é possível a comunicação pelo rádio. Mas quando a nave espacial se encontra na face oculta da Lua o rádio não consegue vencer a barreira física daquele corpo celeste. Quando as naves penetram nas profundidades do Cosmos, atingindo grandes distâncias, o rádio também deixa de servir. Mas outros instrumentos, como a precognição (visão do futuro) a clarividência (visão à distância e através de corpos opacos) são importantes para as viagens cósmicas. O astronauta terá de ser um homem dotado de percepção extra-sensorial e de possibilidades mediúnicas para ser socorrido e orientado, quando necessário, pelas entidades espirituais.

Não é sintomático que a conquista do espaço tenha se iniciado juntamente com o desenvolvimento das pesquisas parapsicológicas? E não é evidente que a Pedagogia terá de modificar as suas bases em face desses desafios agressivos do nosso tempo? Mas o que consideramos providencial é que a Educação Espírita tenha se iniciado também, de maneira explosiva, nesta época e no Brasil, país que, segundo as profecias espirituais, tem a missão de liderar a nova civilização terrena. Cabe à Pedagogia Espírita abrir as novas perspectivas exigidas pelo nosso tempo no campo da Educação e da Pedagogia. Só uma Pedagogia dotada desses dados científicos recentes, e apoiada numa tradição espiritual de pesquisas e descobertas de tipo científico nesse terreno, está em condições de aceitar e responder positivamente aos desafios desta fase de transição. Mas como cumprir essa tarefa, se não dispuser de trabalhadores intelectuais dispostos à abnegação de lutar contra as correntes opostas e colaborar com firmeza e entusiasmo na nova construção pedagógica?

Resta saber quais os métodos a seguir para que a Educação Espírita possa reorientar o processo educacional nos termos das exigências atuais. Ainda para isso dispomos da experiência do ensino doutrinário, da prática mediúnica através de mais de um século, das observações efetuadas sobre os processos de desenvolvimento das faculdades paranormais e das formas possíveis de educação mediúnica. Todo esse acervo de experiências objetivas é acrescido pelas contribuições recentes de obras psicografadas que tratam dos mecanismos da mediunidade e de obras de pesquisadores espíritas, cientificamente categorizados, sobre os mecanismos cerebrais que correspondem a esses processos mentais. E dispomos ainda do acervo já bastante significativo das pesquisas parapsicológicas nesse campo. Reunindo esses dados e conjugando-os numa elaboração de métodos específicos, a Pedagogia Espírita está em condições de balizar os caminhos da profunda renovação educacional e pedagógica que ora se impõe.

Como vimos, a experiência espírita mostra que o problema das novas dimensões do educando não se resume às suas faculdades individuais. Há um problema de relações extra-sensoriais e de comunicação a ser enfrentado. A

Sociologia, que até agora se fechou no círculo da Sociedade corporal (segundo a expressão de Kardec) sente-se convocada a alargar o âmbito de suas investigações e ampliar a sua concepção do *fato social*. Esse *objeto* de Durkheim revela-nos a sua face oculta, como a da Lua, ampliando as suas dimensões. Temos de enfrentar a questão da Para-sociologia, que tratará das relações do homem terreno com o homem espiritual. As gravações de vozes paranormais oferecem-nos o meio tecnológico de comprovar as pesquisas espíritas e de controlar essas manifestações.

Encarar o educando, segundo propõe Mariotti, como um ser palingênico; determinar os graus de evolução mental e espiritual em que ele se encontra; testar e comprovar as suas tendências vocacionais; encaminhá-lo aos cursos correspondentes a essas indicações inatas das suas tarefas nesta encarnação; traçar um roteiro de economia vocacional a ser aplicado nas escolas; estudar o problema dos estímulos ambientais de Montessori para adaptação às novas condições pedagógicas; renovar os textos escolares de todos os graus de ensino, na proporção possível, mas com decisiva continuidade nesse esforço; promover cursos de adaptação dos professores ao novo sistema; renovar os processos de administração escolar, estabelecendo o princípio de maior respeito pelas atividades educacionais dos mestres; desenvolver relações mais íntimas e constantes entre a escola e o lar — são essas, ao que nos parece, as medidas a serem tomadas progressivamente.

A Pedagogia Espírita tem de ser eminentemente vocacional. Porque o problema das tendências inatas corresponde às exigências da própria evolução do espírito e portanto ao seu próprio destino na presente encarnação. Além disso, as tendências vocacionais significam muito no desenvolvimento das sociedades humanas e da economia social. Os prejuízos decorrentes do desajuste de milhões de indivíduos na sociedade atual, engajados em atividades que não correspondem às suas habilidades naturais, constitui um desperdício incalculável de tempo e dinheiro, que seria evitado pelo simples encaminhamento de cada indivíduo ao seu lugar certo no campo das atividades sociais. Por outro lado, esse ajustamento educacional representaria grande economia de energias, poupança de esforços para a realização de tarefas por profissionais oficialmente habilitados mas pessoalmente incapazes, e evitaria a perda enorme de tempo e de recursos exigida pelos desgastes e doenças provenientes da inadaptação ao trabalho. No plano moral haveria também enorme economia de bom ânimo, boa disposição, condições de otimismo e entusiasmo no trabalho, que a situação atual não proporciona.

Não são as escolas espíritas que vão promover essas transformações. Mas são elas que abrem hoje essa oportunidade de ampliação das dimensões pedagógicas, segundo a ampliação natural que ocorre nas dimensões da nossa cultura e no conceito do educando. E é graças a elas, as escolas espíritas, que a Pedagogia Espírita poderá abrir essa nova perspectiva no plano pedagógico. Não pretendemos que a Pedagogia Espírita domine o mundo, mas apenas que ofereça ao mundo essa visão renovadora da Educação e do educando. As grandes transformações culturais não se fecham nunca num determinado círculo. No conjunto estrutural de uma Sociedade e de uma Civilização cabe às vezes a uma corrente de subestrutura, como aconteceu no advento do Cristianismo, a missão de abrir o caminho novo.

A ampliação das dimensões da Sociologia implicará a renovação inevitável das Religiões estáticas (segundo o conceito de Bergson) e abrirá a possibilidade de uma unificação conceptual no campo religioso. É assim que o conceito espírita do educando se converte no pivô de um movimento de transformações substanciais do nosso mundo, preparando-o para uma fase de maior compreensão humana em que a *solidariedade de consciências*, prevista por Hubert, poderá efetivar-se na utópica *República dos Espíritos*. Os estudos de Mannheim sobre ideologia e utopia já nos mostraram a função orientadora das utopias no plano social e cultural. A utopia de Hubert corresponde à do Cristianismo, referente à implantação ao Reino de Deus na Terra.

Vemos assim que tudo se encadeia nesse processo histórico que se desenvolve há dois mil anos em nosso planeta. Kardec, o educador, o pedagogo, lançou as bases da Filosofia Espírita, da qual surgiria forçosamente a nova Pedagogia na hora precisa, no momento em que por todos os lados sentimos alvorecer a era nova. As condições de desajuste educacional do nosso tempo forçaram o aparecimento das escolas espíritas, como uma forma exequível de solução para a crise. E dessas escolas, ainda indiferentes ao problema, surge a possibilidade, em forma de necessidade urgente, dos esforços para a elaboração da Pedagogia Espírita. Tudo depende de muito trabalho, mas a evolução terrena é trabalho dos homens.

O educando excepcional

O problema do educando excepcional vem sendo tratado com a devida atenção e através das técnicas modernas no meio espírita. Há eficientes instituições especializadas, como o Instituto Nosso Lar, em São Paulo, dirigido pela Sra. Nancy Pullmann de Girólamo, especialista em enfermagem e particularmente nesse campo. Essa instituição não se limita à prática da recuperação, mas desenvolve intensa atividade na realização de cursos dados por especialistas, tanto para o aprimoramento e atualização dos seus quadros de trabalho, quanto para a formação de novos elementos na especialidade. Notável por sua amplitude e seus fins são as Casas André Luiz, que se aplicam ao tratamento dos casos crônicos e irrecuperáveis.

O Espiritismo nos leva a encarar esse problema com profundo interesse, como acontece nos casos de psicopatia em geral, pois o conceito espírita a respeito abrange a questão das influências espirituais, só agora em estudo no plano científico-terapêutico, graças às pesquisas parapsicológicas. Em alguns dos trinta Hospitais Psiquiátricos Espíritas filiados à Federação dos Hospitais Espíritas do Estado de São Paulo, como acontece no de Araras, foram criadas seções especiais para o tratamento de crianças e jovens.

À maneira do que ocorre no campo da Psicopatologia, no plano educacional e pedagógico o Espiritismo tem sua contribuição a dar. O problema do excepcional, como o do deficiente físico, insere-se na dinâmica da lei de ação e reação, implicando conseqüências *cármicas* além das implicações propriamente mediúnicas. Um distúrbio mental pode ser explicado, aparentemente de maneira perfeita e completa, pelas hipóteses e teoria psicoterapêuticas. Mas, como acentua Ehrenwald, entre as suas causas pode figurar, ou pode mesmo preponderar o fator telepático, seja de origem humana, espiritual ou de ambas em conjugação. Os exemplos da clínica psiquiátrica de Karl

Wickland e os da clínica psicanalítica de Ehrenwald são confirmados por centenas de ocorrências semelhantes nos hospitais espíritas e pelos exemplos dados em seus livros pelo médico espírita Ignácio Ferreira, do Sanatório Espírita de Uberaba, em Minas Gerais.

A Pedagogia Espírita, graças ao seu conceito específico do educando, é a única atualmente em condições de enfrentar em profundidade o problema do educando excepcional, na linha das conquistas científicas do nosso tempo. As novas dimensões culturais abertas por essas conquistas exigem dos que tratam do assunto uma tomada urgente de contato com a problemática espírita. Por outro lado, as escolas espíritas têm um papel fundamental e pioneiro a desenvolver nesse terreno, o que bastaria para justificar a existência dessas escolas, não fossem as justificativas mais amplas e gerais que já expusemos. Podemos mesmo afirmar que no trato desse grave problema a concepção espírita representa uma revolução de conseqüências ainda imprevisíveis.

A designação genérica de *excepcional*, usada atualmente para todos os casos de exceção, justifica-se no plano convencional, mas do ponto-de-vista metodológico não nos parece acertada. As diferenças específicas entre os excepcionais deficientes e os de ordem evolutiva são demasiado significativas para permitirem essa classificação única. Os primeiros são deficientes e os segundos são superdotados. O normal, como assinala Hubert, é mais uma classificação de tipos médios do que de um tipo precisamente definido. Abaixo do normal estão os deficientes, bem caracterizados por sua condição patológica, mas os que estão acima do normal revelam uma condição superior que não comporta a suspeição de anormalidade. Precisamente para evitar as confusões do passado nesse terreno Myers criou o termo *paranormal*, hoje vulgarizado pela Parapsicologia. A teoria lombrosiana do gênio como portador de um desequilíbrio constitucional, pelo desenvolvimento exagerado do intelecto, está decisivamente rejeitada a partir das pesquisas geniais de Myers e pelas atuais revelações das pesquisas parapsicológicas. No Espiritismo essa teoria de Lombroso é rejeitada pela teoria da evolução espiritual do homem e pelas pesquisas de Kardec sobre os idiotas, provando que as deficiências mentais decorrem de desajustes no paralelismo psicofisiológico das funções cerebrais.

Essas pesquisas de Kardec estão hoje confirmadas pelas pesquisas parapsicológicas, através das quais especialistas contemporâneos demonstraram que no campo de *psi*, ou seja, da fenomenologia paranormal, a capacidade de percepção extra-sensorial dos deficientes mentais é a mesma das pessoas normais. A teoria de Rhine sobre a natureza extrafísica da mente, que Vassíliev tentou improficuamente refutar através de suas pesquisas na URSS, atualiza no campo científico dos nossos dias a teoria espírita e as conclusões experimentais de Kardec. Por outro lado, os debates sobre a natureza residual ou transcendente das *funções psi* no homem foram resolvidos pela maioria absoluta dos investigadores mais representativos a favor da transcendência. A teoria residual apoiava-se no fato de os animais possuírem *funções psi*. Pretendia-se que esse fato provasse serem essas funções um resíduo animal do homem. A tese vitoriosa é a que considera essas funções como um novo passo na evolução humana, segundo Myers já demonstrara em suas pesquisas. Só os materialistas soviéticos e alguns ramos sistemáticos da Parapsicologia,

como o de Robert Amadou, na França, condicionado pela concepção católico-tomista, e o "de Emílio Servadio, na Itália, condicionado pela concepção materialista, insistem ainda na sustentação da tese superada. Querer reduzir uma faculdade humana superior, que amplia as possibilidades de percepção do homem de maneira a adaptá-lo às exigências da pesquisa cósmica é evidente absurdo que só o esquematismo rígido de uma posição dogmática pode explicar.

"Para mim — diz Myers — o gênio é uma potência que permite ao homem a utilização em medida maior de suas faculdades inatas e submeter os resultados do processo mental subliminar à corrente supraliminar do pensamento". Como se vê por essa declaração, o gênio é um homem cuja evolução espiritual lhe permite maior flexibilidade nas relações entre a *mente de relação* e a *mente de profundidade*. Mas, para evitar interpretações errôneas e absurdas, como a que hoje é difundida entre nós por um sacerdote travestido de parapsicólogo, Myers acrescenta: "Não se pense que estou afirmando a superioridade intrínseca do *subliminar* em relação ao *supraliminar*. O que digo é que o homem de gênio representa o tipo acabado do homem normal pela sua possibilidade de utilizar mais elementos de sua personalidade do que o homem comum." Essa distinção entre o *comum* e o *normal*, feita por Myers, baseia-se numa precisão metodológica que contrasta com a falta de precisão da aplicação generalizada do termo *excepcional* que hoje se faz.

O inconsciente não é genial, não é um sábio, como afirma o sacerdote em defesa de sua posição religiosa. Mas é a parte de nossa consciência que guarda os resultados das experiências de vidas anteriores. Estes resultados afluem ao consciente quando o espírito mais evoluído que o comum os evoca por meio da lei de associação de idéias e emoções. No homem comum também ocorre isso, mas as condições medianas de desenvolvimento em que se encontra não lhe permitem lampejos de gênio. A *mente de relação* é superior ao inconsciente porque nela residem, acentua Myers, *os centros superiores que presidem aos nossos pensamentos mais complexos e à nossa vontade*. É, por assim dizer, a cabina de controle de nosso comportamento e das nossas atividades. O gênio resulta do aprimoramento dessa cabina, que permite ao homem superior utilizar-se racionalmente dos arquivos do inconsciente e das percepções extra-sensoriais captadas por este. De nada adianta ao homem comum, e menos ainda a um deficiente mental, captar pelo inconsciente percepções superiores que não pode assimilar no consciente e traduzi-las ou aplicá-las em suas reflexões. O excepcional evolutivo, ou *superdotado*, mesmo que não tenha atingido as alturas do gênio, poderá utilizá-las.

Examinemos o que pode fazer a Pedagogia Espírita a favor do *educando excepcional*, nas duas categorias mencionadas:

Deficientes mentais — Quando tratamos desta categoria estamos em face de casos de provação ou expiação. Má aplicação da inteligência no passado, utilização do raciocínio para confundir o próximo ou fraudá-lo, excesso de arrogância mental ou de vaidade, desperdício consciente de oportunidades de aplicação da mente no bom sentido, aquisição de conhecimentos para uso exclusivo, exercício de profissões intelectuais para simples obtenção de fortuna, utilização de invenções ou descobertas para aniquilamento de adversários e assim por diante. Os casos de provação são sempre mais benignos, os

de expiação mais pesados e torturantes. Há também os casos de suicídios com destruição do cérebro, que geralmente redundam em desequilíbrios mentais determinando alterações negativas na formação do novo cérebro no processo de reencarnação.

Em todos esses casos temos não só as alterações endógenas, produzidas pelas perturbações da consciência do reencarnante, mas também as subsequentes perturbações exógenas, provocadas por influências de espíritos vingativos. Essa categoria, portanto, requer o auxílio da terapêutica espírita em profundidade e em extensão. A Pedagogia Espírita indica providências conjugadas de três espécies:

1a.) Sujeição do educando a processos de recuperação possível, segundo os métodos comuns da psicoterapêutica, visando ao restabelecimento de coordenações motoras, verbais e racionais. Tratamento mediúnico através de preces e passes, acompanhado de exortações morais e espirituais de orientação evangélica, visando ao despertar das energias da consciência e da afetividade. Esse tratamento deverá ser feito em instituições espíritas especializadas ou em Centros e Grupos dotados de experiência e recursos mediúnicos adequados.

2a.) Sujeição do educando a trabalhos de desobsessão, para o afastamento progressivo das entidades vingativas, através de doutrinação. Esse processo deve ser acompanhado de orientação dos familiares para que mantenham no lar um ambiente de amor e compreensão, não só com referência ao educando mas também no tocante aos seus credores invisíveis. Necessário lembrar aos familiares que não devem nunca emitir pensamentos de repulsa agressiva às entidades obsessoras, que precisam do mesmo amor dedicado ao obsedado. Os obsessores são vítimas do passado e que agora se converteram em algozes. Sofrem tanto quanto o obsedado, ou talvez mais, permanecendo numa faixa vibratória inferior que os submete à ação de entidades ignorantes e perversas. A situação infeliz dos obsessores foi determinada pela ação consciente do obsedado no passado, que é portanto o responsável pela situação em que eles ainda se encontram. A compreensão desse princípio pelos familiares é de importância capital no tratamento.

3a.) A escola espírita, em suas classes de deficientes mentais, deve manter um ambiente estimulador, arejado e puro, mas desprovido de aparatos excessivos. Um vaso de flores é sempre um elemento benéfico. O professor ou professora deve ter curso de especialização para essa forma de ensino e conhecer a Doutrina Espírita em seu aspecto racional, de maneira a não criar nenhuma espécie de mística religiosa no trato dos alunos. Harmonizando as técnicas de ensino para excepcionais das escolas leigas com a orientação moral espírita, obterá maior eficácia no emprego dessas técnicas. É indispensável o aumento de cursos especializados para professores espíritas, sempre mantidos numa linha de orientação científica atualizada.

Submetido assim o deficiente mental a um sistema tríplice de tratamento, podemos esperar bons resultados. Mas é bom não esquecer que estamos diante de casos cármicos, a fim de não esperarmos resultados maiores do que os possíveis em situações dessa espécie. A provação e a expiação, como sabemos, são suscetíveis de abrandamento quando as tratamos com amor e

compreensão. Claro que os casos passíveis de escolaridade já revelam possibilidades favoráveis. Mesmo assim não podemos exagerar em nossas esperanças. Sabemos que o mal a que estão sujeitos é o próprio remédio de que espiritualmente necessitam, mas sabemos também que a justiça divina é temperada com a misericórdia.

Nenhum desses casos prescinde dos cuidados médicos que vão do diagnóstico às prescrições do tratamento necessário e à vigilância constante do processo de recuperação. Evidente que o ideal é sempre a orientação de um médico espírita especializado, capaz por isso mesmo de compreender e avaliar o caso em seus vários aspectos. Hubert estabelece uma distinção entre o que considera atraso mental patológico e o que chama de simples retardamento mental produzido por educação mal orientada, ambiente desfavorável no lar e desarranjos ou acidentes no desenvolvimento da inteligência, da vontade e da afetividade. De um ponto-de-vista espírita essa diferenciação não tem grande importância, pois muitas vezes os casos patológicos diagnosticados e considerados incuráveis resolvem-se facilmente com o afastamento da entidade causadora que escapou à visão médica. Estas incidências entretanto não justificariam a negligência na orientação médica necessária de todos os casos, de vez que não somos apenas espírito, mas vivemos no corpo.

Os superdotados — O fato de um educando apresentar-se como superdotado intelectualmente, com elevado QI, não o livra de sofrer distúrbios mentais e emocionais. Se assim pensássemos, cairíamos no outro extremo da posição errada em que se encontram os que consideram que *a muita inteligência desequilibra a criatura*. A inteligência nunca é excessiva, pois a verdade é que o nível mental da Terra ainda é muito baixo. A maioria da humanidade terrena dispõe de poucas luzes. Mesmo as chamadas elites culturais apresentam triste espetáculo no tocante à inteligência. Estamos muito distantes de poder enfrentar exageros de desenvolvimento intelectual. Como assinalou Kardec, os homens mais notáveis e considerados senhores de elevado padrão mental são em geral tão pueris que chegam a desprezar fatos evidentes porque contrariam os seus pontos-de-vista ou procedem de fontes que eles consideram inferiores. No próprio meio espírita a crise de inteligência é grande e a preguiça mental, como escreveu Bittencourt Sampaio numa mensagem psicografada, é a grande responsável pelo nosso exíguo desenvolvimento doutrinário.

Inteligência de sobra só existe em relação a esse ambiente negativo. Na realidade os homens mais inteligentes, chamados gênios, foram sempre sacrificados ou desprezados, pois o que impera em nosso mundo é a mediocridade aventureira e parlapatana. Por causa desta, que domina e aparece, criou-se a lenda dos desequilíbrios por excesso de inteligência. Pitkins teve razão ao escrever a sua *Introdução à Estupidez Humana*. Como acentuou Ingenieros, outro motivo da lenda é o fato de um homem inteligente, quando desequilibrado, se destacar na grande planície da loucura inexpressiva.

A Pedagogia Espírita não pode endossar esse crime generalizado contra a inteligência, que é marca de Deus em nós. Os superdotados, como vimos, são os que, no dizer de Myers, representam o homem normal de uma civilização que ainda está por se completar, que ainda é apenas um esboço do que devia ser. Para os superdotados a Pedagogia Espírita deve exigir condi-

ções especiais de formação intelectual e moral. Quanto aos desequilíbrios que alguns deles revelarem, é necessário tomar-se providências para os ajudar, sem misturá-los numa classificação genérica absurda e injustificável. O desenvolvimento intelectual é sempre seguido do desenvolvimento da sensibilidade. Sabemos que uma sensibilidade aguda se choca mais intensamente com a opacidade do mundo, segundo a expressão de Sartre. É natural que essa sensibilidade reaja contra a estupidez generalizada e até mesmo leve o superdotado a atitudes que o condenam perante a opinião geral. Até hoje muitas inteligências brilhantes consideram que Jesus foi um louco. Binet Sanglé escreveu um livro científico, transbordante de erudição, *La Folie de Jesus (A Loucura de Jesus)* para provar essa tese. Mas a simples defesa da tese demonstrava a falência da mal orientada inteligência do autor.

Considera-se agora que uma nova raça está surgindo na Terra. Seus expoentes são chamados *mutantes*. Mas infelizmente a maioria dos *mutantes*, que deviam iniciar a mutação da nossa humanidade medíocre, já se apagou no charco da mediocridade generalizada.

Os leitores poderiam perguntar que grande inteligência temos nós para julgar assim a nossa humanidade. Não se trata de inteligência, mas apenas de bom-senso. Descartes demonstrou que o bom-senso *é a coisa mais bem repartida do mundo*. Todos nós possuímos bom-senso e podemos usá-lo quando desenvolvemos um pouco de humildade. O bom-senso nos mostra, a todos os que quisermos ver, a penúria de inteligência em que vive o nosso planeta. A Pedagogia Espírita precisa, por isso mesmo, amparar e defender a inteligência dos superdotados. As escolas espíritas têm o dever de estruturar programas que favoreçam esse desenvolvimento, pois estamos cada vez mais necessitados de criaturas realmente inteligentes, para que o Espírito possa cumprir a sua finalidade.

René Hubert nos propõe a tese neokantiana do Relativismo Crítico sobre o desenvolvimento da consciência. Parte do ensaio de Octave Hamelin sobre os *elementos principais da representação*. Não vamos examinar a tese mas tentar aplicá-la à solução do nosso problema. Hamelin deu novo sentido à dialética, tirando-lhe o aspecto agressivo de luta dos contrários. Hubert a transforma num instrumento de ação pedagógica, para explicação e orientação do desenvolvimento da consciência. Esse desenvolvimento é o processo mesmo da Educação em nossa vivência no mundo e nos mostra de maneira clara *como* a vida nos proporciona o domínio de toda a realidade exterior através da evolução do Espírito. Vamos tentar expor em forma resumida esse vasto processo.

Em primeiro lugar temos *a consciência teórica* que nasce de nossa relação com o mundo. Somos o sujeito e o mundo é o objeto. Captamos a realidade exterior e a interiorizamos na formulação das categorias da razão. Essas categorias são a nossa própria experiência das coisas. Assim, a experiência nos dá a mundividência ou visão do mundo. Mas a relação sujeito-objeto se transforma em nossa consciência na recriação do mundo em nós mesmos e, por isso, na recriação de nossa própria consciência, que se refaz na relação com o mundo. O mundo opaco de Sartre, esse objeto obscuro, misterioso, torna-se transparente ao ser recriado em nossa consciência em forma de re-

apresentação. Desaparece a relação e ao mesmo tempo a contradição sujeito-objeto, pela fusão de ambos na consciência.

Dessa maneira, a representação do mundo em nós não é um simples decalque da realidade exterior, mas uma absorção e assimilação do real. O saber deixa de ser informação e coleta de dados para ser vivência. A consciência teórica, ao formular a Teoria do Mundo, reformula a sua própria posição diante do mundo e identifica-se a si mesma com a realidade.

Esta identificação inicial produz o que Adolfo Ferriere chamou de *refundição da personalidade*. Modifica-se ao mesmo tempo a visão objetiva do mundo e a nossa visão subjetiva de nossa própria capacidade de ação no mundo. Compreendemos assim o mecanismo oculto da tese de Renouvier sobre o *aprender fazendo*. Não basta ler e ouvir, é preciso fazer.

Com isso passamos à *consciência prática*, introduzindo-nos pela vontade na ordem dos fenômenos. Manejamos as coisas e os seres, reconstruímos o mundo através da Ciência e da Técnica. A Ciência nos foi dada pela *consciência teórica*, a prática nos leva à atividade da consciência, não mais como simples experiência, mas como recriação. Recreamos o mundo e com isso recriamos a nós mesmos. Desencadeamos o tempo e descobrimos a duração. O futuro se descortina ante nós e mostra-nos outra ordem de coisas, além da ordem estática, dada pelo presente. É a ordem das coisas por fazer, a ordem do possível. Tornamo-nos co-criadores de Deus. Assim a *consciência prática*, nossa consciência de agir e de poder agir incessantemente, no tempo com seus limites e na duração ilimitada, desperta em nós o dever e a necessidade da ação, que por sua vez exige normas de ação e de conduta, despertando o senso moral.

É nesse momento que atingimos a *consciência estética*, síntese final da dialética da consciência. A captação *estésica* do mundo, essa percepção da realidade exterior através dos sentidos, transformou-se em nós numa representação total da realidade do mundo e da nossa própria realidade interior. A *estesia* se define então como um encontro por nós, no mundo, da nossa própria aspiração de ser. A sensação nos levou à razão, esta nos conduziu à moral e esta nos abriu, através da ação e da reflexão, o portal do amor. A consciência estética nos reintegra no mundo e este nos aparece como uma manifestação de Deus, pleno de ordem, equilíbrio e beleza. Implantamos o Reino de Deus na Terra e ela se transfigura.

Esta colocação do problema da consciência nos indica os rumos da Educação Espírita e nos fornece os elementos necessários para enfrentarmos o problema atual, cada vez mais acentuado, da escolarização eficiente dos superdotados. Classes especiais terão de ser organizadas para essas crianças e esses adolescentes que se projetam na vanguarda da evolução terrena. Mantê-los em mistura com os menos capazes seria prejudicial, tanto para eles como para os outros. Mas é evidente que os professores para essas classes especiais precisam ser também suficientemente arejados e capacitados. Seus alunos necessitam muito mais de estímulos do que de ensino. Mais uma vez temos de voltar às sugestões do Método Montessori. Mas compreendamos bem: às sugestões e não ao método em si. A teoria ambiental de Montessori nos parece fecunda nesse sentido.

Tratemos ainda, rapidamente, dos deficientes físicos. O conceito espírita do educando nessas condições nos revela um ser submetido a conseqüências dolorosas de vidas pregressas, em geral sujeito à ação negativa de entidades espirituais que lhes dedicam ódio. Os defeitos de que são portadores não decorrem de simples causas físicas, como geralmente se supõe, mas de profundas causas morais. Os traumatismos da consciência culpada repercutiram na formação do corpo ou os conduziram a encarnações na linha hereditária adequada. A Pedagogia Espírita deve indicar à Educação Espírita os meios de socorrê-los e auxiliá-los, educando-os na consciência de sua natureza espiritual. A compreensão de que as deficiências físicas não prejudicam, mas, pelo contrário, servem de corrigendas para o seu espírito, despertando-lhes energias renovadoras em sua consciência, os auxiliará a superar o sentimento de inferioridade e a possível revolta contra a aparente injustiça a que foram submetidos.

A Doutrina Espírita da *responsabilidade individual intransferível* os levará à compreensão de que não foram castigados por Deus nem por qualquer tribunal misterioso. São simples acidentados da evolução, à semelhança dos acidentados do trabalho ou da pesquisa. Sabendo-se dotados de um corpo espiritual, cuja natureza flexível obedece facilmente ao comando da mente e aos impulsos da vontade, aprenderão a controlar os seus pensamentos e as suas emoções no presente, para assegurarem a si próprios a reintegração futura em sua forma normal. Essa compreensão é muito diferente da consolação proporcionada pelas doutrinas religiosas que se limitam a exigir-lhes a submissão à vontade de Deus. A Educação Espírita não objetiva a torná-los simplesmente resignados, mas a transformá-los em elementos conscientes de suas possibilidades nesta mesma existência, onde poderão, pelo desenvolvimento do espírito, superar as deficiências físicas.

Não necessitam de classes especiais e estas só lhes seriam prejudiciais. Devem manter-se nas classes comuns, despertando em suas relações com os demais, pela convivência, a observação e a experiência, a compreensão de que os portadores de físico perfeito são às vezes carregados de deficiências mentais e morais que nunca desejariam ter. Urna espécie de compensação egoísta, mas que a comparação impõe naturalmente e serve também para mostrar-lhes que há na Natureza um princípio imanente de equanimidade.

Todos estes problemas nos revelam a necessidade e a eficácia da Educação Espírita. Sua contribuição em todos os setores do processo educacional prova o acerto dos que fundaram escolas espíritas, espontânea e corajosamente, em nosso país, dando-lhe a liderança na reforma educacional e pedagógica exigida pelas transformações profundas por que passa o nosso mundo.

*

PARA UMA PEDAGOGIA ESPÍRITA

*Tese aprovada pelo III Congresso Educacional Espírita Paulista,
realizado em São Paulo de 23 a 26 de julho de 1970.*

Necessidade e razões

A necessidade de uma Pedagogia Espírita é determinada por duas ordens causais: a Histórica e a Consciencial, como veremos:

1. HISTÓRICA — A Pedagogia é um processo histórico de reflexão sobre a Educação para elaboração de sistemas educacionais cada vez mais consentâneos com as exigências da evolução humana. Por isso, em cada fase histórica aparecem novas formas de interpretação do ato educativo e novos métodos para a sua efetivação.

A Educação é um fato natural, função orgânica de todas as estruturas sociais. Kerchensteiner a define como: "Ato imanente e necessário de todas as sociedades humanas". Precede a Pedagogia, existindo naturalmente por grupos humanos mais primitivos. Mas na proporção em que esses grupos evoluem o desenvolvimento mental dos indivíduos gera a reflexão sobre a maneira melhor de realizá-lo. Dessa reflexão, exigência ao mesmo tempo histórica e consciencial, surge e se desencadeia o processo pedagógico. A Pedagogia é assim a Educação pensada, compreendida e aplicada segundo critérios racionais.

A reflexão pedagógica não é um fato isolado, mas integrado na reflexão geral sobre o mundo e a vida. Para pensar na Educação o homem teve primeiro de pensar no mundo, na vida e em si mesmo. Temos assim um encadeamento histórico mais amplo: a necessidade da Pedagogia resulta da necessidade da cosmovisão, que melhor traduziríamos por mundividência. Essa a razão porque toda Pedagogia é o resultado necessário de uma Filosofia, de uma concepção geral do mundo, do homem e da vida.

O Espiritismo é um sistema conceptual, uma nova concepção geral e portanto uma nova Filosofia que, por isso mesmo, exige uma nova Moral e uma nova Pedagogia. Se concebemos o Todo como espíritas somos naturalmente levados a viver nele como espíritas, adotando as normas morais correspondentes à Doutrina. Mas não somos criaturas isoladas e não queremos a vida somente para nós. Temos filhos, descendência e queremos transmitir a esta a nossa forma de vida. Essa transmissão se faz pela Educação, que em nosso grau de evolução não pode dispensar o tipo de Pedagogia correspondente. Daí a necessidade histórica da Pedagogia Espírita.

2. CONSCIENCIAL — Se no plano fenomênico a Educação é uma exigência vital das estruturas sociais, no plano espiritual (ou nómico) é uma exigência da consciência. René Hubert a define assim: "A Educação é uma ação, mas uma ação exercida por um Espírito sobre outro." E acrescenta: "É um apelo que o Espírito já situado nas esferas superiores da existência dirige a outro que mais ou menos confusamente aspira a chegar até lá."

Esse apelo, que para Kerchensteiner é "um ato de amor", Kant o definiu como um convite ao Ser para desenvolver "toda a sua perfectibilidade possível". As razões da Pedagogia Espírita estão precisamente nessa compreensão do sentido da Educação. A finalidade do processo educativo não é integrar o indivíduo numa sociedade, numa cultura, numa época, mas levá-lo à plena realização das suas possibilidades de perfeição nesta existência.

O Espiritismo é a doutrina da Educação por excelência. Essa doutrina não se contenta com a formação do cidadão, do gentil-homem, do erudito. Ela nos abre as perspectivas do infinito e pretende, como queria Pestalozzi, fazer de uma criatura um espírito universal, preparando-o para a eternidade. Só uma Pedagogia Espírita pode alcançar esses fins da Educação, pois só ela po-

de fundar-se numa Filosofia Geral que representa de maneira completa a realidade do Mundo, da Vida e do Ser.

Por essas razões a Educação Espírita tem necessariamente de ser orientada por uma Pedagogia Espírita.

Natureza e sentido

1. NATUREZA — A natureza de uma Pedagogia, determinada pela sua essência, pelos princípios fundamentais que a informam, decorre sempre da Filosofia Geral, explícita ou implícita, que a originou. A Pedagogia Espírita é a conseqüência natural e necessária da Filosofia Espírita exposta em *O Livro dos Espíritos* e, portanto, explícita em sua formulação doutrinária. Nessa Filosofia se encontra implícita a Pedagogia que teremos agora de desenvolver, em função do próprio sistema escolar espírita que já é uma realidade social e cultural concreta.

No livro básico a Educação figura como o instrumento eficaz de transformação do Mundo, objetivo essencial do Espiritismo. O Mundo em causa não é o planeta em seu aspecto físico, mas o mundo humano, a intrincada rede de relações sócio-culturais em que vivemos em nossas existências terrenas. E é por isso que a Educação se apresenta, como já ocorrera a Sócrates e Platão, como o elemento ativo da transformação. O Mundo é o reflexo do Homem e só a Educação pode transformar o Homem.

O Espiritismo é uma doutrina ética. Seus objetivos morais superam os limites da moralidade terrena, projetando-se no plano ético do Espírito. Assim, a Pedagogia Espírita, que deve ser a teoria geral da Educação Espírita, é de natureza ética. Todos os seus princípios devem convergir para a finalidade doutrinária de transformar o Homem num ser moral capaz de construir um Mundo Moral na Terra.

Segundo grandes teóricos da Educação é esse o objetivo supremo de todo o processo educacional. Veja-se a *perfectibilidade* de Kant, o problema da *natureza humana* em Rousseau, a tese do *destino eterno do homem* em Pestalozzi, a da *solidariedade das consciências* para a realização da *República dos Espíritos* em René Hubert e assim por diante. Dessa maneira, a natureza da Pedagogia Espírita é a mesma da Pedagogia Geral, mas num sentido mais amplo.

2. SENTIDO — A Pedagogia Espírita, como vimos pela sua natureza, busca a integração humana em suas potencialidades totais. Seu objetivo é o desenvolvimento do homem integral. O seu sentido, portanto — em termos de orientação — é humanista. Por isso ela se insere não apenas historicamente, mas também eticamente, na seqüência natural da evolução pedagógica, em prosseguimento ao humanismo rousseauiano e mais proximamente ao humanismo da Pedagogia Filantrópica de Pestalozzi. Mas assim como em Pestalozzi o humanismo de Rousseau se definiu em atividade prática, baixando do olimpo teórico à realidade terrena, assim na Pedagogia Espírita o filantropismo ingênuo de Pestalozzi deverá concretizar-se em normas de formação moral positiva do Homem.

Por que é mais amplo o sentido ético da Pedagogia Espírita, em relação com o das escolas pedagógicas que a precederam? Porque a Pedagogia

Espírita se funda numa visão teórico-prática do Universo e do Homem que não se restringe ao plano fenomênico, não se fecha nos estreitos limites do existencial mas se abre nas perspectivas da dialética pluriexistencial. E também porque a teoria das existências sucessivas se confirma objetivamente na experiência científica, na realidade comprovada da lei natural da reencarnação.

Encarada dessa maneira, a Pedagogia Espírita é simplesmente a especificação pedagógica do processo universal da palingenesia, que abrange todas as formas de metamorfose dos seres do Universo. Assim, a Educação Espírita não é um sistema restrito de escolaridade efêmera, mas a conscientização no homem de todo o vasto e complexo processo de evolução que abrange o Universo.

Implicações pedagógicas

Podemos considerar as implicações pedagógicas da Doutrina Espírita em duas ordens: a Geral e a Particular.

1. ORDEM GERAL — O Espiritismo se apresenta em geral das concepções humanas como o último elo da cadeia de sistemas educacionais da evolução terrena. Essa cadeia se constitui dos sistemas religiosos e filosóficos que educaram o homem na Terra, desde os primórdios do planeta até os nossos dias. Cada Religião e cada Filosofia tem uma função precisa e evidente: educar o Homem, arrancando-o do domínio dos instintos para elevá-lo ao plano superior da razão. É no Espiritismo que esse processo múltiplo se completa e se unifica. As Religiões e Filosofias anteriores procediam pelo método dedutivo-coercitivo, impondo à natureza humana em desenvolvimento os freios da autoridade e do dogma. O Espiritismo recebe o Homem já domesticado e educado pelos sistemas anteriores, com sua razão desenvolvida e aguçada, para lhe oferecer a oportunidade da educação autógena através da compreensão racional da vida. É o mesmo problema da escola antiga com seus métodos didáticos coercitivos substituída pela escola moderna com sua liberdade estimuladora da responsabilidade pessoal.

2. ORDEM PARTICULAR — Na ordem particular da Pedagogia a Doutrina Espírita revela implicações renovadoras. O educando não é mais apenas uma consciência imatura que atende ao chamado de uma consciência madura, não é apenas um ser com potencialidades perfectíveis limitadas pela condição humana na Terra. O educando, perante a Doutrina Espírita, é o *pro-jeto* das concepções existenciais contemporâneas, mas um *pro-jeto* que não se frustra na morte, como pretende Sartre, nem apenas se completa na morte, como pretende Heidegger.

O educando, à luz da Doutrina Espírita, é a *alma viajora* de Plotino que se projeta na matéria como a semente no solo, para voltar enriquecida pela experiência ao mundo espiritual. Assim, o processo educacional espírita deve sintetizar a técnica socrática da *maiêutica*, a teoria platônica da *reminiscência*, a tese geleyana da *evolução psico-dinâmica* e suas corolárias mais recentes na problemática espírita da reencarnação. As implicações pedagógicas da Doutrina Espírita exigem uma Pedagogia realista no campo da realidade palingenésica. Essa Pedagogia deve apoiar-se em técnicas e métodos desen-

volvidos na experiência educacional à luz dos princípios doutrinários do Espiritismo.

O esforço que nos cabe neste momento é no sentido de esclarecer as implicações referidas e ordená-las para a formulação dos princípios e métodos ativos da Pedagogia Espírita.

O problema educacional

Como equacionar o problema da Educação Espírita em termos práticos e objetivos? Temos dois caminhos a seguir:

1. DOUTRINÁRIO - É o caminho do levantamento teórico dos princípios educacionais da Codificação. Sua importância é fundamental. A Codificação nos oferece as linhas gerais da Pedagogia Espírita no plano teórico e valiosas contribuições experimentais, mormente no campo da investigação psíquica. *O Livro dos Espíritos* é a fonte principal da orientação teórica, mas não deixa de oferecer elementos práticos-experimentais como no caso da Escala Espírita, que é um veio precioso de informações psicológicas aplicáveis ao espírito encarnado.

2. EXPERIMENTAL - A fonte prática é mais vasta, abrangendo inicialmente *O Livro dos Médiuns* e a seguir todo o vasto acervo de pesquisas e experiências de Kardec na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. A esse acervo devemos acrescentar as contribuições de pesquisas e experiências dos sucessores de Kardec no plano científico, livros altamente significativos como *A Personalidade Humana*, de Frederic Myers e assim por diante. Além disso devemos levar em conta as experiências educacionais do sistema de ensino espírita em desenvolvimento e realizar novas pesquisas para atualização e enriquecimento do nosso processo educacional.

Contribuições gerais

A PEDAGOGIA GERAL — A Pedagogia Geral oferece numerosas contribuições que não podemos negligenciar. Para a elaboração da Pedagogia Espírita não seria possível esquecermos o trabalho imenso dos que vêm construindo teorias e métodos com base no estudo, na observação e na pesquisa do campo educacional em todo o mundo. A Pedagogia Espírita não pode ser uma espécie de novidade absoluta no campo pedagógico. Já vimos que ela se liga historicamente ao processo geral do desenvolvimento da Educação. O próprio Kardec pretendia escrever uma Pedagogia Geral, como discípulo e continuador de Pestalozzi, que infelizmente não teve tempo de elaborar. Cabe-nos agora enfrentar a tarefa que o mestre deixou por fazer, tanto mais que a realizou em parte na própria Codificação.

TÉCNICAS PEDAGÓGICAS — Existem algumas tentativas de elaboração de técnicas pedagógicas espíritas em escolas atuais. Podemos citar como exemplo o grande e belo trabalho desenvolvido pelo Prof. Ney Lobo no Instituto Lins de Vasconcellos, em Curitiba. As técnicas de Maria Montessori são bastante sugestivas e se ligam por muitos aspectos aos princípios e às aspirações da Pedagogia Espírita. Todos esses elementos terão de ser examinados e aproveitados na medida do conveniente.

CURRÍCULOS — Os currículos escolares exigem também um esforço de adaptação aos fins da Pedagogia Espírita. Apesar dos obstáculos diversos, inclusive os oficiais, há muito que fazer nesse sentido. A aplicação de um sistema de aulas sincréticas, nos moldes do chamado ensino integrado, no Ginásio do Instituto Espírita de Educação, em São Paulo, revelou-se bastante fecundo, dando maior flexibilidade ao currículo oficial e aproximando-o dos objetivos espíritas. Outras experiências nesse sentido abrirão novas perspectivas.

LAICIDADE — Como encarar o problema da laicidade e da democratização do ensino na Pedagogia Espírita? A laicidade surgiu historicamente como exigência de uma época de predomínio das religiões dogmáticas e coercitivas na Educação. A Pedagogia Espírita supera naturalmente esse problema, pois o Espiritismo é uma doutrina aberta e livre. Assim, a democratização do ensino se apresenta como elemento integrante da própria Pedagogia Espírita. Não há nem pode haver, nessa Pedagogia, nenhuma intenção sectária ou salvacionista de tipo restrito. A Pedagogia Espírita não tem por objetivo moldar o educando, mas ajudá-lo a desenvolver suas potencialidades e realizar livremente a sua perfectibilidade.

Roteiro de estudos

Podemos esquematizar assim um roteiro de estudos e pesquisas para a elaboração de uma Pedagogia Espírita:

1. O EDUCANDO — O objeto da Educação é o educando. Na Educação Espírita ele não se apresenta apenas como o educando das concepções comuns. Antes de tudo, ele é um reencarnado. Por isso, além dos estudos biológicos e psicológicos comuns temos de submetê-lo a estudos parapsicológicos e espíritas. Sem conhecermos o educando à luz do Espiritismo não podemos proporcionar-lhe a Educação Espírita. Suas percepções extra-sensoriais, suas faculdades e sensibilidades mediúnicas, suas orientações conscienciais provindas do passado são elementos importantes para o seu reajustamento psicológico na presente existência e sua reorientação educativa. Daí a necessidade de estudos para a elaboração da Psicologia Evolutiva Espírita, abrangendo a criança e o adolescente. Essa Psicologia já tem as suas bases na Doutrina Espírita, mas encontra, agora, o amparo científico e as contribuições experimentais da Parapsicologia.
2. O EDUCADOR — O ato educativo é sempre, como assinalou Kerchensteiner, uma relação de consciências. Se o educando é o objeto da Educação, o educador é o instrumento ativo de que a Educação se serve para atingi-lo. Impõe-se o estudo das condições necessárias do educador espírita numa conjugação das contribuições profanas com os elementos doutrinários. Os estudos e os cursos de formação de professores devem ser acrescidos com as contribuições da Doutrina Espírita e com os estudos de relações interpessoais realizados no campo da Parapsicologia.
3. A TEORIA — A Teoria Geral da Educação Espírita exige o conhecimento prévio da natureza palingenésica do educando e do educador. Seus fundamentos científicos devem ser ampliados com os dados da

Ciência Espírita e da Parapsicologia. Seus fundamentos filosóficos, acrescidos com os elementos da Filosofia Espírita. Desses acréscimos resultará a Filosofia Espírita da Educação, também implícita na própria Doutrina Espírita mas exigindo elaboração específica. As aplicações pedagógicas são uma conseqüência natural do próprio desenvolvimento dos estudos e das pesquisas. Os métodos e as técnicas integram o contexto da Pedagogia Espírita. Os problemas institucionais, referentes à instalação e funcionamento de escolas e institutos de estudos e pesquisas também pertencem à teoria geral. Como se vê, é todo um campo novo de atividades que se abre no plano doutrinário, exigindo abnegação e aprimoramento dos que a ele se dedicarem.

4. EXPANSÃO — O problema da Pedagogia Espírita — que nos é imposto no momento por força das próprias circunstâncias — mostramos que o Espiritismo se encontra numa fase de expansão doutrinária. Mas essa expansão nada tem a ver com as inovações que alguns pretendem, enganosamente, introduzir na Doutrina. Este é o processo de desenvolvimento do Espiritismo a que aludia Kardec. Desde que ele representa uma nova concepção do Mundo, do Homem e da Vida, e que, segundo a própria expressão do Codificador, *toca em todos os ramos das Ciências*, é evidente que irá exigindo aplicações diversas dos seus princípios em todo o campo do Conhecimento. O primeiro exemplo disso nos foi dado pelo próprio Kardec na elaboração dos livros da Codificação: a partir dos fundamentos de *O Livro dos Espíritos* ele elaborou os demais volumes, que são simples desenvolvimentos do livro básico. Há muito ainda a fazer, mas sempre com base na Doutrina Espírita codificada, matriz e origem de um novo Mundo, de uma nova Civilização que se abre ante os nossos olhos.

*

ESCOLAS DE ESPIRITISMO

Livro: Pedagogia Espírita. J. Herculano Pires

(Págs. 174-181)

(Observação de José Fleuri Queiroz: Esta matéria encontra-se, também, no início do PRIMEIRO ANO)

ESCOLAS DE ESPIRITISMO

Tese aprovada pelo IV Congresso de Jornalistas e Escritores Espíritas realizado em Curitiba, Paraná, de 15 a 18 de fevereiro de 1968.

A Educação Espírita pode ser encarada sob dois aspectos: a Educação Geral, que trata da formação das gerações espíritas na cultura mundana ou na *mundanidade*, segundo o conceito heideggeriano, e portanto sem nenhum sentido pejorativo; e a Educação Espírita propriamente dita, segundo o conceito kardeciano da psicologia evolutiva palingenésica. Ambas se completam reciprocamente na tendência comum da formação moral do educando. Não há, portanto, entre elas, nenhum conflito essencial, mas é evidente que há uma discrepância formal que a Pedagogia Espírita terá de superar, aproveitando-se das possibilidades dialéticas implícitas no sentido psico-evolutivo e no objetivo moral comum.

Essa superação se torna mais fácil quando a própria Pedagogia Geral se abre atualmente em várias perspectivas espíritas, da qual a mais importante é a do *relativismo-crítico, neokantiano* que se define nas escolas alemã de Kerchensteiner e francesa de René Hubert, com o declarado objetivo da *comunhão de consciências* para o advento da *República dos Espíritos*. Toda a Filosofia hubertiana e toda a sua Pedagogia concorrem poderosamente para o encontro e a fusão dos princípios educacionais comuns com os princípios espíritas. Releva considerar, por outro lado, que a tradição educacional espírita radica em Rousseau, que é ao mesmo tempo a origem de toda a Pedagogia Moderna e uma das mais fortes raízes filosóficas do Espiritismo através de Pestalozzi, mestre de Kardec. Significativo, ainda, o fato das relações culturais genéticas entre Rousseau e Kant, reafirmando a comunidade de origem, sentido e objetivo das duas correntes de pensamento mencionadas.

A Escola Espírita, e portanto a Pedagogia Espírita, não aparecem no processo de desenvolvimento das teorias pedagógicas de maneira estranha, mas numa seqüência histórica natural, infelizmente ainda não bastante estudada. Cabe aos pedagogos e professores espíritas aprofundarem as pesquisas e ampliarem as demonstrações a respeito. À maneira da Escola Cristã, que nasceu do conflito formal com a chamada Escola Pagã, mas tinha nela mesma as suas raízes históricas, o que Hubert, Jaeger, Marrou e outros esclarecem suficientemente, as relações entre a Pedagogia Geral do nosso tempo e a Pedagogia Espírita constituem um fato cultural-histórico da mais alta importância para o momento de transição que vivemos nesta *civilização em mudança*.

Mas se as discrepâncias formais entre o Paganismo e o Cristianismo eram mais acentuadas e exigiram a separação conflitiva das duas Escolas, as discrepâncias formais entre a Mundanidade e o Espiritismo são hoje bastante

atenuadas pelo desenvolvimento do Humanismo, que é a forma de Cristianismo herético dominante no Mundo. Não obstante, o simples fato de existir na consciência cristã contemporânea esse sentido herético revela a presença de resíduos pagãos em nossa cultura, exigindo da Pedagogia Espírita um esforço específico para a formação educacional espírita nos dois aspectos mencionados acima.

O primeiro, que é o da Educação Geral, resolve-se com a criação do sistema educacional espírita, já em desenvolvimento, desde que seguido da orientação teórica necessária, que é tarefa dos pedagogos espíritas. O segundo, que é o da Educação Espírita propriamente dita, exige a criação de um sistema educacional específico. Essa exigência é tanto maior-quanto as nossas deficiências culturais se acentuam precisamente no plano filosófico, dificultando a compreensão do Espiritismo como uma concepção de vida que se assenta numa forma superior de mundividência.

Por outro lado, a extensão e a complexidade da Doutrina, com suas múltiplas conseqüências em todas as direções culturais e vivenciais, portanto práticas ou morais, exigem também uma possibilidade permanente de aprofundamento dos seus conceitos e princípios, o que só será possível com a criação das Escolas de Espiritismo de nível superior, de tipo universitário, abrindo perspectivas para o estudo e a pesquisa. Não se trata propriamente da pesquisa fenomênica, que também se desenvolverá, mas principalmente da pesquisa doutrinária, com o aprofundamento do exame e da compreensão da Doutrina Espírita.

As escolas de espiritismo

A criação das Escolas de Espiritismo exige, logo de início, uma reformulação de nossas atitudes no campo doutrinário, que parecerá perigosa à primeira vista, mas que uma análise ponderada nos mostrará ser necessária e benéfica: trata-se não apenas do problema da gratuidade, mas também de outros, sem a revisão dos quais será impossível a criação das Escolas de Espiritismo. Temos de encarar o problema do ensino espírita em si, com todas as implicações decorrentes de uma interpretação puramente cultural humana. As Escolas Espíritas exigem professores de Espiritismo, graus espíritas de ensino, diplomas de aprendizado espírita.

É evidente que todas essas exigências se chocam com as atitudes simplistas que até hoje assumimos, embora necessariamente, dadas as condições espontâneas da propagação da Doutrina, em sua fase de penetração no Mundo. Já agora, porém, seria grandemente prejudicial insistirmos em atitudes que não condizem com as exigências do próprio desenvolvimento doutrinário. O Espiritismo é um processo cultural e deve ser encarado como tal. Abrange todo o campo do conhecimento, *toca em todos os ramos da Ciência*, como acentuava Kardec, e representa mesmo aquele momento de *Síntese do Conhecimento* de que nos falaram Léon Denis e Sir Oliver Lodge.

Kardec assinalou que o aspecto religioso do Espiritismo é a conseqüência moral da Ciência Espírita e da Filosofia Espírita. Compreendemos hoje perfeitamente esse problema. Ora, não é possível confundirmos a exigência natural de gratuidade para as atividades religiosas com as condições especiais das atividades culturais. O próprio Kardec deu-nos o exemplo dis-

so, estabelecendo a necessária diferença entre os dois campos. Para entregar-se às atividades de escritor e editor, no campo doutrinário sem as quais não teríamos a Doutrina Espírita — teve de aceitar os proventos de sua atividade cultural e material, enquanto nas atividades morais e religiosas dava o exemplo da mais absoluta abnegação.

Todas estas considerações têm por fim demonstrar que o diretor, os professores e os funcionários das Escolas de Espiritismo não podem nem devem funcionar de maneira gratuita, o que aliás já se verifica, por exemplo, no funcionamento dos Hospitais Espíritas e das próprias escolas do nascente sistema educacional espírita. Digno é o trabalhador do seu salário, e só se pode dispensá-lo quando se tiver meios próprios de renda. As Escolas de Espiritismo são como as Escolas de Filosofia, de Medicina, de Engenharia, com a única diferença de que não formam especialistas profissionais, mas preparam os alunos para a construção de um mundo melhor, de uma sociedade mais humana. Isso não impede que também os prepare noutro sentido, para o exercício da profissão de professor, diretor ou funcionário dessas mesmas escolas, ou ainda de assistentes para os hospitais espíritas, orientadores de editoras espíritas, jornais, revistas e publicações espíritas várias, e assim por diante.

O campo de atividades espíritas aumentará na proporção em que melhor compreendermos a Doutrina e sua profunda significação na Vida mundana. Seríamos imprudentes como as virgens da parábola, ou hipócritas como os fariseus formalistas, se não tratássemos de preparar, com o rigor exigido pelo desenvolvimento cultural do século, os especialistas de que vão depender inevitavelmente as atividades espíritas no futuro, nesse futuro, aliás, que já está começando aos nossos olhos. Ou tratamos o Espiritismo a sério, dando-lhe por nós mesmos o lugar e o direito de cidadania que lhe cabem no mundo cultural; ou lhe negaremos, também nós, o que os adversários sempre lhe negaram. Esse o dilema com que nos defrontamos no momento.

Estrutura das escolas de espiritismo

As Escolas de Espiritismo devem ser organizadas como verdadeiras unidades do ensino superior, com todas as suas características. Poderão mesmo dividir-se, no seu desenvolvimento, em cursos especializados, como os das nossas atuais Faculdades de Filosofia. Inicialmente não será possível fazer-se mais do que o ensino global da Doutrina, com as diversas matérias curriculares determinadas pelas divisões e subdivisões dos chamados *aspectos doutrinários*. Não dispomos de condições para mais do que isso, mas é necessário começarmos assim e o quanto antes.

Os professores terão de ser forçosamente, obrigatoriamente, de nível universitário. Os alunos terão de apresentar certificados de conclusão do ensino secundário ou equivalente ou superior. As matérias e os processos de ensino terão tratamento universitário. Porque, sem essas condições, não seria possível dar ao ensino a eficiência necessária, nem fazer que as Escolas de Espiritismo atinjam o seu alto objetivo no plano cultural. O regime escolar terá todas as exigências do regime universitário, acrescidas ainda do mais absoluto rigor nas avaliações de aproveitamento, pois a finalidade do ensino

não é utilitário no sentido comum, mas num sentido mais alto, referente à formação espiritual do homem.

Como não será possível a oficialização do ensino ou a subvenção, ele terá de ser pago. É da cobrança das taxas que sairá a renda necessária à manutenção da Escola e ao pagamento de diretores, professores e funcionários. Mas, se houver pessoas capazes de compreender a importância dessas Escolas, e que disponham de recursos, poderão ajudar a sua manutenção e oferecer bolsas de estudo aos alunos que não possam pagar. As doações serão necessárias e tão meritórias como as que se fazem para hospitais e outras obras assistenciais.

Convém não esquecer que as Escolas Espíritas necessitarão de bibliotecas especializadas, com milhares de volumes de obras nacionais e estrangeiras, bibliotecários e auxiliares. Necessitarão de laboratórios diversos, na proporção em que se desenvolverem, com todo o pessoal exigido para o seu bom funcionamento. Necessitarão de aparelhos e instrumentos de pesquisa, de secretarias bem organizadas e fichários, enfim, de todos os recursos indispensáveis ao bom desenvolvimento dos seus cursos.

As cadeiras escolares

Os compêndios básicos de estudo são os livros da Codificação, mas secundados por todas as obras necessárias, espíritas ou não, relacionadas com o assunto especial de cada cadeira.

Por exemplo:

A Cadeira de Filosofia Espírita terá por compêndio básico *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, mas disporá também de toda a bibliografia doutrinária. A Cadeira de Psicologia Espírita se firmará em *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*, mas necessitará da bibliografia metapsíquica, da parapsicológica e mesmo da psicológica. A Cadeira de Sociologia Espírita abrangerá os livros básicos citados e mais a bibliografia sociológica geral. E assim por diante.

Os professores de cada cadeira terão de ser espíritas e formados em Universidades na matéria que vão lecionar. A primeira dificuldade está em que os professores não estudaram sistematicamente o aspecto espírita de suas respectivas matérias. Mas é evidente que o terão de fazer e que o fato de serem espíritas, de terem um conhecimento geral da Doutrina, muito lhes facilitará a tarefa. As Escolas de Espiritismo formarão aos poucos os seus próprios mestres, elevando em breve tempo o nosso conhecimento doutrinário, hoje difuso e individual, de tipo exclusivamente autodidata, ao plano superior do estudo sistemático, da verdadeira formação universitária.

Somente assim poderemos superar o estágio inferior dos nossos conhecimentos, diante de uma doutrina que nos oferece infinitamente mais do que agora podemos alcançar. E isso tanto mais necessário, quanto as pesquisas científicas e filosóficas estão avançando aceleradamente na direção dos nossos princípios. O conhecimento avança em bloco para a descoberta do Espírito, e se não nos prepararmos convenientemente, não estaremos em condições de enfrentar os problemas que irão surgindo, e que na verdade já

estão surgindo, em nossas relações com a cultura geral. Nossa falta de preparo doutrinário poderá criar novos tipos de dificuldade e incompreensão.

O Espiritismo, como Kardec assinalou, tem a missão cultural de auxiliar a Ciência, a Filosofia e a Religião. Mas para cumprir essa missão é necessário que os Espíritas se tornem capazes de compreender profundamente a sua própria Doutrina. Só o estudo sistemático, em profundidade, através de métodos adequados, nos fará penetrar nos segredos que o Espiritismo ainda guarda para todos nós. Só a pesquisa metódica, orientada e perseverante nos levará a descobrir as diversas contribuições que o Espiritismo deu no passado, dá no presente e dará no futuro ao desenvolvimento cultural do Mundo.

A síntese espírita não é apenas conclusiva, pois o processo da cultura é dialético. Cada conclusão de um ciclo, no plano evolutivo do conhecimento, representa uma espécie de balanço anual de uma empresa: o *deve* e o *haver* se fecham num resultado provisório, que determinará as condições do novo ano. Ernst Cassirer estudou com admirável precisão este problema, vendo-o com olhos espíritas, embora sem ser espírita. Arnold Toynbee também o estuda numa perspectiva espírita, embora não sendo espírita. A verdade é, impondo-se a todos os que procuram vê-la. A síntese espírita fecha uma espiral de conhecimento humano e abre outra espiral, rumo às civilizações superiores. Daí a nossa responsabilidade, como detentores de um patrimônio cultural que deve desenvolver-se em todas as suas possibilidades, passando de potência a ato através das condições que teremos de criar nesta fase de transição.

A realidade e a utopia

Pode-se opor a este sonho das Escolas de Espiritismo a objeção do bom senso, e o bom senso é uma categoria lógica das mais importantes e atuantes no Espiritismo. Mas a verdade é que se o bom senso impõe a prudência, não determina a inação. Não podemos desperdiçar as oportunidades imediatas de tempo e recursos com tentativas utópicas, pois há sempre a exigência de realizações possíveis no imediato. Mas também não devemos apegar-nos ao imediatismo a ponto de sacrificarmos o futuro. O bom senso determina o equilíbrio. E por isso é bom examinarmos o problema do equilíbrio entre a realidade e a utopia.

Karl Mannheim, que também não é espírita, mostrou-nos de maneira exaustiva que a utopia é a atração das realidades de amanhã, é o chamado das coisas futuras, despertando no indivíduo e na sociedade as energias necessárias para atingi-las. Falta o equilíbrio entre realidade e utopia quando nos fascinamos por esta e esquecemos aquela. Mas no Espiritismo aprendemos a avançar para o futuro através das condições do presente. Não podemos nos conduzir no corpo material apenas como Espíritos, mas nem por isso devemos nos conduzir apenas como corpo. Daí a rejeição espírita aos exageros do misticismo, de um lado, e do racionalismo cético, de outro. No caso das Escolas de Espiritismo a situação é a mesma. Se quisermos fazer de um dia para o outro as escolas ideais, é certo que fracassaremos. Mas a utopia, essa atração da realidade futura, pode encarnar-se desde já entre nós como criança. E a criança, que hoje engatinha, amanhã começará a andar e breve se fará adulta.

As primeiras dificuldades materiais que encontramos decorrem da falta de recursos e da falta de interesse utilitário imediato nos cursos. Nosso mundo pragmático transformou as escolas em simples meio de preparação profissional, de adaptação da criatura às exigências do ganha-pão e as conveniências do enriquecimento. Estudar é ensaiar para o salto no trampolim da vida prática. Mas o Espiritismo já demonstrou que não existem apenas os interesses imediatos do mundo, pois o homem não é *simplesmente homem*, segundo a expressão irônica do bom-senso de Descartes. Há nele, por mais simples, a mesma inspiração dos teólogos, esses *homens mais do que homens*. Essa inspiração é hoje orientada pela *Ciência Admirável* que Descartes quis descobrir, auxiliado pelo Espírito da Verdade, e que se realizou no Espiritismo. Assim, o bom-senso espírita já demonstrou a muita gente a utilidade do estudo aprofundado e sério do Espiritismo.

Não podemos abrir uma grande Escola de Espiritismo, mas nada impede que lancemos a sua semente através de uma organização modesta, que inicialmente poderá limitar-se a cursos noturnos. Os poucos alunos do início serão os poucos idealistas da marcha para o futuro. Os professores não serão certamente ótimos, mas terão um pouco de boa-vontade. A direção da Escola há de ser falha, às vezes impaciente, mas não lhe faltará o auxílio espiritual. Havendo boa-vontade e compreensão do problema, não se permitindo que o corrosivo do pessimismo, da crítica pedante ou da crítica beócia destrua os germes em desenvolvimento, a Escola de Espiritismo se transformará em realidade. Os dois tipos de crítica a que nos referimos serão inevitáveis: a pedante é a do universitário que zombará das pretensões espíritas, mesmo sendo espírita; a beócia é a do espírito simplista que despreza a cultura e desconhece o Espiritismo, mesmo que esteja nele há cinqüenta anos e se encontre em posição de dirigente. Uma e outra crítica nada valem. Só devemos ouvir a crítica honesta e sensata que nos ajudará a superar as deficiências e avançar.

Poucos alunos, rendimento insuficiente, professores mal pagos ou até mesmo gratuitos — mas a idéia em marcha. O necessário é que os organizadores se convençam da absoluta necessidade da criação das Escolas de Espiritismo. Assim convencidos, não se importarão com as dificuldades. Os próprios frutos do ensino, que é aprendizado para os professores também, servirão de estímulo a todos. Os rendimentos, por pouco que sejam, terão de deixar obrigatoriamente um saldo para a formação do capital patrimonial. *Não se deve esquecer que as Escolas de Espiritismo nunca poderão constituir-se em negócio*. Serão fundações ou organismos semelhantes, com reversão permanente dos lucros a si mesmas. Os vencimentos de professores e funcionários obedecerão a um critério de sacrifícios nas fases iniciais. Mas logo que possível, os vencimentos deverão corresponder aos padrões profissionais, para que o padrão de ensino não venha a sofrer, pois a verdade é que os professores e os funcionários, por mais dedicados que forem, não desempenharão suas funções a contento se estiverem preocupados com problemas financeiros angustiantes.

Por um mecenato espírita

Todas as considerações acima levam naturalmente à conclusão da necessidade de um *Mecenato Espírita*. É verdade que a maioria dos espíritas são pobres, mas existem muitos espíritas afortunados. Em geral, preferem a-

plicar seus recursos em favor de obras de assistência social, acreditando que os juroes espirituais são maiores nesse campo, ou simplesmente por espírito de caridade. É necessário demonstrar a esses confrades que a caridade maior está precisamente na prevenção das desgraças, e que essa prevenção só é possível através da educação, da formação educacional espírita.

As obras de assistência correspondem ao dever de fraternidade que a Doutrina nos desperta, e não deveremos jamais descuidar delas. Mas isso não impede que cuidemos também da assistência educacional, lembrando-nos da Pedagogia Filantrópica de Pestalozzi, seguida por seu discípulo o Prof. Denizard Rivail, mais tarde Allan Kardec. Os espíritas ricos deverão pensar seriamente na urgência da criação das Escolas de Espiritismo. Sabe-se que, nos Estados Unidos, o interesse religioso dos protestantes pela educação, determinou o maravilhoso florescimento de vasta rede de Universidades.

No Brasil os espíritas podem fazer o mesmo. Urge despertar o nosso meio para o dever de contribuir eficazmente para a formação cultural-espírita do povo, com doações em dinheiro e bens patrimoniais em favor de instituições educacionais espíritas. Esse é o movimento que nos reclama neste segundo século da era espírita, cuja tônica deve ser o interesse pela cultura, como o do primeiro século foi o interesse pela assistência social. A falta de uma sólida formação cultural espírita neste século porá fatalmente em perigo as conquistas realizadas pelo Espiritismo no século anterior.

Os programas

As Escolas de Espiritismo terão de adotar, desde o início, programas capazes de abranger, em linhas gerais, toda a problemática doutrinária. Esses programas irão se modificando com a experiência e com as novas condições que surgirem do crescimento escolar, mas principalmente com o avanço das pesquisas. Podemos formular desde já, com a experiência dos cursos regulares e dos estudos individuais que temos feito, um roteiro de currículo, a título apenas de sugestão. É o seguinte:

Programa de um curso de quatro anos.

I Ano:

1) **Cadeira de Introdução ao Espiritismo:** Posição do Espiritismo no processo do Conhecimento. A dinâmica da evolução espiritual através da mediunidade. Dialética do conhecimento: percepção, desenvolvimento mental, conceituação e consciência. O problema da Razão. Unidade fundamental dos campos do Conhecimento. Materialismo e Espiritualismo. Aparecimento do Espiritismo no momento histórico determinado pela evolução humana.

2) **Cadeira de Introdução à Filosofia Espírita:** Conceito de Filosofia Espírita. Natureza crítica e fideísta da Filosofia Espírita. Suas raízes na História da Filosofia. Relações da Filosofia Espírita com as correntes principais da Filosofia Antiga, Moderna e Contemporânea. Perspectivas da Filosofia Espírita e sua contribuição para o desenvolvimento das correntes atuais do pensamento filosófico. Filosofia Espírita e Metafilosofia.

3) **Introdução à Ciência Espírita:** Conceito de Ciência Espírita. Observação, pesquisa e experimentação. Experimentação (Experiências) de Kardec na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Posição metodológica

de Kardec. Concordâncias e discordâncias do método espírita com os métodos científicos do século passado e do presente. Motivos da rejeição da Ciência Espírita pela Ciência Oficial. O problema da *crendice* de Kardec, denunciada por Richet. O problema da fé na Religião e na Ciência. Papel específico da fé na Ciência Espírita.

4) **Introdução à Religião Espírita:** Conceito de Religião. Processo histórico da evolução religiosa dos povos. O problema religioso na Filosofia de Pestalozzi. As formas da Religião na Filosofia de Bergson. Posição de Kardec em relação ao problema religioso. Origens da Religião: teorias de Feuerbach, Tylor e Spencer; a teoria marxista; a teoria espírita e a contribuição de Ernesto Bozzano. O problema da *Religião em Espírito e Verdade* nos Evangelhos.

II Ano:

1) **Cadeira de Doutrina Espírita:** Características fundamentais da Doutrina Espírita. Estrutura e sentido de *O Livro dos Espíritos*. As demais obras da Codificação e suas relações com *O Livro dos Espíritos*. Função e significação da *Revista Espírita* de Allan Kardec. Exame geral da estrutura da Codificação. Cosmovisão espírita. *A Escala dos Mundos*, *a Escala Espírita* e a posição de Flammarion quanto às relações da Astronomia com esses problemas. O Espiritismo e as conquistas atuais de astronomia e da Astronáutica.

2) **Cadeira de Filosofia Espírita:** Deus como necessidade lógica e exigência intrínseca da consciência humana. Relação Deus-Universo: a trindade universal ou estrutura tríplice do Universo. O fluido universal e suas diversificações: fluido vital e perispiritual. O conceito de fluido no Espiritismo e nas Ciências e suas implicações filosóficas. Espírito e Matéria: inter-relação e interação desses elementos. Dualismo absoluto e dualismo relativo. O monismo espírita. As Filosofias atuais em face dessas posições espíritas.

3) **Cadeira de Ciência Espírita:** As provas científico-espíritas da sobrevivência. Confirmações da sobrevivência pela pesquisa psíquica e metapsíquica. Posição atual do problema na Parapsicologia. A mediunidade como faculdade humana normal: mediunidade generalizada e mediunidades específicas. Confirmações da teoria mediúnica pelas pesquisas psíquicas, metapsíquicas e parapsicológicas. O problema do animismo. Fraudes conscientes e inconscientes: os motivos psicológicos das fraudes. A superestimação do problema da fraude pelos adversários do Espiritismo como meio de desmoralização da pesquisa psíquica.

4) **Cadeira de Religião Espíritas:** O problema da legitimidade e do valor dos textos bíblicos e evangélicos. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*: método seletivo de elaboração da obra e significação doutrinária desse método. A moral evangélica e seu desenvolvimento à luz da Revelação Espírita. A moral espírita: implicações morais da teoria da evolução espiritual, da reencarnação e da lei de ação e reação. O problema da Revelação: as três Revelações fundamentais que marcaram momentos decisivos da evolução terrena. A dupla natureza da III Revelação e sua continuidade indefinida, em virtude do reconhecimento universal da mediunidade.

III Ano:

1) **Cadeira de Doutrina Espírita:** Situação científica atual do problema da pluralidade dos mundos habitados. Pesquisas mediúnicas de Kardec sobre os mundos habitados: comunicações e estudos da *Revista Espírita*; critério seguido nessas pesquisas. O dogma da Criação: a Gênese bíblica em face da Ciência e do Espiritismo. Evolução do princípio inteligente: reinos mineral, vegetal, animal e hominal. O mito de Adão e Eva: o homem terreno e as migrações planetárias.

2) **Cadeira de Filosofia Espírita: Ontologia:** Conceito espírita do Ser; o Ser e os seres; Seres materiais e seres espirituais; o ser do corpo e o ser anímico. O problema da existência: natureza transitória da existência corporal; a existência espiritual; facticidade existencial e desenvolvimento da essência nos dois planos; as existências sucessivas. O *existente* ou *homem no mundo* e o *interexistente* ou *homem no intermúndio*: mediunidade e emancipação da alma. O problema da comunicação: o ato mediúnico, suas modalidades e seus graus.

3) **Cadeira de Ciência Espírita:** Psicologia Espírita como psicologia integral: o psiquismo como produto de ação da alma no corpo; interação alma-corpo; a potência anímica e sua atualização na existência; a consciência e o meio. Encarnação e nascimento: duplo condicionamento pela hereditariedade e pela lei de afinidade espiritual. As atividades mediúnicas ou paranormais: fenômenos anímicos e relações espirituais. Relações psíquicas entre vivos e entre estes e os Espíritos: o meio psíquico interexistencial. Psicologia evolutiva palingenésica: instintos orgânicos e instintos anímicos determinando o grau evolutivo e as possibilidades de atualização espiritual do ser na existência. Psiquiatria Espírita e suas possibilidades. Pedagogia Espírita: suas possibilidades práticas na formação espiritual do homem.

4) **Cadeira de Religião Espírita:** As leis naturais como leis de Deus. Deus na Natureza: imanência de Deus no Universo. As leis morais. A lei de adoração como determinante da natureza religiosa do homem, o aparecimento e desenvolvimento das religiões. O problema da queda: desenvolvimento do livre-arbítrio, libertação das leis naturais e responsabilidade perante as leis morais. Razão e função da prece: sintonia mental e moral com entidades superiores. Confirmação atual da teoria da prece pelas pesquisas telepáticas da Parapsicologia. A doutrina dos espíritos protetores, amigos e familiares; suas raízes históricas; sua razão moral, determinada pela lei de fraternidade; suas comprovações nas experiências psíquicas e na prática espírita.

IV Ano:

1) **Cadeira de Doutrina Espírita:** Situação evolutiva atual da Humanidade terrena: provas e expiações. Fase de transição para *mundo de regeneração*. Papel do Espiritismo na preparação do novo mundo. Aumento da população terrena e desequilíbrios psíquicos e sociais: fases finais de provas individuais e coletivas. Papel de equilíbrio dos espíritas nas crises de transição: aplicação dos conhecimentos doutrinários na interpretação dos fatos e na orientação das criaturas. Deveres fundamentais das instituições espíritas: fidelidade à Doutrina e intensificação dos trabalhos de divulgação e assistência es-

piritual. Liberdade, igualdade e fraternidade. A lei de Justiça, Amor e Caridade.

2) **Cadeira de Filosofia Espírita:** Desenvolvimento do ser moral e substituição da ordem Social pela ordem Moral. Natureza coercitiva da ordem social e natureza espontânea da ordem Moral. Cosmologia espírita: o Universo Moral; significação do conceito espírita de leis naturais como divinas; destinação moral dos entes, dos seres e dos mundos. O egoísmo como fonte do mal e sua superação pela caridade: realização do bem na ordem moral e seu reflexo na ordem natural. Aprimoramento das condições físicas da Terra pela elevação moral de seus habitantes. Elevação da Terra na Escala dos Mundos e do homem na Escala Espírita. Maiores possibilidades de aproximação do problema das origens pela mente humana. Desenvolvimento mental e espiritual favorável à melhor compreensão de Deus e de suas relações com o Mundo e a Humanidade. Perspectivas de relações interplanetárias.

3) **Cadeira de Ciência Espírita:** Sociologia Espírita: relações psíquicas como determinantes de processos sociais; relações interexistenciais; influências recíprocas entre o mundo invisível e o visível; a dinâmica sócio-espiritual em substituição ao conceito de estática e dinâmica sociais. A cosmossociologia: relações interplanetárias ou de civilizações cósmicas. Ampliação e aprofundamento do conceito de Medicina Psicossomática. Superação do organocentrismo em Biologia. Esclarecimento do problema da antimatéria em Física. Domínio do tempo e do espaço pelo pensamento: contribuição da pesquisa espírita para as experiências parapsicológicas.

4) **Cadeira de Religião Espírita:** Teologia Espírita: linhas gerais da concepção espírita de Deus e de suas relações com os homens. Impossibilidade atual de explicação dos motivos da Criação: esta como uma realidade diante da qual nos encontramos e cujo sentido se revela nas coisas, na Natureza e em nós mesmos. Presença de Deus no homem e do seu poder criador na própria natureza humana: estímulo da fé e despertamento das forças psíquicas pela lei de adoração. O problema das penas e recompensas futuras. Perdão dos pecados: arrependimento e reparação. A lei de ressurreição. *Vós sois deuses.*

Provas e títulos

O desenvolvimento de um programa assim estruturado, para um curso de quatro anos, é ainda insuficiente para o estudo realmente profundo e minucioso da Doutrina Espírita. Mas as Escolas de Espiritismo podem criar também cursos de especialização ou de pós-graduação, de dois ou três anos, conforme as necessidades da matéria.

As provas do curso, para aprovação nos anos sucessivos, não devem depender de exames nem de notas. Os trabalhos realizados pelos alunos no correr de cada ano — trabalhos e pesquisas orientados pelos professores, pois a verdadeira aprendizagem se realiza mais pelo *fazer* do que pelo *ouvir* — são os elementos de avaliação natural do aproveitamento. Além disso, as aulas deverão ser sempre seguidas de conversações e debates, fornecendo ao professor a possibilidade de acompanhar, anotando regularmente para seu uso, o progresso de cada aluno. Deve-se evitar a utilização de notas, mesmo

em sentido global, para não haver o problema antipedagógico e antiespírita dos primeiros lugares.

Concluído o curso, o aluno deverá receber o seu diploma, que não será de bacharel nem de licenciado ou doutor, mas apenas de *Formação Teórica em Doutrina Espírita*. Esse, segundo nos parece, o título justo de *formação teórica*, não implica uma condição moral nem representa um grau de evolução espiritual. Diz simplesmente que o formando adquiriu os conhecimentos teóricos referentes à Doutrina. A prática espírita, que é sobretudo moral, depende inteiramente da sua capacidade de aplicar esses conhecimentos.

Nos casos de especialização posterior, o aluno deverá receber um certificado de *especialização teórica*. Mas é evidente que, se for possível a criação de cursos de especialização prática, no tocante a pesquisas e experiências mediúnicas, o título será de *especialização experimental*. Como já acentuamos atrás, não devemos nos embaraçar com as possíveis conseqüências desses diplomas e certificados, pois o próprio esclarecimento doutrinário adquirido nas Escolas de Espiritismo constitui a melhor barreira para qualquer desvirtuamento.

Acreditamos, aliás, que acima de todas essas pequenas preocupações deve pairar o interesse maior da formação espírita dos que desejam estudar.

**TERCEIRO ANO
ESCOLA DE ESPIRITISMO
J. HERCULANO PIRES**

QUARTA PARTE

4) – CADEIRA DE RELIGIÃO ESPÍRITA

As leis naturais como leis de Deus. Deus na Natureza: imanência de Deus no Universo. As leis morais. A lei de adoração como determinante da natureza religiosa do homem, o aparecimento e desenvolvimento das Religiões.

CÓDIGO DE DIREITO NATURAL ESPÍRITA

(José Fleuri Queiroz)

7. A RELIGIÃO ESPÍRITA: RELIGIÃO EM ESPÍRITO E VERDADE. (Explicação de José Herculano Pires em seu livro “O Espírito e o Tempo”, Editora EDICEL, DF, 7ª. edição, 1995, págs. 159-170)

7.1 – O Espiritismo e as Religiões – A posição do Espiritismo, em face das religiões, foi definida desde o princípio, ou seja, desde a publicação de *O Livro dos Espíritos*. A terceira parte do livro tem o título de “Leis Morais”, e começa pela afirmação: “A Lei natural é a lei de Deus”, que equivale ao reconhecimento da unidade divina de todas as leis que regem o Universo. Note-se que Kardec e os Espíritos referem-se à lei de Deus no singular, como lei única, e nela incluem as leis morais, no plural. Assim, as leis morais são espécies de um gênero, que é a lei natural. Mas como esta não é a lei da Natureza, e sim a lei de Deus, não estamos diante de uma concepção monista natural, mas de uma concepção monista de ordem ética. As religiões, como fenômenos éticos, formas de educação moral das coletividades humanas, nada mais são do que processos diferenciados, segundo as necessidades circunstanciais e temporais da evolução, pelos quais as leis morais se manifestam no plano social.

Vejamos a explicação de Kardec, no comentário que fez ao item 617.a de *O Livro dos Espíritos*: “Entre as leis divinas, umas regulam o movimento e as relações da matéria bruta: essas são as leis físicas; seu estudo pertence ao domínio da ciência. As outras concernem especialmente ao homem em si mesmo, e às suas relações com Deus e com os seus semelhantes. Compreendem as regras da vida do corpo, tanto quanto as da vida da alma: essas são as leis morais.” Dessa maneira, o Espiritismo nos oferece a visão global do Universo, num vasto sistema de relações, que unem todas as coisas, desde a matéria bruta até à divindade, ou seja, desde o plano material até o espiritual. As religiões, nesse amplo contexto, são como fragmentações temporárias do processo único da evolução humana.

Essa compreensão histórica permite ao Espiritismo encarar as religiões, não como adversárias, mas como formas progressivas do esclarecimento espiritual do homem, que atinge na atualidade um momento crítico, de passagem para um plano superior. Daí a afirmação de Kardec, feita em *O Livro dos Espíritos* e repetida em outras obras, particularmente em *O que é o Espiritis-*

mo, de que este, na verdade, é o maior auxiliar das religiões. Auxiliar em que sentido? Primeiro, no sentido de fornecer às religiões, entrincheiradas em seus dogmas de fé, as armas racionais de que necessitam, para enfrentar o racionalismo materialista, e especialmente as armas experimentais, com que sustentar os seus princípios espirituais diante das ciências. Depois, no sentido de que o Espiritismo não é nem pretende ser uma religião social, pelo que não disputa um lugar entre as igrejas e as seitas, mas quer apenas ajudar as religiões a completarem a sua obra de espiritualização do mundo. A finalidade das religiões é arrancar o homem da animalidade e levá-lo à moralidade. O Espiritismo vem contribuir para que essa finalidade seja atingida.

Nisto se repete e se confirma o que o Cristo declarou, a propósito de sua própria missão, ao dizer que não vinha revogar a lei e os profetas, mas dar-lhes cumprimento. Como desenvolvimento natural do Cristianismo, o Espiritismo prossegue nesse mesmo rumo. Sua finalidade não é combater, contrariar ou destruir as religiões, mas auxiliá-las. Para auxiliá-las, porém, não pode o Espiritismo endossar os seus erros, o seu apego aos formalismos religiosos, a sua aderência às circunstâncias. Porque tudo isso diminui e enfraquece as religiões, expondo-as ao perigo do fracasso, diante das próprias leis evolutivas, que impulsionam o homem para além das suas convenções circunstanciais. O Espiritismo, assim, não condena as religiões. Considera que todas elas são boas – o que é sempre contestado com violência pelo espírito de sectarismo – mas pretende que, para continuarem boas, não estacionem nos estágios inferiores, já superados pela evolução humana.

Justamente por isso, o Espiritismo se apresenta, aos espíritos formalistas e sectários, como um adversário perigoso, que parece querer infiltrar-se nas estruturas religiosas e miná-las, para destruí-las. Era o que parecia o Cristianismo primitivo, para os judeus, gregos e romanos. Não obstante, os ensinamentos de Jesus não visavam à destruição, mas ao esclarecimento e à liberdade do pensamento religioso da época. Podem alegar os religiosos atuais que os espíritas os combatem às vezes com violência. O mesmo faziam os cristãos primitivos, em relação às religiões antigas. Mas essa atitude agressiva não decorre dos princípios doutrinários, e sim das circunstâncias sociais em que se encontram os inovadores, diante da tradição. Por outro lado, é preciso considerar que a agressividade das religiões para com o Espiritismo é uma constante histórica, determinada pela própria natureza social das religiões organizadas ou positivas. Nada mais compreensível que o revide dos espíritas, quando ainda não suficientemente integrados nos seus próprios princípios.

No capítulo segundo da terceira parte de *O Livro dos Espíritos*, item 653, temos a explicação e a justificação da existência das religiões formalistas. Kardec estuda, através de perguntas aos Espíritos, a lei de adoração, que é o fundamento e a razão de ser de todo o processo religioso. Desse diálogo resulta a posição espírita bem definida: “**A verdadeira adoração é a do coração.**” Não obstante, a adoração exterior, através do culto religioso, por mais complicado e material que este se apresente, desde que praticada com sinceridade, corresponde a uma necessidade evolutiva dos espíritos a ela afeiçoados. Negar a esses espíritos a possibilidade de praticarem a adoração exterior, seria tão prejudicial, quanto admitir que os espíritos que já superaram essa fase

continuassem apegados a cultos materiais. A cada qual, segundo as suas condições evolutivas.

O princípio da tolerância substitui, portanto, no Espiritismo, o sistema de intolerância que marca estranhamente a tradição religiosa. As religiões, pregando o amor, promoveram a discórdia. Ainda hoje podemos sentir a agressividade do chamado espírito-religioso, na intolerância fanática das condenações religiosas. Por isso, Kardec esclareceu, em “*O Evangelho Segundo o Espiritismo*”, que o princípio religioso da doutrina não era o de salvação pela fé, e nem mesmo pela verdade, mas pela caridade. A fé é sempre interpretada de maneira particular, como a dogmática de determinada igreja a apresenta. A verdade é sempre condicionada às interpretações sectárias. Mas a caridade, no seu mais amplo sentido, como a fórmula do amor ao próximo ensinada pelo Cristo, supera todas as limitações formais. A salvação espírita não está na adesão a princípios e sistemas, mas na prática do amor.

7.2 – Panteísmo Espírita – Uma das acusações constantes formuladas ao Espiritismo pelos religiosos, e particularmente pelos teólogos, é a de panteísmo. Segundo afirmam, de modo geral, o Espiritismo seria uma concepção materialista do mundo, por confundir o Criador com a Criação. Já vimos que essa acusação é infundada. Ao tratar da Filosofia Espírita, verificamos que a cosmologia e a cosmogonia doutrinárias não permitem essa confusão. Anteriormente verificamos que o próprio Kardec dedicou um capítulo ao problema, em *O Livro dos Espíritos*, esclarecendo a posição do Espiritismo. Não obstante, convém analisarmos alguns aspectos da questão, para melhor definirmos o nosso pensamento a respeito.

Segundo a etimologia, e de acordo com o emprego tradicional do termo, panteísmo é uma concepção monista do mundo que pode ser traduzida na expressão: tudo é Deus. Espinosa foi o sistematizador filosófico dessa concepção. Deus é a realidade única, da qual todas as coisas não são mais do que emanções. Mas existe o chamado panteísmo materialista, não obstante a contradição dos termos. Segundo a concepção de D’Holbach, por exemplo, a realidade primária é o Mundo, e Deus é a suma do Mundo, ou seja, o resultado do conjunto de leis universais. Com razão se diz que não se trata propriamente de panteísmo, apesar do emprego tradicional da classificação. Essas duas formas de panteísmo são rejeitadas pelo Espiritismo.

Kardec argumenta, no comentário ao item 16 de *O Livro dos Espíritos*, que “não sabemos tudo o que Deus é, mas sabemos o que ele não pode ser”. Forma precisa de definir a posição espírita. Deus não pode ser confundido com o mundo, da mesma maneira por que um artista não pode ser confundido com as suas obras. Assim como as obras exprimem a inteligência e a intenção pessoal do artista, nas várias direções seguidas pela sua inspiração, as obras de Deus o revelam ao nosso entendimento, mas não podemos confundilas com o seu Autor. O Espiritismo, portanto, não pode ser considerado como nenhuma forma de panteísmo, no sentido absoluto que se dá ao termo.

Apesar disso, podemos dizer que existe uma forma de panteísmo-espírita, se entendermos a palavra em sentido relativo. Essa forma, porém, não é privativa do Espiritismo. Aparece em todas as concepções religiosas, pois todas as religiões consideram universal a presença de Deus, que se mani-

festa na natureza inteira e “está em todas as coisas”. É conhecida a afirmação do apóstolo Paulo, de que vivemos em Deus e nele nos movemos. Essa fórmula encontra correspondência no pensamento grego e no pensamento romano: o racionalismo dos primeiros e o juridismo dos segundos constituem sistemas de leis universais, presididos por uma inteligência suprema. Quanto ao judaísmo, o providencialismo bíblico é uma forma ainda mais efetiva de panteísmo conceptual. Mas fora do âmbito da tradição ocidental vamos encontrar a mesma concepção, tanto nas religiões indianas, quanto na própria religião-filosófica ou civil do confucionismo, bem como entre os egípcios, os mesopotâmicos e os persas.

A presença universal de Deus é uma forma relativa de panteísmo, que nos mostra o Universo em relação estreita com Deus, a Criação ligada ao Criador. Mesmo no panteísmo espinosiano, é necessário compreendermos o panteísmo de maneira mais conceptual do que real, ou seja, num plano antes teórico do que prático. Porque Espinosa fazia a distinção entre o que chamava “natureza naturata”, ou material, e “natura naturans”, ou inteligente. Deus, para ele, era esta última, o que pode ser entendido, do ponto de vista espírita, como uma confusão entre o princípio-inteligente e Deus. Ou seja, Espinosa confundiu a segunda hipóstase do Universo, o Espírito, com a primeira, que é Deus. O Espiritismo não faz essa confusão, admitindo apenas a imanência de Deus no Universo, como consequência de sua própria transcendência.

Não é fácil compreendermos esse processo, sem uma definição dos termos. Mas quando procuramos examiná-los, tudo se torna mais claro. Imanente é aquilo que está compreendido na própria natureza, como elemento intrínseco, pertencente à sua constituição e determinante do seu destino. Dessa maneira, o panteísmo tem sido considerado uma teoria da imanência de Deus. Não obstante, a própria teologia católica considera as aspirações religiosas do homem como decorrência da imanência de Deus na alma. E o Cristianismo evangélico estabelece o princípio da imanência de Deus em nós mesmos. Como poderíamos entender, assim, a imanência daquilo que é transcendente, que está acima e além do mundo e dos homens?

Este problema tem provocado grande celeuma no campo teológico, mas a posição espírita é de tal maneira clara, que a podemos compreender sem maiores dificuldades. Kardec a colocou em termos de causa e efeito: não há efeito inteligente sem uma causa inteligente. Ora, se Deus é a inteligência suprema e causa primária de todas as coisas, a transcendência de Deus é a própria causa da sua imanência. Ou seja: Deus, como criador, está presente na Criação, através de suas leis, que representam ao mesmo tempo a ligação de todas as coisas ao seu poder e a possibilidade de elevação de todas as coisas à sua perfeição. A lei de evolução explica a imanência, como consequência lógica e necessária da transcendência. As disputas teológicas decorrem mais do formalismo em que o problema é colocado, do que das dificuldades lógicas ou filosóficas existentes no mesmo.

O panteísmo-espírita não seria mais, portanto, do que a consideração da presença de Deus em todas as coisas, através de suas leis, e particularmente na consciência humana. No item 626 de *O Livro dos Espíritos* vemos a afirmação de que as leis divinas “estão escritas por toda parte”. Esse o motivo por que: “todos os homens que meditaram sobre a sabedoria puderam com-

preendê-las e ensiná-las”. Reafirma ainda esse item: “Estando as leis divinas escritas no livro da Natureza, o homem pôde conhecê-las sempre que desejar procurá-las. Eis porque os seus princípios foram proclamados em todos os tempos, pelos homens de bem, e também porque encontramos os seus elementos na doutrina moral de todos os povos saídos da barbárie, mas incompletos, ou alterados pela ignorância e a superstição.” O relativismo panteísta está bem claro nesta proposição.

A presença de Deus, e portanto a sua imanência, não se restringe à consciência humana, mas estende-se a toda a natureza. Todas as religiões admitem esse princípio, de uma ou de outra forma, principalmente quando pretendem oferecer as provas da existência de Deus. O Espiritismo o esclarece de maneira simples e precisa, retirando-o da névoa das discussões teológicas e colocando-o sob a luz dos princípios lógicos. Ainda neste terreno controvertido, como vemos, o Espiritismo se apresenta com todo o seu poder de esclarecimento.

7.3 – Teologia Espírita – Falar de teologia espírita é escandalizar alguns setores doutrinários, que só compreendem o Espiritismo como filosofia de bases científicas e conseqüências morais. Mas num curso de introdução doutrinária não podemos fazer concessões nesse terreno. A palavra teologia tem um sentido etimológico e usual bastante conhecido e claro: é a Ciência de Deus, ou, numa interpretação mais humilde, o estudo de Deus. Não importa que a tradição católica a considere como a Ciência de Deus revelada pelo Cristo e conservada pela Igreja. Lalande a define assim: “Ciência de Deus, de seus atributos e de suas relações com o mundo e o homem.” Nessa acepção filosófica é que ela nos interessa, do ponto de vista espírita, e que dela não podemos prescindir para um conhecimento geral da doutrina.

Já vimos que “*O Livro dos Espíritos*” começa pela definição de Deus, e portanto como um tratado teológico. Sua primeira pergunta é esta: “O que é Deus?” E a primeira resposta dada pelos Espíritos está formulada como a pedra angular da teologia espírita: “Deus é a inteligência Suprema, causa primária de todas as coisas.” Todo o primeiro capítulo do livro básico do Espiritismo é dedicado ao estudo de Deus. Um capítulo teológico, portanto. Mas não ficamos nisso. A teologia espírita se estende por toda a codificação. E nem poderia ser de outra maneira, uma vez que o Espiritismo, na sua condição de filosofia espiritualista, tem por fundamento a existência de Deus e suas relações com o homem.

Após a afirmação da existência, *O Livro dos Espíritos* trata do problema dos atributos de Deus. A seguir, das relações de Deus com o mundo e com os homens. Esse problema das relações vai ser amplamente desenvolvido por Kardec, não só na continuidade do livro básico, mas também nas demais obras da Codificação. Há alguns livros escritos especialmente para esclarecer o assunto, como “*O Evangelho Segundo o Espiritismo*”, “*A Gênese, os Milagres e as Predições*” e “*O Céu e o Inferno*”. Livros teológicos, no pleno sentido da definição de Lalande, que nos dão toda a estrutura de uma teologia racional, abrindo perspectivas para desenvolvimentos em várias direções: o estudo da concepção de Deus através dos tempos, das relações dessa concepção com a moral; do desenvolvimento da mística espírita, ou seja, da

experiência psicológica da prece e do conseqüente desenvolvimento do sentimento de Deus entre os espíritas; e assim por diante.

Vemos, pela simples citação dessas possibilidades, que dois problemas fundamentais da teologia clássica foram postos de lado: o da natureza de Deus e o da Criação do Mundo. Realmente, esses problemas são considerados pelo Espiritismo como limítrofes do incognoscível. Nesse ponto, aliás, o Espiritismo coincide com a posição de Espinosa, para quem Deus possuía dois atributos que conhecemos: o espírito e a matéria, e muitos outros que escapam às nossas possibilidades de conhecimento. Mas não é por não tratarmos desses problemas que podemos negar a existência de uma teologia espírita, racional, e livre do espírito de sistema, como afirmava Kardec, a respeito da filosofia espírita.

A teologia espírita é, portanto, a parte da doutrina que trata de Deus, que procura estudá-lo, dentro das limitações da nossa capacidade cognitiva. Começa com um axioma: a existência de Deus. Mas este axioma se evidencia de maneira matemática, por uma seqüência lógica que podemos seguir nesta afirmação: “Deus existe, não o podeis duvidar e isso é essencial.” (item 14 de *O Livro dos Espíritos*.) Analisando esta assertiva, encontramos o seguinte: 1º.) a afirmação pura e simples de Deus, como verdade suprema, que antecede a nossa razão e a ela se impõe; 2º.) a afirmação de um atributo de Deus, que é a sua existência, ou seja a sua imanência; 3º.) a afirmação de que não podemos duvidar dele e de sua existência, não porque estejamos proibidos de fazê-lo, mas porque há uma impossibilidade lógica de duvidar; 4º.) a afirmação de que “isso é o essencial”, ou seja, de que, no nosso estado atual de evolução, não precisamos de mais do que essa compreensão, que nos basta.

Poderíamos argumentar que essa posição teológica é absurda, principalmente quando falamos de uma teologia racional. Partimos de um dogma de fé, que se impõe à nossa consciência. Não se trata, porém, de um dogma de fé, e sim de um axioma matemático. As coisas evidentes se impõem pela sua própria evidência. Não podemos negar a existência de Deus, porque, como dizia Descartes, isso equivaleria a negar a existência do sol em nosso sistema planetário. Muito antes dos homens saberem o que era o sol, não podiam negá-lo. E hoje mesmo continuamos cercados de evidências que escapam à nossa inteligência. Apesar do grande avanço das ciências da vida, não sabemos o que é a vida. E todas as ciências partem sempre de axiomas, de evidências que lhes servem de base, e sobre as quais constroem os seus sistemas racionais, como as religiões constroem a sua dogmática. A posição espírita, portanto, nada tem de estranho. Está perfeitamente enquadrada nos limites gerais do conhecimento humano, sujeita aos mesmos princípios que regem o desenvolvimento das ciências, da filosofia e das religiões.

A teologia espírita implica ainda a existência da revelação. Nas relações entre Deus e o homem existe a possibilidade do diálogo. O homem pode receber informações de Deus a respeito de problemas que a sua razão não alcança. É o que vemos no item 20 de *O Livro dos Espíritos*, quando Kardec pergunta se é possível a revelação de coisas que escapam à investigação científica. Os Espíritos respondem: “Sim, se Deus o julgar útil, pode revelar aquilo que a ciência não consegue apreender.” E Kardec comenta: “É através dessas comunicações que o homem recebe, dentro de certos limites, o conheci-

mento do seu passado e do seu destino futuro.” Mas, por outro lado, existe a revelação humana, aquela que não é uma oferta de Deus ao homem, mas uma conquista deste, através de sua evolução. “A ciência lhe foi dada para o seu adiantamento, em todos os sentidos”, afirma o item 19, e Kardec reafirma em *A Gênese*, capítulo primeiro, essa duplicidade da revelação, considerada do ponto de vista espírita. Assim, pela sua própria natureza, ao mesmo tempo divina e humana, a teologia espírita confirma a sua racionalidade.

7.4 – Cristianismo e Espiritismo – A religião espiritual se define pela superação do social. Johann Heinrich Pestalozzi, mestre de Kardec, considerava a existência de três tipos de religião: a animal ou primitiva, a social ou positiva, e a espiritual ou moral. A esta última preferia chamar simplesmente moralidade, a fim de não confundi-la com as duas formas anteriores. Kardec recebeu dos Espíritos a confirmação dessa teoria pestalozziana. Todo *O Livro dos Espíritos* a confirma, ensinando uma religião pura, desprovida de exigências materiais para o culto, de investiduras sacerdotais, e conseqüentemente de organização social em forma de igreja. As comunicações particulares que Kardec recebia, como já vimos, e que figuraram posteriormente em *Obras Póstumas*, acentuavam a importância espiritual da nova doutrina, como restabelecimento do Cristianismo em espírito e verdade. Em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* o problema foi esclarecido em definitivo.

No item 673 de *O Livro dos Espíritos*, vemos como o problema da religião espiritual é colocado pelos Espíritos, de maneira incisiva, condenando o apego às exterioridades. É a seguinte a resposta dada a uma pergunta de Kardec: “Deus abençoa sempre os que praticam o bem. Amparar os pobres e os aflitos é o melhor meio de o homenagear. Já vos disse, por isso mesmo, que Deus desaprova as cerimônias que fazeis para as vossas preces, pois há muito dinheiro que poderia ser empregado mais utilmente do que é. O homem que se prende à exterioridade e não ao coração, é um espírito de vista estreita: julgai se Deus deve se importar mais com a forma do que o fundo.”

No capítulo oitavo das “Conclusões” de *O Livro dos Espíritos* é o próprio Kardec quem declara: “Jesus veio mostrar aos homens a rota do verdadeiro bem. Por que Deus que o enviaria para lembrar a sua lei esquecida, não enviaria hoje os Espíritos, para novamente a lembrarem, e de maneira mais precisa, agora que os homens a esquecem, para tudo sacrificarem ao orgulho e à cupidez? Quem ousaria pôr limites ao poder de Deus e determinar os seus caminhos? Quem dirá que os tempos preditos não são chegados, como o afirmam os Espíritos, e que não alcançamos aquele em que as verdades mal compreendidas, ou falsamente interpretadas, devem ser ostensivamente reveladas ao gênero humano, para acelerar o seu adiantamento?”

No item 625 vemos a ligação direta que *O Livro dos Espíritos* estabelece entre Cristianismo e Espiritismo. Os Espíritos apontam Jesus como modelo que o homem deve seguir na Terra e Kardec comenta, de maneira incisiva: “Jesus é para o homem o tipo de perfeição moral a que a humanidade pode pretender na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo, e a doutrina que ele ensinou é a mais pura expressão da sua lei, porque ele estava animado do espírito divino, e foi o ser mais puro que já apareceu sobre a Terra”.

A seguir, no item 627, a ligação histórica e espiritual se completa pela voz dos Espíritos: “O ensino de Jesus era freqüentemente alegórico, em forma de parábolas, porque ele falava de acordo com a época e os lugares. Faz-se hoje necessário que a verdade seja inteligível para todos. É preciso, pois explicar e desenvolver essas leis, tão poucos são os que as compreendem, e menos ainda os que as praticam. Nossa missão é a de espertar os olhos e os ouvidos, para confundir os orgulhosos e desmascarar os hipócritas: os que afetam exteriormente a virtude e a religião, para ocultar as suas torpezas. O ensinamento dos Espíritos deve ser claro e sem equívocos, a fim de que ninguém possa pretextar ignorância, e cada um possa julgá-lo e apreciá-lo com sua própria razão. Estamos encarregados de preparar o Reino de Deus anunciado por Jesus, e por isso é necessário que ninguém possa interpretar a lei de Deus ao sabor das suas paixões, nem falsear o sentido de uma lei que é toda amor e caridade.”

O Espiritismo aparece, nesse trecho de *O Livro dos Espíritos*, como o continuador natural do Cristianismo, confirmando o que estudamos anteriormente a respeito. Sua missão é a de restabelecer o ensino do Cristo e efetivá-lo nos corações e nas consciências, já amadurecidas pela evolução, preparando assim o Reino de Deus, ou seja, levando o Cristianismo às suas últimas conseqüências. Assim, quando Kardec nos apresenta o Espiritismo como a religião em espírito e verdade, porque sendo o cumprimento da promessa do Consolador, em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, nada mais faz do que confirmar o que já havia sido anunciado em *O Livro dos Espíritos*.

No capítulo sexto de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, comentando o advento do Consolador, Kardec assinala: “Assim, o Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador Prometido: conhecimento das coisas, que faz o homem saber de onde vem, para onde vai e porque está na Terra; reevocação dos verdadeiros princípios da lei de Deus; e consolação pela fé e pela esperança.” A análise desse pequeno trecho oferece-nos, ao mesmo tempo, a confirmação da ligação histórica entre o Cristianismo e o Espiritismo, e os traços característicos da religião em espírito e verdade.

O Consolador vem para esclarecer os homens, e assim consolá-los através do conhecimento. Religião sem dogmas, sem culto exterior, sem sacerdócio, sem apego material, sem intenção de domínio político e social, pode explicar livremente ao homem que ele é um espírito em evolução, responsável direto pelos seus atos, e portanto pelos seus fracassos ou as suas vitórias. Pode dizer-lhe que, tendo vindo do mundo espiritual, voltará a esse mundo após a vida terrena, tão naturalmente como as borboletas se livram dos casulos, e lá responderá pelos seus erros e os acertos, sem a mediação de sacramentos ou cerimônias materiais de espécie alguma. Sua permanência na Terra pode também ser explicada sem alegoria, pela simples necessidade da evolução espiritual.

A reevocação dos verdadeiros princípios da lei de Deus equivale ao restabelecimento dos ensinamentos do Cristo. A palavra francesa do texto original é “rappel”, que tem sido traduzida por “lembrança”. A tradução mais fiel é a que oferece a idéia de restabelecimento, como o faz a palavra reevocação. Essa idéia está de acordo com o texto de Kardec e com a promessa do texto evangélico. Reevocar os verdadeiros princípios é lembrar, não apenas lem-

brar: “tudo aquilo que vos ensinei”, segundo a expressão do Evangelho de João. Relembrados os princípios esquecidos, deturpados pela ignorância e a vaidade humanas, a religião espiritual se restabelecerá em sua plenitude.

A conseqüência desse processo é naturalmente o restabelecimento da fé e da esperança. A fé, não mais dogmática, fruto de uma imposição autoritária, mas racional, e portanto consciente, como decisão livre do homem. E, por fim, a esperança na vida futura, que se apresenta como oportunidade renovada de reencetar o progresso espiritual. A “moralidade” de Pestalozzi se afirma, através das palavras do seu discípulo Rivail, no plano superior do ensino espiritual, como a forma mais pura de religião: aquela em que o homem age com plena consciência dos seus deveres, livre de ameaças e coações, ciente de que é ele mesmo o construtor do seu futuro.

O conceito de religião espiritual, atualmente, já não mais requer a diferenciação que Pestalozzi adotou. No tempo de Kardec ainda era necessário, principalmente numa obra de divulgação, como *O Livro dos Espíritos*, evitar a palavra “religião”. Hoje, a definição filosófica de religião superou as confusões anteriormente reinantes. O trabalho de Bergson sobre as fontes da moral e da religião colocou o problema em termos claros. A “religião estática” de Bergson é a religião social de Pestalozzi, como a “religião dinâmica” é a religião espiritual, ou moralidade.

A prova das razões por que Kardec evitou a palavra religião, para definir o Espiritismo, nos é dada pela sua própria confissão, no discurso que pronunciou na Sociedade Espírita de Paris, a primeiro de novembro de 1868: “Por que então declaramos que o Espiritismo não é uma religião? Porque só temos uma palavra para exprimir duas idéias diferentes, e porque, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da palavra culto: revela exclusivamente uma idéia de forma, e o Espiritismo não é isso. Se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público só veria nele uma nova edição, uma variante, se assim nos quisermos expressar, dos princípios absolutos em matéria de fé, uma classe sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; o público não o separaria das idéias de misticismo e dos abusos contra os quais sua opinião se tem levantado tantas vezes.”

Essas palavras de Kardec, ao mesmo tempo afirmam a natureza religiosa do Espiritismo, já implícita na própria Codificação, e negam a possibilidade de sua transformação em seita formalista. A religião-espírita reafirma, assim, pelas declarações do próprio Codificador, o seu sentido e a sua natureza espirituais, já evidentes no contexto doutrinário.

*

“DEUS: O SUPREMO LEGISLADOR”

De todas as pesquisas que realizamos nos escritos de filósofos, teólogos, humanistas, cientistas materialistas e os raros cientistas espiritualistas que tentaram explicar “Deus”, não encontramos nada melhor que as conclusões de ALLAN KARDEC, o Codificador do Espiritismo, que a seguir apresentamos:

1 - Existência de Deus – (Explicação de Allan Kardec em seu livro “A Gênese”, Editora LAKE, SP, 17ª. edição, 1994, tradução de Vic-

tor Tollendal Pacheco, apresentação e notas de J. Herculano Pires, págs. 44-46):

Sendo Deus a causa primária de todas as coisas, o ponto de partida de tudo, o eixo sobre que repousa o edifício da criação, é o ponto que importa considerar antes de tudo. Constitui princípio elementar que se julgue uma causa pelos seus efeitos, mesmo quando não se veja a causa. Se um pássaro que corta os ares for atingido por um projétil mortal, deduz-se que um hábil atirador o atingiu, mesmo que não se veja o atirador. Portanto, nem sempre é necessário ter visto uma coisa para saber que ela existe. Em tudo, é observando os efeitos que se chega ao conhecimento das causas.

Outro princípio igualmente elementar, tão verdadeiro que é admitido como axioma, é que todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente. Se perguntássemos quem é o construtor de um mecanismo engenhoso, que pensaríamos daquele que respondesse que ele se fez a si mesmo? Quando se contempla uma obra-prima da arte ou da indústria, diz-se que ela deve ter sido produzida por um homem de gênio, porque só uma alta inteligência poderia concebê-la. Reconhece-se, no entanto, que terá sido obra de um homem, porque se sabe que a coisa não está acima da capacidade humana; mas ninguém dirá que ela saiu do cérebro de um idiota ou de um ignorante, e menos ainda que ela seja o trabalho de um animal, ou o produto do acaso. Por toda parte se reconhece a presença do homem em suas obras. A existência dos homens antediluvianos não seria provada somente pelos fósseis humanos, mas, também, e com tanto mais certeza, pela presença nos terrenos da sua época, de objetos trabalhados pelos homens; um fragmento de vaso, uma pedra talhada, uma arma, um tijolo, bastarão para atestar sua presença. Pela grosseria ou pela perfeição do trabalho, se reconhecerá o grau de inteligência e de aperfeiçoamento daqueles que a realizaram. Se, pois, caso vos encontrásseis num país habitado exclusivamente por selvagens e descobrisseis uma estátua digna de Fídias, não hesitaríeis em dizer que ela devera ter sido obra de uma inteligência superior à dos selvagens, pois estes seriam incapazes de havê-la produzido.

Pois bem! Lançando o olhar em torno de si, sobre as obras da Natureza, observando a providência, a sabedoria, a harmonia que preside a todas as coisas, reconhecemos que nenhuma há que não ultrapasse o mais alto alcance da inteligência humana. Ora, desde que o homem não as pode produzir, é que elas são o produto de uma inteligência superior à humanidade, a não ser que admitamos haver efeito sem causa.

A isto, alguns opõem o seguinte raciocínio: as obras ditas da Natureza são o produto de forças materiais que atuam mecanicamente, como consequência das leis de atração e repulsão; as moléculas dos corpos inertes se agregam e desagregam sob o império dessas leis. As plantas nascem, brotam, crescem e se multiplicam sempre da mesma maneira, cada uma em sua espécie, por força dessas mesmas leis; cada indivíduo é semelhante àquele de onde ele saiu; o crescimento, a floração, a frutificação, a coloração, são subordinados a causas materiais, tais como o calor, a eletricidade, a luz, a umidade, etc. O mesmo sucede com os animais. Os astros se formam pela atração molecular, e se movem perpetuamente em suas órbitas por efeito da lei da gravitação. Esta regularidade mecânica no emprego das forças naturais não indica uma inteligência autônoma. O homem movimentava seu braço quando quer e

como quer; aquele, porém, que o movesse no mesmo sentido, desde seu nascimento até sua morte, seria um autômato; ora, as forças orgânicas da Natureza são puramente automáticas.

Tudo isso é verdadeiro; porém essas forças são efeitos que devem ter uma causa, e ninguém pretende que estas constituam a Divindade. Elas são materiais e mecânicas; não são inteligentes por si mesmas, o que ainda é verdadeiro; mas são postas em funcionamento, distribuídas, adequadas às necessidades de cada coisa, por uma inteligência que não é a do homem. A aplicação útil destas forças é um efeito inteligente que denota uma causa inteligente. Um pêndulo move-se com regularidade mecânica, e esta regularidade é que constitui seu mérito. A força que o faz agir é toda material e de nenhum modo inteligente; porém, que seria deste pêndulo se uma inteligência não houvesse combinado, calculado, distribuído o emprego dessa força, para o fazer funcionar com precisão? Pelo fato de que a inteligência não está no mecanismo do pêndulo, e pelo fato de que ela não é visível, seria racional concluir que ela não existe? Ela é conhecida pelos seus efeitos. A existência do relógio atesta a existência do relojoeiro; a engenhosidade do mecanismo atesta a inteligência e o saber do relojoeiro. Quando um relógio vos dá, no momento necessário, a indicação do que tendes necessidade, algum dia terá vindo ao pensamento de alguém, dizer: Aí está um relógio bem inteligente?

Assim é com o mecanismo do Universo; **Deus não se mostra, mas afirma-se mediante suas obras.** A existência de Deus é, pois, um fato assente, não só pela revelação, mas também pela evidência material dos fatos. Os povos selvagens não tiveram revelação, e no entanto crêem instintivamente na existência de um poder sobre-humano. Eles vêem coisas que estão acima do poder humano, e por isso concluem que elas são provenientes de um ente superior à humanidade. Não são eles mais lógicos do que os que pretendem que tais coisas se fizeram a si mesmas?

2 - Da Natureza Divina – (Idem, págs. 46-50):

Não é dado ao homem sondar a natureza íntima de Deus. **Para compreender Deus ainda nos falta o sentido que não se adquire senão pela completa depuração do Espírito.** Mas, se o homem não pode penetrar o conhecimento de sua essência, desde que aceite sua existência como premissa, pode, pelo raciocínio, chegar ao conhecimento de seus atributos necessários, pois, vendo o que ele absolutamente não pode ser, sem deixar de ser Deus, deduz daí o que ele deve ser.

Sem o conhecimento dos atributos de Deus, seria impossível conhecer a obra de sua criação; esse é o ponto de partida de todas as crenças religiosas e é pelo motivo de que elas não se hajam referido a tais atributos, como ao farol que as poderia dirigir, que a maior parte das religiões tem errado em seus dogmas. As que não têm atribuído a Deus a onipotência, imaginaram muitos deuses; as que não lhe atribuíram soberana bondade, formularam um deus ciumento, colérico, parcial e vingativo.

3 - Deus é a suprema e soberana inteligência.

A inteligência do homem é limitada, pois não pode fazer nem compreender tudo o que existe. A de Deus, abrangendo o infinito, tem que ser in-

finita. Se a supuséssemos limitada num ponto qualquer, seria possível conceber um ente ainda mais inteligente, capaz de compreender e de fazer o que o outro não faria, e assim por diante até o infinito.

Deus é eterno, o que equivale a dizer que não teve começo, e não terá fim. Tivesse tido um começo, teria saído do nada. Ora, não sendo o nada coisa alguma, coisa nenhuma pode produzir. Ou então, teria sido criado por outro ser anterior; nesse caso, este ser é que seria Deus. Se lhe supuséssemos um começo ou um fim, poderíamos conceber um ser que teria existido antes dele, ou o qual poderia existir depois dele, e assim por diante, até o infinito.

Deus é imutável. Caso fosse sujeito a mudanças, as leis que regem o Universo não teriam estabilidade alguma.

Deus é imaterial, isto é, sua natureza difere de tudo **o que denominamos matéria**; de outra forma ele não seria imutável, pois seria sujeito às transformações da matéria. Deus não tem forma perceptível pelos nossos sentidos, sem o que seria matéria. Dizemos: a mão de Deus, o olho de Deus, a boca de Deus, porque o homem que não conhece senão a si mesmo, toma a si por termo de comparação de tudo o que não compreende. Estas imagens nas quais Deus é representado pela figura de um velho, com barbas compridas, são ridículas; elas têm o inconveniente de rebaixar o Ser supremo às mesquinhas proporções da humanidade; daí vai um passo, o emprestar-lhe as paixões da humanidade, o conceber um Deus colérico e ciumento.

Deus é todo-poderoso. Não tivesse a onipotência, seria possível conceber um ser mais poderoso, e assim por diante até que se encontrasse o ente que nenhum outro pudesse ultrapassar em poder e este é que seria Deus.

Deus é soberanamente justo e bom. A sabedoria providencial das leis divinas se revela nas menores coisas, assim como nas maiores, e essa sabedoria não permite duvidar de sua justiça ou de sua bondade. O infinito de uma qualidade exclui a possibilidade da existência de uma qualidade contrária que a diminuísse ou anulasse. Um ente **infinitamente bom** não poderia conter a mínima parcela de maldade; do mesmo modo, um objeto não pode ser de um negro absoluto, se tiver a mais ligeira nuance de branco, assim como não pode ser de um branco absoluto com a menor mancha preta. Deus não poderia ser ao mesmo tempo bom e mau, pois então, não possuindo nenhuma de tais qualidades no grau máximo, não seria Deus; todas as coisas seriam submetidas ao seu capricho, e não haveria estabilidade para nada. Ele não poderia ser senão infinitamente bom, ou infinitamente mau; ora, como suas obras testemunham sua sabedoria, sua bondade e sua solicitude, necessariamente se conclui que, não podendo ao mesmo tempo ser bom e mau, sem cessar de ser Deus, deve ser infinitamente bom.

Deus é infinitamente perfeito. É impossível conceber Deus sem o infinito das perfeições, sem o que ele não seria Deus, pois sempre se poderia conceber um ente que possuísse aquilo que lhe faltasse. Para que algum ser não lhe possa ultrapassar, é necessário que ele seja infinito em tudo. Os atributos de Deus, sendo infinitos, não são suscetíveis de aumento nem de diminuição, sem o que não seriam infinitos e Deus não seria perfeito. Se retirássemos a menor parcela de um só de seus atributos, já não teríamos Deus, pois seria possível existir um ser mais perfeito.

Deus é único. A unidade de Deus é a consequência do infinito absoluto de suas perfeições. Um outro Deus não poderia existir senão com a condição de ser igualmente infinito em todas as coisas; pois se houvesse entre eles a mais ligeira diferença, um seria inferior ao outro, subordinado a seu poder, e não seria Deus. Se houvesse entre eles igualdade absoluta, isto equivaleria a existir, por toda a eternidade, um mesmo pensamento, uma mesma vontade, um mesmo poder; assim confundidos em sua identidade, isso não resultaria, na realidade, senão um só Deus. Caso eles tivessem atribuições especiais, um faria o que o outro não fizesse, e portanto não haveria entre eles igualdade perfeita, pois nem um nem o outro teria a soberana autoridade.

A ignorância do princípio das perfeições de Deus é que engendrou o politeísmo, culto de todos os povos primitivos; eles atribuíram divindade a todo poder que lhes pareceu estar acima da humanidade; mais tarde, a razão os conduziu a confundir estes diversos poderes num só. Depois, à medida que os homens compreenderam a essência dos atributos divinos, retiraram dos símbolos, que haviam criado, a crença que implicava na negação desses atributos.

Em resumo, Deus não pode ser Deus senão com a condição de não ser ultrapassado em nada por outro ente; pois, então, o verdadeiro Deus seria aquele que o ultrapassasse em qualquer assunto mesmo que não excedesse da espessura de um cabelo; para que tal não se dê, é preciso que ele seja infinito em todas as coisas. É por esta forma que, constatando-se a existência de Deus pelas suas obras, chega-se a determinar os atributos que o caracterizam, mediante simples dedução lógica.

Deus é, pois, **a suprema e soberana inteligência; é único, eterno, imutável, imaterial, onipotente, soberanamente justo e bom, infinito em todas as suas perfeições**, e não pode deixar de ser assim. Tal é o eixo sobre o qual repousa o edifício universal; é o farol do qual os raios se estendem sobre o universo inteiro, o único que pode guiar o homem em sua pesquisa da verdade; ao segui-lo, não se extraviará nunca; e se tem se desencaminhado com tanta freqüência, é por não ter seguido o caminho que lhe é indicado. Tal é também o critério **infallível** de todas as doutrinas filosóficas e religiosas; para julgá-las, o homem tem um padrão rigorosamente exato nos atributos de Deus, e ele pode afirmar a si mesmo com certeza, que **toda teoria, todo princípio, todo dogma, toda crença, toda prática, que esteja em contradição com um só destes atributos, que tenda não só a anulá-los, mas simplesmente a enfraquecê-los, não pode estar com a verdade.**

Em Filosofia, em Psicologia, em moral, em religião, nada há de verdadeiro que não esteja conforme às qualidades essenciais da Divindade. A religião perfeita seria aquela da qual **nenhum artigo de fé** estivesse em oposição com estas qualidades, da qual todos os dogmas possam suportar a prova deste controle, sem dele receber nenhuma contradita.

4 – A Providência: Deus está em toda parte – (Idem, págs. 50-54; e, também, na Revista Espírita, ano 1866, mês de Maio, sob o título “Deus está em toda parte”, págs. 129-132, Editora EDICEL, SP, tradução de Júlio Abreu Filho):

A providência é a solícitude de Deus pelas suas criaturas. Deus está em toda parte, tudo vê, a tudo preside, mesmo às menores coisas: é nisto que consiste sua ação providencial.

“Como é que Deus, tão grande, tão poderoso, tão superior a tudo, pode imiscuir-se em detalhes ínfimos, preocupar-se com os menores atos e com os menores pensamentos de cada indivíduo? Essa é a pergunta que a si mesmo faz o incrédulo, de onde ele conclui que ao admitir a existência de Deus, sua ação não deve estender-se senão às leis gerais do universo; que o universo funciona por toda a eternidade em virtude destas leis às quais cada criatura está submetida em sua esfera de atividade, sem que seja necessário o incessante concurso da Providência.”

Em seu estado atual de inferioridade, os homens não podem compreender o Deus infinito, senão com enorme dificuldade, pois que eles mesmos são restritos e limitados, e, portanto, eles o consideram restrito e limitado como eles mesmos. A representação que dele fazem é a de um ente circunscrito, e fazem dele uma imagem à sua própria semelhança. Nos quadros que o pintam, sob traços humanos, não contribuem pouco à fomentação deste erro no espírito das massas, que nele adoram mais a forma que o pensamento. No conceito do maior número, é um soberano poderoso, sobre um **trono** inacessível, perdido na imensidão dos céus, e devido ao fato de que suas faculdades e suas percepções são restritas não compreendem que Deus possa ou ouse intervir diretamente nas pequenas coisas.

Na impotência em que se encontra o homem, de compreender a própria essência da Divindade, não pode fazer dela senão uma idéia aproximativa, com o auxílio de comparações necessariamente muito imperfeitas, mas que pelo menos podem mostrar-lhe a possibilidade daquilo que, à primeira tentativa, lhe parece impossível. Suponhamos um fluido bastante sutil para penetrar todos os corpos; este fluido, sendo não-inteligente, age mecanicamente, seguindo unicamente as leis materiais; mas se supusermos que este fluido seja dotado de inteligência, de faculdades perceptivas e sensitivas, agirá, não mais cegamente, mas com discernimento, com vontade e liberdade; ele verá, ouvirá e sentirá. As propriedades do fluido perispiritual podem dar-nos uma idéia. Por si mesmo, não é inteligente, eis que é matéria; mas é o veículo do pensamento, das sensações e das percepções do Espírito. O fluido perispiritual não é o pensamento do Espírito, mas sim o agente e o intermediário desse pensamento; como é ele que o transmite, de alguma forma está **impregnado** pelo pensamento, e dada a impossibilidade em que estamos de o isolar, parece-nos ser íntegro com o ar, de modo que podemos, por assim dizer, materializá-lo. Da mesma forma pela qual dizemos que o ar torna-se sonoro, poderíamos, tomando o efeito pela causa, dizer que o fluido se torna inteligente.

Quer seja assim, ou não, com o pensamento de Deus, isto é, quer ele atue diretamente, ou por intermédio de um fluido, para facilitarmos a compreensão à nossa inteligência, figuremo-lo sob a forma concreta de um fluido inteligente que enche o universo infinito e penetra todas as partes da criação: **a natureza inteira está imersa no fluido divino**; ou, segundo o princípio de que as partes de um todo são da sua mesma natureza, e têm as mesmas propriedades que o todo, cada átomo desse fluido, se assim podemos exprimir-

nos, possui o pensamento, isto é, os atributos essenciais da Divindade, e já que tal fluido está em toda parte, tudo é submetido à sua ação inteligente, à sua previsão, à sua solícitude; não há um ser, por mais ínfimo que o possamos supor, que não seja saturado por ele, de alguma forma. Estamos assim constantemente na presença da Divindade; não há sequer uma de nossas ações que possamos subtrair à sua consideração; nosso pensamento está em incessante contato com seu pensamento, e é com razão que se diz que Deus jaz nas mais profundas dobras de nosso coração. **Estamos nele, como ele está em nós**, segundo a palavra do Cristo. Para estender sua solícitude a todas as suas criaturas, Deus não tem, pois, necessidade de mergulhar seu olhar, do alto de sua imensidade; nossas orações, para serem ouvidas por ele, não têm necessidade de atravessar o espaço, nem serem proferidas com voz ressoante, pois, sem cessar, a nosso lado, nossos pensamentos repercutem nele. Nossos pensamentos são como os sons de um sino que faz vibrar todas as moléculas do ar ambiente.

Longe de nós o pensamento de materializar a Divindade; a imagem de um fluido universal não é evidentemente senão uma comparação, apenas adequada a dar uma idéia mais justa de Deus, que os quadros que o representam sob uma figura humana; ela tem por objeto fazer compreender a possibilidade de estar Deus em toda parte e de se ocupar de tudo. Temos incessantemente sob nossos olhos um exemplo que pode dar-nos uma idéia pela qual a ação de Deus pode exercer-se sobre as partes mais íntimas de todos os seres, e por conseguinte, como as impressões mais sutis de nossa alma chegam a ele. Extraímos-la de uma instrução dada por um Espírito, acerca desse assunto.

“O homem é o corpo. Neste universo, o corpo representará uma criação da qual o Espírito seria Deus. (Deveis compreender que aqui não se trata de uma questão de identidade, mas sim de analogia.). Os membros desse corpo, os diversos órgãos que o compõem, seus músculos, seus nervos, suas articulações, são outras tantas individualidades materiais, se assim o podemos dizer, localizadas num recanto especial do corpo; embora seja considerável o número de suas partes constitutivas, tão variadas e tão diversas em sua natureza, entretanto, ninguém duvida que o corpo não pode por si produzir movimentos, assim como uma impressão qualquer não pode ocorrer numa parte qualquer, sem que o Espírito tenha consciência de tal movimento ou de tal impressão. Há sensações diversas, simultâneas, em diversos lugares? O Espírito as registra todas, distingue-as, atribui a cada uma sua causa e seu lugar de ação, por intermédio do fluido perispiritual.

“Um fenômeno análogo ocorre entre a criação e Deus. Deus está em toda parte, na Natureza, como o Espírito está em toda parte, no corpo; todos os elementos da criação estão em constante relação com ele, como todas as células do corpo humano estão em contato imediato com o ser espiritual; não há, pois, nenhuma razão para que os fenômenos da mesma ordem não se produzam pela mesma forma, num e noutro caso.

“Um membro se agita; o Espírito o sente; uma criatura pensa; Deus o sabe. Todos os membros estão em movimento, os diversos órgãos são postos em vibração; o Espírito registra cada manifestação, as distingue e as localiza. As diversas criações, as diferentes criaturas se agitam, pensam, agem de modos diversos e Deus sabe tudo o que se passa e assinala a cada um o que lhe

diz respeito. Igualmente se pode deduzir a solidariedade da matéria e da inteligência, a solidariedade de todos os entes de um mundo entre si, a solidariedade de todos os mundos, e a solidariedade, enfim, das criações e do Criador.” (Quinemant, **Société de Paris, 1867.**)

Compreendemos o efeito, já é muito; do efeito remontamos à causa, e avaliamos sua grandeza pela grandeza do efeito; porém sua essência íntima nos escapa, assim como acontece com a causa de uma quantidade de fenômenos. Conhecemos os efeitos da eletricidade, do calor, da luz, da gravitação; chegamos a calculá-los, e, entretanto, ignoramos a natureza íntima do princípio que os produz. Será pois, mais racional, negar o princípio divino, porque não o compreendemos?

Nada impede que se admita, pelo princípio de soberana inteligência, um centro de ação, um foco principal que irradia sem cessar, inundando o universo com seus eflúvios, tal como o sol faz com sua luz. Porém, onde está este foco? É o que ninguém pode dizer. É provável que ele não se encontre fixado sobre um ponto determinado, assim como sua ação não é também fixada, e que ele percorra incessantemente as regiões do espaço sem limites. Se simples Espíritos têm o dom da ubiqüidade, esta faculdade, em Deus, deve ser sem limites. Se Deus enche o Universo, poder-se-ia admitir, ainda, a título de hipótese, que tal foco não tem necessidade de se transportar, e que ele se forma sobre todos os pontos onde a soberana vontade julga ser seu propósito ali produzir-se, com o que se poderia dizer que ele está em toda parte, e em parte alguma.

Diante de tais problemas insondáveis, nossa razão deve humilhar-se. Deus existe: disso não poderemos duvidar; é infinitamente justo e bom: isso é sua essência; sua solicitude se estende a tudo: compreendemo-lo. Ele não pode, pois, querer senão o nosso bem, e por isso devemos ter confiança nele: é o essencial. Quanto ao mais, procuremos ser dignos de compreendê-lo.

5 – A Visão de Deus – (Idem, págs. 54-56):

Já que Deus está em toda parte, por que não o vemos? Será que o veremos quando deixarmos a terra? Tais são as interrogações que diariamente se nos defrontam. A primeira, é fácil de ser respondida: nossos órgãos materiais têm percepções limitadas que os tornam impróprios à visão de certas coisas, mesmo materiais. É assim que certos fluidos escapam totalmente à nossa visão e a nossos instrumentos de análise e mesmo assim não duvidamos de sua existência. Vemos os efeitos da peste, e não vemos o fluido que a transporta; vemos os corpos se moverem sob a influência da força da gravitação e não vemos essa força.

As coisas de essência espiritual não podem ser percebidas por órgãos materiais; não é senão pela visão espiritual que podemos ver os Espíritos e as coisas do mundo imaterial; unicamente, pois, nossa alma pode ter a percepção de Deus. Ela o vê imediatamente após a morte? É assunto que somente nos pode ser ensinado pelas comunicações de além-túmulo. Por elas, sabemos que a visão de Deus não é privilégio senão das almas mais purificadas, e também que ao deixar o envoltório terrestre, poucas possuem o grau de desmaterialização para isso necessário. Uma comparação vulgar tornará o assunto facilmente compreensível.

Quem estiver no fundo de um vale, imerso numa bruma espessa, não vê o sol; entretanto, pela luz difusa, avalia a presença do sol. Se escala a montanha, à medida que sobe, a névoa se esclarece, a luz torna-se cada vez mais viva, porém ainda ele não vê o sol. Não é senão depois que o observador se elevou completamente acima da camada brumosa, que, ao se encontrar no ar perfeitamente puro, ele o vê em todo o seu esplendor.

Assim acontece com a alma. O envoltório perispiritual, se bem que seja invisível e impalpável aos nossos sentidos, é para a alma uma verdadeira matéria, ainda demasiado grosseira para certas percepções. Esse envoltório se espiritualiza à medida que a alma se eleva em moralidade. As imperfeições da alma são como camadas brumosas que obscurecem sua visão; cada imperfeição de que ela se desfaz é uma mancha a menos; porém, não é senão depois que ela se haja purificado completamente que goza da plenitude de suas faculdades.

Deus, sendo a essência divina por excelência, não pode ser percebido em todo o seu esplendor, senão pelos Espíritos que hajam alcançado o mais elevado grau de desmaterialização. Se os Espíritos imperfeitos não o vêem, não é que estejam mais afastados dele que os outros; tal como eles, como todos os seres da Natureza, estão mergulhados no fluido divino, como estamos na luz; apenas, suas imperfeições são como vapores que o furta à sua visão: quando a névoa se houver dissipado, eles o verão resplandecer; para tal alcançar, não terão necessidade nem de subir, nem de ir buscá-lo nas profundezas do infinito; estando a visão espiritual desembaraçada das membranas morais que a obscurecem, eles o verão em qualquer lugar em que se encontrem, mesmo que seja sobre a terra, pois ele está em toda parte.

O Espírito não se purifica senão com vagar, e as diversas encarnações são os alambiques em cujo fundo ele deixa, de cada vez, algumas de suas impurezas. Ao deixar seu envoltório corporal, não se despoja instantaneamente de suas imperfeições; é por isso que há muitos que, após a morte, não vêem Deus, tanto quanto não o viam enquanto eram vivos; porém, à medida que se depurem, têm dele uma intuição mais nítida; se eles não o vêem, já o compreendem melhor: a luz é menos difusa. Quando, pois, alguns Espíritos dizem que Deus os proíbe de responderem a tal pergunta, não é que Deus lhes apareça, ou lhes dirija a palavra para lhes proibir algo ou para lhes interditar de fazer tal ou qual coisa; porém eles o sentem; recebem os eflúvios de seu pensamento tal como a nós sucede com relação aos Espíritos que nos rodeiam com seus fluidos, embora não os vejamos.

Certo, pois, que nenhum homem pode ver Deus, com os olhos da carne. Se tal favor fosse concedido a alguns, isso não se daria senão num estado de êxtase, no qual a alma estará tão desligada dos laços materiais quanto possível durante a encarnação. Aliás, um tal privilégio não será concedido senão às almas de eleição, encarnadas em missão e não em **expição**. Porém, como os Espíritos da ordem mais elevada resplendem com um brilho deslumbrante, pode ocorrer que Espíritos menos elevados, encarnados ou desencarnados, impressionados com o esplendor que os rodeia, tenham acreditado ver o próprio Deus. O mesmo sucede quando um ministro é considerado em lugar do seu soberano.

Sob qual aparência Deus se apresenta aos que se hajam tornado dignos de tal favor? Será sob uma forma qualquer? Sob uma figura humana, ou como um foco resplandecente de luz? Isso é algo em que a linguagem humana se revela impotente para descrever, porque para nós não existe nenhum ponto de comparação que nos possa dar dele uma idéia; somos como cegos a quem em vão se procuraria fazer compreender o brilho do sol. Nosso vocabulário é limitado às nossas necessidades e ao círculo de nossas idéias; a linguagem dos selvagens não poderia reproduzir as maravilhas da civilização; a dos povos mais civilizados é demasiado pobre para descrever os esplendores dos céus; nossa inteligência é demasiado limitada para os compreender, e nossa visão demasiado fraca seria por eles ofuscada.

*

CÓDIGO DE DIREITO NATURAL ESPÍRITA
P A R T E G E R A L
AS LEIS MORAIS
CAPÍTULO I
A LEI DIVINA OU NATURAL

I – CARACTERES DA LEI NATURAL (O Livro dos Espíritos, Itens 614 a 617a)

Artigo 1 - A lei natural é a lei de Deus; é a única necessária à felicidade do homem; ela lhe indica o que deve fazer ou não fazer e ele só se torna infeliz porque dela se afasta. Ela é imutável e perfeita como o próprio Deus. A harmonia que regula o universo material e o universo moral se funda nas leis que Deus estabeleceu por toda a eternidade. Umás regulam o movimento e as relações da matéria bruta: são as leis físicas e seu estudo pertence ao domínio da Ciência. As outras concernem especialmente ao homem e às suas relações com Deus e com os seus semelhantes, compreendem as regras da vida do corpo e as da vida da alma: são as leis morais.

Parágrafo único – O sábio estuda as leis da matéria, o homem de bem as da alma e as segue. Ao homem é dado aprofundar o conhecimento dessas leis; mas uma só existência não lhe é suficiente para isso.

1.1 – “LEI”- Explicação do Espírito Joanna de Ângelis. (Livro “Estudos Espíritos”, Ed. FEB, Rio de Janeiro, 3ª edição, 1983, pgs. 86 a 90, psicografia de Divaldo P. Franco).

Conceito

Qualquer diretriz ou norma estabelecida no seio de uma comunidade constitui intrinsecamente a Lei.

Desde as primeiras agregações humanas, no recuado dos tempos, surgiram, por exigência do progresso, impositivos para o comportamento social que, a pouco e pouco, adquiriram dimensão jurídica. Assim, hábitos, conceitos, modos e modas, formulações éticas e religiosas surgiram paulatinamente, estabelecendo bases para os conglomerados sociais, com os altos objetivos de preservação do indivíduo, da família, da sociedade.

Os primeiros códigos surgiram da necessidade de o homem manter padrões de equilíbrio individual e geral, impondo-se linhas de segurança, através das quais o grupo se unia para progredir.

Na defesa e preservação da vida, em face dos fatores climatéricos, das agressões animais, os instintos inerentes à individualidade compulsoriamente estabeleceram os primeiros deveres, que foram criando raízes e transformando-se em hábitos – estruturas primeiras da leis humanas. Higiene, convívio comunitário, respeito a si mesmo e aos outros, intercâmbio entre os grupamentos, em prol da sobrevivência, e negociações para a preservação grupal lentamente se transmitiram, gerando leis que, aceitas ou não, se transformaram em códigos estruturadores da ética, da religião, da justiça.

Pela intuição pura e simples, graças à interferência dos Espíritos Superiores, o homem hauriu nas imutáveis leis da Natureza, por refletirem as Leis de Deus, definições para a conduta e aprendeu, pela multiplicidade de impositivos que lhe escapavam ao controle, que a própria sobrevivência dependia da solidariedade, do amor, do respeito, deveres que brotavam e se desdobravam como abençoadas flores em extenso campo de esperança.

O natural respeito às forças cósmicas que o dominavam no período primário, em forma de medo, com as conseqüentes manifestações de culto religioso, a se materializarem

em holocaustos, transitando do bárbaro ao sutil, desde a imolação de criaturas à oferta de flores, construiu a identificação lenta e segura entre o homem aparentemente desarmado e o Criador Paternal.

Pelo mesmo processo – mediante a mediunidade natural – os antepassados retornaram e falaram da imortalidade, propondo conceitos libertadores e, ao mesmo tempo, de sabedoria sobre os quais se estabeleceriam as futuras normas humanas que se iriam transformar em legislação terrena.

Desenvolvimento

Mesmo nas guerras em que os grupos se entredevoravam, o impulso gregário fê-los abandonar a antropofagia na tribo, transferindo-a para aquele que considerava adversário, do que surgiram preceitos de combate que, hoje, nas nações civilizadas, se discutem tendo em vista os acordos firmados em Genebra, no respeito aos prisioneiros, e dos quais se faz mediadora a Cruz Vermelha Internacional.

Sem dúvida, há muito ainda por fazer, nesse capítulo da legislação humana pertinente à guerra. Todavia, merece considerar que o homem sofre a “predominância da natureza animal sobre a espiritual”, que lhe constitui lamentável fator preponderante de guerra. Belicoso para consigo mesmo, expande as paixões irrefreadas e desarticula-se, agredindo, malsinando e engendrando a própria desdita.

Código de Hamurabi. No que diz respeito à evolução dos códigos da justiça humana, a Hamurabi se deve o mais antigo conjunto de leis conhecidas pela Humanidade. Reinando de 2067 a 2025 antes de Cristo, fez gravar numa coluna de diorito preto, com aproximadamente 2,5 metros de altura, quatro mil linhas, nas quais se encontravam exarados os princípios que diziam respeito ao indivíduo e às propriedades, dividindo-se em subcapítulos, sucessivamente, nos quais se tem uma visão de equidade avançada para a época em que predominava o poder sobre o direito, a supremacia do vencedor sobre o vencido.

Pensadores e Profetas diversos. Posteriormente, as Civilizações, pela necessidade de estabelecerem códigos destinados a regerem seus membros, ora subordinados às diretrizes religiosas, ora aos impositivos éticos sobre que colocavam suas bases, formaram seus estatutos de justiça e ordem, nem sempre felizes... Pensadores e Profetas de todos os tempos, refletindo a mensagem eterna ou as disposições humanas, não obstante os malogros do passado, criaram as determinações através das quais se levantaram impérios e se construíram povos, sem o que teria dominado o caos e a sobrevivência periclitado.

Moisés e Jesus. Dos primeiros moralistas, da escola ingênua, aos grandes legisladores, ressaltam as figuras de Moisés, instrumento do Decálogo, e Jesus, o excelso paradigma do amor, que consubstanciaram as necessidades humanas, ao mesmo tempo facultando os meios liberativos para o ser que marcha na direção da imortalidade.

Adaptando as Leis Divinas, identificadas na Natureza, às faculdades humanas, aquelas permanecem modelos a que o homem, vagarosa, porém, infalivelmente, se adaptará, para a própria felicidade. Do Direito Romano aos modernos tratados, as fórmulas jurídicas evoluem, apresentando dispositivos e artigos cada vez mais concordes com o espírito de justiça do que com as ambições do comportamento individual e grupal.

Francesco Carrara. O insigne mestre do Direito italiano, deslumbrado com a magnitude da vida imperecível, já preceituava: “O dogma sobre o qual assenta nossa doutrina é o da criação operada pela mente de um Ser eterno e infinito no saber, na bondade e no poder. Renegado este princípio, tudo no Direito se torna arbitrário, ou melhor: o Direito perde a razão de ser, a soberana do mundo é a força. Aceito o princípio, dele deflui como consequência necessária o reconhecimento de uma lei de ordem imposta pelo Criador à criatura.”

E, dominado pela Presença Divina, prossegue, espiritualista: “A alma não está submetida à lei física, mas a compreende e a percebe e dela deseja o melhor, mercê da aspiração do belo.”

Complementando o raciocínio, expõe: “Esta alma inteligente e livre que Deus deu ao homem, a fim de que, com suas obras, pudesse merecer ou desmerecer, sujeitou-o, como ser moralmente livre, a uma outra lei: a lei moral.”

A Lei Natural, ou Lei de Deus e as Leis Morais. Ora, as leis morais estão estruturadas na Lei Natural ou Lei de Deus. Por serem imperfeitas, as leis elaboradas pelos homens sofrem diariamente modificações, variando de povo para povo e, ao mesmo tempo, adaptando-se a situações compatíveis com os dias da sua vigência.

Todas as criaturas têm, na sua maioria, no atual estágio da evolução da vida na Terra, consciência da Lei de Deus, sabendo o de que necessitam para a própria felicidade. Os desmandos a que se entregam, os abusos que perpetram, os excessos a que se expõem não lhes permitirão tranquilizarem-se, porque, inscrita na consciência, aquela lei superior, a seu turno, no momento justo, convocará os infratores ao reajuste, de que ninguém se furta.

Espiritismo e a Lei

Sendo o Espiritismo revelação divina para o reencontro do homem com a verdade (noutras palavras: para o religamento da criatura com o seu Criador), todos os seus ensinamentos assentam na 'Lei Natural', aquela que dimana do Pai.

À semelhança de Jesus, que não veio destruir a Lei, antes submeter-se ao seu estatuto, o Espiritismo respeita as instituições humanas e os códigos dos homens, oferecendo, porém, sublimes normas de evolução, todas fundamentadas no amor ao próximo e na caridade, de cujo exercício o homem aprende, mediante o estudo contínuo e sistemático, quais as suas obrigações na Terra, as razões das vidas sucessivas, a justiça e sabedoria celestes, contribuindo, eficazmente, pela submissão e pela ação dinâmica, através do impulso dado ao progresso de todos, para a sua total libertação da dor, do desequilíbrio, da sombra, da morte...

Mediante a observância das leis morais que fluem dos exemplos e da palavra do Cristo, o homem constrói a Nova Era, na qual os códigos da intolerância e do preconceito, fomentadores do mal e do ódio, empalidecem, para que fulguem as luminosidades do bem e da verdade.

Dia virá em que o homem, amando ao seu irmão, elaborará códigos mais generosos e leis mais justas, em cujas malhas evoluirá, até o momento de plenitude espiritual.

Ciência e Amor. "O Espiritismo é de ordem divina, pois que se assenta nas próprias leis da Natureza e estai certos de que tudo o que é de ordem divina tem grande e útil objetivo. O vosso mundo se perdia; a Ciência, desenvolvida à custa do que é de ordem moral, mas conduzindo-vos ao bem-estar material, redundava em proveito do espírito das trevas. Como sabeis, cristãos, o coração e o amor têm de caminhar unidos à Ciência."(O Evangelho segundo o Espiritismo, Allan Kardec, cap. I, item 10).

II – CONHECIMENTO DA LEI NATURAL (Idem, itens 619 a 628)

Artigo 2 - Todos podem conhecer a lei de Deus, mas nem todos a compreendem; os que melhor a compreendem são os homens de bem e os que desejam pesquisá-la. Não obstante, todos um dia a compreenderão, porque é necessário que o progresso se realize.

Justiça da reencarnação

Parágrafo único - A justiça da multiplicidade de encarnações decorre deste princípio, pois a cada nova existência sua inteligência se torna mais desenvolvida e ele compreende melhor o que é o bem e o que é o mal. Se tudo tivesse de se realizar numa só existência, qual seria a sorte de tantos milhões de seres que morrem diariamente no embrutecimento da selvageria ou nas trevas da ignorância, sem que deles dependa o próprio esclarecimento?

Revelação da Lei Divina: por Jesus e pelo Espiritismo

Artigo 3 - A lei de Deus está escrita na consciência do homem, mas os seus maus instintos freqüentemente fazem que ele a esqueça e despreze;

então ela lhe é lembrada através da revelação, por Espíritos superiores, encarnados ou desencarnados, com o fim de fazer progredir a Humanidade.

Artigo 4 - Jesus é para o homem o tipo da perfeição moral a que pode aspirar a Humanidade na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo e a doutrina que ele ensinou é a mais pura expressão de sua lei, porque ele estava animado do espírito divino e foi o ser mais puro que já apareceu na Terra. Seu ensino era freqüentemente alegórico e em forma de parábolas, porque ele falava de acordo com a época e os lugares. Faz-se hoje necessário que a verdade seja inteligível para todos. É preciso, pois, explicar e desenvolver essas leis, tão pouco são os que as compreendem e ainda menos os que as praticam. O ensinamento dos Espíritos deve ser claro e sem equívocos a fim de que ninguém possa pretextar ignorância e cada um possa julgá-lo e apreciá-lo com sua própria razão.

A Verdade Relativa e a Verdade Absoluta

Artigo 5 - A verdade relativa sempre esteve ao alcance do homem; pois é necessário que cada coisa venha a seu tempo. Ela é como a luz: é preciso que nos habituemos a ela pouco a pouco, pois de outra maneira nos ofuscaria. Estando as leis divinas escritas no livro da Natureza, o homem pôde conhecê-las sempre que desejou procurá-las. Eis porque os seus princípios foram proclamados em todos os tempos pelos homens de bem, e também porque encontramos os seus elementos na doutrina moral de todos os povos saídos da barbárie, mas incompletos ou alterados pela ignorância e a superstição.

Artigo 6 - Jamais houve um tempo em que Deus permitisse ao homem receber comunicações tão completas e tão instrutivas como as que hoje lhe são dadas. Havia na Antigüidade alguns indivíduos que estavam de posse daquilo que consideravam uma ciência sagrada e da qual faziam mistério para os que consideravam profanos; eles recebiam apenas verdades esparsas no meio de um conjunto equívoco e na maioria das vezes alegórico. Não há, entretanto, para o homem de estudo, nenhum antigo sistema filosófico, nenhuma tradição, nenhuma religião a negligenciar, porque todos encerram os germes de grandes verdades, que embora pareçam contraditórias entre si, espalhadas que se acham entre acessórios sem fundamento, são hoje muito fáceis de coordenar, graças à chave que dá o Espiritismo de uma infinidade de coisas que até aqui pareciam sem razão, e cuja realidade é agora demonstrada de maneira irrecusável.

III – O BEM, O MAL E A MORAL. (Idem, itens 629 a 646)

Artigo 7 - A Moral é a regra da boa conduta e portanto da distinção entre o bem e o mal. Funda-se na observação da lei de Deus. O homem se conduz bem quando faz tudo tendo em vista o bem e para o bem de todos, porque então observa a lei de Deus. Assim, o bem é tudo o que está de acordo com a lei de Deus e o mal é tudo o que dela se afasta. Fazer o bem é se conformar à lei de Deus; fazer o mal é infringir essa lei.

Parágrafo único - O homem, por si mesmo e se o desejar, pode distinguir o bem do mal quando crê em Deus, que lhe deu a inteligência para discernir um e outro; na dúvida, quanto à apreciação do bem e do mal, basta lembrar as palavras de Jesus: *vede o que quereríeis que vos fizessem ou não.*

Artigo 8 - A lei de Deus é a mesma para todos; mas o mal depende, sobretudo, da vontade que se tenha de fazê-lo. O bem é sempre bem e o mal sempre mal, qualquer que seja a posição do homem; a diferença está no grau de responsabilidade.

Parágrafo único - As circunstâncias dão ao bem e ao mal uma gravidade relativa. O homem comete, freqüentemente, faltas que, sendo decorrentes da posição em que a sociedade o colocou, não são menos repreensíveis; mas a responsabilidade está na razão dos meios que ele tiver para compreender o bem e o mal. É assim que o homem esclarecido que comete uma simples injustiça é mais culpável aos olhos de Deus que o selvagem que se entrega aos instintos.

O Mal e o Concurso de Pessoas

Artigo 9 - O mal recai sobre aquele que o causou. Assim, o homem que é levado ao mal pela posição em que os outros o colocaram é menos culpável que aqueles que o causaram, pois cada um sofrerá a pena não somente do mal que tenha feito, mas também do que houver provocado.

Artigo 10 - Aquele que se aproveita do mal praticado por outro é como se o cometesse; embora não o tenha praticado, torna-se participante dele e é culpável no mesmo grau. Talvez tivesse recuado diante da ação, mas, se ao encontrá-la realizada, dela se serve, é porque a aprova e a teria praticado se pudesse ou se tivesse ousado.

Resistência Voluntária ao Mal

Artigo 11 - Há virtude em resistir voluntariamente ao mal que se sente desejo de praticar, sobretudo quando se tem a possibilidade de satisfazer esse desejo; mas se o que faltou foi apenas a ocasião, o homem é culpável.

Dever de praticar o bem

Artigo 12 - É preciso fazer o bem no limite das próprias forças, pois cada um responderá por todo o mal que tiver ocorrido por causa do bem que deixou de fazer.

Parágrafo único – Não há ninguém que não possa fazer o bem; somente o egoísta não encontra jamais a ocasião de praticá-lo. É suficiente estar em relação com outros homens para se fazer o bem, e cada dia da vida oferece essa possibilidade a quem não estiver cego pelo egoísmo, porque fazer o bem não é apenas ser caridoso mas ser útil na medida do possível, sempre que o auxílio se faça necessário.

Artigo 13 - O mérito do bem está na dificuldade de praticá-lo; não há nenhum em fazê-lo sem penas e quando nada custa. Deus leva mais em conta o pobre que reparte o seu único pedaço de pão que o rico que só dá do seu superfluo. Jesus já o disse, a propósito do óbolo da viúva.

13.1 –“A Lei Civil e a Lei Moral”– Explicação de Allan Kardec.(Allan Kardec no livro Obras Póstumas, Ed. Lake, S.Paulo, 11^a ed., 1995, pg. 288):

Os males da humanidade vêm da imperfeição dos homens; é pelos seus vícios que prejudicam uns aos outros. Enquanto os homens forem viciosos, serão infelizes, porque a luta dos interesses produzirá incessantemente misérias.

Boas leis contribuem, sem dúvida, para o melhoramento do estado social, mas são impotentes para assegurar a felicidade da humanidade, porque apenas comprimem as más paixões, mas não as aniquilam; são antes repreensivas do que moralizadoras; reprimem atos maus, que se tornam mais salientes, sem lhes destruir as causas. Além disso a bondade das leis está em relação com a bondade dos homens; enquanto eles estiverem dominados pelo orgulho e egoísmo, farão leis, que aproveitem às ambições pessoais.

A lei civil não modifica senão a superfície; a lei moral é que penetra no foro íntimo da consciência e o reforma.

Sendo pois admitido que o atrito causado ao contato dos vícios torna os homens desgraçados, está em seu melhoramento moral o único remédio para seus males. Pois que as imperfeições são a origem dos males, a felicidade aumentará, à medida que diminuïrem as imperfeições. Por melhor que seja uma instituição social, se os homens forem maus, hão de falsificá-la e desnaturá-la para que a explorem em seu particular proveito.

Quando os homens forem bons, farão boas instituições que serão duráveis, porque todos têm interesse em sua conservação.

A questão social não tem pois seu ponto de partida na forma desta ou daquela instituição; ela está inteira no melhoramento moral dos indivíduos e das massas. Aí está o princípio, a verdadeira chave da felicidade humana, porque os homens não pensarão mais em fazer o mal uns aos outros. Não basta cobrir de verniz a corrupção; é preciso extirpá-la. O princípio do melhoramento está na natureza das crenças, porque estas constituem o móvel das ações e modificam os sentimentos. Também está nas idéias inculcadas desde a infância e que se identificam com o espírito; está ainda nas idéias que o desenvolvimento ulterior da inteligência e da razão podem fortificar, nunca destruir. É pela educação, mais ainda do que pela instrução, que se transformará a humanidade.

O homem, que trabalha seriamente em seu melhoramento, assegura sua felicidade desde esta vida; além da satisfação da sua consciência, está livre das misérias materiais e morais, que são as conseqüências forçadas de suas imperfeições. Terá calma, porque as vicissitudes não o afetarão senão de leve; terá saúde, porque não esgotará o corpo com excessos; será rico, porque o é quem se satisfaz com o necessário; terá a paz da alma, porque não terá necessidades impossíveis; não será atormentado pela sede de honras e do supérfluo pela febre de ambição, da inveja e do ciúme.

Indulgente para com as imperfeições dos outros, menos sofrerá com isto; elas lhe excitarão piedade em vez da cólera. Evitando o que possa ser nocivo ao próximo, quer por palavras, quer por obras, procurando tudo o que pode ser útil e agradável aos outros, ninguém sofrerá com as suas relações; assegura a sua felicidade na vida futura, porque quanto mais se apura aqui, mais se elevará na hierarquia dos seres inteligentes, e bem cedo deixará esta de provas pelos mundos superiores, porque o mal que tiver reparado nesta vida, não reclama outras existências reparadoras e porque, na erraticidade, não encontrará senão amigos e simpatizantes e não será atormentado pela visão constante dos que teriam razão para clamar contra ele.

Vivam os homens animados destes sentimentos e serão tão felizes quanto se pode na terra; e quando pouco a pouco esses sentimentos ganhem um povo, uma raça, toda a humanidade, o nosso globo passará à ordem dos mundos felizes. Será isto uma quimera, uma utopia? Sim, para quem não crê no progresso da alma; não, para quem acredita na perfectibilidade indefinida.

13.2 – “Moral”- Explicação do Espírito Joanna de Ângelis no livro “Estudos Espíritos”, já referido.

Conceito

Moral é o conjunto de regras que constituem os bons costumes, consubstancia os princípios salutarés de comportamento de que resultam o respeito ao próximo e a si mesmo.

Decorrência natural da evolução, estabelece as diretrizes seguras em que se fundam os alicerces da Civilização, produzindo matrizes de caráter que vitalizam as relações huma-

nas, sem as quais o homem, por mais avançado nos esquemas técnicos, poucos passos teria conseguido desde os estados primários do sentimento.

Da constante necessidade de defender-se e defender as primeiras comunidades, ainda na fase agrária, surgiram as medidas ora restritivas, ora estimulantes entre os chefes e os subalternos e nas relações recíprocas dos indivíduos, do que resultavam produtivos empreendimentos e proveitosos aprestos no concerto de interesses. Da observação pura e simples, aglutinaram-se experiências que se transformaram, a pouco e pouco, em regras para as trocas comerciais e os acertos políticos entre os diversos grupos, evoluindo para os costumes que se fixaram nas gerações sucessivas, em forma de leis e estatutos.

Impostas por uns, espontaneamente aceitas por outros, desprezadas por muitos, as diretrizes morais evoluíram e se transformaram em Civilização e Cultura, conduzindo às diversas formas de governo superior e à manutenção da ordem pelo indivíduo, em relação a outro, à comunidade, ao Estado e reciprocamente.

Dividida em teoria e prática, a primeira busca determinar o bem supremo, enquanto a outra se encarrega de expor os múltiplos deveres, que constituem os princípios práticos, basilares da vida. Observando suas regras o homem pratica o bem e evita o mal.

Desenvolvimento : A Filosofia e a Moral.

(...) Observando-se as conquistas do homem através do conhecimento, fácil é constatar-se que as regras morais são, também, medidas de higiene e saúde, com comprometimentos profundos nas atitudes e ações do próprio Espírito.

Sendo o homem um animal em evolução, a disciplina do instinto e o desdobramento dos recursos da inteligência, bem como a necessidade da preservação da vida, impõem, a princípio, a disciplina, depois, a lei e, por fim, a Moral, que se converte em nobilitante comportamento com que se liberta das constrações primitivas e se põe em sintonia com as vibrações sutis da Espiritualidade, para onde ruma na condição de Espírito imortal que é.

A história da Filosofia é uma constante busca de uma concepção otimista do mundo. E nesse capítulo a Moral é relevante. De Hermes, com as suas asseverações espirituais, a Lao-tsé; de Confúcio, com os princípios da família e da sociedade fundamentando a Moral numa filosofia da Natureza, otimista, a Zoroastro e Maomé, na concepção dualista da vida; de Sócrates, Platão e Aristóteles com os conceitos políticos, morais e espirituais, às leis apresentadas por Moisés, em Jesus a Moral assume relevante proposição, que modifica a estrutura do pensamento humano e social, abrindo o campo a experiências vigorosas, em que medram as legítimas aspirações humanas, que transitam do poder da força para a força do amor...

Jesus se preocupa com a perfeição íntima, ética, intransferível, dos homens, concludo-os a realizarem o “reino de Deus” interiormente, numa elaboração otimista.

Conclusão

A Moral Cristã. Certamente a moral cristã ainda não colimou os seus objetivos elevados, conquanto os vinte séculos passados. Todavia, diante dos esforços do Direito e da acentuada luta pacífica das organizações mundiais, a Moral, em diversas apreciações tornadas legais, sancionadas por governos e povos, atingirá, não obstante as dificuldades e transições do atual momento histórico, o seu fanal nos dias do porvir, propondo ao homem moderno, na moderação e na equidade, nos costumes corretos, aceitos pelo comportamento das gerações passadas, a vivência do máximo postulado do Cristo, sempre sábio e atual: “Fazer ao próximo o que desejar que este lhe faça”, respeitando e respeitando-se, para desfrutar a consciência apaziguada e viver longos dias de harmonia na Terra, com felicidade espiritual depois da destruição dos tecidos físicos pelo fenômeno da morte.

Virtude. A virtude, no mais alto grau, é o conjunto de todas as qualidades essenciais que constituem o homem de bem. Ser bom, caritativo, laborioso, sóbrio, modesto, são qualidades do homem virtuoso. Infelizmente, quase sempre as acompanham pequenas enfermidades morais que as desornam e enfraquecem. Não é virtuoso aquele que faz ostentação da sua virtude, pois que lhe falta a qualidade principal: a modéstia, e tem o vício que mais se lhe opõe: o orgulho. A virtude, verdadeiramente digna desse nome, não gosta de estadear-se. Adivinham-na; ela, porém, se oculta na obscuridade e foge à admiração das massas(...).” (O Evangelho segundo o Espiritismo, Allan Kardec, cap. XVII, item 8).

13.3 – “O Bem e o Mal: Origem do Bem e do Mal”- Explicação de Allan Kardec no livro *A Gênese*, Editora LAKE, S.Paulo, 17ª edição, 1994, tradução de Victor Tollendal Pacheco, apresentação e notas de J. Herculano Pires, pgs. 57 a 61:

Deus e Satanás. Sendo Deus o princípio de todas as coisas, e sendo tal princípio todo sabedoria, toda bondade, toda justiça, tudo que dele provém deve participar de seus atributos, pois que aquilo que é infinitamente sábio, justo e bom, não pode produzir nada que seja desrazoável, mau e injusto. Portanto, o mal que observamos não pode ter sua origem nele.

Se o mal fosse atribuição de um ente especial, chamado Ahriman ou Satanás, de duas coisas uma: ou tal entidade seria igual a Deus, e, por conseguinte, tão poderosa quanto ele, teria existido por toda a eternidade como ele, ou lhe seria inferior.

No primeiro caso, haveria duas potências rivais, lutando sem cessar, cada uma procurando desfazer o que a outra houvesse feito, contrariando-se mutuamente. Esta hipótese é inconciliável com a unidade de visão que se revela na disposição do universo.

No segundo caso, sendo esta entidade inferior a Deus, ser-lhe-ia subordinada; não podendo ter existido, como ele, por toda a eternidade, sem ser seu igual, teria tido um começo; se ele foi criado, não o pode ter sido, senão por Deus; Deus teria, assim, criado o Espírito do mal, o que seria a negação da infinita bondade. (Vide “O Céu e o Inferno Segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec, Cap. X, “Os demônios”).

Entretanto, o mal existe e tem uma causa.

Os males de toda espécie, físicos ou morais, que afligem a humanidade, apresentam duas categorias que é necessário distinguir: tais são os males que o homem pode evitar, e os que são independentes de sua vontade. Entre estes últimos, colocam-se os flagelos naturais.

O homem, cujas faculdades são limitadas, não pode penetrar nem abarcar o conjunto das finalidades do Criador; julga as coisas do ponto de vista de sua personalidade, dos interesses de grupos e das convenções que para si criaram, as quais não existem na ordem da Natureza; é por isso que ele freqüentemente encontra coisas más e injustas, as quais consideraria justas e admiráveis, se percebesse suas causas, sua finalidade e o resultado final. Procurando a razão de ser e a utilidade de cada coisa, reconhecerá que tudo traz o sinal da sabedoria infinita e ele se inclinará diante de tal sabedoria, mesmo em relação às coisas que não compreende.

Flagelos Naturais, a Dor, a Ciência e o Progresso. O homem recebeu como partilha uma inteligência com cujo auxílio pode anular, ou pelo menos em grande parte atenuar, os efeitos dos flagelos naturais; quanto mais saber adquire, e mais avança em civilização, menos são desastrosos tais flagelos; com uma organização social sabiamente providente poderá mesmo neutralizar as suas conseqüências, uma vez que não as poderá evitar totalmente. Deus deu ao homem, pelas faculdades de que dotou o seu Espírito, os meios de paralisar no futuro até mesmo os efeitos daqueles flagelos que têm sua utilidade no quadro geral da Natureza, os quais, contudo, no presente, atingem os homens.

É assim que ele saneia os terrenos insalubres, neutraliza os miasmas pestilentos, fertiliza os terrenos incultos, e exerce seu engenho na preservação das inundações; edifica para si habitações mais saudáveis, mais sólidas, a fim de resistir aos ventos tão necessários à purificação da atmosfera, e coloca-se ao abrigo das intempéries; é assim, enfim, que pouco a pouco, a necessidade o estimula à criação das ciências, com cujo auxílio melhora as condições de habitabilidade do globo e aumenta a soma do seu bem-estar.

Como o homem deve progredir, os males aos quais está exposto são um estimulante ao exercício de sua inteligência, de todas as faculdades físicas e morais, mediante o incitamento à pesquisa dos meios de se subtrair aos mesmos males. Se nada receasse, nenhuma necessidade o levaria à busca do que é melhor; seu espírito se entorpeceria na inatividade; nada inventaria e nada descobriria. ‘A dor é o aguilhão que empurra o homem para a frente na via do progresso’.

Males que o homem criou para si. A Lei Divina gravada na consciência do homem. O remédio ao lado do mal. Porém, os males mais numerosos são aqueles que o ho-

mem criou para si, por seus próprios vícios, aqueles que provêm de seu orgulho, de seu egoísmo, de sua ambição, de sua cobiça, de seus excessos em todas as coisas; aí está a causa das guerras e das calamidades que elas geram, das dissensões, das injustiças, da opressão do fraco pelo mais forte, enfim, da maior parte das moléstias.

Deus estabeleceu leis cheias de sabedoria, as quais não têm outra finalidade senão o bem; o homem encontra em si mesmo tudo o que é necessário para segui-las; seu caminho é traçado por sua consciência; as leis divinas estão gravadas em seu coração; e, além disso, Deus as faz lembrar sem cessar, por seus messias e seus profetas, por todos os Espíritos encarnados que receberam a missão de esclarecê-lo, moralizá-lo, aperfeiçoá-lo, e nestes últimos tempos, pela multidão de Espíritos desencarnados que se manifestam em todos os lugares. 'Se o homem se conformasse rigorosamente com as leis divinas, não é duvidoso que evitaria os males mais amargos, e que viveria feliz sobre a Terra'. Se não o faz, é em virtude de seu livre-arbítrio, e disso ele sofre as conseqüências. (Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. V, ns. 4, 5, 6 e seguintes).

Deus, porém, cheio de bondade, colocou o remédio ao lado do mal, isto é, do próprio mal faz sair o bem. Chega um momento em que o excesso do mal moral torna-se intolerável e faz com que o homem sinta a necessidade de mudar de caminho; instruído pela experiência, é compelido a procurar um remédio no bem, sempre por efeito de seu livre-arbítrio; quando penetra num caminho melhor, o faz por efeito de sua vontade e porque reconheceu os inconvenientes do outro trilhado. A necessidade o obriga a se melhorar moralmente pelo desejo de ser mais feliz, assim como esta mesma necessidade o impeliu a melhorar as condições materiais de sua existência.

O Mal é a ausência do Bem. Deus só quer o Bem. O homem tem a causa do Mal em SI MESMO, mas tem o Livre-arbítrio para seguir As Leis Divinas, que estão em sua consciência e, assim, evitar o Mal. Pode-se dizer que o mal é a ausência do bem, como o frio é a falta do calor. O mal não é um atributo distinto, assim como o frio não é um fluido especial; um é a negação do outro. Onde o bem não existe, forçosamente existe o mal; deixar de fazer o mal já é o começo do bem. 'Deus não quer senão o bem; o mal provém unicamente do homem. Se na criação houvesse um ser predisposto ao mal, ninguém o poderia evitar; porém, tendo o homem a causa do mal em SI MESMO, e tendo ao mesmo tempo seu livre-arbítrio e por guia as leis divinas, evitará o mal quando quiser'.

Tomemos, para comparação, um fato vulgar. Um proprietário sabe que a extremidade de seu campo é um lugar perigoso no qual poderia perecer ou machucar-se quem ali se aventurasse. Que faz ele para evitar os acidentes? Coloca nas proximidades de tal lugar, um aviso proibindo que prossigam os que por ali passem, devido ao perigo. Eis a lei; ela é sábia e previdente. Se, apesar disso, um imprudente não lhe dá atenção e ultrapassa tal lugar, e se assim chega a um mau resultado, a quem poderá ele responsabilizar, senão a si mesmo?

Assim sucede com todo o mal; o homem o evitaria se observasse as leis divinas; para exemplificar, Deus colocou um limite à satisfação de suas necessidades; o homem é advertido à saciedade; se ultrapassa esse limite, o faz voluntariamente. As moléstias, as enfermidades, a morte que delas podem resultar, são o resultado de sua imprevidência e não de ato de Deus.

Se Deus tivesse criado o homem já perfeito o mal não existiria! Sendo o mal o resultado das imperfeições do homem, e sendo o homem criado por Deus, dir-se-ia, ter Deus criado senão o mal, pelo menos a causa do mal; tivesse ele feito o homem perfeito, o mal não existiria.

Se o homem tivesse sido criado perfeito, seria levado fatalmente ao bem; ora, em virtude de seu livre-arbítrio, ele não é fatalmente levado, nem ao bem, nem ao mal. Deus quis que ele fosse submetido à lei do progresso e que esse progresso fosse o fruto de seu próprio trabalho, a fim de que tivesse o mérito desse trabalho, do mesmo modo que carrega a responsabilidade do mal que é feito por sua vontade. Levanta-se, pois, a questão de saber qual é, no homem, a fonte da propensão para o mal.

Todas as Paixões e Todos os Vícios têm seu princípio no INSTINTO DE CONSERVAÇÃO. O abuso das paixões é que constitui o mal. Se estudarmos todas as paixões, e assim também todos os vícios, veremos que ambos têm seu princípio no instinto de

conservação. Tal instinto existe com toda sua força nos animais e nos seres primitivos que se aproximam mais à animalidade; aí ele domina sozinho, porque em tais seres ainda não há o contra-peso do senso moral; o ser ainda não nasceu na vida intelectual. Ao contrário, o instinto se enfraquece à medida que a inteligência se desenvolve, pois que a inteligência domina a matéria.

O destino do Espírito é a vida espiritual; porém, nas primeiras fases de sua existência corporal, apenas tem necessidades materiais a satisfazer, e com vistas a esta finalidade o exercício das paixões é uma necessidade para a conservação da espécie e dos indivíduos, 'materialmente falando'. Entretanto, saindo desse período, tem outras necessidades; a princípio, necessidades semimorais e semimateriais, e depois, exclusivamente morais. É então que o Espírito domina a matéria; se ele abafa o jugo da matéria, avança em sua estrada providencial, aproxima-se de seu destino final. Se, ao contrário, deixa dominar-se por ela, o Espírito se retarda, assemelhando-se ao bruto. Nesta situação, 'o que outrora era um bem, porque era uma necessidade de sua natureza, torna-se um mal, não somente porque não é mais uma necessidade, mas porque tal se torna nocivo à espiritualização do ser'. De modo semelhante, o que é qualidade na criança torna-se defeito no adulto. Assim, o mal é relativo, e a responsabilidade é proporcional ao grau de progresso.

Logo, todas as paixões têm sua utilidade providencial; sem isso, Deus teria feito algo de inútil e de nocivo. É o abuso que constitui o mal, e o homem abusa em virtude de seu livre-arbítrio. Mais adiante, esclarecido por seu próprio interesse, ele escolhe livremente entre o bem e o mal.

*

CÓDIGO DE DIREITO NATURAL ESPÍRITA

CAPÍTULO VIII

LEI DE ADORAÇÃO

I – FINALIDADE DA ADORAÇÃO (O Livro dos Espíritos, itens 649 a 652)

Artigo 123 – A adoração é a elevação do pensamento a Deus. Pela adoração o homem aproxima de Deus a sua alma. É um sentimento inato, como o da Divindade. A consciência de sua fraqueza leva o homem a se curvar diante d’Aquele que o pode proteger. Jamais houve povos ateus. Todos compreendem que há, acima deles, um Ser Supremo.

123.1 – Como Adorar a Deus? – Explicação de Rodolfo Calligaris no livro já referido, págs. 46-49:

Em todas as épocas, todos os povos praticaram, a seu modo, atos de adoração a um Ente Supremo, o que demonstra ser a idéia de Deus inata e universal. Com efeito, jamais houve quem não reconhecesse intimamente sua fraqueza, e a conseqüente necessidade de recorrer a Alguém, todo-poderoso, buscando-Lhe o arrimo, o conforto e a proteção, nos transe mais difíceis desta tão atribulada existência terrena. Tempos houve em que cada família, cada tribo, cada cidade e cada raça tinha os seus deuses particulares, em cujo louvor o fogo divino ardia constantemente na lareira ou nos altares dos templos que lhes eram dedicados. Retribuindo essas homenagens (assim se acreditava), os deuses tudo faziam pelos seus adoradores, chegando até a se postar à frente dos exércitos das comunas ou das nações a que pertenciam, ajudando-as em guerras defensivas ou de conquista. Em sua imensa ignorância, os homens sempre imaginaram que, tal qual os chefes tribais ou os reis imperadores que os dominavam aqui na Terra, também os deuses fossem sensíveis à manifestações do culto exterior, e daí a pomposidade das cerimônias e dos ritos com que os sagravam. Imaginavam-nos, por outro lado, ciosos de sua autenticidade ou de sua hegemonia e, vez por outra, adeptos de uma divindade entravam em conflito com os de outra, submetendo-a a provas, sendo então considerado vencedora aquela que conseguisse operar feito mais surpreendente. Sirva-nos de exemplo o episódio constante do III Livro dos Reis, cap. 18, v. 22 a 40. Ali se descreve o desafio proposto por Elias aos adoradores de Baal, para saber-se qual o deus verdadeiro. Colocadas as carnes de um boi sobre o altar dos holocaustos, disse Elias a seus antagonistas: “Invocai vós, primeiro, os nomes dos vossos deuses, e eu invocarei, depois, o nome do meu Senhor; e o deus que ouvir, mandando fogo, esse seja o Deus.” Diz o relato bíblico que por mais que os baalitas invocassem o seu deus, em altos brados e retalhando-se com canivetes e lancetas, segundo o seu costume, nada conseguiram. Chegada a vez do deus de Israel, este fez cair do céu um fogo terrível, que devorou não apenas a vítima e a lenha, mas até as próprias pedras do altar. Diante disso, auxiliado pelo povo, Elias agarrou os seguidores de Baal e, arrastando-os para a beira de um rio, ali os decapitou.

O Cristianismo e a Doutrina Espírita – O monoteísmo, depois de muito tempo, impôs-se, afinal, ao politeísmo, e seria de crer-se que, com esse progresso, compreendendo que o Deus adorado por todas as religiões é um só, os homens passassem, pelo menos, a respeitar-se mutuamente, visto as diferenças, agora, serem apenas quanto à forma de cultuar esse mesmo Deus. Não foi tal, porém, o que sucedeu. E os próprios “cristãos”, séculos pós séculos, contrastando frontalmente com os piedosos ensinamentos do Cristo, empolgados pelo fanatismo da pior espécie, não hesitaram em trucidar, a ferro e fogo, milhares e milhares de “hereges” e “infiéis”, “para maior honra e glória de Deus!” – como se Aquele que é o Senhor da Vida pudesse sentir-se honrado e glorificado com tão nefandos assassinios... Atualmente, bastante enfraquecido, o sectarismo religioso começa a derruir, o que constitui prenúncio seguro de melhores dias, daqui para o futuro. Acreditamos, mesmo, que, graças à rápida aceitação que a Doutrina Espírita vem alcançando por toda a parte, muito breve haveremos de compreender que todos, sem exceção, somos de origem divina e integrantes de uma só e grande família. ‘E posto que Deus é Amor, não há como adorá-Lo senão “amando-nos uns

aos outros”, pois, como sabiamente nos ensina João, o apóstolo (I ep., 4:20), “se o homem não ama a seu irmão, que lhe está próximo, como pode amar a Deus, a quem não vê?”.

Lei Natural

Artigo 124 – A adoração faz parte da lei natural, porque é o resultado de um sentimento inato no homem; por isso a encontramos entre todos os povos, embora sob formas diferentes.

124.1 – Oração – Explicação do Espírito Emmanuel no livro “Pensamento e Vida”, Edit. FEB, RJ., 7ª. edição, 1983, psicografado por Francisco Cândido Xavier, págs. 119-122:

A oração é divino movimento do espelho de nossa alma no rumo da Esfera Superior, para refletir-lhe a grandeza. Reportamo-nos aqui ao apelo vivo do espírito às Potências Celestes, quer vestido na fórmula verbal, quer absolutamente sem ela, na silenciosa mensagem da vibração. Imaginemos a face de um espelho voltada para o Sol, desviando-lhe o fulgor na direção do abismo. Esta, na essência, é a função da prece, buscando o Amor Divino para concentrar-lhe a claridade sobre os vales da ignorância e do sofrimento, da miséria e do ódio, que ainda se estendem no mundo. Graduada, desde o mais simples desejo, a exteriorizar-se dos mais ínfimos seres, até à exaltação divina dos anjos, nada se faz na Terra sem o impulso da aspiração que orienta o passo de todas as criaturas...

No corpo ciclópico do Planeta, a oração é o movimento que o mantém na tela cósmica; no oceano, é o fenômeno da maré, pelo qual as águas aspiram ao grande equilíbrio. Na planta, é a chamada fototaxia ou anseio com que o vegetal se levanta para a luz, incorporando-lhe os princípios; no animal, é o instinto de curiosidade e indagação que lhe alicerçam as primeiras conquistas da inteligência, tanto quanto, no homem comum, é a concentração natural, antes de qualquer edificação no caminho humano. O professor planeando o ensinamento e o médico a ensimesmar-se no estudo para sanar determinada moléstia, o administrador programando a execução desse ou daquele serviço, e o engenheiro engolfado na confecção de uma planta para certa obra, estão usando os processos da oração, refletindo na própria mente os propósitos da educação e da ciência de curar, da legislação e do progresso, que fluem do plano invisível, à feição de imagens abstratas, antes de se revelarem substancialmente ao mundo. Orar é identificar-se com a maior fonte de poder de todo o Universo, absorvendo-lhe as reservas e retratando as leis da renovação permanente que governam os fundamentos da vida. A prece impulsiona as recônditas energias do coração, libertando-as com as imagens de nosso desejo, por intermédio da força viva e plasticizante do pensamento, imagens essas que, ascendendo às Esferas Superiores, tocam as inteligências visíveis ou invisíveis que nos rodeiam, pelas quais comumente recebemos as respostas do Plano Divino, porquanto o Pai Todo-Poderoso se manifesta igualmente pelos filhos que se fazem bons.

A vontade que ora, tange o coração que sente, produzindo reflexos iluminativos através dos quais o espírito recolhe em silêncio, sob a forma de inspiração e socorro íntimo, o influxo dos Mensageiros Divinos que lhe presidem o território evolutivo, a lhe renovarem a emoção e a idéia, com que se lhe aperfeiçoa a existência. Dispomos na oração do mais alto sistema de intercâmbio entre a Terra e o Céu. Pelo divino circuito da prece, a criatura pede o amparo do Criador e o Criador responde à criatura pelo princípio inelutável da reflexão espiritual, estendendo-lhe os Braços Eternos, a fim de que ela se erga dos vales da vida fragmentária para os cimos da Vida Vitoriosa.

124.2 – “Os Tempos do Consolador” – Explicação do Espírito Emmanuel no livro “Emmanuel”, já citado, págs. 142-144:

A permissão de Deus para que nos manifestássemos ostensivamente, entre os agrupamentos dos nossos irmãos encarnados, chegou, justamente, a seu tempo, quando o espírito humano despido das vestes da puberdade, com o juízo amadurecido para assimilar algo da Verdade, tateava entre vacilações e incertezas, estabelecidas pela investigação da Ciência, sem conseguir adaptar-se ao demasiado simbolismo das idéias religiosas, latentes na alma humana, desde os tempos primevos dos trogloditas. Justamente na época requerida, consoante as profecias do Divino Mestre, derramou-se da sua luz sobre toda a carne, e os emissários

do Alto, segundo as suas possibilidades e os méritos individuais, têm auxiliado a ascensão dos conhecimentos humanos para os planos elevados da espiritualidade.

A Concepção da Divindade – Desde as eras primárias da Civilização, a idéia de um poder superior, interferindo nas questões mundanas, vem guiando o homem através dos seus caminhos e a Religião sempre constituiu o maior fator da moral social, se bem que apresentasse a Divindade à semelhança do homem, em seus ensinamentos exotéricos. O Cristianismo, inaugurando um novo ciclo de progresso espiritual, renovou as concepções de Deus no seio das idéias religiosas; todavia, após a sua propagação, várias foram as interpretações escriturísticas, dando azo a que as facções sectaristas tentassem, isoladamente, ser as suas únicas representantes; a Igreja Católica e as numerosas seitas protestantes, nascidas do ambiente por ela formado, têm levado longe a luta religiosa, esquecidas de que a Providência Divina é Amor. Estabeleceram com a sua acanhada hermenêutica os dogmas de fé, nutrindo-se das fortunas iníquas a que se referem os Evangelhos, prejudicando os necessitados e os infelizes.

A Fé Ante A Ciência – Mas, como o progresso não conhece obstáculos, os artigos de fé equivaleram a ‘estagnações isoladas’. Se conseguiram satisfazer à Humanidade em um período mais ou menos remoto da sua evolução, caducaram desde que o laboratório obscureceu a sacristia. A Ciência desvendou ao espírito humano as perspectivas inconcebíveis do Infinito; o telescópio descortinou a grandeza do Universo e os novos conhecimentos cosmogônicos demandaram outra concepção do Criador. Desvendando, paulatinamente, as sublimes grandiosidades da natureza invisível, a Ciência embriagou-se com a beleza de tão lindos mistérios e estabeleceu o caminho positivo para encontrar Deus, como descobrira o mundo microbiano, ao preço de acuradas perquirições. É que a Divindade das religiões vigentes era defeituosa e deformada pelos atributos exclusivamente humanos; as Igrejas estavam acorrentadas ao dogmatismo e escravizadas aos interesses do mundo. A confusão estabeleceu-se. Foi quando o Espiritismo fez sentir mais claramente a grandeza do seu ensinamento, dirigindo-se não só ao coração, mas igualmente ao raciocínio. O céu descerrou um fragmento do seu mistério e a voz dos Espaços se fez ouvir.

Os Esclarecimentos do Espiritismo – Foi assim que a religião da verdade surgiu na Terra, no momento oportuno. As igrejas estagnadas encontravam-se no obsoletismo, incapazes de sancionar as idéias novas, vivendo quase que exclusivamente das suas características de materialidade e do seu simbolismo, terminado o tempo de sua necessária influência no mundo. As conquistas científicas não se observa somente na face da Terra opaca e cheia de dores. Há céus inumeráveis e inumeráveis mundos onde a vida palpita numa eterna mocidade; todos eles se encadeiam, se abraçam dentro do magnetismo universal, vivificados pela luz, imagem real da Alma Divina, presente em toda parte. A carne é uma vestimenta temporária, organizada segundo a vibração espiritual, e essa mesma vibração esclarece todos os enigmas da matéria.

Nós Viveremos Eternamente – A Doutrina dos Espíritos, pois, veio desvendar ao homem o panorama da sua evolução e esclarecê-lo no problema das suas responsabilidades, porque a vida não é privilégio da Terra obscura, mas a manifestação do Criador em todos os recantos do Universo. Nós viveremos eternamente, através do Infinito, e o conhecimento da imortalidade expõe os nossos deveres de solidariedade para com todos os seres, em nosso caminho; por esta razão, a Doutrina Espiritista é uma síntese gloriosa de fraternidade e de amor. O seu grande objeto é esclarecer a inteligência humana. Oxalá possam os homens compreender a excelsitude do ensinamento dos Espíritos e aproveitar o fruto bendito das suas experiências; com o entendimento esclarecido, interpretarão com fidelidade o “Amai-vos uns aos outros”, em sua profunda significação. Os instrutores dos planos espirituais, em que nos achamos, regozijam-se com todos os triunfos da vossa ciência, porque toda conquista importa em grande e abençoado esforço e, pelo trabalho perseverante, o homem conhecerá todas as leis que lhe presidem ao destino.

124.3 – “Aliança da Ciência com a Religião” – Explicação de Allan Kardec em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, cap.I, item 8:

A Ciência e a Religião são as duas alavancas da inteligência humana. Uma revela as leis do mundo material, e a outra as leis do mundo moral. Mas ‘aquelas e estas leis, tendo o mesmo princípio, que é Deus’, não podem contradizer-se. Se umas forem a negação das outras, umas estarão necessariamente erradas e as outras certas, porque Deus não pode querer

destruir a sua própria obra. A incompatibilidade, que se acredita existir entre essas duas ordens de idéias, provém de uma falha de observação e do excesso de exclusivismo de uma e de outra parte. Disso resulta um conflito, que originou a incredulidade e a intolerância.

São chegados os tempos em que os ensinamentos do Cristo devem receber o seu complemento; em que o véu lançado intencionalmente sobre algumas partes dos ensinamentos deve ser levantado; em que a Ciência, deixando de ser exclusivamente materialista, deve levar em conta o elemento espiritual; e em que a Religião, deixando de desconhecer as leis orgânicas e imutáveis da matéria, essas duas forças, apoiando-se mutuamente e marchando juntas, sirvam uma de apoio para a outra. Então a Religião, não mais desmentida pela Ciência, adquirirá uma potência indestrutível, porque estará de acordo com a razão e não se lhe poderá opor a lógica irresistível dos fatos.

A Ciência e a Religião não puderam entender-se até agora, porque, encarando cada uma as coisas do seu ponto de vista exclusivo, repeliam-se mutuamente. Era necessária alguma coisa para preencher o espaço que as separava, um traço de união que as ligasse. Esse traço está no conhecimento das leis que regem o mundo espiritual e suas relações com o mundo corporal, leis tão imutáveis como as que regulam o movimento dos astros e a existência dos seres. Uma vez comprovadas, pela experiência, essas relações, uma nova luz se fez: a fé se dirigiu à razão, esta nada encontrou de ilógico na fé, e o materialismo foi vencido.

Mas nisto, como em tudo, há os que ficam retardados, até que sejam arrastados pelo movimento geral, que os esmagará, se quiserem resistir em vez de se entregarem. É toda uma revolução moral que se realiza neste momento, sob a ação dos Espíritos. Depois de elaborada, durante mais de dezoito séculos, ela chega ao momento de eclosão, e marcará uma nova era da Humanidade. São fáceis de prever as suas conseqüências: ela deve produzir inevitáveis modificações nas relações sociais, contra o que ninguém poderá opor-se, porque elas estão nos desígnios de Deus e são o resultado da lei do progresso, que é uma lei de Deus.

II – ADORAÇÃO EXTERIOR (itens 653 a 656)

Adoração exterior e conduta

Artigo 125 – A verdadeira adoração é a do coração. Em todas as vossas ações, pensai sempre que o Senhor vos observa. A adoração exterior é útil, se não for um fingimento. É sempre útil dar um bom exemplo; mas os que a fazem só por afetação e amor próprio, e cuja conduta desmente a sua aparente piedade, dão um exemplo antes mau do que bom, e fazem maior mal do que supõem.

Maneiras de adorar a Deus

Artigo 126 – Deus prefere os que o adoram do fundo do coração, com sinceridade, fazendo o bem e evitando o mal, aos que pensam honrá-lo por meio de cerimônias que não os tornam melhores para os seus semelhantes. Todos os homens são irmãos e filhos do mesmo Deus, que chama para Ele todos os que seguem as suas leis, qualquer que seja a forma pela qual se exprimam. Aquele que só tem a aparência da piedade é um hipócrita; aquele para quem a adoração é apenas um fingimento e está em contradição com a própria conduta, dá um mau exemplo.

Religião nos lábios e não no coração

Parágrafo único – Aquele que faz profissão da adoração ao Cristo e que é orgulhoso, invejoso e ciumento, que é duro e implacável com os outros ou ambiciosos dos bens mundanos, só têm a religião nos lábios e não no coração. Deus, que tudo vê, dirá: aquele que conhece a verdade é cem vezes mais culpável do mal que faz do que o selvagem ignorante e será tratado de

maneira conseqüente no dia do juízo. Os cânticos não chegam a Deus senão pela porta do coração.

126.1 – “Eficácia da Prece” - Explicação de Allan Kardec no livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Ed. FEESP, Tradução de José Herculano Pires, Cap. XXVII, itens 5 a 8:

“Por isso vos digo: todas as coisas que vós pedirdes, orando, crede que as haveis de ter, e que assim vos sucederão. Marcos, XI: 24”.

Há pessoas que contestam a eficácia da prece, entendendo que, por conhecer Deus as nossas necessidades, é desnecessário expô-las a Ele. Acrescentam ainda que, tudo se encaidando no Universo através de leis eternas, nossos votos não podem modificar os desígnios de Deus. Há leis naturais e imutáveis, sem dúvida, que Deus não pode anular segundo os caprichos de cada um. Mas daí a acreditar que todas as circunstâncias da vida estejam submetidas à fatalidade, a distância é grande. Se assim fosse, o homem seria apenas um instrumento passivo, sem livre-arbítrio e sem iniciativa. Nessa hipótese, só lhe caberia curvar a frente ante os golpes do destino; sem procurar evitá-los; não deveria esquivar-se dos perigos. Deus não lhe deu o entendimento e a inteligência para que não os utilizasse, a vontade para não querer, a atividade para cair na inação. O homem sendo livre de agir, num ou noutro sentido, seus atos têm, para ele mesmo e para os outros, conseqüências subordinadas às suas decisões. Em virtude da sua iniciativa, há, portanto, acontecimentos que escapam, forçosamente, à fatalidade, e que nem por isso destroem a harmonia das leis universais, da mesma maneira que o avanço ou o atraso dos ponteiros de um relógio não destrói a lei do movimento, que regula o mecanismo do aparelho. Deus pode, pois, atender a certos pedidos sem derogar a imutabilidade das leis que regem o conjunto, dependendo sempre o atendimento da Sua vontade.

Seria ilógico concluir-se, desta máxima: “Aquilo que pedirdes pela prece vos será dado”, que basta pedir para obter, e injusto acusar a Providência se ela não atender a todos os pedidos que lhe fazem, porque ela sabe melhor do que nós o que nos convém. Assim procede o pai prudente, que recusa ao filho o que lhe seria prejudicial. O homem, geralmente, só vê o presente; mas, se o sofrimento é útil para a sua felicidade futura, Deus o deixará sofrer, como o cirurgião deixa o doente sofrer a operação que deve curá-lo. O que Deus lhe concederá, se pedir com confiança, é a coragem, a paciência e a resignação. E o que ainda lhe concederá são os meios de se livrar das dificuldades, com a ajuda das idéias que lhe serão sugeridas pelos Bons Espíritos, de maneira que lhe restará o mérito da ação. Deus assiste os que se ajudam a si mesmos, segundo a máxima: “Ajuda-te e o céu te ajudará”, e não os que tudo esperam do socorro alheio, sem usarem as próprias faculdades. Mas, na maioria das vezes, preferimos ser socorridos por um milagre, sem nada fazermos.

Tomemos um exemplo. Um homem está perdido num deserto; sofre horrivelmente de sede; sente-se desfalecer e deixa-se cair ao chão. Ora, pedindo a ajuda de Deus, espera; mas nenhum anjo vem lhe dar de beber. No entanto, um Bom Espírito lhe ‘sugere’ o pensamento de levantar-se e seguir determinada direção. Então, por um impulso instintivo, reúne suas forças, levanta-se e avança ao acaso. Chegando a uma elevação do terreno, descobre ao longe um regato, e, com isso, a coragem. Se tiver fê, exclamará: “Graças, meu Deus, pelo pensamento que me inspiraste e pela força que me deste.” Se não tiver fê, dirá: “Que boa idéia ‘tive eu’! Que ‘sorte eu tive’, de tomar o caminho da direita e não o da esquerda; o acaso, algumas vezes, nos ajuda de fato! Quanto me felicito pela ‘minha coragem’ e por não me haver deixado abater!”

Mas, perguntarão, por que o bom Espírito não lhe disse claramente: “Siga este caminho, e no fim encontrarás o que necessitas!” Por que não se mostrou a ele, para guiá-lo e sustentá-lo no seu abatimento? Dessa maneira o teria convencido da intervenção da Providência. Primeiramente, para lhe ensinar que é necessário ajudar-se a si mesmo e usar as próprias forças. Depois, porque, pela incerteza, Deus põe à prova a confiança e a submissão à sua vontade. Esse homem estava na situação da criança que, ao cair, vendo alguém, põe-se a gritar e espera que a levantem; mas, se não vê ninguém, esforça-se e levanta-se sozinha. Se o anjo que acompanhou a Tobias lhe houvesse dito: “Fui enviado por Deus para te guiar na viagem e te preservar de todo perigo”, Tobias não teria nenhum mérito. Foi por isso que o anjo só se deu a conhecer na volta.

III – VIDA CONTEMPLATIVA (Item 657)

Vida contemplativa e prática do bem

Artigo 127 – Os homens que se entregam à vida contemplativa, não fazendo nenhum mal e só pensando em Deus, não têm nenhum mérito aos seus olhos, pois se não fazem o mal, também não fazem o bem e são inúteis. Aliás, não fazer o bem já é um mal. Deus quer que se pense nele, mas não que se pense apenas nele, pois deu ao homem deveres a serem cumpridos na Terra. Aquele que se consome na meditação e na contemplação nada faz de meritório aos olhos de Deus, porque sua vida é toda pessoal e inútil para a Humanidade. Deus lhe pedirá contas do bem que não tenha feito: não é suficiente não se fazer o mal para ser agradável a Deus, é preciso fazer o bem no limite das próprias forças, pois cada um responderá por todo o mal que tiver ocorrido por causa do bem que deixou de fazer.

IV – DA PRECE (Itens 658 a 666)

A prece é agradável a Deus

Artigo 128 – A prece é sempre agradável a Deus, quando ditada pelo coração, porque a intenção é tudo para Ele. A prece do coração é preferível à que podes ler, por mais bela que seja, se a leres mais com os lábios do que com o pensamento. A prece é agradável a Deus quando é proferida com fé, com fervor e sinceridade. Não creias, pois, que Deus seja tocado pelo homem vão, orgulhoso e egoísta, a menos que a sua prece represente um ato de sincero arrependimento e de verdadeira humildade.

Caráter geral da prece

Artigo 129 – A prece é um ato de adoração. Fazer preces a Deus é pensar nele, aproximar-se dele, pôr-se em comunicação com Ele. Pela prece podemos fazer três coisas: louvar, pedir e agradecer.

A prece torna o homem melhor

Artigo 130 – A prece torna o homem melhor porque aquele que faz preces com fervor e confiança se torna mais forte contra as tentações do mal, e Deus lhe envia bons Espíritos para o assistir. É um socorro jamais recusado, quando o pedimos com sinceridade.

A prece que não torna o homem melhor

Parágrafo único – Certas pessoas que oram muito, apesar disso, continuam de muito mau caráter, ciumentas, invejosas, implicantes, carentes de benevolência e de indulgência e, até mesmo, viciosas, porque o essencial não é orar muito, mas orar bem. Essas pessoas julgam que todo o mérito está na extensão da prece e fecham os olhos para os seus próprios defeitos. A prece é para elas uma ocupação, um emprego do tempo, mas não um *estudo de si mesmas*. Não é o remédio que é ineficaz, neste caso, mas a maneira de aplicá-lo.

A prece, o perdão das faltas e as boas ações

Artigo 131 – Pode-se pedir eficazmente a Deus o perdão das faltas. Ele sabe discernir o bem e o mal: a prece não oculta as faltas. Aquele que pe-

de a Deus o perdão das faltas não o obtém se não mudar de conduta. As boas ações são a melhor prece, porque os atos valem mais do que as palavras.

Pode-se orar utilmente pelos outros

Artigo 132 – O Espírito daquele que ora está agindo pela vontade de fazer o bem. Pela prece, atrai a ele os bons Espíritos que se associam ao bem que deseja fazer.

132. 1 – “O poder do pensamento e da vontade” – Comentário de Kardec no item 662 de O Livro dos Espíritos.

Possuímos em nós mesmos, pelo pensamento e pela vontade, um poder de ação que se estende muito além dos limites de nossa esfera corpórea. A prece por outros é um ato dessa vontade. Se for ardente e sincera, pode chamar os bons Espíritos em auxílio daquele por quem pedimos, a fim de lhe sugerirem bons pensamentos e lhe darem a força necessária para o corpo e a alma. Mas, ainda nesse caso, a prece do coração é tudo e a dos lábios não é nada.

132.2 – Espiritismo – “Fé” – Respostas do Espírito Emmanuel constantes do já mencionado livro “O Consolador”, págs. 199-203:

Devemos reconhecer no Espiritismo o Cristianismo redivivo? – O Espiritismo evangélico é o Consolador prometido por Jesus, que, pela voz dos seres redimidos, espalham as luzes divinas por toda a Terra, restabelecendo a verdade e levantando o véu que cobre os ensinamentos na sua feição de Cristianismo redivivo, a fim de que os homens despertem para a era grandiosa da compreensão espiritual com o Cristo.

O Espiritismo veio ao mundo para substituir as outras crenças? – O Consolador, como Jesus, terá de afirmar igualmente: - “Eu não vim destruir a Lei.” O Espiritismo não pode guardar a pretensão de exterminar as outras crenças, parcelas da verdade que a sua doutrina representa, mas, sim, trabalhar por transformá-las, elevando-lhes as concepções antigas para o clarão da verdade imortalista. A missão do Consolador tem que se verificar junto das almas e não ao lado das gloriólas efêmeras dos triunfos materiais. Esclarecendo o erro religioso, onde quer que se encontre, e revelando a verdadeira luz, pelos atos e pelos ensinamentos, o espiritista sincero, enriquecendo os valores da fé, representa o operário da regeneração do Templo do Senhor, onde os homens se agrupam em vários departamentos, ante altares diversos, mas onde existe um só Mestre, que é Jesus-Cristo.

Poder-se-á definir o que é ter fé? – Ter fé é guardar no coração a luminosa certeza em Deus, certeza que ultrapassou o âmbito da crença religiosa, fazendo o coração repousar numa energia constante de realização divina da personalidade. Conseguir a fé é alcançar a possibilidade de não mais dizer: “eu creio”, mas afirmar: “eu sei”, com todos os valores da razão tocados pela luz do sentimento. Essa fé não pode estagnar em nenhuma circunstância da vida e sabe trabalhar sempre, intensificando a amplitude de sua iluminação, pela dor ou pela responsabilidade, pelo esforço e pelo dever cumprido. Traduzindo a certeza na existência de Deus, ela exprime a confiança que sabe enfrentar todas as lutas e problemas, com a luz divina no coração, e significa a humildade redentora que edifica no íntimo do espírito a disposição sincera do discípulo, relativamente ao “faça-se no escravo a vontade do Senhor”.

Será fé acreditar sem raciocínio? – Acreditar é uma expressão de crença, dentro da qual os legítimos valores da fé se encontram embrionários. O ato de crer em alguma coisa demanda a necessidade do sentimento e do raciocínio, para que a alma edifique a fé em si mesma. Admitir as afirmativas mais estranhas, sem um exame minucioso, é caminhar para o desfiladeiro do absurdo, onde os fantasmas dogmáticos conduzem as criaturas a todos os despautérios. Mas também interferir nos problemas essenciais da vida, sem que a razão esteja iluminada pelo sentimento, é buscar o mesmo declive onde os fantasmas impiedosos da negação conduzem as almas a muitos crimes.

A dúvida raciocinada, no coração sincero, é uma base para a fé? – Toda dúvida que se manifesta na alma cheia de boa-vontade, que não se precipita em definições apriorísticas dentro de sua sinceridade, ou que não busca a malícia para contribuir em suas cogitações,

é um elemento benéfico para a alma, na marcha da inteligência e do coração rumo à luz sublimada da fé.

É justa a preocupação dominante em muitos estudiosos do Espiritismo, pelas revelações do plano superior, a título de enriquecimento da fé? – Toda curiosidade sadia é natural. O homem, no entanto, deve compreender que a solução desses problemas lhe chegará naturalmente, depois de resolvida a sua situação de devedor ante os seus semelhantes, fazendo-se, então, credor das revelações divinas.

Para os Espíritos desencarnados, que já adquiriram muitos valores em matéria de fé, qual o melhor bem da vida humana? – A vida humana, nas suas características de trabalho pela redenção espiritual, apresenta muitos bens preciosos aos nossos olhos, na seqüência das lutas, esforços e sacrifícios de cada espírito. Para nós outros, porém, o tesouro maior da existência terrestre reside na consciência reta e pura, iluminada pela fé e edificada no cumprimento de todos os deveres mais elevados.

Nas cogitações da fé, o Espírito encarnado deve restringir suas divagações ao limite necessário às suas experiências na Terra? – Pelo menos, é justo que somente cogite das expressões transcendentais ao seu meio, depois de realizar todo o esforço de iluminação que o mundo lhe pode proporcionar nos seus processos de depuração e aperfeiçoamento.

Qual deve ser a ação do espiritista em face dos dogmas religiosos? – Os novos discípulos do Evangelho devem compreender que os dogmas passaram. E as religiões literatas, que os construíram, sempre o fizeram simplesmente em obediência a disposições políticas, no governo das massas. Dentro das novas expressões evolutivas, porém, os espiritistas devem evitar as expressões dogmáticas, compreendendo que a Doutrina é progressiva, esquivando-se a qualquer pretensão de infalibilidade, em face da grandeza inultrapassável do Evangelho.

Na propaganda da fé, é justo que os espíritas ou os médiuns estejam preocupados em converter aos princípios da Doutrina os homens de posição destacada no mundo, como os juízes, os professores, os literatos, os políticos, etc.? – Os espiritistas cristãos devem pensar muito na iluminação de si mesmos, antes de qualquer prurido, no intuito de converter os outros. E, ao tratar-se dos homens destacados no convencionalismo terrestre, esse cuidado deve ser ainda maior, porquanto há no mundo um conceito soberano de “força” para todas as criaturas que se encontram nos embates espirituais para a obtenção dos títulos de progresso. Essa “força” viverá entre os homens até que as almas humanas se compenetrem da necessidade do reino de Jesus em seu coração, trabalhando por sua realização plena. Os homens do poder temporal, com exceções, muitas vezes aceitam somente os postulados que a “força” lhes proporciona, faz-se mister deixá-los em liberdade nas suas experiências. Dia virá em que brilharão na Terra os eternos direitos da verdade e do bem, anulando essa “força” transitória. Ainda aqui, tendes o exemplo do Divino Mestre que, trazendo ao orbe a maior mensagem de amor e vida para todos os tempos, não teve a preocupação de converter ao Evangelho os Pilatos e os Ântipas do seu tempo. Além do mais, o Espiritismo, na sua feição de Cristianismo redivivo, não deve nutrir a pretensão de disputar um lugar no banquete dos Estados do mundo, quando sabe muito bem que a sua missão divina há de cumprir-se junto das almas, nos legítimos fundamentos do Reino de Jesus.

132.3 – “A Luz da Razão e o Poder da Fé” – Explicação de José Herculano Pires em seu livro “O Homem Novo”, Edições Correio Fraternal, SP, 4ª. edição, 1995, págs. 20/21:

O conceito religioso da Fé como graça especial, concedida por Deus aos crentes de uma determinada religião, pertence ao passado. Esse conceito equivale a uma interpretação profundamente injusta da Justiça Divina. A Fé é um dom, sem dúvida, mas a doação de Deus é sempre universal, nunca se processa na medida estreita dos homens. Deus é o Criador e nós somos as suas criaturas. Isso quer dizer que Deus é Pai e nós somos os Seus filhos. Como poderia o Pai Supremo, que é fonte de todo o amor, de toda a misericórdia, conceder apenas a alguns dos Seus filhos o dom fundamental da Fé, sem o qual o homem não poderia se elevar a Ele? O novo conceito da Fé, estabelecido pelo Espiritismo, coloca o problema em termos claros e precisos. A Fé, como dom natural, está presente no coração de todas as criaturas humanas. À semelhança do amor, que todos trazemos em gérmen dentro de nós, a Fé precisa

germinar em nosso coração e ser cultivada por nós à luz da Razão. Assim, a Fé nos é dada como semente, mas temos de cultivá-la e desenvolvê-la. Nesse sentido, a Fé se torna uma conquista que temos de fazer na vida. Todas as nossas faculdades não devem também ser cultivadas? A Fé é uma faculdade da alma, do espírito, e cabe-nos desenvolvê-la em nós mesmos.

Fé e Razão se ligam como o Sol e a Terra. – A Razão é o sol espiritual que alumia o nosso entendimento, afugentando as trevas e o frio da ignorância e da superstição, para nos dar a luz da compreensão e o calor da vida. Um homem sem fé está morto em si mesmo, é o seu próprio sepulcro. Mas basta-lhe acender a luz da razão para libertar-se da morte e do túmulo, para ressuscitar como Lázaro ante a voz do Messias. O materialista, o ateu, o homem sem fé, na verdade confia em si mesmo, tem fé nas próprias forças. É como o peixe das profundezas, que sabe dominar a água mas ainda não conhece a luz do sol. A fé humana que o sustenta nas lutas diárias da vida vai se abrir na fé divina que lhe mostrará o esplendor das estrelas. A luz da Razão, à semelhança da luz solar, fará germinar e crescer o poder da fé em seu coração. Ninguém se perde, ninguém está condenado para sempre. A Justiça de Deus se cumpre no íntimo de nós mesmos, porque Deus está em nós, presente em nós na misericórdia das suas leis.

132.4 – “A Fé Religiosa. Condição da Fé Inabalável” – Explicação de Allan Kardec em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Cap. XIX, itens 6 e 7:

No seu aspecto religioso, a fé é a crença nos dogmas particulares que constituem as diferentes religiões, e todas elas têm os seus artigos de fé. Nesse sentido, a fé pode ser ‘raciocinada’ ou ‘cega’. A fé cega nada examina, aceitando sem controle o falso e o verdadeiro, e a cada passo se choca com a evidência da razão. Levada ao excesso, produz o ‘fanatismo’. Quando a fé se firma no erro, cedo ou tarde desmorona. Aquela que tem a verdade por base é a única que tem o futuro assegurado, porque nada deve temer do progresso do conhecimento, já que ‘o verdadeiro na obscuridade também o é à plena luz’. Cada religião pretende estar na posse exclusiva da verdade, mas ‘preconizar a fé cega sobre uma questão de crença é confessar a impotência para demonstrar que se está com a razão’.

Vulgarmente se diz que a ‘fé não se prescreve’, o que leva muitas pessoas a alegarem que não são culpadas de não terem fé. Não há dúvida que a fé não pode ser prescrita, ou o que é ainda mais justo: ‘não pode ser imposta’. Não, a fé não se prescreve, mas se adquire, e não há ninguém que esteja impedido de possuí-la, mesmo entre os mais refratários. Falamos das verdades espirituais fundamentais, e não desta ou daquela crença particular. Não é a fé que deve procurar essas pessoas, mas elas é que devem procurá-la, e se o fizerem com sinceridade a encontrarão. Podeis estar certos de que aqueles que dizem: “Não queríamos nada melhor do que crer, mas não o podemos fazer”, apenas o dizem com os lábios, e não com o coração, pois ao mesmo tempo que o dizem, fecham os ouvidos. As provas, entretanto, abundam ao seu redor. Por que, pois, se recusam a ver? Nuns, é a indiferença, noutros, o medo de serem forçados a mudar de hábitos; e, na maior parte, o orgulho que se recusa a reconhecer um poder superior, porque teria de inclinar-se diante dele.

Só é inabalável a fé que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade – Para algumas pessoas, a fé parece de alguma forma inata: basta uma faísca para desenvolvê-la. Essa facilidade para assimilar as verdades espirituais é sinal evidente de progresso anterior. Para outras, ao contrário, é com dificuldade que elas são assimiladas, sinal também evidente de uma natureza em atraso. As primeiras já creram e compreenderam, e trazem ‘ao renascer’, a intuição do que sabiam. Sua educação já foi realizada. As segundas ainda têm tudo para aprender: sua educação está por fazer. Mas ela se fará, e se não puder terminar nesta existência, terminará numa outra. A resistência do incrédulo, convenhamos, quase sempre se deve menos a ele do que à maneira pela qual lhe apresentam as coisas. A fé necessita de uma base, e essa base é a perfeita compreensão daquilo em que se deve crer. Para crer, não basta ‘ver’, é necessário sobretudo ‘compreender’. A fé cega não é mais deste século (XIX, XX, XXI....). É precisamente o dogma da fé cega que hoje em dia produz o maior número de incrédulos. Porque ela quer impor-se, exigindo a abdicação de uma das mais preciosas prerrogativas do homem: a que se constitui do raciocínio e do livre-arbítrio. É contra essa fé, sobretudo, que se levanta o incrédulo, o que mostra a verdade de que a fé não se im-

põe. Não admitindo provas, ela deixa no espírito um vazio, de que nasce a dúvida. A fé raciocinada, que se apóia nos fatos e na lógica, não deixa nenhuma obscuridade: crê-se, porque se tem a certeza, e só se está certo quando se compreendeu. Eis porque ela não se dobra: porque 'só é inabalável a fé que pode enfrentar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade'. É a esse resultado que o Espiritismo conduz, triunfando assim da incredulidade, todas as vezes em que não encontra a oposição sistemática e interessada.

Nossas provas e a prece por nós mesmos

Artigo 133 – Vossas provas estão nas mãos de Deus e há as que devem ser suportadas até o fim, mas Deus leva sempre em conta a resignação. A prece atrai os bons Espíritos, que vos dão a força de as suportar com coragem. Então elas vos parecem menos duras. Deus não pode mudar a ordem da Natureza ao sabor de cada um, porque aquilo que é um grande mal, do vosso ponto de vista mesquinho, para a vossa vida efêmera, muitas vezes é um grande bem na ordem geral do Universo. Além disso, de quantos males o homem é o próprio autor, por sua imprevidência ou por suas faltas! Ele é punido pelo que pecou. Não obstante, os vossos justos pedidos são em geral mais escutados do que julgais. Pensais que Deus não vos ouviu, porque não fez um milagre em vosso favor, quando entretanto vos assiste por meios tão naturais que vos parecem o efeito do acaso ou da força das coisas. Frequentemente, ou o mais frequentemente, ele vos suscita o pensamento necessário para sairdes por vós mesmos do embaraço.

V – POLITEÍSMO; O DEUS ÚNICO E OS ESPÍRITOS (Itens 667 e 668)

Artigo 134 – Os fenômenos espíritas sendo produzidos desde todos os tempos e conhecidos desde as primeiras eras do mundo, contribuíram para a crença da pluralidade dos deuses, porque para os homens, que chamavam deus a tudo o que era sobre-humano, os Espíritos pareciam deuses. E também por isso, quando um homem se distinguia entre os demais pelas suas ações, pelo seu gênio ou por um poder oculto que o vulgo não podia compreender, faziam dele um deus e lhe rendiam culto após a morte. A palavra *Deus* tinha entre os antigos uma acepção muito extensa; não era, como em nossos dias, uma designação do Senhor da Natureza, mas uma qualificação genérica de todos os seres não pertencentes às condições humanas. Ora, tendo as manifestações espíritas lhes revelado a existência de seres incorpóreos que agem como forças da Natureza, eles os chamaram *deuses*, como nós os chamamos Espíritos. Uma simples questão de palavras. Com a diferença de que, em sua ignorância, entretida deliberadamente pelos que tinham interesse em mantê-la, elevaram templos e altares lucrativos a esses seres, enquanto para nós eles não passam de criaturas nossas semelhantes, mais ou menos perfeitas, despojadas de seu envoltório terreno. Se estudarmos com atenção os diversos atributos das divindades pagãs, reconheceremos sem dificuldade todos os que caracterizam os nossos Espíritos, em todos os graus da escala espírita, seu estado físico nos mundos superiores, todas as propriedades do perispírito e o papel que exercem no tocante às coisas terrenas.

O Cristianismo; o Deus Único e as Manifestações dos Espíritos

Parágrafo único – O Cristianismo, vindo aclarar o mundo com a sua luz divina, não podia destruir uma coisa que está na própria Natureza, mas fez que a adoração se voltasse para Aquele a quem realmente pertence. Quanto

aos Espíritos, sua lembrança se perpetuou sob diversos nomes, segundo os povos, e suas manifestações, que jamais cessaram, foram diversamente interpretadas e freqüentemente exploradas sob o domínio do mistério. Enquanto a religião as considerava como fenômenos miraculosos, os incrédulos as tomaram por charlatanice. Hoje, graças a estudos mais sérios, feitos à plena luz, o Espiritismo, liberto das idéias supersticiosas que o obscureceram através dos séculos, revela-nos um dos maiores e mas sublimes princípios da Natureza.

VI – ADORAÇÃO E SACRIFÍCIOS (Itens 669 a 673)

Artigo 135 – A prática dos sacrifícios humanos remonta à mais alta Antigüidade. O homem foi levado a crer que semelhantes coisas pudessem agradar a Deus por duas razões: primeiro, porque não compreendia Deus como sendo a fonte da bondade. Entre os povos primitivos, a matéria sobrepõe-se ao espírito; eles se entregam aos instintos animais e por isso são geralmente cruéis, pois o senso moral ainda não se encontra desenvolvido. Depois, os homens primitivos deviam crer naturalmente que uma criatura animada teria muito mais valor aos olhos de Deus do que um corpo material. Foi isso que os levou a imolar primeiramente animais e mais tarde criaturas humanas, pois, segundo sua falsa crença, pensavam que o valor do sacrifício estava em relação com a importância da vítima.

Os sacrifícios jamais agradaram a Deus

Artigo 136 – Os sacrifícios humanos se originaram de uma falsa concepção do que seria agradável a Deus. Vede Abraão. Com o tempo, os homens passaram a cometer abusos, imolando os inimigos, até mesmo os inimigos pessoais. De resto, Deus jamais exigiu sacrifícios, nem de animais nem de homens. Ele não pode ser honrado com a destruição inútil de sua própria criatura.

Os sacrifícios humanos com intenção piedosa

Artigo 137 – Mesmo os sacrifícios humanos, realizados com intenção piedosa, jamais poderiam ter agradado a Deus; mas Ele julga a intenção. Os homens, sendo ignorantes, podiam crer que praticavam ato louvável ao imolar um de seus semelhantes. Nesse caso, Deus atentaria para o pensamento e não para o fato. Os homens, ao progredirem, deviam reconhecer o erro e reprovar esses sacrifícios, que não mais seriam admissíveis para Espíritos esclarecidos, e digo esclarecidos, porque os Espíritos estavam então envolvidos pelo véu material. Mas, pelo livre-arbítrio, poderiam ter uma percepção de sua origem e sua finalidade. Muitos já compreendiam por intuição o mal que faziam, e só o praticavam para satisfazer suas paixões.

As Guerras Santas – Povos Fanáticos

Artigo 138 – Os povos fanáticos que procuram exterminar o mais possível os que não partilham de suas crenças, com o fim de agradar a Deus, são impulsionados pelos maus Espíritos. Fazendo a guerra aos seus semelhantes, vão contra Deus, que manda o homem amar o próximo como a si mesmo. Todas as religiões, ou antes, todos os povos adoram um mesmo Deus, seja sob este, seja sob aquele nome. Como promover uma guerra de extermínio,

porque a religião de um é diferente ou não atingiu ainda o progresso religioso dos povos esclarecidos?

Jesus e sua doutrina de paz

Parágrafo único - Os povos são escusáveis por não crerem na palavra daquele que estava animado pelo Espírito de Deus e fora enviado por Ele, sobretudo quando não o viram e não testemunharam os seus atos; e como queis que eles creiam nessa palavra de paz, quando os procurais de espada em punho? Eles devem esclarecer-se, e devemos procurar fazê-los conhecer a sua doutrina pela persuasão e a doçura, e não pela força e o sangue. A maioria de vós não acredita nas nossas comunicações com certos mortais; por que queis então que os estranhos acreditem nas vossas palavras, quando os vossos atos desmentem a doutrina que pregais?

138.1 – “O Evangelho e o Futuro” - Explicação do Espírito Emmanuel no livro “A Caminho da Luz”, Ed. FEB, RJ, 20^a. edição, 1994, psicografia de Francisco C. Xavier, págs. 211-216:

A pureza do Cristianismo não conseguiu manter-se intacta. - Um modesto esboço da História faz entrever os laços eternos que ligam todas as gerações nos surtos evolutivos do planeta. Muita vez, o palco das civilizações foi modificado, sofrendo profundas renovações nos seus cenários, mas os atores são os mesmos, caminhando, nas lutas purificadoras, para a perfeição d'Aquele que é a Luz do princípio. Nos primórdios da Humanidade, o homem terrestre foi naturalmente conduzido às atividades exteriores, desbravando o caminho da natureza para a solução do problema vital, mas houve um tempo em que a sua maioridade espiritual foi proclamada pela sabedoria da Grécia e pelas organizações romanas. Nessa época, a vinda do Cristo ao planeta assinalaria o maior acontecimento para o mundo, de vez que o Evangelho seria a eterna mensagem do Céu, ligando a Terra ao reino luminoso de Jesus, na hipótese da assimilação do homem espiritual, com respeito aos ensinamentos divinos. Mas a pureza do Cristianismo não conseguiu manter-se intacta, tão logo regressaram ao plano invisível os auxiliares do Senhor, reencarnados no globo terrestre para a glorificação dos tempos apostólicos. O assédio das trevas avassalou o coração das criaturas. Decorridos três séculos da lição santificante de Jesus, surgiram a falsidade e a má-fé adaptando-se às conveniências dos poderes políticos do mundo, desvirtuando-se-lhe todos os princípios, por favorecer doutrinas de violência oficializada. Debalde enviou o Divino Mestre seus emissários e discípulos mais queridos ao ambiente das lutas planetárias. Quando não foram trucidados pelas multidões delinquentes ou pelos verdugos das consciências, foram obrigados a capitular diante da ignorância, esperando o juízo longínquo da posteridade.

O homem espiritual estacionou em seus surtos de progresso – Desde essa época, em que a mensagem evangélica dilatava a esfera da liberdade humana, em virtude da sua maturidade para o entendimento das grandes e consoladoras verdades da existência, estacionou o homem espiritual em seus surtos de progresso, impossibilitado de acompanhar o homem físico na sua marcha pelas estradas do conhecimento. É por esse motivo que, ao lado dos aviões poderosos e da radiotelefonía, que ligam todos os continentes e países da atualidade, indicando os imperativos das leis da solidariedade humana, vemos o conceito de civilização insultado por todas as doutrinas de isolamento...

O Espiritismo e o reajustamento de todos os valores humanos – Mas é chegado o tempo de um reajustamento de todos os valores humanos. Se as dolorosas expiações coletivas preludiam a época dos últimos “ais” do Apocalipse, a espiritualidade tem de penetrar as realizações do homem físico, conduzindo-as para o bem de toda a Humanidade. O Espiritismo, na sua missão de Consolador, é o amparo do mundo neste século de declives da sua História; só ele pode, na sua feição de Cristianismo redivivo, salvar as religiões que se apagam entre os choques da força e da ambição, do egoísmo e do domínio, apontando ao homem os seus verdadeiros caminhos. No seu manancial de esclarecimentos, poder-se-á beber a linfa cristalina das verdades consoladoras do Céu, preparando-se as almas para a nova era. São chegados os tempos em que as forças do mal serão compelidas a abandonar as suas derradeiras po-

sições de domínio nos ambientes terrestres, e os seus últimos triunfos são bem o penhor de uma reação temerária e infeliz, apressando a realização dos vaticínios sombrios que pesam sobre o seu império perecível. Ditadores, exércitos, hegemonias econômicas, massas versáteis e inconscientes, guerras inglórias, organizações seculares, passarão com a vertigem de um pesadelo. A vitória da força é uma claridade de fogos de artifício. Toda a realidade é a do Espírito e toda a paz é a do entendimento do reino de Deus e de sua justiça. O século que passa efetuará a divisão das ovelhas do imenso rebanho. O cajado do pastor conduzirá o sofrimento na tarefa penosa da escolha e a dor se incumbirá do trabalho que os homens não aceitaram por amor. (...) Todavia, os operários humildes do Cristo ouçamos a sua voz no âmaço de nossa alma: “Bem-aventurados os pobres, porque o reino de Deus lhes pertence! Bem-aventurados os que têm fome de justiça, porque serão saciados! Bem-aventurados os aflitos, porque chegará o dia da consolação! Bem-aventurados os pacíficos, porque irão a Deus!”.

Sim, porque depois da treva surgirá uma nova aurora. Luzes consoladoras envolvem todo o orbe regenerado no batismo do sofrimento. O homem espiritual estará unido ao homem físico para a sua marcha gloriosa no Ilimitado, e o Espiritismo terá retirado dos seus escombros materiais a alma divina das religiões, que os homens perverteram, ligando-as no abraço acolhedor do Cristianismo restaurado. Trabalhem por Jesus, ainda que a nossa oficina esteja localizada no deserto das consciências.

Todos somos dos chamados ao grande labor - e o nosso mais sublime dever é responder aos apelos do Escolhido. Revendo os quadros da História do mundo, sentimos um frio cortante neste crepúsculo doloroso da civilização ocidental. Lembremos a misericórdia do Pai e façamos as nossas preces. A noite não tarda e, no bojo de suas sombras compactas, não nos esqueçamos de Jesus, cuja misericórdia infinita, como sempre, será a claridade imortal da alvorada futura, feita de paz, de fraternidade e de redenção.

A Prática do Bem e as Cerimônias exteriores inúteis

Artigo 139 – Deus abençoa sempre os que praticam o bem; amparar os pobres e os aflitos é o melhor meio de homenageá-lo. Já vos disse, por isso mesmo, que Deus desaprova as cerimônias que fazeis para as vossas preces, pois há muito dinheiro que poderia ser empregado mais utilmente. O homem que se prende à exterioridade e não ao coração é um Espírito de vista estreita; julgai se Deus deve importar-se mais com a forma do que com o fundo.

139.1 – “Sacrifícios” - Explicação de Rodolfo Calligaris no livro já citado, págs. 54-57:

Compulsando-se a história das religiões, verifica-se que o oferecimento de sacrifícios à Divindade remonta a um passado remotíssimo, a perder-se na noite das idades. As oferendas, que a princípio consistiam em frutos da terra, passaram, depois, a constituir-se de animais, cujas carnes eram queimadas nos altares, transformando-se, mais tarde, em sacrifícios humanos. O Velho Testamento faz inúmeras referências ao holocausto de vítimas humanas aos deuses Baal, Moloque e outros, dando-o como prática generalizada entre os povos asiáticos, sendo que o Gênesis, cap. 22, nos conta que até mesmo Abraão, um dos patriarcas do Judaísmo intentara matar seu filho único Isaac, como prova de amor a Jeová, somente não o fazendo porque, no último instante, um anjo interveio, ordenando fosse suspensa a imolação. Segundo relata um escritor do passado, 300 cidadãos e 200 crianças das melhores famílias de Cartago (África) foram, certa vez, oferecidos em sacrifício a Saturno, visando a aplacar-lhe a ira, por acreditarem que a situação penosa em que se encontravam (o sítio da cidade por poderosas hostes conquistadoras) fosse motivado pelo fato de, até então, só haverem oferecido a essa divindade filhos de escravos estrangeiros. Na Europa, os sacrifícios humanos, se bem que em menor número, também foram praticados séculos pós séculos. Dizem-nos os historiadores que na Grécia, para homenagear ou saciar Apolo, Dionísio, Zeus e outros deuses, jovens e crianças eram queimados em piras fúnebres, lançados do alto dos penhascos ou chibatados até à morte. Na Itália, adotava-se o afogamento, atirando-se trinta pessoas, anualmente, às águas do rio Tibre. O deus cultuado na Zelândia, verdadeiro monstro, exigia, em igual período, o sacrifício de nada menos que noventa e nove pessoas. Na Bretanha, conforme o rela-

to de César, fazia-se uma colossal estátua de vime, enchiam-na de vítimas e deitavam-lhe fogo. Já na Gália, colocavam-nas num altar e abriam-lhe o peito à espada. Entre os povos primitivos da América, esse costume bárbaro deve ter vigorado também, por muito tempo. Haja vista que, quando da conquista do México, no século XVI, foram encontradas em um templo cerca de 136.000 caveiras de vítimas sacrificadas aos deuses ali adorados pelos astecas.

Os sacrifícios e a explicação da Doutrina Espírita – Esclarecem-nos, entretanto, os mentores espirituais, através de Kardec, que não era por maldade que os homens da Antiguidade procediam dessa forma, mas sim por mera ignorância. E explicam: em nossos dias, quando nos dispomos a oferecer um presente a alguém, não o escolhemos de tanto maior valor quanto mais estima queiramos testemunhar a esse alguém, ou quanto mais interesse tenhamos em conquistar-lhe as boas graças a fim de solicitar-lhe certos favores? Não eram outros os motivos que levavam nossos antepassados a sacrificar às divindades. Como, porém, não podiam concebê-las com os atributos da perfeição, antes as rebaixavam ao nível deles mesmos, julgavam, erroneamente, que o holocausto a ser-lhes oferecido seria tanto mais valioso quanto mais importante fosse a vítima. Daí porque nos ofícios sacrificatórios os produtos agrícolas foram, com o tempo, preteridos pelos animais, que, por sua vez, foram substituídos por seres humanos: estrangeiros ou inimigos, e, posteriormente, em lugar destes, os pais passaram a sacrificar os próprios filhos! É que – supunham -, com estas oblatas, os deuses haveriam de sentir-se muito mais honrados.

‘As pessoas esclarecidas compreendem, agora, que, conquanto praticados com piedosa intenção, tais sacrifícios nunca foram agradáveis a Deus, como não podem agradar-Lhe, tão-pouco, as macerações e as penitências que certos religiosos continuam a impor-se, sem que aproveitem a ninguém. A Doutrina Espírita, fazendo luz sobre este assunto, ensina-nos que o único sacrifício abençoado por Deus é aquele que se faça por amor e em benefício do próximo, e que “o melhor meio de honrá-Lo consiste em minorar os sofrimentos dos pobres e dos aflitos’.

Livro: Concepção Existencial de Deus. J. Herculano Pires***Deus Existe?***

Os teólogos do Cristianismo Ateu, da Teologia Radical da Morte de Deus, são anjos rebelados e decaídos do Paraíso Medieval. Nesta fase de inquietações e contradições que marca os flancos bovinos do Século XX com imenso sinal de interrogação em ferro e em brasa, a tese da Morte de Deus, oriunda da II Guerra Mundial e inspirada no episódio do louco de Nietzsche (Já ouviu falar daquele louco que acendeu uma lanterna numa clara manhã, correu para a praça do mercado e pôs-se a gritar incessantemente: "Eu procuro Deus! Eu Procuro Deus!" Como muitos dos que não acreditam em Deus estivessem justamente por ali naquele instante, ele provocou muita risadas... "Onde está Deus", ele gritava. "Eu devo dizer-lhes. Nós o matamos - vocês e eu. Todos somos assassinos... Deus está morto. Deus continua morto. E nós o matamos..." Friedrich Nietzsche, *Gaia Ciência* (1882), parte 125), anuncia a liquidação final do espólio medieval no pensamento contemporâneo. Os bens desse espólio se constituem dos imóveis patrimoniais de um Cristianismo deformado, com as suas catedrais gigantescas, a estrutura econômico-financeira do Vaticano, os artigos da velha simonia contra a qual Lutero se rebelou e os inesgotáveis lotes de quinquilharias sagradas, vestes e paramentos ornamentais, símbolos e dogmas das numerosas Igrejas Cristãs. Essa a razão por que, matando Deus, os novos teólogos pretendem colocar o Cristo provisoriamente em seu lugar. A imensa literatura religiosa medieval, que superou de muito os absurdos dos sofistas gregos, destina-se ao arquivo milenar da estupidez humana.

O Materialismo e o Ateísmo do Renascimento, acolitados pelo Ceticismo, o Positivismo e o Pragmatismo, formam o cortejo do féretro gigantesco e sombrio, manchado de cinza e sangue, da pavorosa arrogância em que se transformou a pregação de humildade, os exemplos de tolerância e simplicidade do Messias crucificado. É o lixo do famoso Milênio, carregado para a Porta do Monturo do Templo de Jerusalém, para ser lançado nas geenas ardentes. Dispensa-se o inventário, porque não sobraram herdeiros. Nenhuma civilização morreu de maneira mais inglória do que essa, em que Deus figurou como o carrasco impiedoso da Humanidade ingênua e ignorante.

Apesar da rudeza dessa visão trágica, assim pintada em cores fortes na tela de um pintor primitivista (bem ao gosto do século), ela não implica a negação da necessidade histórica da Idade Média. Pelo contrário, o fundo histórico desse panorama, na perspectiva tumultuada das civilizações da mais remota antiguidade, todas fundadas na força, na violência e nos arbítrios das civilizações massivas que vêm da lendária Suméria até a Macedônia e a Pérsia, projetando-se num impacto em Esparta e Roma, e um clarão de beleza e consciência em Atenas (que também não escaparia aos eclipses da escravidão e da execução de Sócrates) justificam histórica e antropologicamente a tragédia humana desses séculos de primarismo e barbárie que sucederam ao estranho advento do Cristianismo. Nada se pode condenar nesse panorama monstruoso, em que as idéias cristãs, renovando tímidos lampejos de esperanças frustradas e revigorando-os na visão de esperanças futuras, penetravam na massa e a ela se misturavam como o fermento da parábola evangélica. As leis naturais da evolução criadora, segundo a expressão de Bergson e de acordo com a tese dialética de Hegel, levavam ao fogo de Prometeu (roubado ao

Céu) o caldeirão implacável das fusões dantescas, na percepção intuitiva de Wilhelm Dilthey, os elementos conjugados das civilizações mortas. Os deuses mitológicos eram caldeados nas próprias chamas votivas de seus templos, fundindo-se com Iavé, o Deus Único dos hebreus, para modelagem futura do Deus Cristão, que nascera da palavra mágica do Messias: *Pai*.

Mas até que os homens pudessem compreender o sentido dessa breve palavra, desse átomo oral, os detritos ferventes do caldeirão medieval teriam de escorrer pelas muralhas do preconceito e da ignorância, queimando o solo do planeta e a frágil carne humana. Não é de admirar que as atrocidades da II Guerra Mundial tenham feito o mesmo. Em meados do Século XX estávamos ainda bem próximos das fogueiras da Inquisição e dos instintos ferozes dos antigos sátrapas das civilizações massivas, monstruosas expansões das tribos bárbaras, em que os ritos do sangue e do ódio ao semelhante purificavam a túnica dos sacerdotes e das vestais, manchadas pelos sacrifícios humanos e pela prostituição sagrada nos altares e nas escadarias dos templos. Os abutres da guerra devoravam Prometeu em cada vítima da loucura hitlerista e chafurdavam na prostituição sagrada dos mitos da violência, essa Górgora terrível e insaciável do Jardim das Hespérides nazista. A histeria e o sadismo, a brutalidade e o homossexualismo campeavam livres nas guarnições de heróis, como um Estige de lamas que escorresse do Fuherer para a Alemanha, asfixiando as mais belas conquistas da sua tradição cultural a invadir e contaminar as nações vencidas. Os campos de concentração e suas câmaras de gás destruíam a confiança no homem, revelavam a falência do Humanismo e a fé em Deus nas cinzas das incinerações brutais. Na Itália dos poetas e cantores tripudiavam os asseclas do Duce, submisso ao Fuherer, e no Japão das cerejeiras e dos Kaikais o fanatismo dos kamikazes desafiava a insensibilidade de Truman, que não tardou a lançar suas bombas atômicas sobre Nagasaki e Hiroshima, no mais monstruoso genocídio da História.

Não nos é possível sequer conceber o Nada, o vazio absoluto, do qual Deus teria saído como o Ser Absoluto. Tirar o Absoluto do Nada é uma contradição que nosso entendimento repele. A existência de Deus, como anterior à Criação é inconcebível. E se algo existia antes, temos um poder criador anterior a Deus. A tese budista do Universo incriado, que sempre existiu, subordina o poder de Deus a essa existência misteriosa e inexplicável. Nos limites da nossa mente esses problemas não cabem, são mistérios que serviram para todos os sofismas, jogos de palavras e conclusões monstruosas do pensamento teológico. Mas quando aplicamos o bom-senso, com a devida modéstia de criaturas finitas e efêmeras, diante do Infinito e da Eternidade, podemos reduzir o ilimitado aos limites da realidade inteligível. Então o raciocínio dedutivo, de ordem científica, que parte do chão da existência evidente, para alcançar pouco a pouco as alturas acessíveis, nos coloca diante de uma realidade que podemos dominar. Deus como *Existente*, que existe na nossa realidade humana, pode ser tocado com os dedos e sentido, captado pelo nosso sensorio comum. Não necessitamos da percepção extra-sensorial para captar sua existência. O grande erro das religiões é apresentar Deus como enigma insolúvel e exigir que o amemos de todo o coração e todo o entendimento. Essa colocação contraditória levou-as a um absurdo ainda maior, o de transformar Deus num tirano sádico que nos criou para submeter-nos à tortura e à perdição. Por

mais que se fale em amor, misericórdia e piedade, essas palavras nada valem diante das ameaças da escatologia religiosa.

Mas Deus como *Existente* é o Pai que Jesus nos apresenta em termos racionais, pronto a nos guiar e amparar, a nos dar pão e não cobras quando temos fome e a nos convidar incessantemente para o seu Reino de Harmonia e Beleza. Se podemos percebê-lo em nós mesmos, na nossa consciência e no nosso coração, se podemos vê-lo em seu poder criador numa folha de relva, numa flor, num grão de areia e numa estrela, se podemos conviver com ele e sentarmos com ele à mesa e partir o pão com os outros, então ele realmente existe em nossa realidade humana e o podemos amar, e de fato o amamos de todo o coração e de todo o entendimento. Deus como *Existente* é o nosso companheiro e o nosso confidente. Não dependemos de intermediários, de atravessadores do mercado da simonia para expor-lhe as nossas dificuldades e pedir a sua ajuda. A existência de Deus se prova então pela intimidade natural (não sobrenatural) que com ele estabelecemos em nossa própria existência.

Diante desse quadro horripilante, e particularmente dentro dele, nada mais se poderia esperar dos crentes e dos teólogos do que a pergunta amarga e geralmente irônica: *Deus existe?* Na Antiguidade os sátrapas eram considerados como investidos de prerrogativas divinas. Tudo quanto faziam vinha de Deus e a credence popular não se atrevia a discutir os direitos humanos ante o perigo sempre iminente da Ira de Deus. Mas após o Renascimento, a Época das Luzes, a credence transformou-se em crença sofisticada pelas racionalizações abusivas. O homem moderno escorava a sua fé no conceito hebraico da Providência, sempre vigilante e pronta a socorrer a fragilidade humana. Esse homem não poderia suportar a catástrofe que se abatia sobre ele de maneira implacável, ante a mudez comprometedora do Céu. Sua razão aprimorada condenava o passado e jamais supusera possível a sua ressurreição brutal, sob as asas metálicas dos aviões de bombardeio e das bombas voadoras. O ateísmo do passado parecia-lhe agora uma simples atitude pedante. O seu ateísmo, o seu materialismo e o seu pragmatismo, pelo contrário, assentavam-se agora nas bases sólidas de um horror que o deixara só e frágil em face dos carrascos poderosos. Os velhos teólogos não podiam explicar a indiferença divina, o desprezo de Deus pelas suas criaturas que, segundo eles, haviam sido criadas por amor. Os novos teólogos só encontraram uma explicação possível: *a Morte de Deus*.

Entretanto, por mais esmagado que esteja, o homem não pode ficar sem uma luz de esperança. Os novos teólogos lhe ofereceram então a figura humana de Cristo. Um Deus histórico, existencial, que sofrera e morrera por ele aqui mesmo, na Terra dos Homens. Não foi uma solução pensada, mas nascida das entranhas da desgraça total, das entranhas do horror. Homens que cresceram e se formaram nas crenças em Deus, alimentados pelas ilusões teológicas do Cristianismo, cobravam agora do Cristo as suas promessas frustradas. Ele, o Cristo, assumiria o lugar vazio de Deus em termos de emergência. Foi dessa situação premente que surgiu a aventura do Cristianismo Ateu. Por isso, quando lemos os livros brilhantes dos novos teólogos, transbordantes de uma inteligência vibrátil, mas impotente, que não consegue nem mesmo esclarecer o que é a Morte de Deus, perdendo-se em rodeios e sofismas que nunca atingem uma definição, compreendemos o desespero total a que che-

gou a inteligência humana ante os enigmas existenciais deste fim dos tempos. Na proporção em que a rotina da vida se restabelece no mundo arrasado, recompondo-se aos impulsos naturais da vitalidade humana, os tempos negros esmaecem na distância, introjetando-se na memória profunda da espécie como arcanos do inconsciente. As forças da vida reagem contra a destruição e a morte, a ponto de fazerem brotar redivivas – indiferentes às ameaças maiores que pesam no horizonte – as flores de antigas e esmagadas esperanças. Queremos todos confiar, queremos todos esperar.

Mas isso não acontece apenas pelo influxo das forças vitais. Acontece sobretudo pela certeza íntima, que todos trazemos em nós, de que cometemos um erro imperdoável ao alimentar nas gerações sucessivas um conceito falso de Deus. Muitas vezes essa certeza aparece como simples suspeita, desprovida de provas que lhe dêem validade ôntica. Mesmo assim ela nos sustenta no presente e nos faz esperar. Os reflexos dessa situação ocidental no Oriente não-cristão provocaram o mesmo abalo e a mesma desconfiança que sentimos. Os mestres indianos, os gurus e bonzos que viviam isolados em seu orgulhoso ascetismo, ciosos de seus segredos milenares, fizeram-se caixeiros viajantes perfumados e sorridentes, assessorados por técnicos em relações públicas, para venderem aos ocidentais os mistérios sagrados. Essa atitude, embora não seja geral, revela a suspeita insidiosa no inconsciente guru quanto à validade tradicional de suas técnicas religiosas. O pesadelo da guerra e o desespero posterior contribuíram de maneira decisiva para que o mundo se transformasse na Aldeia Global de Mac Luhan. Parece que pelo menos acreditamos todos, no Ocidente e no Oriente, que o mundo de comunicação de massa nos oferece a opção coletiva de esperar sem preocupações, pois todos sabemos que se apertarem os botões da guerra nuclear morreremos na solidariedade absoluta. A destruição não será mais tão dolorosa e lenta. Seremos aniquilados de um só golpe, na morte tecnológica.

Deus ressurgirá, se não no seu amor, ao menos na sua Justiça. Já será um consolo para os que sempre sofreram e morreram, enquanto outros vivem felizes no uso e abuso dos bens terrenos. A idéia de um Pai todo poderoso, e no entanto insensível à miséria e ao sofrimento da maioria dos filhos, sempre perturbou os que pensam e levou muitas criaturas à revolta e à descrença. De duas, uma: *ou aceitavam a injustiça ou não admitiriam a existência de Deus*. Bastaria isso para nos mostrar que o conceito de Deus, formulado pelas religiões e sustentado a ferro e fogo através dos milênios, não pode estar certo. Precisamos examinar esse grave problema enquanto não apertam os botões do Juízo Final.

*

O Existente

Na Filosofia da Existência, que caracteriza o pensamento de nosso século, o homem é considerado como *o existente*. É nele que se procura descobrir o mistério do Ser, porque é ele o ser mais acessível à investigação ontológica. A partir da sua análise, não apenas em termos psicológicos, mas na visão de conjunto de toda a sua realidade ôntica, é que podemos partir para indução do conceito real do Ser. É uma subversão filosófica, um virar no avesso os processos tradicionais da dedução, para que o pensamento contemporâ-

neo se enquadre no plano do real – o plano dos efeitos e não das causas. O avanço tecnológico mostrou a validade indiscutível do método científico, na pesquisa das leis que determinam a estrutura das coisas, da *rés* que nos dá o real. Ao invés de atrelar-se da Filosofia ao carro da Ciência, como pretendeu Augusto Comte, os filósofos atuais atrelaram o método dedutivo da Ciência ao método dedutivo do pensamento filosófico, provocando o processo dialético da fusão que resultou no método existencial. O homem, como ponto de encontro do finito com o infinito, de causas e efeitos que nele se conflitam, apresenta-se como a síntese natural de toda a realidade, normal e paranormal. No *aqui e agora* das Filosofias Existenciais temos o encontro do tempo com a eternidade, que Kierkegaard figurou no *instante*, o *fiat* criador da criatura, ou seja, o lapso rapidíssimo do tempo em que o mistério se revela como um impacto, numa espécie de *insight* não apenas mental, mas total, que abrange toda a potencialidade do Ser. Descartes, como precursor, já revelara esse processo no *cogito*, ou seja, no instante em que o seu mergulho na cogitação sobre o real lhe revelou a ligação do homem com Deus.

Pai da Ciência, do Método e do Pensamento moderno, Descartes ficou esquecido no processo do deslanche científico, que absorveu o pensamento criador nas minúcias necessárias da investigação objetiva. Mas a sua aventura subjetiva foi o marco de um novo rumo para o pensamento filosófico. O *cogito ergo sum* (penso, logo existo) foi o *abre-te Sésamo* da Nova Filosofia. Graças a ele, o pensamento moderno libertou-se das amarras tradicionais para agir com desembaraço na investigação de uma realidade que é una, seqüente e não atomizada nos processos de análise. A fragmentação dos conhecimentos científicos estava barrada pela possibilidade da globalização do pensamento filosófico.

O dogma religioso da Criação arrancada do nada por uma espécie de passe de mágica perdeu o seu poder hipnótico sob os pensadores ainda subjugados pela subserviência medieval, descortinando no Renascimento a visão platônica do Mundo das Idéias, na qual o efeito aparece como reflexo da causa, ligados ambos pela *necessidade de ser* que é o próprio fundamento do Ser em si mesmo. Todas as figurações absurdas da Teologia caíram no ridículo, como simples invenções.

Resulta daí a concepção existencial de Deus, entendido este não mais como elaboração imaginária dos homens deslumbrados pelo esplendor da Natureza, mas como necessidade lógica e ôntica da compreensão do real. Ao homem-existente junta-se necessariamente e, portanto, de maneira inegável e indispensável, o Deus-Existente, cuja imagem absoluta se reflete na pluralidade humana. A inaceitável imagem de um Deus antropomórfico é imediatamente substituída pela antiimagem de um Deus Absoluto, existente por si mesmo, cuja idéia se reflete na Criação produzindo o homem. A idéia, que para Platão era a própria mônada de que nascem os seres, substitui assim a imagem criada pelos homens. Causa e efeito se distinguem com clareza, não permitindo mais o jogo de sofismas teológicos e filosóficos do passado, em que causa e efeito se confundem e se revezavam nas argumentações falaciosas. Se temos o *existente* no plano relativo ansiando pela sua própria transcendência, buscando o arquétipo do absoluto, a unidade causa-efeito se confirma no plano ôntico, revelando uma nova dimensão do homem e gerando

um novo conceito de Deus. O homem já não pode ser explicado fora do contexto natural do Cosmo, como uma criação artificial e ocasional, espécie de capricho do Criador para uma experiência romântica. E também não cabe mais na medida exígua das concepções materialistas, na colher de pau dos fazedores de bonecos de barro, destituídos de conteúdo e sentido. Restabelecemos a dinâmica simbiótica de Pitágoras, na qual, apesar da figura egípcia da metempsicose, a criatura humana aparecia no processo cósmico de maneira natural. O homem isolado era uma pretensão frustrada, suas dimensões se fechavam no circuito efêmero de berço e túmulo, sem nenhuma perspectiva que pudesse justificar os seus sonhos inúteis. A concepção existencial o projeta no infinito através da transcendência. Por outro lado, a transcendência não se limita a um anseio do homem, pois se revela como lei, como fato verificável, positivo, em todos os elementos da Criação, como na teoria do transformismo de Darwin e na teoria da evolução criadora de Bergson. A ambas Kardec apresenta a contribuição das pesquisas espíritas em termos psicológicos, seguindo-se as contribuições de Zöllner, Richet, Crookes e dos atuais parapsicólogos, inclusive os materialistas da área soviética. O Padre Chardin, no próprio seio da Igreja imutável, lança sua gigantesca teoria da evolução, na linha do pensamento espírita de Léon Denis, com as mesmas bases do critério científico de pesquisa e experimentação de Kardec. O pensamento fixista das instituições imutáveis não passa de um entulho que as correntes poderosas da evolução criadora removem de um golpe.

O conceito existencial de Deus se impõe como conseqüência lógica do conceito existencial do homem. Deus não se torna, por isso, num *existente*, mas no *Existente Arquétipo*. Se não nos é possível provar essa existência nas retortas da Química, para satisfazer a ambição das mentalidades de fichário, isso ocorre porque os limites estreitos da metodologia científica não conseguiram e jamais conseguirão abranger a totalidade do real. As próprias transformações da metodologia científica, mormente nos últimos decênios, mostram de sobejo a inadequação dos processos empíricos às exigências da realidade global. Mas o homem não dispõe apenas das antigas retortas e dos modernos computadores; dispõe também do instrumento superior do pensamento perquiridor e criador que o leva muito além do seu próprio sensorio e das tentativas de laboratório. Por outro lado, os métodos analíticos da Ciência funcionam eficazmente no plano do *sensível*, da matéria em sua ilusão concreta; e assim mesmo sob controle matemático, o que vale dizer sob o controle abstrato do pensamento. Alienando-se à ilusão da matéria, os cientistas se fecham nas chamadas realizações concretas. Disso Resulta o desprezo pelo metafísico, para o que muito contribui a ilusão mística dos chamados homens de Deus, como se todos os homens não fossem de Deus. A mente ilusória, fascinada pelas aparências, apega-se a elas e rejeita as intuições de uma visão superior da realidade. A hipnose do fenômeno produz a alienação do homem ao sensorio, frustrando-lhe a percepção do númeno, da causa primária que é a própria essência do fenômeno. O próprio Kant negou-se a penetrar no mistério da clarividência de Swedenborg, apesar das provas espontâneas e evidentes que teve em mãos, e demarcou rigidamente os limites da Ciência, no campo da dialética sensorial, como se a função da Ciência não fosse precisamente a de conquistar os domínios do mistério. É por isso que o progresso material caracteriza nosso século, com a supremacia esmagadora do progresso materi-

al sobre o moral e o espiritual. Não obstante, o avanço das pesquisas científicas rompeu a barreira kantiana no próprio campo da Física, quando esta teve de penetrar no mistério da constituição da matéria, que se desfez nas mãos dos cientistas em átomos e partículas infinitesimais, revelando a realidade surpreendente do Véu de Ísis, da trama sutilíssima de vetores inframicroscópicos tecida sobre um fundo radiante de campos de força desconhecida. Logo mais, a descoberta atordoante da antimatéria, a princípio considerada como estranha à Terra, mas logo mais revelando a sua presença no íntimo das estruturas atômicas, deu o golpe de misericórdia na hipnose do fenômeno. Graças a isso, estamos chegando ao fim do século com uma visão mais real da realidade e descobrimos a verdadeira grandeza do homem naquilo que Rhine chamou de *conteúdo extrafísico do homem*.

Essa revolução conceptual é tão violenta que a maioria dos cientistas sentem-se atônitos e recusam-se a aceitar as novas proposições apresentadas pelos cientistas libertos da hipnose. Em contrapartida, existem os alucinados que se lançam a hipóteses malucas, jogando com os dados ainda inseguros da visão nova da realidade na elaboração de teorias e prognósticos insensatos. De um lado permanecem em catalepsia os que Remy Chauvin considerou como dominados pelo mal científico da *alergia ao futuro*, de outro lado os que se entregam à nova hipnose da pulverização do real. Para estes, todas as suposições se tornam possíveis ou até mesmo verídicas, ante a derrocada dos pressupostos materialistas em que se apoiavam.

A idéia de Deus, abastardada pelos teólogos, mostra-se mais do que nunca inaceitável. Mas a ordem, a precisão absoluta, a inteligência orientadora e reguladora que se manifesta nas estruturas do real, a conotação das hipóteses de Plotino na organicidade cósmica exigem o conceito científico de Deus como fonte genética e estruturadora de toda a realidade. A existência de Deus não é mais uma questão teológica, aleatória, mas uma exigência científica da coerência do pensamento. Confirma-se a proposição cartesiana de que *tirar Deus do Universo é como tirar o Sol do sistema Solar*. Cairíamos no caos. Nenhum pensamento sobre a realidade pode justificar-se e sustentar-se na ausência de Deus. Mas não do Deus das religiões, que é uma grotesca interpretação de Deus nos traços caricaturais da figura humana, um resíduo da selva, onde os homens desprovidos dos recursos da Ciência, armados apenas de experiências primárias, imaginaram Deus na forma de um superhomem, sem nenhuma consciência do que faziam, mas já sentindo em si mesmos, na sua simplicidade e na sua ignorância, a necessidade urgente de uma concepção de Deus.

O conceito existencial de Deus é uma superação de todo o passado humano, Kierkegaard, o pai involuntário do Existencialismo, era um teólogo e representou em nosso tempo o papel de Pitágoras na Antigüidade, servindo de transição entre o passado teológico e o presente científico da cultura humana. Podemos aplicar-lhe a imagem que Bertrand Russell aplicou a Pitágoras: *um homem que tinha um pé no passado e outro no futuro*. Do passado mítico das culturas da Antigüidade, Pitágoras avançava para o futuro racional. Por isso, como sucederia mais tarde a Hegel, a posição pitagórica produziu correntes conflitivas no mundo helênico. O mesmo se deu com o pensamento angustiado de Kierkegaard, que arriscava um passo além da Teologia Medie-

val. Desse passo brotaram as posições antípodas do pensamento de Heidegger e de Sartre, Marcel e Jaspers. Embora o tema central da *existência* predomine em todas essas correntes, as posições diversas em face dos problemas fundamentais caracterizam orientações muitas vezes divergentes. Para Sartre, Deus não existe. Para Karl Jaspers, Deus é o Ser que buscamos na transcendência vertical. Para Heidegger, o que importa na filosofia é o problema do Ser, sendo a existência apenas um meio de se perquirir a natureza e o sentido do Ser. Max Scherer propôs uma nova prova da existência de Deus como Ser Supremo, acrescentando-a às provas clássicas do pensamento medieval. Scherer entende que o fato de haver um saber a respeito de Deus, saber que só pode ser obtido através de Deus, prova a sua existência. Ocorre, porém, que o saber pode ser falso, o que parece não ter ocorrido ao filósofo. A prova existencial de Deus decorre naturalmente de três fatos incontestáveis: 1) a existência da idéia de Deus no homem, manifestando-se universalmente na lei de adoração, que levou todos os povos, em todos os tempos, à adoração de um Poder Supremo; 2) a inteligência da estrutura total da Natureza, em seus mínimos detalhes, que nos revela a imanência cósmica de um poder inteligente; 3) a lei de causa e efeito, que nos mostra a impossibilidade de efeitos inteligentes sem uma causa inteligente. Como corolário dessas provas podemos lembrar que essa inteligência imanente manifesta-se em graus progressivos nos reinos da Natureza, para alcançar a culminância no homem. Importante também é o fato de que todo o saber humano nasce da experiência vital do homem, sujeito, desde o seu aparecimento no planeta, aos poderes e aos condicionamentos das leis naturais, que constituem a fonte desse saber. Assim, a inteligência humana tem sua origem na inteligência imanente da Natureza e o saber humano foi adquirido num longo processo de aprendizado do saber da Natureza. Atribuir tudo isso ao acaso é simplesmente uma fuga à realidade, que implica a contradição de se atribuir inteligência ao acaso. Por outro lado, uma concepção materialista do Universo implica necessariamente (em termos de necessidade lógica) a atribuição de inteligência à matéria, que hoje sabemos, cientificamente, não existir em si mesma, sendo o produto da acumulação da energia, que se realiza com lucidez e precisão científicas, visando a fins determinados num gigantesco esquema de ações e reações inimaginavelmente diversificadas. Essa realidade espantosa levou Francis Bacon à conhecida afirmação de que, para dominar a natureza, precisamos, primeiramente obedecê-la. A Ciência, como se vê, a orgulhosa ciência humana, não é mais do que ato de obediência a Deus. No plano ético a revolta materialista é como a queda dos anjos, no mito bíblico, uma atitude de ingratidão e estupidez ante a Inteligência Suprema. O materialismo não passa de uma crise de adolescência da Humanidade.

Mas é necessário considerarmos, no plano cultural, a infinidade de equívocos surgidos ao longo da História, que acabaram por levar a inteligência humana a repudiar a fonte da sua precária sabedoria. O desenvolvimento da razão despertou a vaidade do ser humano – único detentor do pensamento lógico e produtivo na Terra –, voltando-o contra a herança de submissão do passado teológico; a espantosa seqüência de crimes e atrocidades praticadas em nome de Deus, por seus pretensos representantes, negando a sabedoria e o amor de Deus; a comercialização das religiões e a conseqüente profissionalização do sacerdócio, que resultou no poderio político e econômico das igre-

jas; a deformação total dos princípios fundamentais das religiões ocidentais e orientais, que acabaram trocando o Reino do Céu pelos reinos da Terra, numa espécie de câmbio espúrio, em termos da mais calamitosa simonia. Esses fatores negativos, causando revolta e ateísmo, atenuam em parte os aspectos da estupidez humana gerada pela vaidade. O homem pode desculpar-se diante de Deus, alegando que as condições específicas da vida planetária e os impulsos cegos de seu primitivismo o arrastaram para a ingratidão e a falta de respeito à Inteligência Suprema. É o único alibi a que pode agarrar-se, quando despertar para a compreensão real da sua posição na estrutura cósmica. Mas esse mesmo alibi parece tristemente acusador, quando nos lembramos de que a intuição do Poder Supremo nunca lhe faltou, pois a marca de Deus em seu íntimo jamais foi apagada, antes reforçada constantemente pelos reclamos da sua consciência.

Provada assim a existência de Deus, tanto no plano objetivo quanto no subjetivo, na realidade exterior em que a Sua presença imanente é manifesta e na realidade interior em que Ele permanece em nós, manifestando-se nos vetores conscienciais e no impulso de transcendência que nos leva a buscar a integração de nosso ser na perfectibilidade possível de seu arquétipo divino, não há como negar que existimos porque Ele existe e que a nossa existência se funda na Sua existência. Essa é a concepção existencial de Deus, o conceito do *Existente Absoluto*, cuja forma, como prescrevia o Judaísmo, não pode ser figurada de maneira alguma, porque não se figura o Absoluto. A própria existência humana é considerada, nas Filosofias da Existência, como *subjetividade pura*. Podemos figurar o homem em sua realidade aparente, mas não podemos fazê-lo em sua subjetividade, que é a sua única realidade verdadeira. A criação do homem à imagem e à semelhança de Deus, segundo o mito bíblico, torna-se compreensível, não dando lugar à proposição inversa que nos apresentaria Deus à imagem e semelhança do homem. Colocando esse problema no plano histórico da Ontogênese podemos explicar racionalmente a filogênese divina dos panteons religiosos do passado, em que vemos Deus passar pelas metamorfoses do mito, desde a litolatria, passando pela fitolatria, a zoolatria, a pirolatria e assim por diante, até chegarmos à antropolatria e por fim ao panteísmo de Espinosa, em que a cosmolatria nos aproxima de Deus-Pai do Evangelho de Jesus.

Resta naturalmente a grande incógnita a cuja decifração ainda não podemos aventurar-nos: *a das origens do seu porquê*. Há uma origem de Deus? Podemos saber ou imaginar como, onde e quando, de que maneira Ele surgiu – não no Cosmos, que não podia ainda ter existido, mas no Inefável, como queria Pitágoras? Remontando a concepção matemática dos pitagóricos, podemos imaginar o *número 1* imóvel no Inefável e o seu estremecimento que desencadeou a década, atingindo na equação do *número 10* todo o circuito da Criação? A simples imaginação do Inefável nos coloca ante a vertigem do vazio absoluto, que não podemos conceber. E como explicar o *número 1* em meio desse vazio e a causa possível de seu estremecimento? Podemos naturalmente pensar na hipótese mais modesta de Aristóteles: Deus como o Primeiro Motor Imóvel, no centro da gigantesca Usina do Infinito, onde, apesar de imóvel, põe em movimento os motores estelares e todos os demais motores de uma realidade subitamente acionada. Mas onde a engenharia criadora, quando o próprio Deus não existia? A solução bíblica do *Fiat* é evidentemente

te a mais prática, mas também a que estabelece a barreira mais pesada ao nosso entendimento, pois Deus é o Verbo que usa o Seu próprio verbo para fazer que o Nada se transforme no Todo. Estas especulações ingênuas servem apenas para mostrar a nossa impotência e deveria servir, mas não serviu, para despertar a nossa humildade.

Mas se quisermos perguntar a nós mesmos pela nossa origem, poderemos responder com segurança? O tema da *facticidade*, nas Filosofias da Existência, mostra a nossa ignorância total a respeito da nossa origem. Nasce-mos no mundo como náufragos desmemoriados que fossem lançados a uma praia desconhecida, impotentes e nus. Só trazemos conosco a *facticidade*, a forma e a maneira porque fomos feitos. Nada sabemos de nada. Estamos, segundo Kardec, vestidos apenas com a roupagem da inocência, mas não somos inocentes. No fundo misterioso da memória subliminar, nos arcanos do inconsciente, trazemos uma bagagem secreta que só poderemos usar na proporção do nosso desenvolvimento psicofisiológico. Teremos de passar por todas as fases bem graduadas do processo ontogenético, como se ainda não fôssemos um ser, para depois começarmos a revelar as formas ocultas do nosso ser, na realidade já preexistente. Nossas origens são tão misteriosas como as origens possíveis de Deus, cuja *facticidade* se revela no *Fiat*. Assim, tudo quanto se pretende saber a respeito de Deus – o saber de Deus através de Deus, de Max Scherer – nada mais é do que um jogo de palavras, *flatus* e nada mais. E apesar disso podemos querer negar a Existência daquele Poder que existia antes de nós? Não obstante, não são inúteis estas digressões. Elas servem para nos mostrar a falácia de todas as construções utópicas do pensamento humano a respeito de Deus, no tocante a sua origem e natureza. Cabe-nos ater-nos apenas ao conceito existencial de Deus, que podemos sustentar com os dados da nossa própria existência.

*

Deus no Homem

A consciência humana tem a mesma estrutura fundamental em todas as raças. O problema das raças está hoje praticamente superado, em virtude da miscigenação, das incessantes misturas raciais que se verificaram no tempo e em todos os tempos, produzindo sub-raças e variedades inúmeras de tipos humanos em todas as latitudes do globo. Pesquisas universais, realizadas pelos organismos especiais da ONU e de vários governos e instituições científicas, revelaram a inexistência de uma raça pura no mundo. Mas a tipologia racial ainda se apresenta de maneira definida em certos povos, caracterizando-os quanto à linhagem principal do seu desenvolvimento. Este não é o problema de nosso estudo, mas como se relaciona com ele, aludimos à questão sem maiores informações a respeito. Hoje, o mais certo seria falar-se de nacionalidades, pois em cada nação, mesmo naquelas racialmente mais definidas, existe sempre um mosaico racial que não se revela facilmente quando a mistura se deu em vários ramos da mesma raiz, do mesmo tronco racial e lingüístico. Mas o que nos interessa é a constatação em todos os povos da mesma estrutura fundamental da consciência humana, naturalmente diferenciada com a preponderância ou não de fatores constitutivos, em virtude de exigências mesológicas ou da interferência de fatores históricos e culturais ligados às condições geográficas, climáticas, alimentares, tradicionais e assim por di-

ante. Mesmo na Antigüidade, nas fases de isolamento das civilizações, os fundamentos da consciência humana revelavam-se os mesmos em todos os povos, como se pode verificar pelas suas manifestações culturais. Nesse sentido, não importam as diferenças da concepção de Deus entre os povos, que tanto podiam cultuar a Zeus como a Brama, ao Tao chinês como ao Iavé hebraico ou aos deuses egípcios. Do Templo de Amom-Rá ao Templo de Diana ia a distância espacial e cultural que os tornavam estranhos. Mas em todos os templos e cultos o que se manifestava, como lei universal, era a idéia de um poder superior que o homem deveria reverenciar. E para reverenciar esse poder os homens deviam sempre mostrar-se dignos dele, cumprindo as leis morais das prescrições religiosas. Cultos e ritos podiam variar ao infinito, mas a essência era a mesma: a intenção de agradar aos deuses através de um comportamento coerente com as exigências da evolução espiritual do homem.

Nas civilizações mais adiantadas os princípios fundamentais da consciência humana se evidenciavam em traços mais fortes. No plano moral as divergências formais davam, aos observadores superficiais, a impressão da existência de sistemas morais contraditórios. Isso acarretou, a partir do Renascimento, o desenvolvimento das pesquisas científicas, um movimento intelectual depreciativo para o conceito de moral. Entendeu-se que cada povo tinha a sua moral própria, de maneira que a suposta existência de uma moral superior e eterna não passaria de sonho vão, acalentado por sonhadores e místicos. Como a moral vem da raiz latina *mores*, que quer dizer *costumes*, chegou-se a conclusão de que a moral era nada mais do que uma práxis, variável em seus fundamentos como os costumes. Citou-se muito o exemplo da Grécia, onde o casamento era monogâmico antes da Guerra do Peloponeso e tornou-se poligâmico depois da guerra, pela necessidade de restaurar a população masculina terrivelmente dizimada. Esquecia-se o essencial, ou seja, que o objetivo da poligamia então instaurada era o restabelecimento da nação em seu estado natural, destruído pela guerra, e do seu poder defensivo. O que se objetivava, portanto, não era a poligamia em si, mas a continuidade da nação e do seu desenvolvimento cultural, ou seja: o bem. O prosseguimento das pesquisas e dos estudos a respeito dessas variações da moral acabou revelando que o princípio moral prevalecia sempre, na busca de um objetivo único, que era o bem das nações, dos povos, do homem em geral. Coube a Henri Bergson, na linha das proposições universalistas de Pestalozzi, restabelecer o conceito de moral como elemento básico da consciência humana. Bergson revelou a conotação natural existente entre Religião e Moral, em sua famosa tese sobre *As Duas Fontes da Moral e da Religião*. Ambas, religião e moral, brotam das exigências da consciência humana, primeiro nos costumes e depois na estruturação convencional das regras de moral, bem como na formulação dos preceitos religiosos, cultos e ritos.

Essa reviravolta anulava os efeitos negativos da interpretação errônea de moral e religião. A verdade era que ambas nasciam da própria natureza espiritual do homem, que requeria disciplina e orientação nas estruturas sociais. Um duro golpe para o pensamento materialista, que insistia na tese da natureza animal do homem. As pesquisas antropológicas e sociológicas, particularmente entre povos primitivos, em regiões selvagens, confirmaram essa nova colocação do problema, embora ainda hoje materialistas e pragmatistas insistam no erro, procurando sempre, segundo a expressão do Apóstolo Paulo, su-

jeitar o espírito à carne. Vã tentativa sustenta a vaidade humana, que vai sendo progressivamente frustrada pelo avanço das pesquisas científicas sobre a natureza humana. Temos assim três princípios fundamentais da consciência humana bem visíveis em suas manifestações no plano social: a idéia de Deus no homem, o seu anseio de transcendência e o desejo natural do bem. Neste anseio do bem encontramos o sentimento de afetividade, de amor pelos semelhantes, que se traduz no princípio de fraternidade universal. Do anseio de transcendência derivam os impulsos de ligações sociais, que determinam a formação das famílias e grupos afins, bem como o sentimento estético, determinante do interesse pelo belo em todas as suas expressões. O sentimento de justiça é corolário do amor e depende, nas suas variações de intensidade e clareza, do grau de nitidez da idéia de Deus.

Esses vetores da consciência humana pertencem à espécie, e estão presentes em todas as criaturas humanas, com as variações determinadas pelos fatores psicofisiológicos e mesológicos ou ambientais, influenciados em maior ou menor grau pela educação e o meio social. A idéia de Deus é o conceito que rege ao desenvolvimento e à manifestação de todos estes vetores (vetor: aquilo que serve de suporte à transmissão de informações, notícias, etc.) na dinâmica social da existência individual e coletiva. Vem daí a importância do conceito de Deus para o comportamento do homem, solitário ou em grupo. O chamado *homem sem Deus*, que não aceita a existência de Deus por falta de um conhecimento mais claro do problema, nem por isso está desprovido desse princípio em sua consciência. O conceito de Deus, mesmo negativo, exerce influência em seu comportamento. Ele pode contrariar essa influência em virtude de preconceitos ou de experiências passadas, como frustrações religiosas ou sociais, mas em geral, mais hoje ou amanhã, cederá aos impactos dos seus impulsos afetivos. A liberdade é a própria consciência, o ambiente espiritual em que todos esses vetores conscienciais se desenvolvem. A supressão da liberdade numa consciência é o eclipse que a lança na escuridão. Essa supressão pode ser produzida por fatores endógenos ou exógenos, por temores e traumas íntimos ou por diversos tipos de pressão vindos do exterior. Os tiranos assumem pesada responsabilidade, seja no âmbito restrito das relações familiares ou no âmbito aberto das atividades políticas e sociais, ao criarem situações supressivas ou limitadoras da liberdade.

O problema da estética, geralmente considerado em segundo plano, negligenciado pelos estudiosos do comportamento humano, é o segundo em importância, depois da idéia de Deus, na estrutura da consciência. O belo não é apenas um vetor da consciência, é um arquétipo espiritual da espécie humana que atrai o homem para a transcendência e particularmente para sua integração consciencial. As fases iniciais da transcendência, que se passam no plano da sociabilidade (a transcendência horizontal de Jaspers) preparam a consciência para sua integração, que é a fusão dos vetores conscienciais numa unidade global. O chamado *homem prático* desenvolveu eficazmente a sua consciência de relação, através da mente, que é o instrumento das relações com o exterior. Esse homem, como ensina René Hubert, tem plena consciência de sua posição social e de seus deveres profissionais, acha-se teórica e praticamente preparado para as suas atividades. Mas sua consciência só atinge o pleno desenvolvimento quando ele aprimora a sua estesia, conquistando os planos superiores de uma visão estética geral. Sabemos a importância que

os gregos davam à beleza e ao sentimento estético. Platão chegou a afirmar que através dos belos corpos a alma atingia o Belo. A pobreza espiritual do nosso tempo interpreta essa afirmação em termos sensoriais, quando o seu sentido é puramente espiritual. Os belos corpos despertam admiração e amor, este se converte em devoção e eleva a alma ao encontro do arquétipo ou idéia superior do Belo, no mundo das idéias. Só neste momento o homem se liberta da animalidade e penetra os arcanos da espiritualidade. Sua consciência se desprende dos liames terrenos para atingir o desenvolvimento pleno. A visão do Belo impregna toda a sua alma, transfigura o mundo aos seus olhos iluminados pelos clarões da Eterna Beleza. Essa visão não tolera o mal nem a injustiça e penetra na essência do próprio Feio para ali descobrir os germens ocultos da Beleza. Deus não é apenas o Bem, pois sem o Belo não existe o Bem na sua perfeição necessária.

Como vemos, Deus está no homem não apenas como idéia, mas como a própria essência da criatura. Foi o que sentiu o apóstolo Paulo quando disse que em Deus vivemos e nele nos movemos. Deus é assim a essência da existência humana. Por isso, Deus não é o Existente Absoluto apenas por existir além das nossas dimensões, mas porque determina o homem como existente e participa da existência humana. O conceito existencial de Deus é o único adequado a esta fase tormentosa da evolução humana, quando todos os mitos do passado se despedaçam aos nossos pés para que a Verdade possa escapar do invólucro dos símbolos e iluminar o mundo novo que está nascendo.

*

Livro: Agonia das Religiões. J. Herculano Pires

CAPITULO III - A EXPERIÊNCIA DE DEUS

Sacerdotes e pastores, homens de fé, sinceros e bons procuraram demonstrar-me que as religiões não estão em crise. Sustentaram que a crise é do homem e não das instituições religiosas. As religiões continuam vivas e atuantes no coração dos crentes - disseram - mas os homens mundanos, que se entregam à loucura do século, conturbam a paisagem terrena. É necessário que os homens busquem a Deus, que tenham a experiência de Deus. E essa experiência só é possível quando o homem se desliga do mundo para ligar-se a Deus através da oração e da meditação. Falaram de milhares de pessoas que, no torvelinho da vida contemporânea, procuram todos os dias, a horas certas, o refúgio dos templos ou de um quarto solitário para tentar um encontro pessoal com Deus. Muitas dessas pessoas já conseguiram a audiência secreta com o Todo Poderoso. São criaturas felizes, iluminadas pela graça divina, que sustentam com sua fé inabalável a continuidade das religiões e garantem a sua expansão.

É bom que existam pessoas assim, dedicadas vestais que zelam pelo fogo sagrado. São os últimos abencerrages do formalismo religioso, flores de estufa cultivadas na penumbra das naves sagradas. Cuidam da fé como jardineiros especializados que cultivam uma espécie vegetal extremamente delicada. Acreditam que os seus canteiros floridos darão sementes para sementeiras ilimitadas por toda a superfície da Terra. Não percebem essas almas eleitas que cultivam exclusivamente a si mesmas, ocultam na aparência piedosa seus conflitos profundos e nada mais fazem do que fugir da realidade escaldante

da vida. Não escondem a cabeça na areia, pois mergulham de corpo inteiro no sonho egoísta da salvação pessoal.

As práticas místicas do passado provaram mal a sua eficácia. Do Oriente ao Ocidente, multidões de gerações de crentes desfilaram sem cessar, através dos milênios, pelos templos de todas as religiões. convictas de haverem alcançado a salvação pessoal enquanto hordas ferozes e exércitos em guerras de extermínio brutal cobriam o mundo de ruínas, cadáveres inocentes, sangue e lágrimas. Os que ouviram Deus em audiência particular não se recusaram a pegar em armas para estraçalhar seus irmãos considerados como réprobos e infiéis. Santos Bispos e Padres, pastores calvinistas, crentes populares, fideíssimos e humildes, não acenderam suas lâmpadas votivas para iluminar as noites trevosas. Preferiram acender fogueiras inquisitórias e, quando o sol raiava, submeter piedosamente os hereges à morte redentora do garrote-vil, réplica religiosa à guilhotina profana.

Lembro-me do episódio histórica de Jerônimo de Praga. Depois de haver assistido, pelas grades da prisão, seu mestre João Huss ser queimado vivo em praça pública, foi também glorificado com a graça especial de uma fogueira semelhante. No momento em que as chamas começavam a iluminar a sua figura estranha, caridosamente amarrada ao palanque do suplício (para salvação de sua alma rebelde) viu uma pobre velhinha aproximar-se da fogueira com uma acha de lenha e atirá-la ao fogo. Era a sua contribuição piedosa para a salvação do ímpio. Jerônimo exclamou apenas: "Santa simplicidade." Pouco depois estava reduzido a cinzas, para glória de Deus, e suas cinzas foram lançadas ritualmente nas águas do Reno.

Todas as formas de culto, todos os ritos, todos os sacramentos, todas as cerimônias religiosas, todos os cilícios foram empregados nos milênios sombrios do fanatismo religioso, para a salvação da Humanidade. E eis que agora chegamos a um tempo de descrença generalizada, de materialismo e ateísmo oficializados, de hipocrisia pragmática erigida em sustentáculo das religiões fracassadas. Deus falava diretamente com seu servo Moisés no deserto, falava-lhe cara a cara, ordenando matanças coletivas, genocídios tenebrosos, destruição total dos povos que impediam o acesso dos hebreus à terra dos cananeus, que seria tomada a fio de espada. Deus continua falando em particular a seus servos em nossos dias, para a sustentação das igrejas, enquanto o Diabo não perde tempo e alicia milhões de almas perdidas para as práticas do terrorismo, para a matança de crianças e criaturas inocentes, para assaltos e estupros em toda a face da Terra.

A experiência de Deus sustenta os crentes privilegiados e sustenta suas igrejas salvacionistas. E enquanto não chega a salvação, católicos e protestantes matam-se gloriosamente nas lutas fratricidas da Irlanda, em plena era das mais brilhantes conquistas da inteligência humana. Que estranha experiência é essa, que não revela os seus frutos, que não prova a sua eficácia? Deus estaria, acaso, demasiado velho para não perceber a inutilidade dos seus métodos de salvação pessoal em audiências privadas? E os seus servidores, os clérigos investidos de autoridade divina para implantar na Terra o Reino do Céu, porque não avisam o velho monarca da inutilidade milenarmente provada de sua técnica de conta-gotas?

Não seria mais certo tentarmos a revisão dos conceitos religiosos que nos deram a herança de tantos fracassos e tão espantosa expansão do materialismo e do ateísmo no mundo? Todas as grandes religiões afirmam a onipresença de Deus no Universo. Não obstante, todas consideram o mundo (criado por Deus) como profano, região em que as trevas dominam e o Diabo faz a incessante caçada das almas de Deus. É *curioso* lembrar que nos tempos mitológicos o mundo era considerado sagrado, a vida uma bênção, os prazeres naturais e as leis da procriação eram graças concedidas pelos deuses aos homens. O monoteísmo judaico, desenvolvido pelo Cristianismo, impregnou o mundo com a onipresença de Deus e o mundo tornou-se profano. Se Deus está presente num grão de areia, numa folha de relva, num fio dos nossos cabelos e numa pena das asas de um pássaro, como, apesar dessa impregnação divina, o homem se defronta com a impureza do mundo? Por que estranho motivo necessitamos de ritos especiais para purificar a inocência de uma criança, se Deus está presente no seu olhar puro e límpido, no seu choro, na meiguice do seu rostinho ainda não marcado pelo fogo das paixões terrenas? E porque precisa o cadáver de recomendação, com aspersão de água benta, se a ressurreição dos mortos se faz, como ensina o Apóstolo Paulo na I Epístola aos Coríntios e como Jesus exemplificou na sua própria morte, no corpo espiritual e não no corpo material?

São esses e outros muitos problemas acumulados nos erros milenares dos teólogos que levam o homem contemporâneo à descrença e ao materialismo, ao ateísmo e ao niilismo. São todos esses erros que colocam as religiões em crise e as levarão à morte sem ressurreição. Considerando-se, porém, esse estranho panorama religioso da Terra numa perspectiva histórica, à luz da razão, compreende-se facilmente que os erros de ontem, até hoje sustentados pelas religiões, foram úteis e necessários nos tempos de ignorância, em que os problemas espirituais não podiam ser colocados em termos racionais. Há justificativas válidas para o passado religioso, mas não justificativas possíveis para o seu presente contraditório e absurdo. A tese, mais do que absurda, do Cristianismo Ateu, com que teólogos rebeldes procuram hoje remendar as vestes esfarrapadas das igrejas, só vem acrescentar maior confusão ao momento de agonia das religiões envelhecidas.

O problema da experiência de Deus poderia ser resolvido com um mínimo de reflexão. Se Deus está em nós, e por isso somos deuses em potência, segundo a própria expressão evangélica, porque necessitamos de uma busca artificial de Deus para termos a experiência da sua realidade? Se fomos criados por Deus e se Deus pôs em nós a sua marca, como afirmou Descartes - a idéia de Deus em nós, que é inata - já não trazemos, ao nascer, a experiência de Deus? E se, no desenvolver da vida humana, o homem nada mais faz do que cumprir um desígnio de Deus, assistido pelos Anjos Guardiães, porque tem ele de buscar a Deus através de uma prática artificial e egoísta, procurando preservar-se sozinho num mundo em que a maioria se perde irremediavelmente? Moisés supunha ter ouvido o próprio Deus no Sinai, mas o Apóstolo Paulo explicou que Deus lhe falara através de mensageiros, que são anjos. As pessoas que buscam hoje a experiência de Deus em audiência privada serão mais dignas do que Moisés, não estarão sujeitas a ouvir a voz de um anjo, que tanto pode ser bom quanto mau, pois as próprias igrejas admitem que os anjos decaídos andam à solta pela Terra procurando roubar para o Inferno

as almas de Deus? Quem estará livre, na sua piedosa tarefa de salvar-se a si mesmo, de ser tentado pelo Diabo, que tentou o próprio Jesus nas suas meditações solitárias no Deserto?

As práticas místicas do passado não servem para a era da razão, em que nos encontramos na antevéspera da era do espírito. Orar e meditar é evidentemente um exercício religioso respeitável e necessário em todos os tempos. A oração nos liga aos planos superiores do espírito e a meditação sobre questões elevadas desenvolve a nossa capacidade de compreensão espiritual. Mas o dogma da experiência de Deus através de um pretensioso colóquio direto e pessoal com a Divindade é uma proposição egoísta e vaidosa. Se Deus é o Absoluto e nós somos relativos, a humildade não nos aconselha a ter mais cautela em nossas relações pessoais com a Divindade? São muitos os casos de perturbações mentais, de obsessões perigosas, de lamentáveis desequilíbrios psíquicos decorrentes de exageradas pretensões das criaturas humanas no campo das práticas religiosas. A História das Religiões é marcada por terríveis experiências nesse sentido. Basta lembrarmos os casos de perturbações coletivas em conventos e mosteiros da Idade Média, onde os excessos de misticismo transformaram criaturas piedosas em vítimas de si mesmas, sujeitando-as não raro à própria condenação da igreja a que pertenciam e a que procuravam servir.

Os dogmas de fé, que formam a estrutura conceptual das igrejas, são as pedras de tropeço do seu caminho evolutivo. Partindo do princípio de que a Revelação Divina é a própria palavra de Deus dirigida aos homens, as igrejas se anquilosaram em seus dogmas intocáveis, pois a exegese humana não poderia alterar as ordenações ao próprio Deus. Na verdade, a alteração se verificou em vários casos, apesar disso, mas decisões conciliares puseram a última pá de cimento nos erros cometidos. As estruturas eclesiais tornaram-se rígidas e as igrejas confirmaram, no seu espírito, a ossatura de pedra de suas catedrais. Vangloriam-se ainda hoje da sua imutabilidade, num mundo em que tudo evolui sem cessar. Os resultados dessa atitude ilusória e pretensiosa só poderiam ser nefastos, como vemos atualmente no lento e doloroso processo de agonia das religiões. Incidiram assim no pecado do apego, contra o qual os Evangelhos advertiram os homens. Apegaram-se de tal maneira à própria vida, que perderam a vida em abundância que Jesus prometeu aos que se desapegassem. As liberalidades atuais chegaram demasiado tarde.

A palavra dogma é grega e seu sentido original é opinião. Adquiriu em filosofia e religião o sentido de princípio doutrinário. Nas Escrituras religiosas aparece algumas vezes com o sentido de édito ou decreto de autoridades judaicas ou romanas. Entre o dogma religioso e o filosófico há uma diferença fundamental. O dogma religioso é de fé, princípio de fé que não pode ser contraditado, pois provém da Revelação de Deus. O dogma filosófico é racional, dogma de razão, ou seja, princípio de uma doutrina racionalmente estruturada. O sentido religioso superou os demais por motivo das consequências muitas vezes desastrosas da sua rigidez e imutabilidade. Se falarmos, por exemplo, em *dogmática*, esse termo é geralmente entendido como designando a estrutura dos dogmas fundamentais de uma religião. Por isso, a adjetivação de *dogmática*, que implica também o masculino, como nas expressões: *pessoa dogmática*, *posição dogmática* ou *homem dogmático*, signifi-

fica intransigência de opiniões. O mesmo acontece com o substantivo *dogmatismo*, que designa um sistema de opiniões intransigentes.

Estas influências religiosas na semântica revelam a intensidade da rigidez a que as igrejas se entregaram, através dos séculos e dos milênios, na defesa da suposta eternidade de seus princípios básicos. Temos, portanto, no dogma de fé, um dos motivos fundamentais da crise das religiões em nossos dias. No Espiritismo, como em todas as doutrinas filosóficas, existem dogmas de razão, como o da existência de Deus, o da reencarnação, o da comunicabilidade dos espíritos após a morte. Muitos adeptos estranham a presença dessa palavra nos textos de uma doutrina que se afirma antidogmática, aberta ao livre exame de todos os seus princípios. São pessoas ainda apegadas ao sentido religioso da palavra. Não há nenhuma razão para essa estranheza, como já vimos, do ponto de vista cultural.

O problema da religião no Espiritismo tem provocado discussões e controvérsias infundáveis, porque essa doutrina não se apresenta como religião no sentido comum do termo. Allan Kardec, discípulo de Pestalozzi, adotava a posição de seu mestre no tocante à classificação das religiões. Pestalozzi admitia a existência de três tipos de religião: a animal ou primitiva, a social e a espiritual. Mas recusava-se a chamar esta última de religião, dando-lhe a designação de moralidade. Isso porque a religião superior ou espiritual, segundo ele, só era professada individualmente pela criatura que superava o *ser social* e desenvolvia em si o *ser moral*. Kardec recusou-se a falar em Religião Espírita, sustentando que o Espiritismo é doutrina científica e filosófica, de conseqüências morais. Mas deu a essas conseqüências enorme importância ao considerar o Espiritismo como desenvolvimento histórico do Cristianismo, destinado a restabelecer a verdade dos princípios cristãos, deformados pelo processo natural de sincretismo-religioso que originou as igrejas cristãs.

Essa posição espírita manteve a doutrina e o movimento doutrinário em posição marginal no campo religioso. Para os espíritas, entretanto, a posição da doutrina não é marginal, mas superior, pois o Espiritismo representaria o cumprimento da profecia evangélica da Religião em espírito e verdade, que se desenvolveria sob a égide do próprio Cristo. A religião espírita não se organizou em forma de igreja, não admite sacramentos nem admitiu nenhuma forma de autoridade religiosa de tipo sacerdotal. Não há batismo, nem casamento religioso no Espiritismo, nem confissões ou indulgências. Todos esses formalismos são considerados como de origem pagã e judaica. Entende-se o batismo como rito de iniciação, que Jesus substituiu pelo *batismo do espírito*, sendo este considerado como a iniciação no conhecimento doutrinário, feita naturalmente pelo estudo da doutrina, sem nenhum ato ritual. Admite-se também que o *batismo do espírito*, segundo o texto do *Livro de Atos dos Apóstolos* sobre a visita de Pedro à casa do centurião Cornélio, no porto de Jope, pode completar-se, nos médiuns, quando se verifica espontaneamente, com o desenvolvimento da mediunidade.

Essa posição espírita no campo religioso causou numerosas dificuldades aos espíritas no tocante às relações de instituições doutrinárias com os poderes oficiais, particularmente para a declaração de religião em documentos oficiais, para o resguardo dos direitos escolares em face do ensino religioso, para a declaração de religião nos recenseamentos da população, até que

medidas oficiais reconheceram esses direitos. Em compensação, o Espiritismo ficou livre das conseqüências da crise religiosa, que não o atingiram. Demonstrarei nos capítulos seguintes a posição da Religião Espírita em face dessa crise, que é evidentemente uma posição de vanguarda. Sua contribuição para a racionalização dos princípios religiosos, para a reintegração da Religião no plano cultural, particularmente no tocante aos problemas científicos da atualidade, é realmente substancial. No campo filosófico a posição espírita é também vanguardeira, pois desde o século passado sua filosofia se apresenta como *livre dos prejuízos do espírita de sistema*, conservando-se aberta a todas as renovações que decorrem de descobertas cientificamente comprovadas. Livre da dogmática religiosa e da sistemática filosófica, apoiada inteiramente na pesquisa científica, a doutrina está de fato a cavaleiro nas crises da atualidade.

*

CAPÍTULO IV - EXPERIÊNCIA NO TEMPO

O homem realiza a experiência de Deus no tempo, ao longo de sua evolução natural. Não se pode ter uma experiência artificial de Deus em alguns minutos ou algumas horas de meditação. Essa experiência é natural - e de natureza vital - faz parte integrante da vida e da existência humana. Podemos lembrar a expressão de Descartes: *A idéia de Deus no homem é a marca do obreiro na sua obra*. Descartes foi o precursor de Kardec, como João Batista o foi do Cristo. Temos, assim, uma curiosa correlação histórica entre o advento do Cristianismo e o advento do Espiritismo, que se completa em numerosos outros aspectos.

Lembrando a teoria da reminiscência em Platão, em que as almas nascem na Terra marcadas pela recordação do mundo das idéias, compreenderemos mais facilmente a existência da idéia inata de Deus no homem. Essa idéia inata não é apenas marca, mas também o marco inicial e o pivô em torno do qual se processa todo o desenvolvimento espiritual da criatura humana. Podemos acompanhar esse processo desde a adoração dos elementos naturais pelo homem Primitivo (a partir da litolatria, adoração da pedra e de outras formações minerais) até à eclosão do monoteísmo, com a idéia do Deus Único, que Kant considerou o mais elevado conceito formulado pela mente humana. E vemos então que a idéia de Deus representa, histórica e antropologicamente, uma espécie de marca-passo de toda a evolução do homem.

No episódio do *Cogito*, da cogitação de Descartes sobre a realidade ou não da existência, temos o momento em que ele descobre, no mais profundo de si mesmo, uma idéia estranha, que é a da existência de um Ser Absoluto e portanto absolutamente perfeito. Essa idéia não podia ter sido originada pelas suas experiências de ser relativo e imperfeito. Descartes a considerou estranha porque só poderia vir de fora dele, da existência real desse Ser Absoluto. Descobria assim que tivera uma experiência de Deus, inteiramente independente de todas as suas experiências terrenas.

A importância desses fatos históricos e culturais foi negligenciada pela cultura leiga que se desenvolveu na Renascença e deu forma ao mundo moderno. O predomínio crescente das conquistas materiais da Civilização Ocidental asfixiou essas conquistas do espírito. O homem se esqueceu do signi-

ficado desses fatos, desses episódios culminantes da cultura humana, e as religiões dogmáticas transformaram a idéia de Deus em simples crença desprovida de raízes experimentais. Coube ao Espiritismo restabelecer a verdade e colocar a *experiência de Deus* no seu devido lugar, no vasto panorama da evolução da Humanidade. Trata-se da mais importante e profunda experiência do homem, uma experiência vital que deverá levá-lo à compreensão da sua verdadeira natureza e do seu verdadeiro destino. Impossível reduzi-la a uma conquista particular e eventual de algumas criaturas que hoje se entregam a práticas de meditação.

Claro que com isso não pretendo negar nem diminuir o valor da meditação como disciplina mental e como recurso de elevação espiritual. Sustento apenas que a meditação é o produto e não a produtora da *experiência de Deus*, pois essa experiência já marcava o homem muito antes que ele houvesse adquirido o poder do pensamento abstrato e pudesse meditar. A vivência religiosa, pelo simples fato de ser vivência e não reflexão, é inerente ao homem desde o seu aparecimento no planeta. Essa é uma questão que hoje se coloca de maneira evidente.

A concepção espírita vai mais longe e mais fundo, negando ao homem atual o direito de isolar-se do mundo para buscar a Deus, e portanto de buscar a Deus ou aos poderes espirituais através de processos artificiais. O meio natural de evolução, para o homem -e para todas as coisas e todos os seres, é a *relação*. Se nos afastamos do relacionamento social e cultural para nos elevarmos, estamos nos colocando em posição errada e tomando um caminho ilusório. A busca solitária de Deus é um ato egocêntrico e preferencial. O místico vulgar não mergulha em si mesmo para encontrar em Deus a relação com o mundo, como o fez Descartes, mas, pelo contrário, para desligar-se do mundo e ligar-se isoladamente a Deus. Não é guiado pelo amor à Humanidade, mas pelo amor a si mesmo. Prefere elevar-se acima dos outros para encontrar em Deus o refúgio e a fortaleza em que poderá construir e usufruir sozinho a sua felicidade particular. Prefere a fuga ao mundo, em termos de superioridade pessoal e portanto egoísta, anti-religiosa, à ligação com o mundo e com Deus para a realização da unidade global que é o objetivo da religião.

A diferença absoluta entre a posição do Cristo e a Posição do Buda e das chamadas religiões orientais é precisamente essa. Enquanto o Buda abandona o mundo para buscar a Deus na solidão, o Cristo mergulha no mundo para religar os homens a Deus. A ação do Buda é subjetiva e contrária à experiência do mundo, enquanto a ação do Cristo é objetiva, considerando a experiência do mundo como necessária ao desenvolvimento da experiência de Deus no homem. Meio milhão de pessoas entregues à meditação para tentar a ligação pessoal de cada uma delas com Deus não representa um esforço coletivo de unidade - uma ação religiosa mas a simples coincidência de esforços particulares e isoladas, como vemos na busca do ouro nas regiões auríferas. Não se trata, pois, de uma ação coletiva e sim de milhares de ações individuais e egoístas.

Não quero de maneira alguma negar o valor espiritual do Buda, cuja posição correspondia á necessidade de orientação de uma comunidade de almas estranhas à Terra, exiladas em nosso planeta, que tinham por objetivo a volta aos seus mundos de origem. Nesse caso, a negação individual do mundo

(do nosso mundo) tornava-se coletiva em virtude do objetivo comum do retorno ao paraíso perdido. A teoria espírita da migração entre os mundos - apoiada na teoria cristã das *muitas moradas da Casa do Pai* - é a chave indispensável à compreensão desse problema.

A evolução de cada mundo atinge o momento em que a sua população se divide em dois campos bem diferenciados, como vemos hoje na Terra. Um deles evoluiu o suficiente para integrar uma humanidade planetária superior, o outro continua em estado inferior. A população desse campo inferior precisa ser transferida para outro mundo que esteja no seu nível evolutivo, a fim de que as criaturas refaçam ali o tempo perdido. Quando essa população atingir ali, no outro planeta o nível de evolução necessário, voltará ao seu mundo de origem. Nessa situação, a vivência isolada nas práticas solitárias da meditação constitui uma recapitulação de aprendizado. Era a essas almas emigradas que o Buda dirigia a sua mensagem superior, como outros haviam feito antes dele.

Em nossa humanidade terrena somente a ação do Cristo – vencendo o mundo, segundo suas próprias palavras – impulsionou-nos ao aceleração evolutivo que vem transformando a Terra não só nas áreas cristãs, mas em toda a sua extensão. O Cristianismo institucional, igrejeiro, absorvendo elementos espirituais das religiões orientais, que se opunham aos princípios de *entrega ao mundo* das religiões mitológicas, mergulhou no ascetismo das ordens monásticas do Oriente e no isolacionismo da concepção sócio-cêntrica de Israel. As seitas cristãs fecharam-se em si mesmas, desde a comunidade apostólica do *Livro de Atos dos Apostos*, estabelecendo uma divisão arbitrária entre os escolhidos de Deus e os abandonados por Ele. A prática do *batismo do Espírito*, do tempo de Jesus, que dava à criatura a experiência direta da realidade espiritual, converteu-se nas formas de evocação ritual e privilegiada do Espírito Santo, que dá ao crente a ilusão de uma separatividade conferida pela *graça*. As igrejas cristãs transformaram-se em ilhas de santidade e pureza em meio à impureza do mundo, como a Israel antiga no mundo mitológico. A *experiência de Deus*, pessoal e intransferível, substituiu a experiência de Deus no mundo, a vivência universal do ensino e do exemplo de Jesus. É por isso que os cristãos de hoje se formalizam em grupos sócio-cêntricos fechados.

Ao contrário disso, a revelação espírita considera a *graça* simplesmente como *a força que Deus concede ao homem de boa-vontade para vencer as suas imperfeições*, seja ele desta ou daquela religião ou de nenhuma delas. O batismo exclusivista e sectário é substituído pelo antigo batismo do espírito, acessível a todos, não segundo o critério eclesiástico mas segundo o critério de Deus. Nada exemplifica melhor essa questão do que o episódio de *Atos* em que o Apóstolo Pedro, em Jope, se recusa a atender o centurião Cornélius, mas advertido pelo mundo espiritual o atende e descobre o sentido universal do batismo do espírito. Pedro, ainda imbuído dos princípios isolacionistas do Judaísmo, não podia entender que lhe fosse permitido socorrer uma família de romanos impuros em que a mediunidade eclodia. Foi necessário que o Espírito advertisse - a ele que seguira e ouvira o Cristo até o momento da prisão - de que Deus nada fizera de impuro, para que a sua consciência se abrisse à verdadeira compreensão da mensagem cristã.

O egocentrismo humano, essa centralização do homem em si mesmo, que gera e alimenta o orgulho, é uma decorrência natural das fases de formação da consciência, de formação do indivíduo como uma unidade espiritual específica, oposta à pluralidade e confusão do mundo. Mas esse egocentrismo, que deve abrir-se em altruísmo na proporção em que o homem amadurece, é alimentado pelo anseio de privilégios que as igrejas satisfazem com as suas concessões ilusórias aos fiéis. Tudo tem a sua utilidade em seu tempo, mas depois se torna inútil e até mesmo prejudicial. No próprio meio espírita essa tendência a conservar posições do passado ainda subsiste, particularmente no plano institucional, onde os postos de comando reacendem no espírito a chama de velhas e desvairadas ambições. O homem, espírito encarnado - envolto na neblina da carne, como ensina Emmanuel - está sempre e inevitavelmente propenso a reincidir em seus erros do passado. A volta às condições da vida material o coloca de novo ante a possibilidade de desfrutar as oportunidades que lhe foram úteis ou agradáveis no passado. As ilusões renascem no seu coração humano. As perspectivas espirituais se perdem no nevoeiro. Nas religiões formalistas esse apelo do passado adquire muito mais força.

A luta contra os resíduos do passado exige oração e vigilância, como Jesus ensinou. Não obstante a idealização do Diabo, como personificação mitológica do Mal, todas as grandes religiões reconhecem que a tentação está dentro de nós mesmos. Muito mais que a influência dos espíritos inferiores, o que nos arrasta de volta aos velhos caminhos do erro são as próprias tendências que trazemos em nosso íntimo. A oração consciente, feita com sinceridade e fé, areja o nosso íntimo, lança a sua luz sobre as escuras paisagens interiores da alma, fazendo-nos discernir o contorno real das coisas. Nada se modifica em nós, mas iluminamo-nos por dentro. E se mantivermos a nossa vigilância na intenção verdadeira de acertar, facilmente veremos o que nos convém e o que não nos convém. Poderemos então repetir com Paulo: *Tudo me é lícito, mas nem tudo me convém*. E, seguindo assim o caminho que a prudência esclarecida nos indica, tudo modificaremos para melhor em nós mesmos, tornando-nos aptos a auxiliar os outros a se melhorarem.

Temos a cada instante, a cada minuto, diariamente em nossa vida a *experiência de Deus*. Porque a própria vida é, em si mesma, essa experiência. Desde o momento em que nascemos até o instante final da nossa existência estamos em relação permanente com Deus, não o Deus particular desta ou daquela igreja, mas o Deus em espírito e matéria que se manifesta numa haste de relva, na beleza gratuita de uma flor, no brilho de uma estrela, num perfume, numa voz, numa nota musical isolada, num aperto de mão e principalmente numa idéia, num sentimento, numa aspiração que brota do anseio de transcendência da nossa alma. O que nos falta é estar mais atentos, mais despertos para a percepção consciente desses múltiplos e infindáveis milagres da vida cotidiana. O homem sem Deus é somente aquele que se nega a aceitar a presença de Deus em si e em seu redor. Para esse homem, a meditação é um ensaio no campo da frustração, um mergulho no mundo opaco do sem-sentido.

TERCEIRO ANO
4) Cadeira de Religião Espírita
(Continuação)

4) Cadeira de Religião Espírita: (...) O problema da queda: desenvolvimento do livre-arbítrio, libertação das leis naturais e responsabilidade perante as leis morais. Razão e função da prece: sintonia mental e moral com entidades superiores. Confirmação atual da teoria da prece pelas pesquisas telepáticas da Parapsicologia. A doutrina dos espíritos protetores, amigos e familiares; suas raízes históricas; sua razão moral, determinada pela lei de fraternidade; suas comprovações nas experiências psíquicas e na prática espírita.

CÓDIGO DE DIREITO NATURAL ESPÍRITA
CAPÍTULO VII

LEI DE LIBERDADE

I – LIBERDADE NATURAL (Livro dos Espíritos, itens 825 a 828-*a*)
Liberdade Absoluta

Artigo 93 – Não há posições no mundo em que o homem possa gabar-se de gozar de uma liberdade absoluta, porque todos necessitam uns dos outros, os pequenos como os grandes. A única condição em que o homem pudesse gozar de liberdade absoluta seria a do eremita no deserto. Desde que haja dois homens juntos há direitos a respeitar e não terão eles, portanto, liberdade absoluta.

Parágrafo único – Entretanto, a obrigação de respeitar os direitos alheios não tira ao homem o direito de se pertencer a si mesmo (não ser propriedade de outro), pois esse é um direito que lhe vem da natureza.

93.1 - “Os Limites da Liberdade” – Explicação de Richard Simonetti em seu livro já citado “A Constituição Divina”, págs. 109-112:

Um naufrago vem ter a uma ilha deserta. Constrói tosca habitação e ali se instala. Sua liberdade é plena. Movimenta-se à vontade. Faz e desfaz, conforme lhe parece conveniente, senhor absoluto daquela porção de terra. Passados alguns meses surge outro naufrago. A situação modifica-se. O primeiro experimenta limitações. A não ser que se disponha a eliminar o recém-chegado, descendo à barbárie, forçoso será reconhecer que seu direito de dispor da ilha esbarrará no direito do companheiro em garantir a própria sobrevivência. Terão, pois, que dividir os recursos existentes – água potável, animais, peixes, vegetais e o próprio espaço físico, se viverem em habitações separadas. Pela mesma razão sua liberdade restringir-se-á, na medida em que outros naufragos apareçam.

Algo semelhante ocorre na vida comunitária, onde nossa liberdade é relativa, porquanto deve ser conciliada com a liberdade dos concidadãos, considerando que o limite de nosso direito é o direito do próximo. A inobservância desse princípio fundamental gera, invariavelmente, a desordem e a intranquilidade. As implicações dessa equivalência de direitos são externas. Fácil enunciar alguns exemplos: não nos é lícito, na vida comunitária, dar livre expansão a impulsos como o de transitar de automóvel pelas ruas à velocidade de cem quilômetros horários; a ninguém é permitido, em logradouro público, postar-se nu, nem ali despejar lixo ou satisfazer determinadas necessidades fisiológicas. A liberdade de movimentação é restrita. Vedado nos é invadir uma propriedade alheia ou recintos de diversão como cinema ou teatro. Mister sejamos convidados ou nos disponhamos a pagar o ingresso. Impedidos estamos até mesmo de permanecer na inércia, se fisicamente aptos, porquanto não nos pertencem

cem os bens comunitários. Alimentos, abrigo, roupas, indispensáveis ao nosso bem-estar e à própria subsistência, pertencem àqueles que os produzem. Somos chamados a produzir, também, com a força do trabalho, a fim de que, em regime de permuta, utilizando um instrumento intermediário, o dinheiro, possamos atender às nossas necessidades.

A perfeita compreensão dos deveres comunitários, que restringem a liberdade individual, é virtude rara. Por isso existem mecanismos destinados a orientar a população e conter suas indisciplinas. Há leis que definem direitos e obrigações. Há órgãos policiais para fiscalizar sua observância. Os infratores sujeitam-se às sanções legais, que podem implicar até no confinamento em prisões por tempo determinado, compatível com a natureza dos prejuízos causados a alguém ou à sociedade. Quanto maior a expansão demográfica e a concentração urbana, mais difícil o controle da população. E há infrações que nem sempre podem ser enquadradas como delitos passíveis de punição ou nem sempre podem ser rigorosamente detectadas e corrigidas pelas autoridades. Assim ocorre com o industrial cuja fábrica despeja poluentes na atmosfera e nos rios; com o jovem que transita com o escapamento de sua motocicleta aberto, gerando barulho ensurdecador; com o alcoólatra que se comporta de forma inconveniente na rua; com o fumante que, em recinto fechado, expira baforadas de nicotina, obrigando os circunstantes a fumarem com ele; com o pichador de paredes que polui moral e culturalmente a cidade, desenhando frases de mau gosto e obscenidades; com o maledicente que se compraz em denegrir reputações, e muitos outros que revelam total desrespeito pelos patrimônios individuais e coletivos da comunidade e pelo inalienável direito comum à tranquilidade.

Justiça da Terra e Justiça do Céu – Todavia, estes impenitentes individualistas, ilhados numa visão egocêntrica de vida, saberão, mais cedo ou mais tarde, que nenhum prejuízo causado ao semelhante ficará impune. E se a justiça da Terra é impotente para sentenciar os infratores, a justiça do Céu o fará, inelutavelmente, confinando-os em celas de reajuste e infelicidade, na intimidade de suas consciências, impondo-lhes renovadoras reflexões. Aprendemos todos, por experiência própria, que há limites perfeitamente delineados em nossa liberdade de ação e que o mínimo que nos compete, em favor de nossa felicidade, é não perturbar o próximo, tanto quanto estimamos que ele não nos perturbe.

93.2 – “Honrarás a Liberdade”- Explicação do Espírito Emmanuel no livro “Na Era do Espírito”, Editora Grupo Espírita Emmanuel, SP, 3^a. edição, 1976, Francisco Cândido Xavier e José Herculano Pires, págs. 90/92:

Honrarás a liberdade, não para voltar às brumas do passado em cujos desvarios já nos submergimos muitas vezes, e que te impeliram a tomar novo corpo no plano físico, mas, freqüentemente para resgatar as conseqüências infelizes dos atos impensados.

Estimarás a liberdade para cultivar a consciência tranquila pelo exato desempenho dos compromissos que esposaste.

Muitos companheiros da Humanidade se farão ouvir, diante de ti, alinhando teorias brilhantes em se referindo a independência e progresso, quase sempre para justificar o desgovernado predomínio do instinto sobre a razão, como se progresso e independência constituíssem retorno ao primitivismo e à animalidade. Ouvirás a todos eles com tolerância e bondade, observando, porém, as ciladas que se lhes ocultam sob o luxo verbalístico, à maneira de armadilhas recobertas de flores, e seguirás adiante de coração atento à execução dos encargos que a vida te reservou. Sabes que a inteligência, quando se propõe desregrar-se no esquecimento dos princípios que lhe ditam comportamento digno, inventa facilmente vocábulos cintilantes, de modo a disfarçar a própria deserção.

Aceitarás o trabalho no grupo doméstico ou na equipe de ação edificante aos quais te vinculas, na produção do bem geral, doando o melhor de ti mesmo em abnegação aos companheiros que te compartilham a experiência, na certeza de que unicamente nas lutas e sacrifícios em que somos obrigados a viver e a conviver, uns à frente dos outros, é que conseguiremos a carta da alforria no cativeiro que nos aprisiona aos resultados menos felizes das existências passadas.

Orarás e vigiarás, segundo os ensinamentos de Jesus, e honrarás a liberdade qual ele mesmo a dignificou, amando aos semelhantes sem exigir o amor alheio e prestando auxílio sem pensar em recebê-lo.

Serás, enfim, livre para obedecer às Leis Divinas e sempre mais livre para ser cada vez mais útil e servir cada vez mais.

93.3 – “Condições da Liberdade” – Explanação de Irmão Saulo (J. Herculano Pires), na mesma obra, págs. 93/4:

O princípio da liberdade é um anseio natural do homem e constitui o fundamento de todas as realizações duradouras. Sabemos que o homem é, na Terra, entre os seres visíveis que a povoam, o único realmente dotado de livre arbítrio. Mas a liberdade é condicionada pela responsabilidade, sendo que a responsabilidade, por sua vez, não pode existir sem liberdade. Estamos diante do que poderíamos chamar a dialética da autonomia. Da interação de liberdade e responsabilidade surge a síntese da independência, tanto em plano individual como no coletivo.

A questão 825 de “O Livro dos Espíritos” é a seguinte: “Pergunta: Há posições no mundo em que o homem possa gabar-se de gozar de liberdade absoluta? – Resposta: Não, porque vós todos necessitais uns dos outros, assim os pequenos como os grandes”. Esse problema foi amplamente analisado por Kardec no estudo “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, publicado em “Obras Póstumas” (que segue abaixo). Ali encontramos esta proposição: “Do ponto de vista do bem social a fraternidade figura em primeira linha, é a base. Sem ela não poderá haver igualdade nem liberdade verdadeiras. A igualdade decorre da fraternidade e a liberdade é uma consequência das duas”.

Temos, assim, duas condições sociais para a liberdade, que são os princípios de igualdade e fraternidade, e uma condição moral que é a responsabilidade. A essas condições Emmanuel propõe os corolários da obediência e do serviço. Sem obediência às leis divinas, que nos mandam servir ao próximo por amor, não há liberdade. Por outro lado, a liberdade absoluta não existe, é apenas um sofisma. Vivemos no relativo e não no absoluto.

Mas o que são as leis divinas? Um código de moral escrito? Para o Espiritismo as leis divinas são as próprias leis naturais, criadas por Deus. Existem desde os planos inferiores da Natureza. Os sofistas modernos pedem a liberdade dos instintos animais do homem, mas o Espiritismo nos adverte da existência dos instintos espirituais que constituem as exigências da consciência. E entre esses acentua a presença da “lei de adoração” que nos impulsiona a todos em direção a Deus.

93.4 - “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”- Explanação de Allan Kardec no livro “Obras Póstumas”, Ed. LAKE, SP., 11^a. ed., 1995, trad. de João Teixeira de Paula, págs. 179 – 182:

“Liberdade, igualdade e fraternidade”, três palavras que são por si sós o programa de uma ordem social, que realizaria o mais absoluto progresso da humanidade, se os princípios que representam pudessem receber inteira aplicação. Vejamos os obstáculos que, no estado atual da sociedade, lhes podem ser apresentados e procuraremos os meios de removê-los.

A fraternidade, na rigorosa acepção da palavra, resume todos os deveres do homem para com os semelhantes. Significa: devotamento, abnegação, tolerância, benevolência, indulgência; é a caridade evangélica por excelência e a aplicação da máxima “fazer aos outros o que queremos que os outros nos façam”. O oposto constitui a norma do egoísmo. A fraternidade proclama: um por todos e todos por um; o egoísmo perora: cada um para si. Estes dois princípios, sendo a negação um do outro, tanto impedem ao egoísta de ser fraterno como ao avaro de ser generoso e um homem medíocre de chegar às culminâncias de um grande homem. Ora, sendo o egoísmo social, enquanto ele dominar será impossível a verdadeira fraternidade, querendo-a cada um para proveito próprio; ou, quando muito, praticá-la em proveito de outrem, só após certificar-se de que nada perderá com isso.

Atenta à sua importância para a realização da felicidade social, a fraternidade está na primeira linha: é a base; sem ela seriam impossíveis a liberdade e a igualdade reais. A igualdade decorre da fraternidade e a liberdade do conjunto das duas. Suponhamos uma sociedade de homens assás desinteressados, benévolos e prestativos, para viverem fraternalmente. Entre eles não haverá privilégios e direitos excepcionais, o que destruiria a fraternidade. Tratar alguém de irmão é tratar de igual para igual, é querer para ele o mesmo que para si. Em um po-

vo de irmãos, a igualdade será a consequência dos seus sentimentos, da sua maneira de proceder, e se estabelecerá pela força das coisas.

Qual é, porém, o inimigo da igualdade? O orgulho, que trabalha por ser o primeiro e por dominar; que vive de privilégios e de exceções e que aproveitará a primeira ocasião para destruir a igualdade social, nunca por ele bafejada. Ora, sendo o orgulho uma das chagas sociais, é evidente que nenhuma sociedade terá a igualdade sem arrasar primeiro esta barreira.

A liberdade, já o dissemos, é filha da igualdade e da fraternidade. Falamos da liberdade legal, e não da natural, que é um direito imprescritível de toda a criatura humana, até do selvagem. Os homens, vivendo como irmãos, com direitos iguais, animados do sentimento de recíproca benevolência, praticarão entre si a justiça, não causarão danos e, portanto, nada recearão uns dos outros. A liberdade será inofensiva, porque ninguém dela abusará, em prejuízo do seu semelhante. Como conseguir que o egoísmo, tudo desejando para si, e o orgulho, que quer tudo dominar, dêem as mãos à liberdade, que os destrona? Nunca o farão, porque a liberdade não tem mais encarniçados inimigos, assim como a igualdade e a fraternidade.

A liberdade pressupõe confiança mútua, mas este sentimento é impossível entre homens que só têm em vista a sua personalidade e, não podendo satisfazer à sua ambição à custa de outrem, vivem em guarda uns contra os outros, sempre receosos de perder o que chamam o seu direito, têm o predomínio como condição da existência; e por isto levantarão barreiras à liberdade e a sufocarão tão depressa encontrem propício ensejo.

Os três princípios são, como já dissemos, solidários entre si e apoiam-se mutuamente. Sem a co-existência deles, o edifício social fica incompleto. A fraternidade, praticada em sua pureza, requer a liberdade e a igualdade, sem as quais não será perfeita. Sem a fraternidade, a liberdade soltará a rédea às más paixões, que correrão sem freio. Com a fraternidade, o homem saberá regular o livre arbítrio, estará sempre na ordem. Sem ela, usará o livre arbítrio sem escrúpulos; serão a licença e a anarquia. É por isso que as mais livres nações são forçadas a por limites à liberdade. A igualdade, sem fraternidade, conduz aos mesmos resultados, porque a igualdade requer liberdade. Sob o pretexto da igualdade, o pequeno abate o grande, para tomar-lhe o lugar, e torna-se tirano por sua vez. Não há senão um deslocamento do despotismo.

Do exposto, resulta que deve permanecer na escravidão o povo que não possui ainda o verdadeiro sentimento de fraternidade? Que não tem capacidade para as instituições fundadas sobre os princípios de igualdade e de liberdade? Pensar assim é mais do que cometer um erro, é cometer um absurdo. Nunca se espera que a criança chegue a todo o seu desenvolvimento orgânico para ensiná-la a andar.

Quem é, as mais das vezes, o guia ou o tutor dos povos? São os homens de idéias grandiosas e generosas dominados pelo amor do progresso, que aproveitam a submissão dos seus inferiores, para neles desenvolver o senso moral e elevá-los, pouco a pouco, à condição de homens livres? Não; são, quase sempre, homens ciosos do seu poder, a cuja ambição outros servem de instrumentos mais inteligentes do que os animais e, que, por isso, em lugar de emancipá-los, os conservam, quando podem, sob o seu jugo e na ignorância. Esta ordem de coisas, entretanto, muda por si mesma, sob a irresistível influência do progresso.

A reação é, não raro, violenta e tanto mais terrível quanto o sentimento de fraternidade, imprudentemente sufocado, não interpõe o seu poder moderador. A luta é travada entre os que querem arrebatar e os que querem guardar; daí um conflito que se prolonga, às vezes, por séculos. Um equilíbrio fictício por fim se estabelece. As condições melhoram, mas os fundamentos da ordem social não estão firmes, a terra treme debaixo dos pés; porque ainda não é o tempo do reinado da liberdade e da igualdade sob a égide da fraternidade, visto como o orgulho e o egoísmo ainda contrastam com os esforços dos homens de bem.

Vós todos, que sonhais com esta idade de ouro para a humanidade, trabalhai principalmente na construção dos alicerces do edifício; antes de lhes terdes coroado o fastígio, dai-lhe por pedra angular a fraternidade em sua mais pura acepção; mas é preciso saber que, para isto, não basta decretar e inscrever a palavra numa bandeira; é mister que haja o sentimento no fundo dos corações e não seja ele trocado por disposições legislativas. Assim como para fazer frutificar um campo é preciso remover as pedras e arrancar a erva, urge trabalhar sem

descanso para remover e arrancar o orgulho e o egoísmo, porque são eles a fonte de todo o mal, o obstáculo real ao reino das coisas boas.

Destruí nas leis, nas instituições, nas religiões, na educação, os mais imperceptíveis vestígios dos tempos da barbaria e dos privilégios, bem como todas as causas, que entretêm e desenvolvem esses eternos obstáculos ao verdadeiro progresso, vícios que são ingeridos, por assim dizer, com o leite, e aspirados por todos os poros na atmosfera social.

Só então os homens compreenderão os deveres e benefícios da fraternidade, só então se firmarão por si mesmos, sem abalos e sem perigos, os princípios complementares da liberdade e da igualdade. E é possível a destruição do orgulho e do egoísmo? Respondemos alta e formalmente: SIM; porque do contrário, fixar-se-á um marco eterno ao progresso da humanidade. Que o homem avulta sempre em inteligência é fato incontestável. Terá chegado ao ponto culminante da sua caminhada por esse caminho? Quem ousaria sustentar tão absurda tese? Progride em moralidade? Para responder a esta pergunta, basta comparar as épocas de um mesmo país. Por que teria ele atingido o limite do progresso moral e não o do progresso intelectual? Sua aspiração por uma melhor ordem de coisas é indício da possibilidade de alcançá-la. Aos que são progressistas cabe acelerar esse movimento por meio do estudo e da utilização dos meios mais eficientes.

93.5 - “Egoísmo e Orgulho: Causas, Efeitos e Meios de Destruí-los – Explicação de Allan Kardec no livro Obras Póstumas, Ed. LAKE, SP., tradução de João Teixeira de Paula, introdução de José Herculano Pires, 11^a. edição, págs. 173-178:

O Orgulho e o Egoísmo têm origem num sentimento natural: o Instinto de Conservação - É fato reconhecido que a maior parte das misérias da vida tem origem no egoísmo dos homens. Desde que cada um só pensa em si sem pensar nos outros e ainda só quer a satisfação dos próprios desejos, é natural que a procure a todo preço, sacrificando embora os interesses de outrem, quer nas pequenas, quer nas maiores coisas, tanto na ordem moral, como na material. Daí todo o antagonismo social, todas as lutas, conflitos e misérias, visto como cada um quer pôr o pé adiante dos outros.

O egoísmo tem origem no orgulho. A exaltação da personalidade arrasta o homem a considerar-se acima dos demais. Julgando-se com direitos preferenciais, molesta-se por tudo o que, em seu entender, o prejudica. A importância que, por orgulho, se atribui, o torna naturalmente egoísta.

O egoísmo e o orgulho têm origem num sentimento natural: o instinto de conservação. Todos os instintos têm razão de ser e utilidade, pois que Deus não faz coisa inútil. Deus não criou o mal; é o homem que o produz por abuso dos dons divinos, em virtude do livre arbítrio. Este sentimento contido em justos limites é bom em si; a sua exageração é que o torna mau e pernicioso. O mesmo acontece às paixões, que o homem desvia do seu fim providencial. Deus não criou o homem egoísta e orgulhoso, mas simples e ignorante; foi o homem que, ao malversar o instinto, que Deus lhe deu para a própria conservação, se tornou egoísta e orgulhoso.

A caridade e a fraternidade resumem todas as condições e deveres sociais - Os homens não podem ser felizes enquanto não viverem em paz, isto é, enquanto não forem animados pelos sentimentos de benevolência, indulgência e condescendência recíprocas e enquanto procurarem esmagar uns aos outros. A caridade e a fraternidade resumem todas as condições e deveres sociais, mas reclamam abnegação. Ora, a abnegação é incompatível com o egoísmo e o orgulho; logo, com estes vícios não pode haver verdadeira fraternidade, e, em conseqüência, igualdade e liberdade; porque o egoísta e o orgulhoso tudo querem para si. Serão sempre eles os vermes roedores de todas as instituições progressistas, e, enquanto reinarem, os mais generosos sistemas sociais, os mais sabiamente combinados, cairão aos golpes deles.

Faz gosto ver proclamar o reino da fraternidade; mas de que serve, se vai de par com uma causa de destruição? É construir na areia; o mesmo fora decretar a saúde numa região malsã. Em tal região, para que os homens passem bem, não bastará se mandem médicos, pois que estes morrerão como os outros; é preciso mandar os meios de estudar as causas de insa-

lubridade. Se quiserdes que os homens vivam como irmãos, na Terra, não basta dar-lhes lições de moral; é preciso destruir a causa do antagonismo existente e atacar a origem do mal: o orgulho e o egoísmo. É aquela a chaga que deve merecer toda a atenção daqueles que desejam seriamente o bem da humanidade. Enquanto subsistir aquele obstáculo estarão paralisados os seus esforços, não só pela resistência da inércia, como por uma força ativa, que trabalhará incessantemente para destruir o trabalho; porque toda idéia grande, generosa e emancipadora, arruína as pretensões pessoais.

Destruir o egoísmo e o orgulho é impossível, direis, porque esses vícios são inerentes à espécie humana. Se assim fosse, impossível seria o progresso moral, ao passo que, quando considerarmos o homem em diversas épocas, reconhecemos à evidência um progresso incontestável; logo, se temos sempre progredido, em progresso continuaremos. Demais, não haverá, por ventura, algum homem limpo de orgulho e de egoísmo? Não há exemplos de uma pessoa dotada de natureza generosa, em quem o sentimento do amor ao próximo, da humildade, do devotamento e da abnegação, parece inato? O número é inferior ao dos egoístas, bem o sabemos, e se assim não fora, estes não fariam a lei; mas não é tão reduzido, como pensam, e se parece menor é porque a virtude, sempre modesta, se oculta na sombra, ao passo que o orgulho se põe em evidência. Se, pois, o egoísmo e o orgulho fossem condições de vida, como a nutrição, então, sim, não haveria exceção.

Destruir as causas produtoras do mal - O essencial, portanto, é fazer que a exceção passe a ser regra e para isso incumbe destruir as causas produtoras do mal. A principal é, evidentemente, a falsa idéia que faz o homem da sua natureza, do seu passado e do seu futuro. Não sabe donde vem; julga-se mais do que é; não sabendo para onde vai, concentra todos os pensamentos na vida terrestre. Deseja viver o mais agradavelmente possível, procurando a realização de todas as satisfações, de todos os gozos. É por isso que investe contra o vizinho, se este lhe opõe obstáculo; então entende dever dominar, porque a igualdade daria aos outros o direito que ele quer só para si, a fraternidade lhe importaria sacrifícios em detrimento do próprio bem-estar, e a liberdade, deseja-a só para si, não concedendo a outrem senão o que não fira as suas prerrogativas. Se todos têm essas pretensões, hão de surgir perpétuos conflitos, que farão comprar bem caro o pouco gozo que conseguem fruir.

Identifique-se o homem com a vida futura e a sua perspectiva mudará inteiramente, como acontece a quem sabe que pouco tempo deve estar em ruim pouso e que dele saindo alcançará um excelente para o resto da vida. A importância da presente vida, tão triste, tão curta e efêmera, desaparece diante do esplendor da vida futura infinita, que se abre à frente. A consequência natural e lógica desta certeza é o sacrifício voluntário do presente fugidio a um futuro sem fim, ao passo que antes tudo era sacrificado ao presente. Desde que a vida futura se torna o fim, que importa gozar mais ou menos nesta? Os interesses mundanos são acessórios, em vez de principais. Trabalha-se no presente, a fim de assegurar-se uma boa posição no futuro, sabendo quais as condições para alcançá-la.

Pelo que toca aos interesses terrenos, podem os humanos criar-lhes obstáculos: ele tem que os afastar e se torna egoísta pela força mesma das coisas. Se, porém, erguerem os olhos para onde a felicidade não pode ser perturbada por ninguém, nenhum interesse alheio precisa de ser debelado e, conseqüentemente, não há razão de ser para o egoísmo, embora subsista o estimulante do orgulho.

O incrédulo só crê em si, sendo natural que tenha orgulho e egoísmo - A causa do orgulho está na crença que o homem tem da sua superioridade individual; e, ainda aqui, se faz sentir a influência da concentração do pensamento nas coisas da vida terrestre. O sentimento de personalidade arrasta o homem que nada vê diante de si, atrás de si ou acima de si; então o seu orgulho não conhece medidas. A incredulidade, além de não ter meio para combater o orgulho, estimula-o e dá-lhe razão, pelo fato de negar a existência de um poder superior à humanidade. O incrédulo só crê em si; e, portanto, é natural que tenha orgulho, não vendo nos contratempos que se oferecem senão obra do acaso; ao passo que o crente vê a mão do Senhor naqueles contratempos e curva-se submisso, enquanto o outro se revolta.

Crer em Deus, na preexistência da alma, na reencarnação e na vida futura são condições indispensáveis para quebrar o orgulho e o egoísmo - Crer em Deus e na vida futura é pois a principal condição para quebrar o orgulho; mas não é a única. Conjuntamente com o futuro é preciso ter em vista o passado, para poder fazer justa idéia do presente. Para

que o orgulhoso cesse de crer em sua superioridade é preciso provar-lhe que ele não é mais que os outros e que todos lhe são iguais, que a igualdade é um fato e não uma teoria filosófica. São verdades que derivam da preexistência da alma e da reencarnação.

Sem a preexistência da alma, o homem, que crê em Deus, é levado a acreditar que Deus lhe conferiu excepcionais vantagens; e o que não crê, rende graças ao acaso e ao seu próprio mérito. Iniciando-o na vida anterior da alma, a preexistência lhe ensina a distinguir, da vida corporal, transitória, a vida espiritual, infinita. Ele chega por aí a compreender que as almas saem iguais das mãos do Criador, têm o mesmo ponto de partida e a mesma finalidade, que todos atingirão em mais ou menos tempo, segundo os esforços empregados; que ele próprio não chegou ao ponto em que se acha senão depois de ter longa e penosamente vegetado como os outros, nos planos inferiores; que não há entre os mais e os menos adiantados senão questão de tempo; que as vantagens do nascimento são puramente corporais e não afetam o Espírito; que o proletário pode, noutra existência, nascer em trono e o mais poderoso vir como proletário.

O princípio de Igualdade tem o caráter de um princípio de Justiça e de Lei Natural - Se ele considerar somente a vida corporal, vê as desigualdades sociais e não as pode explicar; mas se lançar a vista para o prolongamento da vida espiritual, para o passado e o futuro, desde o ponto de partida até o terminal, todas aquelas desigualdades se lhe desfazem perante os olhos e reconhecerá que Deus não deu a nenhum de seus filhos vantagens que negasse a outros; que fez a partilha com a mais rigorosa igualdade, não preparando o caminho melhor para uns do que para outros; que o mais atrasado de hoje, dedicando-se à obra do seu aperfeiçoamento, pode ser amanhã mais adiantado; enfim, reconhece que, não se elevando ninguém a não ser pelos esforços pessoais, o princípio da 'igualdade' tem o caráter de um princípio de justiça e de lei natural, diante das quais não prevalece o orgulho dos privilegiados.

A Reencarnação e o véu sobre o passado - A reencarnação, provando que os Espíritos podem renascer em diferentes condições sociais, quer como expiação, quer como prova, faz-nos saber que muitas vezes tratamos desdenhosamente uma pessoa que foi, noutra existência, nosso superior ou igual, amigo ou parente. Se o soubéssemos, tratá-lo-íamos com atenção, mas neste caso não haveria nenhum mérito; e se soubéssemos que o amigo de hoje fôra antes um inimigo, um servo, um escravo, não o repeliríamos? Deus não quis que fosse assim e por isso lançou um véu sobre o passado para que em todos víssemos irmãos e iguais, como é mister para estabelecer-se a 'fraternidade'; sabendo que poderemos ser tratados como houvermos tratado os outros, firmaremos o princípio de 'caridade' como dever e necessidade, fundados nas leis da natureza.

Ao Espiritismo ficou reservada a terceira manifestação da vontade de Deus - Jesus estabeleceu os princípios da caridade, da igualdade e da fraternidade, dos quais fez condições indispensáveis para a salvação; mas ao Espiritismo ficou reservada a terceira manifestação da vontade de Deus, pelo conhecimento da vida espiritual, pelos horizontes novos que descortina e pelas leis que revela, como sanção daqueles princípios, provando que não é somente uma doutrina moral, mas uma lei natural, que está no interesse dos homens cultivar e praticar. Ora, eles hão de praticá-la desde que deixem de ver no 'presente, o princípio e o fim e desde que compreendam a solidariedade que existe entre o presente, o passado e o futuro'.

No infinito campo que o Espiritismo lhes põe aos olhos, a sua importância pessoal anula-se, porque compreendem que os homens, sós, nada valem e nada podem, que todos precisamos uns dos outros, não sendo nenhum mais que outro; duplo golpe desferido contra o orgulho e o egoísmo.

O Espiritismo e a Fé Raciocinada - Para isso, porém, é preciso terem fé, sem a qual ficarão detidos dentro do círculo do presente, mas não a fé cega, que foge da luz, que acanha as idéias e portanto alimenta o egoísmo; mas sim a fé inteligente, racional, que pede a luz e não as trevas, que rasga, ousadamente, o véu dos mistérios e alarga os horizontes. Essa fé, elemento essencial de todo progresso, é a que o Espiritismo proclama: fé robusta, porque se firma na experiência e nos fatos, dá as provas palpáveis da imortalidade da alma e nos ensina donde ela vem, para onde vai e porque está na Terra e, finalmente, fixa as nossas idéias a respeito do futuro.

Uma vez encaminhados por esta larga via, não daremos mais ao orgulho e ao egoísmo o pasto, que os alimenta, resultando daí o seu aniquilamento progressivo e a modificação de todos os laços sociais pela caridade e pela fraternidade bem compreendidas. Poderá isso dar-se por efeito de brusca mudança? Não, isso é impossível, pois nada vai de um salto em a Natureza; a saúde não volta subitamente; e entre a moléstia e a cura, há sempre a convalescença. O homem não pode instantaneamente mudar de sentimentos e elevar os olhos da terra ao céu; o Infinito deslumbra-o e confunde-o; precisa de tempo para assimilar as novas idéias.

O Espiritismo é, sem contestação, o elemento mais potente de moralização, porque mina pela base os fundamentos do egoísmo e do orgulho, dando sólido fundamento à moral. Há feito milagres de conversão; não são ainda, é certo, senão curas individuais, e, quase sempre, parciais; mas o que ele produz nos indivíduos é prenúncio do que produzirá um dia nas massas populares. Não pode, de uma vez, arrancar toda a erva daninha; mas dá a fé, que é boa semente e que não precisa senão de tempo para germinar e frutificar. Eis porque ainda não são todos perfeitos. Ele encontrou o homem no meio da vida, no ardor das paixões, na força dos preconceitos, e se em tais condições tem operado prodígios, como não operará quando o tomar no berço, virgem de todas as impressões maléficas, quando lhe der, com o leite, a caridade, e o acalantar com a fraternidade, quando, enfim, uma geração inteira vier alimentada por idéias que a razão fortificará em vez de debilitar? Sob o império dessas idéias, que serão mandamentos de fé racional para todos, o progresso, limpando a estrada de egoísmo e orgulho, penetrará nas instituições que se reformarão a si mesmas, e a humanidade caminhará rapidamente para os destinos que lhe são prometidos na Terra, enquanto não chega a hora de alcançar o Céu.

Lei Natural contrabalançada pelo orgulho e egoísmo

Artigo 94 – Os homens que possuem opiniões liberais mas, que, frequentemente, agem com despotismo no lar e com os seus subordinados, possuem a compreensão da lei natural, mas contrabalançada pelo orgulho e pelo egoísmo. Sabem o que devem fazer, quando não transformam os seus princípios numa comédia bem calculada, mas não o fazem.

Inteligência para compreender e responsabilidade

Parágrafo único – Quanto mais inteligência tenha o homem para compreender um princípio, menos escusável será de não o aplicar a si mesmo. O homem simples, mas sincero, está mais adiantado no caminho de Deus do que aquele que aparenta o que não é.

II – ESCRAVIDÃO (Itens 829 a 832)

Abuso da força. Contra a Natureza

Artigo 95 – Toda sujeição absoluta de um homem a outro é contrária à lei de Deus. A escravidão é um abuso da força e desaparecerá com o progresso, como pouco a pouco desaparecerão todos os abusos. A lei humana que estabelece a escravidão é uma lei contra a natureza, pois assemelha o homem ao bruto e o degrada moral e fisicamente.

A escravidão pertencente aos costumes de um povo

Artigo 96 – Mesmo quando a escravidão pertença aos costumes de um povo, são repreensíveis os que a praticam. Pois o mal é sempre o mal. Todos os sofismas não farão que uma ação má se torne boa. Mas a responsabilidade do mal é relativa aos meios de que se dispõe para compreender. Aquele que se serve da lei da escravidão é sempre culpável de uma violação da lei natural; mas nisso, como em todas as coisas, a culpabilidade é relativa. Sendo a escravidão um costume entre certos povos, o homem pode praticá-la de boa fé, como uma coisa que lhe parece natural. Mas desde que a sua razão

mais desenvolvida e sobretudo esclarecida pelas luzes do Cristianismo, lhe mostrou no escravo um seu igual perante Deus, ele não tem mais desculpas.

A escravidão e as raças menos inteligentes

Artigo 97 – A desigualdade natural das aptidões coloca certas raças humanas sob a dependência das raças inteligentes para as elevar e não para as embrutecer ainda mais na escravidão. Os homens têm considerado, há muito, certas raças humanas como animais domesticáveis, munidos de braços e de mãos, e se julgaram no direito de vender os seus membros como bestas de carga. Consideram-se de sangue mais puro. Insensatos, que não enxergam além da matéria! Não é o sangue que deve ser mais ou menos puro, mas o Espírito.

Homens que são mais humanos com seus escravos

Artigo 98 – Os homens que tratam os seus escravos com humanidade, que nada lhes deixam faltar e pensam que a liberdade os exporia a mais privações, são os que compreendem melhor os próprios interesses. Eles têm também muito cuidado com os seus bois e os seus cavalos, a fim de tirarem mais proveito no mercado. Não são culpados como os que os maltratam, mas nem por isso deixam de usá-los como mercadorias, privando-os do direito de se pertencerem a si mesmos.

III - LIBERDADE DE PENSAMENTO (Itens 833 e 834)

Liberdade de pensamento e responsabilidade

Artigo 99 – É pelo pensamento que o homem goza de uma liberdade sem limites, porque o pensamento não conhece entraves. Pode impedir-se a sua manifestação, mas não aniquilá-lo.

Parágrafo único – O homem é responsável pelo seu pensamento perante Deus. Só Deus pode conhecê-lo, condena-o ou absolve-o, segundo a sua justiça.

IV – LIBERDADE DE CONSCIÊNCIA (Itens 835 a 842)

Artigo 100 – A consciência é um pensamento íntimo, que pertence ao homem como todos os outros pensamentos. Ninguém tem o direito de pôr entraves à liberdade de consciência. Somente a Deus pertence o direito de julgar a consciência. Se o homem regula pelas suas leis a relação de homem para homem, Deus, por suas leis naturais, regula as relações do homem com Deus. Constranger os homens de maneira diversa ao seu modo de pensar é torná-los hipócritas. A liberdade de consciência é uma das características da verdadeira civilização e do progresso.

A liberdade de consciência e as crenças notoriamente falsas

Artigo 101 – Toda crença é respeitável quando é sincera e conduz à prática do bem. As crenças reprováveis são as que conduzem ao mal. Somos repreensíveis por escandalizar em sua crença aquele que não pensa como nós: é faltar com a caridade e atentar contra a liberdade de pensamento.

Crenças que perturbam a sociedade

Parágrafo único – Podem reprimir-se os atos externos de uma crença, quando esses atos acarretam qualquer prejuízo aos outros; não é atentar contra a liberdade de consciência, porque essa repressão deixa à crença sua inteira liberdade.

Convicção não se impõe

Artigo 102 – Podemos, sem atentar contra a liberdade de consciência, procurar conduzir para o caminho da verdade os que se desviaram para falsos princípios de doutrinas perniciosas; mas o ensino, a exemplo de Jesus, é pela doçura e persuasão e não pela força, porque seria pior que a crença daquele a quem se deseja convencer. Se há alguma coisa que possa ser imposta é o bem e a fraternidade, mas o meio de fazê-lo não é a violência: a convicção não se impõe.

Sinais da doutrina que seja expressão da verdade

Artigo 103 – Como todas as doutrinas têm a pretensão de ser a única expressão da verdade, podemos reconhecer a que tem o direito de se apresentar como tal a que produza mais homens de bem e menos hipócritas, quer dizer, que pratiquem a lei de amor e caridade na sua maior pureza e na sua aplicação mais ampla. Por esse sinal reconheceremos que uma doutrina é boa, pois toda doutrina que tiver por consequência semear a desunião e estabelecer divisões entre os filhos de Deus só pode ser falsa e perniciosa.

V – LIVRE-ARBÍTRIO (Itens 843 a 850)

Livre-arbítrio do homem e seus atos

Artigo 104 – O homem tem livre-arbítrio nos seus atos, pois se tem a liberdade de pensar, tem a de agir. Sem o livre-arbítrio o homem seria uma máquina.

Livre-arbítrio da criança

Artigo 105 – O homem tem a liberdade de agir, desde que tenha a vontade de o fazer. Nas primeiras fases da vida a liberdade é quase nula; ela se desenvolve e muda de objeto com as faculdades. Estando os pensamentos da criança em relação com as necessidades da sua idade, ela aplica o seu livre-arbítrio às coisas que lhe são necessárias.

Predisposições instintivas a atos repreensíveis

Artigo 106 – As predisposições instintivas são as do Espírito antes da sua encarnação; conforme for ele mais ou menos adiantado elas podem impeli-lo a atos repreensíveis, no que ele será secundado por Espíritos que simpatizam com essas disposições; mas não há arrastamento irresistível, quando se tem a vontade de resistir. Querer é poder.

O livre-arbítrio e a influência do organismo nos atos da vida

Artigo 107 – O Espírito é certamente influenciado pela matéria, que pode entrar as suas manifestações. Eis porque, nos mundos em que os corpos são menos materiais do que na Terra as faculdades se desenvolvem com mais liberdade. Mas o instrumento não dá faculdades ao Espírito. De resto, é necessário distinguir neste caso as faculdades morais das faculdades intelectuais. Se um homem tem o instinto do assassinio é seguramente o seu próprio

Espírito que o possui e que lho transmite mas nunca os seus órgãos. Aquele que aniquila o seu pensamento para apenas se ocupar da matéria faz-se semelhante ao bruto e ainda pior, porque não pensa mais em se premunir contra o mal. É nisso que ele se torna faltoso, pois assim age pela própria vontade. (Ver item 367 e seguintes de O Livro dos Espíritos, Influência do Organismo).

Alteração das faculdades e perda do livre-arbítrio

Artigo 108 – Aquele cuja inteligência está perturbada por uma causa qualquer perde o domínio do seu pensamento e, desde então, não tem mais liberdade. Essa alteração é freqüentemente uma punição para o Espírito que, numa existência pode ter sido vão e orgulhoso, fazendo mau uso de suas faculdades. Ele pode renascer no corpo de um idiota, como o déspota no corpo de um escravo e o mau rico no de um mendigo. Mas o Espírito sofre esse constrangimento, do qual tem perfeita consciência: é nisso que está a ação da matéria.

A embriaguez e o livre-arbítrio

Parágrafo único – A alteração das faculdades intelectuais pela embriaguez não desculpa os atos repreensíveis, pois o ébrio voluntariamente se priva da razão para satisfazer paixões brutais; em lugar de uma falta comete duas.

O selvagem: instinto e livre-arbítrio

Artigo 109 – No homem em estado selvagem, a faculdade dominante é o instinto; o que não o impede de agir com inteira liberdade em certas coisas. Mas, como a criança, ele aplica essa liberdade às suas necessidades e ela se desenvolve com a inteligência. Por conseguinte, quem for mais esclarecido que um selvagem é também mais responsável que ele pelo que faz.

A posição social e o livre-arbítrio

Artigo 110 – A posição social é, às vezes, um obstáculo à inteira liberdade de ação, pois o mundo tem, sem dúvida, as suas exigências. Deus é justo e tudo leva em conta, mas deixa aos homens a responsabilidade dos poucos esforços que faz para superar os obstáculos.

110.1 – “Determinismo e Livre-arbítrio” – Explicação de José Herculano Pires em seu livro “O Espírito e o Tempo”, Edit. Edicel, DF, 7^a. edição, 1995, págs. 152-155:

Sem o livre-arbítrio o homem seria uma máquina - Admitida a existência de Deus, como “inteligência suprema e causa primária de todas as coisas” – admitida essa existência com a mesma evidência com que ela se apresenta no hegelianismo e no cartesianismo – e admitida, da mesma maneira, a existência de uma lei geral de evolução, a que tudo se submete, inclusive o homem, resta saber se estamos ou não diante da estrutura rígida do pensamento espinosiano. Há liberdade para esse homem que amadurece, que tem de amadurecer, queira ou não queira, no processo evolutivo? À primeira vista, a liberdade é impossível. O Espiritismo parece ter dito antes do poeta Rainer Maria Rilke: “Deus nos faz amadurecer, mesmo que não o queiramos.” E realmente o disse. Mas acrescentou: “Sem o livre-arbítrio, o homem seria uma máquina.” (Item 843 de ‘O Livro dos Espíritos’). O homem é livre de pensar, querer e agir, mas sua liberdade é limitada pelas suas próprias condições de ser. O simples fato de existir é uma condição. Dentro dessa condição, porém, o homem é livre: pode ser

útil ou inútil, bom ou mau, segundo a sua própria determinação. Existe, pois, uma dialética do determinismo, que é ao mesmo tempo a dialética da liberdade.

A liberdade relativa do homem (determinismo subjetivo e determinismo objetivo) – Podemos colocar assim o problema: há um determinismo subjetivo, que é o da vontade do homem, e um determinismo objetivo, que é o das condições de sua própria existência. Da oposição constante dessas duas vontades, a do homem e a das coisas, resulta a liberdade relativa da sua possibilidade de opção e ação. O item 844 de ‘O Livro dos Espíritos’ nos propõe essa tese de maneira simples, ao tratar do desenvolvimento infantil: “Nas primeiras fases da vida a liberdade é quase nula; ela se desenvolve e muda de objeto com as faculdades. Estando os pensamentos da criança em relação com as necessidades da sua idade, ela aplica o seu livre-arbítrio às coisas que lhe são necessárias.” Isso nos mostra que o homem não amadurece como o fruto, mas como espírito. Na proporção em que a criança amadurece, ela deixa de ser criança, para tornar-se adulto. Assim, o homem, na proporção em que amadurece, deixa de ser homem – essa criatura humana, contraditória e falível, enleada nas ilusões da vida física – para tornar-se Espírito. A morte, em vez de ser a frustração do existencialismo sartreano, ou o fim da vida, ou ainda o momento de mergulhar no desconhecido, de toda a tradição religiosa, apresenta-se como o momento de maturação e de alforria. Morrer, como o disse Victor Hugo, não é morrer, mas simplesmente mudar-se.

O homem constrói o seu destino no plano do contingente, mas no plano do transcendente o seu destino já está determinado pelas leis universais – A mudança do homem, entretanto, não é completa. Ele não deixa de ser o que é. Sua essência permanece a mesma. Perdendo a condição existencial terrena, ele passa imediatamente para a condição existencial psíquica. Nessa outra condição, terá de enfrentar o mesmo processo de oposição dialética: de um lado, o determinismo subjetivo da sua vontade, do seu próprio querer; de outro, o determinismo objetivo das circunstâncias. Nestas circunstâncias, porém, avultam as conseqüências de seus atos na vida física. O que ele fez, a maneira por que pensou, quis, sentiu e agiu, toda trama das suas próprias ações, agora o enleia. Como se vê, sua liberdade ampliou-se, pois é ele quem agora se limita no exterior. As circunstâncias em que se encontra foram determinadas pela sua própria vontade. Isso lhe desperta a compreensão de sua capacidade de agir, e conseqüentemente de sua responsabilidade. É então que ele deseja voltar à existência física, ao mundo em que gerou o seu próprio mundo espiritual, a fim de reformar a sua obra. E já então, ao voltar, aqui mesmo, no mundo material, ele não vem enfrentar apenas a vontade estranha das coisas, mas também a sua própria vontade, representada nas circunstâncias de uma vida apropriada às necessidades do seu posterior desenvolvimento.

É assim que, pouco a pouco, o livre-arbítrio supera o determinismo. A liberdade de se determinar a si próprio confere ao homem o poder de criar. Ele cria o seu próprio mundo, as suas formas de vida, o seu destino. A princípio, o faz de maneira quase inconsciente, como a criança que se queima na chama da vela, por querer pegá-la. Mas, depois, as experiências o acordam para a plenitude consciencial de que ele deve desfrutar, segundo o seu destino natural. Porque o destino do homem, no sentido geral de sua posição no Universo, é ser ‘deus’. Não no sentido de igualar-se à Inteligência Suprema, mas de atingir a compreensão dessa Inteligência, integrar-se no seu plano de vida e pensamento, participar de sua plenitude. Assim, podemos dizer que o homem constrói o seu destino no plano do contingente, mas no plano do transcendente o seu destino já está determinado pelas leis universais.

Todos os seres, desde a região ontológica mineral até a região vegetal, a animal e a hominal, estão todos integrados no mesmo processo e submetidos às mesmas leis e ao mesmo destino – Mas será apenas o homem que tem esse destino transcendente? E os demais seres da Criação, para e por que existem? O Espiritismo nos responde que o Universo é constituído de dois elementos fundamentais, as duas substâncias cartesianas – a ‘rés cogitans’ e a ‘rés extensa’ – ou, em termos espíritas: o elemento espiritual e o elemento material. Ainda em termos cartesianos, mas já no plano do pensamento de Espinosa, vemos que essa dualidade se resolve numa espécie de monismo tridimensional: inteligência e matéria decorrem de uma fonte única, a que estão subordinadas, e que é Deus. Por isso que Deus é inteligência e causa. Como causa, o é de todas as coisas. Deus não é assim uma concepção antropomórfica, mas hipóstases de Plotino. O universo é hipóstático: primeiro a hipóstase divina, que é Deus; depois, a hipóstase inteligente, que é o Espírito; e, por fim, a hipóstase material, que é a Matéria.

Essas três hipóstases não estão, porém, separadas, como as da concepção plotiniana. Constituem apenas aspectos de um mesmo todo. E o que é mais curioso, aspectos interpenetrados. É assim que Deus está em tudo e tudo está em Deus, que a matéria existe desde o início e que espírito e matéria estão sempre relacionados. Como na doutrina de forma e matéria, em Aristóteles, o espírito informa a matéria, e esta, por sua vez, manifesta o espírito, e toda essa interação se realiza em Deus, porque tudo depende de Sua vontade e está sob o poder constante de Suas leis. O fluido universal, na mecânica cósmica, e o fluido vital, na mecânica biológica, são o resultado dialético e ao mesmo tempo o elemento de aglutinação de espírito e matéria. Assim, todos os seres, desde a região ontológica mineral – segundo a terminologia da moderna ontologia – até a região vegetal, a animal e a hominal, estão todos integrados no mesmo processo e submetidos às mesmas leis e ao mesmo destino. É o que vemos, por exemplo, no final da resposta do item 540, de ‘O Livro dos Espíritos’: “É assim que tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, pois ele mesmo começou pelo átomo. Admirável lei de harmonia, que o vosso espírito limitado ainda não pode abranger no seu conjunto!”

O princípio e o fim de tudo e de todas as coisas ainda nos são desconhecidos – Bastaria perguntar como se explica a finalidade desse imenso processo. Em que resultaria, afinal, esse desenvolvimento constante de tudo, de todas as coisas, nos rumos da perfeição e da inteligência? A pergunta, como responderia Gonzague Truc, não pode ser respondida pela Filosofia, porque pertence à Mística. Mas o Espiritismo, que admite o desenvolvimento da Filosofia até o plano da antiga Mística e além dela – uma vez que admite o desenvolvimento ilimitado da capacidade humana de compreender – responde com a nossa incapacidade atual para abarcar a complexidade e as conseqüências do processo cósmico, dentro do qual nos encontramos. Do nosso ponto de vista atual, demasiado restrito, condicionado pela estreiteza de nossas mentes, em funcionamento na aparelhagem de cérebros animais, é impossível a compreensão daquilo que poderíamos chamar, nos termos da filosofia aristotélica, as causas finais.

Quando saímos do plano do pensamento, para examinar o problema à luz das nossas possibilidades de expressão verbal, maior ainda se revela a nossa incapacidade, diante de suas dimensões conceptuais. As deficiências da linguagem humana, assinaladas por Kardec na ‘Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita’, mostram quanto seria vã a nossa pretensão de investigar o princípio e o fim das coisas. Mas, ao mesmo tempo, o Espiritismo nos acena com as possibilidades futuras, mostrando-nos como, a cada giro da Terra sobre si mesma, o nosso avanço no tempo equivale ao desenvolvimento psíquico. Compete a cada um de nós, e a todos nós em conjunto, superarmos as nossas limitações, pelo nosso desenvolvimento próprio e pelo desenvolvimento da Civilização.

VI – FATALIDADE (Itens 851 a 867)

Fatalidade e Livre-arbítrio sobre o bem e o mal

Artigo 111 – A fatalidade só existe no tocante à escolha feita pelo Espírito, ao se encarnar, de sofrer esta ou aquela prova; ao escolhê-la ele traça para si mesmo uma espécie de destino, que é a própria conseqüência da posição em que se encontra. Falo das provas de natureza física, porque, no tocante às provas morais e às tentações, o Espírito, conservando o seu livre-arbítrio sobre o bem e o mal, é sempre senhor de ceder ou resistir. Um bom Espírito, ao vê-lo fraquejar, pode correr em seu auxílio mas não pode influir sobre ele a ponto de subjugar-lhe a vontade. Um Espírito mau, ou seja, inferior, ao lhe mostrar ou exagerar um perigo físico, pode abalá-lo e assustá-lo, mas a vontade do Espírito encarnado não fica por isso menos livre de qualquer entrave.

111.1 – “Nossos fracassos” - Comentário de Kardec no item 852 de O Livro dos Espíritos:

As idéias justas ou falsas que fazemos das coisas nos fazem vencer ou fracassar, segundo o nosso caráter e a nossa posição social. Achamos mais simples e menos humilhante para o nosso amor-próprio atribuir os nossos fracassos à sorte ou ao destino, do que a nós

mesmos. Se a influência dos Espíritos contribui algumas vezes para isso, podemos sempre nos subtrair a ela, repelindo as idéias más que nos forem sugeridas.

111.2 – “Experiência: Determinismo e Livre-arbítrio” – Respostas do Espírito Emmanuel no livro já citado “O Consolador”, págs. 83-91:

Como adquire experiência o Espírito encarnado? – A luta e o trabalho são tão imprescindíveis ao aperfeiçoamento do espírito, como o pão material é indispensável à manutenção do corpo físico. É trabalhando e lutando, sofrendo e aprendendo, que a alma adquire as experiências necessárias na sua marcha para a perfeição.

Há o determinismo e o livre-arbítrio, ao mesmo tempo, na existência humana? – Determinismo e livre-arbítrio coexistem na vida, entrosando-se na estrada dos destinos, para a elevação e redenção dos homens. O primeiro é absoluto nas mais baixas camadas evolutivas e o segundo amplia-se com os valores da educação e da experiência. Acresce observar que sobre ambos pairam as determinações divinas, baseadas na lei do amor, sagrada e única, da qual a profecia foi sempre o mais eloqüente testemunho. Não verificais, atualmente, as realizações previstas pelos emissários do Senhor há dois e quatro milênios, no divino simbolismo das Escrituras? Estabelecida a verdade de que o homem é livre na pauta de sua educação e de seus méritos, na lei das provas, cumpre-nos reconhecer que o próprio homem, à medida que se torna responsável, organiza o determinismo da sua existência, agravando-o ou amenizando-lhe os rigores, até poder elevar-se definitivamente aos planos superiores do Universo.

Havendo o determinismo e o livre-arbítrio, ao mesmo tempo, na vida humana, como compreender a palavra dos guias espirituais quando afirmam não lhes ser possível influenciar a nossa liberdade? – Não devemos esquecer que falamos de expressão corpórea, em se tratando do determinismo natural, que prepondera sobre os destinos humanos. A subordinação da criatura, em suas expressões do mundo físico, é lógica e natural nas leis das compensações, dentro das provas necessárias, mas, no íntimo, zona de pura influência espiritual, o homem é livre na escolha do seu futuro caminho. Seus amigos do invisível localizam aí o santuário da sua independência sagrada. Em todas as situações, o homem educado pode reconhecer onde falam as circunstâncias da vontade de Deus, em seu benefício, e onde falam as que se formam pela força da sua vaidade pessoal ou do seu egoísmo. Com ele, portanto, estará sempre o mérito da escolha, nesse particular.

Como pode o homem agravar ou amenizar o determinismo de sua vida? – A determinação divina na sagrada lei universal é sempre a do bem e da felicidade, para todas as criaturas. No lar humano, não vedes um pai amoroso e ativo, com um largo programa de trabalhos pela ventura dos filhos? E cada filho, cessado o esforço da educação na infância, na preparação da vida, não deveria ser um colaborador fiel da generosa providência paterna pelo bem de toda a comunidade familiar? Entretanto, a maioria dos pais humanos deixa a Terra sem ser compreendida, apesar de todo o esforço despendido na educação dos filhos.

Nessa imagem muito frágil, em comparação com a paternidade divina, temos um símile da situação.

O Espírito que, de algum modo, já armazenou certos valores educativos, é convocado para esse ou aquele trabalho de responsabilidade junto de outros seres em provação rude, ou em busca de conhecimentos para a aquisição da liberdade. Esse trabalho deve ser levado a efeito na linha reta do bem, de modo que esse filho seja o bom cooperador de seu Pai Supremo, que é Deus. O administrador de uma instituição, o chefe de uma oficina, o escritor de um livro, o mestre de uma escola, têm a sua parcela de independência para colaborar na obra divina, e devem retribuir a confiança espiritual que lhes foi deferida. Os que se educam e conquistam direitos naturais, inerentes à personalidade, deixam de obedecer, de modo absoluto, no determinismo da evolução, porquanto estarão aptos a cooperar no serviço das ordenações, podendo criar as circunstâncias para a marcha ascensional de seus subordinados ou irmãos em humanidade, no mecanismo de responsabilidade da consciência esclarecida.

Nesse trabalho de ordenar com Deus, o filho necessita considerar o zelo e o amor paternos, a fim de não desviar sua tarefa do caminho reto, supondo-se senhor arbitrário das situações, complicando a vida da família humana, e adquirindo determinados compromissos, por vezes bastante penosos, porque, contrariamente ao propósito dos pais, há filhos que des-

baratam os "talentos" colocados em suas mãos, na preguiça, no egoísmo, na vaidade ou no orgulho.

Dáí a necessidade de concluirmos com a apologia da Humanidade, salientando que o homem que atingiu certa parcela de liberdade está retribuindo a confiança do Senhor, sempre que age de acordo com a sua vontade misericordiosa e sábia, reconhecendo que o seu esforço individual vale muito, não por ele, mas pelo amor de Deus que o protege e ilumina na edificação de sua obra imortal.

Se o determinismo divino é o do bem, quem criou o mal? – O determinismo divino se constitui de uma só lei, que é a do amor para a comunidade universal. Todavia, confiando em si mesmo, mais do que em Deus, o homem transforma a sua fragilidade em foco de ações contrárias a essa mesma lei, efetuando, desse modo, uma intervenção indébita na harmonia divina. Eis o mal.

Urge recompor os elos sagrados dessa harmonia sublime. Eis o resgate.

Vede, pois, que o mal, essencialmente considerado, não pode existir para Deus, em virtude de representar um desvio do homem, sendo zero na Sabedoria e na Providência Divinas. O Criador é sempre o Pai generoso e sábio, justo e amigo, considerando os filhos transviados como incursos em vastas experiências. Mas, como Jesus e os seus prepostos são seus cooperadores divinos, e eles próprios instituem as tarefas contra o desvio das criaturas humanas, focalizam os prejuízos do mal com a força de suas responsabilidades educativas, a fim de que a Humanidade siga retamente no seu verdadeiro caminho para Deus.

Existem seres agindo na Terra sob determinação absoluta? – Os animais e os homens quase selvagens nos dão uma idéia dos seres que agem no planeta sob determinação absoluta. E essas criaturas servem para estabelecer a realidade triste da mentalidade do mundo, ainda distante da fórmula do amor, com que o homem deve ser o legítimo cooperador de Deus, ordenando com a sua sabedoria paternal.

Sem saberem amar os irracionais e os irmãos mais ignorantes colocados sob a sua imediata proteção, os homens mais educados da Terra exterminam os primeiros, para a sua alimentação, e escravizam os segundos para objeto de explorações grosseiras, com exceções, de modo a mobilizá-los a serviço do seu egoísmo e da sua ambição.

Os astros influenciam igualmente na vida do homem? – As antigas assertivas astrológicas têm a sua razão de ser. O campo magnético e as conjunções dos planetas influenciam no complexo celular do homem físico, em sua formação orgânica e em seu nascimento na Terra; porém, a existência planetária é sinônimo de luta. Se as influências astrais não favorecem a determinadas criaturas, urge que estas lutem contra os elementos perturbadores, porque, acima de todas as verdades astrológicas, temos o Evangelho, e o Evangelho nos ensina que cada qual receberá por suas obras, achando-se cada homem sob as influências que merece.

Os fenômenos premonitórios atestam a possibilidade da presciência com relação ao futuro? – Os Espíritos de nossa esfera não podem devassar o futuro, considerando essa atividade uma característica dos atributos do Criador Supremo, que é Deus. Temos de considerar, todavia, que as existências humanas estão subordinadas a um mapa de provas gerais, onde a personalidade deve movimentar-se com o seu esforço para a iluminação do porvir, e, dentro desse roteiro, os mentores espirituais mais elevados podem organizar os fatos premonitórios, quando convenham à demonstração de que o homem não se resume a um conglomerado de elementos químicos de conformidade com a definição do materialismo dissolvente.

Que dizermos da cartomancia em face do Espiritismo? – A cartomancia pode enquadrar-se nos fenômenos psíquicos, mas não no Espiritismo evangélico, onde o cristão deve cultivar os valores do seu mundo íntimo pela fé viva e pelo amor no coração, buscando servir a Jesus no santuário de sua alma, não tendo outra vontade que não aquela de se elevar ao seu amor pelo trabalho e iluminação de si mesmo, sem qualquer preocupação pelos acontecimentos nocivos que se foram, ou pelos que hão de vir, na sugestão nem sempre sincera dos que devassam o mundo oculto.

111.3 – “Conhecimento do Futuro” – Explicação de Rodolfo Calligaris em seu livro já citado “As Leis Morais”(Questão 865 e seguintes de “O Livro dos Espíritos”), págs. 165-168:

Pode o homem conhecer o seu futuro? E, se pode, deve procurar conhecê-lo? – Eis aí duas perguntas interessantíssimas, às quais responde a Doutrina Espírita da seguinte maneira: Essa possibilidade, se bem que muito relativa existe, sim, já que as pessoas trazem, ao nascer, certas tendências, aptidões e qualidades inatas, cujas manifestações, mais ou menos evidentes, permitem prever, até certo ponto, o que serão ou o que farão da vida. Afora isto, porém, tudo o mais será bem mais difícil, por duas razões. ‘Primeira’: grande parte de nossa sorte futura ainda não está nem poderia estar delineada, semelhando-se a páginas em branco de um livro parcialmente anotado. É que se todo sucesso tem uma causa, reciprocamente, cada causa produz determinado efeito. Destarte, os acontecimentos porvindouros de nossa existência vão depender do que estivermos fazendo agora, com as modificações provocadas por aquilo que formos fazendo de instante a instante. ‘Segunda’: as circunstâncias a que chamaríamos inevitáveis, ligadas ao nosso carma (débitos ou créditos perante a Justiça Divina, resultantes de nosso procedimento em encarnações anteriores), por outro lado também não podem ser-nos desvendadas, pois, “se o homem conhecesse o futuro, negligenciaria do presente e não agiria com a liberdade com que o faz, porque o dominaria a idéia de que, se uma coisa tem que acontecer, inútil será ocupar-se com ela, ou então procuraria obstar a que acontecesse. Não quis Deus que assim fosse, a fim de que cada um concorresse para a realização das coisas, ‘até daquelas a que desejaria opor-se’. (Kardec).

Algumas vezes, entretanto, o futuro pode ser revelado, e o tem sido. É quando a revelação favoreça a consumação de algo em benefício da Humanidade. Importa esclarecer, todavia, que, embora muitos fatos possam ser previstos, por constarem dos planos das entidades espirituais que, como prepostos de Deus, dirigem os destinos do mundo ou têm sob sua tutela este ou aquele setor das atividades humanas, o livre-arbítrio das pessoas diretamente ligadas a esses fatos é sempre respeitado, de modo a que, em última instância, tenham plena liberdade de cumprir ou não as tarefas que lhes estavam assinaladas, assim como de resistirem ou cederem (como no caso de Judas) a um alvitre que poderá acarretar-lhes as mais dolorosas conseqüências.

Isto deixa claro que ninguém é constrangido, de forma absoluta, a obrar desta ou daquela maneira, e que ninguém, jamais, há sido predestinado a praticar um crime ou qualquer outro ato delituoso que envolva responsabilidade moral. O que sucede é que “cada um é tentado segundo suas próprias concupiscências”, conforme diz o Evangelho, e, como quem se aproxima de uma forja acesa, grande possibilidade tem de se queimar, também o ambicioso pode sucumbir ante uma situação que lhe exacerbe a cobiça, e assim por diante.

Sempre que, p. ex., algo de suma importância deva necessariamente acontecer, e aquele ou aqueles que seriam os possíveis agentes não se mostrem à altura, ou se tenham desviado de moto próprio do caminho que os levaria a tal objetivo, as referidas entidades espirituais sabem como encaminhar as coisas de maneira que outrem lhes tomem o lugar, o mesmo acontecendo quando, inversamente, o desfecho é que deva ser outro.

A curiosidade pelo conhecimento do futuro e seus inconvenientes – O interesse – diríamos melhor -, a curiosidade que tantos demonstram em conhecer o seu futuro apresenta sérios inconvenientes. Um deles, o de contribuir para que espertalhões sem escrúpulos façam da astrologia, da cartomancia, da necromancia, da quiromancia, da vidência, etc., rendosos meios de vida. Outro, a sófrega expectativa de um evento feliz, a falta de iniciativa e de ação, julgadas desnecessárias, face à “segurança” de um porvir próspero e venturoso, do que podem resultar terríveis decepções, ou, ainda, o desespero, senão mesmo a loucura e o suicídio ante um funesto presságio.

O Espiritismo não utiliza e nem recomenda as práticas para prever o futuro – O Espiritismo, amiúde é injustamente confundido com as práticas adivinhadeiras, saibam-nos de uma vez por todas, não as utiliza nem as recomenda; pelo contrário, desaconselha-as aberta e veementemente, pois embora admita a possibilidade de eventuais revelações do futuro, subordina-as a estas duas condições: 1) a espontaneidade; 2) um fim sério que as justifique, em conformidade com os desígnios providenciais.

111.4 – “Transição (morte)” – Respostas de Emmanuel no referido livro “O Consolador”:

É fatal o instante da morte? – Com exceção do suicídio, todos os casos de desencarnação são determinados previamente pelas forças espirituais que orientam a atividade do homem sobre a Terra. Esclarecendo-vos quanto a essa exceção, devemos considerar que, se o homem é escravo das condições externas da sua vida no orbe, é livre no mundo íntimo, razão por que, trazendo no seu mapa de provas a tentação de desertar da vida expiatória e retificadora, contrai um débito penoso aquele que se arruína, desmantelando as próprias energias. A educação e a iluminação do íntimo constituem o amor ao santuário de Deus em nossa alma. Quem as realiza em si, na profundidade da liberdade interior, pode modificar o determinismo das condições materiais de sua existência, alçando-a para a luz e para o bem. Os que eliminam, contudo, as suas energias próprias, atentam contra a luz divina que palpita em si mesmos. Daí o complexo de suas dívidas dolorosas. E existem ainda os suicídios lentos e graduativos, provocados pela ambição ou pela inércia, pelo abuso ou pela inconsideração, tão perigosos para a vida da alma, quanto os que se observam, de modo espetacular, entre as lutas do mundo. Essa a razão pela qual tantas vezes se batem os instrutores dos encarnados, pela necessidade permanente de oração e de vigilância, a fim de que os seus amigos não fracassem nas tentações.

Proporciona a morte mudanças inesperadas e certas modificações rápidas, como será de desejar? – A morte não prodigaliza estados miraculosos para a nossa consciência. Desencarnar é mudar de plano, como alguém que se transferisse de uma cidade para outra, aí no mundo, sem que o fato lhe altere as enfermidades ou as virtudes com a simples modificação dos aspectos exteriores. Importa observar apenas a ampliação desses aspectos, comparando-se o plano terrestre com a esfera de ação dos desencarnados. Imaginai um homem que passa de sua aldeia para uma metrópole moderna. Como se haverá, na hipótese de não se encontrar devidamente preparado em face dos imperativos da sua nova vida? A comparação é pobre, mas serve para esclarecer que a morte não é um salto dentro da Natureza. A alma prosseguirá na sua carreira evolutiva, sem milagres prodigiosos. Os dois planos, visível e invisível, se interpenetram no mundo, e, se a criatura humana é incapaz de perceber o plano da vida imaterial, é que o seu sensorio está habilitado somente a certas percepções, sem que lhe seja possível, por enquanto, ultrapassar a janela estreita dos cinco sentidos.

Que espera o homem desencarnado, diretamente, nos seus primeiros tempos da vida de além-túmulo? – A alma desencarnada procura naturalmente as atividades que lhe eram prediletas nos círculos da vida material, obedecendo aos laços afins, tal qual se verifica nas sociedades do vosso mundo. As vossas cidades não se encontram repletas de associações, de grêmios, de classes inteiras que se reúnem e se sindicalizam para determinados fins, conjugando idênticos interesses de vários indivíduos? Aí, não se abraçam os agiotas, os políticos, os comerciantes, os sacerdotes, objetivando cada grupo a defesa dos seus interesses próprios? O homem desencarnado procura ansiosamente, no Espaço, as aglomerações afins com o seu pensamento, de modo a continuar o mesmo gênero de vida abandonado na Terra, mas, tratando-se de criaturas apaixonadas e viciosas, a sua mente reencontrará as obsessões de materialidade, quais as do dinheiro, do álcool, etc., obsessões que se tornam o seu martírio moral de cada hora, nas esferas mais próximas da Terra. Daí a necessidade de encararmos todas as nossas atividades no mundo como a tarefa de preparação para a vida espiritual, sendo indispensável à nossa felicidade, além do sepulcro, que tenhamos um coração sempre puro.

Logo após a morte, o homem que se desprende do invólucro material pode sentir a companhia dos entes amados que o precederam no além-túmulo? – Se a sua existência terrestre foi o apostolado do trabalho e do amor a Deus, a transição do plano terrestre para a esfera espiritual será sempre suave. Nessas condições, poderá encontrar imediatamente aqueles que foram objeto de sua afeição no mundo, na hipótese de se encontrarem no mesmo nível de evolução. Uma felicidade doce e uma alegria perene estabelecem-se nesses corações amigos e afetuosos, depois das amarguras da separação e da prolongada ausência. Entretanto, aqueles que se desprendem da Terra, saturados de obsessões pelas posses efêmeras do mundo e tocados pela sombra das revoltas incompreensíveis, não encontram tão depressa os entes queridos que os antecederam na sepultura. Suas percepções restritas à atmosfera escura dos seus pensamentos e seus valores negativos impossibilitam-lhes as doces venturas do reencontro. É por isso que observais, tantas vezes, Espíritos sofredores e perturbados fornecendo a

impressão de criaturas desamparadas e esquecidas pela esfera da bondade superior, mas, que, de fato, são desamparados por si mesmos, pela sua perseverança no mal, na intenção criminosa e na desobediência aos sagrados desígnios de Deus.

É possível que os espiritistas venham a sofrer perturbações depois da morte? – A morte não apresenta perturbações à consciência reta e ao coração amante da verdade e do amor dos que viveram na Terra tão-somente para o cultivo da prática do bem, nas suas variadas formas e dentro das mais diversas crenças. Que o espiritista cristão não considere o seu título de aprendiz de Jesus como um simples rótulo, ponderando a exortação evangélica – “muito se pedirá de quem muito recebeu”, preparando-se nos conhecimentos e nas obras do bem, dentro das experiências do mundo para a sua vida futura, quando a noite do túmulo houver descerrado aos seus olhos espirituais a visão da verdade, em marcha para as realizações da vida imortal.

O Espírito desencarnado pode sofrer com a cremação dos elementos cadavéricos? – Na cremação, faz-se mister exercer a piedade com os cadáveres, procrastinando por mais horas o ato de destruição das vísceras materiais, pois, de certo modo, existem sempre muitos ecos de sensibilidade entre o Espírito desencarnado e o corpo onde se extinguiu o “tônus vital”, nas primeiras horas seqüentes ao desenlace, em vista dos fluidos orgânicos que ainda solicitam a alma para as sensações da existência material.

Quais as primeiras impressões dos que desencarnam por suicídio? – A primeira decepção que os aguarda é a realidade da vida que não se extingue com as transições da morte do corpo físico, vida essa agravada por tormentos pavorosos, em virtude de sua decisão tocada de suprema rebeldia. Suicidas há que continuam experimentando os padecimentos físicos da última hora terrestre, em seu corpo somático, indefinidamente. Anos a fio, sentem as impressões terríveis do tóxico que lhes aniquilou as energias, a perfuração do cérebro pelo corpo estranho partido da arma usada no gesto supremo, o peso das rodas pesadas sob as quais se atiraram na ânsia de desertar da vida, a passagem das águas silenciosas e tristes sobre os seus despojos, onde procuraram o olvido criminoso de suas tarefas no mundo e, comumente, a pior emoção do suicida é a de acompanhar, minuto a minuto, o processo de decomposição do corpo abandonado no seio da terra, verminado e apodrecido. De todos os desvios da vida humana o suicídio é, talvez, o maior deles pela sua característica de falso heroísmo, de negação absoluta da lei do amor e de suprema rebeldia à vontade de Deus, cuja justiça nunca se fez sentir, junto dos homens, sem a luz da misericórdia.

Se uma criatura desencarna deixando inimigos na Terra, é possível que continue perseguindo o seu desafeto, dentro da situação de invisibilidade? – Isso é possível e quase geral, no capítulo das relações terrestres, porque, se o amor é o laço que reúne as almas nas alegrias da liberdade, o ódio é a algema dos forçados, que os prende reciprocamente no cárcere da desventura. Se alguém partiu odiando, e se no mundo o desafeto faz questão de cultivar os germens da antipatia e das lembranças cruéis, é mais que natural que, no plano invisível, perseverem os elementos da aversão e da vindita implacáveis, em obediência às leis de reciprocidade, depreendendo-se daí a necessidade do perdão com o inteiro esquecimento do mal, a fim de que a fraternidade pura se manifeste através da oração e da vigilância, convertendo o ódio em amor e piedade, com os exemplos mais santos, no Evangelho de Jesus.

Fatalidade e morte

Artigo 112 – Fatal, no verdadeiro sentido da palavra, só o instante da morte. Chegando esse momento, de uma forma ou de outra, a ele ninguém pode furtar-se. Com muita freqüência o homem tem o pressentimento do seu fim, como o pode ter de que ainda não morrerá. Esse pressentimento lhe é dado pelos seus Espíritos protetores, que desejam adverti-lo para que esteja pronto a partir ou reerguem a sua coragem nos momentos em que se faz necessário. Também lhe pode vir da intuição da existência por ele escolhida, ou da missão que aceitou e sabe que deve cumprir.

Ninguém é predestinado ao crime

Artigo 113 – O homem (Espírito) sabe que ao escolher uma vida de lutas terá a probabilidade de matar um de seus semelhantes, mas ignora se o fará ou não, porque estará quase sempre nele tomar a deliberação de cometer o crime. Ora, aquele que delibera sobre alguma coisa é sempre livre de a fazer ou não. Se o espírito soubesse com antecedência que, como homem, devia cometer um assassinio, estaria predestinado a isso. Não há ninguém predestinado ao crime e que todo crime, como todo e qualquer ato, é sempre o resultado da vontade e do livre-arbítrio. Se há fatalidade, às vezes, é apenas no tocante aos acontecimentos materiais, cuja causa está fora do homem e que são independentes de sua vontade. Quanto aos atos da vida moral, emanam sempre do próprio homem, que tem sempre, por conseguinte, a liberdade de escolha: para os seus atos não existe jamais a fatalidade.

113.1 – “Fatalidade e Criminalidade” – Explicação de Richard Simionetti sobre a questão 861 de “O Livro dos Espíritos” (“A Constituição Divina”, págs. 123-126):

As grandes concentrações urbanas geram, nos países subdesenvolvidos, situações de penúria para significativa parcela da população. Sem moradia compatível com a dignidade humana, sem alimentos suficientes, sem instrução adequada, há os que enveredam pela criminalidade, transformando as cidades em sombrias selvas, cheias de perigos, onde ninguém desfruta de segurança. Semelhante comportamento seria uma fatalidade? Não estariam tais criaturas induzidas à delinquência, até por uma questão de sobrevivência?

A resposta oferecida a Kardec é profundamente esclarecedora. Só há fatalidade com relação aos acontecimentos materiais – nunca nas opções morais. A miséria ‘pode’ ser uma fatalidade. Há Espíritos que renascem em lares paupérrimos para resgatar dívidas resultantes do abuso do poder ou da riqueza no passado. Mas, se para resolver seus problemas, dispõem-se a matar e roubar, estaremos diante de uma decisão pessoal, que nada tem a ver com seu destino. O crime é sempre uma perturbação da ordem universal. Não faz parte dos planos da Criação e os que com ele se envolvem mais cedo ou mais tarde responderão por seus atos, sujeitando-se a dolorosas experiências regeneradoras.

Há o pressionamento social, os exemplos negativos, as contingências da fome, da necessidade extremada, que podem induzir o indivíduo à violência. Semelhantes reações, entretanto, não são inevitáveis. Tratam-se de opções individuais, inspiradas em tendências cultivadas. Um tigre faminto matará o primeiro homem que lhe surja à frente; um cordeiro, em idêntica situação, morrerá de fome mas não agredirá ninguém. Nas favelas há muita gente sofrendo privações materiais. Alguns cometem crimes para superar suas dificuldades. A maioria, entretanto, luta desesperadamente pela sobrevivência, trabalhando de sol a sol em funções humildes e sacrificadas. São Espíritos que já superaram a disposição de resolver seus problemas como o fazem as feras.

A propósito do assunto vale lembrar a experiência de escravos africanos. Não há, talvez, situação mais constrangedora que a privação total da liberdade. O escravo não tem nenhum direito sobre si mesmo – é propriedade de alguém, que pode dispor de seu trabalho, de seu corpo, de sua própria vida. Se a delinquência fosse mera consequência das pressões sociais, os filhos da África, criminosamente explorados no Brasil imperial, seriam consumidos marginais. A realidade é bem diferente e muitos deles eram criaturas simples, humildes, sofredoras, dotadas de grande resignação. São famosas as histórias de negros africanos que, não obstante sua pouca cultura, enfrentaram toda sorte de sofrimentos e privações com imorredouros exemplos de estoicismo e coragem.

Na atualidade temos multidões de Espíritos agressivos e deseducados reencarnando para rudes experiências relacionadas com a pobreza. Diante das privações materiais eles agem segundo sua condição evolutiva, com feroz agressividade e total desrespeito pela vida humana. O contato com eles representa uma fatalidade na medida em que somos submetidos a situações que impusemos a alguém no passado. E nossas reações diante do mal que nos fa-

çam exprimirão nossa agressividade ou condescendência, se ainda existe o bruto dentro de nós, disposto a revidar até à morte, ou se já atingimos outras faixas evolutivas, predispondo-nos a perdoar.

Tão importante quanto isso, em favor de nosso amadurecimento espiritual, será irmos ao encontro dos miseráveis de toda sorte, situados nas favelas, nas prisões, nos manicômios, nos reformatórios, ajudando-os a solucionar seus problemas para que não se transformem em problemas para nós; ajudando-os a vencer a agressividade para que não sejamos vitimados por ela. Filhos da omissão, tais males fatalmente nos atingirão.

VII – “RESUMO TEÓRICO DO MÓVEL DAS AÇÕES HUMANAS” (O Livro dos Espíritos – item 872 – Síntese de Allan Kardec):

Livre-arbítrio e Educação

Artigo 114 – A questão do livre-arbítrio pode resumir-se assim: O homem não é fatalmente conduzido ao mal; os atos que pratica não “estavam escritos”; os crimes que comete não são o resultado de um decreto do destino. Ele pode, como prova e expiação escolher uma existência em que se sentirá arrastado para o crime, seja pelo meio em que estiver situado, seja pelas circunstâncias supervenientes. Mas, será sempre livre de agir como quiser. Assim, o livre-arbítrio existe no estado de Espírito, com a escolha da existência das provas; e no estado corpóreo, com a faculdade de ceder ou resistir aos arrastamentos a que voluntariamente estamos submetidos. Cabe à educação combater as más tendências, e ela o fará de maneira eficiente quando se basear no estudo aprofundado da natureza moral do homem. Pelo conhecimento das leis que regem essa natureza moral chegar-se-á a modificá-la, como se modifica a inteligência pela instrução e o temperamento (condições físicas) pela higiene.

Livre escolha das provas, antes da reencarnação

Artigo 115 – O Espírito desligado da matéria, no estado errante, faz a escolha de suas futuras existências corpóreas segundo o grau de perfeição que tenha atingido. É nisso, como já dissemos, que consiste sobretudo o seu livre-arbítrio. Essa liberdade não é anulada pela encarnação. Se ele cede à influência da matéria, é então que sucumbe nas provas por ele mesmo escolhidas. E é para o ajudar a superá-las que pode invocar a assistência de Deus e dos bons Espíritos.

Prova imposta por Deus

Parágrafo único – A união do Espírito com determinado corpo pode ser imposta por Deus, da mesma maneira que as diferentes provas, sobretudo quando o Espírito ainda não está apto a fazer uma escolha com conhecimento de causa. Como expiação, o Espírito pode ser constrangido a se unir ao corpo de uma criança que, por seu nascimento e pela posição que terá no mundo, poderá tornar-se para ele um meio de castigo. (item 337 de O Livro dos Espíritos).

Livre-arbítrio e influência do organismo

Artigo 116 – Sem o livre-arbítrio o homem não tem culpa, nem mérito no bem; e isso é de tal modo reconhecido que no mundo se proporciona sempre a censura ou o elogio à intenção, o que quer dizer à vontade; ora, quem diz vontade diz liberdade. O homem não poderá, portanto, procurar

desculpas no seu organismo para as suas faltas sem com isso abdicar da razão e da própria condição humana, para se assemelhar aos animais. Se assim é para o mal, assim mesmo devia ser para o bem. Mas, quando o homem pratica o bem, tem grande cuidado em consignar o mérito a seu favor e não trata de o atribuir aos seus órgãos, o que prova que instintivamente ele não renuncia, malgrado a opinião de alguns sistemáticos, ao mais belo privilégio da sua espécie: a liberdade de pensar.

Fatalidade (Determinismo): negação da Lei do Progresso

Artigo 117 – A fatalidade, como vulgarmente é entendida, supõe a decisão prévia e irrevogável de todos os acontecimentos da vida, qualquer que seja a sua importância. Se assim fosse, o homem seria uma máquina destituída de vontade. Para que lhe serviria a inteligência, se ele fosse invariavelmente dominado, em todos os seus atos, pelo poder do destino? Semelhante doutrina, se verdadeira, representaria a destruição de toda liberdade moral; não haveria mais responsabilidade para o homem, nem mal, nem crime, nem virtude. Deus, soberanamente justo, não poderia castigar as suas criaturas por faltas que não dependessem delas, nem recompensá-las por virtudes de que não teriam mérito. Semelhante lei seria ainda a negação da lei do progresso, porque o homem que tudo esperasse da sorte nada tentaria fazer para melhorar a sua posição, desde que não poderia torná-la melhor nem pior.

Fatalidade real: resultante da escolha da expiação, prova ou missão

Artigo 118 – A fatalidade não é, entretanto, uma palavra vã; ela existe no tocante à posição do homem na Terra e às funções que nela desempenha, como conseqüência do gênero de existência que seu Espírito escolheu, como *prova, expiação ou missão*. Sofre ele, de maneira fatal, todas as vicissitudes dessa existência e todas as *tendências* boas ou más que lhe são inerentes. Mas a isso se reduz a fatalidade, porque depende de sua *vontade* ceder ou não a essas tendências. *Os detalhes dos acontecimentos estão na dependência das circunstâncias que ele mesmo provoque, com os seus atos, e sobre os quais podem influir os Espíritos, através dos pensamentos que lhe sugerem* (ver item 459 de O Livro dos Espíritos).

A fatalidade está, portanto, nos acontecimentos que se apresentam ao homem como conseqüência da escolha de existência feita pelo Espírito; mas pode não estar no resultado desses acontecimentos, pois pode depender do homem a modificação do curso das coisas, pela sua prudência; *e jamais se encontra nos atos da vida moral*.

Fatalidade inexorável: a morte

Artigo 119 – É na morte que o homem é submetido, de uma maneira absoluta, à inexorável lei da fatalidade, porque ele não pode fugir ao decreto que fixa o termo de sua existência, nem ao gênero de morte que deve interromper-lhe o curso.

A Doutrina comum: o homem é sempre desculpável por seus erros

Artigo 120 – Segundo a doutrina comum, o homem tiraria de si mesmo todos os seus instintos; estes procederiam seja da sua organização física, pela qual ele não seria responsável, seja da sua própria natureza, na qual pode

procurar uma escusa para si mesmo, dizendo que não é sua a culpa de ter sido criado daquela forma.

A Doutrina Espírita: o homem é absolutamente responsável por seus atos

Artigo 121 – A Doutrina Espírita é evidentemente mais moral; ela admite para o homem o livre-arbítrio em toda a sua plenitude; e ao lhe dizer que, se pratica o mal, cede a uma sugestão má que lhe vem de fora, deixa-lhe toda a responsabilidade, pois lhe reconhece o poder de resistir, coisa evidentemente mais fácil do que se tivesse de lutar contra a sua própria natureza. Assim, segundo a doutrina espírita, não existem arrastamentos irresistíveis: o homem pode sempre fechar os ouvidos à voz oculta que o solicita para o mal no seu foro íntimo, como os pode fechar à voz material de alguém que lhe fale; ele o pode pela sua vontade, pedindo a Deus a força necessária e reclamando para esse fim a assistência dos bons Espíritos. É isso que Jesus ensina na sublime forma da *Oração Dominical*, quando nos manda dizer: “Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal”.

O homem não é uma máquina: pode repelir impulsões estranhas

Parágrafo 1º – Essa teoria da causa excitante dos nossos atos ressalta evidentemente de todos os ensinamentos dados pelos Espíritos. E não somente é sublime de moralidade, mas acrescentaremos que eleva o homem aos seus próprios olhos, mostrando-o capaz de sacudir um jugo obsessivo, como é capaz de fechar sua porta aos importunos. Dessa maneira, não é mais uma máquina, agindo por impulsão estranha à sua vontade, mas um ser dotado de razão, que ouve, julga e escolhe livremente entre dois conselhos. Acrescentemos que, malgrado isso, o homem não fica privado de iniciativa, não age menos pelo seu próprio impulso, pois em definitivo ele não passa de um Espírito encarnado que conserva, sob o invólucro corpóreo, as qualidades e os defeitos que tinha como Espírito.

Parágrafo 2º - As faltas que cometemos têm, portanto, sua origem nas imperfeições do nosso próprio Espírito, que ainda não atingiu a superioridade moral a que se destina, mas nem por isso tem menos livre-arbítrio. A vida corpórea lhe é dada para purgar-se de suas imperfeições através das provas que nela sofre, e são precisamente essas imperfeições que o tornam mais fraco e mais acessível às sugestões de outros Espíritos imperfeitos, que se aproveitam do fato para fazê-lo sucumbir na luta que empreendeu. Se ele sai vitorioso dessa luta, se eleva; se fracassa, continua a ser o que era, nem pior, nem melhor; é a prova que terá de recomeçar e para o que ainda poderá demorar muito tempo, na condição em que se encontra. Quanto mais ele se depura, mais diminuem as suas fraquezas e menos acessível se torna aos que o solicitam para o mal. Sua força moral cresce na razão da sua elevação, e os maus Espíritos se distanciam dele.

Terra: Planeta de expiações e provas (há mais espíritos maus do que bons)

Artigo 122 – Todos os Espíritos mais ou menos bons, quando encarnados, constituem a espécie humana. E como a nossa Terra é um dos mundos menos adiantados, nela se encontram mais Espíritos maus do que bons; eis

por que nela vemos tanta perversidade. Façamos, pois, todos os esforços para não regressar a este mundo após esta passagem e para merecermos repousar num mundo melhor, num desses mundos privilegiados, onde o bem reina inteiramente e onde nos lembraremos de nossa permanência neste planeta como de um tempo de exílio.

*

Livro: O mistério do Ser ante a dor e a morte

J. Herculano Pires

Os Caminhos Escusos da Moral

O desenvolvimento científico, exigindo peso e medida como critério sensorial de toda a realidade sensível, negou às Ciências a possibilidade de operar no plano do espírito. Kant chegou ao extremo de usar o processo dialético como divisor entre o cognoscível e o incognoscível. O mundo se dividiu em dois planos, o da jurisdição do sensório e o da jurisdição do extra-sensorial. Com isso, a inteligência, a mente e a consciência foram derrubadas de seus pedestais e tiveram de naturalizar-se no plano físico para se colocarem ao alcance dialético das ciências. Deu-se então a inversão de valores que submeteu o espírito à matéria. As Ciências aceitaram essa divisão como critério metodológico de segurança para as suas pesquisas e relegaram as questões metafísicas ao arbítrio da suposição e da fé dogmática. Até hoje, não obstante o avanço do conhecimento extra-sensorial, no plano científico este é encarado como espúrio e suspeito pelos guardiães mais fiéis do acervo científico. A moral teve de mesclar-se a *mores*, aos costumes, para submeter-se aos critérios de validade das Ciências.

Fora do plano dialético das contradições o homem tornou-se uma ave sem asas. É claro que muita incompreensão varreu e varre até o momento a interpretação do pensamento kantiano, mas o decreto filosófico do grande pensador passou a vigorar arbitrariamente, imantando a mentalidade científica às exigências do sensório. Quando Rhine proclamou, na Universidade de Duke (EUA) a natureza extrafísica da mente e do pensamento, mais de oitenta por cento dos psicólogos americanos puseram em dúvida as pesquisas parapsicológicas, embora confessassem jamais haver tomado ciência das pesquisas do bruxo atrevido.

Temos com isso uma prova assustadora do poder do normativo nas atividades teóricas e práticas do conhecimento. Se os romanos antigos podiam tomar a nuvem por Júpiter, os cientistas atuais não estão livres de fazer o contrário, tomando Juno pela nuvem. É o que ainda agora acontece no episódio da descoberta do corpo-bioplásmico do homem. As ditaduras são tão nefastas no plano político como no plano científico. Bergson assinalou dois tipos de moral como fundamentais em nosso mundo: a *moral aberta*, que corresponde ao plano social e está ligada às religiões estáticas ou dogmáticas, e a *moral fechada*, dos sábios, heróis e mártires, que corresponde às religiões dinâmicas e individuais. O primeiro tipo se abre no plano social, abrangendo as religiões tradicionais e dogmáticas, cuja inércia só agora está sendo rompida pelas exigências da evolução. Parece contraditória a classificação de Bergson, mas não é. A sociedade é um fenômeno social abrangente, enquanto o indivíduo é uma unidade fechada, pela qual a moral escapa novamente para o seu pedestal metafísico, rebelde ao formalismo e à dogmática da realidade sensorial. O próprio Kant reconheceu isso ao afirmar que quem possui a arte ou a sabedoria não necessita de religião, que socorre os que não atingiram as espirais superiores da evolução espiritual. Mas muito antes de Bergson, já Pestalozzi, mestre de Kardec, assinalara a existência das religiões animais, provenientes das eras primitivas e carregadas de superstições selvagens, apegadas à carne e ao san-

gue. A essas religiões da selva corresponde a moral tribal ou de tipo tribal remanescentes no campo da moral aberta. É nelas que trilhamos os caminhos escusos da moral e é delas que nascem as incongruências, as leis criminosas e sacrificiais da chamada moral comum das comunidades retardatárias. A contradição mais chocante desses tipos de moral aberta e moral fechada corresponde às normas que conflitam com as exigências vitais do homem e os preceitos religiosos às ordenações divinas que exigem a multiplicação da espécie humana para maior glória de Deus. A moral das ordens religiosas celibatárias condena o sexo e a sexualidade como pecado, e como essa condenação se estende ao meio social e religioso, a ordenação divina do *multiplicai-vos* transforma-se numa contradição violenta, que nenhum sofisma teológico pode atenuar à luz dos textos e da razão. Deus manda e desmanda, abençoa e amaldiçoa ao mesmo tempo e no mesmo sentido, segundo o princípio lógico de contradição. A moral da ambigüidade, de Simone de Beauvoir, não pode ser condenada pelos clérigos, pois é apenas uma racionalização cultural da moral cristã dominante nos meios religiosos. O sacramento do matrimônio, que para as igrejas é ato divino irrevogável, é contraditório em si mesmo, pois consagra o pecado carnal das relações sexuais. Ao mesmo tempo, esse pecado mortal se transforma em virtude, pois é dele que depende o povoamento da Terra ordenado por Deus. A vida é sagrada, mas o ato que permite às criaturas humanas a realização do processo evolutivo das almas e o desenvolvimento pleno do amor é pecaminoso. Essas contradições se refletem na moral comum dos povos, produzindo a mais degradante criminalidade, a dos assassinatos por amor. É natural que a mente humana tenha se conturbado ante o desenvolvimento dos conceitos superiores no alvorecer das civilizações, mas não é aceitável que essa conturbação tenha atravessado os séculos e os milênios, como se o cultivo da razão não pudesse influir com suas leis no reajustamento das criaturas à realidade. Kardec mostrou que esse reajustamento se efetua na sucessão das gerações, mas a teimosia dos religiosos sistemáticos negou essa possibilidade ao negar a realidade flagrante da reencarnação. Sem esta chave do mistério humano os povos aturdidos preferiram atirar-se ao gozo natural da vida a se entregarem às infundáveis querelas da metafísica do absurdo que caracterizou o milênio medieval. A prova disso está na rejeição feroz das igrejas de tipo rabínico à idéia palingenésica, hoje reconhecida cientificamente como um processo universal dos ritmos telúricos, confirmado na observação geral dos reinos naturais, desde o mineral até o hominal. O orgulho humano – que nasceu com o despertar da inteligência em grau ativo apenas em nossa espécie – recusa-se a aceitar a inclusão do homem nesse ritmo grandioso da evolução planetária. Como sempre, o orgulho é cego e não permite ao homem ver que a sua exclusão absurda da lei geral o rebaixa ao invés de engrandecê-lo. O homem que renega a sua ascendência animal na Terra não percebe que, com essa atitude anti-racional animaliza-se a si mesmo, rejeitando e negando o poder do seu entendimento e refuta o Evangelho nas suas bases lógicas. Mais curiosa e até mesmo risível é a sua pretensão desvairada de atribuir a si mesmo um privilégio que Jesus rejeitou ao se proclamar como o filho do homem.

A natureza metafísica da moral implica a sua missão disciplinadora no plano humano. O espírito é o elemento estruturador de toda a realidade física. Por isso, a moral, teoria do comportamento espiritual, passa ao plano da prá-

tica em função normativa, imolando-se no plano físico das relações humanas, em plena imolação crística. Os homens a entregarão a Pilatos e Caifás e ela seguirá os caminhos escusos da mentira e da hipocrisia, tentando salvá-los. Pestalozzi viu claramente esse drama da moral e reconheceu nela a face do Messias. Por isso fundou a Pedagogia Filantrópica, tornando-se um ladrão de crianças, que arrancava das estradas viciosas do mundo para levá-las às suas escolas deficitárias. Nesse esforço de abnegação total ele procurava, como Sócrates, arrancar a verdade das profundezas da alma infantil e oferecê-la aos adultos que, como Rousseau descobrira, haviam sofrido a queda na sociedade. Conhecendo e temendo o abismo de ambições e acomodações impuras em que a sociedade mergulhara, Pestalozzi tentou salvá-la através das crianças abandonadas. As religiões abastardadas pelas superstições e pelos interesses materiais não tinham condições para socorrer os homens, perdiam-se com eles nos vales de impureza da antiga Israel, de que fugiam os sacerdotes temerosos de contágio. Daí a conclusão a que chegou Pestalozzi: sobre os tipos deturpados das religiões do homem concupiscente, preso às ambições humanas, pela matéria, como passarinhos no visco, pairava a religião superior e pura que ele chamaria de Moralidade. Foi isso que levou Kardec a colocar o problema religioso, no Espiritismo, como simples consequência moral da revelação espiritual do Cristo - o adversário do Templo, de suas leis hipócritas de pureza formal, de suas trapaças indignas e sua exploração sistemática das populações famintas e sofredoras. Somente no seu último discurso, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas - que ele classificava como instituição científica e não religiosa -, poucos meses antes de morrer, Kardec explicou as razões morais porque nunca chamara o Espiritismo de religião. Queria evitar que ele fosse confundido pelos homens com as religiões abastardadas da simonia e da mentira em nome de Deus.

O *psico-dinamismo-inconsciente* de Gustave Geley, que o fisiologista Poper agora restabelece no plano científico, na teoria dos seus *Três Mundos do Homem*, a partir do fenômeno da consciência, sem tratar das anterioridades difíceis, recoloca-se na pauta das exigências da pesquisa científica atual e comprova o acerto e a validade das pesquisas de Kardec. Na mesma linha de pensamento, respaldando a Ciência Espírita e suas bases filosóficas, temos agora o desenvolvimento da Parapsicologia de Rhine e McDougal, as pesquisas soviéticas da Universidade de Kirov sobre o corpo-bioplásmico dos seres vivos e a obra monumental mais esquecida e de flagrante atualidade de Frederick Myers, em colaboração com Henry Sidgwich e Edmund Gurney, *A Personalidade Humana e Sua Sobrevivência*. A esse panorama temos ainda de acrescentar as pesquisas de Constantin Raudive, na Alemanha, sobre a gravação de vozes espirituais inaudíveis, as pesquisas da Psicologia da Morte nos Estados Unidos, pela Doutora Ross, e as pesquisas sobre a reencarnação. De todo esse conjunto resulta o fenômeno atual do *Psych Boom*, a explosão psíquica mundial a que a Enciclopédia Britânica, em seus volumes de Ciência, registrou com ilustrações fotográficas significativas em suas edições recentes.

Não é fácil ao encruado materialismo científico dos marxistas e correntes paralelas descartar-se da realidade nova que se firma nas ciências atuais, não através de simples hipóteses e teorias, mas de pesquisas de fenômenos materiais. A Metafísica alemã renasce das cinzas, não como a Fênix lendária, mas como a evidência palpável das *aparições tangíveis* de Kardec, con-

firmadas por Crookes, Richet, Schrenk-Notzing, Friedrich Zöllner e, recentemente, nas pesquisas dos fenômenos *teta* pelo Professor Pratt na Parapsicologia.

Restabelece-se assim o prestígio da moral como fenômeno metafísico verificável em suas manifestações físicas. A moral religiosa, mercenária e criminosa, hipócrita e destruidora das energias vitais, segundo a tese de Marcuse, rompe a sua intransigência milenar, esmagadora dos surtos renovadores da vida em ascensão. Os homens voltam a perceber o sopro do espírito na carne e no sangue dos novos tempos.

*

IX - O Controle Ético da Moral

A moral flui da consciência. Toda a experiência vital e espiritual do homem, no decorrer dos processos evolutivos, concentrou-se no princípio inteligente, após o desenvolvimento possível de suas potencialidades, estruturando o intelecto, que é a própria inteligência humana. O centro aglutinador forma o epicentro monádico que estrutura a consciência. Esta reflete em si mesma os anseios naturais de transcendência da alma, que é o espírito individualizado, essência específica do homem. A lei que rege essa essência é a ética, que nas línguas latinas sobrepõe-se tradicionalmente à moral e a controla. Toda a normativa prática da moral é regida pelos princípios teóricos da ética. O conjunto sincrônico ético-moral constitui a consciência. A maioria dos homens, pertencente à categoria do *homo faber* ou homem prático, subordina-se à moral. A minoria intelectual, que forma a categoria do *homo sapiens* ou dos homens do saber, forma a elite consciente da sociedade, contrabalançada na estrutura social pela sub-elite prática, ligada ao plano das atividades práticas ou profissionais. Esse é o plano do senso comum ou bom-senso, servido pela mente, que é a captadora e disciplinadora de toda a realidade material. A razão é a função organizadora e disciplinadora da experiência nas relações do homem com o mundo, as coisas e os seres. Os impulsos instintivos, a afetividade e a vontade estão subordinados à orientação do senso prático e sofrem perturbações com as possíveis interferências das instâncias superiores, não obstante necessárias ao desenvolvimento total, mas progressivo da evolução humana.

Kardec tomou como medida das situações do espírito o seu maior ou menor grau de apego ao mundo material, como se pode ver na Escala Espírita.

Todo esse esquema é apenas uma tentativa de disciplinar a nossa compreensão do sistema intelecto-moral da condição humana na terra. Não devemos torná-lo como esquema fixo, mas como esquematização de estruturas e processos dinâmicos do espírito, principalmente para bem entendermos a significação e a função de todo o ser no processo da vida e particularmente no processo existencial da evolução humana.

O esquema psicanalítico, basicamente formado pelas instâncias do *Id*, do *Ego* e do *Superego*, com seus fenômenos de introjeção e seus complexos, não abrange toda a dinâmica da personalidade. Freud era um desbravador, como Kardec, mas desprovido dos recursos de sondagem paranormal do mes-

tre espírita. Jung, que era médium, teve de romper com ele ante a sua aversão científica aos problemas espirituais. A rejeição violenta e sincrônica da Ciência, da Religião e da Filosofia dos fins do século passado ao Espiritismo, com a cobertura da imprensa e de todas as instituições culturais da época, negou qualquer atenção ao trabalho de Kardec e reduziu o movimento doutrinário a pequenos e esparsos grupos de investigadores anônimos, desprovidos de condições científicas, salvo alguns nomes que foram impiedosamente anatematizados como traidores da Ciência e estimuladores de superstições populares. Em consequência dessa pressão universal, inteiramente apoiada e estimulada pelos poderes oficiais, a Ciência Espírita, coberta de apodos e calúnias, caiu na posição da pedra rejeitada da parábola. Mas era sobre ela, como hoje se vê, que o Edifício Cultural do futuro devia erguer-se. Hoje, cabe aos espíritas estudiosos, cultural e cientificamente capacitados, aprofundar os veios da mineração kardecista em todo o mundo. Pioneira, inclusive, da investigação e da sustentação da pluralidade dos mundos habitados, a Ciência Espírita abrange a totalidade dos problemas científicos atuais, muitos deles já comprovados pelas pesquisas de laboratório e pelas tentativas de incursões astronáuticas no Cosmos. Se o controle ético da moral funcionar como deve, tentando vencer os preconceitos e a ignorância ilustrada que ainda mantém o seu cerco à expansão e desenvolvimento da Ciência Espírita, ela ajudará os céticos, materialistas, empiristas e pragmatistas da atualidade a vencerem a alergia ao futuro de que fala Remy Chauvin, para o conhecimento urgentemente necessário da verdade espírita nestas vésperas da Era Cósmica. Seria muito difícil e demasiado ridículo, para nós, pisarmos no limiar da Nova Era com a esmagadora carga de incompreensões e resíduos selvagens e mitológicos de que não queremos nos desapegar. Felizmente tem sido cada vez mais frequentes e alentadoras as manifestações favoráveis à cultura espírita em nosso meio cultural, por todo o mundo. Não obstante, torna-se cada vez mais necessária, no meio espírita, a vigilância contra as incursões de criaturas pretensiosas, evidentemente desprovidas do senso de suas próprias medidas, sem aptidões nem conhecimentos suficientes para incursões temerárias no campo científico e cultural em geral em nome do Espiritismo. Essas incursões vaidosas causam mais prejuízos à doutrina e sua pureza do que todas as agressões dos adversários, como dizia Kardec dos adeptos demasiado entusiastas do seu tempo, cujo fanatismo lhe dava muito trabalho. Falta aos espíritas em geral formação doutrinária. Diante do aceleração atual da evolução científica, eles se conturbam ou se exaltam. Vendo que as proposições espíritas são aceitas de maneira auspiciosa, acreditam-se dotados de uma sabedoria que os sábios não possuem e julgam-se capazes de escrever e divulgar novidades científica em nome da doutrina. Outros, pelo contrário, se amedrontam com invasões atrevidas, como as da Parapsicologia, no campo dos princípios espíritas, e passam a repelir as contribuições dos cientistas atuais, com auto-suficiência de megalômanos. Em contraposição, o mesmo acontece nos meios religiosos, onde padres e frades inscientes, viciados num autoritarismo milenar no plano cultural, atrevem-se a explorar as faculdades de médiuns interesseiros e ignorantes, fazendo-se de entendidos num assunto que só conheceram, em toda a sua vida, através das elaborações mentirosas dos meios clericais, destinadas apenas a defender os interesses materiais de suas igrejas. Que os clérigos façam isso, vá lá, pois foram criados, educados e estimulados na idéia de uma

falsa autoridade divina, que sempre lhes garantiu a impunidade nas pretensões mais descabidas e a capacidade de ensinar e pregar de cara limpa os maiores absurdos. Mas os espíritas não possuem essa tradição de casta e precisam compreender as suas responsabilidades nesta hora de transição. O espírita que quiser dar um pio nas polêmicas atuais deve primeiro mergulhar no estudo da doutrina em profundidade, mesmo que disponha dos mais importantes títulos universitários ou esteja colocado nas mais altas posições sociais. Os analfabetos ilustres são em regra mais analfabetos que os outros. Precisamos convencer-nos de que, no tocante aos problemas espíritas, estamos todos ainda na escola material. Se formos suficientemente prudentes e despretensiosos para voltarmos a nos alimentar no exuberante seio materno da doutrina, poderemos pelo menos evitar semear joio na seara.

A ética profissional estabelece normas e diretrizes para a moralidade dos consultórios médicos, dos gabinetes dentários, dos hospitais, das bancas de advogados e até mesmo dos confeitheiros e dos joalheiros. A primeira dessas normas exige o conhecimento da profissão. Os espíritas precisam tomar consciência da ética doutrinária, se realmente quiserem ajudar a doutrina na sua expansão necessária. As tribunas espíritas não existem para encenações e exposições de oratória de tipo bacharelesco, mas para esclarecimento das multidões que afluem às instituições doutrinárias em busca de conhecimento e não para se deleitarem com palavrórios retumbantes. A finalidade do Espiritismo é conduzir-nos ao conhecimento da verdade, daquilo que realmente é, e não adormecer-nos com cantigas de ninar nos braços da ilusão. O muito falar pode encher o mundo de palavras, mas se essas palavras não encerrarem conceitos em sua sonoridade, nada mais são do que falatórios de sofistas.

Um pregador espírita novato procurou o velho João Pita, de Matão, para consultá-lo sobre o que devia pregar. Pita rangeu os dentes fortes de português da Madeira, seus olhos brilharam por baixo das pestanas brancas de Papai Noel e ele disse: “Não pregue nem faça discursos. Ensine o que souber, depois de haver lido e estudado Kardec. Fiz milhares de pregações e me arrependo de meus entusiasmos. Na verdade, conversando depois com os ouvintes que me elogiavam, tive a surpresa de verificar que de todos os meus falatórios, só uma pessoa havia aprendido alguma coisa: eu mesmo, que aprendi a conter a língua.” Pita tinha razão. De outra feita um amigo e admirador o encontrou na plataforma de uma estação do interior, aguardando o trem. Abriu os braços e exclamou: “Seu Pita, que felicidade encontrar o senhor aqui, um mestre, um verdadeiro apóstolo!” Pita tirou o corpo do abraço e respondeu: “Estás redondamente enganado, amigo, eu não sou um apóstolo, mas uma pústula.” De outra feita ainda, falando sobre a dignidade humana, no Centro Luz e Verdade de Marília, disse: “O homem ruim é a pior coisa que existe no mundo. É pior que o pior dos animais. Um boi ruim, arrombador de cercas, que vive chifrando os outros bois, o dono o mata e aproveita tudo o que o seu corpo oferece: o couro, a carne, os ossos, os chifres e até mesmo os cascos. Mas de um homem ruim nada se aproveita. Morto, tem de ser enterrado às pressas para não empestar a casa com o seu mau cheiro.”

Nesses apólogos reais transparece o perfil da nova moral que o Espiritismo nos trás. Suas normas rejeitam as complicações e ritos do passado, simplificam os processos da vida, substituem as parolagens pela explicação

didática, o formalismo pela naturalidade, os aplausos pelo debate, a hipocrisia dos louvores pela pergunta socrática: “O que é isso?” A moral espírita é objetiva, exige a verdade da prova, põe de molho as revelações fabulosas, não admite a mentira, a hipocrisia, a falsidade nas relações sociais. A verdade é a sua essência, pois é a verdade a moral legítima, que não contradiz a realidade nem transforma o amor em crime e as exigências vitais em vergonha e pecado. Por isso mesmo, o pecado não pertence à sua terminologia. Durante milênios os beatos bateram no peito dizendo: “Nós, pecadores”, e continuaram pecando em todos os sentidos. Agora o pecado acabou, desgastou-se no tempo, deixou de existir. A moral espírita obriga o homem a despir-se de seus modismos e de suas fantasias para encarar a realidade face a face e ver a sua própria face no espelho do seu meio social, que lhe reflete os defeitos e as virtudes, os erros e os acertos nas conseqüências de suas atitudes e do seu comportamento. Ser o que é, não fingir nem tergiversar, essa é a exigência básica da verdadeira moral. Uma assembléia espírita de elogios mútuos e salamaleques não é espírita, será quando muito espiritóide, ou seja, uma falsificação ridícula de reunião espírita. Do contrário, o Espírito da Verdade teria perdido o seu tempo e Kardec a abnegação de toda a sua vida.

*

X – A Síntese Estética da Consciência

Na corrente neokantiana do Relativismo Crítico, René Hubert estuda o desenvolvimento da consciência como processo dialético da consciência. Popper toma a consciência, nos seus estudos fisiológicos, como o que ocorre na constituição cerebral sem sabermos como. É a partir do seu aparecimento que ela interessa no plano científico. Apesar dessa concessão generosa aos fisiologistas, estes não o pouparam. Entendem que Popper entrou numa fase de decadência pré-senil. Mas Kant, já no século XVIII, havia tratado do assunto ao enfrentar a crítica dos cépticos e dos empiristas. Para Hubert, a consciência aparece no processo do desenvolvimento fisiológico do ser, quando este se apercebe de que é. Narciso faz a descoberta de si mesmo no espelho do lago. Contempla-se aturdido com a sua própria beleza e desperta para a busca do seu destino. Esse é o momento culminante da síntese ôntica, aquele em que o *onto* grego se define como criatura real, completa, integrada num corpo material em que os poderes da Terra e do Céu se fundem, revelando a íntima relação de carne e espírito na facticidade do ser humano. Essa facticidade, esse fazer de poderes invisíveis e indefiníveis, desprende-se do mistério das coisas e se torna realidade viva e atuante. O ser é então apenas uma criatura biológica, como todas as que o cercam, e atira-se às atividades compulsórias da vida. Narciso é o adolescente, enamorado de si mesmo, mas a compulsão das forças vitais o leva à conquista do mundo. O ser biológico de início impreciso se transforma em ser social que se relaciona com outros seres. Na busca do desenvolvimento ontogênico transpõe as fronteiras da carne na busca das suas origens desconhecidas. Sua consciência indefinida se define nas atividades práticas da sobrevivência. Mas a lembrança de sua imagem no lago revela-lhe o arquétipo ideal que ele deve atingir, atraído pela visão estranha do belo. Instala-se nele o processo dialético que faz o *lótus*, flor do mistério, romper a superfície líquida do lago e desabrochar na terceira dimensão do ser que é a dimensão estética. Narciso atingiu em si mesmo a síntese total da consciência

estética. Venceu as etapas do seu desenvolvimento ontogênico e transformou-se no homem. Não é mais um ser como os outros, é um homem, senhor do mundo e criador de beleza. Desse momento em diante ele não se limita a ser e viver, mas entra na temporalidade criadora da existência. Sabe que existe, que avança no existencial em busca da Eterna Beleza.

Aos pragmatistas e materialistas que se opõem a essa interpretação do mito de Narciso, alegando que os sonhos e os mitos morreram no Olimpo, Ernst Cassirer responde com sua teoria da transcendência horizontal e da transcendência vertical. Mostra que o ser é transcendência na temporalidade, segundo Heidegger, e transcendência vertical na busca incessante de Deus. A transcendência horizontal se processa no plano social, com o rompimento gradual dos limites do lar, da escola, do meio estudantil, para se projetar na queda aparente da vida prática, segundo Rousseau. E ali, na queda pecaminosa e na morte, em que Sartre só viu a frustração, Cassirer vê e assiste a passagem de Narciso para a dimensão da Eterna Beleza, reencontrando a marca do belo na autorecuperação da sua própria beleza. A consciência estética atualizou a beleza ideal de Narciso, pois o homem, segundo Heidegger, se completa na morte.

A posição desses dois filósofos, tão diferentes e tão confluentes na História e na Filosofia atual, particularmente ante a problemática do ser, da vida, da existência e da morte, é das mais curiosas. Heidegger não se considera existencialista, mas um filósofo do ser, empenhado na descoberta desse mistério platônico. Investiga a existência porque nela o ser se mostra de maneira mais acessível à abordagem filosófica. Mas a verdade é que todo o movimento existencialista se desenvolve nesse mesmo sentido, o que mostra que o problema do existir engloba inevitavelmente o ser. Sartre chegou a considerar Heidegger como um místico do ser. A posição de Sartre denuncia a sua formação francesa, com indisfarçáveis raízes em Augusto Comte e Voltaire. Detesta e ironiza a tradição mística alemã, não podendo entender senão como queda na fragilidade humana a sua aceitação do transcendente. Quando Sartre propõe evidentes absurdos como estes: “o homem é uma paixão inútil”, “a essência do homem é um suspenso na existência”, “a morte é a nadificação do ser” e assim por diante, as marcas de Comte e Voltaire aparecem, nítidas e indisfarçáveis em seus flancos de potro sem freios. Ele rompe com toda a sistemática do pensamento e toda a tradição metafísica, fazendo tilintar os guizos da ironia volteriana. Se Voltaire tinha um pé na cova, como ele mesmo dizia, Sartre já nasceu na cova e nela pretende dissolver-se e dissolver o homem como chama de fogo-fátuo. De onde tira ele a sua nadificação, num Universo pleno, estruturado em leis, como queria Espinosa, e alérgico ao nada, esse conceito vazio de Kant? As incongruências sartreanas denunciam buracos e abismos de leviandade em seu pensamento. E foi precisamente isso o que fez o seu sucesso, tão contrário à seriedade profunda dos bardos celtas que figuram na sua genealogia gaulesa.

O que é e como podemos entender a essência do homem como um suspenso na existência? Sartre coloca o nascimento do ser nas entranhas da dialética hegeliana. O ser é o *em-si* fechado em si mesmo e que de repente, como a unidade pitagórica, estremece na sua solidão e se projeta na existência como *para-si* em busca de comunicação. Eis o ser na existência, ansiando pe-

la transcendência. Mas esse ser é vazio, desprovido de essência, que vai elaborar no processo existencial. Sua essência é elaborada na existência e por isso permanece em suspenso até que ele a complete. Feita de suas atividades existenciais, a essência paira sobre o ser no percurso existencial até à morte, que é a frustração do ser. Então, o homem desaparece, mas a sua essência fica na existência como resíduo das suas atividades. Sartre cai em cheio na imortalidade memorial de Comte, essa pífia inscrição de um nome na galeria dos mortos ilustres ou heróicos, cuja ilustração e cujo heroísmo a ferrugem se incumbem de devorar. Todo o élan vital e espiritual do homem nada mais era do que um sonho vão.

Sartre sustenta, na seqüência dos seus disparates filosóficos, que a consciência é vazia, nada tem em si mesma, pois reflete apenas a realidade circundante. As categorias kantianas da razão seriam uma balela. Mas Hubert retoma a tradição kantiana e mostra que as categorias decorrem das experiências da consciência e são as próprias experiências em função dinâmica no plano consciencial. A importância do belo, que em Kant era fundamental, como em Platão, retoma a sua potencialidade na corrente atual e neokantiana do Relativismo Crítico. Para Kardec o belo constituía-se num objetivo superior do processo evolutivo. Sua teoria do Belo inclui o aperfeiçoamento das raças humanas, que se aproximam da beleza suprema na proporção do desenvolvimento de suas potencialidades anímicas. O belo não provém de disposições anatômicas ou de elementos materiais. É um reflexo da alma no corpo. A perfeição anímica determina a beleza de um rosto ou de um corpo. Sendo uma síntese dialética gerada pela tese e a antítese da consciência prática e da consciência teórica, a consciência estética é a realização completa da consciência e nela se conjugam todos os poderes conscienciais da criatura. As funções estéticas da consciência controlam a afetividade humana e estabelecem as ligações simpatéticas no plano social. Mas sua função mais importante é a de propiciar ao ser uma visão superior do mundo, propiciando aos artistas o domínio das formas, o segredo das cores e dos sons, a harmonia e o equilíbrio das proporções não só no fazer artístico, mas em todas as atividades do homem. Na sua condição de síntese, a consciência estética rege o bom-senso, o gosto, o comportamento social do homem, as suas atitudes e todo o seu fazer em todas as circunstâncias. Nos mundos superiores – disse Mozart numa comunicação mediúnica em Paris – as funções da consciência estética influem decisivamente em todas as atividades criadoras do espírito, refinando a matéria e aprimorando as produções naturais. A influência emotiva do belo eleva as almas e estimula os sentimentos humanos. Todas essas conseqüências seriam impossíveis se não passássemos de criaturas com cabeças de purunga, funcionando como espelhos côncavos deformantes.

Pode-se alegar que as funções extraterrenas da consciência estética não passam de suposições imaginosas. Kardec sustentou sempre a necessidade de pesquisas para a comprovação de certos dados transmitidos por via mediúnica. Ele não aceitou as informações dadas por Mozart e Bernard Pallissy através do médium Camille Flammarion, e nem mesmo considerou verídicos os desenhos famosos de Victorien Sardou sobre a possível vida em Júpiter. Acatou-as como manifestações curiosas da mediunidade e sugestões do que poderia haver em mundos superiores à condição da Terra.

Explicava sempre que a Ciência Espírita tem por objetivo o mundo espiritual que se revela através de fenômenos susceptíveis de controle e das repetições necessárias à verificação da realidade. Mas, como vimos, os problemas da consciência estética são puramente terrenos, adstritos à condição humana. Isso, entretanto, não exclui a possibilidade das deduções possíveis, que constituem uma tendência natural da mente em seus procedimentos racionais. Kardec aceitou como hipótese uma informação mediúnica sobre a Lua e a sua posição na órbita da Terra. Até hoje o acusam de haver aceitado um absurdo. Mas ele e Flammarion explicaram antecipadamente que aceitavam a informação em termos de teoria, pois até aquele momento não havia nenhuma teoria científica capaz de explicar a posição lunar. Informações de Georges, um espírito curioso, sobre Marte, foram também aceitas liminarmente, sob a expectativa de verificações científicas do futuro. Por sinal que essas informações se ajustam aos principais aspectos de Marte observados atualmente através de sondas espaciais enviadas àquele planeta. Georges dizia que Marte era mundo inferior à Terra, tendo atmosfera diferente da nossa, água e vida rudimentar, inclusive vida humana também rudimentar, mais ou menos semelhante à condição física e vital dos pigmeus africanos. As informações minuciosas sobre a vida em Marte, hoje divulgadas no meio espírita, não passaram pelo critério de Kardec e não seriam aceitas por ele nem mesmo como hipótese. Como acentuou Richet, Kardec nunca se desviou de sua orientação científica nas suas pesquisas espíritas.

Adversários gratuitos da doutrina, que sempre os houve para todas elas, criticaram a linha científica de Kardec, entendendo que ele procurava explorar o prestígio da Ciência na época. Mas a posição metodológica do mestre respondeu a essas tolices e a sua influência sobre os cientistas provou o contrário. A serena firmeza e a coragem moral desse homem acabaram por atrair o interesse dos expoentes da cultura mundial. A casinha humilde da Rua dos Mártires, em Paris, em que ele vivia, era constantemente visitada pelos príncipes, cientistas e artistas de toda a Europa, ansiosos por conhecer de perto as suas atividades na decifração racional e experimental do enigma da Esfinge. Mas a prova maior e esmagadora da sua seriedade foi a sua própria obra, cuja clareza, coerência lógica e comprovação científica da época e posterior continua a influir em nosso século, nesta antevéspera da Era Cósmica. Sua teoria da evolução serviu de amparo a Russel Wallace para corrigir os excessos materialistas de Darwin, e sua teoria da Humanidade Cósmica, que não se limita à Terra mas se expande na pluralidade dos mundos habitados, tem hoje a sanção teórica de grandes figuras da Ciência. Sua teoria dos mundos interpenetrados superou em nossos dias às hipóteses sobre os mundos paralelos, surgidas com a descoberta da antimatéria na cosmogonia paracientífica de Teilhard de Chardin. É visível o interesse que Kardec despertou recentemente entre os cientistas soviéticos – provocando uma crise ideológica na URSS –, o que prova a solidez de sua obra. Ele decifrou o mistério da vida e da morte.

No tocante aos métodos de pesquisa, ensino e divulgação da doutrina, é incrível o que ele fez, praticamente sozinho. As Ciências do paranormal, suscitadas por ele em todo o mundo, não conseguiram fugir ao seu esquema metodológico de pesquisas. Criticar a “ingenuidade” de Kardec tornou-se comum entre os sábios da época, mas a maioria dos críticos acabou de braços com ele nos mesmos caminhos da sua *revelação científica*, como ele a cha-

mava. Ele descobriu e provou o que é o homem, como e por que vive na Terra e por que morre, sem jamais se vangloriar dessa façanha e jamais aceitar que o endeusassem. Os que ainda hoje o atacam e o criticam não sabem o que fazem.

*

XI – Os Perigos da Consciência Prática

A evolução da consciência se processa em etapas determinadas pelas necessidades do homem. Este é um fato concreto que revela a impossibilidade de uma interpretação puramente metafísica do fenômeno da consciência. Como vimos no mito de Narciso, os primórdios nebulosos e ao mesmo tempo poéticos da consciência equivalem ao desenvolvimento psicobiológico da infância e da adolescência. Superada essa fase, consciencialmente de duração indeterminada, a tomada de consciência do ser em face da realidade do mundo o impele ao domínio das circunstâncias. Daí por diante não é mais o sonho, as aspirações vagas da alma e as exigências sociais que vão efetuar a integração dos vetores conscienciais no plano do real. Kant torceria o nariz ante essa expressão, pois não acreditava no real mas numa suposição do real produzida pela aparência das coisas. No tempo de Kardec, em meados e fins do século XIX, o problema já mudara de figura e se desembaraçara com o avanço científico do século XVIII, na verdade mais técnico do que científico. Mostrara a possibilidade de uma tecnologia do fazer imediato. O conceito dos manuais, das coisas colocadas ao alcance das mãos, começava a formar-se antes das cogitações de Heidegger. As coisas se mostravam manipuláveis na sua forma aparential, que passava pela realidade intrínseca. As pesquisas de Kardec mostraram que a relação causa-efeito abria caminho mais fácil para a comprovação da natureza real das coisas. A consciência prática arrastava os homens a atrevimentos bem sucedidos. Ela era um fenômeno selvagem que nascera nos primeiros contatos do homem com a natureza. Para se derrubar uma árvore, fazer uma cabana ou escavar num tronco uma canoa não se precisava saber mais do que manejar instrumentos apropriados. Essa familiaridade com as coisas naturais, de efeitos pouco ou nada estudados em nossa cultura, estabeleceu o elo necessário entre duas épocas, a das civilizações agrárias e a da sofisticação oriental. E foi graças à herança agrária que o Ocidente não se perdeu no sono milenar dos chineses e indianos, sem contar as extensões da Arábia, da Pérsia, do Egito e até mesmo do Império fantástico de Tamerlão, nas quais o espírito humano permaneceu em estado de delírio onírico, fascinado em sua atividade pelas florestas milenares, as montanhas e o mistério das terras sem-fim. Nesse estado sonambúlico as populações cultivaram suas tradições e elaboraram técnicas minuciosas, julgando-se na plena posse da realidade imutável. E quando foram despertando para a transitoriedade daquilo que parecia eterno, fugiram para o esconderijo da interioridade através do artesanato das miniaturas, como se com isso pudessem escapar à grandeza indomável da geologia desmedida. No Ocidente, com suas terras exíguas, mares e rios de fácil acesso e a tradição das guerras de conquista, a situação era inversa e permitiu a aventura ocidental do homem, gerada na inquietude das instabilidades, descer nas populações ilhadas, exigindo a expansão do mundo, demasiado pequeno para as ambições de conquistas. O que salvou a América e todo o continente, também milenarmente adormecido entre selvas e ampli-

dões desesperantes, foi a migração dos povos europeus, tangidos por suas lutas religiosas e sectárias. É evidente a influência telúrica e mesológica nas mutações subseqüentes, mas não se pode esquecer o fato básico, dominante, que estava na inquietação humana, no mistério do dínamo-psiquismo de Geley com suas exigências de transcendência, que hoje dominam o nosso tempo nas tentativas da pesquisa cósmica, nos ensaios da astronáutica e no *Psychic Boom* ou explosão psíquica que abala toda a estrutura da supostamente sólida cultura materialista, até mesmo nas áreas mais infensas à metafísica, como a da URSS e sua órbita de influência. Camões, ante a fúria do mar que engolia embarcações e homens na costa africana, exclamou desolado: “O homem, esse bicho da Terra tão pequeno”. Mas nesse bicho das infiltrações secretas da esquistossomose, no Egito dos grandes templos de pedras milenares, havia o poder oculto que tanto pode construir como destruir. No mistério invisível da mônada leibnitziana, essa herança platônica, o impulso de transcendência rompia as estruturas materiais de toda a civilização faraônica. O espírito retomava o controle visível da realidade instável para lançar o homem nas superdimensões do Cosmos.

Plotino, no desenvolvimento do Neoplatonismo, teve a visão plena dos destinos do homem como alma e formulou a sua famosa teoria das *almas viajoras*, que após a morte corporal se libram na direção dos planos superiores, ansiando pela felicidade suprema e eterna. São as almas dos mortos que escaparam da rotina terrena e se lançaram no Infinito. Arrebatadas pelo impulso de transcendência, atingem as regiões da bem-aventurança, mas não conseguem acomodar-se na suposta paz da inércia espiritual. Inquietam-se e começam a sentir de novo a atração dos planos inferiores. Fascinadas pela gravidade da matéria precipitam-se na sua voragem, reencarnando-se para a continuação de suas experiências interrompidas demasiado cedo. O destino borboleteante das almas inquietas as manterá no jogo das ascensões e quedas em que desenvolverão suas potencialidades para um dia se fixarem nos planos felizes. Kardec, nas suas investigações psicológicas e mediúnicas, deu a essas almas o nome de *espíritos errantes*. Jean Waltier, talvez o mais recente crítico de Kardec, ironiza a posição do mestre, chamando-o também de espírito errante. Por sinal que Kardec jamais repudiou esse título comum, pois sempre considerou-se, como todo mundo, sujeito aos condicionamentos das leis naturais, sejam elas materiais ou extrafísicas, segundo as recentes expressões de Rhine. Seria pretensão, de nossa parte, quereremos contradizer Waltier. O espírito errante é o que erra entre o Céu e a Terra, nas encarnações sucessivas, desenvolvendo suas qualidades divinas. Confirmando a teoria de Plotino, Kardec não adotou a designação de almas viajoras, em virtude de sua definição de alma, que a localiza na Terra como “o espírito que anima um corpo”.

Essas idas e voltas do espírito nas reencarnações sucessivas não representam nenhuma espécie de castigo, mas tão somente o próprio desejo e esforço do espírito para atingir a condição que lhe permita ligar-se em definitivo a planos mais elevados, às hipóstases mais elevadas dos mundos superiores.

Essa visão pragmática dos processos espirituais parece demasiado fria e mecânica para criaturas habituadas, através de milênios, na sucessão das ci-

vilizações teocráticas, a encarar a vida terrena como uma condenação de Deus para os espíritos rebeldes (Judaísmo) ou uma concessão de regalias e privilégios (Mitologia), nas quais Deus ou os deuses são paternais e estão sempre atentos quanto aos seus pupilos. Esse antropomorfismo religioso marcou todas as fases da evolução humana, por corresponder a uma necessidade afetiva do homem. Quem se interessar por um aprofundamento maior da posição de Kardec ante esse problema, perceberá as dificuldades que ele encontrou junto aos homens do seu tempo, numa civilização ainda submetida ao clima medieval, para colocar a questão dos castigos e recompensas num esquema racional, livre das influências milenares de um religiosismo antropocêntrico. Kardec teve de contornar dificuldades religiosas, sociais, políticas, científicas e particularmente as da tradição religiosa popular, num mundo que havia sido formado num fideísmo irracional, orgulhoso, voluntarioso e autoritário. Teve suas obras queimadas pelo Bispo de Barcelona em praça pública e só não foi queimado porque se encontrava na França.

André Dumas declarou à sucursal da revista *Manchete*, em Paris, recentemente, que Kardec escreveu *O Evangelho Segundo o Espiritismo* para atender às pessoas que, aceitando a realidade espírita, desejavam encontrar um meio de conciliação da fé tradicional com o Espiritismo. Não foi essa a razão. Kardec considerou o Espiritismo, desde os primeiros resultados das suas pesquisas, como um renascimento do Cristianismo deformado pela dogmática das igrejas. Ele mesmo conta, em *Obras Póstumas*, nas suas anotações íntimas, que começara a escrever esse livro no desejo de esclarecer questões dos textos sagrados que haviam sido deturpados pela casuística igrejeira. Não disse a ninguém o que estava fazendo, mas os espíritos se manifestaram dando-lhe apoio e ajuda. Ele não pretendia mais do que isso. A fé espírita racional devia substituir a fé dogmática e irracional. Quando publicou o livro recebeu aplausos e apodos, mas não se abalou com nada disso. A tarefa estava cumprida e os espíritas já contavam com uma versão dos Evangelhos em que a fé cristã se apresentava na sua essência real, fundamentada nas pesquisas históricas, no exame livre e racional dos textos antigos e em que as opiniões dos clérigos eram substituídas por explanações mediúnicas dos Espíritos. Esse livro tornou-se uma espécie de guia prático do aspecto religioso do Espiritismo, resistindo impávido a todas as críticas e agressões dos adversários da doutrina e dos próprios espíritas que, levados pelo entusiasmo científico, só queriam ver na doutrina explicações científicas. O livro de Jean-Baptiste Roustaing, *Os Quatro Evangelhos*, em três grossos volumes no original francês e em quatro na tradução brasileira, decalcado em Kardec, mas carregado do mais pesado e nebuloso misticismo católico-medieval, deturpação evidente e afrontosa da Doutrina Espírita, foi rejeitado por Kardec, que lhe apontou os absurdos, tanto do ponto de vista religioso quanto do científico e do racional. Não é um livro espírita, mas uma deturpação completa da doutrina, cheio de fábulas ridículas e destinado a ridicularizar o Espiritismo. Kardec evitou os debates inúteis a respeito, que só poderiam servir para tumultuar o movimento espírita em desenvolvimento. Sua posição perante essa obra clericalista foi, como sempre, de uma firmeza serena e inabalável. As instituições espíritas que ainda hoje aceitam, reeditam e divulgam essa obra de um primarismo infantil trabalham ingenuamente contra o Espiritismo.

O exame dessas questões nos mostra como funciona a consciência prática quando regida pela síntese da consciência estética (caso de Kardec) e como funciona por si mesma, sem o desenvolvimento consciencial necessário (caso de Roustaing). A posição de Kardec, aceitando o aspecto religioso da doutrina e procurando discipliná-lo na estrutura conceptual da doutrina, revela a lucidez, a coerência e a disciplina interna de uma consciência plenamente realizada, enquanto a de Roustaing evidencia o descontrole de uma consciência ainda apegada a uma visão terrena e temporal da realidade espiritual.

A consciência prática antecipa a consciência teórica, porque o homem começa no fazer. Da sua experiência no fazer, onde se faz a si mesmo e faz o mundo, ambos à sua semelhança, acaba por fazer o próprio Deus à sua imagem e semelhança. Só depois desse fazer instintivo é que ele se apresta para o desenvolvimento das potencialidades da teórica em sua mente. Seu próprio desenvolvimento psicofisiológico está sujeito a esse esquema. Logo que o pensamento entra em ação consciente, desembaraçando-se das gangas do sonho, esse deus noturno da infância e da adolescência submete as funções da teoria às exigências da práxis. A Teoria do Mundo é elaborada pela mente com os elementos empíricos da praticidade. Mas na proporção em que a teórica prova a sua eficácia, o pensamento se liberta da tutela do fazer e assume o controle dos processos mentais. É nesse momento que se instala a dialética da consciência, no esquema hegeliano de tese-antítese-síntese. E, conseqüentemente, a liberdade de pensar e fazer instaura o domínio da razão na jurisdição de si mesma. Daí por diante o homem é o seu próprio senhor e os abismos do arbítrio e da violência lhe oferecem as múltiplas e infinitas opções do poder. Se então a consciência estética não assumir as suas funções superiores de supercontrole, na forma de síntese consciencial, o processo da consciência falhou e terá de ser revisado e refeito nas sucessivas existências a que o ser se submeterá por vontade própria, ante a pane geral dos seus sistemas de controle e orientação. A alma viajora de Plotino reconhece a sua incapacidade para o exercício da liberdade e anseia por voltar às contrições da matéria densa.

Deus não impõe nenhum castigo a essa criatura que já sofre em si mesma as conseqüências dos seus descontroles. Por outro lado, o que seguiu o esquema geral e universal da formação do ser específico do homem não receberá nenhum prêmio ou recompensa, senão os decorrentes do desenvolvimento harmonioso do seu esquema ôntico. Jesus de Nazaré não foi o unigênito nem o primogênito de Deus – ambas, classificações absurdas de um antropomorfismo sem sentido. A teoria kardeciana da solidariedade dos mundos e das migrações de populações planetárias, hoje geralmente aceita pelos homens de razão, mostra que os teólogos não obedeceram aos sinais de trânsito da área divina do pensamento.

Não se pode descartar a lei de adoração desse esquema ôntico. Ela se impôs nas pesquisas históricas e antropológicas como uma característica do humano em todos os tempos, em todas as latitudes do planeta e em todas as culturas, desde as mais primitivas às mais avançadas. A idéia de Deus no homem é uma constante universal inegável. Dessa lei resulta o instinto de submissão do homem aos totens e tabus, aos mitos da credice popular e aos das mais refinadas mitologias, como a egípcia, a grega e a romana. A divinização

dos caciques nas selvas, dos Reis e Imperadores nas civilizações e o respeito geral pelas figuras endeusadas são conseqüências da ação dessa lei. O arquétipo divino rege a constelação de todos os arquétipos da consciência. O materialismo ideológico da atualidade é simplesmente uma fuga à realidade ontogenética do homem, que não é metafísica, mas física, biológica e ontopsíquica. À figura antropomórfica do deus bíblico, sanhudo e sanguinário, os materialistas atuais contrapõem uma tela em branco e vazia, representando o nada que simplesmente não existe em parte alguma nem pode existir, segundo as próprias conclusões da Física soviética em suas mais refinadas pesquisas na Terra e no Cosmos. A questão religiosa, colocada assim em termos políticos e configurada em violência estatal contra a consciência livre dos homens, enfraquece as defesas do Estado. Nenhuma pessoa medianamente culta pode hoje querer sustentar, e muito menos impor aos povos, uma suposta certeza do nada que não encontra apoio nas fontes científicas do saber. É tão absurda essa tentativa de imposição do ateísmo às massas populares de uma nação, como a de impor pela força a divindade do Papa e do seu poder celeste, o que se tentou durante o milênio medieval. O pior é que temos, nessa dialética impraticável, a impossibilidade dialética de ambas as partes. A tentativa de se opor ao Criador, em termos de tese e antítese, começa pelo pressuposto incluso da existência de ambos, Criador e criatura. Por outro lado, se negarmos a realidade de um deles, a dialética é impossível, e se negarmos a tese e a antítese cairemos no solipsismo total e sem saída. Não é possível sustentar-se o nada na presença incômoda e universal do Todo. E por essas e outras, desfiguradas na crítica rebarbativa de Sartre, configura-se límpida e pura a concepção espírita, única síntese real da realidade, que se comprova naturalmente na síntese evidente da consciência estética.

A consciência prática está naturalmente ligada aos instintos de conservação e aquisição do homem. Sua função é vital e não propriamente moral. Ela responde pelas variações temporais das normas de moral verificadas pela pesquisa sociológica, que determinou o conceito ambíguo de moral originado dos usos e costumes, com base nas exigências de produção de alimentos e de riquezas das várias regiões e nações. Corresponde, portanto, à necessidade de normas para a estruturação e manutenção do meio social. A práxis consciencial não pode limitar-se aos objetivos da consciência prática, pois as aspirações da consciência humana pairam mais alto. Notam-se os efeitos dessa subdialética no meio social objetivo, em que os homens que se enriquecem procuram também ajustar-se aos interesses culturais da nova classe social a que se transferem e procuram integrar na mesma os seus familiares. O fenômeno de ambivalência da cultura nos meios sociais, onde os intelectuais são ao mesmo tempo invejados e desprezados (como incapazes de enriquecer), decorre dessa contradição da consciência prática. Desse conflito necessário e intrínseco da consciência prática com a práxis consciencial nasce a consciência teórica, que é a tese do processo evolutivo do homem social, moral e espiritual.

O espírito que atingiu a síntese consciencial da consciência estética é o gênio, o herói, o mártir, se necessário, que sabe dar a cada objetivo da consciência o seu valor exato e está sempre disposto a sacrificar-se pelos objetivos superiores, auxiliando a Humanidade a superar as suas limitações temporais. Frederich Myers considerou a mente supraliminar como adaptada à vida ter-

rena e a mente subliminar como adaptável à vida espiritual de após morte. O ser trás em si mesmo os dispositivos adequados a cada uma das etapas da sua evolução futura. Como todas as almas possuem a mesma natureza fundamental e as mesmas potencialidades, Kardec provou em suas pesquisas – e a Parapsicologia comprovou atualmente – o princípio de igualdade de todos os homens em sua origem, natureza e destinação.

*

XII – O Ser Moral

O problema do ser é fundamental em toda a Filosofia. Mas as definições filosóficas não o definem, antes propõem. Quando dizemos *ser humano* fazemos uma especificação perigosa, pois caímos no perigo de tomar essa expressão como sinônimo da palavra homem. E isso não é correto, pois o homem é mais do que o ser e, ao mesmo tempo, o ser é mais do que o homem. Kardec referiu-se, em *O Livro dos Espíritos*, “ao ser do corpo”. Ser é aquilo que é. Por isso, numa das metáforas da Bíblia, Iavé, o deus dos judeus, que queria passar como o Ser Supremo, disse: “Eu sou Aquele que é”. A pretensão alegrou os filhos de Deus, o povo eleito, mas não passava de uma afirmação ambígua. A palavra *ser* foi arrancada, como a costela de Adão, do verbo ser, mas não deu nenhuma Eva e sim um proteu semelhante ao da palavra alma, que Kardec sentiu-se no dever de definir para evitar confusões. Quando falamos de Deus como Ser, sempre o elevamos à grandeza suprema. Mas quando falamos do homem como ser nos referimos ao que o homem é. Há no homem, portanto, vários elementos conjugados: o corpo, a alma – o corpo espiritual ou perispírito –, as faculdades humanas normais e paranormais e a especificidade do ser humano, que é diferente de todos os demais seres. Existe a pedra e o ser da pedra, o cavalo e o ser do cavalo, a borboleta e o ser da borboleta e assim por diante. O ser é uma entidade metafísica, não visível nem tangível, uma essência e não uma forma.

Ninguém pode matar um ser, mas apenas a sua representação física. A imortalidade do homem não se define como privilégio do homem, mas do ser. Há seres de razão – matemáticos, lógicos e ideológicos – e todos eles se relacionam com o ser humano sem jamais se confundirem com este. Não é fácil definir o ser, mas não se pode olvidá-lo ou negá-lo. O que é na sua facticidade ôntica, na formação ontogenésica de suas virtualidades específicas, não pode deixar de ser, pois se integra na realidade total como forma essencial e incessantemente autogeradora, porque o ser se define, em última instância, como necessidade teleológica de toda a realidade. Por isso o *ser aqui* existencial de Heidegger que pretende ser concreto, na sua facticidade temporal, completo na sua essência e forma, ambas humanas, não passa de um fantasma (no sentido grego do termo), uma aparição no aqui e no agora, que se esvai na temporalidade, na frustração aparente da morte sartreana, vestindo-se da aparência biológica para continuar a ser na realidade ontológica pura. A morte aparece então como o *não ser*, a negação do ser em que se repete sempre na solidão da inerência física do morrer. O *não* do ser é apenas o reverso do *sim* que o afirmou no plano sensorial, contrapondo-se à sua eterna realidade metafísica. O ser nos dá as costas e desaparece. Não está mais ao nosso alcance. Mas sabemos que, apesar disso, permanece em nós, em nossa memória, em nossa afetividade, em nossa saudade, na historicidade em que nos inserimos

juntamente com ele, na sua essência que se derrama em nós e em nosso redor. Verificamos que ele vive apesar da morte e que não podemos descartá-lo de maneira alguma.

Chegamos à compreensão de que ele nos deixou, mas ao mesmo tempo ficou. O que nos apavora na morte não é a morte em si mesma, mas a ausência que se abre em nosso convívio e que é realmente impreenchível. Sabemos, de maneira profunda (em nossa consciência do real) que todos morreremos e sabemos também, com a mesma certeza, oriunda de nossas experiências, que o Ser não se acaba, não se extingue, mas precisa ontologicamente de se completar na morte, como Heidegger afirma em contraposição à leviana teoria da frustração sartreana. O que nos faz sofrer não é a morte, mas a nossa recusa à realidade da vida, que leva sempre a morte atrelada ao seu carro como inevitável corolário das atividades existenciais do homem. Toda a série de experiências que constitui uma existência vai fatalmente desembocar na morte. O ato de morrer é um fechar de portas para o mundo. O Ser se engolfa em si mesmo, desliga os contactos com a realidade sensível e volta à solidão do *em-si* como coisa, isolado em sua autoinerência. Tudo se consumou na realidade possível. Cabe-lhe então, na sua câmara escura, projetar na tela da memória o seu próprio drama para assisti-lo sozinho e avaliar os seus resultados, as conseqüências para a nova abertura existencial que vai se abrir para ele nas hipóstases de Plotino. Nessa retrospectiva avaliativa o Ser assimila em última instância as suas conquistas existenciais e as consolida em si mesmo. Não será mais, nunca mais, o que era, mas carregará o que era como disposições e elementos destinados à elaboração do que será. O temor e a náusea da morte se converterão em anseio de renovação e esperança, não segundo a tese de Gabriel Marcel, mas segundo a teoria do encontro com o Outro, de Kierkegaard, no único diálogo então possível, pois o Outro é Deus, que o Ser reencontra na transcendência vertical de Karl Jaspers.

Somos obrigados a tratar esse problema da Filosofia Espírita na sua perspectiva própria e na linguagem correspondente, em conotação com as posições filosóficas atuais, porque só assim se pode demonstrar a precisão e a clareza do pensamento espírita, em flagrante contraste com a nebulosidade das teologias fantasmagóricas que as religiões masoquistas nos cevaram por milênios nos horrores da dor e da morte. Hoje essas mesmas religiões tentam romper o ergástulo de suas concepções negativas com apelos à leviandade sensorial das inovações rituais em termos de secularização e mundanismo. Não é possível nenhuma reformulação de sistemas e de princípios sem o aprofundamento filosófico dos problemas fundamentais do homem.

A posição filosófica existencial, como a abordam, do Ser na existência – pois o Ser do homem é o único realmente acessível às nossas investigações –, exclui de imediato as fabulações teológicas oriundas da pretensão da vaidade humana a serviço do obscurantismo. A Moral, na sua mais alta expressão, é questão de equilíbrio e orientação do pensamento com a afetividade. Qualquer desvio nesse sentido, com vistas a interesses secundários, como a ênfase excessiva dada à razão ou a ênfase contrária, dada ao sentimento, negam todos os valores e a própria essência da moralidade. A prova dessa premissa nos é dada pela história, mostrando que a ênfase do sentimento levou o mundo de volta aos tempos de barbárie, com brutalidade elevada ao quadrado

da estupidez em nome de Deus e a ênfase da razão levou a cultura mundial ao materialismo supostamente científico, negando o homem e seus direitos, a começar da negação de Deus. De um lado, o domínio interesseiro, medroso e hipócrita dos beatos na salvação própria em detrimento da Humanidade, de outro lado a opressão dos ideólogos insensíveis, metódicos e manhosos, tripujiando em benefício próprio e de suas greis sobre a liberdade humana.

A formação do Ser Moral, como Kardec acentuou, só é possível nas sociedades livres e orientadas pela razão e o sentimento em equilíbrio. Sem o desenvolvimento da afetividade temos apenas a razão fria e esquemática, que é o cadáver da razão.

Sem o desenvolvimento da razão só temos os instintos à solta, na deterioração progressiva do pensamento sem bússola. Toda esquematização desses campos fundamentais das energias humanas leva fatalmente à degeneração do homem, pela asfixia de suas potencialidades divinas. Arrancar o homem da animalidade, o que vale dizer arrancá-lo da brutalidade e da irresponsabilidade, submetendo-o a princípios de ordem moral puramente abstratos, com ameaças e promessas depois da morte, é minar a estrutura de suas experiências objetivas no mundo, perturbando-lhe o desenvolvimento psicomental com dúvidas e suspeitas que o levam à distorção do pensamento na direção de interesses bastardos e conseqüentemente à degeneração moral. Não se trata da moral comum ou social, apegada a costumes, preconceitos e superstições, mas da moralidade consciencial em que se funda a conduta dos seres conscientes de suas responsabilidades no mundo dos homens. As condenações morais do meio social são geralmente proferidas por indivíduos e tribunais desprovidos de autoridade moral e até mesmo sem capacidade avaliativa nesse plano.

O ser moral não se entrega ao arbítrio da incompetência de julgadores primários. Rebelar-se contra esses julgamentos e mantém a sua conduta com a serenidade e a firmeza dos seus princípios morais inabaláveis. Jesus foi condenado pela moral farisaica. Sócrates pela moral ateniense. Essas condenações só serviram para engrandecer na História e na Espiritualidade os dois condenados. O ser moral é o supremo objetivo da evolução humana na Terra. Ele encarna em nossa pobre Humanidade o arquétipo, ou seja, o modelo da perfeição humana possível em nosso mundo. Um passo além o projeta fora da órbita terrena, no plano da angelitude. Não se iludam, porém, os que acreditam na santificação, na angelização através de métodos de certos mestres de sabedoria infusa. Os próprios anjos não são criação específica e privilegiada, mas o resultado da evolução do homem, e não querem passar por divindades mitológicas. Não se identifica o ser moral pela mansidão da voz, pelos gestos delicados e as atitudes de santidade artificial. A herança divina do homem é natural e se desenvolve nas duras batalhas da carne. As criaturas seráficas sofrem sempre de anemia ou deficiência das faculdades mentais. O ser moral só se distingue dos outros pela retidão de uma conduta escrupulosa e segura, mas não exagerada ou fingida, mas comedida e firme. A sofisticação religiosa veste muita gente com peles de ovelha, muitas vezes adornada com peles de raposa. O ser moral se configura no protótipo natural do homem: franco, leal, firme em suas convicções, avesso à malícia e ao palavrório vazio, despido do infantilismo da vaidade pessoal, das idéias de grandeza, voltado sempre para

os problemas sérios da dignidade humana. Jesus multiplicou os pães para saciar a fome da multidão, mas também multiplicou o bom vinho nas bodas de Caná para estimular a alegria. A alegria espontânea e justa é um dos seus apanágios, ao contrário do que pensam os choramingas e as carpideiras. A alegria é luz que ilumina o coração das criaturas e as profundezas do Infinito. Onde a treva se implanta surge o brilho de uma estrela ou a irradiação de uma constelação. O homem sério e preocupado com a verdade sabe sorrir e provocar a alegria ao seu redor. Os casmurros são criaturas doentes, tímidas, carregadas de recalques e de fobias. Mas os que fingem alegria intencional e nunca se preocupam com nada podem ser debilóides ou espertalhões. A verdadeira virtude nunca está nos extremos, como sustentava Aristóteles, mas no meio. O ser moral se define como tal pelo seu equilíbrio na balança das atitudes, sem se acumpliciar jamais com as trapaças dos extremistas da consciência prática ou da consciência teórica. A consciência estética, na sua condição de síntese total, permite-lhe ver com precisão o momento em que deve entrar na luta dos contrários, evitando abusos e desmandos que podem pôr em perigo a evolução moral e ética do mundo.

O desenvolvimento consciencial implica o aumento constante da responsabilidade. O ser prático ou o ser teórico, apegados aos aspectos normativos da aquisição de experiências e sua assimilação, podem errar com mais liberdade suas diretivas existenciais. Mas o ser moral, que acumulou experiência e saber e aprimorou sua capacidade de intuição, tem o dever de manter-se vigilante, ativo e destemido no plano de ação de sua jurisdição. Todo ser moral converte-se naturalmente num vigilante do processo evolutivo em sua área específica. Essa a razão por que ele se levanta contra os prevaricadores e os trânsfugas, sempre ansiosos por se acomodarem em suas posições, evitando discrepâncias de opiniões na estúpida suposição de que a paz do pântano agradaria mais a Deus do que a luta pela defesa da verdade. No episódio evangélico da expulsão dos vendilhões do Templo, Jesus apareceu – e ainda hoje aparece aos olhos dos cordeirinhos mansos, nascidos apenas para balar ao crepúsculo – como envolvido por impulsos contrários ao seu ministério de amor. Mas a verdade é que havia mais amor na face irada do Messias, ante o desrespeito dos homens práticos à elevada função espiritual do Templo, do que nos rabinos ungidos com óleo sagrado, que permitiam a profanação por conveniências venais. Para Jesus, o certo era afugentar os prevaricadores, para que eles não manchassem a sua consciência imatura, servindo ainda de mau exemplo aos que vinham na retaguarda evolutiva. O plano de Deus estava muito acima dos interesses convencionais e políticos do rabinato conciliador e interesseiro. A visão de um ser moral, regido pela consciência estética, não se limitava às conveniências imediatas dos seres práticos ou retóricos, empenhados na continuidade de seus negócios rendosos.

A menção de Sócrates e Jesus, para exemplificar a complexidade da evolução consciencial, não quer dizer que todo ser moral tenha de possuir o mesmo grau consciencial desses arquétipos históricos. Como se vê na Escala Espírita de Kardec, em cada ordem de seres há sempre gradações que escalonam os tipos afins em posições diversas. O que interessa, pois, na luta do homem pelo seu desenvolvimento consciencial, não é a conquista de posições no escalonamento moral, mas a conquista incessante, nas experiências existenciais, de um grau a mais de percepção dos problemas morais.

*

Livro: Parapsicologia, Hoje e Amanhã – J. Herculano Pires

IX - PSI e a revolução cristã

Rompida com a prova científica da existência das *funções psi* a concepção organocêntrica da vida, a tendência egocentrista do homem sofre a sua última derrota no campo da Filosofia e da Ciência. O orgulho humano, que na sua futilidade fizera do nosso planeta o centro do cosmos, e posteriormente da nossa forma animal de vida o centro do psiquismo, a única possibilidade de manifestações vitais inteligentes, foi abatido no seu último reduto. *Psi* abre as portas do mundo extrafísico, segundo afirmou Rhine, e completa a revolução da Física Nuclear revelando a outra face do cosmos, até agora apenas vislumbrada pela intuição filosófica, artística e religiosa.

Ao fazer isso *psi* transfere o problema humano do temporal para o atemporal, para a duração. O conceito estático de eternidade não seria admissível, a menos que aceitássemos a imobilidade aristotélica. Na duração o dinamismo psíquico se apresenta em sua plenitude, como o revelam as experiências parapsicológicas, superando todas as barreiras conceptuais de espaço e tempo. Temos então, aquele *universo pleno de deuses* de que falava Tales, não no sentido greco-mitológico mas no sentido *psi*, ou seja, da existência de entidades psíquicas além de todas as nossas possíveis barreiras. É claro que essa consequência lógica de *psi* não poderá ser cientificamente demonstrada senão no futuro, com o avanço da investigação além das próprias barreiras físicas do método quantitativo. Mas teoricamente ela se impõe desde já, desde o momento em que, como num passe de mágica, dentro das próprias condições rigorosas da investigação de laboratório, as cartas Zener e os dados de Rhine abriram a primeira brecha na concepção física do Universo.

Colocados, assim, diante daquela realidade extrafísica que Carl Du Frei chamava *outro lado da vida*, verificamos imediatamente algumas consequências para as relações sociais, da mais alta importância filosófica, política e econômica. Na primeira dessas ordens, a filosófica, temos a reafirmação prática do princípio teórico da liberdade. Os experimentos de precognição parecem contrariar esta dedução, revelando uma estrutura determinista do processo existencial. Essa primeira impressão decorre da nossa prisão conceptual, nos limites de tempo e espaço. A precognição, se de um lado revela a existência de um determinismo na seqüência dos eventos, de outro lado demonstra a possibilidade de penetração da mente nesse determinismo e consequentemente a sua possibilidade de ação sobre ele. A mente não é apenas espectadora passiva dos acontecimentos, mas a modeladora e condutora destes. Esse fato se patenteia particularmente nas experiências de telepatia precognitiva, onde se verifica, como nas observações de Carington, que o pensamento deflagra uma ordem causal ou sincrônica de eventos. É o caso das estruturas *psicônicas* ou das estruturas mentais, em que o percipiente consegue penetrar descobrindo os elementos não-revelados que constituem todo um plano de experimentação.

O princípio de liberdade, tão limitado no plano existencial, mas que assim mesmo serviu para a definição sartreana da essência do homem como sendo a própria liberdade, reafirma-se e amplia-se nessa outra face do exis-

tencial que é a existência extrafísica, em termos de *psi*. *Domínio do espaço e do tempo, ação da mente sobre a matéria e sobre a estrutura determinista dos eventos extrafísicos: são estas as características da liberdade psíquica muito mais ampla e fecunda que a liberdade humana do plano temporal*. A mente é livre de penetrar o espaço e o tempo em todos os sentidos — do que podemos ter a nossa experiência comum através do pensamento — e livre para se determinar a si mesma e determinar a cadeia de eventos que lhe convém ou não desencadear. Não temos apenas a reafirmação, mas também a ampliação do princípio de liberdade.

A seguir, na ordem política — que também se abre para as perspectivas místicas da *polis celeste* — temos a reafirmação e a ampliação do princípio de igualdade. Os homens já não são iguais somente perante a lei, no plano dos direitos convencionais, mas também e sobretudo perante a sua funcionalidade, a sua função na ordem cósmica. A igualdade humana rompe as comportas do convencionalismo, supera os conflitos do organocentrismo — provenientes da extrema variabilidade orgânica no plano étnico — e projeta-se como realidade extrafísica, superando o existencial (que no caso se apresenta simplesmente como o circunstancial) para afirmar-se como essencial. Os homens são essencialmente iguais, como o comprova a observação de suas possibilidades mentais, intelectuais e emocionais (ou estéticas) na própria observação comum. A natureza mesma das *funções psi*, como manifestações de um psiquismo primitivo comum aos animais e ao homem, revelando apenas graduações evolutivas, demonstra a igualdade psíquica fundamental como potencialidade sujeita às mesmas leis e aos mesmos processos de atualização, de maneira universal. Assim como no plano biológico o recém nascido é potencialmente igual ao adulto, no plano psíquico a igualdade potencial se apresenta válida, e ainda mais, enriquecida pela irreduzibilidade e a irreversibilidade do psiquismo. As experiências de *psi* com retardados mentais demonstrou que a atrofia psíquica é apenas decorrente das deficiências orgânicas do plano físico, podendo os retardados, como os psicopatas em geral, exercer suas *funções psi* tão bem ou melhor que os indivíduos normais.

No tocante à economia, *psi* nos arranca da infra-estrutura material como o mineiro que arrancasse minérios das entranhas da terra para convertê-los em utilidades da superestrutura cultural. A economia de *psi* não é simplesmente econômica, mas ético-econômica. Nesse novo plano da ético-economia nossos conceitos se elevam acima da matéria e da energia, para atingirem, além do que conhecemos comumente por psiquismo, a área de *psi* propriamente dita. Nessa área temos uma superestrutura de funções psíquicas onde a fraternidade se apresenta como lei. As experiências parapsicológicas revelam a inviabilidade de *psi* entre pessoas que não se estimam. A simpatia é condição básica para a sintonia mental e psíquica que produz os resultados significativos na experimentação de laboratório. Simpatia, sintonia, harmonia, eis os termos que nos podem abrir as portas da concepção ético-econômica do Universo, reafirmando e ampliando o princípio da fraternidade.

Dessa maneira vemos que *psi* nos aparece como a seqüência lógica do processo histórico do Cristianismo. A revolução cristã, que minou a estrutura de injustiças do mundo clássico e preparou o advento do mundo contemporâneo através do Renascimento e da Revolução Francesa, renova-se e amplia-se

na conquista desta nova concepção do homem e do mundo que a Parapsicologia nos propõe. Não nos esqueçamos de que, segundo Wilhelm Dilthey e Whitehead, o milênio medieval não foi mais do que a preparação do Renascimento, predispondo o homem para a volta à cultura clássica, mas através do enriquecimento conceptual do Cristianismo. *Psi* prossegue essa revolução ao provar cientificamente a transcendência do homem.

Estamos no fim de outra fase de preparação histórica. O processo dialético se evidencia novamente: à fase teológica do medievalismo (com acentuação metafísica) sucede a fase positiva da era científica. Aquela preparou o advento da razão, esta prepara o advento da intuição. Às formas fragmentárias — porque racionais, analíticas, da percepção e do conhecimento — sucedem-se as formas *gestálticas* da percepção intuitiva que proporcionam o conhecimento global. Passamos da tese teológico-metafísica à antítese científico-positiva, e desta à síntese psicológica que se inicia com as investigações da Parapsicologia. Aos três estados da lei positivista de Augusto Comte o Prof. Rhine acrescenta o *estado psicológico*, com a descoberta científica das *funções psi*, repetindo o gesto de Kardec em abril de 1868, como se pode ver na "Revue Spirite".

*

X - PSI e a civilização do espírito

O Cristianismo é uma revolução em marcha. Sua finalidade é instituir na Terra o Reino de Deus. O manifesto do Reino é o Sermão da Montanha. Mas como chegar à realização desse manifesto na ordem social, quando nos afastamos do seu princípio básico que é a natureza espiritual do homem? A partir da pregação de Jesus a revolução cristã se desencadeou. Não demorou muito e punha abaixo o mundo clássico greco-romano para iniciar uma nova ordem. Essa nova ordem começava por um longo processo histórico de fusão conceptual. Daí o caldeirão medieval de que fala Dilthey, em que a concepção greco-romana do mundo se fundiu lentamente com a concepção judeu-cristã. Arnold Toynbee coloca o problema em termos de física ondulatória: fusão da onda grega com a onda siríaca.

Victor Hugo já o dissera, no prefácio de *Cromwell*: "Uma religião espiritual, suplantando o paganismo material e exterior, se infiltra no coração da sociedade antiga, mata-a e sobre o cadáver de uma civilização decrépita depõe o germe da civilização moderna". Nada mais claro e mais preciso. O Cristianismo se infiltra na velha estrutura minando-lhe os alicerces. Quando sopra a tempestade bárbara o Império não resiste. Mas em meio à ruína total alguma coisa se mantém firme e vai dirigir o caos; é a estrutura político-religiosa da Igreja, que se apresenta como síntese formidável das conquistas do passado. Encarna a estrutura imperial romana, o monoteísmo judaico e o politeísmo mitológico, a dogmática do mosaísmo e o racionalismo grego, o direito romano e a mística evangélica.

Delta histórico em que deságuam e se misturam os rios das diversas civilizações, o Cristianismo é o momento de sístole da evolução humana. Por isso mesmo se apresenta terrível e contraditório. É o *point d'optique* da expressão hugoana, em que "tudo o que existe no mundo, na história, na vida, no homem, tudo pode e deve ali se refletir, mas sob a vara mágica da arte". O

desespero judaico e o trágico grego se misturam à esperança cristã da salvação, e dolorosamente se funde a concepção romântica do mundo que florescerá na galanteria cavalheiresca e eclodirá em frutos no Renascimento. A Reforma e a Contra-Reforma assinalam o momento da diástole histórica do Cristianismo, o conflito fecundo em que o germe se rompe para que a germinação se realize. Morre o grão de trigo, segundo a expressão evangélica, para multiplicar-se na colheita futura.

A civilização contemporânea é ainda um momento da diástole. Mas os sinais da sístole já são visíveis. Na diástole o Cristianismo alienou-se, fragmentou-se e perdeu-se no mundo. Mas o fez para conquistá-lo. Na verdade ele apenas continuou a infiltrar-se nas estruturas arcaicas, mas agora para apossar-se delas, dominá-las e fundi-las preparando o Reino de Deus. O racionalismo nos deu as Ciências, que superaram as superstições mitológicas e quiseram reduzir o mundo a uma equação matemática. O homem se transformou em número — não o fecundo número pitagórico, mas a fria e estéril cifra do economismo utilitarista — e esse número passou a existir em termos de soma, multiplicação, subtração e divisão. A qualidade desapareceu alienada na quantidade. Mas como a qualidade é substância e a quantidade é apenas atributo, a primeira voltará a se impor.

A sístole cristã é o momento de volta à qualidade, à essência, ao Ser, ao homem como homem e não como número, ao homem como espírito e não como acidente biológico. O racionalismo se salva da alienação quantitativa superando suas próprias limitações através do avanço científico. É por isso que o rompimento da concepção física do mundo se verifica no próprio campo da Física: os números se opõem ao homem e o definem como o anti-número, da mesma maneira por que o mundo, na concepção sartreana, se opõe à consciência e a define como não-mundo. Nas ciências psicológicas esse fato se patenteia de maneira dramática através das experiências quantitativas da Parapsicologia. O método fragmentário conduz à reunificação do objeto, as provas quantitativas reafirmam a qualidade una do psiquismo. Isso é o que permite a Rhine proclamar que a Parapsicologia devolve à Psicologia o *seu objeto perdido*.

É assim que vemos o retorno do homem a si mesmo através da descoberta parapsicológica de suas *funções psi*. Torna-se agora possível, não apenas em sentido individual, mas no sentido coletivo, obedecer à ordem do Oráculo de Delfos — "conhece-te a ti mesmo". *Psi*, essa espécie de mistério moderno, racionalmente definido por uma letra grega, surge como nova esfinge no caminho de Édipo. Por isso muitos a temem, outros zombam dela, outros querem negá-la, outros reduzir a sua significação ao mínimo possível e outros, ainda, simplesmente desviá-la do caminho. Mas eis que ela está aqui, diante de nós, irremediável e irrevogavelmente. Não há como escapar ao seu fascínio. Denis de Rougemont disse que o Cristianismo primitivo aprendeu a falar grego para cumprir sua missão universal. O mundo moderno será espiritualmente alfabetizado por uma letra grega.

A importância de *psi*, como se vê, é fundamental para o momento de transição que estamos vivendo. A demonstração científica da natureza espiritual do homem, ainda apenas em início, mas já suficientemente realizada pela investigação parapsicológica, abre a possibilidade de interpretação científica

dos princípios evangélicos. Surge, não somente no plano da cogitação filosófica, mas na polaridade teórico-prática das ciências modernas — a hipótese parapsíquica como potência atualizada na experimentação — a possibilidade de construção de uma civilização do espírito que superará as limitações da civilização materialista do presente. O homem-cósmico da astronáutica é também o homem psíquico das *funções psi*. E é graças a essa verdadeira ação de pinça — o ataque sincrônico através da Física e da Psicologia — que o arcabouço materialista cederá mais rápido do que o supõem os seus defensores.

O mundo consciencial ou a *República dos Espíritos* que René Hubert proclama, na corrente néo-kantiana do relativismo-crítico, já não se assemelha à República de Platão mas a um resultado fatal do processo dialético hegeliano. Este processo, por sua vez, revela a sua mola oculta, que o Marxismo e o Existencialismo sartreano ignoraram: é o elã vital bergsoniano em trânsito psíquico através das formas orgânicas. A Parapsicologia animal revela a identidade psíquica do reino biológico, quebrando mais uma vez a aparente dicotomia cartesiana. As *funções psi* dos animais se elevam no plano hominal, onde a conquista e a elaboração da razão as enriquecem, predispondo-as à criação do novo tipo de racionalismo com que precognitivamente sonharam os escolásticos: o *racionalismo-fideísta*, signo sob o qual se desenvolverá a Civilização do Espírito.

Mas o que podemos entender por esse tipo de civilização? O racionalismo-fideísta é a síntese da razão e da fé, a unificação do espírito. O homem dividido reencontra a sua metade perdida, segundo o mito platônico. O amor então se realiza na plenitude do espírito. Se o homem racional era incerteza e desespero, conquista e ganância, em oposição ao homem de fé, que era acomodação e espera, mortificação e medo, o novo homem espiritual será compreensão e esperança, na percepção intuitiva das suas potencialidades, o que vale dizer da sua perfectibilidade. O desabrochar das *funções psi* o terá sobrelevado às contradições da dialética evolutiva.

Não se trata de um simples sonho, pois são as próprias investigações científicas que abrem essas perspectivas para o nosso século. Estamos no limiar de um mundo renovado pelo poder do espírito, que é o construtor das civilizações.

*

XI - PSI e o desenvolvimento moral

A investigação das *funções psi* tem as conseqüências inevitáveis de um mergulho nas profundezas do psiquismo. Alguns parapsicólogos de tipo fanaticamente científico não querem reconhecer esse fato e protestam contra as ilações de Rhine no campo das conseqüências morais, sociais, políticas e ideológicas da Parapsicologia. Mas o que mais valoriza o trabalho de Rhine e seu grupo é exatamente a amplitude de vistas que o caracteriza. Rhine não é apenas um pesquisador, é também um pensador. E um pensador capaz de tratar os resultados de suas experiências não apenas de maneira matemática e lógica, mas também emocional.

É precisamente nesse ponto que o carro pega, segundo alegam os seus adversários. Porque um cientista deve ser frio, racional e não emotivo. Deve

ser sobretudo positivo, não passar além daquilo que os dados da experiência objetivamente oferecem ao seu exame. Essa é a mentalidade típica do mecanicismo. O cientista apresentado como uma espécie de *robot*, de homem metálico que abdica da parte fundamental de sua natureza humana para funcionar como diafragma de máquina fotográfica. Rhine não é assim nem deseja parecer assim. Como Einstein, tem a coragem de sentir febre diante das conclusões da sua pesquisa.

Em seu livro *The Reach of the Mind*, apresentando os resultados de mais de quinze anos de investigação, começa por colocar o que chama, com muita razão, "o problema central do homem". Sua primeira frase é socrática: "Vós e eu, os seres humanos, o que somos?" E ele mesmo responde: "Ninguém o sabe". A seguir exclama: "É quase incrível essa ignorância do conhecedor a respeito dele mesmo!" Sim, porque o homem é um conhecedor insaciável que estende a sua curiosidade em todas as direções, que tudo conquista e domina, menos a si mesmo. O que leva Rhine a advertir: "Os historiadores do século XXI ficarão assombrados ao constatarem que o homem demorou tanto em concentrar as suas investigações sobre o problema da sua própria essência".

Mais assombrados ficarão ao se lembrarem de que Sócrates já proclamava a necessidade do *conhecer-se a si mesmo* antes do *conhecer o mundo*. A pesquisa científica de *psi* não pode, por isso, limitar-se à zona periférica das percepções. Deve aprofundar-se, como o faz Rhine, em termos de estrutura e essência. Inútil criticá-lo por isso. O processo de investigações *psi*, uma vez desencadeado, terá forçosamente de prosseguir até às suas últimas conseqüências. E as últimas conseqüências, tanto na prática científica quanto na cogitação filosófica, tanto na experiência quanto no pensamento — na ordem empírica e na racional — são sempre de sentido moral.

Rhine acentua este aspecto contraditório do nosso tempo: enquanto nas Faculdades de Teologia preparam-se jovens pregadores instruídos em velhos princípios de fé, nas Faculdades de Medicina, a poucos metros de distância das primeiras, formam-se jovens médicos instruídos nos princípios da descrença. E ambos, o sacerdote e o médico vão operar no meio social, muitas vezes encontrando-se aos pés do mesmo leito, cada um com sua verdade particular, oposta e irreduzível à verdade do outro. O mesmo enfermo, entretanto, aceita e ajusta as duas verdades diante dos dois perigos que enfrenta: o da morte e o da sobrevivência.

A incapacidade da Ciência para provar que o homem é apenas corpo só encontra equivalente na incapacidade da Religião para provar que o homem é espírito. Nada mais justo que nessa situação de conflito insanável o Existencialismo sartreano nos proponha a moral da ambigüidade. Moral, aliás, que antes de sua formulação por Simone de Beauvoir já superava na prática os antigos padrões morais derruídos ao impacto das transformações sociais e culturais. Acusado de espiritualismo, no sentido de preconceito prejudicial à investigação científica, Rhine responde com a colocação das cartas na mesa. Literal e efetivamente é essa a sua atitude. As cartas e os dados sobre a mesa para que o problema seja solucionado nos termos da evidência cartesiana.

No final de *The Reach of the Mind* declara serenamente: "Se as futuras descobertas excluïrem toda possibilidade de aceitaçãõ da hipótese da sobrevivência podemos antecipar, com segurança, que o desaparecimento das teorias de toda a espécie sobre a ressurreiçãõ não seria mais lamentável que o da existência dos antigos anjos alados, ou o da velha doutrina do enxofre entre os intelectuais das escolas teológicas de hoje". As conseqüências morais que Rhine pretende tirar da investigação de *psi* não são de ordem espiritualista ou materialista, mas de ordem real ou verídica. O que importa não é a posição mental diante dos fatos, mas a realidade das comprovações. Porque tanto é prejudicial, do ponto-de-vista científico, o preconceito espiritualista quanto o materialista. Ambos, como assinala Ernst Cassirer, acabam por fazer os fatos empíricos deitarem no leito de Procusto das simples teorias.

A verdade, portanto, e não as suposições — a verdade que ressalte dos fatos — eis o que importa. E essa verdade, como o demonstra Rhine, já não admite contradições no estado atual das investigações parapsicológicas. Quando publicou o livro a que aludimos, as investigações ainda não haviam atingido o desenvolvimento de hoje. Mas assim mesmo Rhine podia afirmar que "as experiências de ESP e PK demonstram que a mente está livre das leis físicas". E acrescentava: "Estas investigações oferecem a única comprovaçãõ indiscutível que pode contribuir para a soluçãõ do problema da liberdade moral".

A conclusãõ de Rhine é um anúncio dos novos tempos. É um programa do Reino, que renova em bases científicas o manifesto do Sermão da Montanha. A descoberta das *funções psi* e de seu alcance oferece bases experimentais para a formulaçãõ de uma nova moral. Não a moral ambígua destes tempos de incertezas e de contradições, mas a moral positiva dos tempos que já se abrem diante de nós, a moral apoiada no conhecimento da natureza extrafísica do homem. Uma coisa é a crença nessa natureza, outra coisa, e bem diversa, é a certeza científica. Como dizia Denis Bradley: "Afirmar *eu creio* não é o mesmo que afirmar *eu sei*". Por isso *psi* se apresenta no quadro científico do nosso tempo como o resgate moral da Ciência e portanto da razão. A malsinada razão atinge em *psi* o momento de afirmar a sua vitória decisiva, superando a si mesma. Dessa vitória e dessa superaçãõ resulta a *moral psi* que, na precogniçãõ de Rhine, estruturará o novo mundo.

Muitos perguntam o que entendemos por uma razão que supera a si mesma. Basta olhar para a graduaçãõ do processo racional em nosso mundo para ter a resposta. Vamos da razão da ignorância à razão da astúcia (a chamada razão diabólica), até à razão do sábio. Mas acima desta existe a razão do sábio-santo, que é o verdadeiro sábio, a razão iluminada pela intuiçãõ e a fé.

Porque a razão é a experiência vital dinamizada no espírito em forma de categorias mentais. Essa experiência e suas categorias dinâmicas se elevam ao plano da intuiçãõ e com ela se fundem na visãõ global e endopática do todo. A razão que supera a si mesma é a que rompe os limites sensoriais e se eleva além do tempo e do espaço nas asas de *psi*.

XII - PSI e o problema da crença

Ao estudar as relações de *psi* com o problema da crença tocamos inevitavelmente na velha questão da origem das religiões. O que são as religiões primitivas, senão simples crenças? Mas de onde provêm essas formas de crença, tão difundidas que tanto as encontramos nas regiões polares quanto nas zonas tropicais, nas épocas remotas, reveladas pela paleontologia, quanto na atualidade? Como sabemos, a tese da chamada antropologia inglesa, a partir de Tylor e Spencer, é a da excitação da imaginação primitiva pelo mistério do mundo. Mas há uma tese contrária, além da teológica. É a dos antropólogos espiritualistas como André Lang, Max Freedom Long, Cesare de Vesme, Ernesto Bozzano que situam no plano da fenomenologia supranormal o problema da crença na sobrevivência.

Particularmente importante, para o estudo do caso, é o livro de *Bozzano, Popoli Primitivi e Manifestazioni Supernormali*, que ainda em 1946 foi reeditado por Edizioni Europa, de Verona, com introdução de Gastone de Boni. Importante porque Bozzano apresenta uma sinopse do problema, acrescentando informações valiosas sobre as investigações de Freedom Long entre as tribos da Polinésia e enriquecendo o volume com numerosos casos que equivalem a demonstrações positivas de suas próprias conclusões. Discípulo de Spencer, a quem presta homenagem no texto, Bozzano chega mesmo a propor uma extensão da teoria spenceriana, de maneira curiosa mas rigorosamente lógica, ampliando as proposições sensoriais do mestre no plano da percepção extra-sensorial.

A unanimidade esmagadora da crença na sobrevivência por todos os povos do mundo, em todas as fases da História, bastaria para nos indicar a origem natural dessa crença. A tese teológica, endossada pela proposição cartesiana da idéia inata de Deus, não tem condições para enfrentar as exigências científicas modernas. Mas a tese paranormal ou supranormal de Bozzano enquadra-se nessas exigências, encontrando possibilidades de comprovação experimental no campo das atuais investigações parapsicológicas. Consideradas as *funções psi* como naturais, como faculdades comuns da espécie humana, compreende-se que as suas manifestações nos povos primitivos dessem motivo à crença na sobrevivência. Essa crença, como o afirma Bozzano, não teve a sua possível origem na simples imaginação — tanto mais que a imaginação primitiva não parece susceptível de ilações abstratas dessa natureza — mas na realidade objetiva dos fatos, dos fenômenos paranormais.

Richet propôs no *Traité de Metapsychique* a teoria do condicionamento da percepção extra-sensorial, à crença. Soal comprovou em experiências de voz-direta, realizadas em Cambridge, a importância desse possível condicionamento. Mas o fato de haver a sujeição de determinados *fenômenos psi* à crença dos sensitivos não nega a validade dos mesmos. Pelo contrário, esse fato coloca imediatamente o problema da origem da crença, mostrando a relação direta desta com as *funções psi*. O sensitivo católico, por exemplo, que ao perceber uma visão extrafísica luminosa empresta-lhe as características do santo de sua devoção, ou o sensitivo espírita que lhe dá a forma de um espírito de pessoa sua conhecida estão condicionados pela crença. Mas essa crença, por sua vez, tem um condicionamento de origem, pois surgiu no passado em

virtude da existência dos *fenômenos psi* e posteriormente se desenvolveu no processo natural de racionalização das experiências.

Não estamos, é evidente, diante de uma nova questão de prioridade, semelhante à do ovo e da galinha, porque neste caso a crença requer um motivo para formar-se. Ao mesmo tempo o motivo está suficientemente demonstrado na própria investigação histórica, uma vez que a manifestação do paranormal é um fato histórico inegável. Assim as *funções psi*, agora cientificamente demonstradas, como manifestações de faculdades naturais do homem (e até mesmo dos animais) modificam a nossa posição diante do problema da origem das religiões. Essa modificação é de tal importância que vale, como o demonstrou Bozzano, por uma revisão da escola antropológica inglesa à luz das novas conquistas da Ciência.

Seria temerário afirmarmos, segundo o argumento ontológico, que a idéia de Deus nos prova a sua existência porque corresponde a uma percepção extra-sensorial do Ser Supremo. Não se pode dizer que *psi* confirma a Teologia, o que seria absurdo. Mas é evidente que *psi* confirma a origem empírica da crença e conseqüentemente a origem natural da religião. As conseqüências deste fato são de tal alcance que bastariam para justificar a investigação dos *fenômenos psi*. Diante da realidade extrafísica demonstrada pela Parapsicologia, a posição do homem no Universo modifica-se fundamentalmente. Já não podemos pensar na vida humana como uma ocorrência efêmera e sem sentido na ordem natural, uma vez que ela revela possuir um substrato de natureza transcendente, ou em última instância ser esse próprio substrato. Assim as aspirações universais de transcendência do homem impõem-se ao nosso raciocínio com a força das constatações objetivas.

Este problema nos leva a considerar em maior amplitude a tese de Rhine referente à polaridade dos *fenômenos psi*. Se a percepção extra-sensorial é o pólo subjetivo desses fenômenos e a psicocinesia é o seu pólo objetivo, então o problema da crença deixa de ser apenas subjetivo. A posição individual do homem diante da possibilidade de existência de formas de vida superiores, não materiais, passa imediatamente para o plano das experiências coletivas.

Explica-se dessa maneira a passagem histórica da crença, como fenômeno individual, de ordem psicológica, para o plano social e portanto para a ordem lógica. Noutras palavras: a crença deixa de ser uma posição pessoal da mente diante da experiência individual para se transformar no processo de racionalização religiosa, consubstanciando-se nos dogmas de fé. Temos assim a polaridade de Rhine no plano histórico: a crença como o pólo subjetivo da percepção do Universo extrafísico e a religião como o seu pólo objetivo, aquele em que a realidade abstrata se concretiza no plano social.

Lembremos um exemplo. Tales de Mileto afirmava: "O mundo é pleno de deuses", ou seja, é cheio de deuses. A afirmação decorria de uma crença ou de uma visão paranormal? Tales via os deuses ou apenas aceitava a tradição mitológica? (Deuses eram todas as entidades espirituais, pois sua condição era divina, superava a condição humana.) Pelo que sabemos dele, não era um homem de crenças. Sócrates ouvia o seu *daemon* ou gênio e contradizia as crenças do seu tempo. Ambos estavam diante de fatos positivos, de rea-

lidades transcendentas mas objetivas (como são objetivos os elementos abstratos da Matemática e da Lógica) e revelavam o que percebiam pelos seus próprios sentidos físicos, os olhos de um e os ouvidos do outro.

Dessa experiência sensorial (pois o extra-sensório se traduzia em percepções sensoriais) ambos Tales e Sócrates, elaboraram novas crenças. A percepção do Universo extrafísico se traduziu, para ambos, nas formas subjetivas da crença. Mas quando Tales e Sócrates quiseram concretizar suas crenças no plano social, em forma de novas religiões, tiveram de enfrentar a reação da religião dominante.

O problema da polaridade de *psi* se torna bem claro nesse exemplo: a crença é o pólo subjetivo do fenômeno religioso e a religião (como estrutura social) o seu pólo objetivo.

*

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

INTERVENÇÃO DOS ESPÍRITOS NO MUNDO CORPÓREO

I – PENETRAÇÃO DO NOSSO PENSAMENTO PELOS ESPÍRITOS

456. Os Espíritos vêem tudo o que fazemos?

– Podem vê-lo, pois estais incessantemente rodeados por eles. Mas cada um só vê aquelas coisas a que dirige a sua atenção, porque eles não se ocupam das que não lhes interessam.

457. Os Espíritos podem conhecer os nossos pensamentos mais secretos?

– Conhecem, muitas vezes, aquilo que desejaríeis ocultar a vós mesmos; nem atos, nem pensamentos podem ser dissimulados para eles.

457-a. Assim sendo, pareceria mais fácil ocultar-se uma coisa a uma pessoa viva, pois não o podemos fazer a essa mesma pessoa pois de morta?

– Certamente, pois quando vos julgais bem escondidos, tendes muitas vezes ao vosso lado uma multidão de Espíritos que vos vêem.

458. Que pensam de nós os Espíritos que estão ao nosso redor e nos observam?

– Isso depende. Os Espíritos levianos riem das pequenas traquinices que vos fazem, e zombam das vossas impaciências. Os Espíritos sérios lamentam as vossas trapalhadas e tratam de vos ajudar.

II – INFLUENCIA OCULTA DOS ESPÍRITOS SOBRE OS NOSSOS PENSAMENTOS E AS NOSSAS AÇÕES

459. Os Espíritos influem sobre os nossos pensamentos e as nossas ações?

– Nesse sentido a sua influência é maior do que supondes, porque muito freqüentemente são eles que vos dirigem.

460. Temos pensamentos próprios e outros que nos são sugeridos?

– Vossa alma é um Espírito que pensa; não ignorais que muitos pensamentos vos ocorrem, a um só tempo, sobre o mesmo assunto e freqüentemente bastante contraditórios. Pois bem: nesse conjunto há sempre os vossos e os nossos, e é isso o que vos deixa na incerteza, porque tendes em vós duas idéias que se combatem.

461. Como distinguir os nossos próprios pensamentos dos que nos são sugeridos?

– Quando um pensamento vos é sugerido, é como uma voz que vos fala. Os pensamentos próprios são, em geral, os que vos ocorrem no primeiro impulso. De resto, não há grande interesse para vós nessa distinção, e é freqüentemente útil não o saberdes: o homem age mais livremente; se decidir pelo bem, o fará de melhor vontade; se tomar o mau caminho, sua responsabilidade será maior.

462. Os homens de inteligência e de gênio tiram sempre suas idéias de si mesmos?

– Algumas vezes as idéias surgem de seu próprio Espírito, mas frequentemente lhes são sugeridas por outros Espíritos, que os julgam capazes de as compreender e dignos de as transmitir. Quando eles não as encontram em si mesmos, apelam para a inspiração; é uma evocação que fazem, sem o suspeitar.

Se fosse útil que pudéssemos distinguir claramente os nossos próprios pensamentos daqueles que nos são sugeridos, Deus nos teria dado o meio de fazê-lo, como nos deu o de distinguir o dia e a noite. Quando uma coisa permanece vaga é que assim deve ser para o nosso bem.

463. Diz-se algumas vezes que o primeiro impulso é sempre bom; isto é exato?

– Pode ser bom ou mau, segundo a natureza do Espírito encarnado. É sempre bom para aquele que ouve as boas inspirações.

464. Como distinguir se um pensamento sugerido vem de um bom ou de um mau Espírito?

– Examinai-o: os bons Espíritos não aconselham senão o bem: cabe a vós distinguir.

465. Com que fim os Espíritos imperfeitos nos induzem ao mal?

– Para vos fazer sofrer como eles.

465-a. Isso lhes diminui os sofrimentos?

– Não, mas eles o fazem por inveja dos seres mais felizes.

465-b. Que espécie de sofrimentos querem fazer-nos provar?

– Os que decorrem de pertencer a uma ordem inferior e estar distante de Deus.

466. Por que permite Deus que os Espíritos nos incitem ao mal?

– Os espíritos imperfeitos são os instrumentos destinados a experimentar a fé e a constância dos homens no bem. Tu, sendo Espírito, deves progredir na ciência do infinito, e é por isso que passas pelas provas do mal até chegar ao bem. Nossa missão é a de te pôr no bom caminho, e quando más influências agem sobre ti, és tu que as chamas, pelo desejo do mal, porque os Espíritos inferiores vêm em teu auxílio no mal, quando tens a vontade de o cometer; eles não podem ajudar-te no mal, senão quando tu desejas o mal. Se és inclinado ao assassinio, pois bem! Terás uma nuvem de Espíritos que entreterão esse pensamento em ti; mas também terás outros, que tratarão de influenciar para o bem, o que faz que se reequilibre a balança e te deixe senhor de ti.

É assim que Deus deixa à nossa consciência a escolha da rota que devemos seguir, e a liberdade de ceder a uma ou a outra das influências contrárias que se exercem sobre nós.

467. Pode o homem se afastar da influência dos Espíritos que o incitam ao mal?

– Sim, porque eles só se ligam aos que os solicitam por seus desejos ou os atraem por seus pensamentos.

468. Os Espíritos cuja influência é repelida pela vontade do homem renunciam às suas tentativas?

– Que queres que eles façam? Quando nada têm a fazer, abandonam o campo. Não obstante, espreitam o momento favorável, como o gato espreita o rato.

469. Por que meio se pode neutralizar a influência dos maus Espíritos?

– Fazendo o bem e colocando toda a vossa confiança em Deus, repelis a influência dos Espíritos inferiores e destróis o império que desejam ter sobre vós. Guardai-vos de escutar as sugestões dos Espíritos que suscitam em vós os maus pensamentos, que insuflam a discórdia e excitam em vós todas as más paixões. Desconfiai sobretudo dos que exaltam o vosso orgulho, porque eles atacam na vossa fraqueza. Eis porque Jesus voz faz dizer na oração dominical: "Senhor não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal!"

470. Os Espíritos que procuram induzir-nos ao mal, e que assim põem à prova a nossa firmeza no bem, receberam a missão de o fazer, e se é uma missão que eles cumprem, terão responsabilidade nisso?

– Nenhum Espírito recebe a missão de fazer o mal; quando ele o faz, é pela sua própria vontade e conseqüentemente terá de sofrer as conseqüências. Deus pode deixá-lo fazer para vos provar, mas jamais o ordena, e cabe a vós repeli-la.

471. Quando experimentamos um sentimento de angústia, de ansiedade indefinível, ou de satisfação interior sem causa conhecida, isso decorre unicamente de uma disposição física?

– É quase sempre um efeito das comunicações que, sem o saber, tivestes com os Espíritos, ou das relações que tivestes com eles durante o sono.

472. Os Espíritos que desejam incitar-nos ao mal limitam-se a aproveitar as circunstâncias?

– Eles aproveitam a circunstância, mas freqüentemente a provocam, empurrando-vos sem o perceberdes para o objeto da vossa ambição. Assim, por exemplo, um homem encontra no seu caminho uma certa quantia: não acrediteis que foram os Espíritos que puseram o dinheiro ali, mas eles podem dar ao homem o pensamento de se dirigir naquela direção, e então lhe sugerem apoderar-se dele, enquanto outros lhe sugerem devolver o dinheiro ao dono. Acontece o mesmo em todas as outras tentações.

III – POSSESSOS

473. Pode um Espírito, momentaneamente, revestir-se do invólucro de uma pessoa viva, quer dizer, introduzir-se num corpo animado e agir em substituição ao Espírito que nele se encontra encarnado?

– O Espírito não entra num corpo como entras numa casa; ele se assimila a um Espírito encarnado que tem os seus mesmos defeitos e as suas mesmas qualidades, para agir conjuntamente; mas é sempre o Espírito encar-

nado que age como quer sobre a matéria de que está revestido. Um Espírito não pode substituir-se ao que se acha encarnado, porque o Espírito e o corpo estão ligados até o tempo marcado para o termo da existência material.

474. Se não há possessão propriamente dita, quer dizer, coabitação de dois Espíritos no mesmo corpo, a alma pode encontrar-se na dependência de um outro Espírito, de maneira a se ver por ele subjugada ou obsedada, ao ponto de ser a sua vontade, de alguma forma, paralisada?

– Sim, e são esses os verdadeiros possessos; mas fica sabendo que essa dominação não se efetua jamais sem a participação daquele que sofre, seja por fraqueza, seja pelo seu desejo. Frequentemente se têm tomado por possessos criaturas epiléticas ou loucas, que mais necessitavam de médico do que de exorcismo.

A palavra possesso, na sua acepção vulgar, supõe a existência de demônios, ou seja, de uma categoria de seres de natureza má, e a coabitação de um desses seres com a alma, no corpo de um indivíduo. Mas, como não há demônios nesse sentido, e como dois Espíritos não podem habitar simultaneamente o mesmo corpo, também não há possessos, segundo as idéias ligadas a essa palavra. Pela expressão possesso não se deve entender senão a dependência absoluta da alma em relação a Espíritos imperfeitos que a subjuguem.

475. Pode uma pessoa, por si mesma, afastar os maus Espíritos e se libertar do seu domínio?

– Sempre se pode sacudir um jugo, quando se tem uma vontade firme.

476. Não pode acontecer que a fascinação exercida por um mau Espírito seja tal, que a pessoa subjugada não a perceba? Então, uma terceira pessoa pode fazer cessar a sujeição, e, nesse caso, que condição deve ela preencher?

– Se for um homem de bem, sua vontade pode ajudar, apelando para o concurso dos bons Espíritos, porque quanto mais se é um homem de bem, mais poder se tem sobre os Espíritos imperfeitos, para os afastar, e sobre os bons, para os atrair. Não obstante, essa terceira pessoa seria impotente se aquele que está subjugado não se prestasse a isso, pois há pessoas que se comparam numa dependência que satisfaz os seus gostos e os seus desejos. Em todos os casos, aquele que não tem o coração puro não pode ter nenhuma influência; os bons Espíritos o desprezam e os maus não o temem.

477. As fórmulas de exorcismo têm qualquer eficácia contra os maus Espíritos?

– Não; quando esses Espíritos vêm alguém tomá-las a sério, riem e se obstinam.

478. Há pessoas animadas de boas intenções e nem por isso menos obsedadas; qual o melhor meio de se livrarem dos Espíritos obsessores?

– Cansar-lhes a paciência, não dar nenhuma atenção às suas sugestões, mostrar-lhes que perdem tempo; então, quando eles vêm que nada têm a fazer, se retiram.

479. A prece é um meio eficaz para curar a obsessão?

– A prece é um poderoso socorro para todos os casos, mas saibei que não é suficiente murmurar algumas palavras para obter o que se deseja. Deus assiste aos que agem, e não aos que se limitam a pedir. Cumpre, portanto, que o obsedado faça, de seu lado, o que for necessário para destruir em si mesmo a causa que atrai os maus Espíritos.

480. Que se deve pensar da expulsão dos demônios, de que se fala no Evangelho?

– Isso depende da interpretação. Se chamais demônio a um mau Espírito que subjuga um indivíduo, quando a sua influência for destruída ele será verdadeiramente expulso. Se atribuíis uma doença ao demônio, quando a tiverdes curado direis também que expulsastes o demônio. Uma coisa pode ser verdadeira ou falsa, segundo o sentido que se der às palavras. As maiores verdades podem parecer absurdas, quando não se olha senão para a forma e quando se toma a alegoria pela realidade. Compreendei bem isto e procurai retê-lo, que é de aplicação geral.

IV – CONVULSIONÁRIOS

481. Os Espíritos desempenham algum papel nos fenômenos que se produzem entre os indivíduos chamados convulsionários?

– Sim, e muito grande, como também o magnetismo, que é a sua primeira fonte. Mas o charlatanismo tem frequentemente explorado e exagerado os seus efeitos, o que os pôs em ridículo.

481-a. De que natureza são, em geral, os Espíritos que concorrem para essa espécie de fenômenos?

– Pouco elevados; acreditais que Espíritos superiores perdessem tempo com tais coisas?

482. Como o estado anormal dos convulsionários e dos nervosos pode estender-se subitamente a toda uma população?

– Efeito simpático. As disposições morais se comunicam mais facilmente em certos casos; não sois tão alheios aos efeitos magnéticos para não compreender esse fato e a parte que alguns Espíritos devem nele tomar, por simpatia pelos que os provocam. (Esta resposta dos Espíritos lembra a Kardec os estudos magnéticos a que se dedicara longamente, antes do Espiritismo, e que lhe serviram, como se vê, de preparação para o desempenho da sua missão de pesquisador e codificador. (N. do Tradutor)

Entre as faculdades estranhas que se notam nos convulsionários, reconhecemos facilmente algumas de que o sonambulismo e o magnetismo oferecem numerosos exemplos: tais são, entre outras, a insensibilidade física, a leitura do pensamento, a transmissão simpática de dores, etc. Não se pode duvidar que esses indivíduos em crise estejam numa espécie de estado sonambúlico desperto, provocado pela influência que exercem uns sobre os outros. Eles são, ao mesmo tempo, magnetizadores e magnetizados, sem o saber.

483. Qual a causa da insensibilidade física que se verifica, seja entre certos convulsionários, seja entre outros indivíduos submetidos às torturas mais atrozes?

– Entre alguns é um efeito exclusivamente magnético, que age sobre o sistema nervoso da mesma maneira que certas substâncias. Entre outros, a exaltação do pensamento embota a sensibilidade, pelo que a vida parece haver-se retirado do corpo e se transportado ao Espírito. Não sabeis que, quando o Espírito está fortemente preocupado com uma coisa, o corpo não sente, não ouve e não vê?

A exaltação fanática e o entusiasmo oferecem muitas vezes, nos casos de suplício, o exemplo de uma calma e de um sangue frio que não poderiam triunfar de uma dor aguda, se não se admitisse que a sensibilidade foi neutralizada por uma espécie de efeito anestésico. Sabe-se que, no calor do combate, freqüentemente não se percebe um ferimento grave, enquanto nas circunstâncias ordinárias uma arranhadura provoca tremores.

Desde que esses fenômenos dependem de uma causa física e da ação de certos Espíritos, pode-se perguntar como, em alguns casos, a autoridade os pode fazer cessar. A razão é simples. A ação dos Espíritos é secundária, eles nada mais fazem do que aproveitar uma disposição natural. A autoridade não pode suprimir essa disposição, mas a causa que a entretinha e exaltava; de ativa, ela a torna latente, e com razão para agir assim, porque o fato resultava em abuso e escândalo. Sabe-se, aliás, que essa intervenção é impotente, quando a ação dos Espíritos é direta e espontânea.

V – AFEIÇÃO DOS ESPÍRITOS POR CERTAS PESSOAS

484. Os Espíritos se afeiçoam de preferência a certas pessoas?

– Os bons Espíritos simpatizam com os homens de bem ou suscetíveis de progredir; os Espíritos inferiores, com os homens viciosos ou que podem viciar-se; daí o seu apego, resultante da semelhança de sensações.

485. A afeição dos Espíritos por certas pessoas é exclusivamente moral?

– A afeição verdadeira nada tem de carnal; mas quando um Espírito se apega a uma pessoa, nem sempre o faz por afeição, podendo existir no caso uma lembrança de paixões humanas.

486. Os Espíritos se interessam pelos nossos infortúnios e pela nossa prosperidade? Os que nos querem bem se afligem pelos males que experimentamos na vida?

– Os bons Espíritos fazem todo o bem que podem e se sentem felizes com as vossas alegrias. Eles se afligem com os vossos males, quando não os suportais com resignação, porque então esses males não vos dão resultados, pois procedeis como o doente que rejeita o remédio amargo destinado a curá-la.

487. Qual a espécie de mal que mais faz os Espíritos se afligirem por nós: o mal físico ou o moral?

– Vosso egoísmo e vossa dureza de coração: daí é que tudo deriva. Eles riem de todos esses males imaginários que nascem do orgulho e da ambição, e se rejubilam com os que têm por fim abreviar o vosso tempo de prova.

Os Espíritos, sabendo que a vida corporal é apenas transitória, e que as tribulações que a acompanham são meios de conduzir a um estado melhor, afligem-se mais pelas causas morais que podem distanciar-nos desse estado, do que pelos males físicos, que são apenas passageiros. O Espírito que vê nas aflições da vida um meio de adiantamento para nós, considera-as como a crise momentânea que deve salvar o doente. Compadece-se dos nossos sofrimentos como nos compadecemos dos sofrimentos de um amigo, mas vendo as coisas de um ponto de vista mais justo, aprecia-os de maneira diversa, e enquanto os bons reerguem a nossa coragem, no interesse do nosso futuro, os outros, tentando comprometê-lo, nos incitam ao desespero.

488. Nossos parentes e nossos amigos, que nos precederam na outra vida, têm mais simpatia por nós do que os Espíritos que nos são estranhos?

– Sem dúvida, e freqüentemente vos protegem como Espíritos, de acordo com o seu poder.

488-a. São eles sensíveis à afeição que lhes conservamos?

– Muito sensíveis, mas esquecem aqueles que os esquecem.

VI – ANJOS DA GUARDA, ESPÍRITOS PROTETORES FAMILIARES OU SIMPÁTICOS

489. Há Espíritos que se ligam a um indivíduo, em particular, para o proteger?

– Sim, **o irmão espiritual**; é o que chamais o **bom Espírito** ou o bom gênio.

490. Que se deve entender por anjo da guarda?

– O Espírito protetor de uma ordem elevada.

491. Qual a missão do Espírito protetor?

– A de um pai para com os filhos: conduzir o seu protegido pelo bom caminho, ajudá-lo com os seus conselhos, consolá-lo nas suas aflições, sustentar sua coragem nas provas da vida.

492. O Espírito protetor é ligado ao indivíduo desde o seu nascimento?

– Desde o nascimento até à morte, e freqüentemente o segue depois da morte, na vida espírita, e mesmo através de numerosas existências corpóreas, porque essas existências não são mais do que fases bem curtas da vida do Espírito.

493. A missão do Espírito protetor é voluntária ou obrigatória?

– O Espírito é obrigado a velar por vós porque aceitou essa tarefa, mas pode escolher os seres que lhes são simpáticos. Para uns, isso é um prazer; para outros, uma missão ou um dever.

493-a. Ligando-se a uma pessoa, o Espírito renuncia a proteger outros indivíduos?

– Não, mas o faz de maneira mais geral.

494. O Espírito protetor está fatalmente ligado ao ser confiado à sua guarda?

– Acontece freqüentemente que certos Espíritos deixam sua posição para cumprir diversas missões, mas nesse caso são substituídos.

495. O Espírito protetor abandona às vezes o protegido, quando este se mostra rebelde às suas advertências?

– Afasta-se, quando vê que os seus conselhos são inúteis e que é mais forte a vontade do protegido em submeter-se à influência dos Espíritos inferiores, mas não o abandona completamente e sempre se faz ouvir, é o homem quem lhe fecha os ouvidos. Ele volta, logo que chamado.

– Há uma doutrina que deveria converter os mais incrédulos, por seu encanto e por sua doçura: a dos anjos da guarda. Pensar que tendes sempre ao vosso lado seres que vos são superiores, que estão sempre ali para vos aconselhar, vos sustentar, vos ajudar a escalar a montanha escarpada do bem, que são amigos mais firmes e mais devotados que as mais íntimas ligações que se possam contrair na Terra, não é essa uma idéia bastante consoladora? Esses seres ali estão por ordem de Deus, que os colocou ao vosso lado; ali estão por seu amor, e cumprem junto a vós todos uma bela mas penosa missão. Sim, onde quer que estiverdes, vosso anjo estará convosco: nos cárceres, nos hospitais, nos antros do vício, na solidão, nada vos separa desse amigo que não podeis ver, mas do qual vossa alma recebe os mais doces impulsos e ouve os mais sábios conselhos.

Ah, por que não conheceis melhor esta verdade? Quantas vezes ela vos ajudaria nos momentos de crise; quantas vezes ela vos salvaria dos maus Espíritos! Mas, no dia decisivo, este anjo de bondade terá muitas vezes de vos dizer: “Não te avisei disso? E não o fizeste! Não te mostrei o abismo? E nele te precipitaste! Não fiz soar na tua consciência a voz da verdade, e não seguiste os conselhos da mentira?” Ah, interpelai vossos anjos da guarda, estabelecei entre vós e eles essa terna intimidade que reina entre os melhores amigos! Não penseis em lhes ocultar nada, pois eles são os olhos de Deus e não os podeis enganar! Considerai o futuro; procurai avançar nesta vida, e vossas provas serão mais curtas, vossas existências mais felizes. Vamos, homens, coragem! Afastai para longe de vós, de uma vez por todas, preconceitos e segundas intenções! Entrai na nova vida que se abre diante de vós, marchai, marchai! Tendes guias. segui-os: a meta não vos pode faltar porque essa meta é o próprio Deus.

Aos que pensassem ser impossível a Espíritos verdadeiramente elevados se restringirem a uma tarefa tão laboriosa, e de todos os instantes, diremos que influenciaremos as vossas almas embora estando a milhões de léguas de distância: para nós, o espaço não existe, e mesmo vivendo em outro mundo, nossos Espíritos conservam sua ligação convosco. Gozamos de faculdades que não podeis compreender, mas estai certos de que Deus não vos impôs

uma tarefa acima de vossas forças, nem vos abandonou sozinhos sobre a Terra, sem amigos e sem amparo.

Cada anjo da guarda tem o seu protegido e vela por ele, como um pai vela pelo filho. Sente-se feliz quando o vê no bom caminho, chora quando os seus conselhos são desprezados.

Não temais fatigar-nos com as vossas perguntas; permaneçei, pelo contrário, sempre em contato conosco: sereis então mais fortes e mais felizes. São essas comunicações de cada homem com o seu Espírito familiar que fazem médiuns a todos os homens, médiuns hoje ignorados, mas que mais tarde se manifestarão, derramando-se como um oceano sem bordas, para fazer refluir a incredulidade e a ignorância. Homens instruídos, instruí; homens de talento, educai os vossos irmãos. Não sabeis que obra assim realizais: é a do Cristo, a que Deus vos impõe. Por que Deus vos concedeu a inteligência e a ciência, se não para as repartirdes com vossos irmãos, para os adiantar na senda da ventura e da eterna bem-aventurança? – **São Luís, Santo Agostinho.**

A doutrina dos anjos da guarda velando pelos protegidos, apesar da distância que separa os mundos, nada tem que deva surpreender; pelo contrário, é grande e sublime. Não vemos sobre a Terra um pai velar pelo filho, ainda que esteja distante, e ajudá-lo com seus conselhos através da correspondência? Que haveria de admirar em que os Espíritos possam guiar, de um mundo ao outro, os que tomaram sob a sua proteção, pois se, para eles, a distância que separa os mundos é menor que a que divide os continentes, na Terra? Não dispõem eles do fluido universal, que liga todos os mundos e os torna solidários, veículo imenso da transmissão do pensamento, como o ar é para nós o veículo da transmissão do som?

496. O Espírito que abandona o seu protegido, não mais lhe fazendo o bem, pode fazer-lhe mal?

– Os bons Espíritos jamais fazem o mal; deixam que o façam os que lhes tomam o lugar, e então acusais a sorte pelas desgraças que vos oprimem enquanto a falta é vossa.

497. O Espírito protetor pode deixar o seu protegido à mercê de um Espírito que lhe quisesse mal?

– Existe a união dos maus Espíritos para neutralizar a ação dos bons, mas, se o protegido quisesse, daria toda força ao seu bom Espírito. Esse talvez encontre, em algum lugar, uma boa vontade a ser ajudada, e a aproveita, esperando o momento de voltar junto ao seu protegido.

498. Quando o Espírito protetor deixa o seu protegido se extraviar na vida, é por impotência para enfrentar os Espíritos maléficos?

– Não é por impotência, mas porque ele não o quer: seu protegido sai das provas mais perfeito e instruído, e ele o assiste com os seus conselhos, pelos bons pensamentos que lhe sugere, mas que infelizmente nem sempre são ouvidos. Não é senão a fraqueza, o desleixo ou o orgulho do homem que dão força aos maus Espíritos. Seu poder sobre vós só provém do fato de não lhes opordes resistência.

499. O Espírito protetor está constantemente com o protegido? Não existe alguma circunstância em que, sem o abandonar, o perca de vista?

– Há circunstâncias em que a presença do Espírito protetor não é necessária junto ao protegido.

500. Chega um momento em que o Espírito não tem mais necessidade do anjo da guarda?

– Sim, quando se torna capaz de guiar-se por si mesmo, como chega um momento em que o estudante não mais precisa de mestre. Mas isso não acontece na Terra.

501. Por que a ação dos Espíritos em nossa vida é oculta, e por que, quando eles nos protegem, não o fazem de maneira ostensiva?

– Se contásseis com o seu apoio, não agiríeis por vós mesmos e o vosso Espírito não progrediria. Para que ele possa adiantar-se, necessita de experiência, e em geral é preciso que a adquira à sua custa; é necessário que exerça as suas forças, sem o que seria como uma criança a quem não deixam andar sozinha. A ação dos Espíritos que vos querem bem é sempre regulada de maneira a vos deixar o livre arbítrio, porque se não tivésseis responsabilidade não vos adiantaríeis na senda que vos deve conduzir a Deus. Não vendo quem o ampare, o homem se entrega às suas próprias forças; não obstante, o seu guia vela por ele e de quando em quando o adverte do perigo,

502. O Espírito protetor que consegue conduzir o seu protegido pelo bom caminho experimenta com isso algum bem para si mesmo?

– É um mérito que lhe é levado em conta, seja para o seu próprio andamento, seja para sua felicidade. Ele se sente feliz quando vê os seus cuidados coroados de sucesso; é para ele um triunfo, como um preceptor triunfa com os sucessos do seu discípulo.

502-a. É ele responsável, quando não o consegue?

– Não, pois fez o que dele dependia.

503. O Espírito protetor que vê o seu protegido seguir um mau caminho, apesar dos seus avisos, não sofre com isso e não vê assim perturbada a sua felicidade?

– Sofre com os seus erros, e os lamenta, mas essa aflição nada tem das angústias da paternidade terrena, porque ele sabe que há remédio para o mal e que o que hoje não se fez, amanhã se fará.

504. Podemos sempre saber o nome do nosso Espírito protetor ou anjo da guarda?

– Como quereis saber nomes que não existem para vós? Acreditais então, que só existem os Espíritos que conheceis?

504-a. Como então o invocar, se não o conhecemos?

– Dai-lhe o nome que quiserdes, o de um Espírito superior pelo qual tendes simpatia e veneração; vosso Espírito protetor atenderá a esse apelo, porque todos os bons Espíritos são irmãos e se assistem mutuamente.

505. Os Espíritos protetores que tomam nomes comuns são sempre os de pessoas que tiveram esses nomes?

– Não, mas Espíritos que lhes são simpáticos e que muitas vezes vêm por sua ordem. Necessitais de um nome: então, eles tornam um que vos inspire confiança. Quando não podeis cumprir pessoalmente uma missão, enviais alguém de vossa confiança, que age em vosso nome.

506. Quando estivermos na vida espírita reconheceremos nosso Espírito protetor?

– Sim, pois freqüentemente o conhecestes antes da vossa encarnação.

507. Os Espíritos protetores pertencem todos à classe dos Espíritos superiores? Podem ser encontrados entre os da classe média? Um pai, por exemplo, pode tornar-se Espírito protetor de seu filho?

– Pode, mas a proteção supõe um certo grau de elevação, e um poder e uma virtude a mais, concedidos por Deus. O pai que protege o filho pode ser assistido por um Espírito mais elevado.

508. Os Espíritos que deixaram a Terra em boas condições podem sempre proteger os que amaram e lhe sobreviveram?

– Seu poder é mais ou menos restrito; a posição em que se encontram nem sempre lhes permite inteira liberdade de ação.

509. Os homens no estado selvagem ou de inferioridade moral têm igualmente seus Espíritos protetores, e nesse caso esses Espíritos são de uma ordem tão elevada como os dos homens adiantados?

– Cada homem tem um Espírito que vela por ele, mas as missões são relativas ao seu objeto. Não dareis a uma criança que aprende a ler um professor de Filosofia. O progresso do Espírito familiar segue o do Espírito protegido. Tendo um Espírito superior que vela por vós, podeis também vos tornar o protetor de um Espírito que vos seja inferior, e o progresso que o ajudardes a fazer contribuirá para o vosso adiantamento. Deus não pede ao Espírito mais do que aquilo que comporte a sua natureza e o grau a que tenha atingido.

510. Quando o pai que vela pelo filho se reencarna, continua ainda a velar por ele?

– Isso é mais difícil, mas ele pede, num momento de desprendimento, que um Espírito simpático o assista nessa missão. Aliás, os Espíritos só aceitam missões que podem cumprir até o fim, O Espírito encarnado, sobretudo nos mundos de existência material, está demasiado sujeito ao corpo para poder dedicar-se inteiramente a outro, ou seja, assisti-lo pessoalmente. Eis porque os não suficientemente elevados estão sob a assistência de Espíritos que lhes são superiores, de tal maneira que, se um faltar, por um motivo qualquer, será substituído por outro.

511. Além do Espírito protetor, um mau Espírito é ligado a cada indivíduo, com o fim de impulsioná-la ao mal e de lhe propiciar uma ocasião de lutar entre o bem e o mal?

- Ligado, não é bem o termo. É bem verdade que os maus Espíritos procuram desviar o homem do bom caminho, quando encontram ocasião, mas quando um deles se liga a um indivíduo o faz por si mesmo, porque espera ser escutado; então, haverá luta entre o bom e o mau e vencerá aquele a cujo domínio o homem se entregar.

512. Podemos ter muitos Espíritos protetores?

- Cada homem tem sempre Espíritos simpáticos, mais ou menos elevados, que lhe dedicam afeição e se interessam por ele, como há também os que o assistem no mal.

513. Agem os Espíritos simpáticos em virtude de uma missão?

- Às vezes podem ter uma missão temporária, mas em geral são apenas solicitados pela similitude de pensamentos e de sentimentos, no bem como no mal.

513-a. Parece resultar daí que os Espíritos simpáticos podem ser bons ou maus?

- Sim, o homem encontra sempre Espíritos que simpatizam com ele, qualquer que seja o seu caráter.

514. Os Espíritos familiares são a mesma coisa que os Espíritos simpáticos ou os Espíritos protetores?

- Há muitas gradações na proteção e na simpatia. Dai-lhes os nomes que quiserdes. O Espírito familiar é antes de tudo o amigo da casa.

Das explicações acima e das observações feitas sobre a natureza dos Espíritos que se ligam ao homem, pode deduzir-se o seguinte:

O Espírito protetor, anjo da guarda ou bom gênio é aquele que tem por missão seguir o homem na vida e o ajudar a progredir. É sempre de uma natureza superior à do protegido.

Os Espíritos familiares se ligam a certas pessoas por meio de laços mais ou menos duráveis, com o fim de ajudá-las na medida do seu poder, freqüentemente bastante limitado. São bons, mas às vezes pouco adiantados e mesmo levianos; ocupam-se voluntariamente de pormenores da vida íntima e só agem por ordem ou com a permissão dos Espíritos protetores.

Os Espíritos simpáticos são os que atraímos a nós por afeições particulares e uma certa semelhança de gostos e de sentimentos, tanto no bem como no mal. A duração de suas relações é quase sempre subordinada às circunstâncias. O mau gênio é um Espírito imperfeito ou perverso que se liga ao homem com o fim de o desviar do bem, mas age pelo seu próprio impulso e não em virtude de uma missão. Sua tenacidade está na razão do acesso mais fácil ou mais difícil que encontre. O homem é sempre livre de ouvir a sua voz ou de a repelir.

515. Que se deve pensar dessas pessoas que parecem ligar-se a certos indivíduos para levá-los fatalmente à perdição ou para guiá-los no bom caminho?

– Algumas pessoas exercem um efeito sobre outras, uma espécie de fascinação que parece irresistível. Quando isso acontece para o mal, são maus Espíritos, de que se servem outros maus Espíritos para melhor subjugarem as suas vítimas. Deus pode permiti-lo para vos experimentar.

516. Nosso bom e nosso mau gênio poderiam encarnar-se, para nos acompanharem na vida de maneira mais direta?

– Isso acontece algumas vezes, mas freqüentemente, também, eles encarregam dessa missão outros Espíritos encarnados, que lhes são simpáticos.

517. Há Espíritos que se ligam a toda uma família para protegê-la?

– Alguns Espíritos se ligam aos membros de uma mesma família, que vivem juntos e são unidos por afeição, mas não acrediteis em espíritos protetores do orgulho das raças.

518. Sendo os Espíritos atraídos aos indivíduos por simpatia, serão igualmente à reuniões de indivíduos, por motivos particulares?

– Os Espíritos vão de preferência aonde estão os seus semelhantes, pois nesses lugares podem estar à vontade e mais seguros de ser ouvidos. O homem atrai os Espíritos em razão de suas tendências, quer esteja só ou constitua um todo coletivo, como uma sociedade, uma cidade ou um povo. Há, pois, sociedades, cidades e povos que são assistidos por Espíritos mais ou menos elevados, segundo o seu caráter e as paixões que os dominam. Os Espíritos imperfeitos se afastam dos que os repelem, e disso resulta que o aperfeiçoamento moral de um **todo coletivo**, como o dos indivíduos, tende a afastar os maus Espíritos e a atrair os bons, que despertam e mantêm o sentimento do bem nas massas, da mesma maneira por que outros podem insuflar-lhes as más paixões.

519. As aglomerações de indivíduos, como as sociedades, as cidades, as nações, têm os seus Espíritos protetores especiais?

– Sim, porque essas reuniões são de individualidades coletivas que marcham para um objetivo comum e têm necessidade de uma direção superior.

520. Os Espíritos protetores das massas são de natureza mais elevada que a dos que se ligam aos indivíduos?

– Tudo é relativo ao grau de adiantamento, das massas como dos indivíduos.

521. Alguns Espíritos podem ajudar o progresso das artes, protegendo os que delas se ocupam?

– Há Espíritos protetores especiais e que assistem aos que os invocam, quando os julgam dignos; mas que quereis que eles façam com os que crêem ser o que não são? Eles não podem fazer os cegos verem nem os surdos ouvirem.

Os antigos haviam feito desses Espíritos divindades especiais. As Musas eram personificação alegórica dos Espíritos protetores das ciências e das artes, como designavam pelos nomes de lares e penates os Espíritos proteto-

res da família. Entre os modernos, as artes, as diferentes indústrias, as cidades, os países têm também seus patronos ou protetores, que são os Espíritos superiores, mas sob outros nomes.

Cada homem tendo os seus Espíritos simpáticos, disso resulta que em todas as coletividades a generalidade dos Espíritos simpáticos está em relação com a generalidade dos indivíduos; que os Espíritos estranhos são para elas atraídos pela identidade de gostos e de pensamentos; em uma palavra, que essas aglomerações, tão bem como os indivíduos, são mais ou menos bem envolvidas, assistidas e influenciadas, segundo a natureza dos pensamentos da multidão.

Entre os povos, as causas de atração dos Espíritos são os costumes, os hábitos, o caráter dominante, as leis, sobretudo, porque o caráter da nação se reflete nas suas leis. Os homens que fazem reinar a justiça entre eles combatem a influência dos maus Espíritos. Por toda parte onde a lei consagra medidas injustas, contrárias à humanidade, os bons Espíritos estão em minoria e a massa dos maus, que para ali afluem, entretêm a nação nas suas idéias e paralisam as boas influências parciais, que ficam perdidas na multidão, como espigas isoladas em meio de espinhadeiros. Estudando-se os costumes dos povos, ou de qualquer reunião de homens, é fácil, portanto, fazer idéia da população oculta que se imiscui nos seus pensamentos e nas suas ações

(Neste comentário às respostas dos Espíritos, Kardec nos oferece duas indicações importantes: a primeira, referente à interpretação espírita da Mitologia, que modifica tudo quanto os estudos puramente humanos do assunto firmaram a respeito até hoje, pois mostra que os deuses mitológicos realmente existiam, como Espíritos; a segunda, referente à Sociologia, que à luz do Espiritismo reveste-se também de novo aspecto, exigindo o estudo da interação das coletividades espirituais e humanas, para a boa compreensão dos processos sociais. – (N. do T.)

VII – PRESENTIMENTOS

522. O pressentimento é sempre uma advertência do Espírito protetor?

– O pressentimento é o conselho íntimo e oculto de um Espírito que vos deseja o bem. É também a intuição da escolha anterior: é a voz do instinto. O Espírito, antes de se encarnar, tem conhecimento das fases principais da sua existência, ou seja, do gênero de provas a que irá ligar-se. Quando estas têm um caráter marcante, ele conserva uma espécie de impressão em seu foro íntimo, e essa impressão, que é a voz do instinto, desperta quando chega o momento, tornando-se pressentimento.

523. Os pressentimentos e a voz do instinto têm sempre qualquer coisa de vago; na incerteza, o que devemos fazer?

– Quando estás em dúvida, invoca o teu bom Espírito, ou ora a Deus, nosso soberano Senhor, para que te envie um de seus mensageiros, um de nós.

524. As advertências de nossos Espíritos protetores têm por único objeto a conduta moral, ou também a conduta que devemos ter em relação às coisas da vida privada?

– Tudo; eles procuram fazer-vos viver da melhor maneira possível; mas freqüentemente fechais os ouvidos às boas advertências e vos tornais infelizes por vossa culpa.

Os Espíritos protetores nos ajudam com os seus conselhos, através da voz da consciência, que fazem falar em nosso íntimo; mas como nem sempre lhes damos a necessária importância, oferecem-nos outros mais diretos, servindo-se das pessoas que nos cercam. Que cada um examine as diversas circunstâncias, felizes ou infelizes, de sua vida, e verá que em muitas ocasiões recebeu conselhos que nem sempre aproveitou, e que lhe teriam poupado muitos dissabores se os houvesse escutado.

VIII – INFLUENCIA DOS ESPÍRITOS SOBRE OS ACONTECIMENTOS DA VIDA

525. Os Espíritos exercem influência sobre os acontecimentos da vida?

– Seguramente, pois que te aconselham.

525-a. Exercem essa influência de outra maneira, além dos pensamentos que sugerem, ou seja, têm uma ação direta sobre a realização das coisas?

– Sim, mas não agem nunca fora das leis naturais.

Pensamos erradamente que a ação dos Espíritos só deve manifestar-se por fenômenos extraordinários; desejaríamos que viessem em auxílio através de milagres e sempre os representamos armados na varinha mágica. Mas assim não é, e eis porque a sua intervenção nos parece oculta, e o que se faz pelo seu concurso nos parece inteiramente natural. Assim, por exemplo, eles provocarão o encontro de duas pessoas, o que parece dar-se por acaso; inspirarão a alguém o pensamento de passar por tal lugar; chamarão sua atenção determinado ponto, se isso pode conduzir ao resultado que desejam; de tal maneira que o homem, não julgando seguir senão os seus próprios impulsos, conserva sempre o seu livre arbítrio.

526. Tendo os Espíritos ação sobre a matéria, podem provocar certos efeitos com o fim de produzir um acontecimento? Por exemplo, um homem deve perecer: sobe então a uma escada, esta se quebra e ele morre. Foram os Espíritos que fizeram quebrar a escada, para que se cumpra o destino desse homem?

– É bem verdade que os Espíritos têm influência sobre a matéria, mas para o cumprimento das leis da Natureza e não para as derrogar, fazendo surgir em determinado ponto um acontecimento inesperado e contrário a essas leis. No exemplo que citas, a escada se quebra porque está carunchada ou não era bastante forte para suportar o peso do homem; se estivesse no destino desse homem morrer dessa maneira, eles lhe inspirariam o pensamento de subir na escada que deveria quebrar-se com o seu peso, e sua morte se daria por um motivo natural, sem necessidade de um milagre para isso.

527. Tomemos outro exemplo, no qual não intervenha o estado natural da matéria. Um homem deve morrer de raio: esconde-se embaixo de uma árvore, o raio estala e ele morre. Os Espíritos poderiam ter provocado o raio, dirigindo-o sobre ele?

- É ainda a mesma coisa. O raio explodiu sobre aquela árvore e naquele momento, porque o fato estava nas leis da Natureza. Não foi dirigido para a árvore porque o homem lá se encontrava, mas ao homem foi dada a inspiração de se refugiar numa árvore, sobre a qual ele deveria explodir. A árvore não seria menos atingida, se o homem estivesse ou não sob ela.

528. Um homem mal intencionado dispara um tiro contra outro, mas o projétil passa apenas de raspão, sem o atingir. Um Espírito benfazejo pode ter desviado o tiro?

- Se o indivíduo não deve ser atingido, o Espírito benfazejo lhe inspirará o pensamento de se desviar, ou ainda poderá ofuscar o seu inimigo, de maneira a lhe perturbar a pontaria; porque o projétil, uma vez lançado, segue a linha de sua trajetória.

529. Que se deve pensar das balas encantadas, a que se referem algumas lendas e que atingem fatalmente o alvo?

- Pura imaginação: o homem gosta do maravilhoso e não se contenta com as maravilhas da Natureza.

529-a. Os Espíritos que dirigem os acontecimentos da vida podem ser contrariados por Espíritos que tenham desejos em contrário?

- O que Deus quer deve acontecer; se há retardamento ou empecilho, é por sua vontade.

530. Os Espíritos levianos e brincalhões não podem provocar esses pequenos embaraços que se antepõem aos nossos projetos e transtornar as nossas previsões; em uma palavra, são eles os autores do que vulgarmente chamamos os pequenos transtornos da vida?

- Eles se comprazem nessas traquinices, que são provas para vós, destinadas a exercitar a vossa paciência; mas se cansam, quando vêem que nada conseguem. Entretanto, não seria justo nem exato responsabilizá-los por todas as vossas frustrações, das quais vós sois os principais autores, pelo vosso estouvamento. Convence-te, pois, de que se a tua baixela se quebra, é antes em virtude do teu descuido do que por culpa dos Espíritos.

530-a. Os Espíritos que provocam discórdias agem em conseqüência de animosidades pessoais, ou atacam ao primeiro que encontram, sem motivo determinado, por simples malícia?

- Por uma e outra coisa; às vezes trata-se de inimigos que fizestes nesta vida ou em existência anterior, e que vos perseguem; de outras vezes, não há nenhum motivo.

531. O rancor dos seres que nos fizeram mal na Terra extingue-se com a sua vida corpórea?

- Muitas vezes reconhecem sua injustiça e o mal que fizeram, mas muitas vezes também vos perseguem com o seu ódio, se Deus o permite, para continuar a vos experimentar.

531-a. Pode-se pôr termo a isso, e por que meio?

– Sim, pode-se orar por eles, e ao se lhes retribuir o mal com o bem acabarão por compreender os seus erros. De resto, se souberdes colocar-vos acima de suas maquinações, cessarão de fazê-las ao verem que nada lucram.

A experiência prova que certos Espíritos prosseguem na sua vingança de uma existência a outra, e que assim expiaremos, cedo ou tarde, os males que pudermos ter acarretado a alguém.

532. Os Espíritos têm o poder de desviar os males de certas pessoas, atraindo para elas a prosperidade?

– Não o podem fazer inteiramente, porque há males que pertencem aos desígnios da Providência; mas minoram as vossas dores, dando-vos paciência e resignação.

– Sabei, também, que depende freqüentemente de vós desviar esses males ou pelo menos atenuá-los. Deus vos deu a inteligência para a usardes, e é sobretudo por meio dela que os Espíritos vos socorrem, sugerindo-vos pensamentos favoráveis. Mas eles não assistem senão aos que sabem assistir-se a si mesmos. É esse o significado das palavras: “Buscai e achareis, batei e abrir-se-vos-á”.

– Sabei ainda que aquilo que vos parece um mal, nem sempre o é. Freqüentemente um bem deve resultar dele, que será maior que o mal, e é isso o que não compreendeis, porque não pensais senão no momento presente ou na vossa pessoa.

533. Podem os Espíritos fazer que se obtenham os dons da fortuna, desde que solicitados nesse sentido?

– Às vezes, como prova, mas freqüentemente se recusam, como se recusa a uma criança um pedido inconsiderado.

533-a. São os bons ou os maus Espíritos que concedem esses favores?

– Uns e outros. Isso depende da intenção. Mas, em geral, são os Espíritos que querem arrastar-vos ao mal e que encontram um meio fácil de o fazer, nos prazeres que a fortuna proporciona.

534. Quando os obstáculos parecem vir fatalmente contra aos nossos projetos, seria por isso influência de algum Espírito?

– Algumas vezes são os Espíritos: outras vezes, e o mais freqüentemente, é que vos colocaste mal. A posição e o caráter influem muito. Se vos obstinais numa senda que não é a vossa, os Espíritos nada têm com isso; sois vós mesmos que vos tornais o vosso mau gênio.

535. Quando nos acontece alguma coisa feliz, é ao nosso Espírito protetor que a devemos agradecer?

– Agradecei sobretudo a Deus, sem cuja permissão nada se faz, e depois aos bons Espíritos, que foram os seus agentes.

535-a. Que aconteceria se esquecêssemos de agradecer?

– O que acontece aos ingratos.

535-b. Há entretanto muita gente que não ora nem agradece, e para quem tudo sai bem.

– Sim, mas é necessário ver o fim; pagarão bem caro essa felicidade passageira que não merecem, porque, quanto mais tenham recebido, mais terão de restituir.

IX – AÇÃO DOS ESPÍRITOS SOBRE OS FENÔMENOS DA NATUREZA

536. Os grandes fenômenos da Natureza, esses que se consideram como perturbações dos elementos, são devidos a causas fortuitas ou têm, pelo contrário, um fim providencial?

– Tudo tem uma razão de ser e nada acontece sem a permissão de Deus.

536-a. Esses fenômenos sempre visam ao homem?

– Algumas vezes têm uma razão de ser diretamente relacionado ao homem, mas freqüentemente não têm outro objetivo que o restabelecimento do equilíbrio e da harmonia das forças físicas da Natureza.

536-b. Concebemos perfeitamente que a vontade de Deus seja a causa primária, nisso como em todas as coisas; mas como sabemos que os Espíritos podem agir sobre a matéria e que eles são os agentes da vontade de Deus, perguntamos se alguns dentre eles não exerceriam uma influência sobre os elementos para os agitar, acalmar ou dirigir.

– Mas é evidente; isso não pode ser de outra maneira. Deus não se entrega a uma ação direta sobre a Natureza, mas tem os seus agentes dedicados, em todos os graus da escala dos mundos.

537. A Mitologia dos antigos é inteiramente fundada sobre as idéias espíritas, com a diferença de que consideravam os Espíritos como divindades. Ora, eles nos representam esses deuses ou esses Espíritos com atribuições especiais. Assim, uns eram encarregados dos ventos, outros do raio, outros de presidir à vegetação, etc. Essa crença é destituída de fundamento?

– Tão pouco destituída de fundamento, que está ainda muito aquém da verdade.

537-a. Pela mesma razão, poderia, então haver Espíritos habitando o interior da Terra e presidindo aos fenômenos geológicos?

– Esses Espíritos não habitam precisamente a Terra, mas presidem e dirigem os fenômenos, segundo as suas atribuições. Um dia tereis a explicação de todos esses fenômenos e os compreenderéis melhor.

538. Os Espíritos que presidem aos fenômenos da Natureza formam uma categoria especial no mundo espírita, são seres à parte ou Espíritos que foram encarnados, como nós?

– Que o serão, ou que o foram.

538-a. Esses Espíritos pertencem às ordens superiores ou inferiores da hierarquia espírita?

– Segundo o seu papel mais ou menos material ou inteligente: uns mandam, outros executam; os que executam as ações materiais são sempre de uma ordem inferior, entre os Espíritos como entre os homens.

539. Na produção de certos fenômenos, das tempestades, por exemplo, é somente um Espírito que age ou se reúnem em massa?

– Em massas inumeráveis.

540. Os Espíritos que agem sobre os fenômenos da Natureza agem com conhecimento de causa, em virtude de seu livre arbítrio, ou por um impulso instintivo e irrefletido?

– Uns, sim; outros, não. Faço uma comparação: figurai essas miríades de animais que pouco a pouco fazem surgir do mar as ilhas e os arquipélagos; acreditais que não há nisso um objetivo providencial, e que essa transformação da face do globo não seja necessária para a harmonia geral? São, entretanto, animais do último grau os que realizam essas coisas, enquanto vão provendo às suas necessidades e sem se perceberem que são instrumentos de Deus. Pois bem: da mesma maneira, os Espíritos mais atrasados são úteis ao conjunto; enquanto eles ensaiam para a vida, e antes de terem plena consciência de seus atos e de seu livre arbítrio, agem sobre certos fenômenos de que são agentes sem o saberem. Primeiro, executam; mais tarde, quando sua inteligência estiver mais desenvolvida, comandarão e dirigirão as coisas do mundo material; mais tarde ainda, poderão dirigir as coisas do mundo moral. É assim que tudo serve, tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, pois ele mesmo começou pelo átomo. Admirável lei de harmonia, de que o vosso Espírito limitado ainda não pode abranger o conjunto!

X – OS ESPÍRITOS DURANTE OS COMBATES

541. Numa batalha há Espíritos que a assistem e que amparam cada uma das forças em luta?

– Sim, e que estimulam a sua coragem.

Assim, os antigos nos representavam os deuses tomando partido por este ou aquele povo. Esses deuses nada mais eram que os Espíritos representados por figuras alegóricas.

542. Numa guerra, a justiça está sempre de um lado; como os Espíritos tomam partido a favor do errado?

– Sabeis perfeitamente que há Espíritos que só buscam a discórdia e a destruição. Para eles a guerra é a guerra: a justiça da causa pouco lhes importa.

543. Certos Espíritos podem influenciar o general na concepção dos seus planos de campanha?

– Sem nenhuma dúvida. Os Espíritos podem influenciá-la nesse sentido, como em todas as concepções.

544. Os maus Espíritos poderiam suscitar-lhe planos errados, com vistas à derrota?

– Sim, mas não tem ele o seu livre arbítrio? Se o seu raciocínio não lhe permite distinguir uma idéia certa de uma falsa, terá de sofrer as consequências e faria melhor em obedecer do que em comandar.

545. O general pode, algumas vezes, ser guiado por uma espécie de dupla vista, uma visão intuitiva que lhe mostre por antecipação o resultado dos seus planos?

– É freqüentemente o que acontece com o homem de gênio. É o que ele chama inspiração e lhe permite agir como uma espécie de certeza. Essa inspiração lhe vem dos Espíritos que o dirigem e se servem das faculdades de que ele é dotado.

546. No tumulto do combate; o que acontece aos espíritos dos que sucumbem? Ainda se interessam pela luta, após a morte?

– Alguns continuam a se interessar, outros se afastam.

Nos combates acontece o mesmo que se verifica em todos os casos de morte violenta: no primeiro momento, o Espírito fica surpreso e como aturdido, não acreditando que está morto; parece-lhe ainda tomar parte na ação. Não é senão pouco a pouco que compreende a realidade.

547. Os Espíritos que se combatiam quando vivos, após a morte se reconhecem como inimigos e continuam ainda excitados uns contra os outros?

– Nesses momentos, o Espírito jamais se mostra calmo. No primeiro instante ele ainda pode odiar ao seu inimigo, e mesmo o perseguir. Mas quando as idéias se lhe acalmarem, verá que a sua animosidade não tem razão de ser. Não obstante, poderá ainda conservar resquícios maiores ou menores, de acordo com o seu caráter.

547-a. Ouve ainda o fragor da batalha?

– Sim, perfeitamente.

548. O Espírito que assiste friamente a um combate, como espectador, testemunha a separação entre a alma e o corpo? E como esse fenômeno se apresenta a ele?

– Há poucas mortes instantâneas. Na maioria das vezes, o Espírito cujo corpo foi mortalmente ferido não tem consciência disso no mesmo instante. Quando começa a retomar consciência é que se pode distinguir o Espírito a mover-se ao lado do cadáver. Isso parece tão natural que a vista do corpo morto não produz nenhum efeito desagradável. Toda a vida tendo sido transportada para o Espírito, somente ele chama a atenção e é com ele que o espectador conversa ou a quem dá ordens.

XI – DOS PACTOS

549. Há alguma coisa de verdadeiro nos pactos com os maus Espíritos?

– Não, não há pactos, mas uma natureza má simpatiza com Espíritos maus. Por exemplo: queres atormentar o teu vizinho e não sabes como fazê-lo; chamas então os Espíritos inferiores que, como tu, só querem o mal, e para te ajudar querem que também os sirvas nos seus maus desígnios. Mas disto não se segue que o teu vizinho não possa se livrar deles, por uma conjuração contrária ou pela sua própria vontade. Aquele que deseja cometer uma ação má, pelo simples fato de o querer chama em seu auxílio os maus Espíritos, fi-

cando obrigado a servi-los como eles o auxiliam, pois eles também necessitam dele para o mal que desejam fazer. É somente nisso que consiste o pacto.

A dependência em que o homem se encontra, algumas vezes, dos Espíritos inferiores, provém da sua entrega aos maus pensamentos que eles lhe sugerem, e não de qualquer espécie de estipulações feitas entre eles. O pacto, no sentido comum atribuído a essa palavra, é uma alegoria que figura uma natureza má simpatizando com Espíritos malfazejos.

550. Qual o sentido das lendas fantásticas, segundo as quais certos indivíduos teriam vendido sua alma a Satanás em troca de favores?

– Todas as fábulas encerram um ensinamento e um sentido moral, e o vosso erro é tomá-las ao pé da letra. Essa é uma alegoria que se pode explicar assim: aquele que chama em seu auxílio os Espíritos para deles obter os dons da fortuna ou qualquer outro favor, rebela-se contra a Providência, renuncia à missão que recebeu e às provas que deve sofrer neste mundo e sofrerá as conseqüências disso na vida futura. Isso não quer dizer que sua alma esteja para sempre condenada ao sofrimento. Mas, porque em vez de se desligar da matéria ele se afunda cada vez mais, o gozo que preferiu na Terra não o terá no mundo dos Espíritos, até que resgate a sua falta através de novas provas, talvez maiores e mais penosas. Por seu amor aos gozos materiais coloca-se na dependência dos Espíritos impuros: estabelece-se entre eles um pacto tácito, que o conduz à perdição, mas que sempre lhe será fácil romper com a assistência dos bons Espíritos, desde que o queira com firmeza.

XII – PODER OCULTO, TALISMÃS, FEITICEIROS

551. Um homem mau, com o auxílio de um mau Espírito que lhe for devotado, pode fazer o mal ao seu próximo?

– Não, Deus não o permitiria.

552. Que pensar da crença do poder de enfeitiçar, que certas pessoas teriam?

– Algumas pessoas têm um poder magnético muito grande, do qual podem fazer mau uso, se o seu próprio Espírito for mau. Nesse caso poderão ser secundadas por maus Espíritos. Mas não acrediteis nesse pretensão poder mágico que só existe na imaginação das pessoas supersticiosas, ignorantes das verdadeiras leis da Natureza. Os fatos que citam são fatos naturais mal observados e sobretudo mal compreendidos.

553. Qual pode ser o efeito de fórmulas e práticas com as quais certas pessoas pretendem dispor da vontade dos Espíritos?

– O de as tornar ridículas, se são de boa-fé; no caso contrário, são trântantes que merecem castigo. Todas as fórmulas são charlatanice; não há nenhuma palavra sacramental, nenhum signo cabalístico, nenhum talismã que tenha qualquer ação sobre os Espíritos, porque eles são atraídos pelo pensamento e não pelas coisas materiais.

553-a. Certos Espíritos não ditaram, algumas vezes, fórmulas cabalísticas?

– Sim, tendes Espíritos que vos indicam signos, palavras bizarras, ou que vos prescrevem certos atos, com a ajuda dos quais fazeis aquilo que chamais conjuração. Mas ficai bem seguros de que são Espíritos que zombam de vós e abusam de vossa credulidade.

554. Aquele que, com ou sem razão, confia naquilo a que chama virtude de um talismã, não pode, por esse mesma confiança, atrair um Espírito? Porque então é o pensamento que age; o talismã é um signo que ajuda a dirigir o pensamento.

– Isso é verdade; mas a natureza do Espírito atraído depende da pureza da intenção e da elevação dos sentimentos. Ora, é difícil que aquele que é tão simplório para crer na virtude de um talismã não tenha um objetivo mais material do que moral. Qualquer que seja o caso, isso indica estreiteza e fraqueza de idéias, que dão azo aos Espíritos imperfeitos e zombadores.

555. Que sentido se deve dar ao qualificativo de feiticeiro?

– Esses a que chamais feiticeiros são pessoas, quando de boa-fé, que possuem certas faculdades como o poder magnético ou a dupla vista. Como fazem coisas que não compreendeis, as julgais dotadas de poder sobrenatural. Vossos sábios não passaram muitas vezes por feiticeiros aos olhos de ignorantes?

O Espiritismo e o magnetismo nos dão a chave de uma infinidade de fenômenos sobre os quais a ignorância teceu muitas fábulas, em que os fatos são exagerados pela imaginação. O conhecimento esclarecido dessas duas ciências, que se resumem numa só, mostrando a realidade das coisas e sua verdadeira causa, é o melhor preservativo contra as idéias supersticiosas, porque revela o que é impossível, o que está nas leis da Natureza e o que não passa de crença ridícula.

556. Certas pessoas têm realmente o dom de curar por simples contato?

– O poder magnético pode chegar até isso, quando é secundado pela pureza de sentimentos e um ardente desejo de fazer o bem, porque então os bons Espíritos auxiliam. Mas é necessário desconfiar da maneira por que as coisas são contadas, por pessoas muito crédulas ou muito entusiastas, sempre dispostas a ver o maravilhoso nas coisas mais simples e mais naturais. É necessário também desconfiar dos relatos interesseiros, por parte de pessoas que exploram a credulidade em proveito próprio.

XIII – BÊNÇÃO E MALDIÇÃO

557. A bênção e a maldição podem atrair o bem e o mal para aqueles a que são lançadas?

– Deus não ouve uma maldição injusta e aquele que a pronuncia é culpável aos seus olhos. Como temos as tendências opostas do bem e do mal, pode nesses casos haver uma influência momentânea, mesmo sobre a matéria; mas essa influência nunca se verifica sem a permissão de Deus, como acréscimo de prova para aquele que a sofre. De resto, mais freqüentemente se maldizem os maus e bendizem os bons. A bênção e a maldição não podem jamais

desviar a Providência da senda da justiça: esta não fere o amaldiçoado se ele não for mau, e sua proteção não cobre aquele que não a mereça.

(Este problema de bênção e maldição, como o do maravilhoso, constante dos itens 528 e 529, exemplifica de maneira positiva a natureza racional do Espiritismo, geralmente acusado de supersticioso pelos que ignoram a Doutrina. Mas um dos pontos mais importantes deste capítulo é o referente a instinto, no item 522. Vemos ali que o conceito espírita de instinto se refere à lembrança inconsciente das provas que escolhemos antes de encarnar. Assim, a voz do instinto é o pressentimento dos acontecimentos marcantes da atual existência. O Espírito encarnado recebe o aviso interior, mas pode atendê-lo ou não, segundo o seu livre-arbítrio. – Não confundir esse conceito espírita de instinto com o conceito psicobiológico de instinto como necessidade orgânica. Sobre este, ver os itens 589 e 590. (N do T.)

*

BIBLIOGRAFIA

FIM DO TERCEIRO ANO